

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPHR

TESE

MONTAGENS DE SI
RELAÇÕES DE AMIZADE E EXPERIÊNCIAS TRANS EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES, 1990-2017.

RAFAEL FRANÇA GONÇALVES DOS SANTOS

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPHR**

MONTAGENS DE SI

RELAÇÕES DE AMIZADE E EXPERIÊNCIAS TRANS EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES, 1990-2017.

RAFAEL FRANÇA GONÇALVES DOS SANTOS

Sob a orientação do Professor Doutor

Fábio Henrique Lopes

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História, no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Área de Concentração: Relações de Poder e Cultura, Linha de pesquisa: Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual.

Rio de Janeiro, RJ

Junho de 2018.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F814m França Gonçalves dos Santos, Rafael, 1986-
Montagens de si: relações de amizade e experiências
trans em Campos dos Goytacazes, 1990-2017. / Rafael
França Gonçalves dos Santos. - 2018.
341 f.: il.

Orientador: Fábio Henrique Lopes.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

1. Relações de amizade. 2. Experiências trans. 3.
Campos dos Goytacazes. 4. Subjetividades. 5. História.
I. Henrique Lopes, Fábio, 1971-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em História III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO**

RAFAEL FRANÇA GONÇALVES DOS SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de DOUTOR EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de DOUTORADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

TESE APROVADA EM 26/06/2018

Banca Examinadora:



Professor Doutor FÁBIO HENRIQUE LOPES
Orientador e Presidente da Banca - UFRRJ



Professora Doutora REBECA GONTIJO TEIXEIRA - UFRRJ



Professora Doutora MARIANA VIEIRA DE CARVALHO - UERJ



Professora Doutora MARILÉA DE ALMEIDA – SME - SP



Professora Doutora JAQUELINE GOMES DE JESUS – IFRJ

RECONHECIMENTOS

Agradecer é uma forma de reconhecer, portanto, registro aqui minha gratidão com todas aquelas que participaram dessa pesquisa, interlocutoras gentis, colaboradoras generosas, todas as travestis, transexuais, mulheres trans, mulheres, transgêneros, pessoas que compartilharam comigo e agora com leitores e leitoras, suas vidas, expectativas e afetos;

Agradeço aos amigos e amigas, de uma vida inteira, ou de meses contados, foram sim um tecido afetivo potente e poderoso, provocaram-me, incentivaram-me e acolheram as angústias, indecisões e medos que acompanham nessa trajetória; em especial àquela que, de mestra à amiga, me desafiou com ternura e confiança, e jamais recuou;

Sou grato à família que me deu apoio, que me criou, produziu em mim a vontade de seguir, e a coragem para persistir; ao pai que falava firme para demonstrar carinho, à mãe doce que afagava com o olhar e aos irmãos preciosos que encantam por existir;

Agraciado fui também por contar com a presença desse companheiro que compartilhou afetos de carinho e cumplicidade, que caminhou junto e aceitou os desafios de partilhar e construir em parceria;

Reconheço o privilégio de ter cursado esse doutorado em uma universidade pública, de ter realizado o Estágio de Doutorado Sanduíche em Coimbra/Portugal com o auxílio da bolsa CAPES, e de contar com a participação de professoras/es pesquisadoras/es atenciosas/os e gentis, além da orientação generosa e amiga desse trabalho final. Agradeço, ainda, àquele que na secretaria do PPHR resolveu com precisão, celeridade e atenção todas as burocracias cotidianas, fazendo desse percurso na Pós-Graduação uma tarefa menos complicada.

Por fim, reconheço que o trabalho acadêmico é apenas uma parte da árdua e importante tarefa de se fazer presente no mundo e lutar por equidade, por isso agradeço às parceiras e parceiros militantes (acadêmicos ou não), cis e trans, próximos ou distantes, que estão sempre presentes e não deixam nossa luta enfraquecer.

RESUMO

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. **Montagens de si**: relações de amizade e experiências trans em Campos dos Goytacazes, 1990-2017. 2018. 341 p Tese de Doutorado. (Doutorado em História, Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual). Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

Com essa tese apresento, problematizo e interrogo históricos modos de produção das subjetividades trans na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, entre os anos de 1990 e 2017. Compreendo que as experiências formam os sujeitos e as subjetividades, por isso destaco os históricos mecanismos, estratégias e possibilidades de autodeterminação e autodefinição, as maneiras como os sujeitos nomeiam-se e atribuem sentido ao vivido, agenciando históricas noções, como as de travesti, transexual, transgênero, trans e mulher. Focalizo experiências trans produzidas na interface com as históricas formações das feminilidades. Verticalizo a análise sobre as estratégias, negociações e reificações que conformam tais experiências, sublinhando os modos de tencionar o “cistema” heteronormativo. As narrativas transgêneras permitiram vislumbrar como modos de vida foram forjados, como foram produzidas linhas de fuga e mecanismos de resistência ao poder cisnormativo. Dialogando e sendo inspirado pela literatura sobre as relações de amizade, busquei privilegiar uma abordagem que colocasse em relevo essas relações nas experiências trans. As tramas da amizade são entendidas como tecido afetivo, mas igualmente como relações de disputas e conflitos. Nessas relações, apareceram importantes componentes que materializam as experiências trans e permitem, incitam e viabilizam históricas formas de criação de si. Logo, montagem de si é expressão e sentido atribuído pelo universo trans, usada para se referir ao processo de autodeterminação e autoexpressão, às intervenções corporais, à prática de usar e “assumir” roupas e acessórios considerados femininos, mas também, e principalmente, aponta para a possibilidade de mapeamento, investigação e historicização das formas como os sujeitos são produzidos, como o corpo, as relações de amizade e com a família são constituídas a partir de determinadas condições de possibilidades.

Palavras-chave: subjetividades; experiências trans; relações de amizade; Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. **Self-Mounting**: friendship relations and trans experiences in Campos dos Goytacazes, 1990-2017. 2018. 341 p Tese de Doutorado. (Doutorado em História, Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual). Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

With this thesis I present, problematize and interrogate historical modes of production of trans subjectivities in the city of Campos dos Goytacazes / RJ, between the years of 1990 and 2017. I understand that the experiences form subjects and subjectivities, so I highlight the historical mechanisms, strategies and possibilities of self-determination and self-definition, the ways in which the subjects name themselves and give meaning to the lived, mobilizing historical notions, such as transvestite, transsexual, transgender, trans and woman. I focus on trans experiences produced in the interface with the historical formations of femininities. Verticalize the analysis on the strategies, negotiations and reifications that conform these experiences, underlining the ways of *tensioning* the heteronormative system. The transgender narratives allowed us to glimpse how ways of life were forged, how escape routes were produced, as well as mechanisms of resistance to cisheteronormative power. Dialoging and being inspired by the literature on friendship relations, I sought to favor an approach that emphasized these relationships in trans experiences. The webs of friendship are understood as an affective tissue, but equally as relations of disputes and conflicts. In these relationships, important components have appeared that materialize the trans experiences and allow, incite and make viable historical forms of self-creation. Therefore, self-assembling is an expression and meaning attributed by the trans universe, used to refer to the process of self-determination and self-expression, to bodily interventions, to the practice of using and "assuming" clothing and accessories considered feminine, and mainly, points to the possibility of mapping, research and historicize the ways in which the subjects are produced, such as the body, and the relations of friendship and with the family are constituted from certain conditions of possibilities.

Keywords: subjectivities; trans experiences; friendship relations; Campos dos Goytacazes.

No voy a vivir en el mundo heterosexual; no voy a vivir en el mundo gay; simplemente estoy viviendo en mi propio mundo con Julia y mis amistades.

(Sylvia Rivera, "S.T.A.R." *Street Transvestite Action Revolutionaries*, p. 112)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bispo de Campos divulga nota condenando fórum de debate	58
Figura 2: São Sebastião entre a cruz e o arco-íris	60
Figura 3: Revolta gay	64
Figura 4: Renata Melila e Chana Carla (à esquerda); e Fátima Castro e Chana Carla (à direita).....	73
Figura 5: Campos deu 1º lugar à União da Esperança	75
Figura 6: Paulette, Jolivete, Jorginho e Caio. Carnaval de 1992. (partindo da esquerda)	76
Figura 7: Paulette com as amigas na Batalha de Confetes, 1984.	77
Figura 8: Eles enriqueceram o Carnaval	80
Figura 9: Paulette no Carnaval de 1980.	81
Figura 10: Jolyvete, “Apoiose de uma Boneca”, pendura as chuteiras.	83
Figura 11: Os “travestis” foram os maiores destaques da União da Esperança.	85
Figura 12: Residência assaltada por dois “travestis”	86
Figura 13: “Travestis afirmam que roubaram para desfilar em Escola de Samba.	87
Figura 14: Joaquim no Concurso Miss Gay Campos - Associação dos Viajantes do Estado do Rio de Janeiro (AVERJ) – 1975.	89
Figura 15: Joaquim como campeã do Concurso Miss Gay Campos - Associação dos Viajantes do Estado do Rio de Janeiro (AVERJ) – 1975.	90
Figura 16: Rogéria no palco do Concurso Miss Gay Campos, 1975.	92
Figura 17: As participantes no palco para a premiação. Concurso Miss Gay Campos, 1975 - AVERJ.....	92
Figura 18: Representação do mapa da região central de Campos dos Goytacazes	102
Figura 19: Música para animar a multidão.....	109
Figura 20: Grito da Diversidade pretende reunir 35 mil pessoas em Farol de São Tomé	111
Figura 21: Fórum de Debate: Aids e homossexualismo em questão.	125
Figura 22: Fórum reúne a comunidade gay no Município.	126
Figura 23: Escândalo dos gays.	127
Figura 24: Encontro Gay choca o Centro da cidade.....	128
Figura 25: O II Fórum dos Sexualmente Discriminados.....	132
Figura 26: Costureiro Markito morre de ‘câncer-gay’ em Nova York.	133
Figura 27: Travestis terão carteira para trabalho.....	142

Figura 28: Miss Gay 2007 de Campos será no dia 11.....	144
Figura 29: Violência contra gays aumenta.....	150
Figura 30: Silicone líquido ameaça travestis.....	203
Figura 31: Travesti denuncia agressão de seguranças em boate de Campos, RJ.....	228
Figura 32: Comentário de Laura Assis sobre a agressão sofrida por Yasmin Fazolly.....	230
Figura 33: Publicação de Erickah Gomez sobre a agressão contra Yasmin Fazolly.	231

SUMÁRIO

Introdução	11
“Viado não tem amigo!” Fabiana e novos afetos.....	11
Nomear é (im) preciso.....	18
Divisões, questões e problemas de pesquisa.....	21
Apresentação – Trânsitos e trilhas: fazer pesquisa com, sobre e além.....	27
1ª Parte - As múltiplas-cidades	51
Capítulo 1 - Muitas cidades em uma cidade: miradas sobre a Planície.....	52
O gosto da experiência, ou, sobre como são forjadas as subjetividades trans	65
Nas ruas, nos jornais, no carnaval.....	74
“Camburão da Aids”: afetos e outros cuidados com a saúde	93
Capítulo 2 - Paradas e outros movimentos	100
Movimento LGBT e os limites da representação	101
Lutar sem escrotizar: histórias sobre a Parada LGBT	107
Capítulo 3 - Algumas histórias e outras subjetividades	122
Histórias não contadas, ou por que esquecer o passado?	123
“Travestis terão carteira para trabalho”.....	141
2ª Parte- Entre amigas e amigos: a invenção de modos de vida	153
Capítulo 4 - Trilhas sem rumo: a amizade na história e por uma história (aberta) da amizade	154
Amizades no tempo, ou no tempo dos amigos.....	155
Outras amizades e diferentes abordagens.....	161
“Amizade que tem sequelas”: afetos e outras marcas nos sentidos da amizade contemporânea.....	163
Capítulo 5 - Trans (formar) o corpo, criar-se a si mesma, inventar uma existência: só com amigas ..	183
Fazer o corpo e fazer-se no corpo	183
Técnicas e tecnologias: silicone, corpo, feminilidades.....	191
Silicone industrial: uma aplicação de risco	200
Capítulo 6 - Hierarquia de afetos nos repertórios da amizade: amigas, colegas e conhecidas	210
Amizades trans	210
Escalas de proximidade ou, quem é amiga de verdade?.....	215
Bafão, beleza e bofes: conflitos, disputas e o fim das amizades.....	240
3ª Parte- (Re) Pensar a família nas experiências trans	246
Capítulo 7 - “De que família você é?”.....	247
Elas sempre são expulsas de casa, mas eu não fui!	250
Foi difícil, mas minha família me apoiou	253
A família como problema, ou o problema da família.....	265
É preciso saber lidar	276

Capítulo 8 - Amizades trans, redes de cuidado e as “famílias que escolhemos”	290
Vergonha, rejeição e medo	290
“Elas me deram apoio!”: por outras redes de afeto	309
Considerações finais	317
Fontes	323
Bibliografia e outras referências	326
APÊNDICE 1 – Termo de Compromisso	336
APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista	337
APÊNDICE 3 – Quadro com o perfil das interlocutoras	338

Introdução

A difícil arte e tarefa de começar a escrever acompanhou a produção dessa pesquisa que agora é apresentada como resultado de alguns anos de investimento intelectual, dedicação, leitura, militância e reflexão. Ao longo da jornada, muitas trocas de afetos e ideias ampliaram meu horizonte analítico-político, mas não devo esquecer os embates e combates, alguns produtivos, outros nem tanto.

Vários caminhos e desvios levam uma pessoa a escolher um tema de pesquisa, moldam e matizam uma trajetória de vida que, muitas vezes, não consegue se limitar ao universo acadêmico. Repleta de dilemas, dúvidas e hesitações, a escolha foi feita, o caminho trilhado e agora, a título de introdução, as últimas palavras são usadas para apresentar minhas reflexões.

Assumindo o risco de me demorar mais do que as regras da etiqueta acadêmica sugerem, essa introdução está dividida em três momentos.

“Viado não tem amigo!” Fabiana e novos afetos

Começar não é uma tarefa fácil, mas é preciso escolher um caminho e dar a partida. Para esta tese ser escrita, optei por trilhar os domínios da História. Com toda a polissemia que esta palavra comporta, busquei trabalhar com as histórias vividas, com as experiências que conformaram e possibilitaram sujeitos, os quais se nomeiam e são reconhecidos como travestis e transexuais. É, portanto, uma compreensão de história como acontecimento e narrativa, como aquela que é capaz de fundar sua própria cronologia, que não necessariamente está atrelada ao tempo dito natural¹. Não escapo, com isso, da compreensão de que estas histórias aqui escritas são produtoras de sentido. Trago então, dos fios da lembrança, uma história por mim vivida em uma noite de clima ameno em meados de agosto de 2015 na Planície Goytacá, terra geralmente muito quente.

Era uma quinta-feira quando fui às ruas do Centro de Campos dos Goytacazes para fazer a entrega dos preservativos para mulheres e travestis que trabalhavam na prostituição, atividade que fazia parte de um projeto de Extensão desenvolvido pela Universidade Estadual

¹ KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de história. In: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GUNTER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de História*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2013. p. 127

do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e do qual fiz parte desde o ano de 2009 até o início de 2016. Nessa noite ligeiramente fria, já no início do mês de agosto. Após estacionar o carro em uma das ruas, e posteriormente proceder com a entrega dos preservativos, me preparava para ir embora, quando avistei Fabiana; trajando uma calça preta colada às suas pernas magras e uma jaqueta jeans grossa, ela buscava se proteger do vento que soprava forte. Fabiana era uma das travestis que semanalmente pegava preservativos comigo e com quem tive poucas oportunidades de conversar mais detidamente. Ao me aproximar para lhe oferecer camisinhas, ela falou, com muita dificuldade, que precisava de ajuda: queria se internar na “Associete”, referindo-se à Casa de Apoio Associação Irmãos da Solidariedade, mais conhecida como Associação Irmãos da Solidariedade - instituição em funcionamento no município desde o ano de 1988, que acolhe e acompanha pessoas que vivem com o HIV-Aids, e oferece internação para aquelas que estão em um estágio mais crítico da doença e que não têm o apoio da família. O pedido de Fabiana veio acompanhado de uma breve conversa, que foi suficiente para saber que ela migrara de Governador Valadares há mais de 15 anos, e que não tinha mais contato com sua família. Ao saber desse fato manifestei certa empolgação, pois parte de minha família também mora nessa cidade mineira. A resposta de Fabiana à minha empolgação foi diferente daquilo que eu esperava.

Após algum tempo de conversa, disse a ela que não deveria estar na rua, já que seu quadro de saúde era visivelmente debilitado, e tive como resposta: “Mas se eu não vier, amanhã não tenho o que comer!” Impactado pela resposta, solicitei seu contato telefônico, pois tentaria providenciar seu processo de internação no dia seguinte. Outra solução seria conseguir uma consulta no Programa Municipal de DST/Aids, em funcionamento no Centro de Doenças Infecto-Parasitárias (CDIP), ao qual Projeto estava ligado. Fabiana já sabia ser portadora do HIV, e neste mesmo ano de 2015 fora internada no Hospital Ferreira Machado, por dois meses.

No dia seguinte, uma sexta-feira bem quente na cidade, fiz contato com a assistente social responsável pelo Projeto, e conseguimos uma consulta no CDIP. Pouco depois do meio dia, após ligar para uma das amigas que morava com Fabiana, já que ela não tinha telefone, fui até sua casa, localizada no Turfe Clube, um bairro bem próximo ao Centro e cortado pela Avenida 28 de Março, uma extensa via que atravessa toda a parte central de Campos dos Goytacazes.

Ao chegar à casa de Fabiana, fui recebido no portão por uma mulher loira aparentando quarenta anos, que logo me informou que Fabiana estava muito mal, sentindo-se muito fraca, sem tomar a medicação devida, comer e sequer fazer sua higiene pessoal. Essa mulher disse

ser mãe de Márcia, outra amiga de Fabiana que também morava naquela casa; ela comentou que ficava muito preocupada com a filha, e por isso sempre viajava para Campos dos Goytacazes com o intuito de acompanhá-la. Segundo a mãe de Márcia, a filha só saiu do Rio de Janeiro para morar em Campos dos Goytacazes por influência de suas amigas, pois no Rio ela era aceita por sua família. Após este brevíssimo contato no portão, vi que Fabiana saía vagorosamente da casa. Caminhando com muita dificuldade, ela veio até mim. Entramos no carro e partimos em direção ao CDIP.

Nesta breve viagem de carro, que durou pouco mais de 10 minutos, Fabiana tremia e não parava de me agradecer pela “ajuda”. Sua voz que mais parecia um sussurro, estava carregada por uma tristeza e transmitia um tom de ressentimento. Foi com esta afetação que ela considerou: “Viado não tem amigo! As bichas só estão com a gente para zoação; na hora que a gente fica doente, não tem ninguém.” Nesse ínterim, ela ainda reiterou: “As amigas são só pra festa, bebedeira e baladas.” Afetado pela fala de Fabiana e por todo o contexto da situação, comecei a pensar sobre a densidade das amizades para as experiências trans. A referência utilizada por Fabiana para se queixar do abandono não foi a da família, mas sim a das amigas.

Chegamos ao nosso destino, estacionei o carro a pouco mais de 200 metros do prédio do CDIP e tivemos que andar este percurso, encarado por ela de forma árdua. Seus passos eram lentos e imprecisos. Após ser consultada, a equipe de enfermagem identificou a necessidade de sua internação, e assim ocorreu. A equipe do Hospital Ferreira Machado, referência em atendimento na região Norte e Noroeste Fluminense, foi acionada para enviar uma ambulância e uma equipe que pudesse fazer o transporte de Fabiana para a internação. Conversamos um pouco mais enquanto aguardávamos; novamente ela confirmou que era natural de Governador Valadares/MG e que havia saído de sua terra natal há mais de quinze anos, momento em que tinha por volta de 20 anos. Relatou-me, desta maneira, que completaria 35 anos em novembro de 2015. Disse, ainda, que o contato com a família era muito esporádico e que desde que saiu de casa, voltou poucas vezes para fazer visitas breves. Como não tinha parentes próximos ou vínculos afetivos mais estreitos na cidade, seu único pedido foi que eu a visitasse enquanto estivesse internada, pois sabia que não teria mais ninguém que o faria; e que levasse algumas uvas rubi, “daquelas bem docinhas”.

Pouco tempo se passou e a equipe acionada chegou para levá-la. Em seguida liguei para sua amiga e comuniquei o ocorrido. Ela me disse que iria até o hospital, solicitei que me mantivesse informado, já que na noite desta sexta eu sairia de Campos dos Goytacazes e só voltaria na semana seguinte. E assim foi acordado.

Dois dias se passaram, e no início da noite de domingo recebi um telefonema informando sobre o falecimento de Fabiana. Segundo sua amiga, os médicos atribuíram o óbito a seu estado de saúde muito debilitado, que fora agravado por uma pneumonia severa.

A morte não foi o fim. As semanas seguintes foram marcadas por acontecimentos que pude acompanhar de longe. A amiga de Fabiana, o único laço recente que ela tinha na cidade, informou o falecimento à sua família de Minas, que disse não ter condições financeiras de fazer o traslado de seu corpo. Como ela também não tinha documento de registro com foto, seu sepultamento dependeria de uma autorização judicial. Alguns meses se passaram, e o caso de Fabiana ficara esquecido. Sua amiga ligou para o hospital algumas vezes, mas não teve informações.

Descrever este caso de Fabiana é uma experiência muito importante para mim, pois ela é parte de uma história que de certa forma também é partilhada por muitas das trans de Campos dos Goytacazes. Seja na experiência da prostituição, no contato com o sistema de saúde, na aproximação com o HIV-Aids, na formação de redes de amizade, muitos são os elementos que atravessam e fazem existir essa e muitas outras Fabianas nessa cidade chamada no dito popular de “terra do açúcar e do melado: em cada janela uma puta, em cada esquina um veado!”

As palavras de Fabiana para expressar o abandono sofrido em um momento de dificuldade foram ditas com dor, pesar e revolta, esse tom pesado é uma pista de que há muito mais neste entremeio. Pude reforçar esta suspeita nos contatos posteriores com pessoas que também a conheciam de outros tempos, aqueles de festa, alegrias e zoação.

Pouco tempo após a morte de Fabiana recebi um telefonema de uma trans que se apresentava como Débora, e dizia ser amiga de Fabiana. Mais conhecida na cidade como Débby, ela me procurou pois soube que eu seria o responsável por ter levado sua amiga para o atendimento médico. Débora conseguiu meu número de telefone com alguma amiga e fez contato a fim de que eu pudesse ajudá-la a conseguir algum tipo assistência social da UENF ou no Programa Municipal de DST/AIDS. Nesta primeira ligação achei a conversa um pouco confusa e não entendi bem o que, de fato, ela queria ou precisava. Somente após alguns contatos telefônicos consegui entender que ela fazia tratamento no Programa Municipal de DST/AIDS, e necessitava apenas de algum tipo de encaminhamento para realizar um exame oftalmológico, pois estava com dificuldade para enxergar. Como uma forma de estreitar o laço com ela, dispus-me a acompanhá-la até o CDIP e logo em seguida ela consentiu em marcarmos uma entrevista, que seria feita em sua casa no Parque São Mateus, no distrito de Guarus. Esta região da cidade está na outra margem do rio Paraíba do Sul, e é nomeada em

Campos dos Goytacazes como uma região de periferia, perigosa e marginal, tanto é que paira entre as trans uma sutil divisão entre as que são do lado de cá – margem direita do Rio, e as que são de Guarus – margem esquerda. Na entrevista com Michely essa divisão aparece em dois momentos, quando ela fala de seu namorado:

(...) ele é de Guarus, né?! Ele fala assim: “Eu não nasci pra morar em Guarus não, gosto de morar aqui” [do lado do Centro]. Então tá. Cê gosta de morar aqui! Eu, particularmente, Guarus não é meu forte também não, não gosto... (Michely Coutinho, 23/02/2016)

E continua com uma provocação que ela mesma percebe haver entre as travestis, mas que na mesma fala ela finaliza com um tom de apaziguamento:

É. As travestis que diz. Que elas ficam uma guerra: as mais bonitas são do lado de cá. Tanto um lado tem bonitas, como aqui também tem. (Michely Coutinho, 23/02/2016)

É como se houvesse uma disputa entre aquelas que são da cidade e as que são do lado de lá, Guarus. Isso aponta para uma territorialização e ocupação da cidade que contribui para a criação de mais hierarquias a partir do local de moradia.

Sabendo dessa divisão territorial e das implicações que isso poderia ter para as relações de amizade estabelecida, mantive o contato com Débora. Em uma segunda-feira, dia 24 de agosto de 2015, fui à sua residência, com o combinado de que lá faríamos a referida entrevista. Ao chegar ela me apresentou sua casa, composta de uma entrada simples, com um portão feito de uma lâmina de madeira presa por uma corrente e cadeado, uma sala que era também cozinha, e um quarto onde estava sua cama de casal e no qual havia também um pequeno banheiro cuja função de porta era feita por uma cortina de plástico. Após falar um pouco sobre Fabiana e me mostrar algumas fotos antigas, ela pediu que a entrevista fosse feita em outro lugar, pois seus parentes moravam no mesmo quintal e alguém poderia ouvir a conversa, fato que ela não via como positivo. Concordei com a questão e seguimos em busca de algum espaço para conversarmos. Chegamos a uma quadra de esportes localizada em uma escola nas proximidades da casa de Débora, e então paramos para começar a entrevista.

Logo no início ela justificou o porquê estava fazendo a entrevista:

Débora: Então, mas aí, eu sou tão enjoado, que eu não fazia isso com qualquer um não. É porque eu sei que você é uma pessoa bacana. Eu gostei do que você fez com Fabiana. Fabiana era uma pessoa muito boa de coração. Fabiana era uma pessoa muito boa de coração.

Rafael: Você a conheceu tem muito tempo?

Débora: Morou lá em casa! Não, conheci há quinze anos atrás em Macaé.

Rafael: Ah, você a conheceu em Macaé?

Débora: Em Macaé daquele jeito que você viu na foto.

Rafael: Ah, eu vi.

Débora: Bonita daquele jeito. E ela ganhava dinheiro como água, mas a droga entrou no meio, acabou! Ela ganhava dinheiro como água passando.

Rafael: Ela era sua amiga?

Débora: É... Fabia, Fabiana é amiga. Ela é amiga. Assim, igual eu te falei, quem sabe da gente por dentro é só Deus.

Rafael: Sim!

Débora: Mas, você quer falar sobre amiga?

Rafael: Sim!

Débora: Fabiana é. Você poderia botar dentro da sua casa... mas, tipo assim, naquela época, eu digo a você assim que poderia até confiar, porque também tinha mais outra que fazia a cabeça, né?! Se mistura na hora da droga. (Débora, 24/08/2015)

Débora atribui sentido a essa complexa trama que envolve as relações de amizade. Além, disso, foi justamente em função da acolhida que ofereci a Fabiana que ela considerou que eu seria uma pessoa de quem ela poderia se aproximar. Débora se coloca inicialmente como uma pessoa difícil, alguém quase inacessível, dizendo-se “enjoado”, e que “não fazia isso (a entrevista) com qualquer um não”. Isso põe em relevo a existência de uma rede de contatos, constituída por laços de confiança e interesses econômicos, de saúde etc., e foi justamente isso que fez com que ela chegasse até mim.

Como Débora soube de Fabiana? Como descobriu que ela fora levada ao hospital por alguém que não a conhecia (esse alguém era eu)? As respostas a essas questões sugerem, mais uma vez, a existência de um fluxo de informações, contatos e aproximações entre as trans. E, principalmente, sugere que essa rede é acionada em momento críticos, em que aliados são necessários para que a vida continue.

Na construção discursiva para justificar o aceite na concessão da entrevista, Débora inventa uma Fabiana alegre, divertida, bonita e que em uma determinada época de sua vida, no início dos anos 2000, quando Fabiana teria seus 20 anos, ganhara “dinheiro como água”, sendo, portanto, alguém em quem se poderia confiar. O exemplo extremo da confiança estaria em poder “colocar dentro da sua casa”. Esta Fabiana “inventada” por ela é diferente daquela que eu conheci e que disse pesarosamente que “veado² não tem amigo”. A Fabiana da época de Débora foi uma “pessoa muito boa de coração”, mas que acabou se perdendo nas drogas. São muitas Fabianas em uma só.

² Nesta fala e em diversas outras, as trans comumente usam termos como bicha e veado para se referirem às outras travestis e transexuais. Já quando querem se referir aos gays, usam-se frequentemente termos como: a gay, a bicha boy, boyzinho entre outros. Ocorre, também, que “veado” seja usado de forma genérica para se referir a todas e todos, trans e cisgêneros. Como deve ficar evidenciado ao longo do trabalho, a categoria transexual apareceu em poucos momentos, tendo sido acionada somente por algumas interlocutoras, sendo que apenas duas narraram a realização da cirurgia de redesignação sexual.

Fabiana de fato nunca teve amigos? Mas Débora diz que Fabiana era uma amiga, então por que ela não estava com Fabiana neste momento de dificuldade? Se a amizade daquela época não durou até hoje, então ela não era uma amizade verdadeira? Amigos e amigas são para sempre? Essas e outras inúmeras perguntas poderiam surgir a fim de problematizar os limites e potencialidades do que é a amizade, os amigos e os regimes de verdade³ que permeiam essas relações. Tais indagações, todavia, podem almejar a verdade sobre a amizade, sobre os discursos das interlocutoras, sobre as criações que elas fazem de si e dos outros. Não é essa a problematização que me impulsiona. Não pretendo qualificar as falas como verdadeiras ou falsas, sinceras ou mentirosas, tampouco produzir um parecer que defina as amizades como verdadeiras, falsas, ou movidas por interesse. O que me mobiliza, tal como na história narrada de Fabiana, é compreender em que circunstâncias históricas (de tempo, espaço e condições materiais) estes discursos são produzidos, criando realidades, atribuindo sentido e coerência às experiências vividas e, por conseguinte, passando a integrar os processos de subjetivação, da criação de formas sujeitos, daquilo que Foucault chama de subjetividade. E, como lembra Deleuze:

Foucault não emprega a palavra sujeito como uma pessoa ou forma de identidade, mas os termos “subjetivação”, como sentido de processo, e “si”, no sentido de relação (relação a si). E do que se trata? Trata-se de uma relação de força consigo (ao passo que o poder era a relação da força com outras forças), trata-se de uma “dobra” da força.⁴

A história de Fabiana é um convite potente para se perceber as experiências que constituem as subjetividades trans, e aguçar a curiosidade para pensar sobre as constituições das redes de amizades, que podem ser frágeis, consistentes e/ou de proliferação indefinida, formando rizomas. As conexões entre as amigas são como um mapa que “é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”⁵, pois assim são as relações estabelecidas entre elas.

³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 116

⁵ DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 2. ed., 1ª reimpr. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014. p. 30

Nomear é (im) preciso

Em uma pesquisa que assume a tarefa de trabalhar com o mapeamento das históricas formas de produção das subjetividades, a questão da nomeação não é apenas um detalhe. As formas de dizer, de interpelar os sentidos atribuídos e as implicações sociais de cada nome são possibilidades de análise que merecem ser observadas. Na tentativa de fazer com que o texto se torne mais fluído, optei por usar o termo *trans* para me referir às interlocutoras da pesquisa e/ou demais sujeitos que experienciam o trânsito de gênero, que têm sido nomeados/as de travestis e/ou transexuais.

Há um questionamento atual, de nosso tempo presente, sobre o uso e os sentidos do termo *trans*. Há, por exemplo, um debate se o termo deveria ser usado ou não com um * (asterisco). Depois de ter acompanhado os *blogs* indicados nas referências, intitulados como transfeministas, e mesmo em publicações de congressos na área de gênero e sexualidade (como o II Seminário Internacional Desfazendo Gênero – 2015), percebi que não há consenso. E, como lembra Jaqueline Gomes de Jesus, o transfeminismo pode ser percebido como uma literatura de fronteira⁶, pois não estando pronto, é um terreno de disputas e constante construção. Aquelas que reivindicam o uso de *trans**, argumentam que a presença do asterisco seria uma possibilidade inclusiva, pois contemplaria além das identidades travestis e transexuais, todas aquelas identidades de gênero não binárias, sendo, portanto, um termo guarda-chuva (*umbrella term*)⁷; por outro lado, há aquelas que reconhecem o asterisco como uma possibilidade de ampliação do termo, mas desconfiam de sua capacidade política, e denunciam que poderia ser uma forma de apagamento do debate, que ainda se apresenta como necessário sobre as identidades *trans*⁸, podendo ser um teatro de inclusão⁹.

Jaqueline Gomes de Jesus¹⁰ apresenta, de forma muito didática, as diferenças entre alguns termos para se referir às pessoas transgêneras, ou seja, “pessoas que não se

⁶ JESUS, Jaqueline Gomes de. Interlocuções teóricas do pensamento transfeministas. In: Jesus, Jaqueline Gomes de (et. al.). *Transfeminismo: teorias e práticas*. 2. ed., Rio de Janeiro: Metanóia, 2015. p. 20

⁷ “Trans* como termo guarda-chuva” – texto publicado no site Transfeminismo: feminismo interseccional ligado às questões *trans** - Disponível em: <http://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/> - Acesso feito em 11 de agosto de 2016.

⁸ “Porque não uso o asterisco” – texto publicado no site Feminismo *trans*, o virtual é político - Disponível em: <https://feminismotrans.wordpress.com/2013/05/27/por-que-nao-uso-o-asterisco/> - Acesso feito em 11 de agosto de 2016.

⁹ “Vamos falar sobre o asterisco?” – Disponível em: <https://medium.com/@oibatata/vamos-falar-sobre-o-asterisco-caa5e0314509#.o3d7po735> - Acesso feito em 11 de agosto de 2016.

¹⁰ JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: identificar e prevenir*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado antes ou quando de seu nascimento.”¹¹. Dentre estes termos há alguns que se referem à identidade de gênero, como travesti, homem transexual, mulher transexual, e outros que fazem referência à expressões de gênero, como *crossdresser*, *drag queen*, *drag king*. Portanto, o termo transgênero, ou sua simplificação trans, funcionaria como uma categoria guarda-chuva¹², usada para englobar todas essas experiências que vão da identidade de gênero, no caso de mulheres e homens transexuais, às expressões de, como as realizadas por *drags queen e king*.

Como o objetivo deste texto é historicizar as experiências de pessoas que se identificam como mulheres transexuais e travestis, que constroem para si e para outros/as uma performance de gênero e que reivindica o reconhecimento de sua feminilidade em diversos graus, níveis e espaços de sociabilidade, utilizo o termo trans, assumindo com ele todos os riscos inerentes a uma escolha que além de teórica também é política. O maior risco, talvez, seja que o conceito empobreça as vidas vividas, as experiências que deram forma, corpo e materialidade aos sujeitos da pesquisa. Mas tendo este alerta em mente, proponho que este conceito seja facilitador da reflexão. Não imagino que possa explicar as experiências sociais e históricas das 20 trans¹³ e 01 cisgênero que participaram dessa pesquisa a partir da noção de trans, mas é possível identificar e historicizar essas experiências trans¹⁴ a partir das histórias vividas e narradas por elas.

Esta questão que poderia ser apontada como algo de menor importância, parece-me ainda mais relevante por dois motivos. Em primeiro lugar, o ato de classificar, já pensado por Foucault¹⁵, coloca em cena sujeitos, saberes, corpos, poderes, subjetividades, e é algo que continua a produzir realidades, subjetividades, normalizações. Em segundo, a percepção de que essas formas de nomeação são construídas em contextos históricos permeados por jogos de saber-poder, e as subjetividades são tecidas e criadas nesses contextos. Que jogos são

¹¹ JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: identificar e prevenir*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015. p. 95

¹² Sobre a diferença entre identidade de gênero e expressão de gênero, e o uso do termo transgênero como um termo guarda-chuva, consultar a publicação de Jaqueline Gomes de Jesus, *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. (JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2. ed., rev. e ampl. Brasília, 2012.)

¹³ Todo esse material totalizou quase 31 horas de gravação. As entrevistas foram integralmente transcritas e encontram-se em meu arquivo pessoal, sob o título “Caderno de Entre-Vistas”, com 544 páginas.

¹⁴ Sendo o termo guarda-chuva, trans pode ser usado para se referir tanto às experiências femininas quanto às masculinas; neste trabalho, no entanto, quando este aparecer fará referência às experiências do feminino vivido, imaginado e criado por pessoas que se identificarão como travesti, transexuais, mulheres, bichas, veados.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

jogados? Que tipos de vidas e de sujeitos são possíveis quando falamos sobre as hierarquias de gênero e sexualidade? Quem fala, por quem se fala, para quem, em que contexto? Segundo Deleuze, devemos ter a dignidade de não falar pelos outros¹⁶, e por isso esse texto busca ser uma polifonia de vozes, ruídos, sussurros e alguns gritos.

Por considerar todas estas questões como importantes para a reflexão que justifico o uso do termo trans para me referir às muitas vozes que criam esse texto. Com isto, será possível perceber algumas modulações discursivas que fazem com que os sentidos atribuídos para ser travesti, transexual, trans ou simplesmente mulher, sejam percebidos nas falas de pessoas que não integram o movimento social, participam ou não de grupos na internet, ou tampouco vivem em capitais em que esses discursos identitários são produzidos com mais intensidade, havendo até mesmo uma patrulha identitária com um apelo ao politicamente correto e um ensurdecimento para a escuta do outro.

Em muitos momentos, essas vozes trans de Campos dos Goytacazes são o “outro”, ou seja, o “outro” do outro. Elas são o outro de uma sociedade cisheteronormativa, mas são também “o outro” que está fora do Movimento Social Organizado, o “outro” que está fora da capital – o Rio de Janeiro -, o “outro” que não tem habilidade para reiterar o politicamente correto, o “outro” que vive uma feminilidade, mas não tem problema em falar de si mesma no masculino, o “outro” que precisa ser ouvido para compreendermos que as experiências não cabem em um conceito, e que viver é sempre muito mais intenso do que qualquer categoria que usada para descrever essa experiência. Pois, como escreve Guacira Lopes Louro:

Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver. Acolhem com menos receio fantasias, sensações e afetos e insinuam que a diversidade pode ser produtiva. Indicam que o processo de se ‘fazer’ como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer. Fazem pensar além dos limites conhecidos, para além dos limites pensáveis.¹⁷

Essa diversidade está, além das normatizações sociais, também presente na forma como elas mesmas se nomeiam, criam e atribuem sentidos novos e diversos ao ser travesti, transexual, mas nunca de forma exclusiva, pois é possível, como veremos, que uma mesma pessoa seja por um momento da vida travesti, depois passe a se identificar com transexual ou transgênero.

¹⁶ DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 110

¹⁷ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 23

Divisões, questões e problemas de pesquisa

A proposta desta pesquisa foi apresentada inicialmente na seleção de doutorado feita pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no início de 2014, cujo objetivo era:

Historicizar o papel, a importância e o valor atribuídos à amizade nos processos de subjetivação, na criação de subjetividades travestis. Para circunscrever o campo a ser analisado, a opção inicial é focalizar as experiências de travestis que vivem na cidade de Campos dos Goytacazes.¹⁸

Muito embora, desde então, já estivesse disposto a alterar partes do projeto inicial, de modo a torná-lo mais original e interessante.

Como quase todo exercício de investigação acadêmica, imaginei um começo ideal, sem supor a aparição de algumas intercorrências, como a morte ou mudança de domicílio, a negação por parte delas em conceder a entrevista, dentre outras. A primeira delas foi realmente inesperada, e me fez imaginar que deveria mudar totalmente o foco de análise, recriar o projeto e talvez fazer outra pesquisa; era o momento dos dilemas. Com a proposta de entrevistar travestis da cidade, logo nos primeiros contatos com as interlocutoras, percebi que elas se identificavam como trans, transgêneros, transexuais, travestis ou mesmo veados; ou seja, as interlocutoras que eu supunha serem todas travestis, não se percebiam exatamente assim e faziam uso de um repertório de nomeação muito mais complexo. Algo que pode parecer simples de ser resolvido, rendeu um tempo de reflexão e fez considerar que seria preciso escrever estas palavras iniciais para explicar ao/à leitor/a esta problematização que envolve autodeterminação, autorreconhecimento e autoexpressão, ou seja, atos de (se) nomear, de interpelar, de construir uma subjetividade como trans, travesti, transexual ou transgênero.

Esta, que poderia inicialmente parecer uma questão menor, envolve um dos focos desta pesquisa, que é a busca pela compreensão da histórica maneira como as subjetividades são inventadas, inclusive pela linguagem. Por meio desses processos de nomeação, que envolvem sempre o si mesmo e o outro, podem ser percebidos os processos de constituição de si possível; são redes, tramas e malhas de saber-poder que possibilitam a historicização das experiências que forjam e criam subjetividades travestis e transexuais (bem como de gays, lésbicas e bissexuais). Além disso, nos últimos anos essa questão da nomeação e da

¹⁸ Objetivo geral apresentado no projeto de seleção para o Doutorado.

interpelação tem sido alvo da atenção de pesquisadoras e pesquisadores, e militantes que participam dos muitos congressos e eventos acadêmicos que contam com a participação significativa de travestis e transexuais.

Nesse jogo de escalas, em que a dimensão micro e a macro se conectam e se afastam, apresentam pontos de encontros e outros de profundo afastamento, é oportuno considerar como esses movimentos ganham visibilidade principalmente nas capitais do Brasil e são vividos e/ou percebidos em uma cidade do interior. Dito de outro modo, tornou-se necessário buscar a historicidade¹⁹ de tais categorias, indagando os modos como são criadas e apropriadas pelas pessoas para as invenções de si, para suas subjetividades no espaço menor, do interior, fora do alcance daquilo é dito como grande e importante. É no cotidiano de uma cidade do interior do Rio de Janeiro que essas pessoas fazem uso de diversos aplicativos de interação virtual, como o *Whatsapp* e *Facebook*, e criam para si uma histórica forma de ser e viver. Quando aciono a ideia de historicidade, portanto, tenho em mente esta dinâmica que envolve o tempo e o espaço, e as formas como sujeitos são produzidos e produzem relações particulares em sua temporalidade e espacialidade.

Para analisar essa questão, recorro aos escritos de Michel Foucault, quem muito escreveu sobre a produção das subjetividades, dando atenção especial ao papel da história. Na seleção de textos publicada no Brasil como *Ditos e Escritos*, Manoel Barros da Motta registra na apresentação:

O quinto volume da série nos apresenta um conjunto de textos que versam sobre a problemática do último Foucault. Eles tratam da constituição de uma história da sexualidade que vai desembocar numa genealogia da ética e da constituição do sujeito na cultural ocidental.²⁰

A partir desta leitura, evidencia-se que uma das interrogações que mobiliza a atenção de Foucault se esconde na simplicidade da pergunta e na complexidade da análise a ser feita:

¹⁹ Em “*O conceito de História*”, Koselleck destaca a importância de se entender o vocabulário constituído em uma determinada época histórica para que se possa compreender como foi criado o contexto que será pesquisado pelo historiador. Como isso chega-se à ideia de que os conceitos, forjados e constituídos em lugares de tempo e espaço específicos, não são atemporais, ou seja, há uma historicidade dos conceitos; eles são tecidos em uma espacialidade e temporalidade próprias. Tal reflexão é muito oportuna para pensar sobre a noção atual que temos dos termos travesti e transexual. Como será apresentado ao longo deste escrito, a historicidade destes termos é parte de um processo intenso de disputas identitárias. Processos estes que põem em jogo relações de poder, muitas vezes ligadas a constituição de campos de saber, responsáveis pela conformação de corpos, sujeitos e identidades, considerados como legítimas ou abjetas. Nesta tarefa o historiador passa a historiar, ou seja, assume o exercício de fazer a História tal como a prática de outras ciências. Não há uma História pronta que seria descoberta pelo historiador, mas apenas pontos, práticas, experiências, enfim, vestígios que são conectados pelo historiador de modo produzir um sentido sobre o passado e/ou o presente.

²⁰ MOTTA, Manoel Barros da. Apresentação. In: *Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política*. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. VI

“O que somos hoje?” E é a partir dela que o autor vai construir respostas, algumas parciais e provisórias, por meio da análise histórica de nossos pensamentos e ações no mundo ocidental.²¹

Com um objetivo de elaborar respostas igualmente provisórias e parciais, criando aquilo que Donna Haraway denomina de saberes localizados²², interesse-me por compreender como é possível, sob que condições históricas – temporais e espaciais -, foram produzidas subjetividades trans, e de que maneira as relações de amizade potencializaram, contribuíram e tornaram possíveis essas existências. Inicialmente essas subjetividades foram por mim pensadas como travestilidades, mas durante a pesquisa foram se desdobrando em inúmeras outras formas e possibilidades de (auto) nomeação, interpelação e hierarquização, quais sejam: trans, trava, travesti, transexual, mulher, homossexual, veado. Ao longo do texto pretendo evidenciar estas históricas condições de possibilidade que permitem e incitam a proliferação de categorias, de sentidos e imagens que merecem ser cuidadosamente problematizadas em uma cidade de médio porte no interior do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes.

O recorte temporal é, pois, o período da última década do século 20 e os primeiros 17 anos do século 21. Esta escolha foi orientada por três motivos principais: o acesso às fontes impressas - os jornais publicados em Campos dos Goytacazes entre 1990 e 2015²³; por abranger o tempo vivido pelas interlocutoras da pesquisa - trans de 20 a 68 anos; e porque é justamente o momento em que ocorre o primeiro evento com nome e visibilidade LGBT²⁴, em 2006. Portanto, considero ser importante apreender como se deu esta visibilidade antes desse tipo de evento e depois dele, já que a participação das trans foi sempre registrada nos jornais.

²¹ MOTTA, Manoel Barros da. Apresentação. In: *Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política*. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. VIII

²² HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. p. 18-22

²³ As fontes utilizadas em cada capítulo serão apresentadas detalhadamente quando aparecerem. Inicialmente já foram registrados os jornais presentes no arquivo pessoal do médico e pesquisador Wellington Paes: *Folha da Manhã*, *Monitor Campista*, *A Notícia*, e *A Cidade*; eventualmente recorrerei a algumas publicações das décadas anteriores, como publicações de 1975 do jornal *Monitor Campista* e *A Cidade*, já encontradas no Arquivo Público Municipal.

²⁴ À época a sigla usada ainda era GLBT, período anterior à 1ª Conferência Nacional, ocorrida em 2008. Comumente, no entanto, tal evento é conhecido simplesmente como Parada do Orgulho Gay ou somente Parada Gay.

Embora o foco da pesquisa sejam as experiências trans, a opção por abordar esse contexto histórico descrito atualmente como LGBTI+²⁵ é uma estratégia para compreender como as subjetividades trans são forjadas nesse contexto de disputas políticas, possibilitando o questionamento sobre a inviabilização do T na sigla que pretende agregar todas e todos considerados sexualmente desviantes, dissidentes ou “anormais”.

Este exercício proposto contará com fontes orais e escritas, entrevistas e produção da imprensa, além de acervos pessoais (meus e das interlocutoras da pesquisa). Escapando do tradicional modelo de produção do trabalho em partes teórica, metodológica e trabalho de campo, este texto estrutura-se como uma narrativa que apresenta em todo seu percurso os diálogos teórico-metodológicos e os dados de pesquisa.

Como fontes narrativas²⁶, as fontes orais foram fundamentais para a compreensão das relações de amizade vividas pelas trans. Os documentos orais foram pensados criticamente; os desvios, as faltas, inverdades serviram como uma fonte adicional à pesquisa²⁷. Neste ponto considere algumas proposições feitas pelo campo da antropologia, particularmente sobre a relação entre pesquisador nativos/entrevistados²⁸, o que tornou a análise densa, espessa e contundente, situada espaço-temporalmente. É importante lembrar que em muitos momentos as citações das entrevistas foram extensas e constantes, justificando-se por serem citáveis. Tal como lembra Verena Alberti:

As narrativas na história oral (e não só elas) se tornam especialmente pregnantas, a ponto de serem “citáveis”, quando os acontecimentos no tempo se imobilizam em imagens que nos informam sobre a realidade.²⁹

A organização do texto foi conduzida pelo percurso da pesquisa e dos interesses que orientaram a reflexão, ou seja, as experiências trans pensadas em três dimensões: na cidade, nas tramas da amizades e nas relações familiares.

²⁵ Sobre a ampliação da sigla LGBT para LGBTI+ pode-se consultar a recente publicação *Manual de Comunicação LGBTI+* e que se destaca a inclusão do I para se referir aos e às intersexuais e o + como uma forma de incluir outras orientações sexuais, identidades de gênero e expressões de gênero, conforme indicado no Manual. (REIS, Toni (org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.) Reconheço a importância e pertinência política da ampliação da sigla indicada, mas no decorrer da tese utilizarei prioritariamente a sigla LGBT, pois ela corresponde ao momento analisado.

²⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed., Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. XV

²⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002. p. 314-332. p. 324

²⁸ CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

²⁹ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. 4. reimp., Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. p. 89

A Apresentação “*Trânsitos e trilhas: fazer pesquisa com, sobre e além*”, que pode ser incomum em uma tese, se justifica pela proposta geral de produzir um texto polifônico, polissêmico e vivo, em que as muitas interlocutoras estão presentes como sujeitos da pesquisa, pessoas de carne e osso, com sentimentos, afetos e desejos. Nesse momento inicial considerei importante apresentar brevemente cada uma dessas vozes, identificando como elas nomearam-se em relação à cor/raça, as idades, escolarização, locais de moradia, profissão e religião. Sempre que foi possível, todas essas informações foram acionadas para melhor apresentá-las. Nessa parte inicial evidencio que a maior parte delas solicitou o uso do nome com o qual se identifica (chamado de nome social); aquelas poucas que solicitaram a alteração, atribuíram um nome fictício pelo qual foram referidas ao longo de todo o texto. Além disso, ao realizar essa apresentação na ordem de realização das entrevistas, pude demonstrar como o contato entre elas, a criação de uma rede de afetos e confiança viabilizou a participação das amigas das amigas na pesquisa.

Na 1ª Parte “*Múltiplas-cidades*”, elaborei uma narrativa histórica sobre Campos dos Goytacazes com foco nas experiências trans. Para tanto, a partir das entrevistas e da análise dos jornais, apresento os espaços, cenas e contextos em que elas surgem, seja como figura de destaque por seu engajamento político e social, ou apenas como um acessório da chamada comunidade LGBT³⁰. Existe em Campos dos Goytacazes um movimento LGBT? A Parada do Orgulho LGBT é motivo de orgulho para quem? Onde estão as trans da cidade? A heterogeneidade presente nesta sigla contribui para a proliferação de experiências e subjetividades ou faz calar vozes como as das trans? Quais os limites presentes na ideia de um movimento que se apresenta como L-G-B-T? Não seria este movimento muito mais L e G? As respostas a essas perguntas contribuem para o entendimento dos sentidos e significados de ser trans em Campos dos Goytacazes; ademais, permitem a observação de redes de amigos trans ou cisgêneros que participam da elaboração das subjetividades trans.

A 2ª Parte, “*Entre amigas e amigos: a invenção de modos de vida*” é o momento para adensar o debate e a reflexão sobre as relações de amizade e as experiências trans. Dialogando com produções no campo da história, sociologia, antropologia e filosofia, a amizade é apresentada como uma histórica forma de relação entre as pessoas, e capaz de contribuir para a criação de um modo de vida não prescrito nas normas sociais. Além da (trans) formação do corpo, as relações de amizade nas experiências trans potencializam e incitam uma proliferação de contatos em rede, trânsitos pela cidade e uma (re) criação constante de si. A partir das

³⁰ Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

narrativas dessas interlocutoras da pesquisa, indicarei como e porque são criadas definições hierárquicas entre os/as amigos/as e quais são os riscos e regras que compõem esta relação, que são igualmente marcadas por conflitos, brigas e intrigas.

É possível que o tradicional e o plural componham arranjos familiares das trans? A experiência trans é sinônimo de rompimento dos laços familiares consanguíneos? Nos contextos de famílias heterocentradas, o lugar habitável das trans é de transgressão? Essas são algumas das perguntas que suscitam o debate desenvolvido na 3ª Parte, “*(Re) Pensar as famílias nas experiências trans*”. Com o objetivo principal de problematizar a ideia difundida em grande parte dos estudos de que a expulsão de casa é um destino comum às trans, apresentarei outras formas de negociações e arranjos familiares criados na cidade; da coabitação à negociação da performance de gênero, há inúmeras possibilidades de viver a experiência trans e negociar a manutenção dos vínculos familiares biológicos.

Nas “*Considerações Finais*” encontro e aponto algumas reflexões que concluem esse ciclo de pesquisa, debate e militância. Nesse longo exercício foi possível pensar com e sobre as trans e, particularmente, sobre como as amigadas criam, forjam e potencializam modos de vida em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes. Ademais, reconheço as lacunas, os limites e as falhas presentes, mas também pondero sobre as contribuições, as potentes histórias que deram corpo a esta pesquisa que ora é apresentada na forma de texto.

Apresentação

Trânsitos e trilhas: fazer pesquisa com, sobre e além

Pessoas que transitam e transgridem a verdade do trinômio sexo-gênero-sexualidade ocupam o lugar que pode ser compreendido como esse da verdadeira infâmia, pois pertencem a essas “milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastros”³¹. Registradas nas páginas dos jornais da cidade, impressos e virtuais, as trans são transformadas nos sujeitos que “representam” a Parada Gay, ou aqueles “travestis perigosos” que assaltam, estão nas ruas de prostituição, praticam ilegalmente a medicina ao aplicar o silicone industrial ou oferecem perigo à sociedade por serem prováveis “portadoras da Aids”. Essa dinâmica da infâmia, que Foucault indica em seu texto é uma estratégia do autor para que sejamos capazes de voltar o olhar para esses invisíveis da história.

É verdade que desde a década de 1990 os estudos acadêmicos deram maior visibilidade aos sujeitos trans³² e nos quadros do movimento social as particularidades das experiências trans se acentuaram³³, havendo cada vez mais uma separação, mesmo que tênue, entre as especificidades de ser travesti, transexual ou transgênero. Esse quadro, todavia, merece ser percebido considerando-se uma escala espaço-temporal. Sally Hines, tomando a Europa, e Mário Felipe de Carvalho, tendo como campo de análise o Brasil, ambos na primeira década dos anos 2000, focalizaram espaços centrais – capitais, grandes movimentos sociais organizados, pessoas conhecidas e de visibilidade na comunidade LGBT. Ou seja, é preciso ter em conta que essa produção de saberes sobre as experiências trans, seja no âmbito da elaboração de subjetividades, seja na busca por reconhecimento, acaba por privilegiar, dar visibilidade e assim inscrever nos domínios da história uma determinada e específica subjetividade trans, que não contempla as existências ainda infames das trans que habitam as margens – das capitais, dos movimentos, da história. É por isso, talvez, que possamos compreender as experiências trans em Campos dos Goytacazes como essas que habitam os domínios da verdadeira infâmia, como descrito por Foucault.

³¹ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manuel. (Org.). *Ditos e escritos*, IV - Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 206

³² HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 28

³³ CARVALHO, Mario Felipe de Lima. *Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Nesse sentido, justamente em função dessa compreensão e em busca da possibilidade de que suas existências apareçam e possam contribuir para a modificação da história mais do que os registros dos jornais dizem sobre elas, é que essa tese tem dedicado atenção, esforço e carinho para esses sujeitos, pois, como lembra o infame pensador francês:

Não tendo sido nada na história, não tendo desempenhado nos acontecimentos ou entre as pessoas importantes nenhum papel apreciável, não tendo deixado em torno deles nenhum vestígio que pudesse ser referido, eles não têm e nunca terão existência senão ao abrigo precário dessas palavras.³⁴

Em cada entrevista-conversa, cuja duração variou de 40 minutos a 3 horas e 30 minutos, foi produzido um registro, um documento de uma existência que não se arroga ser verdadeiro, possuir as informações mais fidedignas dessas vidas vividas no salto alto ou no chinelo de dedo, mas que certamente contribui para a construção desse herbário³⁵ de vidas singulares.

Considerando que o exercício de pesquisa foi uma tarefa árdua e prazerosa, marcada por imprecisões, desafios e conquistas, considero que é importante evidenciar alguns dos caminhos, das trilhas e dos trânsitos pelos quais essa pesquisa foi tecida. Ademais, compreendendo a importância de se lembrar da presença do corpo, da carne, da respiração muitas vezes ofegante dos sujeitos da pesquisa, de seus modos de ver, sentir e pensar; apresento as pessoas que fizeram essa pesquisa, que possibilitam a visão desde corpos complexos, contraditórios³⁶.

Três das interlocutoras de pesquisa foram entrevistadas durante o Estágio de Doutorado Sanduíche realizado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal) – sob orientação da Prof^a. Dr^a Ana Cristina Santos e do Prof. Dr. Pablo Pérez Navarro –, entre abril e outubro de 2017; e todas as demais em Campos dos Goytacazes, entre agosto de 2015 e maio de 2016.

Desse modo, apresentar cada uma delas e explicar o caminho percorrido, os atalhos e as negativas que apareceram, é uma forma de demonstrar quem são as travestis, transexuais, trans e mulheres que tornaram esse tese possível. Ademais, localizo cada uma delas como integrante do processo de pesquisa. As relações de afeto, carinho e (des) confiança permearam

³⁴ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manuel. (Org.). *Ditos e escritos*, IV - Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 209

³⁵ Ibidem, p. 204

³⁶ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. p. 30

todo o processo; com algumas de forma mais próxima, com outras à distância, mas com todas elas com um cuidado ético de respeitar o espaço do outros, observando com a atenção e indagando com generosidade, sem a curiosidade perversa que possa tornar o outro exótico e menos humano. Pelo contrário, esse exercício de apresentação pretende contribuir para evidenciar o quão humanas são todas essas pessoas.

O encontro com Josy Tavares – 23 de agosto de 2015

Josimaria Tavares, mais conhecida como Josy, foi a primeira pessoa entrevistada para essa tese. Embora não seja uma mulher trans, sua aproximação com o universo de meu estudo, seu engajamento político e social em defesa dos direitos da população LGBT em Campos dos Goytacazes foram importantes para compreender como foram articulados alguns espaços de encontro na cidade, como o *GayOsque*. Ademais, embora essa tese não seja especificamente sobre o Movimento LGBT em Campos dos Goytacazes, articular alguns eventos que envolvam esse movimento foi relevante para a construção das problematizações sobre as experiências trans na cidade. Nesse sentido, a histórica inserção de Josy no Grupo Esperança, bem como sua trajetória de vida como militante, permitem com que sua narrativa fosse repleta de saberes sobre as experiências trans, a chamada comunidade LGBT e a vida noturna na cidade de Campos dos Goytacazes.

O contato com Josy Tavares já ocorre desde meados de 2012, quando comecei a participar do evento que se transformaria na Semana da Diversidade. No dia 23 de agosto de 2015 ela foi até minha casa para conversarmos sobre outros assuntos, e a entrevista acabou acontecendo de forma inesperada. Embora Josy seja uma mulher que se declare como lésbica, portanto não sendo parte do grupo de interlocutoras selecionada para a pesquisa, sua participação nas atividades que envolvem a população LGBT na cidade é expressiva, tanto por ter sido dona de uma das boates gays da cidade, quanto pela execução da Parada LGBT, desde 2006. Assim, considerei que seria rica a possibilidade de registrar seu olhar sobre essas questões em Campos dos Goytacazes, particularmente também porque ela tem várias observações em relação às travestis e transexuais, tendo contatos muito próximos com algumas delas, inclusive com as participantes dessa pesquisa.

Quem tem medo da Débora? – 24 de agosto de 2015

No dia seguinte à entrevista com Josy, consegui marcar a entrevista com Débora, que pedia minha ajuda para resolver um problema de marcação de consulta médica. Esse contato com ela foi feito a partir da morte de Fabiana, em meados de 2015. Como soube que eu a levei para o atendimento médico, Débora conseguiu meu número de telefone com alguma amiga e fez contato comigo a fim de que eu pudesse intervir para ajudá-la a conseguir atendimento no Programa Municipal de DST/AIDS. Após alguns contatos telefônicos, consegui entender que ela já fazia tratamento no programa e necessitava apenas de algum tipo de encaminhamento para um exame de vista. Após algumas conversas, e de tê-la acompanhado até o CEDIP, Débby marcou nossa entrevista para ser feita em sua casa, no Parque São Mateus, no distrito de Guarus. Já era a noite de uma segunda-feira, dia 24 de agosto, quando me dirigi à sua residência, com o combinado de que lá faríamos a referida entrevista. Ao chegar ao local, sem grandes dificuldades, percebi que a humilde moradia era composta por apenas dois cômodos e um simples banheiro “escondido” por uma cortina de plástico. Sua casa ficava bem na frente no estreito terreno, no qual também moravam muitos de seus familiares, e com quem ela relatou já ter tido muitos problemas. Apesar de já ter explicitado para ela qual seria o teor da conversa, as relações de amizade em sua experiência de vida, Débora se mostrou reticente em proceder à entrevista naquele espaço, pois alguns de seus parentes poderiam passar e escutar alguma coisa, indevidamente. Confesso que fiquei tenso, pois não vislumbrava outro espaço em que pudesse realizar a entrevista com o devido cuidado, sem barulhos e em segurança, já que passara das 20 horas e o bairro em que estávamos é considerado “não tranquilo”; tanto mais por eu não ser um nativo daquela região e estar em um carro preto com vidro ligeiramente escurecido (o que poderia chamar mais a atenção dos transeuntes da localidade).

Em um lapso de tempo, pensei e perguntei a ela onde poderíamos fazer a entrevista. Ela respondeu que poderia ser na rua. Quando entramos no carro para sair, Débora, que trajava um vestido longo com um acentuado decote nas pernas, e ajeitava seu cabelos enrolado, cujos cachos eram acertados com algum creme branco que deixava seus vestígios próximo às orelhas, perguntou-me se eu não teria medo de andar com ela, pois ela já havia sido presa e muita gente tem preconceito. Ao que prontamente respondi, com um riso de tranquilidade, que não tinha problema algum, e que confiava nela. Neste momento tive dúvida se ela falara isto para, de alguma forma, me intimidar, ou se estava simplesmente não acreditando que um rapaz visto como branco, de carro e franzino, pudesse se aventurar por

um “bairro perigoso” com uma travesti negra ex-presidiária e que ainda trabalhava como profissional do sexo. Estabelecida a serenidade com risos que se encontraram, percebemos um trato de cordialidade e então, saímos de carro, sob os olhares de vizinhos atentos. Guiado por ela, lembrei-me de um espaço ao lado de uma antiga escola em que eu trabalhara há alguns anos – havia uma Vila Olímpica, com piscina, quadras e um espaço de lazer, no qual supus podermos ter alguma tranquilidade. E assim foi. Chegamos ao espaço, conversei com o segurança responsável e conseguimos autorização para ocupar um dos bancos no jardim, enquanto um grupo expressivo de rapazes, garotos e jovens jogavam bola na quadra.

Após terminarmos de gravar a entrevista, na Vila Olímpica, ao lado da Escola Estadual Wilson Batista, em Guarus, segui de carro para deixá-la em casa. Antes, porém, ela pediu para que “déssemos uma volta” pelo bairro, só para ela ver o movimento, pois há muito tempo não saía de casa. Nisto, ela disse que poderia ter dito muito mais coisas na entrevista, mas que tinha esquecido. Prontamente eu a interrompi e esclareci que poderíamos continuar conversando e que ela me dissesse o que havia esquecido. Ela concordou que assim o fizéssemos que tudo fosse registrado no gravador. Então, liguei o gravador e o coloquei no painel do carro, de modo que pudesse captar o que era dito por ela e por mim. O Resultado foi o registro de mais 30 minutos de conversa e muitas histórias dessa mulher que aos 46 anos de idade, e já fazendo parte do grupo das antigas, se percebe como uma sobrevivente, pois muitas de suas amigas, colegas e conhecidas da época da juventude, já não estão vivas.

O reencontro com Renata Melila – 06 de outubro de 2015

Já conhecia Renata de alguns encontros enquanto entregava preservativos nas ruas de prostituição no Centro de Campos dos Goytacazes; a vi poucas vezes, mas ela sempre foi muito simpática e chegou a me passar seu contato para que fizéssemos uma entrevista à época do mestrado, o que não chegou a ocorrer. Passados mais de 3 anos, tive um novo contato com Renata ao buscar a parceria para a Semana da Diversidade de Campos dos Goytacazes no segundo semestre de 2015, pois ela agora trabalhava como secretária de Fátima Castro, a presidenta da Associação Irmãos da Solidariedade. Em visita à Associação falei para Renata sobre a pesquisa e perguntei se ela gostaria de participar, ao que prontamente respondeu com um sim. Algumas semanas depois fiz contato telefônico com ela e agendamos a entrevista. Quando cheguei, no horário marcado, ela ainda não estava no local, foi então que procedi à realização da entrevista com Juma. No início desta, Renata chegou e logo depois fiz a entrevista com ela, na sala de Fátima, na qual Renata também tem uma mesa.

Com 37 anos de idade, Renata chegou a cursar Serviço Social em uma universidade privada da cidade, mas não concluiu o curso. Branca, com olhos claros e dona de uma habilidade ímpar para se comunicar, ela já foi eleita Miss Gay Campos dos Goytacazes e estampou uma reportagem sobre o evento em um jornal local. Atualmente ela mora com seu marido em uma casa que foi construída no mesmo terreno que a de seus pais

De repente, Juma Oliveira – 06 de outubro de 2015

Conheci Juma em uma visita que fiz à Associação Irmãos da Solidariedade. Após uma breve conversa com a secretária de Fátima Castro, fui levado a uma visita para conhecer as dependências da casa e nisso tive contato com muitos dos internos. Funcionando em Campos dos Goytacazes desde a década de 1980, a Irmão da Solidariedade foi uma das primeiras organizações do Brasil a acolher pessoas que vivem com o HIV/AIDS e tornou-se referência na região norte e noroeste fluminense, abrigando principalmente aqueles e aquelas que não tinham familiares na região e/ou que não podiam contar com o apoio destes para realizar seu tratamento. Nesses quase trinta anos de funcionamento, centenas de pessoas já foram abrigadas na Casa, muitas conseguiram se recuperar e ter uma vida tranquila, enquanto outras tantas foram vitimadas pela AIDS.

Juma conheceu este local por meio de um amigo que é natural de Campos dos Goytacazes, mas mora em Niterói. Ele sabia da existência da Casa, tendo conseguido trazê-la de Niterói, região metropolitana do Rio para iniciar o tratamento contra a infecção recém-descoberta, já que lá não tinha familiares com quem pudesse contar. Após um contato inicial, pedi à Renata Melila que falasse com Juma sobre a possibilidade de fazer a entrevista, ao que ela prontamente atendeu. No dia marcado voltei à Casa e com a ajuda de Ondina consegui uma sala para a conversa com Juma, que nasceu no Ceará, mas mora há quase 30 anos no Rio de Janeiro.

Tendo estudado somente até o 2º ano do ensino fundamental, Juma trabalhou durante toda a vida no comércio, em padarias e bares; e hoje ela tem seu próprio estabelecimento. Aos 48 anos de idade, ela mora sozinha, depois de uma experiência de 7 anos vivendo com um namorado.

“Eu sou nascido e criado aqui na Lapa.” Joyce Vasconcelos– 07 de outubro de 2015

O contato com Joyce foi mediado por Josy Tavares, que já a conhecia há alguns anos e atualmente morava na mesma Vila que ela, no bairro da Lapa. Era uma tarde comum quando fui com Josy até a casa de Joyce, que nos atendeu rapidamente. Falei sobre minha pesquisa e sugeri que pudéssemos combinar outro dia para realizar a entrevista; ela me passou seu contato telefônico e alguns dias depois marcamos a entrevista. Cheguei à sua casa no horário marcado, no fim da tarde, e fui recebido com muita gentileza. Inicialmente ficaríamos no salão de Joyce, que funciona em um cômodo de sua casa, ao lado da pequena sala onde havia uma televisão, um sofá e outros pequenos móveis, mas seu tio assistia uma programação televisiva naquele momento, e então, perguntei se não teríamos outro espaço com um pouco menos de barulho. Foi aí que ela me convidou para subirmos; a parte de cima da casa, à qual tínhamos acesso ao subir uma escada tipo caracol era de Joyce, e contava com um quarto modesto, com sua cama de casal e um guarda-roupas e uma pequena cozinha ao lado do quarto. Sem qualquer cerimônia, ela ligou o ventilador e sinalizou para que eu me sentasse na cama dela, como ela acabara de fazer. Ainda meio constrangido, peguei o gravador, liguei da forma correta e começamos a entrevista. Com o tempo acabei ficando mais tranquilo, e a postura de Joyce ajudou a fazer-me sereno.

Esse local em que Joyce mora é o mesmo desde seu nascimento, portanto, é conhecida por toda a vizinhança, principalmente por também ser a carnavalesca da escola de samba do bairro, a Ururau da Lapa. Além dessa profissão, Joyce também é cabeleireira e possui formação de professores, já tendo atuado por algum tempo na docência. Aos 41 anos de idade, ela diz que é branca porque está na certidão de nascimento, e faz questão de registrar suas conquistas profissionais como efeito de seu imenso esforço por impor o respeito à sociedade.

O café com Anna Laurah Pessanha – 08 de outubro de 2015

Conheci Anna Laurah em 2014 quando ela participou como palestrante da Semana da Diversidade LGBT de Campos dos Goytacazes. Após esse evento, ela sempre esteve presente nas atividades organizadas na cidade, como a Semana da Diversidade LGBT; além de colaborar com a organização de algumas atividades, ela participou de uma das mesas de debate sobre experiências femininas em 2014 e em outra mesa sobre empreendedorismo LGBT em 2017 .

Com quase 1,90 de altura, cabelo comprido, identificando-se como de pele morena, Anna reconhecia que jamais passava despercebida. Além de investir em roupas da moda, seu riso e postura combativa ajudavam a marcar uma presença que poderia inibir eventuais atitudes de preconceito. Sempre muito solícita, assim que a convidei para participar da pesquisa, ela logo respondeu com um sonoro sim. No dia marcado, a peguei no Shopping e fomos para minha casa fazer a entrevista, que foi regada a um bom café da tarde, como ela gosta muito.

Com 32 anos de idade, Anna Laurah cursou o Ensino Médio; já foi apresentadora de um programa de televisão transmitido em canal fechado e atualmente trabalha como microempresária, também investindo em maquiagem, penteados e organização de eventos. Moradora do Parque Esplanada, Anna vive sozinha, mas tem um bom relacionamento com sua família.

É melhor colocar outro nome; pode ser Milena? – 10 de outubro de 2015

Milena já era conhecida por mim desde a época da pesquisa do mestrado. Naquela oportunidade cheguei a propor que fizéssemos uma entrevista, ao que ela atendeu prontamente; disse que bastaríamos marcar o dia e que eu poderia ir até sua casa, em Goytacazes. Como o número de entrevistas no Centro foi o suficiente, e acabei perdendo o contato com ela, a entrevista não foi feita. Mais recentemente voltei a encontrá-la pelas ruas do Centro, durante algumas noites. Falei novamente do projeto e se poderíamos fazer uma entrevista. Ela confirmou que sim, e algumas semanas depois fui até sua casa para realizar a entrevistas que segue. Ela mora em Goytacazes, um distrito que fica próximo ao Centro, cerca de 20 minutos de carro, podendo ir também de transporte coletivo já que fluxo de pessoas para esta localidade e as demais no entorno, é grande.

Cheguei com certa facilidade à casa de Milena, após ela dar as orientações pelo telefone celular; chegando à rua central do distrito virei à direita e segui por uma rua escura com muitas residências, a de Milena era uma das últimas da rua, e ela já me aguardava no portão de sua casa, na companhia de um amigo. Estacionei no carro e fui em sua direção; logo ela se despediu do amigo e entramos para sua casa; ficamos na sala, onde havia dois sofás, um rack com tv e muitos porta retratos, e um ventilador que tentava amenizar o intenso calor que fazia naquele dia, embora o sol já tivesse se posto.

Segundo Milena, ela morava naquela casa com sua mãe, algumas irmãs e sobrinhos. Embora ela tenha sido muitíssimo receptiva, percebi que tinha certo desconforto em falar

sobre sua vida, suas experiências. O efeito desse aparente desconforto foi uma das entrevistas mais curtas de toda a pesquisa, a mais repleta de silêncios e respostas bastante objetivas, o que não significou, entretanto, menor produção de sentidos e significados. Com 22 anos de idade, Milena interrompeu seus estudos no 9º ano do Ensino Fundamental e disse que não trabalhava, muito embora fosse a responsável pela manutenção da limpeza de sua casa.

A empolgação de Wanessa Lóes – 16 de outubro de 2015

Conheci Wanessa ainda no ano de 2014 na *Boate Up*, quando ela chegou com uns amigos para participar de uma festa e conversei com ela, após sermos apresentados pela Josy. À época, falei de minha pesquisa e perguntei se ela gostaria de participar, se poderíamos conversar posteriormente, e ela, na mesma hora, aceitou, demonstrando certa empolgação.

Mais de um ano se passou, estávamos no final de 2015; fiz contato com ela, e falei que a pesquisa estava em execução. Perguntei se poderíamos marcar a conversa; sem hesitar, ela garantiu que sim, mas que naquele momento não seria possível, pois era uma semana muito conturbada no trabalho. Pediu para que eu esperasse até a semana seguinte, que ela mesma faria contato. Como tive receio de ser inoportuno, assegurei que aguardaria sua ligação, mas de fato não esperava que ela fizesse contato, pois isso já me havia ocorrido com outras possíveis interlocutoras.

Uma semana depois, qual não foi minha surpresa recebi sua ligação, dizendo que naquele dia já estaria livre depois das 19 horas, quando findaria seu plantão no Hospital Escola Álvaro Alvim, onde ela atua como Técnica de Enfermagem. Ainda com receio de lhe incomodar, já que naquele dia ela estaria cansada após sair de mais um plantão, sugeri que pudéssemos fazer a entrevista em outro dia, mas ela disse que não teria problema; então, combinamos que eu a buscaria assim que estivesse liberada. E assim ocorreu. Perto das 19 horas fiz contato com ela e segui até o Hospital, Wanessa me esperava na portaria; parei o carro, ela entrou e fomos para minha casa. Apesar de lhe oferecer café e biscoitos, ela recusou, pois já havia lanchado no trabalho. Procedemos à realização da entrevista e ao término a levei em casa, no bairro da Lapa onde mora sozinha na mesma casa em que vivera com seu pai.

Aos 32 anos de idade, Wanessa demonstrou enorme empolgação com a pesquisa e fez questão de dizer: “Olha Rafael, eu espero que eu tenha contribuído com a sua pesquisa... e tenha contribuído muito, pra esclarecer isso futuramente.” (Wanessa Lóes, 16/10/2015).

Afeto, admiração e saudade de Aretha Ferreira – 27 de outubro de 2015

Aretha foi a primeira travesti que efetivamente conheci na cidade de Campos dos Goytacazes em agosto de 2009. Após esse contato inicial nas ruas de prostituição do Centro de Campos dos Goytacazes, passei a entregar preservativos semanalmente e sempre a encontrava. Sempre muito educada, ela aliava simpatia e timidez, sempre com um ar de desconfiança. Misturando encantamento e curiosidade, fui acompanhando Aretha, e busquei respeitar seu tempo de aproximação. Depois de pouco mais de um ano, já tinha sua confiança, a ponto de ela me chamar para ir ao DETRAN para ajuda-la com a vistoria de seu carro. Aretha se tornou mais do que uma interlocutora de pesquisa, pois mesmo após mantive contato com Aretha, sempre a atendendo com alguma ajuda para fazer pesquisas ou tirar dúvidas sobre algum tema de seu estudo, já que ela resolvera terminar o Ensino Médio, em uma escola de supletivos, e fazer o curso de formação em técnica de enfermagem, que ela finalizou em meados de 2016. Assim, com este contato mais estreito com Aretha, falei dessa nova pesquisa e ela prontamente atendeu a minha solicitação de fazer uma nova entrevista. Esta entrevista foi feita em sua própria casa, localizada no Jardim Flamboyant, bairro considerado nobre na cidade de Campos dos Goytacazes.

A certeza de que essa aproximação foi motivada pela pesquisa e que transpassou as fronteiras da relação pesquisador-interlocutora ocorreu durante a entrevista para a tese que ocorreu no apartamento de Aretha. No momento em que falávamos sobre amizade, ela, com calma e alegria, falou:

Não sei, eu acho que amizade tem a ver com afinidade, sei lá. Tem gente que você conhece a vida toda e não é amigo; e tem gente que você conhece hoje e vira seu amigo a vida inteira. Eu acho que é isso. Se todas as pessoas que eu conhecesse fossem meus amigos, eu teria milhões de amigos; cada lugar que eu fosse eu ia ter um amigo maravilhoso, e eu não tenho. Tenho por exemplo... lá em Muriaé eu tenho um amigo, e eu conheço várias pessoas. E não adianta... você ter... amigo tem que ser aquele que você pode contar. Você falar: “Ai gente, tô precisando disso, você vai lá comigo? Vou! Você faz isso comigo? Vou!”. Por exemplo, você é uma pessoa que é um amigo, posso considerar amigo, porque todas as vezes que eu precisei de você, você me ajudou, não teve tempo quente. Ainda falo com todo mundo: “Gente, o Rafael é uma pessoa tão prestativa; merece até ser presidente da República, porque tudo que a gente precisa, ele ajuda; ele não fala não”. Então, a gente... você pode considerar. Agora, a pessoa só conta ...colega não. Você liga... é uma pessoa que você não pode contar. Eu tenho vários colegas, mas eu não posso contar com nenhuma delas. (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

Registrar a história de Aretha neste trabalho traz uma mistura de sentimentos, pois sua vontade de viver, seu gosto e simpatia eram contagiantes. Não menos impactante era ver

como ela buscava um lugar no mercado de trabalho formal e como sempre seu currículo era preterido, ou mesmo na fase de entrevistas ela não conseguia uma colocação em um posto de trabalho para o qual se formara.

Como sua família de sangue morava em uma cidade de Minas Gerais, ela dividia um apartamento com uma amiga em Campos dos Goytacazes, e já estava na cidade há quase uma década. Branca, com um corpo esculpido com silicone industrial, prótese nos seios e cabelos sempre longos, Aretha correspondia ao ideal de “passabilidade” problematizado por Tiago Duque.

Infelizmente ela não estará aqui para ver o fruto da pesquisa para a qual ela tanto contribuiu. Em 16 de setembro de 2017, após dez dias de internação, ela faleceu em decorrência de complicações de seu quadro clínico.³⁷

A longa conversa com Erickah Gòmez – 28 de outubro de 2015

Erickah foi citada por algumas colaboradoras, mas não a conhecia pessoalmente, pois meu contato mais próximo era com aquelas que transitavam pelas ruas de prostituição entre os anos de 2010 e 2012. Assim, Erickah, como tantas outras trans de Campos dos Goytacazes, não estava neste espaço, e por isso cheguei a ela após a indicação.

Aos 35 anos de idade, ela cursa Pedagogia e trabalha como cabeleireira em sua própria casa, onde mora com sua mãe. Durante a adolescência ela cursou Formação de Professores, o que a habilita para atuar no magistério; e também, já no início da vida adulta, formou-se como Técnica de Segurança do Trabalho. Nascida e criada em Campos dos Goytacazes, Erickah mora na mesma casa desde a infância.

O nome de Erickah foi escolhido no ano 2000, quando ela participava de apresentações de *drag queen* na boate *Two Two Four*, ela era chamada de Negresca, nome que fazia referência ao fato de ela ser negra. Buscando desvincular essa identificação, ela escolheu esse novo nome, pois:

Eu falei... não quero nada associado a cor de pele, nada disso. Entendeu?! Porque eu acho que fica uma coisa muito, sei lá.. eu acho.. Tipo, vou me sentir discriminada, entendeu?! Porque, sabe.. ser negra.. tem que... sabe?! (...) Ai eu fui e escolhi o Erickah, Erickah, porque eu sempre gostei muito desse nome; eu sempre achei esse nome muito forte. Eu acho Erickah um nome muito forte, muito lindo, eu acho, de se falar... e muito fácil também. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

³⁷ A causa exata do falecimento de Aretha não foi divulgada pelos familiares.

Nesse início Erickah relembra que precisava escolher um sobrenome, mas não queria “totalmente louco”. E assim, folheando uma revista, ela se deparou com uma reportagem sobre uma tenista cujo nome era Capriat; e a partir de então começou a se apresentar com Erickah Capriaty. Alguns anos depois, considerando estar em outra fase de sua vida, e a preferiu trocar o sobrenome e usar aquele que constava em seu documento de registro, apenas com uma pequena alteração:

É, uma fase que acho que não condiz mais, eu acho que eu queria... eu acho que eu tava... já havia amadurecido, né?! Já tinha passado dessa fase. E... decidi mudar e colocar meu sobrenome mesmo, que é Gomes. Só que eu usei o Z pra dar mais.. dar mais uma... um glamour. É... mas eee... coloquei Gomez e estou até hoje. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Luciana Campos, mais conhecida como Ló – 16 de novembro de 2015

Luciana me foi apresentada por Josy Tavares, que também explicou a ela sobre a pesquisa que eu estava produzindo. Fomos até a casa de Luciana, na Lapa, pois ela estava sem contato telefônico; ela prontamente atendeu à solicitação de fazer a entrevista, mas pediu que marcássemos para outro dia, pois naquele momento estava meio indisposta. Voltei no dia marcado, mas ela não me atendeu. Depois de mais algumas tentativas frustradas, consegui ir até sua casa e trazê-la até a minha e então fizemos a entrevista. Também com o receio de ser um pesquisador que estaria importunando Ló, pedi desculpas e ela me explicou que algumas vezes não atendeu, pois estava dormindo ou simplesmente não estava em casa, e como ela mora sozinha, parecia que não havia ninguém em casa.

Atualmente Luciana não possui um emprego formal e disse que trabalha como profissional do sexo. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Formada em Magistério, Luciana trabalhou como animadora cultural na Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, e já fez diversos trabalhos de artesanato para escolas particulares da cidade. Embora nunca tenha atuado na área, ela também possui formação em Contabilidade. Aos 43 anos de idade, ela diz ter muito orgulho de ser travesti: “Se Deus perguntar: ‘O que você quer ser na outra encarnação?!’ Vou dizer: quero ser homossexual de novo... porque eu sou... entendeu?! E travesti de novo.” (Luciana Campos, 16/11/2015). E uma de seus maiores orgulhos é fazer a dublagem de Elza Soares, a cantora dos seus sonhos; negra, com seu cabelo estilo “*black power*”, Luciana fica muito parecida com Elza.

Juliana Ferraz, sempre de cabeça erguida – 07 de dezembro de 2015

O primeiro contato que tive com Juliana foi durante a entrega de preservativos, em uma das noites em que fui para a “pista” de Campos em meados de 2014. Ela sempre era muito simpática e solícita e, usualmente, dispensava alguns minutos para conversar comigo, sobre coisas da vida, como trabalho, preconceito, a discriminação que sofre por ser travesti, sobre o pouco tempo que começou a ser travesti de fato, e o porquê de estar na rua, já que teria sido demitida do antigo emprego, em que ocupava um cargo de técnica de enfermagem.

Durante estas conversas, perguntei se ela aceitaria participar da pesquisa, concedendo-me uma entrevista e o convite foi respondido com um sonoro sim. Para marcarmos a data e local da entrevista, ela me passou seu número de telefone, e posteriormente liguei para agendarmos. Inicialmente Juliana sugeriu que fizéssemos a entrevista em uma pracinha, em Guarus, pois seu namorado estava por lá com alguns amigos. Mas, quando cheguei ao local combinado, ela falou que poderíamos ir até sua casa, e me pediu uma carona. Ela e seu namorado entraram no carro e seguimos os três para sua casa, que ficava próximo de onde estávamos, no Parque Santo Antônio, no distrito de Guarus. Subimos um lance de escada e chegamos até a casa, de quarto, sala, cozinha e banheiro, com uma pequena varanda que dava vista para um campo de futebol, que naquele momento estava cheio de crianças brincando de bola. Juliana pediu para que eu entrasse e ficasse a vontade; chamou-me até seu quarto e ofereceu a cama de casal para que eu sentasse e assim começaríamos a entrevista, enquanto isto seu namorado ficou na cozinha preparando algo que serviria de almoço para eles. E assim começamos a entrevista.

Aos 34 anos de idade, Juliana já não mora com sua família desde os 19 anos, embora mantenha uma relação de cordialidade com seus parentes. Apesar de afastada da igreja, ela se considera evangélica, pois essa foi sua formação familiar; e recorrentemente cita trechos da Bíblia, atribuindo a Deus o direcionamento de sua vida.

“Sou veado, macumbeiro, e pra chegar onde eu cheguei, meu filho!, tem que rebolar muito, rebolar muito” Áquila Araújo – 18 de fevereiro de 2016

Até a realização da entrevista, eu não conhecia Áquila. Foi durante a conversa-entrevista com Erickah que soube uma mulher muito simpática, educação, alegre e que com certeza contribuiria com a pesquisa: era Áquila. Erickah explicou que ambas eram muito amigas e haviam se aproximado a partir da rede de amigas da qual participavam, além de

também serem frequentadoras do mesmo terreiro de Umbanda e Candomblé, em que Áquila é pai de santo. Como ela mesma disse: “Sou veado, macumbeiro, e pra chegar onde eu cheguei, meu filho!, tem que rebolar muito, rebolar muito”. Embora não tenha aparecido de forma evidente durante a entrevista, Áquila demonstrou que percebe olhares diferenciados por ser “veado e macumbeiro”, e também por ser negra.

Em tom de brincadeira e em meio a muitas gargalhadas, ela explicou o nome que tem: “porque eu sou batizada pelo nome de Áquila, não é meu nome trans. Então, o que acontece?!, é... meu pai fez até uma brincadeira com a minha mãe: “Você viu Baixinha?!, falei com você, bota José Cleber Júnior, por que botou Áquila?” Esse tom anedótico como ela se refere à postura do pai contribuiu para explicitar o bom relacionamento com a família.

Atualmente Áquila mora com seus pais e avó na mesma casa em que nasceu. Filha única e respeitada pela família e vizinhança, ela cursou o Técnico de Enfermagem e possui formação no Curso de Design. Esses conhecimentos contribuíram para que aos 24 anos de idade, ela se tornasse proprietária de uma empresa de festas que funciona em sua própria casa. Apresentando-se como carnavalesca, promotora de eventos e microempresária, Áquila é muito ocupada, o que dificultou a realização da entrevista por algumas vezes.

“Ué, a gente... eu sou afilhada das antigas, eu não sou dessas novinhas não!”

Michely Coutinho – 23 de fevereiro de 2016

O contato com Michely foi feito a partir da entrevista com Áquila, que foi quem me indicou Michely e fez o contato inicial com ela. Muito solícita, aceitou participar da pesquisa e conversamos por quase 2 horas na varanda de sua casa no Parque Tarcísio Miranda, na mesma região que mora Áquila.

Aos 50 anos de idade, Michely possui o Ensino Médio completo e um curso de Técnico em Prótese. Atualmente, com seus pais falecidos, ela mora com irmãos e alguns sobrinhos na mesma casa comprada há mais de 30 anos.

Durante o dia Michely trabalha como recepcionista do Hospital Plantadores de Cana, no Centro de Campos dos Goytacazes, mas faz questão de registrar que no ambiente de trabalho ela traja roupas masculina para não “afrontar” a sociedade.

Assim como Erickah e Áquila, Michely também é negra e umbandista/candomblecista, mas diferentemente das duas primeiras, ela percebe que pode se identificar como gay, “porque você já nasce homossexual, com a vivência você vai se transformando. Uns homens chegam casar, né?!, chegam ser bissexual, outros passivos, outros ativos, outros travesti, entendidos..

como queiram, né?!, complicado... divide.. acaba tudo em gay! (Michely Coutinho, 23/02/2016)

Andréa Castro, disposição para lutar, vontade de viver – 29 de fevereiro de 2016

O contato com Andréa foi feita a partir da entrevista realizada com Renata Melila e Juma na Associação Irmãos da Solidariedade em outubro de 2015. À época perguntei à Renata se Andréa aceitaria participar da entrevista, e ela logo disse que sim. No entanto, demoramos um pouco para conseguir marcar o dia da entrevista. No dia marcado, fui até à Associação e sendo muito bem recebido por Andréa, nos dirigimos até à salinha do Serviço Social para fazermos a entrevista.

Ávida por contar sua história, Andréa começou a falar antes mesmo que o gravador fosse ligado. Residente da Associação desde a sua fundação, em 1988, Andréa está atualmente com 46 anos de idade. Natural do Rio de Janeiro, ela migrou para Campos ainda na adolescência, por intermédio de uma amiga. Nessas três décadas em que mora em Campos, Andréa concluiu o Ensino Médio e formou-se como Técnica de Enfermagem, embora não tenha atuado na profissão.

Considerando-se como branca e uma mulher transexual não resignada, Andréa falou durante a entrevista com um tom de tristeza sobre os efeitos do HIV em seu corpo, particularmente por ter perdido todo o investimento que fora feito com os hormônios.

Paulette, a estrela do Carnaval – 02 de março de 2016

Paulette foi uma das grandes surpresas da pesquisa. Soube de sua existência ao comentar com amigos sobre a pesquisa. Com alguma imprecisão, ouvi dizer que existia uma “das antigas” que era frequentadora assídua do Bloco de Samba Os Psicodélicos. Sem maiores informações, precisei começar uma investigação para saber quem conhecia Paulette.

Após alguns meses de buscas, consegui seu contato telefônico. Esse, certamente, foi um dos mais difíceis de todo o trabalho, não por sua indisponibilidade ou afastamento, mas porque todos que lembravam dela, não tinham seu contato telefônico, mas acreditavam que nem mais viva ela estaria. Alguns me diziam que ela deveria ter 90 anos, outros um pouco menos. Pelo que percebi, ela figurava como uma lenda, como aquela do tempo anterior ao das antigas. Juntamente com Jolivete Lorenzoni e Argeu, ela era uma das travestis mais conhecidas da época do Carnaval Campista da década de 1970 e 80. Para minha surpresa, ela

estava mais próxima do que eu poderia imaginar, e foi Erickah quem me deu a dica certa: ela era *habitué* na quadra do Bloco de Samba Os Psicodélicos. Foi aí que fiz contato com uma amiga que eu sabia ser integrante deste grupo e perguntei sobre Paulette. Na mesma hora ela me disse que se tratava de uma pessoa amabilíssima, de muita gentileza e um riso fácil. Comprometeu-se a buscar o contato telefônico e me passar. Algumas semanas depois Aucilene me passaria o contato de Paulette e enfim eu conseguiria ligar para ela, falar sobre o trabalho e marcar a entrevista. Com uma simplicidade ímpar, ela aceitou na mesma hora e disse que eu poderia ir à sua casa ou ela vir à minha.

Na tarde do dia 02 de março fui buscá-la em sua casa, na mesma rua em que está localizada a quadra de samba que ela frequenta toda semana. Ao chegar me deparei com uma senhora negra, magra com cabelos longos e que andava com alguma dificuldade devido aos ferimentos de uma ulceração que tinha na perna. Aos 68 anos de idade, natural de Santo Antônio de Pádua, ela mora em Campos há cinco décadas. Desde que se aposentou, há quase dez anos, ela mora sozinha nessa casa no centro da cidade. Com uma escolarização que não a permite ler e tampouco assinar seu nome, Paulette diz que se identifica como travesti, mas que muitas vezes chega a ser “confundida” como uma senhora, chegando a receber o lugar no ônibus para se sentar.

Durante praticamente toda a vida ela trabalhou como doméstica. Segundo sua lembrança desde a época da adolescência, quando ainda era :

(...) porque eu tava lá na casa da minha mãe de criação a troco de comida e roupa, né?! Não tinha o ordenado certo. Trabalhava, e fui criado...acabei, na casa dela praticamente. Que eram... 12 filhos, então eu ajudei... Ajudei a criar esses 12 filhos dela, até hoje, eles são meus irmãos de criação, eles me adoram. Minha mãe mesmo de criação, a minha verdadeira já morreu há muito tempo, a minha mãe de criação tem dois anos que já é morta. Então, eles me adoram, como se fosse irmão dele mesmo. (Paulette, 02/03/2016)

Atenção, cuidado e gentileza com Patrícia Pinheiro – 14 de março de 2016

Não é sem motivo que Patrícia foi a penúltima entrevistada da primeira etapa da pesquisa. Em meados de 2015, quando já buscava conhecer outras pessoas que pudessem participar da pesquisa, já que até então tinha um contato mais intenso com as travestis da pesquisa anterior, do mestrado, fui informado de que havia “uma das antigas”, e que era a primeira a realização a mudança de documentação de registro civil. Uma das pessoas que me falou com empolgação sobre Patrícia foi Josy Tavares, que chegou a cogitar a possibilidade da sua participação na 3ª Semana da Diversidade, na mesa de debates sobre diversidade e

religiões afro-brasileiras, isso porque além de trans, Patrícia também seria mãe-de-santo, e responsável por um terreiro (que não soube se seria de umbanda ou candomblé). Após várias investidas de Josy, consegui ligar para Patrícia, que se mostrou extremamente reticente e recusou o convite para ser entrevistada. As tentativas foram várias, e ela sempre argumentava que não queria se expor, que hoje era uma pessoa normal e não gostava de ficar lembrando do seu passado de dor e tristeza, referindo-se à vida antes da realização da cirurgia de redesignação sexual. Compreendendo sua recusa, eu já havia desconsiderado a possibilidade de sua participação no evento público que seria a Semana da Diversidade, mas igualmente pensava ser importante ouvir sua história de vida e assim entender outras possibilidades de percursos trans na cidade de Campos dos Goytacazes.

A vontade em conversar com Patrícia só aumentava na medida em que comecei a entrevistar outras trans da cidade e muitas citavam a existência de um quarteto, praticamente fantástico, formado por travestis das antigas, ou como muitas se referiam “as daquela época”, lembrando a década de 1980.

O contato com Patrícia se estendeu por mais alguns meses e eu explicara a ela que gostaria de conversar mesmo sem fazer gravação e não precisaríamos tocar em assuntos que não fossem de seu interesse. Dito isto ela aceitou fazer a entrevista, mas todas as vezes que marcamos, a tentativa foi frustrada; um telefone desligado, fora de área ou uma mensagem não respondida eram os sinais evidentes de que ela não queria falar. Deparei-me com um dilema: continuar tentando ou esperar? “Eu escolhi esperar”. Não vale tudo por uma pesquisa; invadir o espaço alheio, violentar pessoas que já sabemos terem sido cotidianamente violentadas, não parecia ser uma opção justa. As lembranças para Patrícia compunham um passado que ela trabalhara para esquecer, para não compor seu presente.

Tempo depois vi que esta escolha além de ética, foi a mais acertada. Continuei a realizar entrevistas e foi quando encontrei Andréa Castro que mais uma possibilidade se abriu. Durante a entrevista Andréa citou Patrícia como alguém muito especial, e que seria muito importante para o trabalho: “Eu queria que você conversasse com Patrícia; eu vou conversar com ela, pra ela conversar com você. Se ela não quiser falar aqui, eu dou um jeito até de levar você na casa dela. Ela mora aqui perto” (Andréa Castro, 29/02/2016). Foi neste momento que um sopro de esperança chegou e finalmente acreditava ser possível realizar a tão esperada entrevista com Patrícia. Andréa se comprometeu a falar com Patrícia e pediu para que eu ligasse alguns dias depois. Cumpri com o combinado e ela disse que Patrícia havia aceito o convite.

Quase duas semanas depois fiz contato novamente com Patrícia e ela disse que poderia fazer a entrevista naquele momento, o final da manhã de uma segunda-feira, 14 de março de 2016, e que eu poderia encontrá-la na Associação Irmãos da Solidariedade, onde ela já estava. Mais do que depressa, fui até a Associação, a encontrei e seguimos para uma sala reservada por Andréa para realizarmos a entrevista. Tomado por um misto de euforia, nervosismo e alívio, demos início à conversa.

Após pouco mais de uma hora de conversa, Patrícia fez uma observação no encerramento da entrevista. Foi um diálogo importante:

Patrícia: E fazer o que você sempre.. nas suas entrevistas é uma coisa é.... guarde sempre essas minhas palavras.... as suas entrevistas que você fizer com as pessoas, sempre seja respeitosa.

Rafael: Sim! Por que, você acha que eu fui desrespeitoso?!

Patrícia: Não, maravilhoso! Eu fiquei a vontade pra conversar com você!

Rafael: Não, porque eu tenho esse cuidado.

Patrícia: Eu conversei com você, tipo assim, eu fiquei um pouco perdida, tipo assim... porque....

Rafael: O que que ele quer saber?!

Patrícia: Eu fui me soltando, entendeu?! Eu não sabia... tipo assim, seele perguntar num sei o que, o que que ele vai me perguntar. Eu fui me soltando

Rafael: Aham.

Patrícia: Né?! Aquela coisa e tal... fui pegando um pouquinho ali, um pouquinho... juntando, pra dar aquela coisa, né?! (Patrícia Pinheiro, 14/02/2016)

Esta pequena história é cheia de linhas, fraturas, fissuras e relevos que podem ser explorados, testados e usados para refletir sobre como os processos de produção de um documento a partir do uso da História Oral é marcado por imprecisões, medos e processos de negociação entre pesquisador e pesquisado, considerando que ambos são sujeitos da pesquisa e, portanto, atuaram na construção do documento que foi criado.

Longe de servir para desqualificar a fonte escrita impressa, sob a acusação de ser “muito subjetiva”, são elementos que localizam, historicizam e permitem compreender o contexto de sua produção; não a faz, portanto, mais ou menos válida, mas atesta que, como qualquer documento, há uma condição de possibilidade de sua produção; condição esta que é histórica, material e também afetiva, pois depende desses laços do não dito, do não relatado, mas que estão sempre ali, ligando, potencializando, fazendo conectar pessoas e histórias que estavam em fluxos diferentes.

Por fim, algumas informações sobre quem é Patrícia: aos 52 anos de idade, ela fez questão de mostrar sua “carteira de identidade”, em que consta seu nome e sexo femininos. Branca, com cabelos loiros e uma fala suave, Patrícia é microempresária, sendo proprietária

de um pet-shop. Além disso, é responsável por um terreiro de candomblé, onde é mãe de santo. Natural de Campos dos Goytacazes, Patrícia morou alguns anos no Rio de Janeiro, ainda na década de 1980, e durante os anos de 1990 ficou entre o Brasil e a França. Atualmente está residindo no Brasil desde 2014, mas tem planos de voltar para a Europa.

Chana Carla, histórias de uma vida – 06 de maio de 2016

Chana Carla é uma das travestis mais conhecidas na cidade de Campos dos Goytacazes. Sabia de sua existência a partir da leitura do artigo escrito por Marinete dos Santos Silva e Fábio Bila, sobre ela e Jolivete Lorenzoni, e por encontrá-la algumas vezes nas ruas do Centro, durante a pesquisa do Mestrado em 2010-2012. Entretanto nunca havia conseguido contato mais direto com ela, de modo que pudesse entrevistá-la. A oportunidade começou a se concretizar quando lhe enviei uma mensagem pelo *Facebook*, explicando de meu interesse de pesquisa. Este contato foi a única forma de encontrar Chana, já que todos que a conhecia sabiam apenas que ela estaria morando com sua mãe em um distrito de São João da Barra, cidade vizinha a Campos e ninguém tinha seu contato telefônico. Depois de um tempo descobri que o “sumiço” de Chana se dera em função de ter sofrido um acidente de moto, que a deixou algum tempo hospitalizada e até hoje com problemas de locomoção, tendo que fazer fisioterapia e outros tratamentos médicos.

Como de fato ela estava morando em um distrito de São João da Barra, onde o sinal de telefone celular é ruim, não conseguiria falar com ela por telefone, ainda que tivesse o número. Pelo *Facebook*, ela me passou seu contato e começamos a conversar pelo *whatsapp*, a fim de marcarmos a entrevista, após eu explicar qual seria o objetivo da minha pesquisa. Sempre muito simpática e solícita, mesmo sem ter tido um contato presencial comigo, Chana marcou a entrevista para ser feita na Associação Irmãos da Solidariedade para um dia, no fim da manhã. Cheguei ao local marcado, mas ela acabou não aparecendo. Após algum tempo, justificou que não conseguira cumprir o que fora combinado, me pediu desculpas e marcou outra data. Esta seria o dia 06 de maio de 2016, uma sexta-feira, pela manhã. Cheguei à Associação no horário combinado com Chana e demos início à nossa conversa.

Durante a entrevista Chana se apresentou ora como travesti, ora como transexual, e narrou sua trajetória desde a saída do distrito de Cazumbá, em São João da Barra, aos 12 anos de idade, até hoje, aos 52 anos. Atualmente ela mora com a mãe e se alegra em ter uma família muito extensa; tia de 69 sobrinhos, ela se sente muito amada e respeitada por todos, mas destaca que soube construir seu lugar.

Como é apresentado nesta tese, Chana foi uma das figuras de maior destaca em alguns eventos na cidade de Campos desde o início dos anos de 1990; das ruas de prostituição ao teatro Municipal Trianon, Chana Carla provocou muito “alvorço” e se definiu como promotora de eventos.

Ser cidadã italiana, a conquista de Bianca – 22 de junho de 2017

Bianca é natural de Minas Gerais, mas chegou a Campos no final dos anos de 1990 e, como ela mesma relatou: “acabei ficando”. Atualmente com 38 anos, Bianca migrou para a Itália em busca de uma vida melhor: o luxo, a riqueza e as possibilidade de conquista financeira advindas do mercado sexual.

Mesmo não morando mais em Campos, ela mantém o vínculo com as amigas e com o terreiro de candomblé ao qual está ligada. Em Bérghamo, cidade Italiana em que Bianca está desde 2006, quando chegou ao país, ela mora com amigas brasileiras e trabalha na rua ou em casa fazendo programas.

A aproximação com Bianca para a realização da entrevista deu-se ainda em 2016 quando descobri a existência de algumas trans de Campos que haviam migrado para a Europa. Uma dessas amigas seria Bianca e foi Erickah quem me apresentou virtualmente a ela; foi por meio do *Facebook* que lhe enviei as primeiras mensagens ainda em 2016; e quando cheguei à sua casa em Bérghamo, lhe agradei pela confiança. Foi então que ela fez um comentário que demonstrou a existência de uma rede de informações, afetos e confiança, que me permitiu ser recebido por ela: “É, mas você foi indicado por uma pessoa de confiança minha. Não é que eu te conheci ali na rua e te trouxe pra casa. (...)Porque antes de você falar comigo, quem falou comigo foi Erickah. Antes de você.” (Bianca, 22/06/2017)

A simpatia de Patrizia Lemos – 23 de junho de 2017

Patrizia é natural de Campos dos Goytacazes e há quase uma década mora em Bérghamo, na Itália. Desde a sua ida, ela também já morou por um tempo na Suíça, mas retornou à Itália. Atualmente com 39 anos de idade, ela se considera morena, candomblecista e transexual. Formada em um curso de Técnico de Informática por uma Escola Técnica Federal de Campos dos Goytacazes, ela explica que sua ida para a Europa foi em função da prostituição, mas que almeja desde então uma melhor condição de vida e a possibilidade de não mais depender dessa atividade. Sem a pretensão de voltar a morar no Brasil, ela vive com

seu marido em Bérghamo e vem ao Brasil esporadicamente para visitar a família e amigos que ficaram em Campos.

Durante a época em que morava em Campos, Patrízia era conhecida como Dani, e talvez por isso em nenhuma das entrevistas seu nome tenha sido mencionado. Soube que ela morava na Itália após uma das interlocutoras sugerir que havia uma “antiga amiga” que lá estava, mas com quem ela não tinha contato. Nessa indicação recebi apenas o nome de Patrízia, e a observação de que ela e a pessoa que me falou dela não eram amigas. De posse de seu nome, cuja especificidade da grafia com Z, não foi difícil encontrá-la ao fazer a busca pelo *Facebook*.

Assim, o primeiro contato com Patrízia foi feito por meio dessa rede social, em meados de abril de 2017. Primeiramente lhe enviei um convite de amizade, e em pouco tempo recebi uma mensagem privada em que ela dizia: “Desculpa mas não adiciono desconhecidos.” (Patrízia, via *Facebook* – 25/04/2017). Diante dessa situação busquei me explicar, e ela reiterou que em sua rede social adicionada como amigos apenas aquelas pessoas que ela realmente conhecia e com quem tinha relações de amizade presencialmente e virtualmente.

Diante dessa situação, em que me senti muito constrangido, tanto pelo equívoco metodológico na estratégia de aproximação, quanto por ter sido invasivo e inoportuno, busquei desenfreadamente escrever uma explicação capaz de amenizar o passo mal dado. Nesse exercício de escrever com receio e cuidado o pedido de desculpas, fui explicando a Patrízia minha pesquisa, e particularmente evidenciei que já conhecia muitas das pessoas de Campos com quem ela já teria amizades antigas, prioritariamente aquelas que pude verificar como sendo amigas em comum no *Facebook*. Com isso busquei criar um espaço de confiabilidade. A conversa aconteceu pelo recurso do Messenger do *Facebook* (forma de envio de mensagens privadas, e que podem ser vistas e respondidas em tempo real) e durou alguns minutos. Após considerar que conseguira adentrar esse espaço de confiança, perguntei a ela se seria possível e viável minha ida à Bérghamo para que conversássemos e talvez fazermos uma entrevista. Ficou em aberto a data, pois ela viajaria de férias para o sul da Itália em meados de junho.

Desde esse primeiro contato virtual, mantivemos uma troca esporádica de mensagens, a fim de confirmar o dia e horário em que poderíamos nos encontrar, já que nesse momento eu estava em Portugal e no deslocamento à Itália também faria a entrevista com Bianca. Após as negociações, marquei a data com Bianca, dia 22 de junho, e com Patrízia, dia 23 de junho. Ao realizar a entrevista com Bianca, descobri que ela era amiga de Patrízia, e que ambas

teriam ido para Bérghamo em períodos próximos; fora Bianca quem incentivara Patrízia a deixar o Brasil.

No dia 23 de junho, às 14 horas, cheguei à casa de Patrízia. Localizada em uma pequena rua sem saída nas proximidades do Centro de Bérghamo, o apartamento em que morava com o marido e suas cachorrinhas, era delicadamente decorado e aconchegante. Ela explicava que era seu espaço e que fizera a decoração do seu gosto. Para a entrevista ela sugeriu que ficássemos no quarto/escritório em que ela faz alguns serviços de técnica de informática.

Antes do início da entrevista, expliquei a ela sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e perguntei sobre o nome que ela gostaria que fosse usado. Sem titubear, ela pediu que fosse Patrízia, pois, inclusive, estava com um processo de retificação de nome na Justiça Brasileira. Ao falar sobre esse assunto, ela pegou em sua caixa de documentos o laudo psicológico elaborado por uma psicóloga italiana e a referida tradução para o português juramentada, que assim teria validade jurídica no Brasil. Nessa tradução, cuja cópia li atentamente, há um resumo do laudo de 12 páginas escrito pela psicóloga italiana; os traumas da infância, episódios de violência doméstica, o sentir-se mulher, a vontade de usar roupas femininas e o desconforto com o corpo masculino (e não com o órgão genital), foram os elementos acionados para justificar o diagnóstico de Patrízia, enquadrada no DSM-5 como disforia de gênero.

Enquanto eu fazia a leitura do laudo, Patrízia comentou sobre o quão válida foi a consulta com a psicóloga em março de 2017, pois foi a partir das palavras da psicóloga que ela teve a certeza de que era trans; muito embora já vivesse a experiência trans há mais de duas décadas, as palavras da psicóloga pareciam estar revestidas de um poder de legitimação da existência trans de Patrízia.

Depois de três horas e trinta minutos de uma entrevista que virou uma conversa com momentos de evidente emoção, Patrízia explicou-me o que transcorrerá desde nosso primeiro contato pelo *Facebook* e a efetivação da entrevista, quase dois meses depois. Durante esse período ela conversou com uma amiga que morava em Campos, e com quem eu também fizera uma entrevista: Patrícia Pinheiro. Segundo ela, foi grande amiga Patrícia, quem lhe ofereceu “boas referências” sobre minha conduta enquanto pesquisador/pessoa. Essa situação é muito rica para pensar sobre essa formação de redes de afetos e confiança nas experiências trans, o impacto que isso teve, por exemplo, nesta pesquisa. Lembro que Patrícia só aceitou participar da pesquisa após a intervenção de Andréa Castro. Essa rede as protege, é uma forma de cuidado entre elas e manter afastados aqueles que as possam colocar em risco.

“Eu sou europeia de verdade!” Helena – 11 de julho de 2017

Helena foi a última pessoa a participar da pesquisa que realizei durante o Estágio de Doutorado Sanduíche. Quando entrevistei Patrizia, falei longamente sobre minha pesquisa e o quanto estava engajado no projeto. Interessada no assunto e na forma de abordagem, ela começou a fazer sugestões de nomes que poderiam contribuir com o trabalho. Um desses nomes era Helena.

Assim como Bianca e Patrizia, Helena mora em Vigo, uma pequena cidade da Espanha. Aos 46 anos de idade, ela está há mais de duas décadas na Europa e diz que jamais pretende voltar a morar no Brasil. Negra, com o Ensino Médio completo e trabalhando como autônoma, Helena se apresenta como uma mulher, pois compreende que era transexual até a realização da cirurgia; após esse fato, sem qualquer tipo de arrependimento: “Pra mim, é... não há nenhum arrependimento de ser a mulher que eu sou, de ter me operado, de ter... é... me tornado a pessoa que eu sou.” (Helena, 11/07/2017).

A aproximação com Helena foi mais cuidadosa do que a feita com Patrizia. Após uma rápida busca no *Facebook*, descobri sua conta pessoal e constatei que tínhamos três amigas em comum, uma delas era Chana Carla, com quem realizei a entrevista em 2016. Sabendo disso, enviei uma mensagem para Chana e pedi que ela fizesse o intermédio do meu contato com Helena. Em poucos dias, já no final de junho, Chana falara com Helena e já me passara seu contato telefônico; além disso, pude adicioná-la no *Facebook* e então começamos a conversar.

No dia 07 de julho liguei para Helena e fui atendido por uma voz repleta de simpatia e acolhimento. Então, falei-lhe demoradamente sobre a pesquisa e ela disse que me receberia em sua casa. Com a mesma simpatia e gentileza, fui recebido e pernoitei em sua residência no dia 10 de julho. Nas longas horas de conversa que antecederam a entrevista, fui apresentado à cultura musical espanhola, principalmente à cantora Isabel Pantoja, por quem Helena nutre muito carinho.

Com uma vida que considera estável, sem luxo, mas com grande estabilidade, Helena vive com seu marido em um apartamento próprio, possui dois carros novos na garagem e viaja constantemente para diversas regiões da Espanha e outros países da Europa.

É, portanto, essa Helena, que hoje possui cidadania espanhola e documentação registrada com sexo e gênero femininos, que se saiu de Campos dos Goytacazes e hoje diz de forma taxativa que é “europeia de verdade”:

É! Eu sou europeia de verdade! Eu não sou as europeias ditas europeias só porque eu fui pra Europa... eu tive lá 1 ano, 2 anos, 3... eu sou europeia. Europeia sou eu! Europeia é quem vem pra cá e vive; porque não adianta se esconder na Europa; tem que viver na Europa. E eu aqui vivo, não me escondo. Eu queria que você frisasse essa frase pra mim. (Helena, 11/07/2017)

Agradecer, reconhecer e justificar

Ao apresentar cada entrevistada, interlocutora, sujeito de pesquisa, empreendi um duplo exercício: o de descrever sucintamente cada uma dessas pessoas que partilhou suas histórias de vida, e indicar alguns dos percursos dessa pesquisa, ou seja, como e em que circunstâncias as entrevistas foram feitas.

Reconheço que isso pode ter deixado o texto muito descritivo, mas o objetivo era justamente esse, pois todas elas aparecerão em diversas partes do textos, algumas mais, outras um pouco menos; daquelas que falaram por horas, ou apenas por alguns minutos, todas foram imprescindíveis para a construção dessa tese. Sabendo da limitação que essa apresentação tem, reforço que ela é uma maneira de aproximar as leitoras e leitores desses sujeitos que vivem ou viveram em Campos dos Goytacazes.

Finalizo informando que todas as falas utilizadas em forma de citação durante a tese respeitaram a maneira como foram expressas pelas trans; erros, equívocos e incorreções gramaticais, concordâncias verbais e nominais em descompasso ou mesmo palavras erradas foram transcritas da maneira como o gravador registrou. Alerto que essa escolha foi feita na medida em que considero que a linguagem também informa, forma e permite captar compreensões de mundo, níveis de escolarização, formas de ser e se reconhecer. Enfim, respeitar a maneira como elas expressaram-se é uma forma de não realizar um apagamento higienizador que busque homogeneizar essas experiências trans. Lembro, todavia, que não se trata de um discurso limpo, verdadeiro, isento de interferências; pelo contrário, o próprio contato com o pesquisador (um homem dito branco, cisgênero e gay), o local de realização de cada entrevista e a maneira como o acesso foi feito são alguns dos elementos que contribuem para localizar, situar e perceber essas narrativas-documentos como parte de um saber possível e localizado que foi construído sobre essas experiências trans.

1ª Parte - As múltiplas-cidades

Capítulo 1

Muitas cidades em uma cidade: miradas sobre a Planície

Deem à sociedade em que vive o que ela quer ver, e não serão questionados. Ao invés de ter que sofrer preconceitos por causa de sua vida e seu estilo de vida, você pode caminhar confortavelmente, misturando-se com todo mundo. Você apagou os erros, as falhas, para fazer uma perfeita ilusão.³⁸

O interesse de muitas pesquisadoras e pesquisadores sobre Campos não é recente; no campo historiográfico, particularmente aquelas/es que dedicam atenção ao fenômeno da escravidão têm especial atenção aos arquivos presentes na cidade. Mas não é só a História de Campos que suscita olhares sobre a cidade. Pesquisando em sites que disponibilizam dissertações e teses produzidas no Brasil nos últimos anos, encontrei 496 registros³⁹ utilizando o buscador Campos dos Goytacazes, distribuídos em diversas áreas do conhecimento, tais como: História, Sociologia, Museologia, Zootecnia, Agronomia, Química, Biologia dentre outras. A esta busca também pode-se somar os 376 livros sobre Campos que estão disponibilizados na Biblioteca Campistana⁴⁰, todas obras digitalizadas e que podem ser consultadas *online*.

Fundada em 1993, a Universidade Estadual do Norte Fluminense foi idealizada por Darcy Ribeiro e Leonel Brizola e desenhada por Oscar Niemeyer. Nessa universidade há dois Programas de Pós-Graduação voltados para a investigação da realidade social da cidade: o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política e Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais.

Foi nesta universidade que cursei o mestrado entre 2010 e 2012. Durante muitos contatos com colegas e professores, e também nos “papos de botequim”, era comum ouvir uma descrição de Campos como uma cidade conservadora. Somando-se a uma série de adjetivações que contribuía para corroborar a ideia de mentalidade provinciana, como descrito acima. Há de se registrar que muitas vezes esses discursos eram alimentados por

³⁸ PARIS is Burning. Direção: Jennie Livingston, 1990. (118min). Filme disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mBVBipOl76Q>. Acesso feito em 10 de março de 2018.

³⁹ Banco de teses da CAPES: <http://bancodeteses.capes.gov.br/> - Acesso feito em 04 de abril de 2016.

⁴⁰ Conforme consulta no site: <http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/index.php/autores> - Acesso feito em 04 de abril de 2016.

“estrangeiros” que ocupam certos espaços institucionais (acadêmicos ou não), e se sentiam autorizados a serem os/as “portadores” da sua “missão civilizatória” de dizer como a cidade deve ser, como as pessoas precisariam “evoluir”.

Embora essa forma de contar sobre Campos estivesse presente em meu cotidiano, me interessei por ouvir sobre a cidade por meio de outras narrativas. Muitas seriam as possibilidades para a construção de uma narrativa sobre Campos dos Goytacazes; um texto capaz de inventar uma cidade aberta a possibilidades e criações várias. Como nunca é possível escrever tudo, um caminho precisou ser escolhido e assim o fiz. Optei pelo enfoque que privilegiasse aquelas que historicamente foram abandonados pela história; marginalizados, excluídos ou silenciados, foram sujeitos cujas vidas pouco mereceram atenção e por isso quase nunca aparecem nas pesquisas historiográficas. Foi neste domínio que elegi as interlocutoras da pesquisa – as travestis e transexuais, que como já explicado serão indicadas como trans. Priorizei pessoas que vivessem em Campos dos Goytacazes, sendo naturais desta terra ou que estivessem morando nela por outros motivos. Embora seja vasta a bibliografia sobre a história de Campos, pouco foi produzido sobre temas relacionadas ao gênero e à sexualidade e, como foi dito por Tânia Navarro Swain: “O papel da historiadora e do historiador, em meu entender, não é afirmar tradições, corroborar certezas, expor evidências. É, ao contrário, destruí-las para reviver o frescor da multiplicidade, a pluralidade do real.”⁴¹

É com este intuito que busquei dialogar os sentidos que as trans atribuíram à cidade de Campos dos Goytacazes e as reportagens encontradas nos jornais locais nos últimos 25 anos (1990-2015). Todo o material dos jornais foi disponibilizado pelo médico e amante da história de Campos, Wellington Paes. Em sua residência tive acesso aos jornais: *Monitor Campista*, *A Notícia*, *A Cidade*, *O Diário* e *Folha da Manhã*⁴².

⁴¹ SWAIN, Tânia Navarro. História: construção e limites da memória social. In: RAGO, Margareth e FUNARI, Pedro Paulo A. (orgs). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 44

⁴² *Monitor Campista* foi o jornal mais antigo em circulação na cidade, tendo funcionado de janeiro de 1834 a novembro de 2009. A *Folha da Manhã* iniciou suas atividades em janeiro de 1978, e mantém-se em circulação até o ano de 2016. A escolha por estas duas fontes principais dá-se em função de sua periodicidade diária e disponibilidade para consulta de todo o acervo no Arquivo Público de Campos e também por terem sido indicados como os jornais de maior circulação pelo assessor de pesquisa do Arquivo Público. *A Notícia*, *O Diário* e *A Cidade* aparecem como fonte na medida em que foram encontrados registros no arquivo pessoal de Wellington Paes, médico campista que mantém em sua residência um acervo considerável sobre a história de Campos dos Goytacazes. Foi ele quem disponibilizou seu arquivo para a consulta desta pesquisa. O material organizado por envelopes e pastas estava separado com a etiqueta: Homossexualismo, Aids, Irmãos da Solidariedade, e contava com mais de 500 notícias publicadas desde a década de 1990 – este material será privilegiado para as análises feitas neste capítulo. Esta escolha se dá pelo acesso possível e pela variedade de notícias

Analisando esse período de duas décadas e meia, busquei compreender como esses sujeitos e temas foram elaborados discursivamente pela imprensa local; quem diz e o que é dito sobre as trans em Campos? Como estes discursos são produzidos e que tipo de cidade é inventada a partir deles? Em seguida, dediquei um esforço para registrar um evento realizado desde o ano de 2006, por uma ONG da cidade chamada Grupo Esperança, que foi responsável pela Primeira Parada do Orgulho GLBT. Este exercício foi importante para compreender como uma determinada experiência trans foi elaborada por meio da mídia local. Além disso, os grupos responsáveis por tais eventos representavam a junção de muitas pessoas que viam nesses momentos uma possibilidade de viver outras experiências. Nesse sentido, os laços de amizade potencializavam eventos públicos, bem como contribuíam para a proliferação de subjetividades que tencionavam, subvertiam e provocavam a cisheteronormatividade.

É por meio de um dito popular que se pode começar a desconfiar desse conservadorismo provinciano descrito anteriormente. “Campos dos Goytacazes, terra do açúcar e do melado, em cada janela uma puta, em cada esquina um veado”, é uma forma de explicar muito do que permeia as relações sociais e os olhares lançados sobre o maior município do estado do Rio de Janeiro, é também uma forma de provocar e aguçar as investidas de pesquisas que problematizem e complexifiquem a compreensão sobre as narrativas elaboradas sobre essa cidade.

Há muito tempo uma série de pesquisas, textos, livros, autores e autoras vem dedicando tinta, tempo e talento para narrar e tecer a história de Campos. Nos clássicos autores da terra, pode-se reconhecer o esforço de “homens ilustres”, que fizeram um grande trabalho memorialístico e literário, tais como: Alberto Lamego⁴³, Júlio Feydit⁴⁴ e José Cândido de Carvalho⁴⁵. Estes autores são tidos, nos dias atuais, como memorialistas ou factuais.

⁴³ *A Terra Goitacá a luz de documentos inéditos e Mentiras históricas, Verdadeira notícia da fundação da Matriz de São Salvador e de seus párocos de 1652 a 1925*, ambos publicados nas primeiras décadas do século 20. É importante notar que, por vezes o nome Alberto Lamego pode causar alguma confusão. Os títulos citados são de Alberto Frederico de Moraes Lamego, que é pai de Alberto Ribeiro Lamego, o qual publicou quatro livros sobre o estado do Rio de Janeiro: *O homem e a serra*, *O homem e a Guanabara*, *O homem e a Restinga* e *O homem e o Brejo*, durante as décadas de 1940 e 1950, conforme apresentado por Rui Aniceto Nascimento Fernandes em *Colecionismo e história. Reflexões sobre a prática historiográfica de Alberto Lamego na década de 1910*.

⁴⁴ *Subsídios para a história de Campos dos Goitacases*: desde os tempos coloniais até a proclamação da República. A primeira edição foi de 1900; em 1979 foi relançado por sua neta Hilze Peixoto Diniz Junqueira em comemoração aos festejos do Santíssimo Salvador.

⁴⁵ *O coronel e o lobisomem* publicado em 1964.

Também na literatura, ao longo do século 20, a cidade inspirou autores que narraram as dores e delícias de se viver na Planície Goytacá. Na obra regionalista de José Cândido de Carvalho o coronel Ponciano ganhou destaque como personagem principal, e na literatura lírica de Thiers Martins Moreira, em *O menino e o Palacete* (1954) e *Os sêres* (1963), o autor criou uma personagem que o representava na época de criança, ainda no início do século 20; com esse recurso narrativo ele lembra, tece e cria as suas memórias de infância, quando era morador de um Palacete em que funcionava o Hotel Amazonas⁴⁶. Ao falar dos “sêres” que habitam sua memória, do tempo em que era criança, Thiers Martins institui uma realidade que vivia da janela do hotel, que era seu Palacete: de um lado ele observava a presença das “queridas e proibidas”, ou seja, as meretrizes que circulavam pelo Centro urbano de Campos no início do século 20; e por outro lado, as igrejas. Na cena criada em sua memória, uma mulher “das casas da área condenada” cruza o caminho do Palacete até a Igreja e adentra o templo “do nome da Virgem”⁴⁷. Há, neste registro literário de Martins um indício histórico relevante: a presença de espaços e sujeitos que praticavam a prostituição. Putas e padres, o sagrado e o profano estavam ligados, coexistindo, negociando; não eram polos opostos, mas possibilidades, existências que produziam a realidade e as histórias dessa cidade.

Durante as entrevistas, ao falar sobre a cidade, uma expressão ganhou um tom mais pesado nas palavras de Erickah: “Nascer bicha em Campos é horrível!”. Considerando que a categoria bicha como uma forma englobante de se referir a todos aos gays, veados e trans, ela narra a história de um amigo:

José, por exemplo, uma vez a gente conversando, ele me contando que uma vez ele passou, ele, ele... a mãe, a tia, eu não sei, alguém espalhou que ele era homossexual, e nisso ele tinha 12 anos, e foi posto pra fora de casa, então, ele teve que se prostituir, teve que se prostituir, teve que conhecer a vida muito cedo, entendeu?! Então, assim, ele passou por muita humilhação, apanhou uito na rua, teve, sabe?!, que viver na rua, pedindo esmola, viver se prostituindo, porque naquela época travesti era isso; era aquelazinha, aquelazinha de cabelinho mais compridinho, entendeu?!, que usava roupinha... Então, assim, são coisas, sabe?!, que eu vejo assim... Caraca, nenhuma dessas passou a metade que as daqui de Campos passaram. Então, eu acho que assim... eu credito que por ser uma cidade do interior também, que eu acho ... que tava isso. Então, assim, eu vejo: caraca, o sofrimento foi aqui gente. Nascer em Campos... Elas sempre falam: “Nascer bicha em Campos é horrível!”, entendeu?! Então eu acho que... sei lá, eu acho que

⁴⁶ O Hotel Amazonas matem-se em funcionamento até este início de 2018, entretanto já não mais representa a mesma imponência e luxo do século passado, tanto mais porque a região em que está localizado, no Centro da cidade, tornou-se conhecida por abrigar pequenos hotéis e motéis utilizados para encontros sexuais.

⁴⁷ MOREIRA, Thiers Martins. *Os sêres*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963. p. 101-102

Campos tem uma história mais sofrida em relação a essa coisa da travesti.
(Erickah Gomez, 28/10/2015)

Esse sofrimento é em função de que? Por que a cidade que tem tantos avanços tecnológicos ainda se mantém com uma mentalidade considerada conservadora, tradicional e até mesmo dita atrasada? Primeiramente é preciso desfazer a ideia de que o quadro econômico pode definir e criar um modelo comportamental e de mentalidades que seja mais liberal e dita avançada. Wanessa descreve Campos com o discurso comum de quem percebe a cidade como uma cidade tranquila, pacata mas com as pessoas com a “mente muito fechada”; ela destaca, ainda, os avanços que a cidade já teve em diversas áreas, mas que isso não se fez acompanhar pela mentalidade da população:

Nunca morei em um outro lugar; já visitei alguns outros lugares, mas morar não. Olha! Apesar de nunca ter ido pra outro lugar, eu vejo Campos ainda como tranquila, as pessoas ainda com a mente fechada em certos assuntos, é uma cidade que cresce muito em outras coisas, mas a mente ainda continua fechada das pessoas, as pessoas aqui tem a mente muito fechada, entendeu?! Se vê dois caras ou duas mulheres andando de mão dada, já é o boom ainda...e não era pra ser isso. Eu não sei, eu não entendo, porque é uma cidade tão grande, não era pra ter ... É uma cidade que cresce tanto em não sei o que lá, e naquilo, naquilo... mas na mentalidade mesmo, eu não entendo! (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

E Anna Laurah corrobora o argumento de Wanessa explicando que a cidade reproduz uma mentalidade provinciana, em que a realidade é de:

De guerra. Ai... como eu te falei, esse povo é muito provinciano... esse povo... eles são; assim, muitas das vezes eles chegam a ser ridículos; assim, ... e o engraçado é que eu vejo mais aceitação com o gay aqui em Campos do que com a própria trans. Eu acho que a discriminação é pouca... Inclusive até partindo.. voltando ao assunto da minha mãe, minha mãe fala... minha tia mesmo, até essa minha tia do Rio falava: “Você quer ser gay, seja igual esses gayzinhos que anda igual homem, pra que botar vestido, pra que num sei o que...”; eu mandava ela cuidar da vida dela, que ela tava velha pra ficar cuidando da vida dos outros. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Ser trans em Campos é lido por Anna como uma guerra cotidiana. Ao estabelecer essa definição ela esclarece que há uma aceitação maior da homossexualidade do que da transgeneridade; a fala de sua mãe e sua tia reiteram esta ideia de que ser um gay masculino cisgênero pode garantir menos obstáculos para se transitar na sociedade, garantindo-se, com isso, a manutenção de um padrão cisnormativo que pune, agride e ameaça aquelas e aqueles que vivem as experiências trans.

Em contato com esses sentidos atribuídos à Campos, e comparando-os com aqueles elaboradas pelas trans, um enunciado define o que é a cidade: Campos dos Goytacazes

consegue aliar inovação ligada ao desenvolvimento tecnológico, da indústria sucroalcooleira à exploração do petróleo e o tradicionalismo religioso muito marcado pela presença da Igreja Católica, com bispos e padres posicionando-se publicamente em assuntos ligados à moral e aos costumes. Um dos elementos que contribui para pensarmos essa ideia de tradicionalismo na cidade é a presença da TFP – Tradição, Família e Propriedade - organização civil ligada à Igreja Católica que defende valores tradicionais de formação familiar baseados na tradição cristã, conforme disponível no site do movimento TFP (tfp.org.br).⁴⁸

A presença desse movimento em Campos dos Goytacazes ficou ainda mais destacada com Dom Castro Mayer, que fundou, em 1951, “o mensário Catolicismo”, cujo “trabalho de redação era realizado em São Paulo pelo grupo liderado por Plínio Corrêa de Oliveira”⁴⁹ e cuja atuação no cenário político de Campos na segunda metade do século 20 foi expressiva. No processo de reforma agrária ocorrido no município, com a implementação do assentamento Zumbi dos Palmares, a TFP foi uma das organizações sociais que se posicionou contrária à desapropriação das terras, considerando que muitos de seus apoiadores eram fazendeiros do município⁵⁰. Estes são alguns dos indícios de que o conservadorismo religioso é um dos elementos que compõe a trama histórica deste município. Durante a década de 1990 dois acontecimentos marcaram, mais uma vez, o posicionamento da Igreja Católica na cena pública da mídia local. O primeiro foi em decorrência da realização do I Fórum dos Sexualmente Discriminados, em março de 1996, que gerou um repúdio de Dom Roberto Guimarães, Bispo de Campos; com o título “Bispo de Campos divulga nota condenando fórum de debate”:

⁴⁸ “A família gera necessariamente a tradição e a hierarquia social. Depauperar e enfraquecer a família destrói a cultura e a civilização impregnadas de tradições cristãs. É o ensinamento do Papa Pio XII.” – Disponível em: <http://www.tfp.org.br/tradicao-familia-e-propriedade/por-que-tfp> - Acesso feito em 05 de janeiro de 2017.

⁴⁹ ALTOÉ, André Pizetta. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): uma instituição em movimento*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, 2006. p. 42

⁵⁰ GONÇALVES, Renato Luiz. *A atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes, RJ: uma análise do Assentamento Zumbi dos Palmares*. Viçosa – MG, 2012. p. 74

Figura 1: Bispo de Campos divulga nota condenando fórum de debate

Bispo de Campos divulga nota condenando o fórum de debate

Tanto o I Fórum de Debate dos Sexualmente Discriminados e a passeata de gays, lésbicas e simpatizantes, uma das atividades do evento, foram realizadas pela Associação Irmãos da Solidariedade, mesmo com o repúdio da Igreja Católica, representada pelo Bispo de Campos, Dom Roberto Guimarães. Dom Roberto enviou um fax à associação e a alguns órgãos de comunicação colocando-se contra o fórum e a passeata e afirmando que “a sexualidade tem que ser reprimida”.

A presidente da entidade, Fátima Castro, acredita que se a igreja católica revisse seus valores, provavelmente iria ajudar na diminuição do número de portadores do

vírus da Aids no país. O problema existe no próprio meio da igreja, afirma Fátima Castro, e a prova disso é que nos últimos 10 anos morreram mais de 40 padres vítimas da Aids.

“Nós não estamos agredindo a ninguém. Agressão pra mim é a fome, a violência, a doença em si, contraída por falta de informação ou por ignorância. É preciso que a sociedade saia da mentalidade provinciana, para uma vivência mais ampla, respeitando aqueles que têm determinadas opções sexuais”, afirma Fátima Castro.

Segundo a presidente da entidade, esta mentalidade está gerando pessoas enrustidas sexualmente e, em tempos de Aids, esse comportamento é considerado de alto risco, já que estimula relacionamentos paralelos.



Dom Roberto disse que a igreja condena este tipo de comportamento.

Fonte: *Folha da Manhã*, p. 6, 03 de março de 1996⁵¹ (Arquivo pessoal de Wellington Paes).

⁵¹ “Tanto o I Fórum de Debate dos Sexualmente Discriminados, quanto a passeata de gays, lésbicas e simpatizantes, uma das atividades do evento, foram realizadas pela Associação Irmãos da Solidariedade, mesmo com o repúdio da Igreja Católica, representada pelo Bispo de Campos, Dom Roberto Guimarães. Este sacerdote enviou um fax à associação e a alguns órgãos de comunicação colocando-se contra o fórum e a passeata e afirmando que “a sexualidade tem que ser reprimida”.

A presidente da entidade, Fátima Castro, acredita que se a igreja católica revisse seus valores, provavelmente iria ajudar na diminuição do número de portadores do vírus da Aids no país. O problema existe no próprio meio da igreja, afirma Fátima Castro, e a prova disso é que nos últimos 10 anos morreram mais de 40 padres vítimas da Aids.

“Não estamos agredindo a ninguém. Agressão pra mim é a fome, a violência, a doença em si, contraída por falta de informação ou por ignorância. É preciso que a sociedade saia da mentalidade provinciana, para uma vivência mais ampla, respeitando aqueles que têm determinadas opções sexuais”, afirma Fátima Castro. Segundo a presidente da entidade, esta mentalidade está gerando pessoas enrustidas sexualmente, em tempos de Aids, esse comportamento é considerado de alto risco, já que estimula relacionamentos paralelos.”

Além de dar destaque ao posicionamento do Bispo, sem, no entanto, ter uma justificativa muito aprofundada, a reportagem apresenta o posicionamento da presidente da Associação Irmãos da Solidariedade, Fátima Castro⁵², responsável pela organização do encontro. A fala de Fátima enfatiza aquilo que ela entende ser uma hipocrisia da Igreja: o fato de muitos padres da Igreja Católica morrerem em decorrência da Aids; e também destaca o que ela denomina de mentalidade provinciana, que seria responsável pelo aumento da infecção pelo HIV.

O segundo acontecimento ocorreu em 1998, quando São Sebastião fora eleito como o padroeiro dos homossexuais. Na página 5 do jornal *A Cidade* de 27 de janeiro de 1998, a polêmica fora apresentada com um título simbólico - “São Sebastião, entre a cruz e o arco-íris: Bispo de Campos causa polêmica ao condenar a escolha do santo como padroeiro dos homossexuais e é acusado de homofobia”; a reportagem trazia ainda duas imagens: de um lado o Bispo de Campos em uma cerimônia religiosa, e do outro Fátima Castro.

Em ambos os acontecimentos o embate com a igreja se dera em função da visibilidade da sexualidade e de uma atitude considerada como afronta aos valores e preceitos religiosos. Nos dois casos, também, Fátima Castro apareceu como figura de destaque, por ser presidente de uma ONG voltada ao acolhimento de pessoas que viviam com HIV-Aids e ser considerada, por alguns, a madrinha da população LGBT da cidade.

⁵² Fátima Castro é assistente social, moradora de Campos dos Goytacazes. Desde a década de 1980 desenvolve um trabalho com pacientes HIV/Aids. É a responsável pela fundação da Associação Irmãos da Solidariedade, em 1988, sendo a presidente da entidade desde então. Conforme consta no *website* da instituição: “A Associação Irmãos da Solidariedade (A.I.D.S) é uma Organização Não Governamental sem fins lucrativos que trabalha com portadores do vírus Hiv/Aids que não tem onde morar ou que perderam a referência familiar em Campos dos Goytacazes – Estado do Rio de Janeiro. As ações da ONG estende-se a outras cidades e estados.” – Disponível em: <http://irmaosdasolidariedade.org.br/sobre-nos/quem-somos/> - Acesso feito em 15 de agosto de 2016.

Figura 2: São Sebastião entre a cruz e o arco-íris

A CIDADE - CAMPOS DOS GOYTACAZES - TERÇA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 1998 PÁGINA -05

São Sebastião entre a cruz e o arco-íris

Bispo de Campos causa polêmica ao condenar a escolha do santo como padroeiro dos homossexuais e é acusado de homofobia

O Bispo de Campos, dom Roberto Gomes Guimarães em seu artigo do último domingo - A Voz do Pastor - condenou a nomeação de São Sebastião como padroeiro dos homossexuais. O santo foi escolhido a partir de uma pesquisa realizada pelo Grupo Gay da Bahia, segundo matéria divulgada na edição do último dia 20, no jornal A CIDADE.

No artigo dom Roberto citou uma passagem do apóstolo São Paulo, escrita no livro de 1^o Coríntios, para afirmar que os homossexuais não herdarão o reino dos céus. "Não vos iludais! Nem os impudicos, os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, herdarão o reino de Deus", citou o Bispo.

Dom Roberto também classificou como "gritante aberração" o fato da imagem de São Sebastião amarrado no tronco de uma árvore, seminu e ferido por flechas ter despertado a sensualidade dos gays. "Era assim que a irreverência brutal dos carrascos procedia para com as vítimas indefesas dos cristãos, condenados a tão inominável execração pública", defendeu.

A posição manifestada pelo bispo provocou revolta na assistente social, Fátima Castro, presidente da Associação Irmãos da Solidariedade, que assiste vítimas da AIDS, e exerce um trabalho de orientação sexual junto à comunidade gay. "Em pleno final de século existem pessoas que ainda estão mal informadas cientificamente. Homossexualismo não é vontade de ninguém. Estudos já

comprovaram a presença de um gene no ser humano que determina esse fator. Além disso, é uma posição hipócrita, porque em São Paulo, ano passado, 85 padres homossexuais morreram de AIDS", afirmou.

Fátima também citou outras personalidades da Igreja que no passado foram homossexuais, como "Santo Agostinho", e ainda questionou a passagem do apóstolo São Paulo, citada pelo Bispo. "Deus é pai e nos ama incondicionalmente. Esta homofobia é muito estranha", disse.

Para o jornalista Chico Aguiar, a posição de Dom Roberto é polêmica e impossível de explicar em poucas palavras. "Ele está exercendo o direito de orientar suas ovelhas e o faz de forma convencional, excluindo uma parte do rebanho muito carente de aceitação e apoio. Como católico por formação, eu prefiro ouvir pensamentos contra a fome, a miséria e a injustiça social, daqueles que elevaram dom Helder Câmara, Frei Leonardo Boff e Dom Paulo Evaristo Arns; por exemplo, de cardeais a ídolos religiosos do Brasil.

Além de eleger São Sebastião como padroeiro dos homossexuais, os gays também elegeram o Mosteiro de São Sebastião dos Beneditinos, no centro de Salvador, como o santuário homossexual do Brasil. O presidente do grupo, o antropólogo Luiz Mott, justificou afirmando que São Sebastião é cultuado pelos gays desde a Idade Média, e teria sido o soldado romano preferido do Imperador Diocleciano, dando margem para especulação sobre um possível caso amoroso entre os dois.

Luiz Mott também é responsável por outras polémicas. Há dois anos, por exemplo, depois de realizar um minucioso estudo chegou à conclusão que Zumbi dos Palmares, herói negro, era homossexual. Mott baseou-se no fato dos carrascos de Zumbi, depois da execução, terem arrancado os testículos do herói e colocado em sua boca, "execução comum contra os homossexuais na época". O fato também gerou grande insatisfação e Mott chegou a sofrer ameaças por parte da comunidade negra.

Para reforçar sua contestação ao texto de Dom Roberto, Fátima Castro também põe em dúvida a veracidade de alguns pontos da bíblia. "A bíblia foi escrita por homens, e muita coisa foi deturpada. Em momento algum de sua vida, Jesus condenou homossexuais e prostitutas. Ele condenou sim, os mentirosos, os ladrões e os caluniadores", afirmou. Na tarde de ontem, o bispo Dom Roberto Guimarães não foi encontrado para comentar o assunto.



Dom Roberto citou o apóstolo São Paulo para afirmar que os gays não entrarão no reino dos céus



Fátima Castro disse que Santo Agostinho também era gay

Fonte: A Cidade, 27 de janeiro de 1998 (Arquivo pessoal de Wellington Paes).

A dimensão da religiosidade cristã na vida da cidade é forte⁵³; integrando também as experiências trans. Em duas entrevistas a presença da religião cristã ganhou peso nas narrativas. Joyce e Juliana narraram histórias que desnaturalizam a ideia de que todos os

⁵³ No Censo feito pelo IBGE em 2010 registrou-se (disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330100> – Acesso feito em 13 de agosto de 2016): 232.568 católicos apostólicos romanos, 144.025 evangélicos, e 10.956 espíritas. Segundo informações de Vanessa da Silva Palagar Ribeiro, e Elson dos Santos Gomes Junior: "Os evangélicos representavam 20,79% da população campista, em 2000, e 31,06%, em 2010", tendo havido um crescimento de pouco mais de 10%. (RIBEIRO, Vanessa da Silva Palagar e GOMES Jr., Elson dos Santos. *Gênero, pentecostalismo e assistência: um estudo de caso da Assembleia de Deus em Campos dos Goytacazes*. Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de História, de 25 a 27 de setembro de 2013.

espaços cristãos repudiam a presença trans, levando a pensar que somente religiões afro-brasileiras as acolhem e aceitam. Joyce lembrou de sua criação com os avós:

Eu sempre fui católico, né?!; minha vó sempre me levou à igreja, às missas, mas depois que ela faleceu, eu já não ia mais. Eu vou lá uma vez ou outra... (...) Hoje, eu no centro, eu não sei se esse homem é padre, ou ele é alguma coisa da igreja, porque foi assim: dia 06 de... de... out... de agosto, é o dia do padroeiro da cidade; aí eu levantei, falei assim “Hoje eu vou à missa”, me arrumei e fui à missa; mas, quando eu cheguei lá na missa, já tinha terminado a missa...

Na São Salvador, lotadíssima. Então, aonde eu ia passar pra entrar na igreja tinha muitas mulheres conversando, que não ia dar pra passar, aí eu fui pra dar o rodo, que eu não ia sair... não ia deixar de entrar na igreja não; esse cara pensou que eu não ia entrar, agarrou no meu braço e falou assim: “pode entrar, aqui não tem preconceito não”, falou assim comigo. Aí eu, “Ah tá, obrigado”. Aí foi que eu vi ... fiz assim, aí entrei, já tinha terminado a missa, aí fiquei lá, fiz minha oração, fiz o que tinha que fazer, tirei foto... e vim embora. Hoje eu encontro com esse homem de novo; que eu fui lá ver o negócio dos brinquedos, tô descendo do carro com uma amiga minha, ele passa: “É, você não apareceu lá na igreja mais, hein!” Eu olhei pra ele! “Tá me conhecendo não?” Eu falei: “Não senhor!”... “Daquele dia da igreja lá... daquele dia da festa de São Salvador...”. Eu falei: “Ah, o senhor que mandou eu entrar, que não tinha preconceito...” “É, aparece lá, aparece lá na missa, aparece lá, você é bem-vindo!”. Eu falei: “Com certeza.” (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

A Igreja a que ela se refere na situação descrita é a principal da cidade, localizada na praça central, a Catedral de São Salvador. Embora ainda seja um dos símbolos do Centro da cidade, as Igrejas Católicas⁵⁴ não são mais as únicas; nas últimas décadas apareceram inúmeras igrejas pentecostais e neopentecostais⁵⁵. A história de Juliana pode compor este outro roteiro religioso possível, pois como ela fez questão de enfatizar:

Eu fui criado na igreja, né?! No lar cristão, a maioria cristão e tal... aí veio me perguntar, com muito afeto, tanto por parte da minha avó,

⁵⁴ Para uma reflexão sobre a questão do catolicismo em Campos, é oportuna a leitura da dissertação *Jovens católicos e a Jornada Mundial da Juventude: religiosidade e o catolicismo na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ*, de Michelle Piracicaba Araújo, defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF. Neste trabalho, a autora dedica algumas páginas para descrever o catolicismo em Campos dos Goytacazes.

⁵⁵ Um exemplo disso pode ser verificado com a inauguração, em 2005, da Catedral da Fé, da Igreja Universal do Reino de Deus, erguida no Centro da cidade, próximo à Catedral São Salvador (da Igreja Católica). A questão do “fenômeno evangélico” na cidade tem sido tema de pesquisa apresentado em dissertações e teses produzidas no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF, como: *Política da fé: a eleição municipal e o projeto político/assistencial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em Campos dos Goytacazes-RJ* (Pedro Costa Azevedo, 2014); *Juventude e religiosidade evangélica na cidade de Campos dos Goytacazes: singularidades em torno de jovens moradores de favelas* (Naiana de Freitas Bertoli, 2013) e *Música Gospel e sociabilidades juvenis: modos de relação com o religioso entre os evangélicos* (Carine Lavrador de Farias, 2013), os mais recentes.

principalmente... com muito afeto. [...] eu fui nascida e criada na Igreja Batista. [Hoje em dia] vou de vez em quando... Claro, assim, hoje em dia não tenho vínculo com nenhuma, mas sempre, de vez em quando que der eu vou; quando bate aquela tribulação, aqueles problemas vêm, entendeu?!, aquela, aquela bola de neve... (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Além de falar sobre si no masculino, a narrativa de Juliana retrata o passado em que foi criada na igreja. Mesmo que não seja mais frequentadora assídua, as marcas e efeitos do pensamento religioso ainda ecoam na forma como ela se percebe enquanto uma cristã que tem temor a Deus e é conhecedora da palavra. À época da entrevista, com seus 34 anos, ela estava há oito meses desempregada, mesmo tempo em que assumira para si e para a sociedade a possibilidade de viver a experiência trans publicamente. Após ser demitida de seu cargo de técnica de enfermagem, ela fez uma transformação em seu corpo percebida como definitiva: a aplicação de silicone industrial. Embora a retirada do silicone industrial seja possível, o caráter de definitivo atribuído a ele se dá em função de duas situações: a primeira é a dificuldade desse processo ser feito de maneira exitosa e a segunda é a comparação com a ingestão/aplicação de hormônios femininos, percebida como uma forma de investimento corporal mais branda e menos invasiva. Juliana explicou que foi neste momento que começou a trabalhar como profissional do sexo; e foi justamente neste espaço que sua “mente trans” teve que se adequar à realidade de ser “travesti”. Ela explica que isso ocorreu em função dos clientes que a procuram na rua:

Eu me identifico assim mais como trans, mas só que na, no convívio com os homens, no contato com os homens, eu consegui me adequar como travesti, porque eu sempre tive a mente de trans, só que nos contatos que eu tive com homens, eu vi que homens não procuram mulher. A mente de trans quer viver como mulher, ser como mulher para um homem, mas todo homem que me procura, que nos procura, vamos dizer generalizando mesmo, não quer uma mulher; aí a gente vai e acaba se adaptando a um homem que a gente fica, entendeu?! Então, na verdade, ele não quer uma mulher, ele quer um homem... uma fisionomia de mulher com o pênis. Entendeu?! E se sentir penetrado por alguém com essa fisionomia de mulher. E quando a gente quer ter... faz uma mudança de sexo, faz uma vagina, ou não... ou ainda não faz a mudança de sexo, mas não gosta de usar o órgão genital masculino, as próprias pessoas que ficam com a gente, reclamam. Eles gostam... têm essa vontade, esse desejo sexual dos homens de procurar transexuais e travestis não é porque... é mulher, mas sim por não ser, porque mulher por mulher, já têm em casa. Eles mesmo falam isso. (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

A noção de ser uma mulher cisgênero ou uma mulher trans aparece no discurso de Juliana a partir de um referencial heteronormativo, em que o homem cisgênero é colocado como o outro que confere legitimidade à experiência trans. Ser trans na cabeça e ser travesti no corpo surge como a dinâmica possível de um repertório de automeleção elaborado a

partir de referenciais pautados na heterossexualidade. Nesse breve trecho, Juliana evidencia como sua elaboração é perpassada pela experiência na prostituição, na relação com os clientes e do possível fetiche de estar com uma “mulher que não é mulher”.

Falando sobre esse tempo em que esteve na prostituição, Juliana se lembrou de um dia em que encontrou abertas as portas de uma igreja que estava no caminho de sua casa até a as ruas do Centro (onde ocorre majoritariamente a prostituição de rua em Campos). Ao se deparar com a porta aberta, ela entrou como estava: de shortinho, blusa decotada e seu ímpeto religioso.

Esse caminho percorrido a levaria até a 21 de Abril, famosa rua do Centro de Campos, conhecida no passado como Rua da Cebola, e reconhecido espaço de prostituição, das antigas casas de moças de costumes fáceis, até as recentes travestis da 21 de Abril. Moradora de Guarus, Juliana atravessara uma das 5 pontes que ligam a margem direita à esquerda do Rio Paraíba do Sul, e entrou em outra realidade; o trânsito era mais que físico ou geográfico, era espacial, e continuou a ser redimensionado a cada passo por ela dado. Essa foi:

A última vez que eu fui em uma [igreja]; todo mundo ficou assim [sinal de boca aberta], mas também tava com um short desse tamanho [sinal de pequeno com a ponta dos dedos]; eu tava saindo da 21 (de Abril), eu tava indo pra pista, eu pass... eu olhei na igreja, bateu no meu coração, entrei... eu não quis saber a roupa que eu tava, nem... quando eu entrei, que a ficha caiu... todo mundo ficou assim óh (sinal de boca aberta)... todo mundo olhando pra mim. Aí eu falei... meu Deus, olha a roupa que eu tô aqui... A Bíblia diz que venha como estás, naquele exato momento que me deu necessidade de ir... eu não deixei de ir por isso... mas quando eu entrei todo mundo ficou chocado, e ninguém levantou pra me dar um lugar, que a igreja tava lotada... não teve ninguém com coragem de falar assim: “senta aqui você que é visitante”, aí eu fui... me senti mal, fui e saí, mas não deixei de entrar, né?!, fui, fiz a minha parte. (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Essa ideia do tradicionalismo, da mentalidade provinciana descrita por Wanessa, Anna Laurah, Erickah e Fátima, também pode ser corroborada pelo evento narrado por Joyce. Ela fala de um tempo não muito preciso em sua memória, talvez meados dos anos de 1990, quando começou a investir na autodeterminação e nas intervenções corporais:

E... e... aí, voltando ao assunto de quando eu comecei a fazer show, aí eu comecei a fazer show, teve uma coisa que foi uma polêmica aqui em Campos, né?! Essa bicha Marquinhos, quando ela entrou na Igreja Universal, ela pegou a fita... mas aí eu não era ainda do grupo. Eu só... eu só ia pra ajudar elas a se vestira, tátátátá... Quando eu fiz o primeiro show no grupo, foi logo quando... logo depois ela saiu. Ela me procurou, mandou eu sair dessa vida... depois que ela entrou na Igreja; mas aí eu já tava transformada já, sair dessa vida... (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

O grupo a que Joyce se refere é “As Panteras” e aparece como um espaço de sociabilidade de gays e travestis que se montavam para fazer shows, chamados de transformistas. Nesse, como em muitos outros grupos artísticos, as relações de amizade foram responsáveis pela criação de fortes laços de afeto, e sustentadas por uma dinâmica de confiança, cumplicidade e ajuda mútua. A atitude do recém-convertido provocou um abalo nessa estrutura. Quando pergunto a Joyce se a pessoa em questão era uma trans, ela responde:

Não, ele era transformista, gay... ele era transformista. Ele não pegou uma fita... era fita K7, num deu na Igreja?! A Igreja botou na Rede Social... passou na televisão e tudo... os amigos meu, fazia show. Queria processar ela e tudo... (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Este evento marcado na memória de Joyce foi registrado em um dos jornais da cidade como uma pequena nota:

Figura 3: Revolta gay



Fonte: Jornal não especificado e sem data (Arquivo pessoal de Wellington Paes).⁵⁶

⁵⁶ A anotação com caneta azul presente na Figura 3 já estava feita quando tive acesso a essa fonte, e possivelmente foi feita por algum leitor que teve acesso a esse exemplar do jornal.

Como evidencio mais adiante, nessa e em outras reportagens, as experiências trans são narradas e tecidas como sinônimo de “gay”, transformismo ou homossexualidade, portanto, identidade de gênero e orientação sexual são, muitas vezes, narradas como sinônimos. Ao longo do texto, percebe-se como a ideia da transgeneridade, enquanto uma experiência de gênero, foi forjada e associada à homossexualidade. Embora reconheça que não sejam a mesma coisa, há uma ligação entre elas. Joyce que à época era identificada como um gay-transformista, hoje se reconhece como travesti. É, portanto, nesse jogo em que gênero e sexualidade são redimensionados, no qual surgem e proliferam as experiências trans, de forma datada.

O gosto da experiência, ou, sobre como são forjadas as subjetividades trans

Nas primeiras páginas de *História da Sexualidade II - O uso dos prazeres*, Michel Foucault explica a mudança operada em seu projeto inicial sobre a história da sexualidade. Como parte de seu argumento para justificar a mudança de abordagem, ele acionou a ideia de experiência, entendendo-a como “correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade”⁵⁷.

Pensar sobre as experiências trans que mobilizam os jogos do corpo, gênero, sexo e sexualidade e sua condição histórica de possibilidade tendo como potência as relações de amizade é um dos exercícios desenvolvidos ao longo dessa tese. É na tensão, negociação e esgarçamento entre campos de saber, de normas e formas de subjetivação que emergem as travestis, transexuais, transgênero, bichas e veados. Reconhecendo e destacando que tais categorias não são a-históricas ou simples palavras, importa pensar que as experiências modelam, preenchem e dão sentido a cada uma dessas formas de nomeação de si, as quais agenciam e participam de processos de autodeterminação e autodefinição.

Essa produção de sujeitos se dá enquanto repertórios de experiências; não há, como destaca Nicolazzi, um sujeito a priori:

Assim, percebe-se que se reconhecer como sujeito não significa reencontrar-se em uma identidade interior ou anterior, situada em um lugar originário. Em outras palavras, quer se dizer que a subjetividade não é, de maneira alguma, uma categoria a priori, mas que o sujeito existe apenas na medida

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 10

em que se constitui como tal. A experiência, por sua vez, traz em si mesma sua própria historicidade, os limites temporais que a delinham. Ela não é colocada como que por sobre uma história que a perpassa anterior a ela e que definiria seu fim próximo; ela mesma é o começo e o fim de uma determinada história. Em uma expressão, experiência é a dupla construção, a da história pelos sujeitos, a dos sujeitos nas histórias.⁵⁸

Em “Experiência: uma fissura no silêncio”, Durval Muniz de Albuquerque Júnior problematiza a noção de experiência em Michel Foucault e Edward Thompson. Para Albuquerque Júnior, Thompson separa a ideia de consciência e experiência, enquanto em Foucault estes dois processos são concomitantes, não existindo um que seja *a priori* do outro. “A experiência é um conjunto de práticas discursivas ou não que produzem certa ordem de saber e se articulam em torno de certas demandas de poder. Portanto, a experiência antes de ser fundante, é fundada no ser e na consciência, que são inseparáveis.”⁵⁹

Fernando Nicolazzi reconhece os afastamentos no fazer historiográfico de Michel Foucault e Edward Thompson, mas considera haver um ponto comum quando eles pensam a experiência como uma “referência empírica na ordem temporal de determinado fenômeno”. Segundo Nicolazzi, em última instância, tanto em Foucault quanto em Thompson, pode-se considerar que “a experiência histórica refere-se à experiência de um sujeito da história”⁶⁰, a diferença repousaria no fluxo temporal em questão; para Thompson a experiência é usada para se compreender o sujeito do passado para o presente, enquanto que Foucault se ocupa de investigar a experiência do presente para o futuro⁶¹, na construção de modos de vida belos, artísticos, como verdadeiras obras de arte.

Foucault recusa a ideia de um sujeito universal, ou tomado como *a priori*, justamente para poder se dedicar aos processos de constituição dos sujeitos que são, por certo, datados historicamente e localizáveis em certa espacialidade. E ele justifica esta posição no texto *A ética do cuidado de si como prática de liberdade*, publicado em 1984:

Era certamente necessário que eu recusasse uma certa teoria a priori do sujeito para poder fazer essa análise das relações possivelmente existentes

⁵⁸ NICOLAZZI, Fernando. *O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004. p. 98

⁵⁹ ALBUQUERQUE Jr. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru/SP: EDUSC, 2007. p. 137.

⁶⁰ NICOLAZZI, Fernando. Op. cit., p. 112

⁶¹ *Ibidem*, p. 120

entre a constituição do sujeito ou das diferentes formas de sujeito e os jogos de verdade, as práticas de poder etc.⁶²

E, como ele indica nas primeiras páginas de *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*, seria possível produzir:

Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos, mas uma análise dos ‘jogos de verdade’, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si mesmo como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso?⁶³

Portanto, é a busca pela compreensão desses jogos de verdade que mobiliza o autor, permitindo que suas proposições funcionem como uma caixa de ferramentas para as análises historiográficas, marcadas as especificidades de suas contribuições.

Ao refletir sobre novas possibilidades do discurso historiográfico, a historiadora norte-americana Joan W. Scott pondera que:

O conhecimento é adquirido através da visão; a visão é uma apreensão direta de um mundo de objetos transparentes. Nesta conceitualização o visível é privilegiado; escrever é, portanto, colocado a seu serviço. Olhar é a origem do saber. [...] Há muito tempo esse tipo de comunicação tem sido a missão de historiadores que documentam as vidas das pessoas omitidas ou negligenciadas em relatos do passado.⁶⁴

Assim, o desafio da história seria conseguir romper com a normatividade da disciplina e valorizar, por meio dos textos escritos pelos/as historiadores/as, as experiências dos outros. Dito de outra forma, tornar possível a existência daqueles que foram esquecidos e negligenciados pela historiografia tradicional. É preciso ter cuidado, entretanto, para não se produzir uma história das diferenças que toma como “auto evidentes as identidades daqueles cuja experiência está sendo documentada e, dessa forma, tornam naturais as diferenças.”⁶⁵ Pois, como lembra Nicolazzi:

⁶² FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.) *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 275

⁶³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 12

⁶⁴ SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto. História*, São Paulo, (16), fev. 1998. p. 300

⁶⁵ *Ibidem.*, p. 301

(...) toda experiência histórica é uma experiência de tempo. Este tempo, por sua vez, no qual tem lugar a ação de um sujeito, não é simplesmente a temporalidade da natureza, mas sim o tempo próprio da história. Assim, o sentido histórico atribuído a esta ação é construído de uma maneira poética no interior de uma narrativa particular, na qual a história aparece narrada e o tempo humanizado.⁶⁶

Como sugere Scott, é preciso fazer um exercício que está além de tornar as experiências visíveis, pois isto apenas reiteraria a existência do sistema que está posto; é necessário compreender como, historicamente, se produziu seu processo de ocultamento. Nesse sentido, é:

(...) por isso [que] precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são indivíduos que têm experiência, mas sim sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem da nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado.⁶⁷

Este exercício permite historicizar as subjetividades produzidas pelas experiências, e assim compreender quais foram as históricas condições de possibilidades que as forjam cotidianamente.

Foucault trabalhou com uma forma de pensar o objeto histórico que causou, e ainda causa, desconforto em alguns/mas historiadores/as, uma vez que seu questionamento não é sobre as várias histórias possíveis a partir de um objeto, mas fundamentalmente sobre como algo pode se tornar um objeto histórico; não é a busca pela verdade, mas pelos regimes discursivos que nomeiam e qualificam o verdadeiro e o falso. Ele os pensa como construções discursivas⁶⁸ e isso incomoda aqueles/as que propunham ou acreditavam ser possível resgatar ou reconstruir do passado. Com Foucault, essa empreitada perde sentido. O que interessa é a compreensão de como essas verdades são produzidas e seu potencial na criação das formas-sujeito, na produção histórica das subjetividades.

Neste sentido, o corpo desponta como um objeto historiográfico muito potente,⁶⁹ e sua análise possibilita uma profusão discursiva que vai além da simples descrição de formas,

⁶⁶ NICOLAZZI, Fernando. *O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004. p. 11

⁶⁷ SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto. História*, São Paulo, (16), fev. 1998. p. 304

⁶⁸ ALBUQUERQUE Jr. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru/SP: EDUSC, 2007. p. 156

⁶⁹ *Ibidem*, p. 175

odores, texturas e relevos; “Os corpos pensados como documentos, como pergaminhos em que vêm se escrever e inscrever as memórias das múltiplas experiências que vivenciamos”⁷⁰.

As pesquisas sobre as experiências trans têm destacado a importância do corpo, das diversidades e intervenções corporais, suas plasticidades e limites biológicos no processo de constituição de si. Durante o mestrado tive contato com duas travestis que “faziam vida” nas ruas de Campos. Nas cenas que descrevo abaixo elas narram as relações com seus corpos e as experiências que as constituíram, dando sentido a quem eram ou se tornaram. Primeiramente foi Judite, que ofereceu uma aula sobre como manusear o corpo:

Seu nome é Judite, em outubro de 2010 dizia ter seus 31 anos; e foi em uma das visitas ao campo de pesquisa que ela me ensinou, na prática, o que é ideia fartamente propalada pelos estudos das ciências humanas e sociais de que o corpo é plástico e de que sua construção se dá na e pela cultura. Magra, longos cabelos louros ondulados, olhos expressivamente verdes, sua aparência lembra as bonecas da infância de muitas meninas. Aos 20 anos ela fez as primeiras aplicações de silicone industrial com uma *bombadeira*, que era sua amiga. Colocou 500 ml em cada lado do quadril e um pouco nos seios, além de uma quantidade mínima na face. Apesar de já ter feito essas aplicações há cerca de 10 anos, disse que ainda pretende, em breve, fazer algumas aplicações do mesmo silicone nas nádegas, mas em pouca quantidade, para não ficar em desarmonia com o restante do corpo. À época em que fez as aplicações passou por momentos delicados. Quando fez o procedimento no quadril usou anestesia, mas depois de fazer um lado, o efeito anestésico passou, e a dor foi intensa; mas não poderia desistir, pois já havia começado o trabalho. A situação dos seios pareceu ser ainda mais dramática. Após receber o silicone nos seios teve que usar uma atadura abaixo deles, para garantir que o silicone não descresse para a região da barriga (visto ser o silicone utilizado o industrial, e não a prótese cirúrgica). A *bombadeira* recomendou-lhe que ficasse 15 dias em repouso e com a atadura. Esse tempo, para Judite, era muito grande, e logo no terceiro dia, já entediada, ela resolveu sair para se divertir um pouco; foi a um bar beber e fumar com uns amigos. Esta estripulia rendeu-lhe momentos de muita tensão e desespero, quando o ferimento causado pela aplicação do silicone no seio direito se abriu e vazou parte do líquido; segundo ela, a única coisa que pode fazer foi enfiar o dedo no buraco e correr para o hospital, onde foi feito um curativo. Enquanto descrevia esse processo de feitura de seu corpo, Judite retirava parte de suas roupas e mostrava os respectivos resultados – no quadril, nos seios, na face; mostrou ainda a cicatriz no seio direito, por onde teria vazado parte do silicone (e, de fato, um seio parecia ser menor do que o outro). Quando falou das aplicações do rosto, ela destacou o caráter mais arredondado que havia conseguido, o que a deixara mais feminina. Depois dessa aula, ela ainda se virou para uma travesti mais jovem que ela e aconselhou: “aplique logo o líquido mágico”, pois em sua avaliação, sendo mais nova, os efeitos são melhores e a dor é menor, já que a elasticidade da

⁷⁰ Ibidem, p. 175

pele garantiria melhor aceitação do silicone. Finalizada a *aula*, Judite partiu para sua *batalha*.⁷¹

Já Pauline reclamava de um roubo ocorrido na rua, o qual teria chamado a atenção da polícia, além de fazer com que tivesse problema com um cliente:

Pauline reclamou que, por conta do ocorrido, estava queimada com o cliente, que sempre saía com ela: “Ele gosta de chupar piru, bicha! Tô ferrada, não vai mais querer sair comigo... e ele paga bem, tá?!, 40, 50 reais.” Ela ainda mostrou uma marca de unhas e sangue em seu braço. Essa cena possibilitou que ela dissesse ter várias marcas em seu corpo e destacar que quando sai com os clientes tem gosto em dizer-lhes: “Cada marquinha do meu corpo tem uma história.” Sempre muito agitada, ela falava e ria muito alto, dizendo faltar apenas 30 reais para completar 80 que ela precisava fazer na pista, para pagar uma conta no dia seguinte. Seu corpo, magro e ligeiramente musculoso, estava bronzeado, fruto do sol dos dias de praia na região litorânea de Campos (praia do Farol). Conseguiu produzir uma marquinha de biquíni, que ela orgulhosamente exibia com short jeans de cós baixo e top amarelo, que era constantemente ajeitado. O cabelo natural de Pauline, que segundo ela é sarará, ficava ora preso, ora solto.⁷²

Mais do que simples marcas na pele, as cicatrizes são lembranças, atestam experiências agenciadas em histórias de violência, experiências que tencionam o corpo no limite da dor (ou do prazer), e dão sentido àquelas subjetividades e corpos nomeados/interpelados como trans. Chana Carla, com pouco mais de 50 anos de idade, sentenciar com a certeza daquelas que superaram o destino culturalmente presumido e naturalizado para a maior parte das trans (a morte antes dos 35 anos de idade, segundo as estatísticas recentes⁷³):

Olha, tudo isso daqui é resultado de briga com polícia, quebrei muitos carros de polícia, eu briguei muito, eu bati muito na polícia, eu apanhei muito de polícia, né?! E naquela época juntava grupinhos, grupos de playboyzinhos, filhinhos de papai pra bater na gente. Então, era a lei da sobrevivência, ou a gente batia ou apanhava, ou a gente morria... matar, eu não vou dizer que graças a Deus, nunca precisei matar, mas pelo menos uns sinaizinhos a gente tinha que deixar, né?! (Chana Carla, 06/05/2016)

Quando fala “tudo isso aqui”, Chana aponta para seu braço, todo marcado por cicatrizes de cortes, arranhões etc., frutos das agressões sofridas nas brigas com a polícia e

⁷¹ SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes – RJ (2010-2011)*. Universidade Estadual do Norte Fluminense (dissertação de mestrado em Sociologia Política): Campos dos Goytacazes/RJ, 2012. p. 96-97

⁷² Ibidem, p. 82

⁷³ Conforme publicação no site do Senado Federal. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>. Acesso feito em 21 de abril de 2018.

clientes nas ruas de prostituição. Ela porta em seu corpo lembranças de experiências passadas, várias delas significadas no tempo presente.

Vê-se, portanto, como o corpo merece ser compreendido como matéria prima da história, pois ele é um documento, um arquivo, repleto de informações e vestígios valiosos para as análises historiográficas. Considerando que o/a historiador/a pesquisa as marcas deixadas pelo tempo, ele deve dar mais atenção ao corpo, pois ele é sempre marcado, transformado e refeito pelo tempo e espaço em que se inscreve.⁷⁴

Esses corpos trans são efeitos de normalizações, disciplinas, dispositivos, regulamentações, investimentos de saberes e de instituições, bem como de relações de si para consigo. Ao mesmo tempo, são possibilidades de negociação, estratégias para fraturar autoridades, meios de forjar identificações de gênero, por isso são corpos que evidenciam a tessitura do tempo com outros marcadores sociais, como classe, raça, etnia, geração e o local de moradia. Esses corpos em que o silicone industrial modela uma feminilidade datada em que as nádegas, pernas e quadril foram priorizados, são atacados por algumas feministas que recorrem aos discursos do sexo biológico e cromossômico; ao mesmo tempo, são alvo de desejo, admiração e inspiração para tantas outras mulheres cis e trans.

Nesses corpos, os hormônios injetáveis e administrados por via oral produzem sensações, pertencimentos, identificações e sentimentos que elas nomeiam como verdadeiros. Essas feminilidades são forjadas historicamente na carne, na mente, na alma. São dramas e expectativas de uma “cabeça de mulher” que não pensa como a de um homem; não é o falo que cria o gênero, é a fala que narra, cria e institui a mulher que ali se materializa. É por meio da fala que aquele corpo ganha um passado real, uma trajetória que o conduziu até o momento atual.

Chana, Pauline e Judite apresentam subjetividades historicamente marcadas pela violência das ruas; corpos marcados pelo signo do gênero feminino e pela violência que marca o corpo que rompeu as normas de gênero e da sexualidade cis. Quando Pauline destaca que “cada marquinha desse corpo é um pouco de história” – da marca de biquíni à cicatriz causada por um corte com vidro, ou uma perfuração à bala provocada por arma de fogo – fica evidente que todas essas histórias são experiências, as quais forjam subjetividades. As marcas que estão no corpo são usadas para dar materialidade à história narrada no tempo presente. As marcas do corpo servem e funcionam também para conferir veracidade ao que foi dito,

⁷⁴ REIS, Cristiano Antônio dos; FERREIRA, Débora Cristina dos Santos; COSTA, Renata. Entrevista com o Prof. Durval Muniz. *Revista Outras Fronteiras*, Cuiabá-MT, vol. 4, n. 1, jan/jul., 2017. p. 228

impressionar o interlocutor que escuta atentamente a história narrada. E aqui já não importa muito se a marca decorre dessa história específica, mas sim que ela está no corpo, na mente e na invenção de si que é feita pela narradora. Se veio da primeira pedrada ou de uma aplicação malsucedida de silicone industrial, já não importa, o certo é que esta marca produz um efeito, cria um sujeito, alguém que está historicamente marcado e que faz desta marca um uso próprio para se criar, se apresentar no mundo e constituir sua subjetividade.

Nas duas imagens seguintes Chana Carla aparece com Renata Melila e Fátima Castro. A relação de amizade entre Chana e Fátima data da década de 1980, quando ocorrera a abertura da ONG Irmãos da Solidariedade e Chana era uma das travestis mais conhecidas da cidade. Chana, Fátima, Renata e algumas outras interlocutoras compõem uma rede que entrelaça o universo da prostituição com os cuidados em relação ao HIV-Aids. Ao pedir que a foto fosse feita na companhia das duas amigas, Chana atuou para produzir uma narrativa com o registro fotográfico que materializam o cuidado, os afetos e os compromissos da amizade; as marcas do corpo de Chana elaboradas pelos muitos anos de atuação ganham um novo sentido ao estar entre as amigas. O sorriso que produz um momento de alegria registrado pela tecnologia da câmera fotográfica no celular. O corpo presente é a marca dessa resistência.

Figura 4: Renata Melila e Chana Carla (à esquerda); e Fátima Castro e Chana Carla (à direita)



Fonte: Registro feito por Rafael França na Associação Irmãos da Solidariedade em 06 de maio de 2016.

O cuidado com que Chana se apresentava nesse dia em que foi realizada a entrevista fica evidenciado nas imagens acima. Cabelo penteado com atenção, unhas feitas e combinando com o macacão vermelho, além de alguns acessórios com a pulseira e os brincos que ficaram escondidos pelo cabelo negro. O sorriso simpático e alegre de Chana foi desenhado com um batom vermelho que compunha o *look* que registrava a vontade de ver e ser vista.

De uma geração mais nova do que Chana, Renata também aparece com alguns acessórios socialmente reconhecidos como femininos; trajava calça jeans e uma blusa vermelha, além de estar protegida contra o frio por um casaco vermelho. Tanto Chana quanto Renata possuem cabelos grandes, um dos elementos observados como marcador de determinada feminilidade.

Apresentar, portanto, esses registros fotográficos é uma maneira de reconhecer a presença do corpo e suas marcas, ou das marcas que fazem corpos ao longo da história. Em outros momentos dessa tese, apresento algumas imagens em que Renata, Chana Carla e

Fátima Castro aparecem em contextos de militância política ou concursos de beleza. Ademais, a presença de Chana nessas imagens confronta as estatísticas que revelam a baixa expectativa de vida para as pessoas trans, reforça e reconhece sua importância de luta e militância na cidade e, ainda mais, evidencia a permanência de laços de afeto e carinho construídos por ela ao longo de sua trajetória.

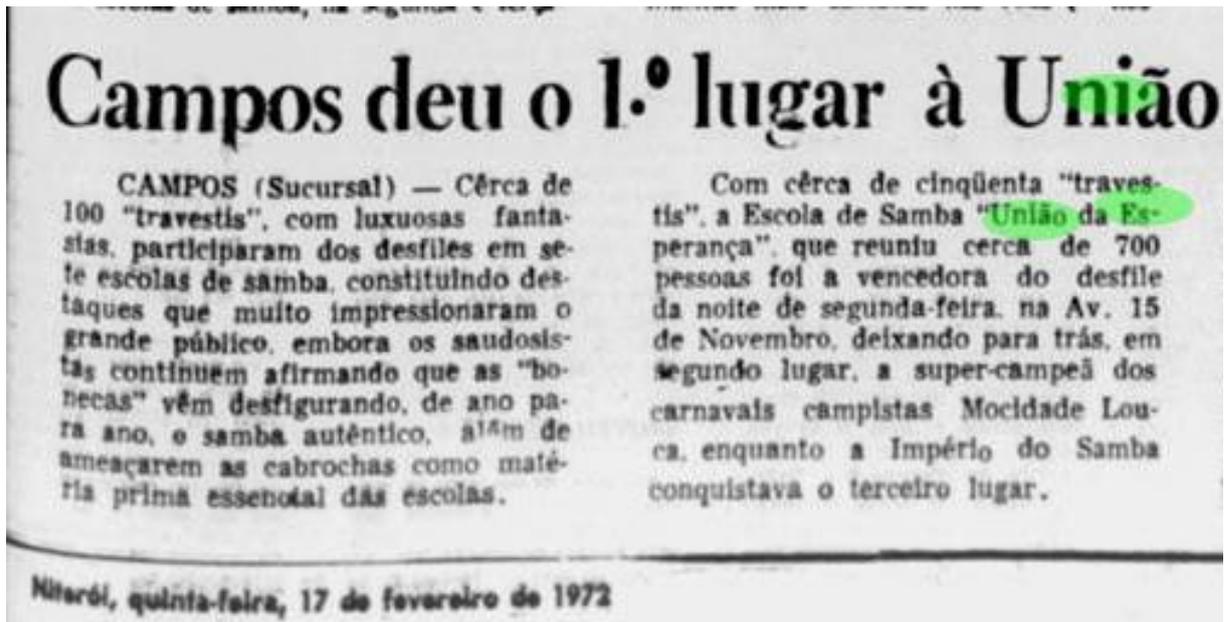
Nas ruas, nos jornais, no carnaval

Aos 52 anos, Chana Carla fez história em Campos. Além de ser lembrada em praticamente todas as entrevistas, ela foi uma das personagens que mais apareceu nos jornais analisados. Reconhecendo essa importância histórica de Chana para a visibilidade trans na cidade e a partir das narrativas das colaboradoras, algumas delas com idades entre 50 e 68 anos, realizei uma busca por informações sobre a presença de travestis e transexuais nos jornais da cidade. Priorizando aqueles que foram publicados nas décadas de 1970 e 1980 foram encontradas algumas notícias da época do Carnaval, nos meses de janeiro a março, em que se noticiava a presença de muitas travestis nos Bailes de Carnaval, Batalha de Confetes e Boi Pintadinho. Além dessa representação nos dias de folia, também foi recorrente a presença de fotografias e textos que nomeavam as travestis nas ocorrências policiais. Embora nos últimos anos isso ainda ocorra, ou seja, as travestis e transexuais são registradas nos dias de Carnaval ou nas páginas policiais, não seria correto perceber aí uma continuidade histórica; isso porque os sentidos e significados atribuídos a esta associação não são os mesmos. Há, sim, um indício da maneira como essas experiências permitem a criação de um sujeito datado.

Na década de 1970, por exemplo, o termo travesti, assim como boneca, era utilizado para se referir às personagens que animavam o Carnaval da cidade. Muitas vezes compreendidas como “homens vestidos de mulher”, elas faziam parte de um repertório de gênero.

Na publicação feita pelo jornal “O Fluminense” de Niterói, em 1972 a presença de cerca de 100 travestis, também descritas como bonecas, foi motivo de admiração e certa preocupação, pois elas estariam “desfigurando” o “samba autêntico”.

Figura 5: Campos deu 1º lugar à União da Esperança



Fonte: O Fluminense, 17/02/1972, p. 5 (Agradecimento ao Renan Lubanco de Assis pela disponibilização da matéria do jornal)

Analisando outro contexto regional, a cidade de Fortaleza, no Ceará, mas também partilhando desse momento histórico em que o Brasil vivia sob os sabores da Ditadura Civil-Militar, o historiador Elias Veras apontou que:

O Carnaval surge como lugar privilegiado para analisar essa transformação histórica, na medida em que, ao longo do século XX, a festa tornou-se espaço de experimentação e de visibilidade das performances femininas praticadas por homossexuais, constituindo-se em espaço privilegiado para a emergência do sujeito travesti.⁷⁵

O lugar do Carnaval na construção das experiências trans é muito significativo, e talvez tenha sido um dos espaços que mais potencializou a visibilidade dessas experiências. Inicialmente como prática autorizada somente nos dias de folia, as experiências de trânsito de gênero e as performances das bonecas aos poucos ganharam mais espaço na cidade.

Elias Veras destaca esse lugar do Carnaval na capital cearense, e analisando a documentação presente em Campos dos Goytacazes, pode-se perceber uma aproximação do sentido atribuído aos dias de folia. Paulette lembra que durante esse período de festa, havia

⁷⁵ VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 57

uma brecha na perseguição cotidiana, além de ser uma celebração entre as amigas, que juntas criavam, viviam e faziam a alegria do Carnaval.

Eu sou do Carnaval. Carnaval, é forró, pagode, eu adoro isso, eu adoro, gosto muito. Eu já falei, que quando eu morrer, eu quero uma escola de samba atrás e eu dentro do caixão sambando, eu vou dentro do caixão sambando, de tanto que eu gosto de samba. (Paulette, 02/03/2016)

Nas figuras a seguir, Paulette aparece ladeada por pessoas que se tornaram icônicas na cidade; e ainda que não se identificassem como travestis, transexuais ou transgênero, viviam experiências trans incapazes de serem capturadas pelo discurso identitário.

Figura 6: Paulette, Jolivete, Jorginho e Caio. Carnaval de 1992. (partindo da esquerda)



Fonte: Acervo pessoal de Paulette.

Figura 7: Paulette com as amigas na Batalha de Confetes, 1984.



Fonte: Acervo pessoal de Paulette.

A opção por vestidos e saias pode ser observada nos dois registros apresentados. De todas as amigas trans, Paulette era a única negra e mesmo tendo sido uma das poucas que viveu essa época e ainda estava viva até 2018, ela não tinha o mesmo reconhecimento que Jolivete, por exemplo. Esse momento do Carnaval, que envolve o desfile, mas também as festas que o antecediam, como em Campos a Batalha de Confetes, era um espaço de divertimento e engajamentos. Analisando os figurinos que cada uma delas trajava, percebe-se um investimento em acessórios, maquiagem e roupas que marcam uma sensualidade erotizável. Conforme também observado por Veras:

(...), o carnaval não era importante somente por possibilitar que as bonecas se “vestissem de mulher”, mas por ser um lugar de múltiplas sociabilidades,

onde as antigas amizades eram reforçadas, enquanto novas poderiam ser estabelecidas.⁷⁶

E Paulette viveu todas essas possibilidades trazidas pelos dias de folia, que em sua vida eram os 365 dias do ano. Antes de conhecer Jonas, seu amigo que era referência no carnaval da cidade, ela se apresentava como uma rosa fechada:

Era mais fechado! Aqui eu me abri; é igual a um botão de rosas, você fica fechado num lugar, depois cê sai daquele lugar, você abre as pétalas. Então, fui mais... aqui eu pude ser mesmo travesti, tem pessoa que me encaminhou, eu agradeço muito o falecido Jonas que me encaminhou, me deu... me orientou, que Jonas foi um travesti aqui em Campos, muito conceituado, ele foi carnavalesco do União da Esperança, carnavalesco da Mocidade, Psicodélicos, ele fez todos os carnavais de várias escolas aqui em Campos. Então, ele foi um grande amigo na minha vida. Então eu... na década de 70 eu saía na escola de samba Império do Samba. Quer dizer, saía lá em 70, de 70 a 78 saí lá, e saí também em bloco de samba.. hoje em dia eu saio no Psicodélicos e saio na Mocidade. (Paulette, 02/03/2016)

Paulette explica como foi ter um amigo que lhe ajudou a desabrochar, ou seja viver experiências fora do padrão cisheteronormativo. Paulette deixa se ser um botão cígênico para se tornar uma flor transgênera. Com simplicidade e timidez, ela usou o desabrochar como uma estratégia explicativa para o que se entende como “sair do armário”⁷⁷. Esse amigo que foi inspiração, incentivo e apoio, potencializou investimentos sobre si, o que Paulette chamou de transição⁷⁸. Ligado ao carnaval, ele é descrito por ela como uma travesti, embora seu nome apareça no masculino, Jonas. Como é dessa época da década de 1970, é provável que ele fosse uma das bonecas, que hoje em dia seriam denominadas de *drag queens*. Mais uma vez esse lugar do carnaval como um espaço de proliferação de afetos, aproximações e potências de vida aparece destacado.

⁷⁶ VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 59

⁷⁷ Sobre a questão do “armário” de forma mais geral pode-se consultar *Epistemologia do armário*, de Eve Sedgwick (SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia do armário. Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 28, jan-jun 2007.), e sobre as especificidades do “armário trans”: *Um caminho transgênero*, adaptação feita por Viviane Vergueiro (VERGUEIRO, Viviane. *Um caminho transgênero*. [adaptação do guia 'Transgender Visibility', da Human Rights Campaign], sem data. Disponível em: https://www.academia.edu/4130239/Um_caminho_transg%C3%AAnero_adapta%C3%A7%C3%A3o_do_guia_Transgender_Visibility_da_Human_Rights_Campaign_ - Acesso feito em 19 de maio de 2018.)

⁷⁸ Reconheço que o termo “transição” é repleto de significações históricas e, portanto, possui limites quanto à sua possibilidade de abarcar algumas experiências trans. Entretanto, considero que que uso, tal como realizado por Raewyn Connel e Rebecca Pearse (2015), permite observar como a transgeneridade é um exercício de construção cultural, tal como a cisgeneridade, mas que é marcada por momento específicos, tal como a transição. Particularmente para esta tese, a ideia de transição, conforme foi apresentada pelas interlocutoras, marca o momento da vida em que a cisgeneridade foi abandonada, recusada e negada, e então teve início a vivência trans nos espaços públicos, requerendo reconhecimento.

No livro sobre os 50 anos do Carnaval em Campos dos Goytacazes, Jorge da Paz Almeida, mais conhecido na cidade como Jorge Chinês, registra o destaque que as “bonecas” tinham no Carnaval da cidade. Na descrição feita por Jorge Chinês, Jolivete, Argeu, Paulette e outras pessoas que hoje seriam chamadas de trans, eram classificadas como “artistas” que “desfilavam com fantasias com grandes e trabalhados esplendores, vestindo-se ricamente.”⁷⁹ De todas as pessoas citadas pelo autor, apenas Paulette foi entrevistada para esta pesquisa, e segundo ela foi a única que passou a se identificar como travesti. As imagens que aparecem no livro de Chinês dão destaque para Jolivete e Argeu, aparentemente brancos (pelo que se pode observar na imagem) e com fantasias luxuosas. Por que Paulette não parece? Por ser negra? Por ser pobre? Por não ostentar o luxo? Essas são questões que merecem uma análise ainda mais aprofundada. As imagens que consegui de Paulette foram feitas por ela mesma e muitas se perderam ao longo do tempo (como um álbum de fotografias que ficou molhado após uma infiltração no telhado de sua casa).

Na Figura 9, Paulette posa para a fotografia durante o Carnaval de 1980. O sorriso em seu rosto, os longos cabelos negros e a fantasia ganharam destaque nessa construção de Paulette como uma daquelas que se tornou conhecida no Carnaval campista. Apesar desse e de muitas outras imagens em que ela aparece nesses dias de festa, Paulette era praticamente invisível em outros momentos do ano, e tampouco gozava do mesmo prestígio e reconhecimento que eram dedicados a outras personagens, como Jolivete Lorenzoni.

Enquanto que Jolivete apareceu em inúmeras publicações dos jornais locais, Paulette só tem essas fotografias em sua acervo pessoal. Em nenhuma das matérias analisadas ela aparece como figura de proeminência do Carnaval da cidade.

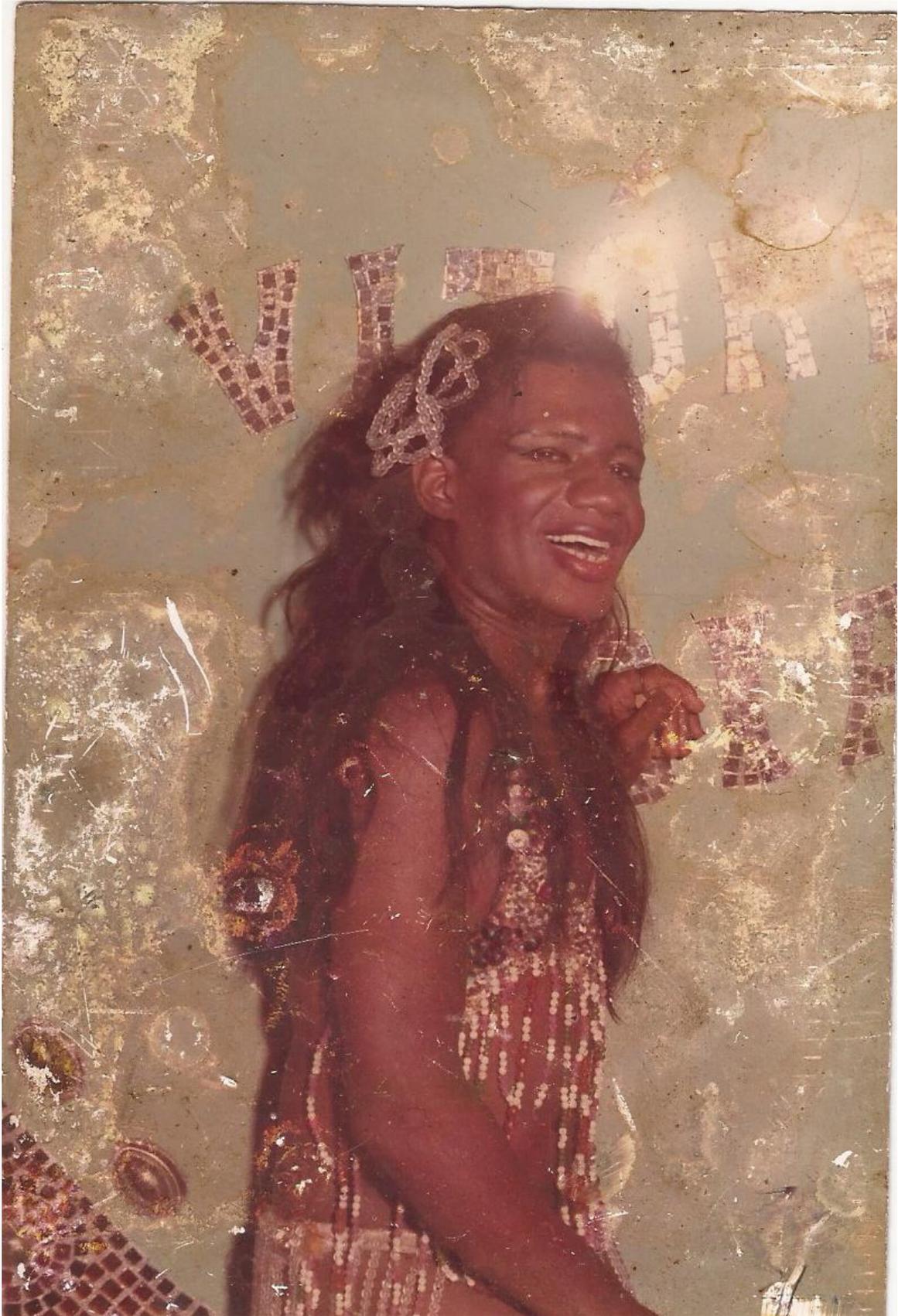
⁷⁹ ALMEIDA, Jorge da Paz. *Campos: 50 Anos de Carnaval*. 2. ed., Campos: Edição Promo, 1992. (livro sem paginação)

Figura 8: Eles enriqueceram o Carnaval



Fonte: Livro de Jorge da Paz Almeida (Jorge Chinês), *Campos: 50 anos de Carnaval*. (o livro não tem paginação)

Figura 9: Paulette no Carnaval de 1980.



Fonte: Acervo pessoal de Paulette.

Aos 68 anos à época da entrevista em 2016, Paulette lembra que na década de 1970 não era comum viver o cotidiano vestida de mulher. Ela e seus amigos:

(...) só se montava a noite. A gente só se montava a noite. [...] A noite. Fim de semana... Porque todas trabalhavam, né?!, durante a semana todos trabalhavam. A noite é que a gente se montava. Aos fins de semana que a gente se montava. (Paulette, 02/03/2016)

No entanto, isso não significa que no dia a dia sua experiência pudesse ser identificada como masculina. Ela lembra como trabalhava nas “casas de família” e as estratégias utilizadas para viver uma feminilidade possível:

É porque eu tinha o meu cabelo, eu tinha o meu cabelo, fazia... botava rolinha, mesmo assim quando trabalhava em casa, botava rolinho, fazia minha sobancelha, né?! Até uma amiga minha falava assim, que fazia sobancelha melhor do que ela; fazia assim até uma meia lua aqui assim, botava batom e tudo; hoje em dia tô moderado. Botava batom, saia pela rua de tamancão, sabe?! Sempre fui, sempre fui. E a noite então era mais avantajado, botava maquiagem, botava peruca, mais.... depois meu cabelo caiu de tanto passar produtos, pastas, aí ele caiu. Isso aqui é uma peruquinha, implante mesmo é daqui pra trás. Aí é isso, vivo assim. Quando eu quero mesmo, de dia mesmo, eu boto uma maquiagzinha, de leve mesmo... pra ir ao Centro. (Paulette, 02/03/2016)

Paulette lembra dessa época do Carnaval como o momento de sua vida em que de fato começou a ser travesti. Esta experiência se tornou possível a partir da figura de um amigo: Jonas.

Relações de amizade e Carnaval são elementos que compõem este cenário em que as experiências trans são forjadas. Neste período da década de 1970, a noção de travesti estava ligada ao Carnaval pois era neste espaço que as subjetividades trans estavam autorizadas, como também observa James Green ao estudar o século 20 no Brasil. As festas carnavalescas era um espaço em que homossexuais “poderiam exercer com relativa liberdade seu travestismo e desfilar com suas criações.”⁸⁰

Deste período da década de 70, Paulette também se lembra de Argeu, citado como uma das atrações do Carnaval. Mas, como ela mesma diz:

(...) o Argeu, Argeu cabeleireiro, que hoje em dia não sai de casa, saia em Carnaval e tudo. Hoje em dia, tá em casa, se recolheu em casa. Como eu falo: a mais sanhada sou eu que tô na rua todo dia, as outras se recolheram e muitos faleceram, sabe?! Muitos daquela época faleceram. (Paulette, 02/03/2016)

⁸⁰ GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 343

Nestas cenas do Carnaval da década de 1970, conforme registrado no livro de Jorge Chinês, o grande destaque é dado a Jolivete⁸¹ e Argeu Nani, que se apresentam com vestimentas altamente luxuosas, o que faz com que sejam reconhecidos como destaque daquele momento. A presença de Jolivete e outros “artistas” se estendeu nos anos seguinte, chegando até a década de 1990, conforme pode ser observado em reportagem publicada pelo jornal *A Cidade*, de 27 de janeiro de 1990: “Jolyvete, ‘Apotese de uma boneca’, pendurou as chuteiras”.

Figura 10: Jolyvete, “Apotese de uma Boneca”, pendura as chuteiras.



Fonte: *A Cidade* – 22 de janeiro de 1990. Caderno Cidade.

⁸¹ A grafia no nome de Jolivete variou bastante. Embora esteja registrado em muitos lugares que este seria de fato seu nome de batismo, não foi possível encontrar qual seria a grafia que ele mesmo adotava, pois os jornais o apresentaram como: Jolyvete, Joliveti, Jollivette. Até a sua morte, em março de 2007, o uso mais encontrado nos jornais foi Jolivete, portanto o adotado nesta pesquisa.

A presença desses “artistas” durante o carnaval parecia ser uma autorização que a sociedade conferia aos homens que se vestiam com trajes considerados femininos; eram fantasias luxuosas que pretendiam glamour e destaque nos dias de folia. Essa espécie de autorização para a exibição do feminino se dava apenas nos dias de folia; no cotidiano “eles trabalhavam normalmente”, e “só se montava a noite ou nos finais de semana”, como foi lembrado por Paulette alguns parágrafos acima. Nada muito diferente do que é narrado por James Green em *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*.

Apesar da notícia, isso não se confirmou, pois Jolivete continuou a desfilar nos anos seguintes, passando a outras escolas de samba da cidade e sendo apresentado como o “mito do Carnaval” campista. Segundo Luciana Campos:

(...) Jolivete era o fenômeno... era a tradição do Carnaval Campista; aquele veado ali era... como se diz quando você... era a relíquia do Carnaval era ela; o povo ia pra rua ver ela desfilar. Jolivete Lorenzoni. batia igual um saci... aquilo ali porrava; ninguém gostava de arrumar problema com ele... lutava... a bicha porrava igual um Satanás. Jolivete era... a atração do Carnaval Campista. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Percebe-se aí um sinal que pode ser a criação de uma rede, um espaço de comunicação das experiências trans. Na entrevista com Chana Carla, mais uma vez Jolivete surge como figura de destaque. Para ela:

Jolivete Lorenzoni serviu pra mim como de inspiração. Eu falei que ele... eu sou a segunda geração, né?! Depois de Jolivete Lorenzoni, eu bato no peito com muito orgulho, que eu gritei, briguei e conquistei a nata da sociedade em Campos. (Chana Carla, 06/05/2016)

O Carnaval aparece como este espaço de potência para essas pessoas que se conhecem e criam redes de contato que possibilitarão determinadas criações de si. É evidente, porém, que essas relações não se limitavam à época do Carnaval e era muito comum que no tratamento entre pares do grupo fossem usados os termos “bicha” e “veado” como processo de identificação, já que o próprio termo travesti aparecia mais uma categoria externa ao grupo. As fotografias de Paulette apresentadas anteriormente demonstram como ela se articulavam com uma rede de amigos no Carnaval a para além dele.

Nas páginas do livro de Jorge Chinês não há a menção ao termo travesti ou transformista, e sim ao de “artista”, demarcando com precisão que aquele processo de criação de uma feminilidade faria parte de um processo que envolveria uma performance artística, e não a identidade do sujeito. Portanto, isso não seria vivido no cotidiano. Até mesmo Jolivete é

citado por Luciana como “veado”, e ele mesmo assim se dizia⁸². Atribuir a essas pessoas o nome de artistas pode ser uma forma de reconhecer que aquele tipo de experiência (da performance do feminino) estaria autorizada para ocorrer com data e local devidamente marcados, ou seja, uma maneira de garantir o controle sobre a dita transgressão de gênero ali praticada.

No entanto, a capa do jornal *Monitor Campista*, de 13 de fevereiro de 1975, utiliza o termo “travesti” para se referir a um grupo que teria sido o destaque da escola de samba campeã do Carnaval daquele ano, sem trazer informações mais detalhadas sobre o que se entende como sendo “os travestis”.

Figura 11: Os “travestis” foram os maiores destaques da União da Esperança.



Fonte: *Monitor Campista*: 13 de fevereiro de 1975, capa.

⁸² Ver o artigo “Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias”, em que Jolivete e Chana Carla foram entrevistados por Marinete dos Santos Silva e Fábio Pessanha Bila. SILVA, Marinete dos Santos e BILA, Fábio P. Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias. *Dimensões* – Revista de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, vol. 23, 2009.

Nos dias seguintes, em 15 e 16 de fevereiro, tanto o *Monitor Campista* quanto o outro jornal local, *A Notícia*, noticiaram que “dois travestis” teriam sido presos após se envolverem em um furto. Conforme consta na notícia, o furto teria ocorrido para que pudessem comprar fantasias e assim participar do Carnaval. Além do tratamento no masculino, dado por entenderem que seriam homens vestidos de mulher, chama a atenção outra nomenclatura utilizada: “boneca”. Tanto nos jornais, quanto no livro sobre o Carnaval as travestis são apresentadas como bonecas, embora a imagem utilizada para compor a matéria jornalística seja a fotografia de dois homens, como pode ser visto nas figuras a seguir.

Figura 12: Residência assaltada por dois “travestis”



Fonte: Monitor Campista, 15 de fevereiro de 1975.

Figura 13: “Travestis afirmam que roubaram para desfilarem em Escola de Samba.



Fonte: *A Notícia*, 16 de fevereiro de 1975.

Nos jornais campistas as experiências trans são cristalizadas e endurecidas⁸³, formando com cor/raça, gênero e classe social aquelas “perigosas” travestis da 21 de Abril.

⁸³ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. 4. reimp., Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. p. 81

Por outro lado, esses mesmos jornais maquiam, feminilizam e apresentam com graça e humor aquelas que são as *drag queens* das Paradas Gay, evidenciando uma hierarquização e exotificação de determinadas subjetividades consideradas como legítimas e possíveis, e outras que são inscritas, marcadas e designadas como abjetas.

A presença das travestis nas páginas policiais e nas ruas de prostituição contribui para a criação de uma ideia de submundo da cidade, da degradação e do perigo: sexo, drogas e subversão da ordem parecem ser as categorias que sustentam esse imaginário e que, com isso, contribui para cristalizar essa histórica compreensão dessas subjetividades nomeadas como travestis; muito embora seja preciso registrar que muitas delas não tenham transitado nem pelas ruas, tampouco pelas páginas policiais. Regularmente tratadas no masculino, o gênero que elas constroem é simplesmente deletado e em seu lugar é reificada a noção do sexo verdadeiro, o pênis que formaria o homem de verdade; e com isso os discursos confirmam a brutal virilidade que só a um homem biológico pode ser atribuída.

O historiador Elias Veras investigando as transformações do termo travesti no Brasil em períodos do século 20 observa que esse termo designava uma prática e somente depois passou a fazer referência a um sujeito⁸⁴. Em sua análise, focada no contexto da capital cearense, Veras registra a ocorrência de um concurso denominado de “Miss Boneca 70”⁸⁵. Esse registro também aparece no mesmo período em Campos dos Goytacazes; com um nome muito similar, o “Miss Boneca Campos” fazia aparecer essas bonecas, que ao longo da década de 1970 e em diante foram transformadas em travestis e transexuais. A boneca, que talvez fosse uma alusão à artificialidade do feminino elaborado naqueles corpos, é também parte de um jogo que atribui ludicidade e graça a sujeitos que fora daquele cenário específico eram tratados como inferiores, abjetos, doentes.

⁸⁴ VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 44

⁸⁵ *Ibidem*, p. 47-8

Figura 14: Joaquim no Concurso Miss Gay Campos - Associação dos Viajantes do Estado do Rio de Janeiro (AVERJ) – 1975.



Fonte: Acervo pessoal de Argeu Nani.

Figura 15: Joaquim como campeã do Concurso Miss Gay Campos - Associação dos Viajantes do Estado do Rio de Janeiro (AVERJ) – 1975.



Fonte: Acervo pessoal de Argeu Nani.

Nas fotografias anteriores aparece a participante do primeiro concurso registrado em Campos, segundo Argeu Nani no ano de 1975. A pessoa que aparece na foto é a participante que representa um bairro considerado nobre na cidade, a Pelinca.

Em ambas as imagens, observa-se que o público era significativo, pois até mesmo as partes superiores do ginásio estavam ocupadas pela plateia. Isso corrobora com as falas de Paulette, que narrou sua alegria de participar desse evento, que teria mobilizado a “sociedade campista”: “Quer dizer, reuniu todas elas, que era mais ou menos quase 30... quase 30. Mas era gente... a gente era unida, então, reuniu todas elas, fizemos o desfile e a sociedade foram.” (Paulette, 02/03/2016)

Paulette explica como aconteceu esse primeiro desfile e o do ano seguinte:

Então fizemos esse desfile, nós desfilamos... Eu como sempre fui pelo Centro, eu desfilei de garçõete primeiro (risos)...sempre trabalhei em restaurante; desfilei de garçõete, depois fui com vestido de luxo. Era pra mim ser a Miss Simpatia no primeiro ano, mas como esses desfiles sempre tem, é garfado, aí em 76, foi no Automóvel Clube Fluminense, aí foi um desfile muito bom, que reuniu a sociedade mesmo todo, o clube encheu. Que o Automóvel Clube ali você conhece, né?! Ali encheu, foi no Salão principal, porque não tinha outro salão. Aí sim, que em 76 eu fui Miss Simpatia, de Campos. Que aí muitos falam que eu sou a eterna Miss Simpatia de Campos. Eu nunca tô com a cara fechada, eu sempre tô com a cara aberta. Sabe?! E... 77, aí foi o último desfile, lá no Automóvel Clube também. (Paulette, 02/03/2016)

Esse primeiro desfile, ocorrido em 1975 teve grande impacto, de modo que personalidades da época, como Rogéria, chegaram a participar do desfile, como se pode observar na imagem a seguir:

Figura 16: Rogéria no palco do Concurso Miss Gay Campos, 1975.



Fonte: Acervo pessoal de Argeu Nani.

Figura 17: As participantes no palco para a premiação. Concurso Miss Gay Campos, 1975 - AVERJ.



Fonte: Acervo pessoal de Argeu Nani.

Em um dos registros desse evento, em que as participantes estão no palco, pode-se perceber como o padrão de feminidade representado à época priorizava uma estética dita branca, um estilo de roupas clássicas, o vestido longo. À esquerda na fotografia observa-se um sujeito partido ao meio; com um embrulho que parecem ser rosas, lá está Paulette, subtraída da atenção do fotógrafo que registrou o momento. Se a mesma imagem permite reconsiderar a fala de Paulette de que eram mais de 30 participantes, também nos autoriza pensar sobre o lugar que ela ocupava entre aquelas tantas. A simpatia de Paulette, confirmada por muitos amigos e amigas que ela têm desde essa época, e dos muitos que apareceram recentemente, parece não ter sido suficiente para chamar a atenção do responsável por registrar esse momento. Seu título foi “garfado” no primeiro ano, sua presença foi “garfada” do registro fotográfico, mas as palavras de Paulette ainda puderam ser ouvidas, registradas e fazer ecoar esses ecos do passado que chegam a ouvidos novos de forma imprecisa, ruidosa e sem a pretensão de ser a verdade.

“Camburão da Aids”: afetos e outros cuidados com a saúde⁸⁶

Com base nas fontes impressas selecionadas para a pesquisa, e a partir das fontes orais, tornou-se pertinente o desenvolvimento de uma problematização que tematizasse a saúde, o HIV-Aids e a formação de redes de cuidados na cidade de Campos no final da década de 1980 e durante os anos de 1990. Mas, então, por que dar atenção ao HIV-Aids e à Fátima Castro, uma mulher branca, cisgênera, heterossexual, já que o eixo norteador da pesquisa são as relações de amizade e as experiências trans? E, ainda, por que problematizar a noção de saúde nessa parte em que a cidade é o foco da reflexão?

Ora, nas trajetórias trans são tecidas redes de contato, apoio e afeto que não estão restritas às pessoas trans; além disso, Fátima Castro esteve ligada aos primeiros debates públicos municipais sobre sexualidade na cidade, e foi a fundadora da Associação Irmãos da

⁸⁶ Neste campo da saúde é evidente a abordagem de uma ideia de saúde relacionada à prevenção e tratamento do HIV-Aids, e a criação da Associação Irmãos da Solidariedade, dirigida por Fátima Castro. Foram encontradas dezenas de notícias sobre esta entidade, principalmente as que apontavam para os problemas enfrentados tais como as questões do preconceito e diversas outras sobre o aumento do contágio do HIV. Nota-se, aqui, uma aproximação com as observações feitas por Larissa Pelúcio em “Abjeção e desejo”, quando entende que a saúde de travestis profissionais do sexo é pensada para a proteção da sociedade e não em função das próprias travestis, ou seja, é preciso cuidar daquilo que pode contaminar a sociedade heteronormativa; as políticas de saúde serviam mais para cuidar da sociedade dita “normal” do que dos corpos abjetos que poderiam lhe oferecer perigo; garantir uma travesti profissional do sexo saudável seria uma forma de manter os clientes em segurança.

Solidariedade, uma casa que recebe, desde 1988, pessoas que vivem com o HIV. Ela também foi eleita a “Rainha dos Gays”; e como já se pode observar no início deste capítulo, tem laços fortes com muitas trans da cidade, como Chana Carla, Renata Melila e muitas outras. Praticamente todas as interlocutoras da pesquisa conhecem Fátima Castro, seja por fazerem parte de sua rede de amigos mais próximos, ou por terem conhecimento de seu trabalho como assistente social. Incluindo Fabiana, que aparece logo no início da tese faz referência à Associação Irmãos da Solidariedade, quando pede para ir para a Associete.

E não se pode esquecer que o fenômeno do HIV impactou a vida das trans em Campos dos Goytacazes. Fosse pela exposição ao vírus, pela perda de amigas e amigos ou mesmo pela mudança nos locais de encontro na cidade, como a Praça São Salvador.

Ao ler as 858 matérias publicadas entre 1990 e 2015 e dividi-las por eixos temáticos, observei que quase um terço dessas publicações estava relacionadas ao HIV-Aids. Para além da associação historicamente forjada entre a homossexualidade e a Aids, que originou a ideia da infecção pelo vírus como sendo o “câncer-gay” na década de 1980, vale destacar que em Campos essa ligação estaria também em função da Associação Irmãos da Solidariedade, que abrigava muitos gays e travestis. A presença marcante das trans ao lado de Fátima Castro pode ser observado tanto no processo de realização das entrevistas, já que 5 delas foram entrevistadas na própria Associação, quanto pelos jornais, em que Fátima aparece ladeada por algumas delas (a maior parte também foi entrevistada para esta pesquisa).⁸⁷

Evidencia-se, portanto, a construção de um tempo histórico específico, em que um vírus foi sexualizado e responsabilizado por mais uma carga de estigma sobre uma população. Comparando a Aids no final do século 20 à tuberculose, no início do mesmo século, Dilene do Nascimento, oferece um panorama sobre como essas doenças impactaram diferentemente o Brasil. A autora destaca a criação das ONGs/Aids⁸⁸ já a partir da década de 1980, logo após a descoberta do vírus. Portanto, o vírus funcionou como elemento integrador de uma comunidade, aproximando, conectando e permitindo novas relações entre aqueles/as que

⁸⁷ Sobre a Aids no Brasil é relevante a coletânea organizada por Richard Parker, publicada em 1992. Neste livro há um importante artigo de Jane Galvão sobre as novas formas de solidariedade propiciadas pela epidemia (*AIDS e Ativismo: o surgimento e a construção de novas formas de solidariedade*) e um de Jurandir Freire Costa problematizando a experiência homoerótica diante da epidemia (*O Homoerotismo diante da AIDS*). PARKER, Richard (et al.) *A AIDS no Brasil (1982-1992)*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS, UERJ, 1994. (História social da AIDS; nº 2)

⁸⁸ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Comparando a Tuberculose e a Aids no Brasil. *CLIO*. Série História do Nordeste (UFPE), v. 28.2, p. 01-18, 2011. p. 10

partilhavam experiências em comum, relacionadas à doença, à experiência da morte de si mesmo ou de amigos⁸⁹.

As três séries temáticas contêm matérias com os seguintes conteúdos:

- HIV-Aids – 243 registros – tanto sobre o vírus quanto sobre a Associação Irmãos da Solidariedade;
- Violência e Casos de Polícia – 177 registros – assassinatos de travestis e gays em Campos, particularmente o assassinato de Caquinho, um jornalista da cidade morto no final dos anos 90.
- Direitos e movimentos sociais – 176 registros – Paradas LGBTs, direitos da população LGBT e figuras públicas;
- Carnaval e outros babados – 162 registros – travestis, transexuais, gays e lésbicas durante o Carnaval campista, festas locais e eventos LGBTs;
- Jolivete Lorenzoni – 34 registros – sobre a vida e envolvimento dessa personalidade do Carnaval campista;
- Fátima Castro – 33 registros – tanto de seu trabalho social à frente da Associação Irmãos da Solidariedade, quanto de sua vida particular;
- Prostituição – 27 registros – questões ligadas à prostituição, riscos e reivindicações em relação à profissionalização da prostituição;
- Igreja – 6 registros – depoimentos de líderes religiosos da Igreja Católica sobre questões ligadas à sexualidade e uso de preservativos.

O mapeamento exploratório das fontes impressas contribuiu para a verticalização das análises das fontes orais e permitiu a compreensão da existência de uma rede que inicialmente concebo como um complexo e extenso rizoma⁹⁰ da amizade, o qual possibilitou determinadas e históricas experiências trans. Meu objetivo, portanto, é refletir sobre este processo de conexão, de fluxos possíveis, de rupturas ocorridas e de potências instituídas. Pois, como lembram Deleuze e Guattari:

⁸⁹ É também neste período da década de 1980 que Richard Miskolci destaca o fortalecimento do *queer*, que segundo ele seria um catalisador, uma forma de reação e resistência frente ao novo movimento biopolítico instaurado. Mais do que reivindicar o respeito às diferenças, buscava-se desconstruir as normas regulatórias que eram responsáveis pela reprodução das injustiças e desigualdades historicamente estabelecidas, e assim definir uma nova ordem, que proliferasse e que reconhecesse a legitimidade das diferenças sexuais, raciais e de gênero. Ver: MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. rev. e ampl., Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2015. (Série Cadernos da Diversidade, 6)

⁹⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 17-34

Ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos. Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito.⁹¹

Esta separação inicial das notícias e reportagens não pretende segmentar a análise, pelo contrário, é apenas uma tentativa de perceber como algumas sexualidades ditas dissidentes ou transgressoras foram tecidas na mídia impressa local. Também nas páginas dos jornais se observou a proliferação de discursos que instituem, criam e transformam valores morais, sujeitos e comportamentos que até então estavam restritos a uma dimensão do cotidiano tida como marginal, privativa, escondida: o mundo da noite⁹². Um processo em que determinada sexualidade, dita homossexual, foi apresentada de formas diversas: como a arte de fazer shows de transformismo, o perigo iminente da Aids, a ameaça à família dita tradicional, a morte trágica; enfim, a criação de uma determinada espécie capaz de ser identificada, catalogada e vigiada, como sugeriria Foucault em “*História da loucura*”. Há, de certa maneira, a utilização daquilo que Teresa de Lauretis chama de tecnologia sexual⁹³, ou seja, como uma prática que está inscrita na vida cotidiana em suas diversas faces, não se restringindo ao corpo, ao sexo e à diferença sexual.

As notícias apresentadas poderiam integrar mais de um dos tópicos, já que contemplariam temas distintos, mas a divisão foi estabelecida para melhor articular a reflexão. Constatar a presença de sujeitos definidos e historicamente moldados como lésbicas, gays, bissexuais, travestis e/ou transexuais, da década de 1970 até os dias atuais não é tarefa simples, e certamente implicaria na compreensão de saberes e poderes envolvidos em cada momento histórico, pois é preciso reconhecer que há especificidades nas formas de nomear, de criar e instituir formas de sujeitos em cada tempo histórico. Trata-se, portanto, de um jogo em que o gênero e a sexualidade são ao mesmo um campo em disputa e aquilo pelo que se luta.

⁹¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 34

⁹² Na atualidade esta dimensão de público e privado mereceria outra atenção, levando-se em consideração a internet e as inúmeras possibilidades que esta proporciona, seja com a marcação de encontros casuais ou programas. Em paralelo poder-se-ia considerar também os aplicativos de celular usados por homens, principalmente, que buscam outros homens. Estas dimensões do mundo virtual foram exploradas em alguns trabalhos produzidos por Richard Miskolci (ver: MISKOLCI, Richard. *O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet*. *Gênero*, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009. E MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos: R. Pós-Grad. Cie. Soc. UFRN*, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011.)

⁹³ LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 208

Como foi indicado anteriormente, em Campos dos Goytacazes na década de 1970 as narrativas sobre as experiências trans, nomeadas de travestis ou bonecas, estavam circunscritas ao Carnaval ou às páginas policiais, forjando uma subjetividade que representaria a festa ou o perigo, de todo modo, um ser sob suspeita, marcado pelo descrédito dos saberes e poderes instituídos. Utilizando o artigo definido “o”, no masculino, estes registros diziam que “os travestis” poderiam ser um perigo, e jocosamente as chamavam também de bonecas, talvez para sugerir que seriam apenas uma representação do feminino, e não um feminino verdadeiro. A partir da análise dos jornais, é possível perceber que nos anos 90, somou-se a estas duas formas de visibilidade, o aparecimento da prostituição como questão social. O que permanece nos anos 2000, mas a partir de então com algumas mudanças na forma de tratamento dado às trans, chegando ao momento em 2015 em que elas são tratadas com o pronome de tratamento “ela”, no feminino, além de uma nítida preocupação em definir diferenças entre travestis e transexuais, e pautar direitos como o uso do nome social, o acesso à educação e as diversas formas de violência física sofrida por elas.

Assim, as experiências trans lembram a ideia de sujeito-em-processo, como atos performativos, segundo Judith Butler⁹⁴. No caso das trans, corresponde a experiências, que são generificadas, são subjetividades historicamente inventadas e permeadas pela centralidade dos valores e padrões de gênero, sendo estes igualmente históricos.

Deste modo, a performatividade trans também é construída por meio dos discursos jornalísticos que criam aquilo que é nomeado. Por isso, talvez, o embaralhamento de categorias percebido nos jornais e nas entrevistas não seja tão surpreendente. As trans integram redes discursivas locais - embora hoje em dia conectadas pela internet - e não acessam verticalmente o que é produzido no âmbito nacional. As nomeações de si são produzidas em determinado contexto de possibilidades discursivas, portanto localizadas espacial e temporalmente. Isto é, durante os anos de 1990, em algumas capitais brasileiras, já se verificava o aparecimento de organizações de travestis e transexuais, como a ASTRAL criada em 15 de maio de 1992 no Rio de Janeiro (Associação de Travestis e Liberados) e o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS), fundado em 1985 por Branda Lee⁹⁵. Em

⁹⁴ SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 64-65

⁹⁵ CARVALHO, Mario Felipe de Lima. *Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p. 20 e 27

Campos dos Goytacazes as trans continuariam a compor, por muito tempo, o grupo das homossexualidades.

Erickah, por exemplo, fala da existência de um “mundo gay”, e em seu entendimento este mundo gay é uma dimensão que engloba experiências gays, lésbicas, travestis e transexuais, ou seja, a palavra gay é acionada como dispositivo discursivo para contemplar experiências não-heterossexuais, algo bem próximo do que fora o “Movimento Gay” no início de suas atividades no Brasil.

Assim, eu evangelizei Poupinha, logo depois, né?!, Quando ela... Poupinha chegou a fazer, quase o 2º grau por completo, mas não chegou, porque foi morar com... com a pessoa com quem ela morava, né?! E com isso, eu acho que se deixou levar, também, acho que por essa ... eu acho que pelo mundo, o mundo gay, a prostituição... porque, assim, o mundo gay, eu acho que ele te oferece muita coisa, né?! E, eu sempre falava isso com ela; poxa, sai fora... se prostituir não tá com nada; essa vida não tá com nada, você tem capacidade. Eu lembro que uma vez eu conversei com a mãe dela; ela falou assim: “Eu já avisei meu filho que se ele quiser, as portas estão abertas. Entendeu?!, mas tem que ser do meu jeito; não é que eu quero que ele deixa de ser travesti não, mas tem que ser do meu jeito; não pode ser dessa forma, né?!” eu conversando com a mãe. E...e... e... ela não quis, sabe?! Ela não quis, sabe?! (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Este processo demonstra como há maneiras distintas de nomear o vivido, fazendo emergir sujeitos e subjetividades; criando realidades a partir da nomeação/interpelação das experiências. Hoje, Erickah se apresenta e se define como trans, mas ao longo de toda a parte inicial de sua entrevista, ao falar sobre sua infância e os caminhos que percorreu para chegar à idade adulta, ela se entendia como gay. A mudança da auto-identificação a partir de uma orientação sexual para uma automeação reivindicativa do reconhecimento da identidade de gênero deu-se no momento em que ela investiu nas alterações corporais. Desse modo, a identidade de gênero, na narrativa de Erickah, está associada à uma possibilidade de materialização do gênero no corpo, na criação, elaboração e produção de um corpo com acessórios, formas e silhuetas consideradas como femininas (particularmente roupas, cabelo, maquiagem); nesse movimento, foram as próprias experiências de gênero que permitiram com que um novo sujeito fosse forjado a partir da linguagem, da nomeação. A diferença entre um gay e uma travesti, neste movimento feito pela reflexão de Erickah, está na dimensão da própria experiência de gênero.

Segundo Marjoire Garber⁹⁶, o termo travesti representa uma categoria-crise, pois não corresponde a uma identidade fixa e coerente, sendo um limite no jogo de possibilidades do masculino e do feminino, de modo que também é capaz de provocar a instabilidade desses conceitos. Luciana estabiliza os conceitos com um argumento que reinscreve no corpo, e mais especificamente no órgão genital, a definição da categoria capaz de explicitar aquilo que ela é:

É! A querer ser travesti mesmo... é porque... eu sempre quis ser travesti; transexual... entendeu?! Porque eu não sei o que trav... Porque Paulete fala pra mim que transexual... Eu me considero travesti, mas ela fala que nós somos transexual; transexual pra mim eu acho que é aquela que corta, né?! Concorda comigo ou eu tô mentindo! É, ela fala ... E doida é quem corta, filhinha! Doida é quem corta. Nós cort... quem nós somos transexuais... transexual. Eu não acho.. eu acho que transexual é a que é operada. (Luciana Campos, 16/11/2015)

O que é ser travesti e o que é ser transexual? Quem pertence ao mundo gay? Há um caminho, uma trilha, um roteiro a ser seguido? Não. Erickah e Luciana narram histórias que permitem a localização histórica dessas formas de ser, desses sujeitos em trânsito que afastados da capital, do centro ou da história oficial, criam, inventam e oxigenam a vida.

Portanto, é possível situar historicamente, localizar geograficamente e assim produzir saberes localizados que possam compreender a existência desses sujeitos e, ainda mais, problematizar os mecanismos, os poderes e saberes implicados em tais produções. Fazer uma história a contrapelo de Campos dos Goytacazes a partir de narrativas orais e impressas sobre a cidade, é uma forma de interrogar esses discursos oficiais que apagam, esquecem e deslegitimam aquelas e aqueles chamados de marginais, excluídos e invisíveis da história.

⁹⁶ GARBER, Marjoire. Vested interests: cross-dressing and cultural anxiety. Apud. HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 25-6

Capítulo 2

Paradas e outros movimentos

Uma das estratégias para a efetivação da proposta apresentada no capítulo 1, ou seja, a construção de uma história a contrapelo da cidade de Campos, em que os “invisíveis” e apagados comecem a aparecer, é justamente a busca pelos espaços, cenas e contextos em que esses sujeitos viveram. Nessa tese sobre as experiências trans e as relações de amizade em Campos dos Goytacazes considero ser relevante desenvolver algumas reflexões sobre um evento que marcou a história LGBT em diversos lugares do mundo, inclusive no Brasil, que com política e carnavalização⁹⁷ constituiu-se como um espaço de luta e reivindicação por direitos civis e sociais: as paradas do Orgulho LGBT.

Mundialmente conhecido como *Gay Pride*, no Brasil popularizou-se com o nome de Parada Gay, mas também foi chamada de Parada do Orgulho Gay, Parada do Orgulho LGBT ou somente Parada LGBT. As antropólogas Regina Facchini e Isadora Lins França⁹⁸ analisaram o processo de disputas e negociações que permearam a construção daquilo que genericamente é chamado de movimento LGBT brasileiro. Parte da análise destaca que nos anos de 1980:

(...) é possível observar uma mudança da concentração de grupos do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, para o eixo Rio de Janeiro-Nordeste e a presença marcante de dois ativistas: João Antônio Mascarenhas (articulador inicial do grupo de intelectuais que compôs o jornal *Lampião da Esquina* e fundador do grupo *Triângulo Rosa*) e Luiz Mott (fundador do *Grupo Gay da Bahia – GGB*).⁹⁹

Assim, podemos considerar que a proliferação de grupos e eventos relacionados à luta pela visibilidade e organização de homossexuais não se deu apenas no eixo sul-sudeste. Em momentos históricos diferentes, principalmente a partir da década de 1990, essas mudanças estiveram ligadas à própria forma criada pelo movimento, ou seja, não era mais possível tratar todo o movimento apenas como movimento gay. A partir da inserção de outros grupos, como

⁹⁷ JESUS, Jaqueline Gomes de. *O protesto na festa: política e carnavalização nas Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Brasília: UNB, 2010.

⁹⁸ FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. Das cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. In: *Sexualidad, salud y sociedade - Revista Latinoamericana*. N. 3, 2009. p. 60

⁹⁹ *Ibidem*, p. 60

as lésbicas e a população T¹⁰⁰ (travestis, transexuais e transgêneros) que passaram a reivindicar visibilidade e reconhecimento de demandas políticas que não eram contempladas na pauta das subjetividades gays. Com isso ocorreram mudanças na forma de nomear o próprio movimento.

Em Campos dos Goytacazes essas alterações em relação ao nome do evento não foram muito diferentes, conforme os jornais analisados permitem apreender.

Movimento LGBT e os limites da representação

As travestis são os homossexuais mais liberados do mundo. Tivemos valentia de nos lançar e lutar na linha de frente muitos anos antes que o movimento gay nascesse.¹⁰¹

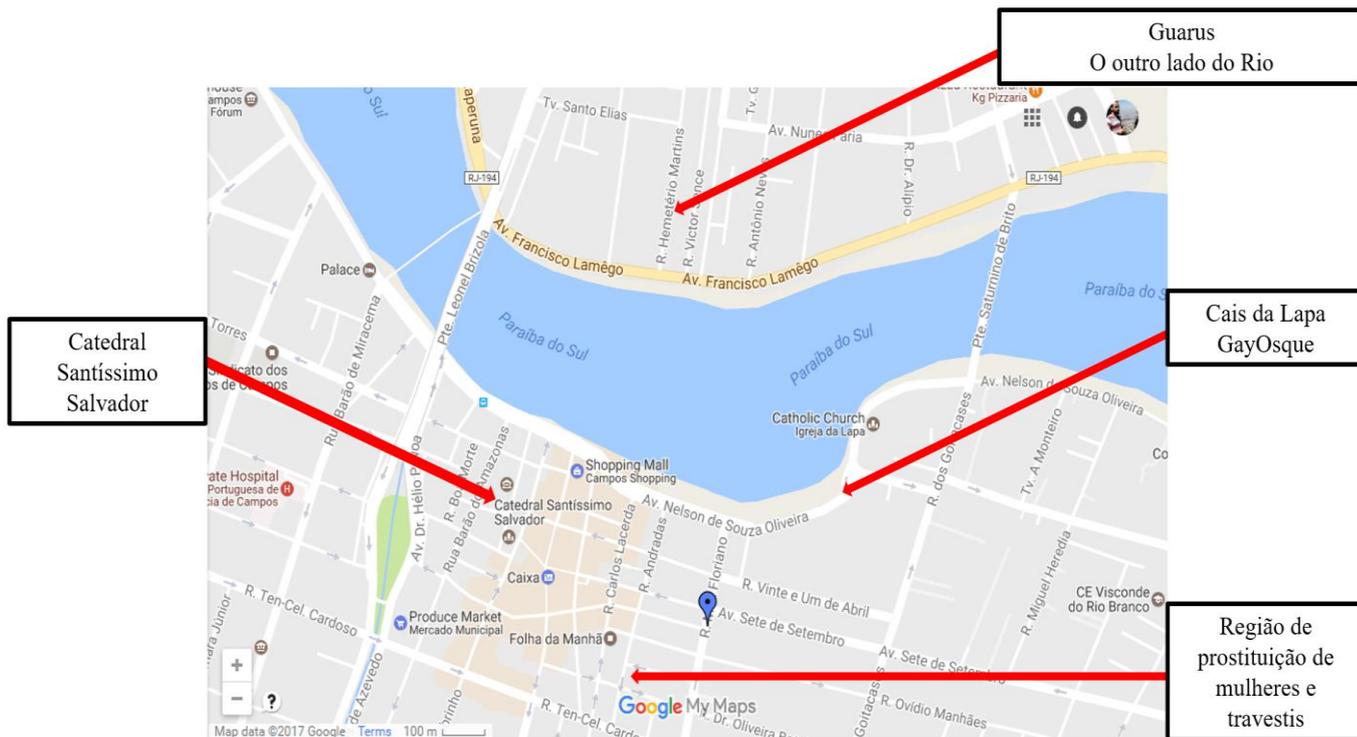
Capitaneado pelo Grupo Esperança, a existência do movimento LGBT organizado estava diretamente relacionada à existência do *GayOsque*, pois foi nesse espaço onde “começou a surgir um movimento”, uma concentração de gays e lésbicas que estariam dispostos a se engajarem na luta pelos direitos homossexuais. Localizado na Orla da Lapa, mesmo local que no século 19 era a porta de entrada daqueles que chegavam ao município pelo Rio Paraíba do Sul. Ao longo do século 20, a cidade foi transformada, cresceu, tornou-se importante na região Norte-Fluminense, chegando até mesmo a reivindicar o título de capital do estado do Rio de Janeiro, conforme discutido por Maria Isabel de Jesus Chrysostomo¹⁰². Já no final do século 20, a reforma da Orla da Lapa lhe rendeu a construção de diversos quiosques ocupados por comerciantes.

¹⁰⁰ Sobre estas mudanças ocorridas no movimento ver o trabalho de Regina Facchini (FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual brasileiro e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.). E particularmente sobre algumas mudanças ocorridas no interior do próprio movimento de travestis e transexuais, ver a pesquisa de mestrado de Mário Felipe Carvalho, desenvolvida no Instituto de Medicina Social da UERJ (CARVALHO, Mario Felipe de Lima. *Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.). Importa destacar que ambas as pesquisas foram feitas em um contexto regional específico de capitais, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

¹⁰¹ RIVERA, Sylvia. Tus Hermanos y Hermanas de la revolución. In: JOHNSIN, Marsha P.; RIVERA, Sylvia. “S.T.A.R.” *Acción travesti callejera revolucionaria: supervivência, revuelta y lucha trans antagonista*. 3. ed., Espanha: Editorial Imperdible, 2017. p. 53 (Tradução do autor. No original: Las travestis son los homosexuales más liberados del mundo. Hemos tenido la valentia de alzarnos y luchar en la línea de frente desde muchos años antes de que el movimiento gay naciese.)

¹⁰² CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus. Campos: a capital sonhada de uma província desejada (1835-1897). In: *História* (São Paulo), vol. 30 nº1, 2011. p.56-89

Figura 18: Representação do mapa da região central de Campos dos Goytacazes



Fonte: Montagem feita a partir da captura de tela feita no Google Maps. Acesso feito em 07 de janeiro de 2017.

Um desses quiosques ficou conhecido como *GayOsque* e era dirigido pela comerciante Josy Tavares, mais conhecida na cidade como Josy. Este local, assim como outros bares da cidade, passou a ser local de concentração de gays e lésbicas, e algumas travestis.

Era o início dos anos 2000 e a existência de lugares como o *GayOsque* potencializava a criação de vínculos de amizade, como os aqueles que foram vividos por Wanessa e Michely, que conheceram muitos de seus amigos neste local. Wanessa (32 anos) morou desde a infância no mesmo bairro em que estava o *GayOsque*; ela lembra que foi neste espaço que, ainda menor de idade, começou a ter contato com “esse mundo”:

(...) essa amizade que eu tenho com a maioria deles se formou no *GayOsque*, onde a Josy tocava, lá no... (...) Freqüentava, que foi onde eu comecei a conhecer esse mundo, entendeu?! (...) Era muita, muita ferveção. Aquilo lá fez o maior sucesso durante muito tempo, era muito bom; só que na época eu era de menor, entendeu?! Eu não curti, assim, como eu curtiria hoje, mas ali foi o início pra mim. Conheci. E muitos amigos que eu tenho hoje, que eu conheço hoje, que eu considero amigos, eu conheci naquela época; então, vai uns 15, 16 anos. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

O *GayOsque* aparece na fala de Wanessa como este espaço de sociabilidade e constituição de si. Essas experiências vividas que possibilitaram a existência de Wanessa, também foram partilhadas por muitos outros sujeitos sexualmente dissidentes; muitos dos encontros ali realizados serviram como potência positiva para pessoas que estavam no “armário”. Foi, portanto, o espaço possível para que muitos gays, travestis e lésbicas pudessem “assumir-se”. Sendo a sexualidade algo que se declara¹⁰³, esses espaços de encontros e trocas entre LGBTs na cidade compõem um circuito, uma rede de produção de subjetividades.

Funcionando a pleno vapor nos primeiros anos do novo século, o *GayOsque* foi descrito por Josy Tavares como o ponto de encontro da região norte fluminense:

(...) era muita gente; vinha gente de tudo quanto é canto... Caravanas de Macaé, Rio das Ostras...porque nessas cidades não tinha nada lá, então só Campos que tinha o *GayOsque* de Campos. Entendeu?! (...)o *GayOsque* era um ponto turístico da cidade. (Josy Tavares, 23/08/2015)

A narrativa de Josy sobre o espaço idealizado e dirigido por ela mesma como um ponto turístico da cidade poderia provocar certa desconfiança sobre a real importância e dimensão que este bar tinha à época; no entanto, ainda que este discurso com tonalidade saudosista e fôlego de entusiasmo seja colocado sob suspeição, ele não compõe somente o repertório discursivo de Josy. Muitas das narrativas sobre o *GayOsque*, apresentaram-no como um espaço vivo e pulsante, à semelhança do que foi descrito por Josy.

Aos 50 anos, Michely foi uma das interlocutoras mais velhas, mas não aparece em momento algum como “uma das antigas”, talvez porque sua trajetória não estivesse ligada diretamente à ascensão nas ruas de prostituição. Há mais de 30 anos ela trabalha como recepcionista em um hospital público da cidade, e lembra que quando era mais jovem gostava de curtir com as amigas nos espaços possíveis da cidade:

Inclusive, tinha o *GayOsque* ali no Orla, né?!, que é em frente ao Itaú, nossa, aquilo dali bombava. Da Josy, bombava. Meu Pai! Acabava com nosso dinheirinho, meu Pai Santíssimo. (Michely Coutinho, 23/02/2016)

Apenas 7 anos mais nova do que Michely, Luciana Campos, mais conhecida como Ló, faz parte da mesma geração em que era comum sair com suas amigas para os vários lugares de festa e shows na cidade, chegando até mesmo à praia campista, o Farol de São Tomé. Ló lembra que com quase 30 anos saía regularmente com suas amigas, particularmente Joyce,

¹⁰³ WESTON, Kate. *Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona, Espanha: Edicions Bellaterra: 2003. p. 55

que mora no mesmo bairro que ela e se conhecem desde a infância, pois estudaram na mesma escola:

Era eu, Joyce sempre... Eu, Joyce e Marimar.. A gente se encontrava, ia pros pagodes, ia pros shows, pras boates, hoje em dia não tenho mais vontade de fazer nada, nada, nada.. só ficar dentro da minha casa e mais nada. Nós já zoamos muito. Gente, quando Josy tinha aquele quiosque ali na Beira Rio... Chegou a alcançar ali? (...) É?! Aquilo dali era um inferno. Gente... um veadeiro, uma homarada, uma fodelança naqueles banheiros na Orla lá da Beira Rio; ela ... a pior coisa que a Josy fez na vida dela foi ter saído dali e ter abrido a boate. Ela fala que não, mas pra mim foi, porque no Orla ali era muito bom. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Este espaço presente e agenciado por Ló, Michely e Wanessa, foi o mesmo que potencializou o encontro de um homem gay e duas mulheres lésbicas, que seriam os responsáveis pela formalização da ONG e efetivação da Parada, já no ano de 2006. Assim, narrar a história, registrar a existência de um lugar de encontro, do movimento LGBT e seus desdobramentos na cidade de Campos é um exercício que contribui para a compreensão das relações de amizade e das experiências trans na medida em que estando presentes ou não, elas foram constantemente afetadas por essas dinâmicas.

Na fala das interlocutoras esses espaços já existiam desde a década de 1970 (e possivelmente antes disso) e desempenhavam um papel de lugar de proteção, onde se poderia encontrar acolhimento afetivo e potencializar experiências que não seriam vividas na família ou na escola. A ideia de um lugar de proteção está também associada à possibilidade de construir vínculos de amizade nesses espaços; era o local em que pessoas que partilhavam experiências comuns poderiam se encontrar e criar outras experiências em parceria. Assim, os bares eram o espaço físico privilegiado para a formação da rede que se estabelecia na cidade, tanto mais por potencializar novos e enriquecedores encontros. Chana Carla explica que:

(...) nós tínhamos muitos... como nós não podíamos ficar muito na rua, por causa da polícia, nós tínhamos aqui... tivemos muitos barzinhos... bar... ponto de encontro...é, gay. [...] O La Cuerva, o La Cuerva, que era na 28 de Março, tivemos o Bate Papo, (...) muito aconchegante, com pista de dança, cabines pra gente ficar. Cabines! Era... tinha cabines pra gente ficar; muito aconchegante, muito gostoso. Aí tivemos o Bate Papo ali também, aqui no Centro, na área central, que lá dentro era mais reservado e, pra lá e pra cá, a gente ficava mais à vontade pra dançar e tudo... lá pra dentro era mais à vontade. [...] É... era o Tom Tom, era o melhor que tinha, era o melhor. Porque era muito aconchegante, tinha aquelas cabines pra gente ficar ali com nossos namoradinhos, né?! (Chana Carla, 06/05/2016)

Desses três bares, ou casas noturnas, Paulette se lembra de todos, mas destacou que o Bate Papo: “(...) era casa de travesti, de show. (...) Não era casa de show mas era casa que os

travesti podia frequentar, sabe?!” (Paulette, 02/03/2016) Com isso ela demarca um espaço em que sua presença era permitida, o que possibilita considerar que possivelmente em outros locais marcados pela cisnormatividade Paulette era constrangida a não estar.

Segundo Chana Carla o responsável pelo Tom Tom era “Francisco”, que atualmente é proprietário de um salão de beleza que funciona em sua própria residência. Já com mais de 60 anos, Francys, como também é conhecido, vive sozinho nessa casa em que morava com sua mãe, já falecida. Nas inúmeras conversas que tivemos sem o recurso do gravador, pois ele sempre fora enfático ao dizer que não poderia gravar entrevista para não comprometer as “pessoas importantes” que ele conheceu no passado, Francys narrou as décadas de 70 e 80 como um período boêmio, em que ele e seus amigos, que “eram amigos de verdade” aproveitaram muito. O tom nostálgico sempre compôs seu modo de conduzir as conversas. Depois da entrevista com Paulette, associando a idade que tinham, percebi que eram da mesma geração e logo pude confirmar que, de fato, tinham sido grandes amigos e que “juntos já aprontaram muito”.

Paulette sugeriu que o entrevistasse também, mas a tentativa, que eu já havia feito antes mesmo dela sugerir, não foi produtiva. A cada investida feita durante as conversas informais em seu salão de cabeleireiro, uma justificativa era construída, e nela Francys apresentava dados interessantes, como a existência desse seu bar e de alguns outros que funcionavam à época, sempre destacando que não era um bar de gays ou veados, mas sim um bar livre, em que havia muito respeito e liberdade. Nesse exercício em que a recusa aparece como lugar de fala, e não de silenciamento, havia uma ausência da marcação identitária preconizada por Francys. Isso pode causar algum estranhamento ou até mesmo decepção naqueles que esperam a politização em todos os espaços, mas é um fato que evidencia o quão histórica é essa demanda política pautada atualmente pelos movimentos sociais. Embora Francys tenha uma performance de gênero socialmente percebida como feminina – está sempre amparado por muitas pulseiras, brincos, cordões, uma peruca loira que dá forma ao seu cabelo *chanel*, e uma blusa social com corte identificado como feminino, e geralmente uma calça jeans ou mais justa – ele nunca se apresentou no feminino, tampouco chegou a ventilar a ideia de que seria uma travesti. A maneira como é conhecido, Francys, é uma redução de seu nome de batismo, Francisco. Intencionalmente ou não, com isso ele insere um tom de indefinição quanto à marcação de gênero; Francys pode ser usado tanto para se referir ao masculino, quanto ao feminino.

Nessas conversas informais com Francys e nas narrativas das trans percebi que o período exato de funcionamento desses bares não é preciso, mas pode ser localizado entre os

anos das décadas de 1970 e 1980¹⁰⁴, época em que elas estavam na juventude. É também da década de 1980 o Bar Vermelho, que “acolhia” todo tipo de desviante”, como veados¹⁰⁵, putas, bêbados e artistas, ou seja, pessoas cujo trânsito e visibilidade seriam praticamente impossíveis durante o dia, sem que sofressem algum tipo de sansão social. Desta forma, tal como para os “sexualmente desviantes”, o Bar Vermelho funcionava também como um espaço de proteção para esses outros desviantes.

Também o Club 224 – também chamada de *Two Two Four* – em funcionamento desde o final da década de 1980, é uma casa noturna dirigida por um casal de mulheres lésbicas, que funcionava na garagem de sua casa no Turfe Club – atualmente o funcionamento deste espaço é esporádico, com apenas algumas festas eventuais. Esses espaços foram usados para estreitar os laços de amizade, bem como para ampliar a rede de amigos, e conferir um sentido de transgressão às regras sociais¹⁰⁶ e de formação de um grupo que se protege por meio da identificação como igual. Assim, a prática da amizade também está condicionada ao encontro entre as amigas e amigos em certos lugares da cidade (a residência, o local de trabalho, os bares e casas noturnas, a praia e a praça).

Norbert Truquin defende que a taberna é um espaço de encontro do proletariado, pois viver na solidão é algo muito danoso para o grupo.¹⁰⁷ É possível encontrar uma semelhança com a existência dos bares e boates que se tornam ponto de concentração e encontro público dos gays e trans, pois muitas vezes esse é o único espaço que garante um sentimento de coletividade, de percepção evidente de que não se está sozinho da forma como se é.

¹⁰⁴ Sobre este período e o aparecimento de bares “alternativos” no contexto da cidade, é relevante a pesquisa feita por Talita Vieira Barros, sobre o “Bar Doce Bar”, surgido na década de 1970. Na pesquisa apresentada, o bar compõe a cena de uma cidade que se constitui à época da Ditadura Militar no Brasil, e os antigos frequentadores foram entrevistados pela pesquisadora, podendo então construir o que ela denominou de uma memória ficcionalizada. Além do debate sobre memória, com uma literatura bem fundamentada, a autora cria uma narrativa muito rica para o entendimento do contexto cultural de Campos no período. (BARROS, Talita Vieira. *Bar doce bar: nos desvãos das micronarrativas*. Artigo de conclusão do curso de pós-graduação *Latu Sensu em Literatura, Memória Cultural e Sociedade* do Instituto Federal Fluminense (IFF) campus Campos/Centro, 2013.

¹⁰⁵ Em Campos dos Goytacazes o termo veado é usado para designar homens gays cisgêneros, travestis, transexuais, podendo ser usado como categoria de ofensa, quando acionado para acusar alguém, ou mesmo como uma forma de tratamento quando usado entre pessoas LGBTs. Uma particularidade da cidade é que diferentemente da forma usual falada no Brasil, em que o E assume som de I dando origem à forma falada [vi. 'a.dv], na cidade fala-se [ve. 'a.dv].

¹⁰⁶ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 196

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 217

Lutar sem escrotizar: histórias sobre a Parada LGBT

Eram os anos iniciais da primeira década de 2000, e as paradas LGBTs já estavam ocorrendo a todo vapor em várias cidades do Brasil. Na cidade do Rio de Janeiro a primeira parada ocorrera em 1995, e muitas foram as excursões organizadas em Campos para levar participantes para este evento. Como lembra Josy:

Então, a partir daí a gente tinha um cliente, o Fabiano Vitória, que também... muita gente se interessou porque começou a fazer essa visibilidade, entendeu?!, (...) como se fosse um movimento ali. Quando teve a primeira Parada Gay do Rio, a concentração das excursões foram lá, no *GayOsque*, quando foi feita a Pré-Parada do Rio de Janeiro, entendeu?! Eu e Fabiano... vamos fazer excursão, vamos? Vai ser legal... e aí veio... inventei essa festa lá pra poder, a partir dali a gente ir pro Rio, e foi muito legal porque todos os ônibus se concentrou ali, e... foi doideira, foi muita doideira. Foi muito bacana, porque a gente foi com muita responsabilidade... na luta mesmo, era tudo muito no início, então tava todo mundo na luta... difícil, tanto pro Rio, quanto pra São Paulo, e foi muito difícil. (...) A partir dali esse engajamento da ONG, a gente começou a ter ideias, trocar ideias... Você quer fazer?!, então vamos fazer. O que que tá faltando?! Precisamos conseguir tantas assinaturas! Então, a minha casa tá aqui... Então, todo mundo que entrava na casa, a gente falava o motivo que tava assinado aquilo dali, que era pra fazer o estatuto, né?!, pra dar entrada no estatuto pra gente criar uma ONG em Campos. (...) Aí foi daonde que Fabiano deu entrada na papelada, aqui em Campos é tudo muito difícil; tivemos que pedir apoio lá fora, que também foi um ano político... (...) e conseguimos registrar o Estatuto, entendeu?! (Josy Tavares, 23/08/2015)

Em 2005, os estudantes universitários Potiara e Fabiano, frequentadores do *GayOsque*, organizaram uma excursão para a Parada GLBT que aconteceria em Copacabana¹⁰⁸. Após este evento, iniciou-se a mobilização para a criação de um grupo na cidade, o que foi feito em 10 junho do ano seguinte (2006): Grupo Esperança de Conscientização Homossexual¹⁰⁹. É pertinente observar que na fala de Josy, nos registros da imprensa e na própria Ata de fundação do Grupo Esperança não há qualquer menção específica às trans. Na Ata, por exemplo, todo o trabalho proposto pelo Grupo está voltado para homossexuais, como a promoção dos direitos civis, a conscientização da sociedade e a diminuição dos preconceitos¹¹⁰.

¹⁰⁸ Este evento foi publicado pelo jornal *Folha da Manhã* em 26 de junho de 2005, com a matéria: “Campistas vão à parada Gay e querem filial na ONG Arco-Íris: na reunião de LGBTs hoje no Rio, campistas querem começar a traçar um plano com representantes da ONG”.

¹⁰⁹ Conforme está registrado na Ata de fundação e Estatuto do Grupo Esperança.

¹¹⁰ Folha 1 da Ata de fundação e Estatuto do Grupo Esperança

Quase três semanas depois, o mesmo jornal que noticiara a ida de Potiara e Fabiano à Parada GLBT do Rio de Janeiro em 2005, publicou outra matéria falando sobre a realização da 10ª Parada GLBT em São Paulo, com um destaque de página inteira e continuidade na página seguinte, falando sobre a possibilidade de realização da 1ª Parada GLBT em Campos dos Goytacazes. Nessa mesma reportagem, fala-se sobre a permanência do preconceito na cidade e Chana Carla, travesti muito conhecida, é entrevistada; além disso, há um registro da ocorrência de festas GLS, que “já virou uma das principais atrações nos finais de semana e reúne pessoas de Campos e outras cidades”.¹¹¹ Seria a construção de uma outra visibilidade LGBT na imprensa local? A Imprensa acompanhava os passos do movimento e produzia materiais que davam destaque aos eventos.

Em 20 agosto de 2006 ocorreu a Primeira Parada Gay de Campos, com um público estimado de 10 mil participantes, segundo *Folha da Manhã*¹¹². O evento foi noticiado neste mesmo dia e nos dias seguintes por vários jornais. Além do apelo político, as reportagens destacaram a animação e a necessidade de realização deste tipo de evento na cidade. Uma das reportagens publicadas no dia 20 de agosto chama a atenção por sua ousadia e provocação.

¹¹¹ *Folha da Manhã* – 28 de junho de 2006 – Folha Dois – p. 2

¹¹² Contraditoriamente na edição de dezembro do mesmo ano o jornal disse que o público fora de aproximadamente 3 mil pessoas, uma diferença nada sutil.

Figura 19: Música para animar a multidão



Fonte: *Folha da Manhã*, 20 de agosto de 2006. p. 2 (Arquivo pessoal de Wellington Paes)

Penso nos termos ousado e provocante, pois este é um jornal de grande circulação na cidade, e de um dia da semana em que muitas pessoas ainda têm o hábito de ler o jornal, o domingo. Portanto, pensar neste jornal apresentando dois homens se beijando é algo relevante para compreender as tramas da cidade em relação à “questão gay”. A relevância em destacar esse tipo de evento e a visibilidade gay dá-se em função de uma compreensão de que não há na cidade uma sensível diferenciação entre o que é ser gay, travesti ou transexual. Entre as participantes da pesquisa, e mesmo na pesquisa de mestrado realizada anteriormente, há um didatismo cruel e simplificador da sociedade em tratar todas essas pessoas como “veados”. O termo veado assume um papel polissêmico para identificar, qualificar e subjetivar todo aquele que, tendo sido identificado como homem ao nascer, não vive uma masculinidade viril e

exclusivamente heterossexual, dito de outra forma, todo aquele que recusa algum dos “privilégios masculinos” pode ser chamado de veado.

Neste mesmo ano, 2006, *Folha da Manhã* noticiou outro evento, a segunda edição do Grito da Diversidade, que ocorreria em janeiro do ano seguinte, no distrito de Farol, região litorânea de Campos, cerca 50 quilômetros do Centro de Campos. O Grito da Diversidade segundo Chana Carla, foi criado por ela mesma em um momento em que ela já tinha a “credibilidade e fama”, pela entrega do Prêmio Nossa Gente é um Talento, feita no Teatro Trianon. Eram dois eventos que ocorriam na cidade, um liderado por lésbicas e gays e outro por uma travesti, Chana Carla. Para ela, houve a tentativa de fazer os eventos em conjunto, mas a comunicação não foi amistosa e por isso mantiveram-se separados, e ainda:

O Grito da Diversidade, porque... aquela coisa taxativa “Parada Gay”, já é meio complicado... ainda é aqui em Campos, né?! Aí eu falei assim, eu vou pegar e vou criar. Aí criei e fiz; primeiro ano, sucesso total na praia do Farol, a... a... lotada a praia, já hiper lotada, eu botei 3 trios, 3 super-mega trios; trio oficial, com tudo que tem direito, veio o pessoal do Arco-Íris também; eu falei assim: “Se vocês não vierem, eu vou denunciar vocês também!”

Chana enunciava com clareza o desconforto que o termo gay traz para a cidade, e por isso assumiu a posição de nomear seu evento como Grito da Diversidade. Nesta época ela trabalhava na Secretaria de Comunicação e seu evento, conforme consta na matéria publicada, teria todo o apoio da Prefeitura Municipal, com as Secretarias de Comunicação, Saúde e Cultura, que apoiaram a 1ª Parada do Orgulho GLBT, embora Josy tenha explicado que este primeiro evento foi feito com muita dificuldade, justamente pela falta de apoio do poder público municipal:

(...) mediante o Quiosque, eu comecei a adquirir muitas amizades de políticos, né?!, Ali acabou sendo um nicho de uma política, né?!, virou uma politicagem ali na época de campanha, que era muita gente, e eles se sentiam a vontade de ir lá conversar, me procuravam, então, (...) eu usei alguns contatos meus de estabelecimento pra pegar um caminho, e foi aonde o Fabiano também usou algumas pessoas, usou não, pediu ajuda, apoio pra algumas pessoas e que nos encaminharam para uma deputada lá no Rio de Janeiro que na época abraçava a causa, que era a Alice Tamborindeguy, que nos ajudou com algumas coisas de panfletagem e, aqui em Campos eu não lembro qual foi o vereador, ou era a proposta a ser vereador, que ajudou a vim um trio elétrico lá... de quase chegando na Bahia, que a Prefeitura aqui em Campos não nos deu pra ter (...) (Josy Tavares, 23/08/2015)

Josy lembra que a 1ª edição da Parada de Campos ocorreu em um ano de eleição municipal e isso fez com que muitos candidatos, políticos, se aproximassem do *GayOsque* a fim de conseguir alguns votos; inclusive alguns chegaram a apoiar o evento como um

candidato que conseguiu um trio elétrico, já que a Prefeitura não dispusera de tal apoio. Um dos apoios veio da deputada estadual Alice Tamborindeguy, que é irmã da conhecida socialite brasileira Narcisa Tamborindeguy.

Figura 20: Grito da Diversidade pretende reunir 35 mil pessoas em Farol de São Tomé



Fonte: Folha da Manhã, 28 de dezembro de 2006.

Não é possível precisar qual dos eventos teria uma participação mais expressiva de gays, lésbicas, travestis ou transexuais. O que ficou evidente é que tanto o Grito da Diversidade, organizado por uma trans, quanto a Parada GLBT, liderados por gays e lésbicas, reconheciam a presença de uma resistência ao tema na cidade. Chana usou uma palavra que causaria menos impacto – diversidade –, o Grupo Esperança direcionou seu discurso para os homossexuais e em nenhum dos dois as experiências trans pareceram estar em destaque enquanto pauta de uma discussão política pela implementação dos direitos, tendo em vista as especificidades de tal experiência. E é certo, também, que tanto na matéria sobre o Grito da Diversidade, quanto em diversas outras sobre as Paradas, a imagem utilizada para ilustrar a reportagem ou notícia é a de uma trans, em geral uma *drag queen*, caracterizando o tom

festivo que o evento representaria. Desse modo, os jornais contribuem para reforçar uma ideia social criada de que todos os gays (e entendendo-se aí também as trans) são alegres, de que “a Parada é um carnaval fora de época”, em que seria permitido o encontro dos gays e a produção da festa, já que este seria o espaço e as subjetividades possíveis para estas pessoas.

Ao longo dos 10 anos de evento, ora utilizava-se o nome Parada GLBT, ora Parada LGBT ou simplesmente Parada Gay. Tais mudanças, no entanto, não estavam ligadas a um processo de amadurecimento político e discussão interna do grupo e não havia a presença constante e significativa de travestis e transexuais na organização da Parada do Orgulho LGBT. Segundo Chana Carla, em 2006, a mesma época da realização da primeira edição da Parada na sede do município, houve também um evento organizado por ela própria no distrito do litoral campista, o Farol de São Tomé. Isso ocorreu porque o responsável pelo Grupo Esperança não quisera se unir a Chana para realizarem juntos a Parada. Ela explica que:

E também, eu falava muito pra ele: “Fabiano, vamos nos unir...”, eu estava na Secretaria de Comunicação, aí eu já tinha largado a rua. Eu falei: “Vamos nos unir, e vamos fazer uma Parada só”. Aí ele falou pra mim: “Não, você faz a sua e eu faço a minha!” Eu falei: “Bicha, eu acho bom você não bater de frente comigo, porque eu vou ganhar de você!” Aí ele falou: “Não, tudo bem!” Aí eu falei: “Então tá bom, eu vou fazer a minha.” (Chana Carla, 06/05/2016)

Foi nesta época que ela criou o Grito da Diversidade, realizado três vezes na praia do Farol de São Thomé. Chana foi uma das únicas interlocutoras a apresentar uma vontade e história de engajamento político em relação à luta por direitos e mobilizações na cidade, pois, como ela mesma destacou: “(...) que eu me envolvi, que eu amo política, adoro política”.

Farol de São Tomé é o distrito do litoral de Campos; foi o lugar escolhido por Chana para a realização do seu evento possivelmente pelo período do ano em que o evento foi realizado: o verão, momento em que há grande movimentação já que é a região litorânea de Campos. Muitas das interlocutoras da pesquisa citaram os passeios e festas feitas no Farol. A lembrança dos tempos em que ia pra Farol, contadas com certo ar de saudosismo por Luciana, indicam esse fluxo que ocorria, e talvez ainda ocorra na cidade de Campos. Durante a época do verão, em que o calor é forte e intenso na cidade, grande parte da população vai para a região das praias, tanto de Campos (no distrito de Farol de São Tomé), quanto das cidades vizinhas de São João da Barra (praia de Atafona e Grussaí) e São Francisco do Itabapoana (praia de Santa Clara e Guaxindiba).

Gente.. Farol se tivesse.. se aquelas águas e areias falassem... gente! Nossos verões era tudo lá... (...) a gente alugava uma casa... 15 a 20 pessoas... Ques

verões maravilhoso, ah meu Deus! Muito bom mesmo! (Luciana Campos, 16/11/2015)

De maneira geral, entre as interlocutoras foi produzida uma narrativa que pretendia afastar o engajamento com a participação política em associações ou organizações não governamentais que lutasse pelos direitos civis e sociais. Entretanto, isso não significou que elas estivessem ausentes dos movimentos, das Paradas do Orgulho LGBT e mesmo nos bastidores de diversas atividades.

Para Áquila, havia um equívoco na forma como o movimento organizava-se e produzia sua mobilização. Em sua fala, ela destaca como vê a cidade de Campos e aponta como deveria ser o movimento, que ela mesma não integra:

Eu vejo, Rafael, Campos uma cidade muito pequena, entendeu?! Nesse, nesse rumo, nesse meio, até porque as, as organizações, né?!, LGBT que têm dentro da nossa cidade, é... são os pequenos... é... Acontecem os fatos que às vezes os próprios homossexuais precisam, e... e... essas organizações não ajudam, entendeu?! Então... eu pra dizer a você, eu não gosto nem de Parada Gay, não gosto, não apoio. Até porque, eu acho que às vezes nem todo homossexual tem a cabeça igual o outro, mas eu vejo assim, se é uma paralização para que as pessoas não aceitem, então a gente tinha que ir todas de calça jeans, muito bem vestida, entendeu?! Com uma camisa bonita, todos muito bem. Então... informando que não é só botar peito pra fora, bunda pra fora, entendeu?! Até porque, vão pais que levam seus filhos pra poder ver também, que não é diferente, então não é pra ver uma, um homem vestido de mulher, entendeu?! (...) Então, você acaba escrotizando, como diz o ditado popular, entendeu?! Afrontando a sociedade, então... eu não me vejo nessas hipóteses. Vou ficar dentro da minha casa, dentro do meu bairro. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

O temor de Áquila é justamente o que os jornais e a mídia televisiva destacam nas Paradas; nos jornais analisados desde 2006, nota-se que as imagens do evento priorizadas para compor as reportagens são de travestis e *drag queens* e vêm acompanhadas de um discurso que sugere a ocorrência de uma festa alegre e livre de pudores. Áquila aciona a ideia de “escrotizar” como algo negativo e que causa o afastamento das pessoas do movimento; a exibição dos corpos, particularmente das travestis, foi apontada como uma forma de diminuição do potencial político do evento e isso fazia com que ela mesma não quisesse participar.

A narrativa apresentada que busca justificar o equívoco do movimento demonstra que mesmo não estando presente, a vida de Áquila, e das demais trans da cidade, é afetada pela maneira como foi articulada a trama das Paradas do Orgulho LGBT no Brasil e na cidade de Campos. Essa oscilação de escala entre o micro e o macro chama a atenção para um tempo histórico em que as informações são divulgadas com celeridade.

E talvez por isso, Michely considere que os gays, e as travestis, queiram afrontar a sociedade campista marcada pela cisheteronormatividade. Para ela, há atitudes que não seriam adequadas:

Tem gay e travesti que, que querem afrontar a sociedade. Eu chego no supermercado com ele, aqui no Superbom, eu não vou andar de mão dado ele, né?! Aí ele vai pra um lado, que eu gosto em supermercado tem que ser tudo rápido. “meu filho, pega isso, isso, isso”, eu chamo de filho, e ele me chama de filho. Vão... e o carrinho tá aqui.. eu vou de um lado, ele vai de outro... na hora de pagar, passando no caixa, né?!, os outros olham assim, tem gente que não tá acostumado, né?! Olham, e ele olha, ele só olha assim... eu faço assim: “Chiuuuu”. Pegamos as nossas bolsas, viemos embora, passamos na rua. Mas tem travesti que quer o que?!, andar igual mulé; beijando... A sociedade não tá preparada pra isso. A sociedade não é obrigada ver esse lance, esse... certos carinhos. Aí o gay quer igualdade com o que?!, se não dá respeito. Criança, a cabeça da criança?! Tem um casal, né?! Um casal de hetero normal, com filho, você vai querer ver seu filho vendo dois homens se beijar? Independente que o outro seja, que teje vestido de mulé ou não?! Os dois, dois gays mesmo; que eles gostam de afrontar isso... gostam! A cidade é pequena. No Rio você não vê isso. Em São Paulo leva coro; vai fazer isso! Tem os locais certos, né?! Rio também tem os locais certos. Eles também invadem Copacabana inteira, ou só fica ali na Bolsa, os gays?, só fica na Bolsa, no posto 7, ou vai lá pra Ipanema, não é verdade? Eles invade Copacabana? Não! (Michely Coutinho, 23/02/2016)

Na visão de Michely, os gays querem demais, querem ser tratados como heteros, ou seja, ter o mesmo direito de trocar afetos e carícias em público. Isso justificaria as violências sofrida cotidianamente, ou seja, Michely reconhece que há um “cistema”¹¹³ que coage e constrange as experiências trans a não reivindicar o espaço público como um direito de existir. Ela dá o exemplo de crianças que podem ver “esse tipo de coisa” e não seria bom. Na entrevista feita com Josy, que foi uma das precursoras do movimento LGBT na cidade, a fala sobre este tipo de visibilidade e de acesso aos espaços da cidade é muito semelhante. Há, em ambas, um tom sobre o que é certo e de que há espaços específicos na cidade de Campos, e em outras cidades, para que os gays possam “fazer esse tipo de coisa”.

Reconhecer a heterossexualidade e a cisgeneridade como experiências que correspondem ao padrão de normalidade instituído na sociedade demonstra o peso desse tipo de conhecimento na formação das subjetividades trans. Anna Laurah “com um metro... quase um metro e noventa” investe em uma vigilância sobre a forma como vai se apresentar na sociedade, pois acredita que “com uma saia de 5 dedos e um pedaço de tecido que cubra só o

¹¹³ Utilizo “cistema” como uma corruptela da palavra sistema, para fazer referência ao modelo de organização da sociedade pautado no modelo cis-sexista, conforme sugerido por Viviane Vergueiro (2015) a partir da leitura de Ramón Grosfoguel (2012) em relação ao sistema-mundo.

bico do meu peito, ou seja, eu tô pedindo, né?!, eu tô pedindo de joelhos para que me hostilizem, né?!”. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015). A altura de Anna é um dos elementos que fazem com que ela chame a atenção por onde passa. Considerando que a estatura média da mulher brasileira é de 1 metro e 60 centímetros¹¹⁴, a altura de Anna faz com que sua “passabilidade” seja ainda mais difícil. Assim, na tentativa de desviar desses olhares inquisidores, ela dedicou-se a trabalhar sobre si a partir de referências cisheterossexuais.

Eu trabalhei educação, eu trabalhei elegância, eu trabalhei postura, entendeu?!, trabalhei tudo que eu pude é... de captar, de influência positivas do mundo hetero, eu tentei adaptar na minha vida; ou seja, pessoas gostam de tá do lado de que?!, pessoas bem educadas, pessoas que saibam conversar, pessoas que saibam falar, pessoas que saibam se vestir, entendeu?! Não precisa nem que tem que saber se vestir, mas no mínimo que não ande pelada, semi nua pela rua... já é um grande adiantado, entendeu?!, suponho eu. Então., nesse... nesse pedaço também eu trabalhei bastante, que foi a parte de estilo, entendeu?! Então, graças a Deus na cidade eu ainda sou considerada uma das mais estilosas, mas porque eu também trabalhei muito isso; porque justamente eu falei, se é pra chamar a atenção, vamos chamar, então de uma forma positiva, entendeu?! (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015).

A produção de si passa por uma leitura das normatividades de gênero e a associação do comportamento tido como heterossexual como aquele que serve de padrão e que deve ser seguido; é claro que aqui a ideia de heterossexualidade apresentada por Anna está ligada a uma noção de comportamento aceito socialmente, de uma vivência do feminino mais próximo de Marianne do que de Lulu¹¹⁵; para Anna, mesmo aquelas travestis ou trans que são Lulu e estão na prostituição, devem encarnar a Marianne para viverem na sociedade diurna.

Ashley Currier¹¹⁶ registra o processo de invisibilização das pessoas transgênero no movimento LGBT da Namíbia e África do Sul, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2005 e 2006 com quatro organizações presentes nesses dois países. Tendo entrevistado 28 militantes em cada país, nenhum deles se identificou como transgênero. Foi somente em 2005 e 2011 que se deu a criação de organizações transgêneras na África do Sul, a *Gender*

¹¹⁴ Conforme publicação da BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-36892772> - Acesso feito em 19 de maio de 2018.

¹¹⁵ PERROT, Michele. De Marianne à Lulu: as imagens da mulher. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

¹¹⁶ É uma socióloga que dedicou seus estudos à análise de grupos LGBTs na Libéria, Malawi, Namíbia e África do Sul; sua formação acadêmica se deu na Universidade de Pittsburgh (Pensilvânia, Estados Unidos), e atualmente ela integra o *Department of Womens’s, Gender, & Sexuality Studies*, da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos).

*Dynamix e a Transgender and Intersex Africa (TIA)*¹¹⁷, respectivamente. Conforme registra Currier:

Embora os ativistas LGBT da Namíbia e da África do Sul tenham sido influenciados por vários fatores culturais, sociais e políticos, as identidades coletivas gays e lésbicas aparecem em ambos os movimentos como um ponto de referência importante na exigência do reconhecimento dos direitos sexuais. As outras exigências sobre o respeito à diversidade sexual ou a promoção da variação de gênero tenderam a ser marginalizadas nos dois movimentos. Em outras palavras, bissexualidade, transgeneridade e outros termos alternativos referentes à diversidade de gênero e à sexualidade não estavam na agenda.¹¹⁸

Além de evidenciar a hierarquização das pautas reivindicatórias presentes nos movimentos LGBTs, a análise da autora permite considerar, por um lado, que a hegemonia cisgênero é um registro que permeou historicamente os movimentos em diversas partes do mundo, e por outro o quanto as específicas demandas relacionadas às pessoas transgêneras, bem como a proliferação de categorias, formas de nomear e criar as identidades trans é um processo que assume maior visibilidade na história recente. Isso não significa, todavia, que a existência de pessoas trans seja uma novidade, mas sim que a possibilidade política de conferir sentido, legitimidade e demandar reconhecimento dessas experiências é sim um registro recente na história.

Assim, de 2006 até 2015 foram realizadas 9 edições da Parada, sendo que nos dois primeiros anos usava-se o título de Parada do Orgulho GLBT, e nos anos seguintes adotou-se a nomenclatura de Parada do Orgulho LGBT; esta alteração está em consonância com a articulação nacional do movimento LGBT, que na Conferência Nacional de 2008, passa a ter o L como letra inicial. Como já fora indicado anteriormente, apesar dessas mudanças, os jornais e parte das colaboradoras se referem ao movimento, de forma geral, como movimento gay e Parada do Orgulho Gay, ou somente Parada Gay, o que denota um evidente distanciamento entre os discursos produzidos no movimento oficial, em âmbito nacional, e o processo de apropriação (reconstrução) feita pela população.

¹¹⁷ CURRIER, Ashley M. De la ventriloquie proviroire: l'inclusion de la catégorie transgenre dans les mobilisations LGBT en Namibie et en Afrique du Sud. *Revista Politique Africaine*: La question homosexuelle et transgenre. n° 126 – Juin: Éditions Karthala, 2012. p. 87-108

¹¹⁸ Ibidem, p. 88-9 (Tradução do autor. No original: Bien que les activistes LGBT namibiens et sud-africains aient été influencés par différents facteurs culturels, sociaux, et politiques, les identités collectives gays et lesbiennes apparaissent dans les deux mouvements comme des point de référence saillants dans l'exigence de la reconnaissance de droits sexuels. Les autres revendications sur le respect de la diversité sexuelle ou la promotion de la variatin de genre tendaient au contraire à être marginalisés au sein des deux mouvements. Autrement dit, la bisexualité, le transgenre et d'autres termes alternatifs désignant de la diversité de genre et de sexualité n'étainet pas à l'ordre du jour.)

De maneira geral o termo Parada Gay compôs o título das notícias como forma de chamar a atenção do leitor e na matéria escreve-se Parada do Orgulho GLBT (a partir de 2008 LGBT), sendo comum a variação na forma por extenso da sigla, especialmente na hora de se referir ao T¹¹⁹. Enquanto lésbicas, gays e bissexuais apareceram conforme a letra que os representa, o T foi alvo de uma imprecisão; ora se escrevia travestis e transexuais, ora travestis e transgêneros, ou somente transgêneros. Há ainda momentos em que a opção foi pelo uso do TT, na tentativa de abarcar as especificidades de travestis e transexuais. Mas, de maneira geral, percebe-se que não há uma regra, tampouco essas variações são fruto de um amadurecimento ou mudança do próprio movimento - o passado e o presente do movimento estão num mesmo momento.

Esta composição ajuda a compreender que os fluxos do movimento social possuem uma dinâmica que deve ser entendida a partir do tempo histórico, bem como do espaço em que foi criada. Há, nesse caso, uma concomitância discursiva: de um lado, o discurso do movimento social organizado¹²⁰, cuja centralização é feita nas capitais do Brasil; do outro, há uma capilarização lenta e mutante desses discursos ao chegarem às cidades menores, ou do interior; esta seria uma forma de explicar a permanência do uso de Parada Gay nos títulos das matérias jornalísticas, e Parada do Orgulho LGBT no texto da matéria. A hipótese mais coerente é de que o trabalho do próprio jornalista responsável pela publicação da matéria interfere na forma como ele ou ela irá se referir ao movimento.

No ano de 2011, já com muito menos apoio, a Parada não foi realizada, pois a Prefeitura Municipal não liberou recursos humanos e técnicos para a realização da mesma. Como o Grupo Esperança não conseguiu uma institucionalização efetiva, não havia a captação de verbas para os eventos que sempre dependia de apoios da Prefeitura Municipal e

¹¹⁹ Os impasses e dilemas experienciados pelas travestis, transexuais e demais transgêneros não têm sido poucos, tanto com os movimentos feministas (o que contribuiu para o surgimento do transfeminismo), quanto com o Movimento LGBT, muitas vezes conhecido como Movimento Gay. Em maio de 2016, Jaqueline Gomes de Jesus emitiu um comentário sobre a Parada de São Paulo: “Parada Gay? ERRADO. Parada Gay é ERRADO. A Parada é LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Aliás, o tema deste ano da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, a Lei de Identidade de Gênero (Projeto de Lei João W. Nery, que tramita no Congresso Nacional), não é demanda dos Gays, mas especificamente das pessoas Trans (quando digo trans, estou incluindo travestis, transexuais e demais transgêneros). Do que esse PL (de número 5002/2013) trata? Do direito a retificar o registro civil (prenome e sexo nos documentos) sem necessidade de autorização judicial ou qualquer tipo de tratamento, procedimento cirúrgico ou diagnóstico psicológico ou médico.

¹²⁰ A diferenciação de sexo e identidade sexual, gênero e identidade de gênero ou expressão de gênero e sexualidade e orientação sexual, bem como as possíveis identidades decorrentes dessas diferenças pode ser mais fácil para o próprio movimento do que para o restante da sociedade. De modo que as experiências trans não seriam entendidas em suas especificidades, e sim nomeadas como gays.

outros parceiros para a liberação de trios elétricos, verbas e autorização de uso das vias públicas. A fala de Josy denota esta ideia de dificuldade para a realização do evento:

Todo ano acontecia, tudo com muita dificuldade, sempre muito difícil, porque a gente nunca teve apoio direto da Prefeitura, a gente tinha o apoio porque um tem que apoiar o outro, se o 8º BPM dá o nada opor, o IMTT [Instituto Municipal de Trânsito e Transporte], a Guarda, a... a Prefeitura praticamente tem que dar esse respaldo pra eles, então não é pelo movimento, é pelo... (Josy, 23/08/2015)

Josy se refere aos documentos que legalmente devem ser emitidos pelos órgãos oficiais para a realização de um evento em vias públicas da cidade. Estes documentos, no entanto, por si só não garantem a realização do evento, pois há também uma parte de organização que depende de verbas para a ornamentação, liberação de equipe médica e ambulância, além da estrutura de luz, som etc. E seu olhar sobre como o poder público municipal lidou com este tipo de evento foi reiterado por Joyce: “(...) olha, acabou com Miss Gay; a Parada Gay, você vê o sofrimento de Josy, correndo atrás, né?!, com os meninos...” (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Joyce faz uma comparação do governo de Rosinha Garotinho com o anterior:

Era Arnaldo Viana, menino. Arnaldo Viana parecia que era veado também. Ele ajudava, e muito... e muito, na Prefeitura parecia um... um baile gay, de tanto que trabalhava gay. Você vê hoje na Prefeitura, quase não tem. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Embora em todas as edições tenha havido a participação de muitas pessoas que se identificam com alguma (s) das letras de LGBT, não houve um engajamento expressivo, que fosse capaz de fazer com que o movimento conseguisse se consolidar na cidade. Tanto na organização do evento, quanto nas reuniões das quais participei, para a organização da Semana da Diversidade, ficava evidente a presença de um grupo pequeno de pessoas, muitas delas vindas de fora de Campos, principalmente estudantes universitários.

Com isso, o que se nota é uma agenda no município que é fruto de ações individuais, não havendo um fórum de debates ou a produção de um espaço outro que articule estas pessoas envolvidas ou engajadas na luta pelos direitos “gays” ou “LGBTs”. No caso da Parada, por exemplo, apenas a Josy como líder deste movimento; muito embora se registrasse na cidade a ocorrência de outras atividades promovidas tanto por Fátima Castro, presidente da Associação Irmãos da Solidariedade, e por Margarida Estela, advogada e assistente social militante da LGBT e feminista. Destaco que estes e outros eventos, como palestras e debates promovidos na UFF, UENF e IFF, por pesquisadores da área, exibição de filmes e

documentários na OAB, organizadas por Margarida Estela, sempre tiveram um aspecto de atividades pontuais, e não houve, até então, uma articulação das pessoas envolvidas, com vistas à criação de um movimento mais coeso. A isto soma-se a falta de engajamento da população em atividades como estas, muitas vezes vistas como menores, ou desnecessárias.

As trans são apresentadas como o destaque do Carnaval, muitas estão presentes nas escolas de samba de seus bairros, no entanto não aparecem na apresentação de suas demandas específicas. Esta falta de mobilização na cidade pode ser lida de diversas formas, uma delas está presente na justificativa que Juliana, com um sorriso no rosto e um suspiro que reitera sua descrença, sentença ao justificar a falta de amizades com outras trans da cidade: “É... não... prefiro não ter, porque a classe não é unida, é uma querendo comer a outra.” (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Essa ideia de “classe” que “não é unida” seria uma das dificuldades encontradas pelo próprio movimento para a concretização de suas ideias, e muitas vezes essa é também a ideia de união ou embate usada para justificar a existência ou não de amizades. E é evidente que todo este cenário, que pode ser problematizado em pesquisas posteriores, advém da evidente noção de que não é somente a sexualidade ou o gênero que tecem as subjetividades; além dessas dimensões, há a classe, a geração, a cor/raça e outros marcadores sociais da diferença que concorrem para que uma mesma experiência de gênero, por exemplo, tenha efeitos e produza subjetividades sensivelmente distintas.

Até 2010, a Parada ocorria na Avenida Alberto Lamego, onde está localizada a Universidade Estadual do Norte Fluminense, localizada em uma região afastada do Centro da cidade, a 4 quilômetros da Catedral São Salvador. A partir de 2012, houve uma alteração do local de realização do evento. Da Avenida Alberto Lamego passou-se para a Avenida Francisco Lamego, mais conhecida como Orla de Guarus. Em meio a muitas gargalhadas, Josy Tavares explicou que esta mudança foi necessária porque era: “(...) um lugar que tinha muito espaço, onde se dispensava muitos os gays para diversão maior, falar assim!” (Josy Tavares, 23/08/2015). Além disso, ela justifica que era preciso fazer negociações com a comunidade local, e que em Guarus este tipo de trânsito era mais fácil, pois a própria comunidade pedira para que o evento ocorresse naquele espaço. Diferentemente do local anterior, a Orla de Guarus está localizada bem no Centro da cidade, do outro lado do rio, no distrito de mesmo nome: Guarus, região estigmatizada como periférica e pobre.

Em 2012, o então graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, Nathanael Araújo, que era funcionário da boate *Up!*, casa noturna de Josy Tavares, articulou uma programação preliminar composta por uma mesa de debates sobre

violência homofóbica no Instituto Federal Fluminense, o IFF, localizado no Centro da cidade. Esta atividade foi feita em uma sexta-feira, e no sábado houve uma série de atividades esportivas na praça da Lapa, bairro periférico do centro urbano de Campos.

Com uma atividade em construção, portanto, com erros e acertos, foi realizada a partir de 2013 a “Semana da Diversidade” em paralelo à Parada do Orgulho LGBT; inspirada no conhecimento de outras Paradas realizadas pelo Brasil, como no Rio de Janeiro e São Paulo. Em 2015 houve a 3ª Semana da Diversidade, e até então tivemos o apoio de outros profissionais da cidade e de outras regiões do Estado do Rio de Janeiro. Além do professor e assistente social Paulo Santos Freitas Júnior, que proferiu várias palestras e fez performances artísticas, tivemos o apoio de Vagner de Almeida, Salvador Correa e Juan Carlos da ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids), Rogério Koscheck da Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas, Henrique Rabello, da OAB-Rio, dentre muitos outros representantes de instituições do estado.

Pode-se indagar o porquê de uma tese que focaliza as experiência trans e as relações de amizade concentrar tanto esforço em grupos e ações de militância, em bares e boates e nas Paradas do Orgulho LGBT no contexto da cidade de Campos dos Goytacazes.

Toda essa narrativa construída até o momento tem o propósito estratégico de registrar, compreender e sistematizar (ainda que de forma frágil) a existência de espaços sensíveis à diversidade sexual e de gênero, destacando, também, os apagamentos, as transformações e as maneiras como as subjetividades trans são forçadas. Ademais, é uma forma de desnaturalizar a ideia de que a cidade de Campos é conservadora e tradicionalista a ponto de impedir a proliferação de histórias como esta que acabo de narrar; bem como desnaturalizar também a ideia de que o movimento que luta pela diversidade sexual e de gênero é homogêneo e horizontal, com espaço de voz e representatividade para todas e todos.

Nos últimos anos tornou-se mais visível a existência de grupos e indivíduos interessados na militância nomeada como LGBT. Estes começaram a aparecer com mais fôlego a partir da Semana da Diversidade, muitos dos quais foram a estes eventos e estavam ligados à Universidades, como a UFF, UENF e IFF. Registra-se, então, o surgimento do Coletivo Gaytacazes¹²¹, no final de 2014 na Universidade Federal Fluminense, e do

¹²¹ O Coletivo Gaytacazes é um grupo que congrega estudantes dos diversos cursos da UFF – Campos e atua em defesa das questões relacionadas aos direitos da população LGBT, com maior destaque para as demandas de lésbicas, gays e bissexuais, que compõem expressivamente sua formação; as travestis e transexuais aparecem muito timidamente, pois também não estão nas universidades, em sua maioria; muito embora nas reuniões ocorridas no Coletivo, a pauta dos direitos das trans seja sempre colocada em pauta pelos participantes. As atividades do Coletivo são, muitas vezes, divulgadas pelo *Facebook*, e sua atuação está ligada também a outros

NUGEDIS¹²² – Núcleo de Gênero e Diversidade do IFF – Centro, já em 2015. Além desses dois grupos, registro a existência do ATEGEN - Atelier de Estudos de Gênero, sediado na UENF, sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Marinete dos Santos Silva, que orientou diversas monografias, dissertações e teses com a temática de gênero e sexualidade em Campos¹²³.

Mesmo neste contexto, a presença das trans não foi percebida nos grupos universitários, o que corrobora a percepção de que o espaço acadêmico ainda é cisgênero, pouco acessado por elas, e mesmo os grupos, de militância e acadêmicos, que são pautados pela defesa das ditas minorias sexuais e de gênero, acabam por abarcar prioritariamente gays, lésbicas e bissexuais. Além disso, durante a produção das investigações que apresentadas nessa tese percebi algo que considerei relevante, e que corrobora a necessidade do trabalho historiográfico: registrar e fazer existir as histórias dos menos visibilizados, daqueles e daquelas cujas histórias tradicionalmente não faziam parte de uma determinada historiografia: as trans.

grupos universitários, como feministas e negros. Atualmente o Coletivo se denomina como **Coletivo LGBT Gaytacazes**; a inserção da sigla LGBT na apresentação do Coletivo possivelmente é fruto das discussões internas feita por seus integrantes. Mais informações sobre o Coletivo LGBT Gaytacazes podem ser vistas em <https://www.facebook.com/Coletivo-LGBT-Gaytacazes-364752827019715/?fref=ts> – Acesso feito em 20 de agosto de 2016.

¹²² É um Núcleo em funcionamento no Instituto Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes (campus Centro) e, como anuncia em sua página, é “formado por servidores, estagiários e bolsistas do Instituto Federal Fluminense, tem como principal escopo a propagação de ações relacionadas à educação sem homo e transfobia e a diversidade de gênero, visando respeito à livre orientação sexual e as relações igualitárias entre todos.” Além de uma comunidade no *Facebook*, também tem um blog em que são postadas notícias relacionadas aos direitos LGBTs. A presença deste Núcleo em uma das escolas de formação técnica mais tradicionais de Campos é vista como um desafio e uma conquista, pois tornou-se uma possibilidade de oxigenar algumas reflexões em uma instituição de ensino tida como tradicional. Diversas situações ocorridas em palestras, exibições de filmes e cartazes na instituição constataam essa importância, pois ocorreram depoimentos de estudantes reiterando o conservadorismo da instituição e até a presença de professores que abertamente se posicionaram contra a necessidade do debate das questões relacionadas ao gênero e à sexualidade nas instituições de ensino, reivindicando para tanto, argumentos pautados na Bíblia. Mais informações sobre o NUGEDIS: <http://diversidadeiff.blogspot.com.br/> e <https://www.facebook.com/NUGEDIS/> - Acessos feitos em 20 de agosto de 2016.

¹²³ Muitas das pesquisas orientadas pela Prof^a. Marinete dos Santos Silva tiveram como campo de pesquisa a cidade de Campos dos Goytacazes; destaco aquelas cuja temática das homossexualidades esteve presente, como as monografias de Fábio Pessanha Bila e Renata de Souza Francisco. Fábio pesquisou três crimes cometidos em Campos na década de 1990, que resultou no trabalho defendido em 2006, intitulado: “O médico, o padre e o jornalista: mídia, justiça e homofobia em Campos dos Goytacazes”; já Renata dedicou atenção às relações homossexuais no presídio feminino de Campos, que resultou no trabalho defendido em 2011: “A homossexualidade situacional entre a população carcerária feminina: um breve estudo do Presídio Feminino Carlos Tinoco da Fonseca em Campos dos Goytacazes”. Além desses dois trabalhos, também há a dissertação que apresentei em 2012: “As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes (2010-2011)”, e a tese de doutorado defendida por Daniela Bogado Bastos de Oliveira em 2011: “Das voltas que o mundo dá: família e homoparentalidade no Brasil contemporâneo”. É também fruto do ATEGEN a pesquisa feita por Fábio Bila e Marinete dos Santos Silva sobre Chana Carla e Jolivete Lorenzoni, publicada em 2009 na Revista de História da UFES: “Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias”.

Capítulo 3

Algumas histórias e outras subjetividades

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior defende a necessidade de produzirmos uma história que seja capaz de olhar para baixo, para “os seres que na sociedade são chutados como lata”, e para que sejamos capazes de tal empreitada:

(...) a História precisa de novas linguagens, de inventar novas palavras, de produzir novos conceitos que sejam capazes de conceder a glória à gosma da lesma nos vitrais das catedrais; que sejam capazes de majestificar a planta brotada nas frinchas dos fortes; de dar grandeza aos homens (...) que se enchem de silicone, batom e fantasia para aguentar a barra de amar diferente; que adoecem de amar por não terem aprendido; (...); que se prostituem nas praças e nas ruas (...) ¹²⁴

Pois esse é o fio condutor desta pesquisa que toma as experiências trans para além do já dito, buscando superar, mas sem desconsiderar, as históricas associações com a prostituição, com esse lugar dito marginal.

Ocupando uma posição múltipla, de pesquisador, militante LGBT e talvez ainda de forasteiro em Campos dos Goytacazes, fui afetado pelos os discursos daqueles e daquelas que estavam engajados no “movimento LGBT” a partir de 2010 e, segundo essas falas, o início de qualquer mobilização em torno da temática na cidade aconteceu com a realização da primeira Parada GLBT, em 2006. Portanto, fui levado a pensar, ainda, que a Semana da Diversidade, já apresentada, fora uma grande inovação para a cidade, já que traria o debate que se pretendia qualificado sobre os direitos relacionados à saúde, educação etc. Mesmo que isto não estivesse colocado de forma explícita, era uma maneira de hierarquizar outras formas de mobilização feita na cidade.

Foi a partir do contato com o material do arquivo de Wellington Paes que percebi como aquilo que me parecia tão novo, já era algo tão antigo. Evidentemente essa noção de novidade e antiguidade está relacionada a uma temporalidade circunscrita em um breve período temporal, sobre o qual essa pesquisa lança atenção.

Ao ver cuidadosamente notícias arquivadas por Wellington Paes como relacionadas ao “Homossexualismo, HIV-AIDS, Irmãos da Solidariedade, Fátima Castro”, percebi a prevalência de notícias que davam muito destaque à figura de Fátima Castro e à temática dos

¹²⁴ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru-SP: EDUSC, 2007. p. 95

HIV-Aids. Uma dessas notícias chamou a minha atenção por seu título: “Ativistas Gays Famosos em Campos para Passeata”; era assim que o jornal *A Cidade* noticiava a ocorrência do I Fórum de Debates dos Sexualmente Discriminados, que fora anunciado com a possível presença de Marta Suplicy e Cláudio Nascimento, mas somente este último de fato participou. Percebia, com isso, o quão importante seria dedicar mais atenção a esta questão e trazer ao registro historiográfico esse tipo de evento.

Histórias não contadas, ou por que esquecer o passado?

Os registros nos jornais demonstravam que dez anos antes da primeira Parada ser realizada em Campos, outros eventos, como o Fórum dos Sexualmente Discriminados, já haviam causado “escândalo” na cidade em defesa dos “gays”. Na capa de *Monitor Campista*, a chamada da matéria dava destaque: “Fórum reúne a comunidade gay no Município”, e indicava que o Fórum seria um espaço para debates sobre as violências, preconceito e discriminação e em busca da cidadania. Segundo o jornal, esse fórum fazia parte de uma agenda nacional de eventos em defesa da “cidadania dos discriminados”, e parte do evento seria uma passeata pelo Centro da cidade a partir das 11 horas da manhã “com um grupo de transformistas”¹²⁵. No entanto, Fátima Castro destacava que o evento seria em função de “um episódio ocorrido no mês de janeiro deste ano [1996], no hospital Ferreira Machado, quando um médico se recusou a atender um homossexual, tratando-o preconceituosamente e desconsiderando seus direitos como cidadão.”¹²⁶ Importa destacar que neste contexto o uso do termo homossexual poderia se referir tanto ao gay cisgênero quanto à travesti ou transexual. Nesse momento da década de 1990, era comum que os jornais utilizassem as palavras gay e homossexual em uma matéria que tinha como personagens principais sujeitos trans.

Nos anos de 1996 e 1997 foram realizados os o I e o II Fórum de Debate dos Sexualmente Discriminados¹²⁷. Esse e muitos outros eventos que anunciavam a aproximação

¹²⁵ *Monitor Campista* – 02 de março de 1996 – capa

¹²⁶ *Monitor Campista* – 22 de fevereiro de 1996 – sem página

¹²⁷ Em 1997 foi realizado o II Fórum, e em 2007 o III Fórum, portanto dez anos depois do último evento. Durante o III Fórum a questão do HIV não aparecia com tanta ênfase, como nos anteriores, ficando a temática da homofobia em maior destaque; o que pode ser confirmado com a conferência de abertura “Nos Labirintos da Homofobia”, proferida pelo então superintendente de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos de Direitos Humanos da Secretaria Estadual de Assistência Social do Rio de Janeiro, Cláudio Nascimento. O evento mereceu uma pequena nota publicada pelo jornal *O Diário* no dia 23 de junho de 2007.

com a temática da diversidade sexual e de gênero estavam associados à resposta ao HIV-Aids e à proliferação da doença na sociedade campista. Com isto, uma pessoa que teve grande destaque e figurou pelas páginas dos jornais campistas durante toda a década de 1990 e primeira década dos anos 2000 foi a assistente social Fátima Castro. Foi ela, também, que criou o fórum, que em sua programação apresentava um viés claramente ligado à saúde dos homossexuais, com foco no HIV. Esses eventos eram uma forma também de mobilização das trans, já que muitas delas, como Chana Carla e Andréa Castro, integravam a rede de Fátima.

Como será apresentado mais à frente, foi também nesta mesma época de realização dos Fóruns em meados dos anos de 1990, que apareceram as primeiras denúncias de travestis contra policiais. Elas alegavam que sofriam agressões nas ruas de prostituição, e isso foi um dos argumentos utilizados em favor da criação de uma carteira de trabalho para as travestis que trabalhavam na prostituição.

Esse pequeno recuo temporal permite observar como o apagamento histórico tem um efeito sobre as formas de lembrar e narrar o passado. Pela falta de registro, ou em função da descontinuidade dos trabalhos de mobilização social realizados na década de 1990, fazem com que a 1ª Semana da Diversidade, em 2013, fosse pensada como uma novidade, o que não era correto. Até mesmo a Parada do Orgulho LGBT, cuja primeira edição é registrada em 2006, teve também uma espécie de ensaio em 1996; um ano após a primeira parada GLBT do Rio de Janeiro, durante o I Fórum dos Sexualmente Discriminados, realizado aqui em Campos dos Goytacazes nos dias 02 e 03 de março, houve também uma passeata pelas ruas do Centro da cidade. No jornal *A Cidade*, a chamada da reportagem foi escrita com letras garrafais: “Aids e homossexualismo em questão”¹²⁸; reificando a histórica associação feita entre a Aids e a homossexualidade, e naturalizando a ideia de que a infecção pelo vírus era uma prerrogativa dos homossexuais, a matéria ainda mantém o uso corrente do termo homossexualismo, apesar de nessa época a homossexualidade já não mais ser considerada um transtorno psíquico.

Essa passeata foi noticiada no jornal *A Cidade*, que destacou o embate com a Igreja Católica, pois a passeata foi realizada na Praça São Salvador, onde está localizada a Catedral da cidade. O evento foi tomado como uma afronta à Igreja Católica, que se posicionava abertamente contra a homossexualidade, por considerar que esses “não herdarão o reino dos

¹²⁸ *A Cidade* – 05 de março de 1996 – p. 10

céus”¹²⁹. Para marcar a posição da Igreja, Dom Roberto Guimarães publicou uma carta de repúdio ao fórum e à passeata “afirmando que a sexualidade tem que ser reprimida”¹³⁰. Um destaque feito na matéria é que esta seria a III Marcha pela Diversidade realizada no país, e reforçava a grandiosidade do evento indicando que viriam de ativistas de várias partes do Brasil. Embora tenha recebido mais de 150 inscrições para o Fórum, pouco mais de 30 pessoas participaram da passeata, que era uma das atividades da programação.

Figura 21: Fórum de Debate: Aids e homossexualismo em questão.



Fonte: A Cidade, 05 de março de 1996. (Arquivo pessoal de Wellington Paes.)

¹²⁹ Conforme disse Dom Roberto Gomes Guimarães, bispo de Campos, em virtude da escolha de São Sebastião para ser padroeiro dos homossexuais, segundo pesquisa realizada pelo Grupo Gay da Bahia. Em: *A Cidade* – 27 de janeiro de 1998 – p. 5

¹³⁰ *Folha da Manhã* – 03 de março de 1996 – p. 6

O I Fórum de Debate dos Sexualmente discriminados também foi capa de um dos principais jornais da cidade, *Monitor Campista*.

Figura 22: Fórum reúne a comunidade gay no Município.



Fonte: *Monitor Campista*, 02 de março de 1996. (Arquivo pessoal de Wellington Paes)

Segundo a matéria do jornal que se orgulha de ser “o terceiro jornal mais antigo do país”, o Fórum reuniria a comunidade gay do Município em uma marcha que percorreria as ruas do Centro e o foco seria a luta “contra a violência, o preconceito e a discriminação.” O evento foi anunciado para ocorrer em dois dias, tendo início com a marcha, e continuidade na sede da Associação Irmãos da Solidariedade, em Guarus. Conforme consta no texto da notícia acima: “o assunto principal a ser debatido nos dois dias de Fórum é a cidadania dos discriminados com palestras que serão proferidas por pessoas de destaque nacional”.

Além de sugerir a existência da uma “comunidade gay” no município, cria-se a ideia de que todas essas pessoas estariam envolvidas na criação e desenvolvimento dos debates com foco na cidadania “dos discriminados” e que a construção da cidadania seria feita pelo caminho da saúde, ou melhor dizendo, enfocando o HIV-Aids.

No domingo, dia 03 de março, o segundo dia de evento, outro jornal da cidade, *Folha da Manhã*, publicou uma matéria de capa que chamava a atenção para o evento, qualificando-

o como “Escândalo dos gays”. Essa mesma capa que invoca o “escândalo” dos gay, anuncia o crescimento da Igreja Universal na cidade.

Esse crescimento das igrejas protestantes, como a Universal, que à época era tratada como uma “seita”, impactou as vidas trans. Conforme apresentado no capítulo 1 (Figura 3), um ex-integrante do Grupo Panteras expôs todas suas amigas após se converter à Igreja Universal; causando a “revolta gay”.

Figura 23: Escândalo dos gays.



Fonte: *Folha da Manhã*, 03 de março de 1996. (Arquivo pessoal de Wellington Paes)

Na capa dessa edição com o título “Escândalo dos Gays”, estava estampado um beijo entre dois homens (um branco e um negro), e um pequeno texto que convidava os leitores a conhecerem um pouco da polêmica gerada pelo evento. A legenda da fotografia é ainda mais instigante: “Dois gays se beijam no centro de Campos, durante uma passeata. Segundo eles, pra mostrar que Aids não se pega pela boca.” Mais uma vez as imagens e os textos escritos são usados para a criação de uma associação entre homossexualidade e Aids, como se fosse natural. A Aids foi narrada e naturalizada como parte da experiência da homossexualidade, bem como da transgeneridade e embora a presença das trans ocorresse de forma sensível, já que muitas estavam ligadas aos trabalhos de assistência à saúde desenvolvidos por Fátima Castro, os jornais recorreram à categoria “gay” para se referir a uma multiplicidade de experiências dos “sexualmente diversos”.

Figura 24: Encontro Gay choca o Centro da cidade.

6 - GERAL Folha da Manhã Campos dos Goytacazes, (RJ) - Domingo, 03 de Março de 1996

OS ASSUMIDOS

Encontro Gay choca o Centro da cidade

PRÁSDIO ABREY

Alguns depoimentos dados ontem, no I Fórum de Debate dos Sexualmente Discriminados, realizado pela Associação Irmãos da Solidariedade, são estereótipos e, quem houve aqui que alguns fatos são importantes de acontecer, em pleno Século XXI. O I Fórum foi aberto na sede da associação, em Guarani, com a presença do secretário municipal de Saúde, Francisco Lacerda, o chefe do Setor de Epidemiologia do Centro de Saúde, Elizabeth Tudevski, além de membros representantes de grupos de apoio aos gays, travestis e lésbicas, de Campos, Macaé, Rio de Janeiro e São Paulo.

No primeiro dia do fórum, que se estende durante todo o dia do hoje, com oficinas de trabalho, palestra e exibição de vídeos, o objetivo de questionamento do papel das pessoas sexualmente discriminadas na sociedade, foi alcançado, segundo a presidente da entidade, Fátima Castro. A ideia do evento surgiu a partir da revolta que a presidente da associação sente ao constatar que no mês passado um travesti, depois de ser agredida na rua e levada em estado grave para o Hospital Ferreira Machado, foi novamente agredida, desta vez, verbalmente, pelo médico-plantonista Dr. Latero, que se recusou a atender o paciente.

“Começo a questionar onde estavam direitos destas pessoas, que cumprem com os seus deveres, pagam seus impostos, mas conta, vivem em sociedade e são votas como marginais. Este homem, que não se portou como profissional, disse para o paciente, um profissional da sua área, “implicáveis”, rotula Fátima Castro.

O ponto alto do Fórum de Debate dos Sexualmente Discriminados foi a passeata, realizada ontem no Centro da cidade, reunindo gays, lésbicas e simpatizantes. Embora estejam inscritos no Fórum, cerca de 170 pessoas, pouco mais de 60 participaram da manifestação, o que é classificado pela associação como nada forma de preconceito.

Deponentes: O preconceito e a discriminação estão explícitas nas ruas e avenidas do país, embora mais acentuadas em um Estado do que outros. A presidente da Associação de Travestis Liberados do Rio de Janeiro, Jovanna Habs, afirma que hoje na sua cidade, os travestis têm medo da polícia do que de Aids.

Segundo ela, a Aids se consegue evitar, mas a violência da polícia é incontrolável.

A violência contra os gays, no entanto, não acontece somente no Rio. Em Campos, os travestis, a noite, na rua 114, Abrel, ponto da maioria, estão sendo agredidos por adolescentes e homens de buechadas como se fossem bichos. A polícia não atua como no Rio, mas também não faz nada para reprimir o ato de violência, segundo Carla Sueli, representante dos travestis de Campos.

Adauto Balaramino Alves, da Associação Internacional de Gays e Lésbicas composta de 160 grupos no mundo inteiro, acredita que os sexualmente discriminados estão conscientizados quanto à prevenção à Aids. Para ele, o uso de camisinha nos gays marginalizados é maior do que no resto da sociedade.

A mesma opinião tem a presidente da Associação Macaense de Homossexuais, Sandra Terra, que confirma a conscientização dos discriminados. Alves, fato medido, segundo ela, em Macaé não existe discriminação por parte da sociedade, mas em contrapartida, um total abandono por parte do governo municipal. Exatidão com que os portadores da vírus no município fossem bem cuidados, praticando passando fome.

Silésio Corrêa

O beijo de dois homens durante a passeata por no Centro da cidade, logo ao fundo a catedral Diocesana. A igreja acima tudo em escândalo.

Bispo de Campos divulga nota condenando o fórum de debate

Tanto o I Fórum de Debate dos Sexualmente Discriminados e a passeata de gays, lésbicas e simpatizantes, uma das atividades do evento, foram realizadas pela Associação Irmãos da Solidariedade, mesmo com o repúdio da Igreja Católica, representada pelo Bispo de Campos, Dom Roberto Guimaráes. Dom Roberto enviou um fax à associação e a alguns órgãos de comunicação colocando-se contra o fórum e a passeata e afirmando que “a sexualidade tem que ser reprimida”.

A presidente da entidade, Fátima Castro, acredita que se a igreja católica revisse seus valores, provavelmente iria ajudar na diminuição do número de portadores do vírus da Aids no país. O problema existe no próprio meio da igreja, afirma Fátima Castro, e a prova disto é que nos últimos 10 anos morreram mais de 40 padres vítimas da Aids.

“Nós não estamos agradando a ninguém. Agredido pra mim e a fome, a violência, a discriminação por falta de informação ou por ignorância. É processo que a sociedade sabe da mentalidade provinciana, para uma vizinhança mais ampla, respeitando aqueles que têm determinadas opções sexuais”, afirma Fátima Castro.

Segundo a presidente da entidade, esta mentalidade está gerando pessoas enrustidas sexualmente e em tempos de Aids, esse comportamento é considerado de alto risco, já que estimula relacionamentos paralelos.

Dom Roberto disse que a igreja condena esse tipo de comportamento.

O debate foi ao ar livre e contou com o secretário municipal de Saúde, Silésio Corrêa.

Um gay caracterizado de padre prisioneiro a igreja Católica.

Como indicado, na página 6 a reportagem completa descreveu como foi o evento e a passeata que ocorrera no Centro da cidade, na frente da Catedral São Salvador. Houve espaço para a crítica feita pelo então bispo local, Dom Roberto, que enviou nota à Associação Irmãos da Solidariedade condenando o evento e a passeata.

Tratado como “Encontro Gay”, a matéria traz algumas imagens; a primeira delas, um beijo entre dois homens cisgêneros é seguida pela legenda: “O beijo de dois homens durante a passeata gay no Centro da cidade, tendo ao fundo a catedral Diocesana. A igreja achou tudo um escândalo”. Com isso, a imagem destaca o evento como um “encontro” e não um marco político na luta por direitos. A maneira simplista e quase caricatural com que o termo gay foi empregado contribui para cristalizar a ideia de que a homossexualidade vivida no espaço público é como uma afronta à sociedade, ou seja, a heteronormatividade constrange, segrega e interdita alguns espaços para os homossexuais, tanto quanto, ou até mais, para as trans.

Na mesma página da matéria aparece uma fotografia do bispo de Campos e em menor tamanho um dos integrantes da passeata que estava caracterizado de padre – a legenda desta imagem dizia: “Um gay caracterizado de padre provoca a igreja católica”; este rapaz era André Fernandes¹³¹, representante do Grupo Atobá – Movimento de Emancipação Homossexual, surgido na década de 1980 no Rio de Janeiro. A tensa relação com a Igreja Católica está expressa nessa intervenção feita por André. Provocar a Igreja foi uma forma de denunciar as ações de intolerância e discriminação perpetradas pelos discursos religiosos.

Afinal, quem estaria chocado e escandalizado com o evento e o “beijo gay” era a sociedade campista, a Igreja Católica ou o jornalista Frânio Abreu autor da matéria? Na chamada feita na capa do jornal o texto começava com um destaque: “Algumas pessoas ficaram chocadas, outras admiradas e alguns até incentivaram a passeata de gays, lésbicas e simpatizantes (...)”; na legenda da foto diz-se que a Igreja “achou tudo um escândalo” e, por fim, não há espaço efetivo para que as pessoas que participaram do evento aparecessem e pudessem falar sobre si, sobre aquilo que viviam.

Com um destaque que privilegia a violência sofrida pelos “sexualmente discriminados”, o Fórum contou com a presença de inúmeras representações de entidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Macaé, além do secretário de Saúde de Campos. Ao longo da matéria há um embaralhamento e imprecisão no emprego dos termos gays e travestis, que são usados como sinônimos, e suas experiências são forjadas na e pela violência. Esta, inclusive, teria sido uma das motivações para a criação do Fórum. Segundo Fátima Castro:

¹³¹ *A Cidade* – 05 de março de 1996 – p. 10

A ideia do evento surgiu a partir da revolta que a presidente da associação sentiu ao constatar que no mês passado [fevereiro] um travesti, depois de ser agredido na rua e levado em estado grave para o Hospital Ferreira Machado, foi novamente agredido, desta vez, verbalmente, pelo médico plantonista, Dr. Lutero, que se recusou a atender o paciente.¹³²

Embora o Fórum seja descrito como um evento gay, parte considerável das participantes e a motivação do evento se deu a partir de trans; as mesmas que estiveram com Fátima Castro em outros eventos e espaços da cidade. Tanto é que uma das palestrantes convidadas foi Jovana Baby¹³³, “presidente da Associação de Travestis Liberados do Rio de Janeiro” que falou sobre as várias formas violências sofridas pelas travestis, e declarou ao jornal: “(...) os travestis têm mais medo da polícia do que da Aids. A Aids se consegue evitar, mas a violência da polícia é inevitável.” Na continuidade da matéria apresenta-se um comparativo com Campos:

A violência contra os gays, no entanto, não acontece somente no Rio. Em Campos os travestis, a noite, na rua 21 de Abril, ponto da maioria, estão sendo apedrejados por adolescentes e homens de bicicleta, como se fossem bichos. A polícia não ataca como no Rio, mas também não faz nada para reprimir o ato de violência, segundo Carla Sueli, representante dos travestis de Campos.¹³⁴

A referência às travestis apareceu em momentos específicos em que o autor da matéria fez referência à prostituição. É um processo de produção da subjetividade travesti ligada a um regime de verdade pautado na ideia de prostituição. Talvez seja justamente a experiência da prostituição que possa delimitar o afastamento entre o gay e a travesti. Isso demarca uma posição de sujeito e uma hierarquia forjadas para as trans: a marginalização, o afastamento em relação ao cotidiano diurno da cidade e, em última instância, a criação de uma subjetividade inventada sob o signo do erótico, do erotizável e do consumo sexual.

¹³² *Folha da Manhã* – 03 de março de 1996 – p. 6

¹³³ Sobre o surgimento da Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro, consultar o texto de Mário Felipe de Lima Carvalho publicado 35º Encontro Anual da ANPOCS, realizado em Caxambu/MG, em 2011: “De ‘doidas e putas’ a ‘respeitáveis militantes – um histórico do movimento de travestis e transexuais no Brasil”. Neste texto Carvalho indica o surgimento da ASTRAL – Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro, que aparece como forma de resistência das travestis que sofriam cotidianamente com a violência policial, e estavam ligadas ao universo da prostituição; é também o período de proliferação das políticas de atenção à saúde com um viés mais específico no HIV-Aids. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=1203&Itemid=353 – Acesso feito em 21 de agosto de 2016.

¹³⁴ *Folha da Manhã* – 03 de março de 1996 – p. 6

Nos demais momentos das matérias jornalísticas, quando se fala nas Paradas e da Aids de maneira geral, as travestis são qualificadas como se fossem gays. Ao analisar essas matérias se percebe um dos caminhos pelos quais as experiências trans, nomeadas como travestis, foram conectadas, reiteradas e inscritas no âmbito da prostituição. E este pode ser um dos motivos para a invisibilização das identidades trans, ou ao contrário, sua visibilização produzida, como se fosse natural, nos espaços de prostituição, como a própria matéria destaca, ao dizer que a rua 21 de Abril é “o ponto da maioria” delas.

Foi também nesse primeiro fórum, ocorrido em 1996, que se propôs a criação da “Rede em Defesa dos Homo, Héteros, Gays, Lésbicas e Simpatizantes de Campos”¹³⁵, que no ano seguinte apareceria como “Associação de Travestis, Gays e Lésbicas de Campos”¹³⁶, quando ocorreu o lançamento da carteira profissional para as travestis que se prostituíam na 21 de Abril.¹³⁷

Os dois Fóruns são indiciários da forma como a homossexualidade, e também as travestilidades e transexualidades¹³⁸, foram produzidas a partir da década de 1980 com uma dimensão de perigo social em função da Aids. E por isso seria preciso dar atenção à saúde como uma forma de construção da cidadania. No II Fórum, ocorrido em 1997 o tema foi justamente “Saúde e Cidadania”, conforme publicado no jornal *Folha da Manhã*:

¹³⁵ *Monitor Campista* – 08 de fevereiro de 1996.

¹³⁶ *A Cidade* – 14 de outubro de 1997 – p. 5

¹³⁷ *A Cidade* – 14 de outubro de 1997 – p. 5

¹³⁸ As especificidades em relação às demandas políticas de direitos e de visibilidade de travestis, transexuais, bissexuais e lésbicas foram construídas ao longo dos anos 80 e, principalmente, na década de 1990. Até então toda essa diversidade que integra a sopa de letrinhas, estudada por Regina Facchini, estava condensada na ideia da homossexualidade.

Figura 25: O II Fórum dos Sexualmente Discriminados



Fonte: *Folha da Manhã* – 18 de julho de 1997 – p. 3 (Arquivo pessoal de Wellington Paes)

Além do uso do termo “sexualmente discriminados”, que demonstra o enfoque do evento caracterizado por abordar as questões ligadas ao preconceito e violências cometidas contra “os homossexuais”, há o uso de dois símbolos femininos interligados, caracterizando as lésbicas, embora em momento algum elas apareçam na programação do evento com destaque para as demandas específicas de sua identidade.

Nesses dois eventos, de 1996 e 1997, e em quase todas as notícias verificadas entre 1990 e 2000 nomeou-se a homossexualidade atrelada ao aumento do índice de infecção pelo HIV, à necessidade de cuidados com essa população e, não raro, as notícias conferiam ainda mais visibilidade à Fátima Castro, que além de responsável pela Associação Irmãos da Solidariedade, era também vista como madrinha dos gays, homenageada em carnavais e festas gays da cidade. Nessas notícias a travestilidade não fora destacada a partir de sua especificidade de gênero; ficando ligada à ideia de que ela seria uma continuidade da homossexualidade. Esse entrelaçamento evidencia que as noções de cisgeneridade e transgeneridade debatidas atualmente não estavam presentes nas abordagens desse período.

Estabelecer uma conexão entre os “sexualmente discriminados” e o vírus não foi uma inovação de Campos. Quando se fala aqui em homossexualidade entende-se também que as experiências trans integravam este repertório explicativo, já que as trans eram pensadas como uma das expressões da homossexualidade. Data de 05 de junho de 1983 uma publicação do jornal *O Globo* que circulou em Campos. A morte de Markito também foi destaque em uma publicação da ABIA (associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS). Jane Galvão destaca a

importância desse estilista e seu trânsito entre artistas e socialites brasileiras, e mais uma vez a invenção da ideia de que “a doença afetava homens gays”.¹³⁹

Figura 26: Costureiro Markito morre de ‘câncer-gay’ em Nova York.



Fonte: O Globo, 05 de junho de 1983. p. 21 (Arquivo pessoal de Wellington Paes.)

Durante a década de 1980, e talvez ainda hoje, a ligação da homossexualidade com o HIV-Aids ainda habita a mentalidade de muitas pessoas. Embora haja especificidades em relação às experiências trans, entendo que particularmente as travestilidades são igualmente afetadas por tal compreensão, visto que, como expliquei acima, há uma compreensão de que essas experiências trans integram os domínios da homossexualidade. Embora tal compreensão seja equivocada e evidentemente limitada, ela sugere, mais uma vez, a historicidade das formas de nomear, e como essas formas são localizadas no tempo e no espaço.

Os estudos acadêmicos produziram uma vasta bibliografia sobre o HIV como um vírus sexual.¹⁴⁰ Também sobre este assunto é profícua a análise feita por Larissa Pelúcio¹⁴¹. A autora destaca que o Programa Nacional de DST e AIDS teve avanços significativos no início

¹³⁹ GALVÃO, Jane. *1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: ABIA, 2002. p. 9

¹⁴⁰ PARKER, Richard Guy; TERTO JUNIOR, Veriano de Sousa (Org.). *Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 1998. 153 p. (Documents SIDA, 35); TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. *Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e AIDS no Brasil*. 1997. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1997.; PARKER, Richard Guy; BASTOS, Cristina; GALVÃO, Jane; PEDROSA, José Stalin (Org.). *A AIDS no Brasil (1982-1992)*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ABIA; IMS-UERJ, 1994)

¹⁴¹ PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

dos anos 2000, mas ainda era pautado por um argumento heteronormativo¹⁴². Além disso, ela problematiza a ideia de prevenção à Aids, suspeitando que esta seja parte de um processo de produção de bioidentidades¹⁴³, com a criação de uma “SIDAdanização”.¹⁴⁴

Essa produção de uma população a partir da identificação de um vírus pode ser compreendida como um exercício que Foucault explica como sendo a biopolítica, que tem o poder de fazer viver e de deixar morrer. Enquanto o corpo individual era o alvo dos mecanismos de disciplina, no exercício biopolítico o alvo são as populações, não mais os indivíduos. Portanto: “A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder (...).”¹⁴⁵ No lugar da disciplinarização dos corpos pelas instituições, surgem os mecanismos de regulamentação das condutas das populações que é empreendido pelo Estado¹⁴⁶, produzindo-se um jogo duplo cujo objetivo é o controle e a normalização.

Jeffrey Weeks entende que a Aids foi discursivamente elaborada como uma maldição, um castigo para o corpo que excedeu os limites sexuais. Mais do que uma doença, “ela se tornou uma poderosa metáfora para nossa cultura sexual”¹⁴⁷. Nesse sentido, a expressão “câncer gay”, que a matéria apresenta em destaque, promove a associação de uma doença, muitas vezes vista como um castigo, cuja causa pode ser desconhecida – que é o câncer –, e uma sexualidade discursivamente elaborada como um erro da natureza, um crime contra as leis de Deus; ou seja, é a maldição em forma de castigo que deve se abater contra o corpo masculino que não é heterossexual. E, como bem lembra Butler: “Se a homossexualidade é patológica desde o começo, então qualquer doença que os homossexuais podem às vezes contrair será desconfortavelmente associada à doença que eles já são.”¹⁴⁸ A autora considera que “o discurso que atribui a AIDS à homossexualidade intensifica e consolida” a mesma tradição que “associou o homossexual masculino a uma figura a caminho da morte; a

¹⁴² PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 30-31

¹⁴³ *Ibidem*, p. 110

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 105

¹⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 292-3

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 298

¹⁴⁷ WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 37

¹⁴⁸ BUTLER, Judith. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Ficher (org.). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Estudos Foucaultianos) p. 104

homossexualidade é apresentada como um “impulso de morte”.¹⁴⁹ E, como lembra Richard Miskolci:

A epidemia é tanto um fato biológico como uma construção social. A aids foi construída culturalmente e houve uma decisão de delimitá-la como DST. Uma epidemia que surge a partir de um vírus, que poderia ter sido pensada como a hepatite B, ou seja, uma doença viral, acabou sendo compreendida como uma doença sexualmente transmissível, quase como um castigo para aqueles que não seguiam a ordem sexual tradicional.¹⁵⁰

A relação do HIV com as amizades e as experiências trans funciona também nos processos de criação de redes de afeto e cuidados. Em muitos casos, as amigas, sejam elas trans ou não, oferecem um suporte afetivo para o enfrentamento de situações hostis. Segundo uma entrevistada, o diagnóstico para HIV positivo instaura uma nova forma de se relacionar com a vida, geralmente com medos e ansiedade; é neste momento que as amigas podem oferecer um suporte afetivo que garante a continuidade da vida. Joyce explica que viveu esta situação com uma amiga que se descobriu soropositiva:

Pô, descobri hoje que eu sou soropositivo, jamais eu vou falar pra minha família. E olha que a minha família me aceita. Um amigo, eu tenho um amigo, é esse amigo que eu vou falar... e vice-versa... ele também a mesma coisa. (...) Já... eu tenho... eu tenho pessoas que... essa pessoa eu até considero... já falou comigo, e choramos juntos, entendeu?! Hoje tá aí numa boa. (...) Não contou... contou pra mim. Entendeu?! Eu tenho até pessoas mais velhas do que eu, que é assim, não tem, mas me procura... “Irmã, ah, olha... tem um mês aí, passou aí, eu sai com ciclano, aconteceu isso, isso, isso.. Eu tô com medo, vamo comigo fazer o exame?” Aí eu vou fazer. Então, é uma coisa assim de confiança, uma coisa de... entendeu?! (07/10/2015)

É na experiência de viver uma vida com HIV que são tecidas novas relações de amizade. Discutida de forma mais aprofundada na segunda parte dessa tese, um elemento já aparece como indício da formação das amizades: a confiança; e ela foi usada, inclusive, para definir quem era amigo ou colega. A relação com um colega é caracterizada como aquela interação no social que não demanda a formação de um laço de intimidade mais profundo. Já o amigo e aquele em quem se pode buscar o apoio para situação mais delicadas da vida, é aquele que pode lhe ajudar afetiva e financeiramente.

¹⁴⁹ BUTLER, Judith. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Ficher (org.). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Estudos Foucaultianos) p. 105

¹⁵⁰ MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. rev. e ampl., Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2015. (Série Cadernos da Diversidade, 6) p. 23

Guacira Lopes Louro reitera a compreensão da emergência da Aids nos anos de 1980 e sua associação à homossexualidade masculina, ilustrada na ideia do “câncer gay” e daí um reflorescimento da homofobia. Como elemento formador desse quadro histórico das experiências homossexuais, Louro destaca que:

A política de identidade homossexual estava em crise, e revelava suas fraturas e insuficiências. Gradativamente, surgiriam, pois, proposições e formulações teóricas pós-identitárias. É precisamente dentro desse quadro que a afirmação de uma política e de uma teoria queer precisa ser pensada e compreendida.¹⁵¹

Isso porque seria a noção de *queer* que permitiria com que experiências que escapassem do binarismo em seus atos performáticos, fossem compreendidas e elaboradas discursivamente como inteligíveis. Experiências, sujeitos, gêneros e sexualidades constituíram-se em um diálogo que provocaria uma reviravolta nas formas tradicionais de pensar e conhecer.¹⁵²

Lembrando a historicidade do movimento homossexual no Brasil, que na década de 1970 era branco, masculino e elitista (e cisgênero), privilegiando a adoção de um padrão heterossexual como norma, Louro pontua que o próprio movimento ligado às minorias sexuais atua na produção de regras e padrões de comportamento, pois:

O discurso político e teórico que produz a representação “positiva” da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições.¹⁵³

Uma das ressonâncias deste tipo de configuração é, sem dúvida, o afastamento das experiências trans, que só começaram a ganhar espaço na segunda metade da década de 1980, pois foi neste período que surgiu “a primeira organização política de travestis da América Latina e a segunda do mundo”, a ASTRAL, criada como fruto de “um projeto de prevenção de DSTs e Aids”¹⁵⁴. A presidente da ASTRAL, Jovana Baby, foi uma das participantes do Fórum ocorrido em Campos em 1996.

¹⁵¹ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 38

¹⁵² *Ibidem*, p. 51

¹⁵³ *Ibidem*, p. 33

¹⁵⁴ CARVALHO, Mario Felipe de Lima. *Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p. 26-27

Nessa tese que aborda a cidade de Campos dos Goytacazes, vista, percebida e vivida pelas trans, merece destaque o como elas próprias narram suas experiências na e pela cidade, em que medida e por quais caminhos a ligação entre o vírus e a sexualidade impactou suas vidas.

Erickah (35 anos), a única trans entrevistada nesta pesquisa que está cursando o ensino superior, acionou esse tipo de associação ao explicar um problema que teve ao tentar usar o banheiro feminino em uma casa de shows da região. Após um embate com a segurança do local, ela conseguiu usar o banheiro, utilizando-se como argumento de que a lei que garante a utilização do banheiro de acordo com a identidade de gênero. Segundo ela, esse preconceito:

(...) é... na cabeça, não sei, das pessoas, é... eu acho que... a homossexualidade tá muito ligada à Aids, à doenças, né?! Eu acho que coisa da doença e tudo mais; né?!, as pessoas são muito preconceituosas, né?! E acham que assim, Ah não, se vai ali, vai fazer xixi, alguém pode sentar e vai pegar Aids. (Erickah Gomêz, 28/10/2015)

A compreensão de Erickah foi forjada em um contexto histórico lembrado por outra entrevistada: Michely; para ela a Aids provocou uma reviravolta nos espaços de encontro da cidade. No final dos anos de 1980, “as bichas eram muito unidas” e “tinha homem pra todas”. Essa “boa época” sofreu um duro golpe: a Aids.

A gente era pega, na verdade a gente que era pega, porque eles chegavam: era bicicleta, moto, a pé. Aí depois começou a guerra do... aí depois quando veio... quando explodiu a Aids.

Quando explodiu a Aids, aí começou o sumir as pessoas. As pessoas achavam que gay que tinha. Era de vim aquele... os mesmos que faziam, já vinham para agredir, com corrente e tudo. Era um corre, corre na rua... aí, onde a gente passava: “É camburão de Aids, transmissor! Num sei o que!”... só de baixo escalão. (Michely Coutinho, 23/02/2016)

O “camburão de Aids” era uma forma de se referir aos homossexuais, ou seja, as bichas e veados, muitas das quais travestis. Assim, produziu-se uma histórica forma de se referir àqueles e àquelas que, não sendo heterossexuais, instauravam um regime de comportamento sexual que causava espanto e temor, produzindo o que Gayle Rubin percebeu como um resultado desastroso: “O resultado final desse pânico moral seria legalizar a violência contra uma comunidade de pervertidos inofensivos.”¹⁵⁵

¹⁵⁵ RUBIN, Gayle, Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: *Cadernos Pagu*, (21), Campinas: Unicamp, 2003. p. 53

No Centro de Campos, a Praça São Salvador era um local de encontros e de reuniões entre amigos gays. Havia um código e uma hierarquia em que os mais afeminados não poderiam chamar atenção com performances extravagantes. É interessante como este espaço da praça torna-se um espaço de sociabilidade, pois era lá também que muitos esperavam o ônibus para voltar para a casa depois de um dia de trabalho ou estudo, conforme lembra Erickah:

Então... é... começou a partir do momento em que eu comecei a me descobrir, né?! Eu entrei no IFF, que na época era CEFET, o IFF traz essas coisas... (risos), é! Faz a gente descobrir muita coisa. Aí, foi daí que eu fui começando a ter contato com, com outras pessoas... homossexuais. Na minha época, no começo, muitos homossexuais se encontravam na Praça São Salvador, então, eu ainda cons... eu ainda peguei essa fase, essa ééééé... essa, o preconceito mesmo, sabe?!, das pessoas jogarem pedras na rua, entendeu?!, pau... correrem atrás de você, entendeu?! Eu peguei esse finalzinho ainda. Né?! Porque, assim, os mais velhos do que eu, pegaram uma fase bem pior, né?! Muito pior, né?! Mas, eu, eu... já peguei assim o finalzinho, então, todas elas se encontravam lá na Praça, então, na época, eu já saía do IFF, e minha mãe acreditava que eu estava no IFF e tal, porque assim... tipo, tinha aula até 9 horas, aí eu saía, vinha andando com os meus amigos, pra poder pegar ônibus na, na, na Beira Valão... na Beira Rio, aí meus amigos iam pegar, eu ficava sentada, conversando com os meus amigos e tal. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Ou seja, é um espaço de fácil acesso. Outras delas também relataram a experiência de participar desses grupos que se encontravam na Praça, e destacaram, tal como Erickah, que não havia a mistura com lésbicas e travestis, quer dizer, era um espaço somente para gays. Todavia, torna-se relevante destacar essa existência pois nas fronteiras do centro da cidade, a aproximação com as travestis era constante e não raro um gay dava início ao seu processo de transição e atravessava a fronteira.

Joyce, por exemplo, lembra que o advento da Aids na década de 1980 fez com que muitas pessoas parassem de ir até a Praça e que muitos gays começaram a ser agredidos por homens que antes iam até aquele local em busca de um encontro sexual.

Voltando ao raciocínio de Rubin e utilizando-o para compreender o que era o “camburão da Aids” descrito por Michely e essa lembrança de Joyce, nota-se que Rubin não estava equivocada. Durante a década de 1990 foram reais e tiveram forte impacto na vida das pessoas gays e trans.

Aconteça o que acontecer, a AIDS trará conseqüências duradouras para o sexo em geral e para a homossexualidade em particular. A doença terá um impacto muito grande nas opções feitas pelos gays. A migração para os santuários gays diminuirá, por medo da doença. Aqueles que já vivem nos guetos vão evitar situações que os exponham a riscos. A economia gay e o

aparato político que a ampara talvez se revelem muito frágeis. O medo da AIDS já afetou a ideologia sexual. Exatamente quando os homossexuais estavam conseguindo resultados positivos em sua luta para livrar-se do estigma da doença mental, eles se vêem metaforicamente associados à imagem da degradação física fatal. A síndrome, suas características específicas e forma de transmissão estão sendo usadas para fortalecer velhos medos de que a atividade sexual, o homossexualismo e a promiscuidade levem à doença e à morte.¹⁵⁶

Apesar desse efeito político de aumento do estigma, da morte e a doença outras formas de vida também apareceram. De certa maneira, a Aids funcionou como um fio condutor para a formação de redes de solidariedade e estabelecimento de vínculos mais fortes entre muitas das trans que participaram dessa pesquisa; e em muitos casos, a Associação Irmãos da Solidariedade foi o espaço físico que tornou possível muitos dos encontros. Chana Carla lembra que trabalhava na Associação quando conseguiu a permissão para a realização da entrega do prêmio “Nossa Gente é um Talento”.

E aí eu tava aqui com a Fátima, né?! Fátima também com a garra dela, e graças a ela também, eu falei: Fátima, agora eu quero o Trianon. A Fátima: “Bicha, você tá louca, né?! Você tá sonhando muito não, Chana?!”. (...) Eu falei: Irmã!, falei com Fátima. Falei: Fátima, eu consegui o Trianon. Ela falou assim: “Cê tá brincando, tá brincando bicha!”, aquele jeito dela, né?! “Tá brincando, bicha! Não acredito... Trianon! Você no Trianon!” Eu falei: pois é, querida, agora você vai ter que me engolir...vai ter que me engolir, porque vamos pro Trianon, agora nós vamos pro Trianon, e agora eu vou fazer a vida, eu vou fazer a sua via no Trianon. (Chana Carla, 06/05/2016)

O Fórum dos Sexualmente Discriminados, o Prêmio Nossa Gente é um Talento, a criação de uma Careira Profissional para Travestis e outros eventos na cidade só foram possíveis a partir da existência dessa rede de contatos, afetos e amizades forjadas nesse tempo histórico do final dos anos 80 e início dos 90. Até mesmo para a realização desta pesquisa esta rede foi importante. Na Associação Irmãos da Solidariedade realizei a entrevista com Renata Melila, Juma, Andréa, Patrícia e Chana Carla. Residente, secretária, paciente ou visitante, todas elas se conheciam, algumas há poucos meses e outras há muitos anos.

Chana, Patrícia e Andréa fazem parte desse grupo de trans da década de 1980 que viu de perto o início da epidemia e Andréa foi particularmente afetada, a partir de seu diagnóstico por volta de 1987. Em tom de tristeza ao constatar que “hoje em dia eu tô com as marcas da própria doença”: “são 28 anos que a Associação existe e eu sou a primeira paciente daqui, a casa foi inaugurada comigo” (Andréa Castro, 29/02/2016). Foi neste período que ela

¹⁵⁶ RUBIN, Gayle, Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: *Cadernos Pagu*, (21), Campinas: Unicamp, 2003. p. 54

conheceu Fátima Castro e a partir de então começou a ser gestada a Associação Irmãos da Solidariedade, que em 2016 completa 28 anos de funcionamento.

A atual sede está localizada no distrito de Guarus, mas o começo se deu em uma casa alugada em outro bairro, no Parque Nova Brasília. Este início não foi fácil, pois “o proprietário descobriu que os inquilinos eram doentes de Aids, pede o imóvel e atea fogo”¹⁵⁷. Andréa, que era uma das pacientes, descreve como sua lembrança guarda a memória de ter ido morar na casa com mais dois soropositivos, quando Fátima Castro começou a ajudá-los. Segundo ela, a comunidade não aceitou a permanência deles na região, pois temiam a transmissão da Aids.

O desconhecimento, o medo e o pânico gerado pelo vírus provocava as reações que hoje poderiam ser vistas como inusitadas, estapafúrdias ou no mínimo absurdas, mas que à época da descoberta do HIV, na década de 1980, era algo que fazia todo o sentido para aqueles que eram alimentados por informações desencontradas, escassas e deturpadas, responsáveis por um processo que subjetivava as experiências trans e homossexuais em função da doença. Como lembrou Andréa:

Até a lavagem do porco que um senhor pegava com a gente, da comida lá de casa, ele matou os porcos tudinho, porque ele achou que os porcos tudo tava contaminado com Aids. (Andréa Castro, 29/02/2016)

Segundo reportagens publicadas nos jornais locais já indicados neste capítulo, a Associação Irmãos da Solidariedade é uma das mais antigas do Brasil, tendo surgido num contexto histórico em que foram criadas “diversas organizações não-governamentais de serviços em AIDS (ONGs/AIDS).”¹⁵⁸ Ao analisarmos parte de sua história, compreendemos como o estigma em relação ao HIV-Aids foi construído na cidade. Em quase três décadas de funcionamento o poder público municipal foi parceiro da ONG, com repasse de verbas vindas do Ministério da Saúde, mas houve momentos de muita tensão com a falta de repasse, debates públicos sobre a necessidade de existência deste espaço dentre outras, como o impasse sobre as obras de ampliação da sede ocorrido em 1997, em que o então prefeito Anthony Garotinho foi acusado de não garantir o repasse das verbas para a continuidade da obra por esta ter começado no governo anterior, de Sérgio Mendes¹⁵⁹. Um dos acontecimentos de maior comoção foi o incêndio ocorrido em janeiro de 2008, que destruiu parte considerável do prédio e obrigou a transferência dos 50 internos para outro local. Segundo os jornais *Folha da*

¹⁵⁷ Conforme consta na página oficial da Associação Irmãos da Solidariedade. Disponível em: <http://irmaosdasolidariedade.org.br/nossa-historia/> - Acesso feito em 21 de agosto de 2016.

Manhã e A Cidade esse incêndio teria sido causado por um curto circuito na rede elétrica, em função de instalações malfeitas.

As ações promovidas pela Associação Irmãos da Solidariedade estiveram, desde sua inauguração, muito ligadas ao público dos “sexualmente discriminados”. Ainda que não fosse uma regra, muitas das pessoas atendidas eram gays ou trans; como é o caso de Andréa, com quem realizei uma entrevista no dia 29 de fevereiro de 2016. Ela explicou que:

(...) são 28 anos que a Associação existe e eu sou a primeira paciente daqui; a casa foi inaugurada comigo. (...) e fui diagnosticada com 16 anos. 16 anos da minha vida, em vim pra Associação, abriu comigo; eu tô esse tempo todo; eu fiz 46 anos aqui. Então, eu me tornei uma pessoa, eu fiz até tratamento com psicanalista, porque eu achava que eu estava me achando uma pessoa frustrada, mas não... não tinha aceitação de certas coisas, mas a aceitação que eu tinha, era de ter perdido o corpo de hormônio, a aparência... (Andréa Castro, 29/02/2016)

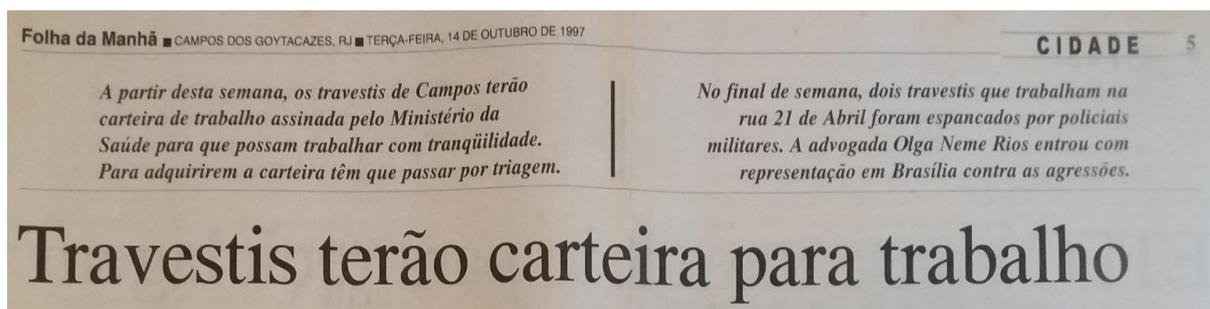
Em conversas informais com Renata Melila e com a senhora Ondina, que trabalha na instituição há mais de 15 anos, ficou evidente que muitos dos pacientes que foram atendidos em todo seu tempo de funcionamento eram principalmente gays e travestis, muitos deles sem família em Campos dos Goytacazes ou que foram abandonos pelas mesmas.

“Travestis terão carteira para trabalho”

Em 14 de outubro de 1997 na *Folha da Manhã* publicou-se uma matéria “Travestis terão carteira para trabalho”. Por iniciativa de Fátima Castro, houve o lançamento da “Carteira de Saúde e Ação Social” destinada para travestis, que foi descrita no jornal como “(...) um guia de saúde e cidadania e atestará a idoneidade desses profissionais, instruindo-os sobre seus direitos e informando-os sobre o que é considerado crime dentro dessa profissão.” Conforme pode-se ver:

¹⁵⁸ TERTO JÚNIOR., Veriano de Souza. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. In: *Horizontes antropológicos*. vol.8 no.17: Porto Alegre, junho de 2002.

¹⁵⁹ *A Cidade* – 23 de dezembro de 1997. O título da matéria foi: “Briga política prejudica o trabalho na casa Irmãos da Solidariedade – Prefeitura corta verba que era usada na ampliação da sede”.

Figura 27: Travestis terão carteira para trabalho.

Fonte: A Cidade, 14 de outubro de 1997. p. 5. (Arquivo pessoal de Wellington Paes.)

O termo “travestis” foi usado como sinônimo de uma ocupação ou uma profissão ligada ao comércio sexual. Isso produz um efeito de estigma de marginalização que são datados e inscreve essas em um lugar de abjeção. Jaqueline Gomes de Jesus lembra que até 2011, a Classificação Brasileira de Ocupações considerava “Travesti” e “Transexual” como um dos sinônimos possíveis para as e os “Profissionais do Sexo”.¹⁶⁰

Portanto, essa associação é parte de um repertório em que as experiências trans, nomeadamente as travestis, são associadas à criminalidade, marginalidade entre outras abjeções, é um movimento identificado por Elias Veras¹⁶¹ como parte integrante do dispositivo do estigma que permeou o universo trans na década de 1980, também é algo que marca as experiências trans hoje. As fronteiras identitárias dos sujeitos trans ficam mais rígidas; o lugar ocupado pela transexualidade, pela travestilidade ou transgeneridade tem sido moldado por meio de um dado repertório histórico que localiza, inscreve e marca a travestilidade como lugar dos perigos múltiplos, da incerteza, do disfarce e da desconfiança.

Esse gênero as vezes impreciso e em trânsito passa a ser policiado em cada gesto, cada passo impreciso é alvo da patrulha dos olhares que querem a verdade do sexo e do gênero. Além disso, essa conexão com a prostituição, e toda a carga histórica que pesa sobre esse mundo que envolve o sexo, trocas financeiras e diversos afetos apagados dos registros históricos.

Assim, nessas históricas maneiras de autodefinição e autoexpressão do universo trans, que nessa tese tem sido chamadas de experiências trans, percebo um evidente movimento de recusa da identificação com a travestilidade, enquanto recurso para nomear-se a si mesma e

¹⁶⁰ JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: *História Agora*, v. 16, p. 101-123, 2014. p. 106-7

¹⁶¹ VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 152

atribuir sentido às experiências vividas. Essa recusa é parte desse repertório histórico de associação da travestilidade com a marginalização.

Para Renata Melila, o trânsito na prostituição ocorreu como essa experiência possível a partir da rede de amizade na qual ela estava inserida. O tempo em que esteve na prostituição foi o mesmo em que viveu na cidade de Campos. Em suas palavras:

Eu tenho amizade com as meninas, com todas elas lá... todas elas me conhecem, entendeu?! Tem até meninas boas; que eu conheço pessoas que trabalham ali na rua, como Thamires, trabalha na rua pra sustentar a família. Porque o pai morreu e não deixou uma pensão pra mãe, e a mãe tem dois filhos pequenos, e ela sempre trabalhou pra ajudar a mãe, entendeu?!, sempre trabalhou na intenção de ajudar a família mesmo. (Renata Melila, 06/10/2015)

Tanto nas ruas de prostituição, quanto nas inúmeras “festinhas” que aconteciam na cidade, os encontros entre Renata e aquelas que se tornaram amigas foi tecido como parte de uma aproximação com aquelas que a entendiam. Portanto, as ruas de prostituição, muitas vezes, aparecem como mais um dos espaços de interação relatado por Renata.

É... eram dali mesmo, entendeu?!, que a gente conhece em festinha, que a gente conhece em uma boate, em um lugar, aí você pega uma amizade. (...) Há muitos anos, sempre teve uma festinha aqui, uma coisinha ali... É, é... existia em Campos uma mona chamada Jorge Johnnys, ela fazia altas festas, ela fazia altas festas. (Renata Melila, 06/10/2015)

Johnnys já é falecido, mas as festas continuaram a acontecer e as redes de amizade não cessaram de proliferar, inclusive eventos direcionados para a participação de trans:

Ela faleceu, ela faleceu. Ela fazia altas festas; aí você encontrava as meninas todas, e aqui em Campos há muitos anos já tem... tinha o Gala Gay, depois teve o Miss Gay, entendeu?! Então a gente... quando tem esse eventos assim... Já, eu ganhei o dois mil... o Miss Gay dois mil e seis. Eu fui Miss Gay 2006, entendeu?! Então, a gente conhecia, a gente passava a conhecer, né?!, as meninas. (Renata Melila, 06/10/2015)

Além das “festinhas”, alguns eventos contribuíram para o estreitamento de laços entre as trans, como o concurso Miss Gay:

Figura 28: Miss Gay 2007 de Campos será no dia 11.

Monitor Campista

ura

HUGO PRATES / DIVULGAÇÃO

Miss Gay 2007 de Campos será no dia 11

Eleição na cidade de Campos vai acontecer em uma casa de festas, localizada em Guarus

transformismo com Samara Rios, Jorge D' La França, e Cauzinho Freitas que promete várias apresentações com muito glamour.

BENEFICENTE

Os alimentos arrecadados serão entregues às instituições filantrópicas Lar Fabiano de Cristo e Educandário São José Operário. A Miss Gay 2006, Renata Melila, vai passar a faixa para a vencedora do concurso Miss Gay 2007, que levará o prêmio de R\$1mil, troféu e bouquet de flores.

A candidata que apresentar o melhor traje da noite ficará com prêmio de R\$500 e o melhor traje de gala também ficará com o prêmio de R\$500. Também será escolhida a Miss Simpatia.

"O objetivo de promover mais uma vez esse evento é mostrar para a sociedade campista que o nosso mundo é colorido, alegre e divertido", disse a produtora de eventos, Luciana Campos. ■

»» MISS GAY 2007
Dia 11/9, às 20h
Local: Parthenon - Avenida Francisco Lamego - Guarus)
A entrada é 1kg de alimento não perecível, mas os interessados em reservar mesas devem ligar para o coordenador do evento, Jocimar, pelo telefone 9831-6292 ou 9834-2392. As mesas estão sendo vendidas a R\$40.

Da Assessoria

Brilho, postura, elegância, simpatia e beleza são quesitos que serão aferidos entre as dez candidatas que vão participar da Sétima Edição do Concurso Miss Gay Campos dos Goytacazes 2007, que acontece no dia 11 de outubro, no salão de festas Parthenon, localizado na Avenida Francisco Lamego, 101, em Guarus, a partir das 23h. O concurso tem apoio da prefeitura de Campos e na entrada será cobrado 1kg de alimento não perecível.

O desfile vai contar com candidatas com idades entre 19 e 25 anos. A comissão julgadora será formada por profissionais ligados a área de comunicação social, teatro e moda.

A animação da noite vai ficar por conta do DJ Igor Leal, Galeria da Beleza e o show de



Fonte: *Monitor Campista*, 03 de outubro de 2007. (Arquivo pessoal de Wellington Paes.)

A rua, as festas e os concursos fazem parte desse circuito de eventos, espaços e lugares em que a presença das trans não é constrangida pela hostilidade cisnormativa. A narrativa de Renata sobre seu trânsito que envolveu essa trajetória pela prostituição, pelas festas e o concurso conquistado em 2006 demonstra como esses espaços foram potentes para as experiências trans.

Na matéria apresentada anteriormente, o jornal anuncia a nova edição do concurso vencido por Renata no ano anterior; o glamour das participantes e o prêmio em dinheiro para a vencedora são destaques. Fala-se da beleza, simpatia, dos shows de transformismo e a animação da festa, e a finalização com as palavras da organizadora do evento, Luciana Campos: “O objetivo de promover mais uma vez esse evento é mostrar para a sociedade campista que o nosso mundo é colorido, alegre e divertido.”¹⁶² Mesmo sendo organizado por uma trans e tendo como concorrentes outras trans da cidade, o evento é nomeado como Miss Gay, inscrevendo as subjetividades trans na ideia de que o termo gay possui uma abrangência maior, capaz de ser compreendido pela sociedade.

Assim como se cristalizou a ideia de festa e glamour como elementos das experiências trans, muitas delas reconhecem que a prostituição faz parte das condições de possibilidade no fazer-se trans. Muitas vezes eram as amigas que incentivavam, pois sabiam da possibilidade de ganhar dinheiro. Joyce, 41 anos, descreve situações em que foi abordada por homens que se interessaram por ela:

Porque é uma coisa até que as amigas minhas, elas disseram, “Ah, larga de ser boba... um dinheirinho entrou, se eles querem te pagar, você pega!” Mas, quando uma pessoa me chamava pra sair, e logo quando chegava ali e perguntava: “Quanto que é seu programa?” Eu virava as costas e vinha embora. (...) Chegava você, chegava assim... por exemplo: É... eu sou... eu gosto muito de balada, nas baladas, vamos botar assim... você tá num pagode, cê tá numa danceteria, cê tá no funk, uma pessoa chega te chama pra ... cê tá vindo embora para um carro, porque logo ele viu que é travesti, ele acha que é. (...) Muita coisa. “Ah, quanto que é o programa?” Ah querido, eu não faço programa não. **“Não? Você não faz programa? Mas, você não é travesti?”** Eu falei: “sou travesti, eu trabalho, tenho meu salão. Aí, um cara bonito, um gostoso... (...) É, você é uma delícia, eu saio com você, mas sem programa. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015) (Grifos meus)

Esta cena narrada por Joyce oferece a dimensão precisa de como as narrativas sobre as trans instituem uma realidade como se essa subjetividade só fosse possível a partir da prostituição. Por outro lado, vê-se a reivindicação de uma experiência de si que tangencia outros itinerários de existência, recusando a prostituição e se afirmando como trabalhadora. A

¹⁶² *Monitor Campista* – 03 de outubro de 2007.

existência travesti de Joyce é colocada sob suspeita pelo fato de ela não “fazer programa”; é um momento em que os discursos sobre os sujeitos interrogam uma subjetividade inventada a partir de outras experiências trans. Mais uma vez, as trans são o outro do outro.

James Green demonstra como, nas últimas décadas do século 20, o chamado “travestismo” passou a ganhar as ruas nos grandes centros urbanos do sudeste brasileiro, particularmente o Rio de Janeiro e São Paulo. Ao falar sobre “A apropriação homossexual no carnaval carioca”¹⁶³, Green descreve a presença das travestis nos dias de folia e em outros momentos da vida urbana da cidade. Além do mais, houve um aumento do número de “homens que punham roupas femininas para trabalhar na prostituição”¹⁶⁴. É possível que um desenvolvimento semelhante tenha ocorrido também nas cidades do interior, pois Paulette, hoje com 68 anos, se recorda de sua vida em Campos na década de 1970, e em meio a muitas gargalhadas, narra sua experiência de ser abordada pelos homens nas ruas da cidade:

Paulette: Não. Eu sempre fui... eu sempre, assim, eu só era daquela: pra onde vai eu tô indo, sabe?! Eu sempre fiz em muitos motéis, quando não era no motel, canaviais..., canaviais... qualquer canto escuro, sabe?! Qualquer canto escuro, terreno em cima de pé de árvore, sabe?! Eu fui sapeca. Eu fui muito sapeca! Hoje em dia, hoje em dia eu fico me reparando eu mesmo... gente, como eu pintava, como eu pintava.

Rafael: Mas e o cliente, chegava como em você?

Paulette: Hum?

Rafael: O cliente, como que chegava em você?

Paulette: Ele falava: “Vamo dar uma saída?!”, Vamos. Aí pegava e saía.

Rafael: Você andando na rua, em qualquer lugar?

Paulette: Qualquer lugar. Eu nunca fui de chegar: Psiu, psiu... chamar não. Ficava na minha. Que eu acho que pra você cantar uma pessoa, não precisa de você chegar e futucar: oi, fulano, fulano. Pelo olhar diz tudo.

Rafael: E os homens aqui gostavam de sair?

Paulette: Gostavam, muito! Muito mesmo. Porque eles falavam, chegavam a mim e falavam: “Ah, eu sai com minha mulé, mas minha mulé é igual uma tábua” Aí outro falou assim: “Sai com a minha mulé, mas ela não gostava de...” Então, me procurava. Porque hoje em dia elas tão fazendo tudo, né?! E elas tinham esses pudores. Tinha os pudores dela. (Paulette, 02/03/2016)

É preciso lembrar que historicamente o termo travesti foi usado para nomear homens que usavam roupas femininas, pontualmente durante o Carnaval e foi somente a partir da década de 1970 do século 20 que este passou a caracterizar uma subjetividade. Segundo James Green:

¹⁶³ GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 329-390

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 379

Enquanto na década de 1960 os travestis podiam ser vistos apenas durante o carnaval ou nos espaços fechados dos clubes gays e dos *shows* de travestis, os anos 70 assistiram a uma proliferação acelerada de travestis pelas calçadas do Rio de Janeiro e São Paulo e de outras cidades grandes, vendendo o corpo em troca de dinheiro. (...) O travestismo em público em qualquer época do ano, embora não aceito, tornou-se mais comum.¹⁶⁵

Paulette é de uma geração e Joyce de outra, mas ambas viveram a década de 1990 em que a matéria foi publicada. Ainda no ano de 1997 as experiências travestis eram narradas como sinônimo de prostituição. Nos dois textos apresentados na imagem anterior percebe-se a permanência das situações de violência a que estavam submetidas as travestis da cidade que atuavam na prostituição de rua na 21 de Abril (rua do Centro de Campos conhecida por ser um espaço de travestis, ou rua dos veados, como se diz na cidade) e a tentativa de profissionalização da prostituição, uma atividade ainda não reconhecida como profissão. Assim, é profícuo considerar que o uso do termo travesti só é registrado na imprensa quando o objetivo é tratar de alguma questão ligada à prostituição ou aos casos de polícia; nos momentos em que o foco é o movimento social, as atividades como o Fórum de Debates e passeatas, os jornais recorrem ao termo genérico gay, como forma de nomeação.

Embora houvesse o argumento de que a carteira de trabalho pudesse proteger as travestis das agressões policiais; evidencia-se a cristalização da travestilidade como ligada à prostituição e igualmente instituía o controle sobre o corpo que poderia escapar e provocar fissuras nas normas e regulações sociais. Esse processo de normatização seria feito a partir de um protocolo rígido de controle e da saúde e das condutas de cada travesti, para que pudesse ter a referida carteira. Sob o argumento de que seria preciso fazer uma triagem que atestaria a idoneidade da travesti, vários procedimentos seriam feitos. Segundo notícia publicada no dia 30 do mesmo mês:

Para ter direito ao documento, os interessados passarão por uma triagem, com psicólogos e assistentes sociais da Associação, além de serem feitas visitas domiciliares, sindicância policial e levantamento no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC).¹⁶⁶

A gestão da vida das travestis estava em curso para se produzir uma subjetividade limpa, higienizada e aceitável socialmente, já que atestada por uma instituição governamental:

¹⁶⁵ GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 379

¹⁶⁶ *Folha da Manhã* – 30 de outubro de 1997 – p. 6

o Ministério da Saúde. Ainda seria complementada por um exercício de gestão de seu comportamento pois:

A validade da carteira é de seis meses, podendo ser renovada ou não, o que vai depender do comportamento de quem a usa. Segundo Cláudio Nascimento, o documento possibilita ao portador que reivindique seus direitos, em caso de violência ou discriminação. E ainda é uma maneira da Associação ter um controle de quantos (sic) pessoas estão nas ruas.¹⁶⁷

Este tipo de controle sobre as vidas e os corpos de pessoas que se dedicam ao exercício da prostituição não é novidade. Na literatura conhecida sobre a prostituição de mulheres e travestis diversas autoras e autores¹⁶⁸ já encontraram este tipo de intervenção médica, no Brasil e no exterior; seria uma forma de garantir com que “os marginais” estivessem sob controle e não causassem males à “sociedade de bem”. Com ar de modernidade e uma roupagem de conquista de direitos a carteira seria uma forma de reiterar e recriar este exercício biopolítico de controle sobre os corpos ditos desviantes, sobre as sexualidades dissidentes e contribuiriam para a criação de uma forma de ser trans possível e aceitável. Ademais, como o controle da emissão das carteiras seria feito a partir de um grupo específico, ter-se-ia a possibilidade de instituir uma hierarquização das que tinham e das que não tinham a carteira.

Não se trata de uma exclusão, trata-se de uma quarentena. Não se trata de expulsar, trata-se ao contrário de estabelecer, fixar, de atribuir um lugar, de definir presenças, e presenças controladas. Não rejeição, mas inclusão.¹⁶⁹

A proposta de emissão de Carteiras de Trabalho para travestis que “fazem a vida” no Centro da cidade pode ser lida sob essa chave interpretativa de criação de uma presença controlada, de uma inclusão de sujeitos historicamente marginalizados, excluídos, segregados. Ao criar essa inclusão, há um controle sobre elas, sobre suas ações, sua movimentação na cidade; os horários e locais que elas ocupariam legitimamente na cidade são demarcados, “assegurados” por esse documento definidor dos lugares de presença. O que está em jogo, portanto, é um processo de regulamentação da sexualidade e de acordo com Foucault: “A

¹⁶⁷ *Folha da Manhã* – 30 de outubro de 1997 – p. 6

¹⁶⁸ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. / RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 2. ed., revista e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2008. / PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

¹⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 57

sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação.”¹⁷⁰

Tal empreendimento foi parte de uma mobilização de movimentos sociais e personalidades locais. O discurso apresentados nos jornais remete à ideia da criação de um espaço de segurança, na medida em que haveria controle estatal da atividade – leia-se dos corpos – da prostituição. Nesse movimento, o corpo trans é alvo da ação biopolítica de governo, que busca controlar, domesticar e inscrever esses corpos na ordem da saúde pública, no controle sistemático e dócil que associa a posse de um documento – a carteira de trabalho – à possibilidade de segurança. Como analisa David Lapoujade, são esses aparelhos de captura que conferem potência ao estado¹⁷¹ que se torna mais moderno na sua capacidade de capturar os sujeitos¹⁷².

Por trás (pela frente, dos lados, abaixo e por dentro) desse movimento que identifica, qualifica e inclui as travestis da cidade há uma preocupação, uma vontade de fazer existir uma população sadia¹⁷³, tanto por serem controladas as doenças, quanto por pretender ter domínio sob esses corpos em trânsito.

A carteira profissional surgira e ganhava visibilidade na imprensa local por meio da mesma rede já citada daquelas que estiveram presentes no Fórum dos Sexualmente Discriminados, na Associação Irmãos da Solidariedade e no Prêmio Nossa Gente é um Talento, ou seja, diversas circunstâncias históricas tornaram possível a existência de um modo de ser trans em Campos dos Goytacazes. E, como se nota, embora com transformações e talvez com novos sentidos, essa rede continua a existir. Fátima, Patrícia, Andréa e Chana Carla têm contato até hoje e continuam a (re) criar seus laços de amizade.

Nas semanas seguintes o tema continuou na pauta jornalística. No dia 30 do mesmo mês outra notícia falava sobre o lançamento das carteiras e apontavam que Campos era a primeira cidade do país a ter “a carteira de trabalho para travestis e prostitutas”¹⁷⁴. No texto jornalístico é interessante fazer destaque para o fato de que as carteiras seriam entregues para prostituta e travestis, ou seja, para mulheres que atuavam na prostituição e travestis, deixando

¹⁷⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 300

¹⁷¹ LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n- 1 Edições, 2015. p. 241

¹⁷² *Ibidem*, p. 244

¹⁷³ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 58

¹⁷⁴ *Folha da Manhã* – 30 de outubro de 1997 – p. 6

subentendido que a experiência travesti já supõe o exercício da prostituição, muito embora a matéria evidencie somente a presença das travestis na entrega das carteiras. Na entrevista com Chana, ficou evidente que, na verdade, as carteiras seriam destinadas mesmo para as travestis, apesar de o projeto não ter tido êxito, segundo Chana por falta de comprometimento das travestis profissionais do sexo:

Não foi pra frente porque depois Fátima viu que ela tava se desgastando à toa, porque as bichas tava roubando muito, roubando muito, assaltando muito. Hoje em dia os pedestres nem passam por ali mais... (Chana Carla, 06/05/2016)

O jornal *A Cidade* publicou uma matéria em 02 de novembro de 1997: “Violência contra gays aumenta: assassinatos de homossexuais no Brasil chega a cerca de 1.500 nos últimos dez anos em consequência da discriminação”. Diferentemente do jornal anterior que usou “Travestis” para falar da violência específica sofrida no contexto da prostituição, nesta matéria a opção é pelo uso genérico de “Gays” para falar da violência sofrida pelas travestis:

Figura 29: Violência contra gays aumenta.



Fonte: *A Cidade*, 02 de novembro de 1997, capa. (Arquivo pessoal de Wellington Paes.)

Na foto que compõe a reportagem estão presentes (da esquerda para a direita): Cláudio Nascimento, Fátima Castro, e as trans Andréa Castro, Chana Carla, Patrícia e Carla Stone. Todas as quatro trans da imagem são brancas, com cabelos longos e roupas que compõem a ideia de uma feminilidade bem-comportada, talvez como uma forma de conferir maior seriedade ao acontecimento, reiterando o aspecto profissional da prostituição. Esta imagem é muito significativa para pensar a formação de uma rede entre as trans da cidade e que passaria pela figura de Fátima. Andréa foi uma das primeiras internas da Associação. Chana trabalhou na Associação e destacou-se como produtora cultural da cidade, realizando a entrega de um prêmio jornalístico no principal teatro de Campos. Patrícia aparece em diversas outras reportagens ao lado de Fátima e também recebeu atenção do jornal *A Cidade*, em uma reportagem sobre sua cirurgia para “retirar o pênis”.¹⁷⁵ Já Carla Stone ganhou notoriedade ao ser eleita a Musa do I Fórum dos Sexualmente Discriminados, em 1996.

Cláudio era representante da Associação de Gays, Lésbicas e Travestis do Estado do Rio de Janeiro e estava presente em Campos para a entrega das carteiras para as travestis que atuavam na prostituição. Um dos destaques era Chana Carla, que aparece em diversos outros momentos na cena pública da cidade. Este documento demonstra como as atividades desenvolvidas em Campos dos Goytacazes estavam articuladas e eram apoiadas por militantes da capital do estado. Em cima da mesa aparecem muitas carteiras profissionais, apesar de apenas 5 terem sido distribuídas inicialmente. Na capa desta carteira estava escrito: “Carteira de Saúde e Ação Social”; e seu uso deveria ser feito pelas travestis nas ruas para que não fossem abordadas indevidamente pelos policiais.

A partir da fotografia que compõe esta matéria de capa do jornal, é possível perceber a formação de uma rede formada pelas trans e por Fátima Castro, que aparecia como defensora dos direitos gays. Embora Fátima não seja trans, era reconhecida por elas a partir de seu engajamento na defesa de seus direitos, no cuidado em relação ao HIV/Aids e na acolhida que fazia a elas. Nessa e em muitas outras reportagens indicadas neste capítulo, as travestis aparecem de forma quase que figurativa, pois a palavra registrada pelas matérias é sempre a de Fátima.

A leitura desta reportagem e de muitas outras que trataram do tema demonstram como todos esses discursos são datados e assim merecem ser lidos, ou seja, fazem parte de um repertório de construção das experiências trans, na década de 1990. Neste momento histórico, em que o movimento trans começava a se organizar em diversas regiões do país, não havia,

¹⁷⁵ *A Cidade* – 07 de setembro de 2000. p. 13

ainda, uma demanda pelo uso do gênero feminino para se referir às travestis, assim, em todas as matérias lidas usava-se o gênero masculino, portanto o travesti. Ademais, a diferenciação de identidade de gênero e sexualidade não era uma preocupação, ao menos dos jornalistas que escreviam as matérias. As experiências trans, que hoje em dia são nomeadas a partir de uma profusão discursiva grande, eram restritas à noção de homossexualidade; embora já existisse o termo travesti, não percebi um cuidado em descrever esta experiência.

Como busquei demonstrar nas páginas anteriores, houve em Campos dos Goytacazes uma profusão de formas de ser trans; uma dinâmica constante de invenção de si mesma por meio da prostituição ou fora dela, pela proximidade com o HIV, pelos cuidados com o corpo, a saúde e as apresentações de si para a sociedade. Esses procedimentos para criar a si mesmo, entretanto, nunca foram vividos isoladamente; não é possível criar-se a si mesmo como um exercício solitário e egoísta. É preciso ter amigas e amigos. Mas, quem é o amigo? Como alguém pode se tornar amigo? Quais as hierarquias presentes nas relações de amizade? Há diferenças entre amigos? Essas são algumas das questões apresentadas na segunda parte do trabalho.

2ª Parte- Entre amigas e amigos: a invenção de modos de vida

Capítulo 4

Trilhas sem rumo: a amizade na história e por uma história (aberta) da amizade

Os amigos são guerreiros. Eles não querem a morte, a submissão, a dizimação do outro; e nisso se distinguem dos guerreiros do exército do Estado. Não se pretendem irmãos ou filantropos. Os amigos se relacionam libertariamente para a vida. Guerreiam pela sua própria existência, antecedem-se e sucedem, são únicos. A vida é uma batalha, sim. Mas a vida não é guerra de todos contra todos, da parte contra o todo, do todo contra a parte. Esta é a vida dos Estados com seus projetos de contrato social, paz perpétua e melhor soberano. Entre amigos não há soberanos, contratos; mas entrada livre nas associações e invenção de vida anti-hierárquica.¹⁷⁶

Eu tenho amigas dessa forma. Então, eu acredito nessa amizade. Mas eu acredito também que essa amizade não se encontra em qualquer esquina. Cê tá me entendendo?! São amizades que têm base, que têm história... tem... tem sequelas, digamos assim, entendeu?! Não nasceu ontem, em uma roda de cocaína, em uma roda de... de show; em um concurso de Miss Gay, entendeu?! “Nossa, você tá linda!” Aí, quando vira as costas: “Você viu o sapato dela?! É de fulano, pegou emprestado!” (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

As amizades, as amigas e amigos são importantes para as reflexões históricas e historiográficas? Como é possível e qual a relevância de se historicizar um tipo de relação humana comum e aparentemente simples e que pode escapar à lógica cartesiana, criando novos protocolos de relações de afeto? Ainda mais, qual o sentido e importância pode haver em pensar o tema da amizade ligado às trans, sujeitos qualificados, descritos e historicamente nomeados como abjetos, marginais ou menos importantes em seu estatuto de humanidade?

Essas questões foram o início de algumas reflexões que alimentaram o desenvolvimento dessa pesquisa. Instigado pela curiosidade de perceber como as experiências trans foram vividas, criadas e negociadas em uma cidade de médio porte do Norte

¹⁷⁶ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003. p. 12-3

Fluminense, que tradicionalmente aparece como associada ao tradicionalismo religioso, busquei trilhar esses caminhos das amizades trans em Campos dos Goytacazes.

Ao longo dessa segunda parte da tese, dialogo com diversos estudos sobre a história da amizade, produzidos com abordagens algumas vezes divergentes, mas tendo como eixo de análise as relações de amizade. Assim, pretendo contribuir para essa reflexão sobre as historicidades que permeiam tais relações, particularmente sobre aquelas que forjam as subjetividades trans.

Amizades no tempo, ou no tempo dos amigos

A primeira questão a ser colocada é que a amizade, ou melhor dizendo, as formas de amizade, possuem historicidades, sofreram e sofrem transformações ao longo da história, portanto, são passíveis de serem estudadas, problematizadas e indagadas historicamente. Isto remete à ideia de que desnaturalizar a amizade significa percebê-la para além de uma relação humana e natural de solidariedade, fraternidade e/ou irmandade, ou seja, podemos e devemos entender como e porquê ela passa a ser inscrita nesses códigos familiares e quais os novos repertórios que podem ser vividos nas amizades.

Da Antiguidade à Idade Média, do período Moderno aos dias atuais, as relações entre amigos e amigas foram transformadas no tempo e no espaço e deram novos e diferentes sentidos à intimidade, à política e à própria ideia do que deve ser público e privado, bem como, foi um dispositivo para a construção de subjetividades. As relações de amizade são marcadas pelo tempo; repletas de descontinuidades, rupturas e mudanças forjadas social e culturalmente.

As indagações apresentadas pelo pensador francês Michel Foucault são apontadas, muitas vezes, como o início de um interesse mais detido sobre a amizade enquanto uma forma de constituição das subjetividades. Particularmente com a publicação do 2º e 3º volumes de seu projeto sobre a História da Sexualidade, Foucault evidenciou seu interesse pela questão da amizade e chegou a sugerir que esta poderia compor um modo de vida¹⁷⁷.

No decorrer dos séculos que se seguiram à Antiguidade, a amizade se constituiu em uma relação social muito importante: uma relação social no

¹⁷⁷ Como está escrito em *Da amizade como modo de vida*; um texto que não mais que três páginas, e com uma intensidade tal que mereceu tempo, atenção e reflexão de muitos intelectuais.

interior da qual os indivíduos dispõem de uma certa liberdade, de uma forma de escolha (limitada, claramente), que lhes permitiria também viver relações afetivas muito intensas. A amizade tinha também implicações econômicas e sociais – o indivíduo devia auxiliar seus amigos, etc.¹⁷⁸

Pode parecer, portanto, que a amizade é um tema recente na produção intelectual, o que não é verdade. Desde a Antiguidade Clássica até a época Moderna a amizade foi pensada e problematizada por autores como Aristóteles, Cícero e Montaigne, sendo alvo de intensos debates e muitas disputas. Assim como espaço de grande preocupação de algumas instituições como a Igreja Católica. Segundo a historiadora Anne Vincent-Buffault, a Igreja Católica defendia as amizades espirituais e muitas de suas publicações eram dirigidas ao público de adolescentes; neste contexto a amizade é vista como uma possibilidade de coibir os sentimentos amorosos e sensuais.¹⁷⁹ Já Francisco Ortega destaca que o cristianismo empreendeu um exercício de despolitização da amizade, produzindo em seu lugar uma priorização dos laços familiares; até mesmo a linguagem usada para se referir à amizade, seria aquela que se aproximava dos termos familiares, como pai, irmão, mãe etc.¹⁸⁰

A partir do século XVIII começa-se a perceber os indícios de que a amizade assumiria um novo lugar nas relações sociais, passando a fazer parte de um repertório intimista e privado, e também privativo. “A nova amizade será mais íntima, mais privada, mais afetiva e exclusiva, e, em consequência, menos política.”¹⁸¹

Talvez tomada como um tema menor ou pouco capaz de despertar o interesse de pesquisadores, por muito tempo a amizade ficou relegada a segundo plano, ou como um apêndice das relações familiares. É possível que isso sugira uma resposta à baixa produção de pesquisas e reflexões sobre a história da amizade. No levantamento de bibliografia feito para esta pesquisa, encontrei uma quantidade expressiva de materiais sobre a amizade referida enquanto sinônimo de solidariedade, laço de afeição, fraternal etc., ou seja, compreendendo apenas um dos espectros possíveis de análise da amizade. Importa destacar, também, que muitos desses materiais foram produzidos no campo da Sociologia e Antropologia, como a relevante pesquisa de Cláudia Barcellos Rezende, *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*, em que a socióloga investe na análise de como a amizade funciona como

¹⁷⁸ FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Revista Verve, nº 5: 260 – 277: São Paulo, 2004. p. 272 (disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537> - Acesso feito em 07/03/2018)

¹⁷⁹ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 94

¹⁸⁰ ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 60

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 139

um dispositivo de interação social em dois espaços distintos: Rio de Janeiro, no Brasil, e Londres, na Inglaterra. Rezende elenca uma vasta bibliografia socioantropológica sobre a temática da amizade na formação do indivíduo, pontuando a importância da confiança e dos laços afetivos entre os amigos e amigas, considerando que nas relações de amizade seria possível alcançar a não hierarquização entre os amigos, em oposição ao modelo familiar, em que cada um ocupa uma posição específica¹⁸² (de pai, irmão, filho etc.).

O interesse da Antropologia sobre a amizade, segundo Rezende, adveio da comparação entre amizade e família¹⁸³ e é uma das questões mais discutidas ainda neste campo. Há de se registrar, também, uma aproximação com os estudos da Sociologia da Emoção, particularmente nos trabalhos do antropólogo brasileiro Mauro Guilherme Pinheiro Koury¹⁸⁴.

Ionta e Campos identificaram a amizade como um tema associado à filosofia e à política¹⁸⁵ e talvez por isso parte considerável da literatura que se deteve sobre a amizade, de forma mais vertical e problematizadora, esteve ligada a essas áreas. Para essa tese, três autores dos campos da filosofia e ciência política contribuíram para pensar a amizade sob uma perspectiva histórica. O primeiro contato com esta literatura foi feito com a trilogia produzida por Francisco Ortega: *Amizade e estética da existência em Foucault, Genealogias da amizade e Para uma política da Amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Em seguida encontrei o trabalho apresentado como tese de livre docência de Edson Passetti, que atua na área de Ciência Política - *Éticas dos Amigos: invenções libertárias de vida*. Por fim, mas não menos relevante, tive acesso ao importante livro do filósofo Jacques Derrida, *Políticas da Amizade*, cuja versão em língua portuguesa é da editora Campo das Letras.¹⁸⁶

¹⁸² REZENDE, Cláudia Barcellos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 78

¹⁸³ *Ibidem*, p. 111

¹⁸⁴ KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Por que as amizades acabam? Uma análise a partir da noção goffmaniana de vulnerabilidade. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, v. 7, p. 20-31, 2015. / KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Amizade e Modernidade. *RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* (Online), v. 11, p. 346-360, 2012. / KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Ambivalência nos anseios e nas ações: a amizade na idade adulta. *RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* (Online), v. 11, p. 878-883, 2012.

¹⁸⁵ IONTA, Marilda e CAMPOS, Natália Ferreira. Da arte da amizade entre antigos e modernos. In: RAGO, Margareth e FUNARI, Pedro Paulo A. (orgs.). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 176

¹⁸⁶ Tanto o trabalho de Passetti quanto o de Derrida são de difícil acesso no Brasil. O primeiro por já estar esgotado, e o segundo por ter de ser importado ou encontrado em poucas bibliotecas (talvez somente em capitais e/ou grandes centros de estudo)

Chego ao campo disciplinar no qual oficialmente se insere esta pesquisa: a História. Indico as principais pesquisas que serviram de suporte de reflexão e inspiração para pensar sobre como trabalhar a amizade e a produção de subjetividades. Os três primeiros trabalhos com os quais tive contato foram produzidos por historiadoras brasileiras. *As cores da amizade*, de Marilda Ionta, com uma análise das missivas trocadas entre Mário de Andrade e três mulheres amigas; *Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”*, de Susel Oliveira da Rosa, que na primeira parte do livro narra a história de Nilce Cardoso e dá destaque às amizades como um “tecido afetivo”; e *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, de Margareth Rago, que contribui sobremaneira para refletir sobre a historicidade presente na constituição das subjetividades de sete mulheres brasileiras. Fora do contexto brasileiro, dois outros trabalhos contribuíram para alimentar a visão histórica sobre a amizade: *A amizade no mundo clássico*, de David Konstan, e *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*, de Anne Vincent-Buffault.

Entendo que essas contribuições, particularmente da filosofia, situam as amizades para além de um laço de fraternidade ou solidariedade, pois como destacou Passeti, a fraternidade, desde a época da Revolução Francesa, prezava por um efeito apaziguador¹⁸⁷, e esta explicação pode ser encontrada em Hannah Arendt:

A fraternidade que a Revolução Francesa acrescentou à liberdade e à igualdade, que sempre foram categorias da esfera política do homem – essa fraternidade tem seu lugar natural entre os reprimidos e os perseguidos, os explorados e humilhados, que o século XVIII chamava de infelizes, *les malheureux*, e o século XIX de miseráveis, *les misérables*.¹⁸⁸

Ortega percebe que Arendt entende a amizade como um fenômeno público, que tem potencial político, enquanto que a fraternidade contribui para o apagamento das diferenças e anulação da pluralidade.¹⁸⁹

Por outro lado, a amizade também não pode ser definida somente como solidariedade pois: “A solidariedade tem grifado pois os discursos e as práticas, ganho vincos institucionais, e ganhando-os tornando-se (pre) texto de reivindicações, disputas, controvérsias, justificações,

¹⁸⁷ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003. p. 205

¹⁸⁸ ARENDT, Hannah. Sobre a humanidade em tempos sombrios: reflexões sobre Lessing. In: *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 22

¹⁸⁹ ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Sinergia/Relume Dumará, 2009. p. 31

singularidades.”¹⁹⁰ A solidariedade pressupõe uma ideia de fazer-se sólido, consistente e durável; o sólido é aquilo que se opõe ao líquido; é um estado físico e, talvez, até espiritual, que denota força, garante a existência e dura no tempo.

Solidez, sólido, solidariedade torna-se sinônimo de confiança e permite que ela seja investida nos laços de afeto e afeição, garantindo-se o êxito e a reciprocidade. A solidariedade, portanto, constitui-se como uma aposta na segurança firme dos engajamentos sociais, na certeza de que os investimentos (afetivos, materiais, psíquicos) não serão em vão. Isso faz parte de um cálculo de riscos, cuja racionalidade própria pode ser tecida por caminhos, trilhas e atalhos incompreendidos sob a ótica dual do bom e mau. Nessa reflexão, e pensando sobre as formas de relacionar-se, os vínculos de solidariedade seriam aqueles que formam as ordens institucionalizadas, particularmente a família. Talvez seja por isso que as amizades tenham sido capturadas pela lógica da solidariedade; com isso, deu-se seu engessamento, afastando-se da forma como fora pensada por Foucault: como uma relação cujo potencial político lança os sujeitos em tramas líquidas, pastosas e esfumaçadas.

Assim, por mais que os exercícios de captura existam e que haja a comercialização das pílulas da amizade¹⁹¹, ainda é possível entrevermos sua potência política. É, pois, sob esse prisma que analiso e problematizo as amizades trans; entendendo que por mais que a linguagem do familiar, como irmã, mãe, afilhada (todas no feminino) componham as relações de amizade entre as trans, não é possível que estas sejam identificadas apenas como sintomática do que é vivido exclusivamente no âmbito do privado, pois em grande parte das vezes, estas mesmas relações são tecidas como forma de chegar à cena pública, como meio de sair do privado e assumir a constituição da cidade recriando os espaços de gênero e reiterado por certo os espaços como as “pistas” (ruas de prostituição).

Pois, como lembra Deleuze:

Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furta ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles. Mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos.¹⁹²

¹⁹⁰ NUNES, João Sedas. “Do nosso mundo (de) feito (uos) o: identidade homossexual e gramáticas morais. In: RESENDE, José Manuel. (et. al.). *As artes de (re) fazer o mundo: habitar, compor e ordenar a vida em sociedade*. Portalegre – Portugal: Instituto Politécnico de Portalegre, 2016.

¹⁹¹ MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016. p. 179

¹⁹² DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 116

Nessa prática cotidiana de invenção da vida são criados sujeitos reais que se nomeiam, se recriam e produzem para si uma vida possível. Foucault não considera esse sujeito como um soberano e universal, mas como localizado no tempo e no espaço:

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constituiu através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural.¹⁹³

Ao refletirmos sobre a dinâmica do gênero e da sexualidade em nossa sociedade, marcada por um caráter normativo e binário, em que pese o valor da cisgeneridade heteronormativa, podemos pensar que as experiências trans são como as crianças de Nietzsche, pois seu viver é capaz de romper conceitos e causar um incômodo. Mesmo quando se tenta qualificar essas experiências com os conceitos de gênero, argumentando que as trans simplesmente reforçam, reiteram e reproduzem as feminilidades já projetadas, deixa-se escapar o vivido, o processo, os (des) caminhos percorridos pelas trans para o enfrentamento da heteronormatividade. Edson Passetti chama a atenção para percebermos que:

Ainda que os conceitos pretendam dar conta desta dinâmica, eles apenas a pacificam: são valores que procuram ajustar a relação hipotética entre homem e natureza, ainda que se afirmem como meio de acesso ao entendimento. A criança localiza-se nesta zona entre efeitos de natureza e os conceitos. Seu viver desaloja o conceito do conforto normativo.¹⁹⁴

Viver sob o signo do estigma e da opressão, sob suspeita de representar um gênero, um corpo e uma subjetividade que é atacada justamente pelo gênero que apresenta é o que marca muitas das experiências trans.

Está tudo muito bem não ter um lugar teórico dentro do atual mundo de gênero, mas essa não é a experiência vivida diariamente. A vida real oferece às pessoas trans um estigma e uma opressão constantes, baseados no conceito aparente irreal de gênero. Esta é uma das questões mais

¹⁹³ FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 288

¹⁹⁴ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003. p. 151

significativas que as pessoas trans trouxeram ao feminismo e à teoria queer.¹⁹⁵

Outras amizades e diferentes abordagens

Na obra da historiadora francesa Anne Vincent-Buffault¹⁹⁶, a amizade é apresentada como uma relação construída e baseada nos sentimentos, datados do final do século 18¹⁹⁷, trata-se, portanto, de uma compreensão da amizade enquanto uma substância, um conteúdo, algo significativamente diferente da abordagem da amizade que é feita pela historiadora brasileira Marilda Ionta¹⁹⁸, por exemplo. Ambas as autoras investigaram a trocas de missivas, e construíram suas problemáticas de pesquisa a partir da compreensão das relações de amizade enquanto possibilidade de construção de um tecido relacional. Entretanto, as diferenças que separam Vincent-Buffault de Ionta são maiores do que o tempo e espaço históricos analisados em seus trabalhos (Vincent-Buffault a França dos séculos 18 e 19, e Ionta o Brasil da primeira metade do século 20); trata-se da compreensão e problematização feita sobre a amizade.

Para Ionta, a amizade funcionou enquanto um dispositivo capaz de iluminar e verticalizar o entendimento acerca dos processos de subjetivação, ou seja, por meio dos vários repertórios discursivos que compõem as gramáticas da amizade, a autora pode investigar a produção subjetiva de Mário de Andrade e três mulheres que eram (ou se tornaram) suas amigas): Anita Malfatti, Henriqueta Lisboa e Oneyda Alvarenga. É, pois, uma trama em que a amizade produz e faz acontecer deslocamentos do sujeitos, formas instáveis e diversas, estando em questão tensões, afetos e posições de saber-poder.

Ademais, há de se registrar que na pesquisa de Vincent-Buffault, o interesse maior se dá pelas transformações da intimidade no século 19, de modo que as relações de amizade

¹⁹⁵ WHITTLE, Stephen. Foreword. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (eds.). *(Des) Subjugated knowledge: an introduction to transgender studie's*. The Transgender Studies Reader. New York and Abigdon: Routledge, 2006. p. xii (Tradução do autor. No original: It is all very well having no theoretical place within the current gendered world, but that is not the daily lived experience. Real life affords trans people constante stigma and opression based on the apparentaly unreal concept of gender. This is one of the most significant issues that trans people have brought to feminism and queer theory.)

¹⁹⁶ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 22

¹⁹⁸ IONTA, Marilda. *As cores da amizade: as cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007.

aparecem inscritas nesse processo como possibilidade de criação de repertórios da intimidade. Assim, amizade e intimidade integram, no entendimento da autora, um novo eu, que passa a ser representado na cena pública. “A exposição do íntimo, a publicidade do privado deslocam as fronteiras do pudor, transformam os códigos de expressão de si e as estratégias cruzadas do eu e do tu na amizade.”¹⁹⁹

Quando explica o peso da amizade juvenil entre os adolescentes franceses, Vincent-Buffault percebe que as amigas potencializam a formação de laços fortes de confiança e afeto, tecido em um contexto em que os amores e outros sentimentos eram rigidamente controlados. Para ela: “O gosto do segredo, que os controles excessivos engendram, não deixa também de ter um papel na invenção dos rituais da troca amistosa.”²⁰⁰ Assim, naquele contexto francês de vigilância da juventude, o amigo tornava-se aquele que pode ter acesso ao *eu* mais íntimo e “verdadeiro”, na medida em que neste tipo de relação os filtros sociais seriam menos rigorosos.

Ao perceber este exercício da amizade entre os jovens franceses no século 19, Anne Vincent-Buffault indica um aspecto constitutivo das relações de amizade ainda reivindicado por aqueles que nomeiam e descrevem seus amigos: a intimidade. Trata-se aqui de uma intimidade percebida como um eu verdadeiro, reservado, guardado para poucos, aquele *eu* que não se expõe à avaliação cotidiana dos jogos sociais. Isto estaria ligado a uma possibilidade de ser livre, ou seja, de não estar submetido às regras, leis e normas impostas pela sociedade. Desta forma, este lugar idílico da amizade é descrito com ternura e afeto, como se fosse possível criar um espaço confortável em meio aos ambientes hostis marcados pela normatividade de gênero e sexualidade.

Não há, no trabalho de Anne Vincent-Buffault, uma análise detalhada das especificidades das amigas entre pessoas não heterossexuais. Nas amigas heterossexuais estudadas pela autora há códigos e normatizações que fazem deste lugar da amizade uma zona de oxigenação do “*eu* verdadeiro”²⁰¹. No caso das experiências das homossexualidades e trans

¹⁹⁹ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 53

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 117

²⁰¹ Usarei essa expressão para me referir a uma instância do sujeito caracterizada como reservada da cena pública, portanto menos visível. A compreensão de que possa existir um “eu verdadeiro”, como vai aparecer nas falas de muitas interlocutoras, é produzida a partir de uma noção de que as pessoas possuem várias personas, ou seja, uma subjetividade é fruto do acúmulo, negociação, desmoroamento e reorganização de vários “eus”, várias formas de apresentação de si para o outro e para si mesmo. Assim, nessa composição do eu, haveria espaço para um “eu verdadeiro”, cujo acesso seria restrito. É, por certo, uma forma de qualificar e valorar as relações estabelecidas com os outros chamados de amigos e amigas.

estes códigos e normatizações, ainda que se aproximem dos que são estabelecidos entre heterossexuais, não serão os mesmos, pois os elementos gênero e sexualidade produzem novas questões que serão pensadas e proliferadas nessas zonas de existência.

Talvez esta realidade se dê porque, diferentemente da heterossexualidade que é produzida sob códigos do que é socialmente aceitável, as homossexualidades e as experiências trans são tecidas sob o signo da abjeção. É por isso que há de supor que as relações de amizade foram para esses sujeitos a possibilidade real da criação de si, de invenção, efetivação e fortalecimento de projetos de subjetividades que não se restringem ao repertório historicamente imposto aos ditos marginais.

Carmem Dora Guimarães²⁰² escreveu sobre o funcionamento de uma rede de amigos mineiros que foi tecida na cidade do Rio de Janeiro durante a década de 1970. Ela percebe que para estes homens homossexuais de classe média, esta rede era fundamental para a constituição de um si mais autêntico na medida em que menos heteronormativo. Ou seja, somente quando estavam juntos em uma cidade distante do local de origem é que estes amigos criavam modos de vida autênticos. A autenticidade corresponde aqui à ideia de que não precisavam performar uma identidade heterossexual como faziam na cidade natal.

Isso não me permitiria conferir à amizade uma exclusividade na constituição das subjetividades homossexuais ou trans, mas certamente é um indício da potencialidade desta forma de relação, ligada à possibilidade de experiências que darão contornos a outras subjetividades que não aquelas prescritas pelo padrão da heterossexualidade. Nas subjetividades trans, talvez, esse potencial seja ainda mais significativo, na medida em que se está falando de uma transgressão inscrita na ordem do gênero e da sexualidade; não é apenas a norma heterossexual que é colocada em cheque, a ideia do gênero, como se fosse um prolongamento do biológico, também foi questionada.

“Amizade que tem sequelas”: afetos e outras marcas nos sentidos da amizade contemporânea

Na busca por entender os sentidos contemporâneos em que são empregados a palavra amizade, percebe-se que o amigo ou a amiga com que se pode partilhar a experiência de uma determinada identidade de gênero ou de orientação sexual, torna-se aquele ou aquela com

²⁰² GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

quem se pode falar com menos pudores, alguém pronto e disposto a saber a verdade sobre si e partilhar desta verdade sob o manto do segredo²⁰³. Ademais, a amizade pode assumir contornos diversos, como até mesmo uma “caixinha de remédios espetaculares²⁰⁴”, conforme problematizado por Danichi Mizoguchi. Ou, como explica Joyce: a palavra amigo já está desgastada, banalizada.

No Face então é um tal de botar “Felicidades, minha amiga”. Mas, isso daí é uma palavra, nós estamos falando aqui de sentimento. Da palavra amigo, mas amigo, o sentimento. Porque, assim, Renata, as outras, Renata, Purpurina... eu falo com elas amiga, elas também, mas é assim... é diferente, são pessoas que você conhece, já viveu um tempo, mas foi noitadas, é diferente de amizade, de você viver na casa da pessoa, de você saber o perfume que você usa, a roupa, o gosto seu... a pessoa sabe. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Nesse contexto de “reprodutibilidade técnica”, em que o “silício tem feito os amigos”²⁰⁵, a avaliação de Joyce provoca uma reflexão sobre os atuais usos da palavra amizade e amigo. Como ela mesma relata, há uma vulgarização da palavra amigo, o que não se aplica, todavia, ao sentimento da amizade. Portanto, essa diferenciação é o que se aplica para entender o que significa a amizade nos diversos contextos em que a relação é vivida. Algumas relações qualificadas como de amizade podem ser formadas por laços de coleguismo ou terem uma sustentação fraca, estando mais suscetíveis a abalos e rompimentos. Já outras, aquelas que se aproximam do ideal de família, são sustentadas por laços fortes, incapazes de serem abalados por “coisas pequenas”.

É possível, entretanto, refletir sobre algumas dessas modulações históricas que permearam os sentidos atribuídos às relações de amizade e à própria noção de quem, como e porquê uma pessoa se torna amiga da outra.

Em *O abecedário de Gilles Deleuze*²⁰⁶, cuja versão escrita é fruto de uma transcrição feita do vídeo original gravado com Gilles Deleuze, o pensador fala sobre a amizade, mas curiosamente não a localiza na letra A, mas no fim da letra F. Na letra A, Deleuze se ocupa em uma reflexão sobre os animais, e na F, aponta a palavra Fidelidade, mas toda sua explanação discorre sobre a Amizade; deixa evidente, todavia, que isso não significa atrelar a

²⁰³ SIMMEL, Georg. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número I, p. 219-242, Abril de 2009.

²⁰⁴ MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016. p. 162

²⁰⁵ Ibidem, p. 181-2

²⁰⁶ DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

amizade à fidelidade, simplesmente porque essa última carece de existência. O que importa para Deleuze é a elaboração da pergunta: “Por que se é amigo de alguém?” A essa questão geral, ele responde que trata-se de uma forma de percepção, ou seja, “é se entender sem precisar explicar”, pois há a partilha de uma linguagem em comum. Mais do que ideias ou formulações teóricas similares, os amigos são aqueles que partilham, se afetam e se ligam a partir de e por meio de uma linguagem que dispensa explicações. Entendendo isso como um mistério difícil de ser explicado, Deleuze estabelece que há um charme que provoca essa afetação mútua. Então na “questão da amizade há uma espécie de mistério” e ela é cômica.

Portanto, os amigos seriam aqueles com quem se poderia exercitar a co-presença sem precisar se explicar, se justificar. Trata-se, como afirma Passetti, de exercitar o egoísmo que implica na aproximação com o outro:

Os amigos são antes de mais nada egoístas, únicos, seres livres de povo, nação (...). Não ceder é condição para a existência e somente os que não abrem mão de si podem desestabilizar a sociedade e o Estado. Cuidar-se de si não é isolar ou criar-se à parte no interior de um todo, mas tomar o outro como parte integrante de egoísmo, uma razão que afirma para ambos a existência.²⁰⁷

Portanto, é o exercício de ser compreendida pelas amigas e pelos amigos que dá o tom nas relações de amizade pensadas nas experiências trans. Tal como Jeffrey Weeks²⁰⁸ observa, há uma ética dos amigos, ou seja, um compromisso que envolve diversos elementos que possam manter a unidade da relação; à diferença de outros vínculos que envolvem o afeto e protocolos relacionais, nas amizades trans essa ética envolve o cuidado com o corpo, o suporte afetivo e financeiro e a cumplicidade da experiência de gênero. Nessa construção de uma estética da existência “cada indivíduo deve formar sua própria ética; (e) a ética da amizade prepara o caminho para a criação de formas de vida, sem prescrever um modo de existência como correto.”²⁰⁹ Segundo Hines:

Em seu trabalho sobre os significados da amizade entre gays e lésbicas, Nardi (1992) fala sobre os amigos como “família” - enfatizando o papel da amizade entre lésbicas e gays na ausência de apoio familiar. Assim, diante da falta de aprovação de seus relacionamentos íntimos das famílias de

²⁰⁷ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003. p. 219

²⁰⁸ WEEKS, Apud. HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 154

²⁰⁹ ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 167

origem, lésbicas e gays buscam redes de amizades para apoio social, emocional e prático.²¹⁰

Nesse sentido, já focalizando as amizades trans, Hines concorda que a comodidade e a compreensão são aspectos fundamentais na seleção dos amigos íntimos, pois com esses seria autorizado o compartilhamento de saberes e práticas exitosas de transformação do corpo sem o necessário esforço por explicar e justificar cada ação, já que as experiências vividas são similares.²¹¹ E aí, pode-se perguntar: uma trans entende melhor a outra? Por que? Para Erickah e Áquila a resposta e as justificativas são taxativas:

Então, é diferente, porque não é a mesma coisa... a conversa não é a mesma, entendeu?! Eu acho que só por isso mesmo. Porque, assim, tipo... um gay entende o outro, né?! Uma trans entende a outra... aquela coisa. Eu acho que nem sempre, mas entende, né?! (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Entende, entende, entende. É difícil você encontrar um hetero com a cabeça totalmente aberta pra te entender, né?! Porque o gay, quando ele entende o outro, a trans quando entende a outra, ela também já passou por aquilo ou algum dia pode passar, entendeu?! Então, ela te entende melhor, os dois raciocinam juntos melhor. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

Uma trans entende melhor o que outra trans vive porque ambas partilharam ou poderão partilhar as mesmas experiências na vida. Esta aproximação das experiências faz com que haja uma certa cumplicidade, uma empatia. Uma das etapas de partilha dessas experiências ocorre no começo da montagem, ou seja, quando roupas, acessórios, jeitos e gestos considerados femininos são incorporados à performance de gênero.

Foi aos 18 anos. Foi aos 18 anos. É... fiz uma festa pra mim aos meus 18 anos e depois vi que não era aquilo. **Eu já me montava, entendeu. Nisso eu já me montava escondido dos meus pais, até porque os meus pais sabiam que eu era gay, mas não sabiam que... que eu tinha esse lado de querer me vestir de mulher, entendeu?!** Depois daquilo que eu fui preparando a minha mãe, entendeu?! Preparando a minha avó. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

O investimento na montagem de si, compreendida como o começo do uso de roupas femininas com a ajuda de amigos e amigas que já eram travestis, era feito de modo que a

²¹⁰ HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 154 (Tradução do autor. No original: In her work on the meanings of friendship for lesbian and gay men, Nardi (1992) speaks about friends as ‘family’ – emphasising the role of friendship for lesbian and gay men in the absence of familial support. Thus, in the face of limited or absent approval of their intimate relationships from families of origin, lesbian and gay men look to friendship networks for social, emotional and practical support.)

²¹¹ *Ibidem.*, p. 156-7

família não soubesse. Isso também funcionava como estratégia para o trânsito em determinados espaços da cidade, particularmente os lugares direcionados ao lazer, pois Áquila, como muitas trans que aparecem nessa tese, assumiram uma identidade feminina publicamente:

Pra sair a noite, entendeu?! Ir por bar e beber, aquilo tudo. Vi que eu começava a ficar bonita a noite, entendeu?! Que os olhos encantavam, que os homens olhavam mais, entendeu?! Eu falei: “Cê quer saber de uma coisa?! Não vou ficar mais só isso de noite não, vai ser de dia e de noite assim”. E aí eu fiquei. Sempre com os amigos meus, que tem até hoje... são amigos mesmo, entendeu?! Que eram travestis também, entendeu?! Que também se montavam. Muitas travestis se montavam também. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

Nesse processo, ter um espaço de acolhida afetiva e material é fundamental, de modo que o colo e a casa das amigas passam a ser esses espaços. Pois a montagem acontecia na casa delas: “Eu me montava na casa de amigos. Na casa dessa travesti, você entendeu?!” (Áquila Araújo, 18/02/2016)

A casa da amiga trans ou do amigo gay cisgênero é um espaço do possível na materialização de uma experiência que não pode ser vista ou partilhada com a família nuclear (ou consanguínea). Nenhuma delas narrou episódios em que esse amigo ou amiga fosse uma mulher cisgênero lésbica, heterossexual ou bissexual. Áquila e diversas outras usavam desse artifício de ir para a casa de uma amiga, em geral que também era trans, ou que se montava esporadicamente, para então dar materialidade à montagem. Essa noção de amizade alimentada por Áquila confere um sentido de duração temporal para o vínculo, e a passagem do tempo torna essa relação mais espessa, densa e valiosa..

Na história narrada por Wanessa, um processo semelhante pode ser percebido. Aos 32 anos de idade, ela possui formação na área de técnica de enfermagem e trabalha em um hospital-escola da cidade, sugere o quanto as experiências de gênero são fundamentais; e os amigos, trans ou não, aparecem como aqueles que tornam a realização de uma vontade: vestir-se com roupas femininas. Para expressar o valor significativo que este ato teve em sua vida, Wanessa recorre a uma categoria que ela chama de *eu* autêntico. Em uma narrativa feita em tom sereno e um pouco triste, ela explica que não se sentia autêntica pois seu pai a impedia de ser que ela “realmente queria ser”:

(...) eu passava batom, fazia as coisas escondido. E já cheguei a botar roupa escondido com ele vivo, em casa de amigos que moram em outros bairros, entendeu?! Já cheguei a fazer com ele vivo; mas, após eu ter tido... ele me aceitar como gay. Ele nunca me viu com roupa de mulher; mas, após ele me aceitar como gay, assim... isso não ser mais... uma questão, eu já botava

roupa escondido. Então, foi mais... é... e foi pros 20 assim, eu já botei, assim, a noite só. Entendeu?! (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

A produção de si como um sujeito verdadeiro, aquele que consegue expressar o seu “eu autêntico” não pode ser feita somente para si. Como fica evidente nas palavras de Wanessa, é preciso haver um reconhecimento do outro, pois foi a partir da relação com o outro que o eu de Wanessa se afirmou. O ato de esconder-se, de viver uma feminilidade sob a proteção das paredes do quarto e o encontro consigo mesma no espelho, é pensado por ela como uma forma de esconder seu próprio eu; é como se ela vivesse um eu falso, mentiroso, inautêntico.

Filha única e moradora do bairro da Lapa, bem próximo de onde estivera o *GayOsque*, Wanessa perdeu a mãe ainda criança, aos 6 anos de idade. O enfrentamento com seu pai ocorreu no início da adolescência, quando começou a ser interpelada sobre as namoradas.

Ele me questionava... ele queria que eu tivesse uma namorada, e não tinha como, e no fim eu tive que falar, que a minha opção era essa, e ele me pôs pra fora de casa, disse que se eu não arrumasse uma namorada, eu ia ser posta pra fora de casa. Eu não tinha como arrumar uma namorada... (risos). Então, eu fui pra fora de casa. Fui... eu fui trabalhar em uma casa de família, fui morar com a minha tia; nessa casa de família eu pagava meu curso técnico de enfermagem; hoje em dia ele é falecido e eu continuo a minha vida. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

No início dos anos 2000 ela foi expulsa de casa aos 16 anos, e foi acolhida por sua tia. O contato com o pai acabou sendo reestabelecido, mas com uma condição imposta por ele: Wanessa poderia ser homossexual, mas jamais se apresentar como trans. Diante disto, seu pai aceitou construir um pequeno quarto na parte superior de sua casa, local onde ela passaria a morar, e também seria o espaço, o abrigo para o exercício clandestino daquilo que ela acreditava ser sua essência, seu “eu autêntico”: uma feminilidade que a qualificasse como mulher, uma feminilidade capaz de corresponder ao sentimento de subjetividade que ela nutria.

Essa experiência clandestina começou a ganhar a cena pública quando uma amiga a apresentou a Gustavo; foi com ele, após a morte de seu pai, que Wanessa, aos 23 anos de idade, se “montou” para sair à rua pela primeira vez:

...foi com ele...é; que eu me montei foi pela primeira vez com ele lá, lá na casa dele. (...) Lembro! Eu fiquei cheia de vergonha de sair na rua. Eu falei: “Gustavo, a gente vai sair na rua...”, ele olhava pra ver se tinha algum conhecido. É muito estranho... é muito. Eu ficava com medo não de encontrar, é... e não de encontrar o meu pai, mas assim, eu ficava com

vergonha... nunca tinha feito aquilo, entendeu?! Muito, muito diferente...
(Wanessa Lóes, 16/10/2015)

A história continua a ser contada com um entusiasmo alegre de quem lembra a conquista de ter dobrado as normas e inventado uma nova vida. O objetivo do investimento na montagem era apenas um:

Pra andar... só pra passear mesmo (risos) ... e pra ter aquela sensação que eu nunca tinha tido, de se mostrar ao público com roupa de mulher... passar andando com roupa de mulher, entendeu?! (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Ou seja, sentir-se mulher não era algo que pudesse se bastar individualmente, pelo contrário, era o exercício que envolvia o outro, o coletivo. Wanessa indica que não bastava sentir-se mulher, era preciso mostra-se mulher para a sociedade. Um pouco mais à frente, Wanessa caracteriza essa sensação como uma forma de liberdade, pois seria o momento de sua vida em que poderia ser “ela mesma”. Grande parte das interlocutoras da pesquisa inventou para si um “*eu* verdadeiro” ou “autêntico” como uma forma de narrar as experiências vividas e justificar algumas escolhas, decisões e atitudes. Nesse repertório de produção da subjetividade, o *eu* é um recurso utilizado para abrigar a feminilidade que ainda não fora expressa no corpo, em geral em uma temporalidade que remete à época da infância.

Esse tempo passado que justifica as ações no presente é, muitas vezes, resgatado da infância, como atribuiu Wanessa. Para Patrícia e Andréa o tempo da infância que ocorrera entre as décadas de 1970 e 1980, também marcou a identificação com o chamado universo feminino e a percepção de que elas eram diferentes de suas irmãs e irmãos. Perceber-se como diferente teve um peso, um efeito e uma consequência nem sempre positiva. Patrícia localiza no corpo o início dessa compreensão de ser diferente das irmãs, na medida em que as formas delineadas nos corpos das irmãs não eram as mesmas que apareciam em seu próprio corpo:

Aí, quer dizer, eu não, eu.. era tão engraçado, que as minhas irmãs, né?!, iam crescendo peitinho, aquela coisa... Eu me perguntavam por que que o meu não tava crescendo, entendeu?! E ninguém sabia me responder, entende?! Pra você ver, era uma coisa muito natural. (...) Eu perguntava pras minhas irmãs: por que que o meu não tá crescendo?! Pra mim, eu era igualzinho a elas. (Patrícia Pinheiro, 14/03/2016)

Já Andréa lembra que o ciclo menstrual da mãe e irmãs era alvo de seu interesse e por isso ela inventava para si a experiência vivida por elas:

Sou, eu tô com 40 e... eu sou uma das mais velhas, eu tô com 46 anos, fiz agora, vou fazer 47. Eu sou de família pobre no Rio, eu morava no Rio de Janeiro, junto com meu pai, minha mãe e 14 irmãos meus. Aí, as

brincadeiras sempre foi brincadeira normal, brincando com meus irmãos, tudo, os amiguinhos, mas sempre eu tinha um olhar pra meninas, um olhar diferente... Não era um olhar de desejo, era um olhar de admiração, eu sempre olhei... eu sempre observei minhas irmãs, minha mãe, eu queria... eu tinha curiosidade sempre no universo feminino, eu queria saber porque aquilo, porque elas faziam aquilo, porque eu queria fazer igual; eu nunca tive na cabeça que eu era homem, que eu era um menino. Eu tava até contando esses dias pra Ondina, a gente conversando sobre isso, que Renato começou... teve uma transformação pouco tempo de travesti, transexual, eu já... eu falei assim, a gente conversando sobre isso, eu falei assim: “Não, eu fazia... quando eu via minhas irmã usando, que naquele tempo não tinha absorvente, minha mãe usava... minha irmã usava, minha mãe aliás, uns pedacinhos de pano, por causa do ciclo menstrual, e eu queria saber ... vigiando, vendo, e fui descobrindo. Aí eu fazia em mim mesmo. Eu comprava na época... nem existe mais isso... eu comprava um vidro de mercúrio, cromo, aquilo que é vermelho, pra botar em machucado... e, e umedecia o pano e botava no meio das pernas. E aí... minha mãe uma vez viu, achou que eu tava sangrando, aquelas coisas... o que que eu fiz de errado?! Aí, quando tirou minha roupa, que eu era criança, tinha uns 8 anos, que viu... Aí me bateu, porque achou que aquilo não devia ter feito aquilo.. E meu pai era um homem, sempre foi um homem assim, muito.. tinha uma visão muito grande sobre isso. Aí ele sempre falava pra minha mãe: “nunca faça isso! Nunca faça isso. O que você tá fazendo é errado. Não se deve bater” Então, comecei a trav... comecei a conhecer amigas, outras pessoas já transformada, que foi me indicando hormônios; comecei meu tratamento de hormônio com 12 anos. (Andréa Castro, 29/02/2016)

Esses discursos estão inseridos em um tempo histórico em que o sujeito como objeto do conhecimento é um sujeito produzido a partir de várias instâncias, uma delas é o que corresponderia ao psicológico. Ora, nada mais se aproxima dessa lógica do que um *eu* verdadeiro que estaria escondido por conta das amarras sociais. Essa é, pois, uma forma como as subjetividades trans foram constituídas. Essa busca por um argumento que recorra ao inconsciente para explicar, justificar e atestar a necessidade de investir na transformação do corpo de modo a produzir um reconhecimento social de sua feminilidade marca as narrativas trans dessa pesquisa. Isso seria o que Foucault denomina de modos de subjetivação, ou seja, a maneira como o sujeito se constitui, tornando-se efeito de uma relação de conhecimento e de poder²¹².

Fazendo um caminho a contrapelo do que foi verificado nas entrevistas, na busca por compreender como elas acionam discursos dos mais diversos campos do saber para criar um saber sobre si que seja respaldado por uma experiência anterior à realidade do sujeito, encontrei elementos que auxiliam na compreensão desta histórica forma de criação de

²¹² CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Müller Xavier; rev. Técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 407-410

subjetividades classificadas, enquadradas e assumidas como travestis, transexuais, transgêneras ou, simplesmente, trans.

A fala de Wanessa ajuda a qualificar o entendimento desta ideia do *eu* que a antecede. Depois de um suspiro e um sorriso discreto, ela descreveu a sensação que sentiu ao se vestir de mulher e andar em vias públicas pela primeira vez:

(...) foi uma sensação de liberdade... Eu nunca tinha me sentindo **tão eu**, assim. Eu nunca tinha ... eu acho que foi... Eu lembro, eu lembro até hoje... Eu nunca vou... eu, eu nunca vou esquecer dele porque foi um divisor de águas. Porque, até então, eu tinha feito isso dentro de quarto, escondido... nunca tinha ido pra rua. Entendeu?! E a gente foi pra rua, passear, comum. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

A compreensão de que a prática de si não é solitária é corroborada pela presença do amigo de Wanessa. Em sua trajetória ele desempenhou um papel fundamental. Ela descreve que eles começaram juntos a vestir roupas de mulher para realizar pequenas saídas pelas ruas nas proximidades de sua casa durante o período da noite. Nesse início dos anos 2000, Wanessa precisava sair de seu bairro, a Lapa, e ir para a casa de amigos que moravam em outros bairros, para que o pai não a visse com roupas de mulher, pois era tudo:

(...) escondido... eu passava batom, fazia as coisas escondido. E já cheguei a botar roupa escondido com ele vivo, em casa de amigos que moram em outros bairros, entendeu?! (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Gustavo, o amigo a quem ela se refere era uma pessoa que à época já tomava hormônio e se identificava como travesti, ou seja, alguém mais experiente que Wanessa. Ele, no entanto, abandonou a “carreira” e hoje não mais se “monta”.

Ele tomou muito hormônio na época, hoje em dia ele... .. ele, ele parou... ele usa barba, ele usa roupa de homem. Nem tem mais aquele aspecto feminino mais, porque ele deixou... É, de tomar é. Eu acho que foi uma fase pra ele só. Ele num... Pra mim não foi, entendeu?! Eu acho que ele enxergou isso em mim, que nem ele tinha, mas ele enxergou em mim. Então, ele me marcou muito. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Gustavo também chegou a ser expulso de casa e foi morar com “seu caso, o Thalles”, pois sua mãe não aceitava sua homossexualidade. Wanessa lembra que Gustavo morou com o namorado por “8 anos, 9 anos. Aí depois eles foram morar lá, acho que em Macaé... aí eu não tive mais contato.”

Diferentemente de Gustavo, para Wanessa essa não foi uma fase, mas parte de um roteiro de constituição de si no feminino. A figura do amigo neste processo inicial foi extremamente relevante, pois funcionou tanto como tecido afetivo, de que nos fala Foucault,

quanto logisticamente, na medida em que pode oferecer um espaço físico, sua casa, para receber a amiga. Nesse conjunto de experiências que compõem as subjetividades trans, o ato de vestir-se com roupas femininas é visto como um passo importante

Quando ainda se está no “armário”, a casa da amiga ou do amigo é um espaço do possível na materialização de uma experiência que não pode ser vista ou partilhada com a família nuclear (ou consanguínea). Diversas entrevistas relataram o uso desse artifício: ir para a casa de uma amiga, que poderia ser uma trans mais velha ou um gay que se montava esporadicamente para ir a festas (sem que isso o qualificasse como travesti ou *drag queen*), para então dar materialidade à montagem de si no feminino. Uma delas foi Áquila, se disse “abençoado de usar meu próprio nome tanto pra travesti quanto pra homem”, tinha 24 anos e morava com seus pais e sua avó. Formada em Design e Técnica de Enfermagem, ela trabalhava como designer de festa, em seu *buffet* próprio.

Negra, moradora de periferia, jovem e homossexual, Áquila se via perdida, e com necessidade de ser encontrar nesse emaranhado de afetos e formas de ser, estar e se ver no mundo. Nesse movimento ela recorreu a um amigo. Ao falar sobre o encontro com esse amigo, que foi a potência para sua entrada na religião afro-brasileira, ela demonstra como é esse acúmulo de experiências:

Marquinho, esse amigo [risos], esse amigo. Fomos a uma festa uma vez, eu senti uma necessidade espiritual grande, então, fui conversar, depois aí entrei pra religião. Estou aqui até hoje. E espero dela não sair mais. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

É interessante notar como a figura do amigo possibilitou também o trânsito religioso. Marquinhos, que é Michely também foi o caminho para que Áquila pudesse caminhar pelas experiências trans, e também foi o responsável pelo acesso que Áquila teve ao Terreiro. Como durante toda a entrevista, no trecho transcrito abaixo, Áquila narrou com gargalhadas e altivez a afirmação da pessoa que ela era, e da capacidade de enfrentar as adversidades impostas pela sociedade.

Rafael: Mas, você chegou a fazer santo, raspar e tal?

Áquila: Fiz, fiz... raspei... raspei.

Rafael: Falam que demora bastante.

Áquila: 21 dias, recolhidos, depois mais 3 meses de preceitos.

Rafael: É o que isso?

Áquila: Preceito, é o preceito pro santo, em casa, sem poder ir na rua, entendeu?! 21 dias lá, mas os 3 meses dentro de casa, entendeu?! Usando branquinho, clarinho, entendeu?! Não podemos sair depois das 6 horas da noite. Antes de meio dia... todo meio dia tem tá dentro de casa, entendeu?! Cabecinha baixa, carequinha...

Rafael: Você teve que ficar 3 meses?!

Áquila: 3 meses.

Rafael: Mas aí você pode usar roupa de mulher...?

Áquila: Não, aí é branquinho, calçolão, calça... calça.

Rafael: Você acha que tem algum preconceito ainda com essas religiões aqui?

Áquila: Tem sim, muita.

Rafael: Alguma discriminação, assim?

Áquila: Muito, muito. Nós ainda que somos homossexuais e espírita, é difícil, hein!, é difícil; que ainda te chamam de veado macumbeiro.

Rafael: Sério?!

Áquila: É, é... É difícil. Não tô nem aí. **Sou veado, macumbeiro, e pra chegar onde eu cheguei, meu filho!, tem que rebolar muito, rebolar muito.** (Áquila Araújo, 18/02/2016)

Ela explica que a transição de gênero e religiosa se deram mais ou menos na mesma época. Nascida e criada em uma família católica e tendo frequentado a Igreja Católica até a adolescência, ela chegou a ser cerimoniário, “que é depois de coroinha”. Assumiu-se como gay para sua família aos 15 anos e segundo narra, a aceitação do pai, mãe e avó foi boa. Sendo filha única e com um “nome trans”, Áquila iniciou sua transição de gênero somente aos 18 anos e também disse que sua mãe a aceitou sem maiores problemas. Isso pode ter ocorrido, como ela se lembra, pelo medo da família de perder mais uma pessoa, já que o histórico familiar recente estava repleto de perdas de entes queridos em decorrência de doenças etc. Estabelecida profissionalmente como empresária, Áquila organiza festas com sua empresa “Áquila Araújo Designer Festas” e concilia o tempo do trabalho com a dedicação à religião. Pai de santo responsável por um terreiro de umbanda e candomblé, ela conseguiu conquistar o respeito da comunidade em que vive, o bairro da Penha, região na periferia de Campos. Reconhecendo que ainda há muito estigma e preconceito contra as pessoas que são da umbanda e candomblé, ela destaca que essa situação é acentuada pela condição de “homossexual” que ela ocupa. Entretanto, a postura de Áquila reforça a positividade como ela narra sua história: “Sou veado, macumbeiro, e pra chegar onde eu cheguei, meu filho!, tem que rebolar muito, rebolar muito!”

Na narrativa de Áquila, o gênero torna-se mutável a partir do trânsito religioso. Pois como sacerdote, ela ocupa o lugar de Pai de Santo, e não Mãe de Santo:

Pai de santo... pai de santo... é pai. Pela... pela visão, entendeu?!, dos Orixás, pela visão da religião, nós somos pais; nascemos homens, seremos homens. Isso, lá é calça, é calça. Calça, cueca... isso. Mas também não nos mutila não. O mundo dos Orixás é tão gostoso, que isso nem... Tenho tudo na minha vida, agradeço a Deus... primeiramente a Deus, e depois aos Orixás. Pra chegar onde eu cheguei, e espero chegar muito mais a frente. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

O corpo nômade de Áquila é tecido no masculino ou no feminino de acordo com as circunstâncias e possibilidade, não se trata de indecisão, mas de agência, capacidade criativa e de resistência. Portanto, reconhecer e destacar o nomadismo presente nas experiências trans é atestar a potência criativa de sujeitos que apoiam no devir constante a elaboração de subjetividades ariscas, sempre prontas para refazer-se aqui, ali e acolá, ou onde for possível a continuação da vida. Nesse sentido, é profícua a leitura de Lapoujade, inspirado em Deleuze em o autor sugere que o corpo merece ser percebido a partir das “potências que experimentamos nos devires”²¹³ e então podemos ter alguma pista para entender porque os corpos trans, ou seja, esses corpos que se criam na e pela experiência trans, são corpos nômades. Isso porque “os corpos nômades não são corpos fixos, organizados, são corpos itinerantes, voláteis, ‘corpos vagos ou conjuntos difusos; eles se formam e se dissipam para voltarem a se formar alhures, à maneira de turbilhões e de nuvens.”²¹⁴

Assim, em um primeiro momento ela se assumiu como gay. Com uma gargalhada contagiante, Áquila definiu como foi seu processo:

Isso, me assumi gay, depois fui... me lapidando. Depois fui me lapidando. Também, a parte do sair do gay, entendeu?!, pra virar travesti, trans, eles também não... não implicaram. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

Esse processo de lapidar-se significava uma construção de si que se dera a partir da produção de uma performance de gênero feminina. E isso era possível porque: “Eu me montava na casa de amigos.” (Áquila Araújo, 18/02/2016)

Apontada por Áquila como uma “amiguíssima”, Erickah também viveu uma experiência semelhante. Hoje aos 35 anos, ela cursa Pedagogia em uma instituição pública de ensino de Campos dos Goytacazes. Filha caçula de uma família com 3 irmãos, ela trabalha como cabeleireira em seu salão próprio localizado no quintal de sua casa, onde hoje mora com sua mãe, no bairro Turfe Clube, em Campos. Ela explica que as primeiras vezes que se “montou”, o fez com a ajuda de um amigo que gostava de ir a festas com ela. Apenas dois anos mais novo do que Erickah, que à época tinha cerca de 20 anos, este amigo tinha uma diferença em relação a ela: “o Diogo sempre foi mais masculino... até hoje é.”, já que ela, ainda como gay, era vista como “muito feminina, porque eu era além da conta”. Nessa mesma época, ela explica que havia na Praça São Salvador um ponto de encontro entre gays, mas não todo tipo de “sexualmente desviante”.

²¹³ LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n- 1 Edições, 2015. p. 273

²¹⁴ *Ibidem*, p. 273-4

Só gay. Não, não tinha lésbica e nem trans, porque naquela época elas não se misturavam, né?! Não tinha mistura, não tinha essa coisa que tem hoje. O preconceito entre gays era maior; eu, que graças a Deus, sempre fui uma pessoa de cabeça muito aberta, né?! É... todos os meus melhores amigos eram travestis, eram gays... eram trans, né?! Então, não tinha, não tinha esse preconceito, né?!

O grupo em si era preconceito; então, se você era menos... mais afeminada, você era excluída mesmo... diziam: “Olha, não fala comigo durante o dia... a noite tudo bem, mas não fala comigo durante o dia porque ninguém pode saber que eu sou homossexual.” Então, assim, quase ninguém falava comigo durante o dia. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Essa feminilidade “além da conta” gerava um sério problema para Erickah, pois muitos de seus amigos acabavam se afastando. Quando eu pergunto onde ela se montava, tenho como resposta: “É... na casa, na casa do Diogo mesmo... eu acho... na época, nem lembro... eu acho que foi na casa do Diogo que a gente se montava... que a gente... eu me montei, né?!, nesse dia.” (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

E, em meio a algumas gargalhadas, explica que fazia isto porque:

É, minha família não sabia, então eu fazia tudo escondido. Né?! Então, eu ia... a gente ia... eu ia pra a casa do Diogo, e Diogo, né?!, ele sempre teve uma fixação por Madonna, eu acredito que até hoje... ele queria, porque queria fazer um espetáculo... o sonho dele era fazer um espetáculo Madonna, então ele é... *Vougue*, se eu não me engano... acho que é *Vougue*... tinha uma... tinha uma dançarina negra que fazia, né?!, as coisas todas, e... queria porque queria que eu participasse, então a gente ficava lá fazendo, ensaiando *Vougue*, que por fim eu comecei, né?!, a odiar Madonna, e eu odeio Madonna até hoje. Mas, né?!, foi muito engraçado. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Já Anna Laurah tem 32 anos, quase a mesma idade que Erickah, , também é nascida e criada em Campos, mas em um bairro distante do de Erickah; elas tampouco parecem compor uma mesma rede de relações, embora se conheçam. Com “o segundo grau completo”, ela explica que “atualmente eu tô como microempresária; eu tô abrindo um ramo de *delivery* de comida executiva”, mas “já atuei em salão, já atuei em lojas de roupa, em loja de calçado... tudo...” (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015). Moradora do bairro Pecúária, também do lado de cá do rio, ela elabora uma narrativa sobre as origens do montar-se, de forma muito semelhante à apresentada por Erickah e Áquila. Começa lembrando que aos 15 anos deixou o cabelo crescer e que quando saía, pintava as unhas sem que a mãe a avó soubesse, e levava consigo um vidro de acetona, que seria usado para remover o esmalte quando voltasse da festa. Com um ar de humor e satisfação, Anna lembra:

Que, quem diria, daquela menina que usava esmalte escondido pra ir pra festa, e quando chegava em casa, já estava com o vidro de acetona no portão de casa tirando... pra não chegar em casa com as unhas pintadas; de pegar uma roupa da minha mãe, esconder na caixa d'água, na hora de sair, subir, trocar de roupa, pra na volta, fazer o mesmo ritual. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Tal como Erickah, Wanessa e Áquila, para Anna Laurah as amizades potencializavam o acesso à cena pública e uma experimentação de uma feminilidade que, sendo constituída para si, almejava o reconhecimento público. Não era, portanto, um exercício solitário, pois não se estava sozinha.

Não, saia com os amigos, aquela coisa toda pra balada. Então, eu panhava a roupa, né?!, eu escolhia a roupa dela que eu queria usar naquela noite, e cedo ainda, escondia no buraco que dava pra caixa d'água, malocava ali, né?! E saia de casa de um jeito, ia lá, me trocava, saia pra noitada, e quando eu voltava pra casa, eu ia lá, escondia a roupa de novo, botava a com que eu tinha saído de dentro de casa, e entrava em casa. Entendeu?! (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Mais do que companhias, as amigas e os amigos podem contribuir para a criação de um tecido afetivo na medida em que oferecem confiança, cumplicidade e carinho. Susel da Rosa lembra que o tecido afetivo pode garantir a sobrevivência, e põe em destaque a relevância política da amizade.²¹⁵ Wanessa lembra que foi justamente um amigo que a incentivou a encarar esta batalha cotidiana, viver a rua e tomar para si o espaço público. E este amigo fora apresentado a ela por uma terceira pessoa, amiga de Wanessa, que segundo ela era lésbica. Quando explica sua amizade com Gustavo, ela relata:

Eu fiquei amiga dele por uma amiga minha que era lésbica que tava ficando com uma amiga dele, e ele morava lá perto de casa também. E quando ele tava com esse caso... é porque ele foi expulso da casa da mãe dele também; aí ele foi, ele foi morar com esse caso dele, o Thierry. Eles ficaram um bom tempo... acho que 8 anos, 9 anos. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Esta e outras amizades se constituem a partir da formação de redes; e neste caso os pontos que sustentam a rede, os nós que garantem a sua formação parecem ser a experiência de uma sexualidade ou uma performance de gênero considerada dissidente..

A ligação de Wanessa com este amigo com quem ela apresentou-se publicamente no feminino também não fugiu a esta “regra”: eles se conheceram a partir de uma amiga lésbica em comum. Ofereço destaque à sexualidade dessa amiga pois isso indica a existência de uma

²¹⁵ ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias*: não imagine que precise ser triste para ser militante. São Paulo: Intermeios Cultural, 2013. p. 78

rede de amizades vinculada às experiências das sexualidades dissidentes. As experiências lésbicas, gays e trans possuem suas especificidades, mas há um ponto comum: a vivência não heterossexual, mesmo que se busque um padrão heterossexual (e muitas vezes isso ocorre), ainda serão sujeitos compreendidos como incompletos, além ou aquém da norma. A heterossexualidade forjada como normal produz efeitos sobre as sexualidade dissidentes e/ou identidades e expressões de gênero não normativas, como as experiências trans. Essas vivências contribuíram, por exemplo, para a criação de espaços de lazer, pontos de encontro, lugares de potências afetivas que fizeram proliferar subjetividades trans, gays e lésbicas; o *GayOsque*, citado na primeira parte da tese, foi um desses lugares na cidade de Campos nos primeiros anos de 2000.

De todas as colaboradoras, somente Anna Laurah ofereceu outra perspectiva da formação de suas redes de amizade, aproximando-se de mulheres e homens cisgêneros:

Porque eu nunca fui muito de ter amigas trans... tinha alguns gays sim, mas gays boys, né?!, nenhum que tivesse a fim de fazer transformação, nada. E eu sempre fui de ter muita amizade hetero, eu nunca fui de ter muita amizade é... gays. E eu tô tendo mais amizades agora, depois de velha; quer dizer, a fase da adolescência, onde anda todo mundo junto, né?! Aquele grupinho... eu não, eu era aquela destacada, eu era a gay que andava com os heteros, quer dizer, eu era sempre a amiga gay do fulano de tal. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

A predileção de Anna por amigos heterossexuais faz parte do repertório que constitui para apresentar-se como trans, buscando evidenciar seu afastamento da noção de travesti por considerar este termo carregado de sentidos pejorativos e associado à marginalidade.

As considerações de Anna invocam uma questão que também pode ser percebida na fala de Erickah, citada há pouco: existe uma hierarquia entre heteros, gays, cisgêneros, transgêneros. Mesmo entre os amigos homossexuais de Erickah, ela ficava sozinha por ser “muito feminina”; assim como há relatos de trans que sofrem violência cotidiana por não conseguirem “passar por” mulher. Parece, portanto, que o problema começa a se deslocar da polarização entre homo e heterossexualidade e fixar-se sobre o gênero; ou seja, trata-se da necessidade de inventar um gênero capaz de ser socialmente reconhecido como masculino ou feminino, não é permitido deixar dúvidas daquilo que se apresenta. Paulette, já idosa, explica que não precisa fazer muito esforço, pois muitas vezes foi “confundida” com uma senhora:

Como Paulette mesmo. Às vezes a pessoa confunde, às vezes eu vou no banco fazer alguma (...), a mulher fala assim: “Qual o nome da senhora?” Aí eu falo assim: olha, cê vai me desculpar, mas eu não sou senhora. Aí fala: “Ah, mas me desculpa.” Aí eu falo o meu nome, que tem que falar o meu

nome, né?! Mas eu falo assim: “Agradeço por ter me chamado de senhora, de ter me confundido com senhora, eu te agradeço muito.” Aí daí, toda vez que eu vou no banco elas fala assim: “oi, Dona Paulette”, (eu falo) Oi. (risos). Que me confundem, me confundem como senhora; até mesmo pessoas que eu ... me confundem como senhora, aí às vezes pra não falar, eu deixo levando, aí me perguntam se eu tenho filhos: eu tenho até neto.

Da surpresa de se “passar por”²¹⁶ mesmo quando não se espera a passagem. Em outras circunstâncias, entretanto, a passagem por depende de um investimento e enfrentamento. Andréa explica que consegue “passar batida” na cidade, mas que isso também se dá em função da sua postura de reivindicação:

Eu ainda acho que o povo daqui tem a cabeça muito pequena em relação a gente. Em relação à... Eu, tiro de letra, que é médico, esses lugar, qualquer lugar que eu chego, eu passo batida, eu converso. E eu vou, vou lá, quando vou num médico, alguma coisa que tem que chamar, antes eu vou lá, eu mostro o documento e peço: eu quero que chame pelo meu nome social. Mas eles respeitam numa boa. (Andréa Castro, 29/02/2016)

A contradição presente na narrativa de Andréa, que sinaliza a existência do preconceito contra as trans na cidade e ao mesmo tempo apresenta a aceitação, demonstra como essas situações podem ser dúbias e a impressão sobre a forma como elas são tratadas variam na mesma proporção.

Sempre! Não tem esse negócio não. Eu só acho isso: Campos uma cidade muito preconceituosa. Eu não tô falando de Aids não. Eu tô falando principalmente em relação ao transexualismo, ao travesti a isso tudo. Não gosto muito não. Eu não saio pra lugar nenhum. A não ser que seja um médico, a não ser que seja um shopping, vou ao Centro, essas coisas, mas saio, ando numa boa, ninguém, fala nada, me tratam até como senhora. (Andréa Castro, 29/02/2016)

Passar batida, passar por mulher são os cliques, as dobras, as franjas e as beiradas tênues de aplicação dos preconceitos. Nem todas as travestis e transexuais sentem o peso da transfobia da mesma forma.

É nesse campo intenso que o esforço de Anna Laurah em enfatizar seu distanciamento em relação à prostituição apareceu durante toda a entrevista. Com isso, ela constituía para si

²¹⁶ Sobre esse regime de visibilidade/reconhecimento nas experiências trans, e a possibilidade de existência de um “armário trans” ou um “armário travesti”, consultar a pesquisa de Tiago Duque, “*Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*”, cuja análises problematizam essa dinâmica social que envolve os sujeitos trans lidos a partir do contexto em que estão inseridos. DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNICAMP, Campinas, 2013.

mesma um espaço em que sua experiência trans não estivesse marcado pelo trânsito na prostituição. E ela usa este discurso para apresentar-se como alguém que:

Então, tipo assim, eu tive sempre muito em meio hetero... sempre tive muito voltada... justamente também pra mostrar que assim... tirar um pouco da imagem também da marginalização da trans. Ou seja, achar que a trans é aquela que vai fazer você passar vergonha no restaurante, vai ser a aquela que vai falar alto, aquela que vai dar risada, aquela que vai andar seminua na rua, aquela que todos vão ter vergonha de coisa, e na grande verdade não é bem assim. Tanto é que muitas pessoas tomam susto comigo até hoje, né?! As que não me conhecem, por exemplo... eu sou amiga... tenho uma amiga e o marido dela não me conhece. E ela chega em casa, fala pro marido... “Ah, uma amiga minha vai vim aqui... é uma trans”; o marido já fica como?! “A vizinhança toda vai saber que encontrou um veado dentro da minha casa.” (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Talvez em função disto ela tenha estabelecido um grupo de amigas, todas mulheres cisgêneras e heterossexuais, chamado de “*Best Friends Gold Sênior*”. Este grupo é formado por:

Mulheres mesmo... heterossexuais. Então, hoje em dia casadas, com filhos, então, hoje em dia é muito difícil da gente se encontrar pra sair, né?!, e bater papo, até por causa de filho, aquela coisa de vida doméstica, né?!, de cada um com suas correrias, né?! Então, a gente sempre dá um jeito de tá se encontrando, marcando algum jantar, alguma coisa, ou na casa da gente mesmo, entre a gente, ou a gente vai pra um restaurante, a gente gosta muito de comida japonesa, aquela coisa toda, comida japonesa; então, a gente sempre tá marcando num restaurante, alguma coisa pra agente. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Além de indicar que suas amigas seriam “mulheres de verdade”, ela cristalizou a compreensão de que o biológico é um imperativo no reconhecimento da feminilidade; com isto, reificava a diferenciação que inferioriza as feminilidades vividas nas experiências trans, já que seriam não-verdadeiras. E, na medida em que define seu trânsito e reconhecimento por este grupo, que é social e historicamente definido como normal, ela institui para si mesma um lugar de destaque na hierarquia trans. Além disso, Anna indica que a “vida doméstica” toma o tempo dessas amigas, e isso seria uma das justificativas para não se encontrarem com tanta frequência.

Esta aproximação feita com mulheres heterossexuais cisgêneras também apareceu na fala de Renata Melila, que aos 37 anos de idade, cursou até o 3º período do curso de Serviço Social em uma universidade particular de Campos. Moradora de Guarus, ela trabalha na Associação irmãos da Solidariedade. Ela explica que suas melhores amigas são aquelas desde a época da escola, e sempre foram meninas: “Eu tenho uma melhor amiga, uma mulher. (...)”

Ela é hetero.”. Ao indagá-la sobre a existência de diferenças entre esta amizade e outras amizades com mulheres trans, ela explica que há diferença:

Olha, eu acho que tem sim, muita diferença. Porque o que acontece é o seguinte: eu tenho grandes amigas transexual, entendeu?!, eu tenho grandes amigas transexual, mas tenho amigas maravilhosas, assim, entendeu?!, amigonas mesmo minha... tenho sim. Mas, o transexual e o travesti, pra mim, no meu ponto de vista tem um defeito só: o ego. O ego é muito grande. E esse ego muito grande não faz você... te impede de você ser uma pessoa melhor, entendeu?! Porque o ego do travesti, transexual é tão grande... porque tudo dela é melhor, o peito dela tem que ser melhor, o sapato, a roupa, o peito, o cabelo, a casa, o carro... tem que ser melhor. É melhor do que o de fulano, o de cicrana, entendeu?! Mas todo mundo tem seu auge de beleza; a beleza é uma coisa que passa pra todo mundo; hoje fulana é a linda, daqui um ano não é mais, é a fulana de tal que é a mais bonita. Porque a idade vai chegar e o tempo vai passar. Entendeu?! E é pra todo mundo isso. É a lei da vida, não tem jeito. (Renata Melila, 06/10/2015)

Renata entende que a sexualidade marca uma diferenciação nos processos de amizade. Ela destaca possuir muitas amigas transexuais, e enfatiza, como se vê em sua fala, que são “amigonas”, mas pondera que “travestis e transexuais” tem um defeito: o ego. Ao falar sobre o ego está em questão um conjunto de ideias construídas a partir da noção de vaidade, disputas, a vontade de ser melhor, a necessidade de estar em destaque e assim talvez obter o reconhecimento de que os investimentos feitos sobre si foram exitosos. É curioso notar que estes mesmo valores são exaltados, por exemplo, no evento Miss Gay, do qual Renata fora concorrente e campeã em 2006, mas com o intuito de caracterizar a positividade do evento.

Na sequência da entrevista, Renata explica o porquê desse ego tão “alto, grande”:

(...) porque o transexual e o travesti a gente associa a um sinônimo de beleza, né?! Aquele corpo bonito, tem aquela perfeição, ser aquela mulher, né?!, de todos os sentidos, belíssima e tal, então, o ego é muito alto, é muito grande. Eu conheço transexual, travesti, que nossa mãe, o rei não tá nem na barriga não, tá na cabeça. (Renata Melila, 06/10/2015)

Juliana destacou a existência de uma disputa constante, uma concorrência em que uma trans quer ser melhor do que a outra. Essa ideia de concorrência faz eco com a dinâmica contemporânea de competição, em que a necessidade de vender, ser melhor, se destacar parecer ser a palavra de ordem. Isso tudo, para Juliana, é o que causava a desunião:

Disputa... Terrível, não tem como ter união. Não tem! É uma querendo furar o olho da outra; é uma querendo ficar com o homem da outra... é querendo ligar pra dizer, pra dizer, falar que ficou... pra esfregar na cara que ficou...é isso! (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Esse tipo de discurso parece assumir um tom comum entre muitas trans, que passam a identificar esse universo trans como um espaço de intensa competitividade, de disputa pela beleza, pois muitas vezes esse é o repertório de interação que muitas experimentam. É preciso, todavia, destacar que essa rivalidade não é natural, tampouco determina o padrão de relação entre as trans. São essas as condições de possibilidade para o desenvolvimento das relações de amizade que permeiam as subjetividades trans.

Em seu estudo sobre relações de amizade com travestis de Uberlândia, Minas Gerais, a Rita Martins Godoy Rocha percebeu a existência de um repertório de disputas, conflitos e tensões que integrava as amizades. Naquilo que a autora denominou de “amizade-babado” destacou o tom competitivo das relações entre as travestis, principalmente nas vividas em contextos de prostituição.²¹⁷

Em ambas as situações, Campos dos Goytacazes/RJ entre 2015 e 2017, e Uberlândia/MG entre 2010 e 2011, cidades do interior de dois estados da região sudeste, os discursos sobre as amizades entre trans permitem observar um modo de subjetivação em que o “ego muito alto” aparece como inerente às experiências trans. O que à primeira vista poderia sugerir uma depreciação de si, do “grupo social” ao qual elas pertencem, pode ser tomado sob outro ponto de vista e lançar luz sobre uma realidade vivida pela maior parte das travestis e transexuais: o desprezo, a humilhação, a depreciação de seu corpo; assim, fazer-se bela, linda, “a melhor”, pode ser parte das técnicas de si, uma forma de inventar uma vida possível em meio a tanta hostilidade; tornar a existência habitável é um exercício cotidiano para se estabelecer na sociedade, e ter um espaço enquanto sujeito.

A beleza, um feminino impecável, um corpo para ser admirado; como construir-se desta forma? Quem ajuda? Quem inspira? Como viver uma experiência capaz de dar sentido a uma existência de gênero não normativa?

Embora as disputas, o “ego alto” e uma suposta predileção por amizades com homens e mulheres cisgêneros figure nas narrativas trans, ao se analisar cuidadosamente a trajetória de cada uma delas pode-se perceber como as amigas trans desempenharam um papel fundamental na produção das subjetividades de outras trans. Além do já citado apoio material da casa e a companhia para o trânsito no espaço público da cidade, as amigas são imprescindíveis nas etapas de materialização das experiências que possibilitam a constituição

²¹⁷ ROCHA, Rita Martins Godoy. *Entre o estranho e o afeto: construção de sentidos sobre as relações de amizade entre travestis*. Universidade Federal de Uberlândia – (dissertação de mestrado em Psicologia): Uberlândia, 2011. p. 90-5

de si. Da ingestão de hormônios à aplicação do silicone industrial, passando pelos circuitos da prostituição (ou não), há sempre uma amiga que incentiva, que conhece, que inspira. Ou seja, há a formação de uma rede que torna possível o contato com as maquinarias que engendram femininos e feminilidades possíveis.

Capítulo 5

Trans (formar) o corpo, criar-se a si mesma, inventar uma existência: só com amigas

Nas experiências que possibilitam, que formam e que instituem históricas subjetividades, imagens e referências trans as amigas e os amigos são fundamentais no processo de transformação corporal. Na medida em que atuam como fonte de inspiração, incentivo e conhecedores de novas redes que viabilizam algumas intervenções no corpo, elas e eles garantem o acesso, por exemplo, à aplicação do silicone industrial, que sendo uma prática considerada ilegal pela legislação brasileira, implica em que se garanta o segredo sobre o processo de aplicação. E, como bem lembra Passetti: “O segredo é fundamental para a amizade.”²¹⁸

Fazer o corpo e fazer-se no corpo

Há uma importância em conhecer outras pessoas trans no processo de transição, pois elas servem como suporte e inspiração.²¹⁹ Essa relação é permeada por muitos afetos; a admiração, o carinho e a confiança fazem com que o nome possível dessa forma de contato com o outro seja: a amizade. Patrícia lembrou da amiga que foi fundamental em sua vida, pois além da acolhida afetiva e material, indicou hormônios e era admirada pelo corpo escultural que tinha. Carla, essa amiga especial, foi quem lhe deu o “primeiro hormônio da vida”: “ela é minha amiga... aquela ali eu amo aquela criatura, porque ela me deu... o primeiro hormônio da minha vida foi ela que me deu. E ela era trans.” (Patrícia Lemos, 23/06/2017)

Anna Laurah também lembra da importância dessas amigas que são o suporte para uma empreitada “clandestina”. Saberes, práticas e estratégias que são elaborados e divulgados de forma não oficial. Segundo Anna,

²¹⁸ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003. p. 208

²¹⁹ HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 164

Vou começar a fazer. Uma coisa meia... é... como que eu vou botar?! Clandestina! Não, clandestina não, clandestina é quando a gente faz coisa errada, eu não tô fazendo coisa errada. É uma coisa... vamos botar, amadora. É, porque, tipo assim, por indicações de outras que já usam, aquela coisa toda... (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Ainda hoje o uso de hormônios está atrelado à rede de amizades, uma rede que pode não ser muito estável, mas que possibilita os processos de transformação corporal. Essa administração de substâncias medicamentosas é feita a partir dos conhecimentos sobre o corpo desenvolvido pelas próprias trans.

Renata com 37 anos, descreveu como a presença dessas amigas foi um incentivo para que ela investisse sobre seu corpo:

As amigas, né?!, (risos), que a gente vem a conhecer. Aí fala: “Ah, fulano botou silicone no bumbum! Ah, sicrano botou prótese no peito! Fulana botou...” Aí a gente... (...) Daqui de Campos mesmo. Aí a gente vai tendo aquela visão, né?! Aí, fala, aí, também quero. Eu também tenho vontade, tá! As amigas mesmo. (Renata Melila, 06/10/2015)

Além de inspirar, as amigas ofereceram o suporte material, a viabilização do sonho construído na experiência coletiva. “É, de indicação, né?! Elas que me ajudavam sim. Em processo de indicação; em processo de me ajudar, assim, em qual clínica, qual lugar, o que que é bom, o que que não é, entendeu?! Foram elas mesmo.” (Renata Melila, 06/10/2015)

As experiências vividas por Juma e Aretha no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, respectivamente, se aproximam das histórias descritas pelas trans que viveram desde a infância em Campos dos Goytacazes. Juma, nascida no Ceará e que começou a investir sobre o corpo no Rio de Janeiro no início dos anos de 1990, lembra que trabalhava em uma padaria quando conheceu uma trans que tornou-se sua amiga:

Depois passei pro balcão, aí comecei a conhecer. Aí nisso comecei... eu digo, como é...? Aí comecei a tomar hormônio. A gente tomava ... peguei amizade. (...) É... também novinha. Aí começamos a tomar... acho que era até Anaciclín, na época. Acho que ainda era... ainda existe esse hormônio. Aí a gente tomava; a gente tomava duas... A danação de ser, de ficar tão feminina, era tanta, que a gente tomava duas por semana. (Juma Oliveira, 06/10/2015)

Já Aretha que completou 38 anos em 2015 e há 8 meses em Campos, migrou de sua cidade natal no interior de Minas Gerais. Ela chegou à Campos pela primeira vez para visitar uma amiga trans que conhecera no Rio de Janeiro; acabou encontrando um rapaz que se tornou seu namorado e fixou residência. O namoro terminou depois de alguns meses, mas sua relação com a cidade não. Concluiu o Ensino Médio em meados de 2016 e no final desse

mesmo ano terminou seu curso de técnica em enfermagem. Ela lembra da importância de outras trans no início de sua transformação em 1999, que ocorrera em uma cidade do interior de Minas Gerais, vizinha de sua cidade natal:

Então, a inspiração veio das outras bichas que tinha lá em Cataguazes. Tinha uma que chamava Mara, tinha o cabelão cá embaixo, na bunda; quando eu via aquilo eu ficava encantada; ela ia pro forró dançar, os cabelos voando, eu via aquela... aí que eu tive inspiração. Tinha uma outra também que na época tinha um hormônio chamado Anaciclín, que nem existe mais, que elas tomavam esse hormônio, ficava com o peito desse tamanho (sinal de grande), eu ficava louca. (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

Principalmente as amigas foram as que ajudaram no processo de construção de dada feminilidade que compõe uma histórica forma do feminino ligado ao erótico, ao desejo e à sedução. Para produzir este feminino, as amigas ensinaram a tomar os hormônios, compartilharam saberes sobre os efeitos desejados de cada tipo de hormônio, tal como a posologia indicada de acordo com cada objetivo, qual seja: criar e desenvolver seios, ter formas arredondadas no rosto e quadril, afinar a voz, diminuição dos pelos corporais, em geral, como uma estratégia de apagamento dos elementos ativados pelos hormônios masculinos.

Segundo Marcos Benedetti, elas combinam medicamentos disponíveis no mercado; elas conhecem todos, sabem para que serve cada um e informam umas às outras²²⁰. Tal como Juma e Aretha, Patrícia, aos 52 anos, lembra que também começou a produzir uma nova corporalidade por meio dos hormônios: “Eu comecei essa transformação através dos hormônios mesmo, os hormônios, você começa com informação, um te informa: ‘Olha, você toma isso, que aquilo tal é muito bom, e seu cabelo cresce muito, seu corpo vai mudando e tal’...” (Patrícia Pinheiro, 14/03/2016).

Para todas elas foi imprescindível conhecer alguma trans que já tinha contato com o uso de hormônios; essa pessoa era considerada mais experiente e por isso tinha autoridade de fala. Nomeada por Patrícia como uma amiga, ela logo foi descrita como uma conhecida.

Amigas, pessoas que você conhecia, né?! Cada uma te passava uma receita, né?! Aquela pessoa que já passou, que já aquilo..., mas resignada²²¹ mesmo eu conheci foi essa menina, entendeu?! E... então eu comecei aquela batalha

²²⁰ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 74-5

²²¹ O termo resignada foi usado por algumas interlocutoras que se nomearam como mulheres ou mulheres transexuais, com o intuito de se referir às pessoas que passaram pela cirurgia genital. Conforme apresentado por Jaqueline Gomes de Jesus, o termo cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização é “preferível ao termo antiquado ‘mudança de sexo’” (JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: identificar e prevenir*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015. p. 101).

de onde, como, muito interesse, muita informação; naquela época não tinha essa história de internet, essas coisas e tal. (Patrícia Pinheiro, 14/03/2016)

Apesar dessa variação entre as nomenclaturas amiga e conhecida, o efeito de sua presença na vida de Patrícia foi marcante. Esse tempo a que se refere Patrícia é a década de 1980, quando ainda era pouco difundido o uso dos computadores e da internet. Mesmo com mais de três décadas de distância, a memória de Patrícia guarda esses registros que conferem sentido a sua trajetória. Os saberes sobre o corpo, os hormônios e o silicone são proliferados de forma clandestina, já que para ter acesso a eles era preciso estar fisicamente próximo. Ela argumentou que nasceu em uma época em que sua família nem mesmo sabia o que ela era:

Eu sou daquela época que, meus pais eram aquelas pessoas com muito rude, e nunca tinha havido um caso desse na família, até porque na cabecinha do meu pai, ele achava que ser, ser transexual... Ah, não existia essa palavra, transexual, ser um homossexual, num português bem claro, bem escancarado, ser bicha!, né?!, seria uma aberração, que ninguém te abriria as portas, que aquilo dali não era natural, era pouca vergonha e tal. (Patrícia Pinheiro, 14/03/2016)

Natural de Guarus, o outro lado do rio em Campos dos Goytacazes, no final da década de 1970 ela foi para o Rio de Janeiro; aos 14 anos estava morando na cidade grande, onde “tudo chega primeiro”, para morar com sua irmã, que acabara de se casar. Foi no Rio de Janeiro que começou seu processo de transformação. Na medida em que transitava por espaços em que tinha acesso a pessoas que representavam aquilo que ela queria ser, Patrícia compreendeu que seria possível materializar aquilo que até então era uma expectativa, um projeto, uma vontade:

Então foi quando, 82, e eu conheci umas pessoas que aí, já tinha, Rio de Janeiro, como eu te falei, tudo chega primeiro, numa cidade grande. E teve o concurso de Miss Gay, uma coisa assim; Rainha Gay do Carnaval, foi 82, isso eu acho que foi no... no clube chamado Asa...Casa Blanca... uma coisa assim. (...) É, uma coisa Blanca. Aí eu peguei, e assim, eu nunca tinha ido, e quando eu fui, chegando lá eu vi, tipo assim, pessoas lindíssimas, sabe?! Conhecia a... Roberta Close, ela compara minha idade, e a Roberta Close tava desfilando, ainda bem menininha também, entendeu como?!, mas quem foi a rainha foi a Perla, uma carioca, muito bonita por sinal também, né?! E dali pra cá eu comecei me entrosando. E eu conheci uma pessoa, de Araruama, uma resi... já era resignada em 82, ela já era resignada. Ela fez, ela fez a resignação de sexo na... no mesmo país que eu fiz, ela já era mais... tipo assim, eu ainda era menina, ela já era mulher, uma mulher formada, aliás muito bonita... Agu Gala, ela era de Araruama, e foi a primeira resignada que eu tive assim, o ... eu vi, e eu... eu tive assim: gente, que coisa... Eu do interior, então, quer dizer, aquela coisa... você não via isso aqui. É... nem mesmo uma travesti, você não via uma travesti toda perfeita, toda moldada, toda lapidada, aquilo não existia. As que existiam daqui, estavam fora, você entende?! (Patrícia Pinheiro, 14/03/2016)

Estar próxima, ver com os próprios olhos foi um exercício imprescindível à época de Patrícia; foi por meio dessa aproximação física que ela alimentou seu sonho de transforma-se. A diferença identificada a partir dos anos de 1990 que ficou mais acentuada nos anos 2000 foi o surgimento e disseminação do acesso à internet e por meio dessa às redes sociais. Isso possibilitou novos arranjos de contato, novas formas e possibilidades de criação de redes para a troca de informações sobre as experiências que tornavam possível uma subjetivação trans.

Moradora da Associação Irmãos da Solidariedade há 28 anos, Andréa Castro tem nas redes sociais, particularmente o *Facebook*, um espaço de contato de troca de experiências e expectativas que alimentam sua existência. Durante a entrevista realizada em uma sala na própria Associação, Andréa tentou, por diversas vezes, mostrar-me as comunidades do *Facebook* das quais ela participa, mas a interrupção do sinal de internet atrapalhou. Ainda assim ela fez questão de enfatizar a importância desses grupos e destacou que a maior parte de suas amigas virtuais são trans operadas.

É porque não tem internet; eu ia abrir um grupo pra você, mas não tem internet aqui. Vai... no meu *Facebook*, a maioria é tudo operada. (...) É, minhas amigas... tenho milhares, você já viu? (...) Aí eu faço parte de outro grupo, a terapia hormonal pra transexual, sobre trans na Conferência... só essas coisas assim. Eu num... não gosto do universo... não é que eu não gosto... eu num entro, não me encaixo no universo dos travestis. A cabeça é totalmente diferente. (Andréa Castro, 29/02/2016)

Para Andréa a rede social tornou-se uma forma de aproximá-la das amigas, já que a maior parte delas não mora em Campos dos Goytacazes, mesmo que muitas sejam da cidade:

(...) como a Patrícia, a Helena, a Marisa... todas, mas a única que está em Campos é a Patrícia, no momento, as outras tá fora, mais... mora em Rio, tem uma que mora em São Paulo, mas a gente se comunica. Como eu me comunico com as outras também que eu conheci da época da minha idade já... (Andréa Castro, 29/02/2016)

Ela encontra na amizade uma maneira de interagir com aquelas que são consideradas iguais. Ser compreendida é de suma importância, pois garante uma noção de pertencimento e segurança. As trocas estabelecidas no grupo das amigas possibilitaram e incentivaram a invenção de novas possibilidades de intervenções sobre o corpo. Andréa se apresenta como transexual e não como travesti, pois em sua compreensão historicamente construída são formas de ser muito diferentes. Essa diferença, que estaria na cabeça, a separou do “universo dos travestis” e a aproximou das amigas com quem partilhava da mesma sintonia e mentalidade. Como ela explicou:

Ah, amizade pra mim em primeiro lugar é muito importante, e principalmente por essas pessoas que tem a mesma mentalidade, a mesma sintonia minha sabia?! Porque... hoje em dia é tão difícil amizade! Sempre foi, mas não tanto como é agora, né?! Então, todas elas, ainda mais as antigas da minha época, a gente criou uma certa amizade, que se tornou familiar; a gente somos confidentes uma da outra, sabe?! É muito importante pra mim isso. (Andréa Castro, 29/02/2016)

E foi por meio das redes sociais, particularmente o *Facebook*, que se deu a reativação do contato com as amigas “mais antigas” e assim a troca de experiências e expectativas que viabilizavam projetos de si ainda mais variados. Foi a partir desse repertório explicativo que ela sentenciou: “E a gente transexual, não é que a gente não goste de mulher, a gente somos mulheres também. A cabeça da gente é de mulher. E é diferente.” (Andréa Castro, 29/02/2016)

Andréa explicou que a cabeça das transexuais é muito diferente das travestis, pois para ela a transexual é uma mulher de verdade, uma pessoa que se sente como uma mulher, mas que está aprisionada no casulo de um corpo masculino. Sua apresentação no início da entrevista foi contundente: “Essa que tá falando com você aqui é uma pessoa que tá falando de dentro de um casulo, que tá aprisionada, sou eu. Porque o corpo, eu sempre quis destruir o corpo masculino, eu tenho horror.” (Andréa Castro, 29/02/2016). E continua explicando que as travestis transformam seu corpo para satisfazer os homens, conseguir mais parceiros sexuais, já as transexuais empreenderiam tais mudanças de feminilização do corpo para satisfação própria.

Esse discurso reivindicatório de um comportamento feminino que seria direcionado por uma “cabeça” feminina também aparece na narrativa de Patrizia e Wanessa.

Patrizia que também se reconheceu como uma transexual situa sua identidade de mulher na “cabeça” e não no órgão sexual. A cabeça, nesse sentido, assumiu uma função dupla. Na narrativa de Andréa ela foi usada para explicar a diferença entre as transexuais, como ela, e as travestis; já na explicação de Patrizia ela foi acionada para justificar o ser mulher, pois a mulher estaria na cabeça.

Tá me entendendo?! Eu não... eu sou assim, eu bato a mão, eu falo com a minha voz mesmo, eu sou eu. Eu me aceito como mulher da forma que eu sou. O meu companheiro é hétero, ele é hétero mesmo, ativo! E me vê como mulher. A família dele me vê como mulher; porque tá aqui (aponta com o dedo para sua cabeça). Eu consegui colocar isso dentro de mim. Eu falei assim: “Pera aí, eu pra ser uma mulher eu não preciso ficar toda durinha, intacta, porque mulher não é isso; a mulher tá na cabeça, e isso eu sou!” Eu não tenho esse negócio de querer passar pela rua, e passar pelo INMETRO, como se fala no Brasil: ah, cê tem que passar pelo INMETRO; aquela dali

não passa pelo INMETRO! Eu não tenho isso, entendeu?! Se eu tiver que falar grosso com um, eu falo. Se eu tiver que andar toda coisa assim, eu ando. E o fato de eu ser alta, e o cabelo assim, que às vezes eu boto igualzinho uma leoa, pareço Cher, né?!, uma coisa assim bem Tina Turner; então, isso chama muito a atenção. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Ser mulher da forma que se é; sem a necessidade de performar uma feminilidade que esconda os traços, características e sinais do que socialmente são entendidos como masculinos. A extravagância, o jeito bruto, indelicado e, por vezes até mesmo grosseiro, seriam incompatíveis com o gênero de uma mulher. Mas Patrizia recoloca os termos e se localiza como mulher da forma como ela é, de modo que reconhece e desestabiliza a ideia do feminino como algo delicado, contido e tímido.

A mulher na cabeça, ou a cabeça de mulher, também foram referidas por Wanessa para explicar sua trajetória desde a época em que se reconhecia como “gayzinho” até o momento em que passou a se perceber como uma mulher transexual.

Então, até então nessa época aí que eu andava com as travestis, eu achava que eu era travesti; depois que eu comecei a ter noção, que eu falei com você que eu fui lendo, que foi me incomodando, que eu falei aquelas coisas, que eu cheguei à concepção de me considerar como transexual; porque eu me via muito diferente, se um homem que tá vestindo roupa de mulher, mas eu não era igual. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Com o Ensino Médio completo e a possibilidade de acessar matérias de revistas, jornais impressos e na internet, ela nomeou suas próprias experiências a partir de um filtro de linguagem diferente daquele que era oferecido por seu grupo de amigas travestis. Aquilo que ela sentia ganhou um nome e então ela subjetivou-se dessa maneira: “Eu me sinto como mulher, a partir daí que eu me defini como... foi os pontos cruciais pra mim, porque... tipo assim, eu via que as travestis: ‘Ah, você nunca fez isso’. Não, eu não consigo, não dá... pra mim.” (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

E foi por isso que na narrativa de Wanessa houve uma passagem da experiência de ser um homossexual cisgênero, para posteriormente se autoidentificar como travesti e somente muito recentemente elaborar-se como transexual. Esse percurso entre a cisgeneridade e a transgeneridade demonstra como ela utilizou repertório distintos para nomear as experiências vividas de modo a produzir sentidos e significados para si mesma. É, portanto, nessa histórica possibilidade de autonomar-se e nomear o outro, em que um sentimento individual e confronta-se com o coletivo, que surgem essas subjetividades trans.

Tanto para Wanessa quanto para Andréa e não menos para Patrizia, a distância da compreensão de si foi o que justificou um afastamento das amigas delas com as travestis,

pois identificaram que os interesses, as conversas e as formas de pensar seriam bem diferenciadas. Apesar de todas elas, travestis e transexuais, terem um corpo que possa socialmente ser qualificado como feminino, as transexuais teriam também uma “cabeça” de mulher, enquanto as travestis seriam constituídas por uma “cabeça” de homem.

Estando em jogo formas de nomear/interpelar que são históricas, é preciso reconhecer que: “A língua não pode ser fechada sobre ela mesma, pois é incessantemente afetada por dentro pelo que acontece no exterior, no campo social.”²²² A língua é, pois, efeito, causa e momento histórico que a propicia enquanto um acontecimento. Nessa perspectiva se inscrevem as variadas maneiras usadas para nomear/interpelar as experiências trans; todas elas históricas, efeitos e causa das relações de força que conjugam as éticas de si, dos amigos e das condições históricas que as permitem. Durante as entrevistas verifiquei que a diferenciação entre travestis e transexuais produzida na narrativa das entrevistadas permitiu perceber que tais processos de (auto) nomeação não são frutos de um exercício individual, trata-se de uma experiência construída no coletivo. Segundo Patrizia, uma entrevistada que há quase 10 anos migrou de Campos para Bérghamo, na Itália, a compreensão dessa diferenciação foi um processo. Essa trajetória de identificação, de elaboração de si, foi construído, conforme Patrizia narra, a partir da relação com as amigas e da relação consigo própria.

Olha foi... foi bem depois, foi bem depois. Porque até aí, na minha cabeça na época, com a falta de informação, pra mim travesti era aquela que não era operada e trans era aquela que era operada. Uma coisa que não tem nada a ver hoje em dia, a gente sabe que não tem nada a ver. Mas, só com o passar do tempo, conhecendo outras pessoas, outras trans, ou travestis, né?! Conhecendo a mim mesma... que eu fui ver realmente a diferença entre uma e outra, né?! , que tem totalmente diferença, né?! , eu já me identifiquei como travesti, mas porque eu achava que, pra eu ser trans, eu tinha que operar. E quando na verdade não é. A transexualidade é psicológica, é na nossa cabeça, e não no nosso físico; mas a sociedade te faz pensar dessa forma. “Não, você não... você tem ainda isso daí, então você não é mulher. Se você não é mulher, então você não pode dizer que você é trans, que você fez a... a transição. Porque você não fez a transição.” Não, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Mas naquela época como tinha muita pouca informação, e muita competitividade... porque aquela que tinha o peito maior era trans; aquela que não tinha peito era travesti. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Mais do que uma identidade, o que estava em jogo nesse movimento descrito por ela, eram saberes e poderes diversos, como o a medicina que associa a transexualidade à realização da cirurgia de redesignação sexual, muito embora atualmente os movimentos pela

²²² LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n- 1 Edições, 2015. p. 220

despatologização das identidades trans reivindiquem a impertinência de tal definição, na medida em que muitas pessoas se identificam como transexuais e “não desejam fazer essa cirurgia”²²³. Por isso pode-se dizer que nessa diversidade de experiências trans narradas pelas interlocutoras da pesquisa, a identidade de gênero não é algo essencialista, mas sim parte de uma elaboração cultural; ainda que captura por alguns discursos de dominação, oferecem resistência, encontram linhas de fuga e inventam modos de vida como feito por Patrizia. Na trilha desses percursos ela falou com tom de brincadeira e alívio, que ela foi uma metamorfose ambulante:

Porque foi como eu te falei: eu fui uma... um ser é, é, é... como é que eu posso explicar em português?! É... uma metamorfose ambulante, no sentido que... Eu fui gay, depois eu fui travesti, depois eu fui TRAvesti, depois eu fui trans. Em todo esse período eu conheci várias pessoas. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Assim as amigas ensinaram a transformar o corpo e a produzir uma feminilidade com hormônios e algo mais, pois não basta moldar o corpo, é preciso esculpir a mente.

Técnicas e tecnologias: silicone, corpo, feminilidades

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo.²²⁴

Durval Albuquerque chama a atenção para a ausência do corpo sensível²²⁵ na narrativa histórica e lembra que nossa historiografia é tributária de um tempo em que somente o corpo masculino merecia atenção para ser exaltado, sendo, portanto uma abordagem misógina,

²²³ JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2. ed., rev. e ampl. Brasília, 2012. p. 16

²²⁴ HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org. e trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 36

²²⁵ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *O passado, como falo?: o corpo sensível como um ausente na escrita da história*. Apresentação oral no I Seminário Internacional Gênero e Sexualidades. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA: Rio de Janeiro, 2017.

considerando o feminino como um objeto. Em geral a história se ocupou de registrar a fama, a glória, os nomes dos heróis. Essa forma de produzir a narrativa histórica privilegiou a presença dos homens, heróis, brancos e cisgêneros, e apagou as dores, os dramas e as damas, principalmente as trans.

A presença do corpo nas experiências trans é algo imprescindível, pois é nele, por meio dele e sobre ele que são criados os repertórios, saberes e redes, inclusive as de amizade. O corpo trans, mais do que um corpo em trânsito, é um corpo investido de um intenso trabalho, repleto de expectativas que alimentam a construção e modelação de formas de feminilidade. Como todo corpo generificado, portanto, como todo corpo que existe, é um material sobre o qual se trabalha constantemente; é, portanto, um corpo incerto, aberto, exposto.

Se é possível considerar que tais afirmações sobre o corpo podem ser verificadas naqueles que são considerados cisgêneros, tal como nos transgêneros, cabe registrar que esses últimos merecem mais atenção. Os corpos vividos nas experiências trans são alvos de uma constante patrulha que busca atestar o êxito dos resultados, de modo que o sujeito trans é responsabilizado por tudo aquilo que pode acontecer consigo mesmo. É como se cada falha fosse efeito de um descontrole, desregramento e falta de habilidade para cuidar de si mesmo.

Nesse trato com os corpos trans, conforme apresentado anteriormente, Juma, Aretha, Andréa, Patrícia e muitas outras passaram, paulatinamente, da ingestão e aplicação dos hormônios femininos para o silicone industrial e as próteses de silicone, pois: “O silicone é porque, depois de tanto tempo eu... eu só tenho silicone só aqui na bunda, e no peito, né?!, que aí depois eu botei. Eu... tanto de as menina falar, assim: quando goza o hormônio vai embora.” (Juma, 06/10/2015).

Marco Benedetti, em estudo com travestis que faziam prostituição em Porto Alegre nos primeiros anos de 2000, constatou que o silicone representava um caminho sem volta e, em geral, as que aplicam já têm um histórico de uso de hormônios.²²⁶ Em outro trabalho com travestis de Salvador, já considerado clássico nos estudos sobre travestis no Brasil, o antropólogo Don Kulick considerou que “a aplicação de silicone industrial é uma das últimas etapas no processo de transformação de um indivíduo em travesti. A etapa mais radical e

²²⁶ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 81

irreversível.”²²⁷ Com os avanços das tecnologias médicas, essa ideia de irreversível ganhou outros sentidos.

Luciana Campos falou de uma amiga que conhecera em Campos e que hoje vive na Europa. O sonho de ser europeia possibilitou que ela refizesse seu corpo:

Ela já tá lá já um bom tempo já. Tá uns... uns 10 anos já, que acho que elas já foram; hoje a bicha tá belíssima... nariz quebrado, prótese. Aí o silicone da bicha desceu, ela tirou tudinho da perna. (...) Ela tinha um bochechão... parecia um fofão! (...) É. Hoje ela tá com a cara lindíssima... eu nem vi ela, porque eu não tenho internet pra essas coisas, já tive, hoje em dia não tenho mais. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Apesar de possível, a retirada do silicone industrial aplicado nas diversas partes do corpo não é tarefa das mais simples. Em cada cidade há a criação de um circuito, uma rede de constituição de si e muitas vezes os caminhos da prostituição podem ser o elo de uma cidade com outra, criando uma rede que ultrapassam as fronteiras de um município e até mesmo do estado. Juma fez o trânsito do Ceará para o Rio de Janeiro; Aretha caminhou do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, e logo depois o Rio de Janeiro foi até ela, e justamente nesse contra fluxo que seu corpo com 3 litros de silicone foi moldado. Para Aretha a vontade de colocar o silicone no corpo e assim conseguir silhueta mais feminina era inviabilizada pela falta de conhecimento de alguém que pudesse fazer tal serviço. A mesma “bicha” que levou Aretha para o Rio de Janeiro, inserindo-a em um novo circuito de conhecimentos, afetos e possibilidades, foi a que contactou a pessoa que colocaria o silicone no seu corpo. A inserção em determinada rede de conhecimentos produziu efeitos diversos como a concretização de um sonho e a criação de novas expectativas. No caso de Aretha, integrar os circuitos de prostituição do Rio de Janeiro foi fundamental para ter acesso a pessoas que viabilizariam seu corpo:

Ela mesma trouxe a bicha lá do Rio que colocava; pra me colocar lá em Muriaé. Ela foi lá, buscou ela, comprou o silicone e vieram as duas pra minha casa. Aí colocou. Aí, a sua ansiedade é tão grande, que você nem tá nem aí com nada, você quer é colocar. Entendeu?! E, lá em Muriaé a única que tinha silicone era eu, naquela época, ninguém tinha. (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

Ao explicar essa dinâmica do silicone, Aretha indica a vontade de ter um corpo “mais feminino” e com isso apresenta um modelo de feminilidade que é datado, em que a bunda e as pernas grandes são consideradas como padrão de beleza. Assim, aquelas que tinham silicone

²²⁷ KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 65

em seu corpo concretizavam este feminino que era aceito e mesmo incentivado e por isso, depois que as primeiras trans apareceram com silicone em seus corpos “todo mundo começou a querer colocar. Foi uma briga, uma disputa, uma inveja... nossa, uma confusão, ihhh!”, pois os efeitos proporcionados pelo silicone eram certos: “Depois que eu me recuperei, aí a gente foi pra Rua lá em Muriaé trabalhar, e foi aquele sucesso, que eu desci com aquele shortinho todo enfiado no... lá... os homens ficaram louco, enlouquecido.” (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

Como na história narrada por Aretha, Larissa Pelúcio²²⁸ destacou que as ruas de prostituição são um importante espaço para que as travestis tenham acolhimento e aprendam os truques da montagem; é também um lócus privilegiado para a criação de redes de amizade entre travestis brasileiras.

Em pesquisa de campo na Cidade do México nos anos de 1990, Annik Prieur observou o cotidiano de gays femininos, travestis, homens bissexuais e heterossexuais que se relacionavam. Em um contexto de hostilidade familiar, exclusão da escola e do mercado de trabalho formal, Prieur destacou o peso da prostituição como um recurso de sobrevivência²²⁹ e pontua que os grupos de amigos desempenham as funções de: sobrevivência, aprendizado, autenticidade e respeito por aí, dando com isso sentido à existência atravessada pela experiência de viver um gênero e/ou uma sexualidade considerada dissidente.²³⁰

Também no processo de migração transnacional, as redes de amizade funcionaram como um dispositivo potencializador de saída do Brasil. Patrícia deixou a cidade de Campos dos Goytacazes há dez anos, e seguiu em direção a Bérgamo, na Itália, onde uma amiga que morava em Campos já esperava por ela:

Eu queria ir para os Estados Unidos. Eu estudava inglês, eu fazia inglês pra ir para os Estados Unidos. Aí do nada teve essa reviravolta na minha vida. “Não, eu posso até ir para os Estados Unidos, mas primeiro eu tenho que ir pra Europa.” Aquela coisa assim: Europa tá mais fácil do que os Estados Unidos. Porque tem quem tá me esperando lá, tem como eu ir pra lá. (Patrícia Lemos, 23/06/2017)

A ida para a Europa não se deu como um “tiro no escuro”. Além dos discursos que inventam uma Europa com glamour, dinheiro e vida mais fácil, a rede de afetos e apoios,

²²⁸ PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 70

²²⁹ PRIEUR, Annick. *Mesma's House, Mexico City: on travestites, queens and machos*. University of Chicago, 1998. p. 68

²³⁰ *Ibidem*, p. 101

traduzida pela relação de amizade com Bianca, foi um elemento “facilitador” para esse processo migratório. Opinião que é compartilhada por Bianca:

Aqui na Itália tenho... amizade, assim, que eu considero mesmo é da Patrizia, assim, que é de Campos, uma pessoa que eu conheci de Campos, morei na casa dela em Campos. É... passamos uns momentos juntas aqui, moramos juntas, então! A pessoa que eu mais considero, assim, é ela. Se eu precisar mesmo, assim, se eu bater na porta dela ou se eu ligar pra ela, eu sei que ela vai me ajudar, entendeu?! (Bianca, 22/06/2017)

Ter uma amiga que veio da mesma cidade, uma amiga que já é conhecida há muito tempo tornou-se um recurso para garantir a acolhida, o conforto e até mesmo a segurança em um país diferente, em que as dificuldades ultrapassam a barreira do idioma; são também dificuldades de adaptação cultural, alimentação e até mesmo do clima, muito mais frio do que no Brasil. Isso foi demonstrado por Bianca ao falar de Patrizia, a quem ela considera como uma verdadeira amiga. Além de terem saído de Campos, no contexto italiano, em que ambas eram estrangeiras e “sem documentos”, elas passaram por momentos juntas e moraram na mesma casa. Essas experiências, parece, criam uma dinâmica de cumplicidade de confiança, de modo que a amiga pode ser acionada a qualquer momento de dificuldade como aquela que estará pronta a prestar o auxílio necessário.

Seja no Brasil ou na Europa, a formação de uma rede de contatos para a colocação de silicone é algo muito importante e dá indícios de uma ética das amigas trans tendo em vista que esta atividade é considerada ilegal e até mesmo tipificada como crime (exercício ilegal da medicina).

Na leitura que Foucault faz dos gregos, a ética é como “um ethos, isto é, uma maneira de ser e de conduzir-se.”²³¹ Ainda nesta reflexão sobre a ética, Foucault considera o livro de Deleuze e Guattari, “O Anti-Édipo”, como um livro ético, na medida em que funcionaria como a proposição de um estilo de vida, um modo de ser e se pensar no mundo, que teria como proposição fundamental a liberação de nós mesmos do fascismo instalado em nossa cabeça e no corpo.

A ética das amigas trans passa a ser instaurada a partir de uma confiança entre as envolvidas, de modo que se garanta a continuidade da prática e assim possibilite uma maneira de ser, uma intervenção sobre e criação do corpo. E isto tem ocorrido em muitos lugares do Brasil e do mundo, em que existem essas redes de amigas ou conhecidas que viabilizam o

²³¹ CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Müller Xavier; rev. Técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 157

acesso às “bombadeiras”, que geralmente são trans mais experientes que dominam a técnica da colocação de silicone industrial em diversas partes do corpo. A relação com as “bombadeiras” é uma mistura de confiança, amizade, medo e veneração. Em Campos dos Goytacazes, muitas das trans que já aplicaram silicone, o fizeram com este recurso da “bombadeira”. No contato com as travestis para a pesquisa de mestrado²³², verifiquei que elas assumiam a “dor da beleza” como uma possibilidade real na arte do fazer-se. Essa “dor da beleza” é o nome que se dá ao processo de colocação do silicone industrial²³³ e muitas das interlocutoras narraram essa dor a partir de um cálculo de riscos que envolve a vontade de ter um corpo reconhecido como feminino:

Nossa! Eu fiquei muito inchada. Na verdade, era um misto de felicidade com tristeza, porque eu sentia muita dor naquele momento, muita dor. Eu falei com minha irmã: senti uma dor muito forte, eu acho que é a dor do parto, num sei! O meu corpo latejava dos pés à cabeça. Estava com silicone aqui (no quadril) mas latejava dos pés à cabeça. [...]. Quando eu olhava no espelho, eu estava desse tamanho (sinal de grande), imensa, meu Deus! [...] Mas aí, depois, depois de um certo dias... Depois de três dias começou a desinchar. Mas ainda doía muito, muito, muito. Aí, depois do quarto dia, tava bem desinchado, bem desinchado. E aí tava menos; ficou bom, eu gostei daquilo. Já não tinha mais dor. A dor já era!, totalmente, quase nada, entendeu?! Eu tinha gostado daquilo, tinha gostado. Aí, assim, ficou mais ou menos como eu queria. Não ficou cem por cento o que eu queria, mas ficou bem próximo ao que eu queria.²³⁴

E é por isso que elas sugerem que isso “É loucura. Porque, tipo assim, é uma coisa que tá se arriscando, né?! Porque você tá dando seu corpo pra uma pessoa que não é um profissional; você tá usando uma coisa que não é ideal, né?!”²³⁵ A ideia de risco e perigo partilhada pelas trans de Campos pesquisadas no Mestrado entre 2010 e 2011 era sempre presente nas narrativas. Segundo Pauline, que há época tinha quase 30 anos e trabalhava nas ruas de prostituição do Centro da cidade: “Até deitar pra botar é muito difícil; você tem que tá disposta mesmo, porque é muito perigo. Você dá seu corpo na mão de outra pessoa, né?!”. E é

²³² SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes – RJ (2010-2011)*. Universidade Estadual do Norte Fluminense (dissertação de mestrado em Sociologia Política): Campos dos Goytacazes/RJ, 2012.

²³³ No documentário “Bombadeira – a dor da beleza” lançado em 2007, o diretor baiano Luis Carlos de Alencar apresenta este lado do universo trans, destacando o processo de transformação corporal empreendido por muitas travestis baianas que saíram do interior do estado e foram para Salvador, onde fizeram a “bombaço” do corpo. O documentário está disponível no Youtube e até a data do acesso, em 14 de janeiro de 2017, já teve pouco mais de 221 mil acessos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ukxnlDYdKE> – Acesso feito em 14 de janeiro de 2017.

²³⁴ SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *Op. cit.*, p. 107

²³⁵ *Ibidem*, p. 107

por isso que elas fazem uma pesquisa, um processo de seleção e escolha da “bombadeira”, que em geral é bastante criterioso:

É, foi uma pessoa que aplicava silicone. Aí eu conversei com ela. Já tinha visto o trabalho dela na rua, né?! O corpo das outras pessoas; gostei e paguei pra ela me bombar.

Eu via as pessoas que trabalhavam no centro... colocavam silicone no corpo... trabalhavam com prostituição... as travestis lá do centro. Eu passava ali e ficava parada olhando... cada uma tinha um peitão, quadril assim, bundão... [...] Aí falava assim, tomei hormônio, e botei silicone... botei o peito... “Ah, botou com quem?”... Botei com A, com B, fulano, sicrano, todo esse tempo... eu fui acumulando, fazendo uma pesquisa. Aí eu olhava, a que tinha o corpo mais bonito... “fez com quem?”, Ah, fez com fulano. Aí eu procurei, que eu achei o corpo que era mais bonito, e fui fazer...

Então, antes de fazer em mim, eu procurei me informar bastante primeiro. Eu não fui dando meu corpo pra qualquer um não!²³⁶

Esta realidade verificada em 2010 e 2011 em Campos dos Goytacazes tem muitos elementos em comum com o que é apresentado no documentário “Bombadeira – a dor da beleza”, o que pode sugerir algumas semelhanças sobre essa experiência do silicone industrial na subjetivação trans nesse tempo histórico em que vivemos.

Essas redes presentes nas experiências de Aretha e Juma, que fizeram as intervenções no corpo fora de Campos, também são percebidas na cidade. Além do que fora verificado na pesquisa de mestrado, citado acima, nesta pesquisa a maior parte das interlocutoras também narrou o contato com o silicone industrial. Joyce explicou que só teve coragem para aplicar o silicone após a morte de sua avó, que assumia para ela a figura de mãe:

Aí ela foi, faleceu, aí quando ela faleceu, aí sim... que eu botei silicone no peito, botei silicone no quadril, aí que veio a transformação, o pessoal aqui embaixo ficava horrorizado, que eu fiz isso na casa de um colega, fiquei uma semana na casa desse colega meu de repouso. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

A casa do colega oferecia a acolhida necessária para o tempo de repouso após a aplicação do silicone, já que Joyce morava na casa de sua família. Em meio a gargalhadas, Joyce explicou quem era essa pessoa: “É, um amigo meu, entendeu?!, que ele mora aqui... mora ali na frente. É... Ricardo... ele num liga não, de falar o nome dele não. Era Roberto. Roberto acoita todas as bichas! Ele parece uma cafetina, aquela bicha cafetina, num tem?!” E

²³⁶ SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes – RJ (2010-2011)*. Universidade Estadual do Norte Fluminense (dissertação de mestrado em Sociologia Política): Campos dos Goytacazes/RJ, 2012. p. 108

continua lembrando que este momento foi vivido com outra trans, Luciana Campos, sua amiga desde a época da escola. “Aí eu e Luciano botamo... botamo... eu, Luciano... Eu e Luciano! Ló! Botamo, botamo silicone lá na casa dele, de Roberto. Aí, quando cheguei em casa, aquilo tudo inchado; e a minha tia não percebeu.” (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015) Joyce, Luciana e esse amigo acolhedor moravam no mesmo bairro da Lapa, e já se conheciam há muito tempo. Havia entre eles uma relação de confiança. Entre Joyce e Luciana essa relação se estabelecera à época da escola básica.

Como já fora dito, nesse processo de transformação corporal as relações de amizade foram imprescindíveis. Ainda que ocupassem lugares diferentes nas hierarquias de afeto produzidas nas relações de amizade, tanto as amigas, quanto as colegas poderiam orientar a tomada de hormônios e indicar a pessoa certa para a aplicação do silicone industrial, bem como pode ser aquele que acolhe a pessoa à época de sua recuperação. Joyce e Luciana foram acolhidas por um amigo, já Michely foi a amiga que acolheu outra trans, oferecendo os cuidados necessários para sua recuperação e êxito na produção do corpo. O relato de Michely sobre os cuidados oferecidos a uma amiga é rico em detalhes sobre esta relação, além de apontar para o domínio de uma técnica de produção de corpos esculpidos com silicone e coragem.

Era! Quando ela precisou de mim eu fiquei, eu tava de férias, eu fiquei as férias todas cuidando dela lá na praia. (...) Silicone! E eu avisei pra não botar, aí ficou todo gongado, e o silicone desceu pra cá, ficou... Eu sabia a técnica de fazer o silicone voltar: toalha com ferro quente, né?!, enquanto ele... é!, mesmo assim ficou morongado, ficou um lado fundo. (...) É, toalha molhada com ferro quente. Porque é... tá líquido ainda. (...) Amolece... Eu fui fazendo massagem. “Aguenta!”, e fui empurrando ele, amarrei depois... porque enfaixa, né?! (Michely Coutinho, 23/02/2016)

Michely atribui este conhecimento ao fato de não ser uma “novinha”. Aos 50 anos de idade ela recorda que faz parte de um grupo das antigas, daquelas dos anos de 1980; foi afilhada de Carla, e aprendeu muito com ela sobre essas técnicas.

Ué, a gente... eu sou afilhada das antigas, eu não sou dessas novinhas não. Essas novinhas não sabia... se o silicone descesse, como desceu, pra cá... ficou aqui, aquele negócio aqui (na perna), elas não sabiam o que fazer. (Michely Coutinho, 23/02/2016)

Além das relações de familiaridade, que será apresentada na última parte da tese, Michely colocou em cena uma ideia que mereceu atenção: a questão geracional. Ser uma novinha, mais do que ter pouca idade, significava não ter experiência, não saber como e o que fazer em determinadas situações.

No ano de 2015, segundo dados publicados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a expectativa de vida do brasileiro subiu de 74,9 para 75,2 anos, com significativa variação de acordo com os estados da federação. Quando comparamos essa estatística com os dados, mais gerais, apresentados por militantes e pesquisadores das questões de gênero e sexualidade (especificamente sobre as identidades trans), notamos a disparidade, e compreendemos o porquê de uma travesti de 40 anos, por exemplo, ser considerada como “velha”: segundo o psicólogo e pesquisador Pedro Sammarco, a média de vida das travestis é de 35 anos²³⁷, ou seja, menos da metade da população geral do Brasil. As análises de Sammarco estão fundamentadas em sua pesquisa de mestrado²³⁸.

Muitas vezes essa elaboração geracional e etária envolve o trânsito pela prostituição. Falando sobre a época em que chegou às ruas de prostituição de Campos, Bianca ofereceu uma pista interessante para se pensar na temporalidade de vida das pessoas trans. Os sentidos e significados atribuídos ao tempo, à velhice e juventude, bem como o sentimento de passagem e duração do tempo são significativamente diferentes das pessoas cisgêneras.

Umás travestis mais maldosas, com mais experiência de idade, então, não tinha muita travesti novinha como tem agora. Hoje tem muita novinha, mudou tudo, né?! Eram tudo... velha que eu falo, assim, uns 25, 27 assim, pra cima... não tinha como agora tem, com 18. (Bianca, 22/06/2017)

A travesti é considerada como velha ou experiente aos 25 anos, 27 anos. A ideia de juventude é bem diferente. Ao narrar essa realidade da rua de prostituição, Bianca sinalizou uma importante forma de qualificação da idade a partir das experiências de vida. Estar velha aos 25 anos significa que essa pessoa já passou por experiências em sua vida que permitem e a constituem enquanto alguém que é experiente, ou seja, as experiências ao longo da vida de uma pessoa trans fazem com que seu processo de amadurecimento e, conseqüentemente, a ideia de geração seja estabelecido a partir de um referencial que não corrobora com o temos, por exemplo, no Estatuto da Criança e do Adolescente. As experiências trans demonstram o quão histórica, e arbitrária, são essas definições geracionais. E Débora dá um indício de que nem sempre a idade cronológica confere o poder da experiência. Ao falar de sua relação de amizade com Bianca:

²³⁷ Esses dados foram apresentados pelo psicólogo durante uma atividade da Semana da Visibilidade Trans, ocorrida no final de janeiro em São Paulo – Disponível em: <http://www.nlucon.com/2015/02/expectativa-de-vida-de-travestis-e-de.html> – Acesso feito em 23/02/2016.

²³⁸ ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Travestis envelhecem?* Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

Porque me incentivava em tudo, me incentivava em tudo pra fazer isso; não ter vergonha dos outros. Eu não saía de dentro de casa já era por vergonha dos outros. Ah, os outros vai ver. Não é assim que vévi. Mesmo eu sendo mais velha que ela, mas ela era mais experiente de que eu. Ela me deixou no auge. Eu não botava roupa pra sair assim. Ou então só saía quando tava com a cara cheia. Ficava um mês sem tomar banho; vivia bebendo... ela me tirou... Primeiramente Deus... Depois me incentivou pra sair da bebida, me incentivou pra sair da bebida.

Nem sempre a idade é sinônimo de experiência. Débora descreve Bianca como mais nova que ela, mas mesmo assim tinha mais experiência, e por isso estava autorizada a lhe dar conselhos.

Michely considerou que “as novinhas inexperientes” são aquelas capazes de legitimar seu saber sobre o corpo e assim lhe conferir poder de ajudar nas investidas que elas fazem sobre seus corpos. Nesse sentido, Joyce faz uma observação sobre o tempo presente em que essas novinhas estariam cada vez com mais visibilidade:

(...) e agora... esse... agora, essas novinha que estão vindo agora, tão vindo com força. Tem muito, muito, tudo novinha... Você pergunta ... Ah, 14 anos! Já estão tudo tomando hormônio, tudo com peitinho, cara de mulher mesmo. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Na explicação de Joyce o componente geracional marca uma diferenciação nas experiências da trans; segundo ela, antigamente as coisas não se davam dessa forma, ou seja, havia um lapso temporal mais extenso até que um *boyzinho* começasse seu processo de transformação, como ocorreu com ela e muitas outras. Há vinte anos as coisas eram diferentes, talvez houvesse maior “repressão” e as pessoas precisassem de mais tempo e capitalização material para começar sua transformação, o que na visão de Joyce está bem diferente na atualidade, em que elas começam a tomar hormônio desde muito novas. Essa “mudança” é lida por Joyce como parte de um processo de aceitação da sociedade, que estaria mais tolerante com as vivências “desviantes”, dissidentes.

Silicone industrial: uma aplicação de risco

Os riscos e perigos do silicone industrial são bastante conhecidos pelas trans. O silicone colocado no peito, pode não produzir o efeito desejado de seios belos e acabar por tornar-se um “um peito de pombo” (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015); o silicone aplicado nas pernas e nádegas pode descer para o joelho, a panturrilha ou o tornozelo, produzindo um

efeito de deformidade no corpo, ou ainda, como explicou Michely sobre uma amiga que colocou silicone no rosto:

É, e ela botou muito silicone no rosto. Ela fez já umas 18 cirurgias, né?! Porque ela mesma que aplica nela. O silicone dela desceu, ela ficou igual um cachorro *bulldog*, na época eu que comecei a ajudar ela: Meu Deus que desespero. Ela ficou um monstro.” (Michely Coutinho, 23/02/2016).

Ainda assim muitas optaram por esse caminho, pois foi a forma mais viável, na medida em que era mais barata e rápida, de conseguir esculpir um corpo com formas consideradas femininas, como nádegas arredondas e volumosas, rosto arredondado, pernas e quadril torneados, seios com um colo aconchegante. Ou seja, forma de um corpo que possa ser socialmente reconhecido como feminino. Paulette que “nunca quis botar; até hoje nunca quero botar essas coisas não porque ficava com medo”, explica que o silicone começou a surgir “dos anos 80 pra cá” e que em todo esse tempo conheceu “muita gente que morreu por causa disso” (Paulette, 02/03/2016). Entretanto, aquilo que aparece como medo para Paulette, não tinha o mesmo efeito para Andréa foi na década de 1980 que ela fez sua primeira aplicação de silicone aos 13 anos de idade. À época ela disse aos pais que iria para um passeio da escola e ficou na casa de uma amiga por alguns dias após a aplicação. Nessa investida ela injetou:

(...) 3 litros no corpo, no corpo. No rosto, no corpo, espalhado tudo. No peito eu tenho meio de cada lado. (...) Dói muito, mas tem... toma anestesia. Mas sente, aquela pressão, mesmo com a aneste... é horrível. Mas tudo pelo... pela vontade de ficar bem mais feminina, né?! (Andréa Castro, 29/02/2016)

Ao relatar o processo de modelação do silicone na construção do corpo, Michely reivindicou esse saber técnico como algo que lhe garante uma posição de mais segurança. Como já era uma das antigas ela conheceu muitas pessoas que modelaram seus corpos com litros de silicone industrial. Apesar de muitos casos em que pequenos erros provocaram algumas deformações no corpo, ela lembrou de dois casos em que a má administração do silicone causou o óbito da trans que se submetera ao procedimento.

Aqui em Campos mesmo. Uma foi Jacqueline, né?! Ela tava no auge, né?! (...) Ah... já tem uns 10 anos atrás. E uma outra foi uma mulatinha de Travessão, no momento não vem o nome. Queria botar silicone, queria ficar com um pernã, né?!, pegou na veia aorta, da Belo, né?!, da esposa de Belo, mas não teve ... pum, morreu. As duas por conta do silicone industrial, que é o Barra 1000, né?! Nome do silicone. Tem o 300 e o Barra 1000, né?! São 2 tipos, um é mais consistente o outro não é. (Michely Coutinho, 23/02/2016)

A morte de Jaqueline foi lembrada por Luciana Campos ao explicar que em alguns casos pode ocorrer um problema com a aplicação, mas que em geral a responsabilidade é daquela que recebe o silicone, por não “respeitar” o pós-aplicação:

O único problema aqui em Campos que já tive... que já sei, foi a Jacqueline, uma que a bicha botou, foi fazer a perna dela, a bicha não sabia, parecia, que passava a veia do coração, a veia artéria, e aplicou, foi fazer desse lado aqui, por infelicidade das duas, o silicone entrou na veia do coração, entupiu e a bicha morreu. Só isso que eu sei, e as doidas que botam... vai fazer perna, botam hoje, daqui 2 dias vai pro salão escovar cabelo dos outros... aí o silicone vai e desce. Aí a culpa é da bicha... a culpa é da bicha que foi trabalhar. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Na reportagem publicada no jornal *A Cidade*, no último domingo (dia 26) do mês de agosto de 2001, a morte de Jaqueline foi produzida como efeito de um sentido de falta de cuidados com o corpo: a partir da prática de aplicação do silicone industrial. Ela como muitas outras trans estariam arriscando suas vidas, transformando seus corpos com materiais não indicados e sem o aval de um médico.

Figura 30: Silicose líquido ameaça travestis

A CIDADE - CAMPOS DOS GOYTACAZES - DOMINGO, 26 DE AGOSTO DE 2011 PÁGINA - 07

Silicone líquido ameaça travestis

Proibido pelo Ministério da Saúde, produto é muito usado por homossexuais e pode causar infecções e embolia

A busca incessante para obter um corpo escultural, com formas definidas, retos grandes com traços parecidos cada vez mais com os da mulher, tem levado vários homossexuais a usar o silicone líquido. Foi o caso do travesti Alcinário. Ele adotou o nome de Jacqueline. O produto é proibido pelo Ministério da Saúde por causar seqüelas irreversíveis, que podem levar à morte por asfixia, infarto do miocárdio e acidente vascular cerebral.

De acordo com o infectologista Almir Cruz Manhães Filho, o silicone líquido traz vários riscos para o organismo humano. "O nosso organismo é protegido por uma rede vascular. Quando injetamos essa substância, e ela fica solta no organismo, poderá causar uma embolia", disse o médico.

Almir Manhães explicou que um dos órgãos mais afetados pelo silicone líquido é o pulmão. "O produto provoca falta de ar e desenvolve um quadro de insuficiência respiratória aguda", enfatiza.

O infectologista alertou sobre outros os problemas causados pelo uso do silicone, como a infecção. "A medida que se se injeta o silicone e



Jacqueline ficou feliz com o efeito do silicone líquido, mas uma dose extra foi fatal

em o cuidado se fazer assepsia, a pessoa poderá introduzir no organismo bactérias que podem se reproduzir, levando a um quadro infeccioso", explicou.

Outro fator de risco para os homossexuais, que se aventuram nesta viagem em busca de formas femininas é a rejeição. "O organismo produz um processo inflamatório que tenta eliminar o silicone. Quando ocorre, traz consequências desastrosas", salientou Almir.

Ele chama a atenção das autoridades para coibir esta prática, que vem sendo aplicada por pessoas não especializadas causando a morte.

"Essas aplicações são feitas geralmente em lugares inadequados, sem o mínimo de higiene e sem o acompanhamento de um profissional", finaliza.

O final de semana voltou a ser marcado por três assassinatos. Todos na área de Guarus. Num clima de muita tensão, uma aposentada se descontrolou em frente ao Instituto Médico Legal, quando aguardava a liberação do corpo do sobrinho, Amaro Coutinho Teixeira, 16, que morava na rua Santa Cecília, 147, Parque Novo Mundo. Ele foi morto no final da madrugada de ontem, nas proximidades de sua casa. "Ele morreu em meus braços", disse a aposentada.

O menor andava em má companhia e estava desempregado há alguns meses. Após o assassinato sua tia, Maria da Penha Hilario, foi a primeira pessoa a ser informada do crime. Quanto à autoria a família não tem detalhes.

As pessoas falam muita coisa, mas ninguém gosta de confirmar os fatos para a Polícia", disse um dos irmãos da vítima.

Em Morro do Coco, o açougueiro José Wilson Machado, 29 anos, que residia na rua Projetada, foi assassinado com vários tiros em seu comércio. O crime foi praticado por dois homens. Segundo testemunhas, os criminosos ao entrarem disseram "Saia! todos antes que alguém se machuque". Em seguida executaram o comerciante, que morreu a caminho do Ferreira Machado.

Há cerca de 20 dias, José se sentendeu com um homem conhecido por Marquinhos. No momento do crime, segundo dados repassados para a PM, Marquinhos estava acompanhado de Marciano, em frente ao açougue.

Pedreiro - Uma outra vítima foi o pedreiro Felipe Alves Fernandes, 17, que residia na Avenida Presidente Tancredo Neves, 10, Jardim Carioca. Após uma discussão no campo do Madureira, ele foi agredido e jogado ao chão, indefeso foi eliminado a tiros.

O crime foi presenciado por várias pessoas, que estavam no local. Até o horário do sepultamento, às 17h, a família não sabia a verdadeira causa que originou o assassinato.

Três pessoas são assassinadas a tiros

Açougueiro foi vítima de vingança

Jacqueline morreu de embolia

Ele nasceu com órgão genital masculino, mas o coração, a alma e a cabeça eram femininas. Assim, Alcinário assumiu uma identidade feminina e se tornou Jacqueline da Silva Viana. Aos 26 anos, descobriu que o silicone líquido poderia realizar seu sonho de ter um corpo de mulher. Desta forma, ela acabou morrendo de embolia pulmonar, provocada pela introdução de dois litros de silicone.

Emocionada e magoada, a mãe de Jacqueline, Mariana da Silva Viana, conta que numa quarta-feira, a filha foi à casa de uma pessoa, que ela desconhece, e fez a aplicação do produto. Na sexta-feira, ela foi chamada às pressas e quando chegou ao local, tomou um susto: a filha respirava com dificuldade.

"Quando vi a cena, fiquei apavorada. Sabia que minha filha estava morrendo. Como sou auxiliar de enfermagem, apliquei uma dose de amonifilina com glicose, para facilitar a respiração", disse Mariana. Ela enfatizou que nesta hora começou o sofrimento de Jacqueline, que foi levada ao Hospital Ferreira Machado.

Ela lembrou que no hospital a filha ficou quase uma hora esperando por socorro médico. Depois de atendida, Jacqueline foi transferida para a Beneficência Portuguesa. Jacqueline já havia introduzido oito litros de silicone, mas segundo sua mãe, não era o suficiente para modelar as tor-

mas da jovem, que decidiu e colocar mais dois litros, o que culminou em sua morte.

A morte trágica de Jacqueline transformou a vida de sua família. "Não tenho ânimo para nada, desde que perdi minha filha, parei de trabalhar", desabafa Mariana. Ela faz um apelo aos homossexuais: "Não tentem mudar seu corpo usando este veneno, pois na tentativa de uma estética feminina, vocês poderão encontrar um caminho que não tem mais volta".

OCORRÊNCIAS POLICIAIS

ESCOLA - A diretora da Escola Estadual Tarciso Miranda, Eneida Rita Dias Freydlh, registrou na polícia arrombamento e furto. Levaram um microfone, TV 20 polegadas, videocassete, receptor de parabólica, liquidificador, 4kg de carne, 15 de arroz, 6 de feijão, 4 de farinha, 5 latas de Nescau, 3 latas de óleo, 500 gramas de pó de café, e macarrão. O fato aconteceu na madrugada de sexta-feira.

BALEADOS - O jovem estudante Rodrigo Gregório Frit-

tores fugiram em um Gol cinza.

BATIDA - O caminhão Mercedes Benz MSI-9304, dirigido por Ademair Cosme do Nascimento, colidiu no Km 49, Posto de Molas, colidiu com o Vectra, KSP-2427, tendo ao volante Zenilton Penha dos Santos, residente no Parque Nova Brasília. No acidente saiu ferido Renata Junior Gomes, socorrida para o Ferreira Machado.

ASSALTO - Moacir Cardoso Ferreira, rua Mangaratiba, Parque Guarus, teve roubado

Fonte: A Cidade, 26 de agosto de 2011. (Arquivo pessoal de Wellington Paes.)

Essa matéria foi publicada na seção do jornal destinada aos casos policiais e logo no seu título deu destaque à ilegalidade da prática de aplicação do silicone industrial: "Silicone líquido ameaça travestis: Proibido pelo Ministério da Saúde, produto é muito usado por homossexuais e pode causar infecções e embolia". Uma foto de Jacqueline sorridente e aparentemente alegre é usada para compor a cena que será descrita com tristeza e criação de um discurso que produz a ilegalidade de tal prática. A experiência trans aparece inscrita nos domínios da homossexualidade. Em apenas um momento usou-se a palavra travesti, logo no início do texto: "A busca incessante para obter um corpo escultural, com formas definidas,

seios grandes com traços parecidos cada vez mais com os da mulher, tem levado vários homossexuais a usar o silicone líquido. Foi o caso do travesti Alemário, que adotou o nome de Jacqueline.”²³⁹

Na marcação de uma orientação sexual nomeada como homossexual, no uso do nome masculino e na acusação de que há um desejo em produzir “traços parecidos cada vez mais com os da mulher”, há uma tentativa em se encontrar uma verdade do sujeito, e que esta seja capaz de justificar seu lugar na sociedade, seu caminho de desvio trilhado na clandestinidade, na abjeção. Apesar desses riscos descritos, atribui-se que a morte de Jacqueline ocorrera em função do desejo de colocar mais silicone. Ela já tinha 8 litros em seu corpo, e desta vez quis colocar mais dois litros, “essa dose extra foi fatal”.

Para construir uma matéria consistente, forjando efeitos de verdade científica, um médico foi convidado para falar sobre os riscos da aplicação do silicone industrial. : “O nosso organismo é protegido por uma rede vascular. Quando injetamos essa substância, e ela fica solta no organismo, poderá causar uma embolia.” E nos parágrafos seguintes o mesmo médico fala sobre o risco das bactérias e de o organismo rejeitar o produto aplicado. Após esse repertório, o texto responsabiliza as autoridades para que atuassem para “coibir esta prática que vem sendo aplicada por pessoas não especializadas causando mortes.”²⁴⁰

O jornal contribui para a cristalização de um modo específico de ser trans, associado à ideia de irresponsabilidade, desejo desmedido e até mesmo algo que se aproxime da desrazão. Afinal, como alguém, mesmo sabendo de todos esses riscos, se sujeitaria a tal procedimento? Proibição, morte e sequelas irreversíveis são as palavras-chave que aparecem logo no primeiro parágrafo da reportagem. Algo ilegal, contra a vida e a saúde não deveria ser a escolha de pessoas sãs. Essas experiências que constituem os domínios das subjetividades trans são reificadas como clandestinas, erradas, marginais.

A morte de Jaqueline, o evento criado no jornal e os comentários das amigas são indícios dessa forma de responsabilizar o sujeito por aquilo que ocorre com seu corpo. É como se para os sujeitos cisgêneros a corporalidades fosse parte de um devir natural, enquanto que para os transgênero essa mesma dimensão correspondesse a um trabalho cultural de inteira responsabilidade de quem o pratica.

Essa compreensão ofusca a dimensão cultural que pesa sobre todos os corpos (cis e trans) e contribui para a cristalização de um determinado entendimento sobre os corpos trans

²³⁹ *A Cidade*, 26 de agosto de 2011. p. 7

²⁴⁰ *A Cidade*, 26 de agosto de 2011. p. 7

como se eles fossem artificiais, de modo a permiti-los habitar uma zona de menor humanidade, são abjetos²⁴¹.

E, pensando a gestão do corpo como uma prática coletiva, nas experiências trans essa dimensão de coletividade parece estar ainda mais acentuada, pois cada passo dado em direção à mudança é pensado, compartilhado e discutido com as amigas e amigos. Jaqueline foi lembrada por diversas interlocutoras e isso se deu não em função da publicização de sua morte no jornal da cidade, mas porque ela fazia parte dessa rede de amigas, colegas e conhecidas trans. Helena estudou com Jaqueline na época da infância e descreveu como ela estava pouco antes de fazer a última aplicação de silicone, que a levou a óbito:

Tinha um corpo lindíssimo, tinha umas pernas belíssimas. Eu disse a ela: “Não ponha mais, você vai morrer colocando silicone! Seu corpo já não precisa mais.” Só que claro, né?!, ela também era muito nova. Digamos, minha amiga, amiga não, porque amizade é uma coisa que eu acho que é muita cumplicidade, né?! Mas era... minha amiga assim de “oi, tudo bem?!”, né?! Não fazia mal a ninguém, tava sempre na vidinha dela, com o namorado dela. Ela tinha um namorado na época, tinha a irmã dela, que eu me esqueci o nome agora, que era muito gente boa... E ela era muito nova. E, como eu tinha dito antes e repito, a gente quando é muito nova, tá naquela ansiedade e faz e... E infelizmente pra ela foi muito ruim. (Helena, 11/07/2017)

A juventude e ansiedade que, segundo Helena, contribuíram para que Jaqueline quisesse colocar ainda mais silicone em seu corpo, teve outro efeito na experiência de Patrícia. Talvez por ter visto tantas amigas não terem sucesso com o silicone industrial, ela foi paciente, cuidadosa e inventariou muitos saberes antes de iniciar a modelação de seu corpo.

Nunca tive! Eu já vi pessoas que comem carne de porco, ficam com a perna inchada. Ou que tem... dá furúnculo. Outra que levam pancada, fica com marca roxa. Eu nunca tive nenhum problema, pelo contrário, eu tenho as pessoas que olham, e nem vê silicone no meu corpo. Eu tenho um vídeo na internet, no youtube, que eu tô de biquíni, dançando, e se você ver, fala: “Não, realmente, que corpo é esse?!” Porque realmente são muito bem feito. Mas porque eu tive a paciência e, sempre tive estudo. Por mais que eu não estudei anatomia na época, mas eu estudei Biologia, estudei Ciências, então eu conhecia alguma coisa do corpo humano. Então, eu soube respeitar, eu soube... dar opiniões à... àquela pessoa que me bombou, me botou silicone, de onde aplicar, como aplicar, de não colocar contra o nervo, de não colocar contra o músculo. Aqui você coloca pra baixo, aqui você coloca pra cima; aqui não pode porque tem a safena; aqui não pode porque tem o risco de pegar aorta. Então, eu tinha aquela ideia. (Patrícia Lemos, 23/06/2017)

²⁴¹ BUTLER, Judith P. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

A colocação do silicone não é algo simples. Patrizia conduziu a construção do seu corpo a partir do repertório de saberes que ela tinha à época, e esses saberes foram construídos a partir das muitas pesquisas que ela fez em livros de biologia, mas também a partir de todo o conhecimento acumulado a partir do vivido por suas amigas.

Se por um lado Patrizia soube conduzir a construção do seu corpo, por outro houve muitos que sucumbiram por se renderem ao excesso. Assim como Jaqueline, Juma lembrou de amigas que faleceram após ou durante a aplicação do silicone, pois nos limites do corpo, o silicone “já não tinha mais para onde ir”

Já! Depois que eu botei, teve amiga que foi bota e faleceu na... na coisa. Mas, faleceu, sabe por causa de que? Porque?! O corpo dela já num... a bun...exagerado já, e ela queria botar mais e mais. Nisso que ela botou, o corpo não tinha mais para onde ir, foi pra veia do pulmão. Pegou uma veia e foi pro pulmão, nisso ela faleceu. (Juma Oliveira, 06/10/2015)

A constatação de Juma sobre os limites do corpo e os estudos feitos por Patrizia demonstram como as trans criaram para si conhecimentos sobre as potencialidades do próprio corpo, construindo-o a partir desse conhecimento que é técnico, mas também moral, afetivo e ético. Fabricar um corpo é, também, criar uma subjetividade. Do mesmo modo que o silicone oferece a forma, o hormônio é possibilidade de ter no sangue o feminino²⁴². Ambos devem ser usados a partir de um cálculo minucioso. Quando ocorre alguma intervenção equivocada (como quando o silicone desce para a perna, tornozelos ou barriga – a depender da região em que foi aplicado; ou quando há um óbito) essa é atribuída a um cálculo impreciso ou a uma vontade exacerbada em construir um corpo que é impossível. Também com os hormônios esse cálculo deve ser feito, pois seu uso indiscriminado pode causar problemas, pois pode se tornar:

um vício muito grande, porque eu comia hormônio. Comia! Era pra você tomar de mês a mês, eu tomava por semana. E tomava as duas de vez, uma em cada bunda. Aí, depois fiquei sabendo que Perlutam era mais forte, aí passei a tomar Perlutam, passei a tomar no ciclo, passei ... aí foi... Aí... tomava pílula também, aí... (...) Porque eu cheguei até o médico falar comigo, que se eu não parasse de tomar hormônio eu ia morrer; porque eu já estava com anemia, dormia muito, sangue... que parece que acaba com os glóbulos vermelhos, né?! Aí eu parei... dei um tempo. Foi por isso que eu botei o silicone, que me deu mais vontade. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

²⁴² PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 217

Apesar desses muitos casos e de grande parte da literatura sobre as experiências trans no Brasil apresentarem essa aproximação com o silicone industrial não seria correto sugerir que todas as trans almejam este tipo de intervenção. Das que fizeram parte dessa pesquisa, algumas aplicaram silicone industrial e disseram arrependidas, pois temem reações adversas que podem ocorrer após um tempo maior:

E eu tenho ... agora eu tenho um arrependimento muito grande que... hoje, eu penso hoje, eu não colocaria o silicone, eu ficava só no hormônio. Mesmo correndo o risco de... porque todos dois corre risco de vida. Porque eu cheguei até o médico falar comigo, que se eu não parasse de tomar hormônio eu ia morrer; porque eu já estava com anemia, dormia muito, sangue... que parece que acaba com os glóbulos vermelhos, né?! Aí eu parei ... dei um tempo. Foi por isso que eu botei o silicone, que me deu mais vontade. (...) Mas eu tenho um arrependimento muito grande; acho que se eu ficasse só no hormônio, ia ser melhor. Ah, mas agora também já foi, nem adianta mais. Eu tô, eu tô querendo botar a prótese, nem todo mundo fica bem de prótese, quem tem silicone (no peito industrial). (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Joyce elabora a noção de arrependimento como uma forma de qualificar a nova experiência que é vivida, da possibilidade de colocar uma prótese nos seios e o silicone usado pode atrapalhar no resultado final. Joyce explica que uma amiga que já tinha silicone industrial no peito colocou a prótese de silicone e: “Ela não gostou porque ficou muito... Ela me amostrou, porque realmente não ficou bem; o meu medo é esse.” (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015). Esse medo de Joyce é em função da necessidade de se fazer uma raspagem para a retirada do silicone industrial e a colocação da prótese. Ela justifica que:

Tem como fazer, mas dizem que não fica 100%, que nem quando você não tem nada. Que você bota, fica aquela coisa. Eu acho que se eu colocar, vai ficar maravilhoso, mas eu tenho medo justamente é por isso, que eu vou ter que fazer uma raspagem também; que diz que não pode... porque empurra, parece que a empurra a prótese o outro silicone... que tá que é injetável na pele... sei lá. Mas acho que eu vou ter que fazer uma raspagemzinha no meio. Ah, mas é uma coisa também que não tá, não tá assim... no momento não tá pra mim poder... Ah, eu vou fazer! (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Já Luciana Campos, mais conhecida como Ló, disse que a reação mais adversa do silicone foi a resposta que a sociedade lhe deu. Em função do preconceito ainda existente e persistente, ela percebeu que após a colocação do silicone seu trânsito pela cidade durante o dia ficou mais difícil, pois socialmente às trans credita-se mais desenvoltura com o mundo da

noite do que com o do dia²⁴³, geralmente, mais violento e humilhante. Ela trabalhava na prefeitura como animadora cultural e tinha que usar uma estratégia de passagem social:

Que eu sempre trabalhei, graças a Deus. Eu sou professora... eu sou professor de artesanato; trabalhei na Prefeitura como... é... instrutor de Artes e Ofícios. Eu de dia, eu sou um rapazinho; de dia boto um, um pano... um top que eu tenho aqui pra amassar meu peito, jogo uma blusa... claro, quando eu trabalhava... jogava uma blusa larga, de bofe e calça comprida de bofe, e tenzinho. Tinha cabelão. Que eu tirei, agora tô com black e tal; usava *mega-hair* na cintura, pegava fazia um rabo de cavalo e ia trabalhar, bonita. As pessoas ficavam assim... se era mulher, se era sapatão, se era homem. De dia eu era assim, entendeu?! (Luciana Campos, 16/11/2015)

Isso porque ela:

Não era concursado²⁴⁴! Se eu fosse concursado. O preconceito hoje existe... e hoje é... se eu disser pra você... como eu falei pra você, é... se Deus perguntar se eu quero ser “veado” novamente, eu vou querer ser “veado” e vou querer ser travesti, mas hoje eu me arrependo um pouco, não pelo... como que eu vou dizer?!, pelo termo de serviço.. que eu já fui pessoas pra procurar serviço e as pessoas não me aceitaram, porque eu sou travesti, porque eu tenho esse peito, entendeu?! Hoje ainda existe, entendeu?! Nós estamos em 2015, né?! Como que se diz?! Século 21, entendeu?! Acho que isso já não era pra tá mais na cabeça das pessoas, concorda comigo?! (Luciana Campos, 16/11/2015)

Como pode ser percebido nos diversos trechos apresentados, a experiência trans ocorre na presença das amigas, outras trans ou gays, que são o suporte, o incentivo e o apoio material na gestão do processo que as conduz a um determinado feminino que dá materialidade ao corpo trans no lugar da cisgeneridade.

²⁴³ PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 73

²⁴⁴ Nessa, como em muitas outras falas, a interlocutora refere-se a si mesma no masculino e no feminino. Embora se apresente no feminino, como travesti, como bicha (às vezes), quando discursa em primeira pessoa, ela flexiona verbos e adjetivos no masculino, dando a entender que não partilhou da socialização de feminilização do vocabulário como estratégia de apresentação de si, de construção de sua subjetividade trans. Destacar este ponto auxilia na compreensão da historicidade dos processos de subjetivação trans. O que hoje, no âmbito dos movimentos sociais é alvo de severa crítica, no discurso de Luciana e de muitas outras trans dos 40 aos 60 anos, não é percebido como importante, talvez porque elas tenham aprendido a viver a experiência travesti fora dos circuitos do movimento social organizado, que não têm ou não tiveram acesso a formas outras de elaboração de sua subjetividade, como a internet, redes sociais, whatsapp dentre outros instrumentos como jornais e revistas: assim, tratar-se no masculino, não diminui a feminilidade de Luciana.

Destaquei a presença dessas redes de informação pois lembro-me do caso de Wanessa que mora na mesma cidade e bairro que Luciana, separadas apenas por um lapso geracional, já que Wanessa tem ao menos 15 anos de diferença, ela tem um discurso completamente diferente, muito mais elaborado a partir do repertório que ela encontrou disponível em reportagens jornalísticas e em pesquisa que fez na internet. Comparando estas duas apresentações de si, percebe-se que a difusão de novas mídias e o acesso a informações também concorrem para a constituição das subjetividades.

Mas, afinal, o que faz com que alguém se torne uma amiga? Quais são os sentimentos, expectativas e valores que constituem uma relação qualificada como amizade? Essas e outras perguntas são problematizadas a seguir.

Capítulo 6

Hierarquia de afetos nos repertórios da amizade: amigas, colegas e conhecidas

Praticar a amizade é também exercer relações de outra maneira, encontrar uma via de acesso à tomada da palavra, e até de ingresso na escrita.²⁴⁵

Amizades trans

Pensar a amizade como uma prática, um exercício, um procedimento é um caminho profícuo para compreender as potencialidades e dinâmicas presentes nessas relações; e foi justamente esse dinamismo que fez a amizade ter uma consistência polimorfa, dificultando sua captura pelas instituições sociais. Isso não significou, todavia, que as relações de amizade estivessem isentas de códigos, normatizações e hierarquias, mas justamente que esses repertórios não estão prontos, dados e cristalizados. Houve e há nas relações de amizade a potencialidade de inventar novas formas de se relacionar com o outro, modos de vida mais criativos, mesmo em contextos de hostilidade, precariedade e tensão.

Assim, a amizade pode ser percebida como o habitar em uma morada provisória, repleta de significações políticas. Para as amizades que envolveram sujeitos e subjetividades trans, essa morada significou, entre outras coisas, um aconchego, a partilha de experiências e potências criativas, ainda enquanto um lugar que fosse incerto; tramado nas incertezas e sem qualquer garantia de um futuro tranquilo e eterno, é lugar de proliferação de existências que colocam contra a parede as normas de gênero.

Se historicamente as relações de amizade entre homens e mulheres foi colocada sob suspeita; se as mulheres foram descritas como incapazes²⁴⁶ para as amizades verdadeiras, então o que poderia dizer das amizades entre homossexuais – como homens gays cisgêneros –

²⁴⁵ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 188

²⁴⁶ IONTA, Marilda. Das amizades femininas e feministas. In: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvio (orgs.). *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* São Paulo: CNPq, CAPES, FAPESP, Intermeios, 2017. p. 375

exercício já apresentado em algumas pesquisas no Brasil²⁴⁷ e no exterior²⁴⁸; e, particularmente, sobre as amigades nas experiências trans?

Afasto-me da busca por uma idealização de um modelo perfeito de amizade e mais valiosa daquela que seria a melhor amizade e aproximo-me da curiosidade pelas possibilidades criativas de invenção de si, das práticas de criação e manutenção de modos de vida, de subjetividades inventadas nos entre-lugares do gênero, da raça/etnia e das regiões geográficas que não se comprometem com o “politicamente correto”, uma cidade do interior. Isso tudo não faz com que as amigades trans sejam melhores, mais verdadeiras, mais relevantes do que outros tipos e formas de amizade, mas destaca que essas amigades são dispositivos que funcionam como potência de vida para sujeitos que habitam regiões hostis.

Renata discorreu longamente sobre as suas amigades femininas, construídas ao longo de muitos anos de convivência, aí o tempo aparece como um elemento fundamental para qualificar a relação como de amizade verdadeira; e destaca, também, a identificação com os processos de sofrimento, como algo que faz nascer uma identificação e assim fortalecer a amizade. Ela chega a comparar esta relação com a que tem com a irmã, fazendo esta manobra argumentativa para enfatizar o peso e significância de tais amigades.

Amigo é aquele mesmo que você tá pronto pra botar a roupa de madrugada, que você vai sair com ele pra qualquer lugar, que você vai fazer tudo que ele quer, entendeu?! Agora, colega já é uma outra coisa, né?! Existe colega de trabalho, entendeu?!, existe uma série de outras coisas. É a diferença.
(Renata Melila, 06/10/2015)

Ficou evidente que a relação com o colega é aquela em que a intimidade e a possibilidade da presença imediata não se faz necessária. A relação de coleguismo parece estar pautada em outro roteiro, mais marcado por relações profissionais ou de códigos sociais de convivência.

Como toda relação humana, a amizade é fruto de um processo de negociação e está sujeita a variações históricas, espaciais e individuais. Nos trabalhos consultados para esta pesquisa, a amizade esteve comumente associada a uma ideia de intimidade, de proximidade e cuidado, como um espaço em que a verdade do sujeito cristalizada na noção de um “*eu* verdadeiro” pode ser vivida sem restrições. Assim, configura-se como um espaço profícuo para a elaboração de si, para a produção de subjetividades menos reféns das normas institucionais.

²⁴⁷ GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

²⁴⁸ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

A historiadora Marilda Ionta²⁴⁹ destacou a historicidade da amizade e as questões que envolviam o gênero dos amigos com as amigas, bem como a elaboração de si desenvolvida por cada um. Foi, portanto, uma pesquisa que se ocupou de processos de subjetivação elaborados a partir e por meio da troca epistolar datada. Problematizando o lugar do gênero no processo da fabricação de si, Ionta destacou que na teoria pós-estruturalista, em particular as teóricas feministas, compreenderam que o indivíduo se produz a partir das práticas cotidianas que ele dirige sobre si, o que Foucault denomina de tecnologia de si²⁵⁰. Com esta abordagem foucaultiana que produz um texto leve e provocativo, a historiadora percebeu a amizade como uma prática “preche de significações políticas”²⁵¹, e que contribui, sobremaneira, para a compreendermos como se deu, historicamente, a “constituição de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade, que não é senão uma das possibilidades dadas da organização de uma consciência de si.”²⁵²

Margareth Rago²⁵³ e Susel Oliveira da Rosa²⁵⁴ tematizaram as experiências da amizade a partir de uma abordagem histórica, demonstrando a maneira como, em períodos distintos no século 20, alguns sujeitos constituíram-se, criaram formas de tornar o mundo habitável e articularam estratégias de sobrevivência em contextos de tensão, perversidade e inquietude emocional a partir e por meio das relações de amizade.

Rosa narra a história da militante Nilce Cardoso que lutou contra a Ditadura Civil-Militar no Brasil e teve na potência política da amizade a possibilidade de tornar o mundo habitável, mesmo que para isso fosse preciso estar na clandestinidade e invisibilidade. Como destaca a autora, são duas faces de uma mesma moeda: ser clandestino, é estar invisível.²⁵⁵ Esta análise feita por Rosa inspira uma nova compreensão sobre a histórica forma como foram produzidas as subjetividades trans. Seja pela aproximação com a clandestinidade, pelo fato de serem invisibilizadas em algumas cenas da cidade ou simplesmente porque é possível que essa história seja percebida como um acontecimento, que para Foucault é um movimento

²⁴⁹ IONTA, Marilda. *As cores da amizade: as cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 134

²⁵¹ *Ibidem*, p. 215

²⁵² *Ibidem*, p. 18

²⁵³ RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2013.

²⁵⁴ ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante*. São Paulo: Intermeios Cultural, 2013.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 49

de forças que faz com que as coisas sejam percebidas de formas diferentes, alterando o curso da própria história.²⁵⁶

Susel da Rosa põe em relevo o valor político da amizade, refletindo como ela poderia ser uma forma de “cuidado com o mundo”²⁵⁷ e, como pensaria Deleuze, de ser afetado e gerar potências:

Nosso corpo não cansa de ser afetado pelos encontros sucessivos com outros corpos. Encontros que produzem prazer, dor, alegria, tristeza. Encontros que geram efeitos e são, também, durações, ‘passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro’.²⁵⁸

Margareth Rago também pontua esse peso histórico das subjetividades e é justamente nessa perspectiva que as trans podem ser compreendidas a partir de um conjunto de experiências inscritas no tempo e no espaço. Desse ponto, considera-se que não há o “sujeito trans”, tomado como ponto de partida, mas um conjunto plural de experiências sociais, culturais e históricas que delineiam e dão sentido às subjetividades ditas trans. Se pode ser correto considerar que também há especificidades quando pensamos sobre o homem e a mulher, o hetero e o homossexual, o que se quer colocar em relevo nesse texto e de forma mais geral nessa tese é que as experiências trans foram historicamente apagadas, silenciadas dos registros historiográficos²⁵⁹. Conforme Rago:

Trata-se, nessa referência, de perceber que as subjetividades são históricas e não naturais, que os sujeitos estão nos pontos de chegada e não de partida como acreditávamos então; e ainda, que as conexões podem ser estabelecidas entre campos, áreas, dimensões sem necessidade exterior pré-determinada.²⁶⁰

Margareth Rago²⁶¹ contribui para a reflexão sobre como a amizade pode possibilitar novas formas de subjetividades, pois ela entende:

A transformação social não só como um projeto político, mas como um estilo de vida, uma ‘estética da existência’, criada na experiência individual e

²⁵⁶ ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias*: não imagine que precise ser triste para ser militante. São Paulo: Intermeios Cultural, 2013. p. 53

²⁵⁷ Ibidem, p. 80

²⁵⁸ Ibidem, p. 77

²⁵⁹ LOPES, Fábio Henrique. Cisgeneridade e historiografia. In: NETO, Miguel Rodrigues de Souza; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (org). *História & Teoria queer*. Salvador: Devires, 2018. (no prelo)

²⁶⁰ RAGO, Luzia Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* (11), p. 89-98, 1998. p. 91

²⁶¹ RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se*: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2013.

social, Foucault busca fazer a história das ‘técnicas de si’ e das ‘artes do viver’, uma história das experiências de construção da vida como obra de arte.²⁶²

E ainda considera que as situações em situações limite, como o contexto da Ditadura Civil-Militar no Brasil, possibilitaria o estreitamento dos laços de amizade.²⁶³ A principal questão que envolve as amizades é justamente o fato de ser um tipo de vínculo, afetivo e político, que não está pautado em um repertório dado previamente, ou seja, os sujeitos envolvidos no processo têm a possibilidade e a necessidade, de criar as regras e formas que devem assumir a amizade. Muito embora reconheça que mesmo o amor romântico e a família, por exemplo, sejam históricos, sabemos que estes são pautados por um roteiro previamente definidos, com poucas margens (talvez) de negociação. Já a amizade habita um terreno menos estável, mais sujeito às invenções do cotidiano, às negociações e proliferação de novas formas de afetar-se e criar realidades outras. Ou, como queria Foucault, a formação de um modo de vida, entendendo que:

Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e uma ética.²⁶⁴

Embora Foucault dedique atenção à questão gay, essa reflexão sobre a formação dos modos de vida é útil para analisar as experiências trans. Isso porque se verifica a existência de um repertório de experiências que dão sentido a uma cultura de si repleta de cuidados com o corpo, da produção de formas, sentidos e significados que são atribuídos a este corpo, e também há uma ética, um compromisso em manter no anonimato aquelas que participam dessas práticas de construção do corpo, como as “bombadeiras”²⁶⁵.

A partir do corpo, com ele e por meio dele são tecidas relações de amizade, de coleguismo ou de simples conhecimento. Essas vidas trans produzidas e criadas com o incentivo das amigas estão cotidianamente pelas relações de amizade, que podem ser fortalecidas, enfraquecidas ou rompidas. Sobre esses códigos da amizade são moduladas

²⁶² RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2013. p. 49

²⁶³ *Ibidem*, p. 71

²⁶⁴ FOUCAULT, Michel. *Da amizade como modo de vida*. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>. – Acesso feito em 03 de setembro de 2013.

²⁶⁵ O termo “bombadeira” é utilizado para se referir às pessoas responsáveis pela aplicação do silicone industrial no corpo das trans.

outras relações que permitem de si para consigo e para com o outro. No tópico seguintes problematizo a construção dessa hierarquia de afetos e a produção de repertórios de amizade nas experiências trans.

Escalas de proximidade ou, quem é amiga de verdade?

Nas entrevistas realizadas com as trans de Campos percebi que muitas enfatizavam a inexistência de uma “amizade verdadeira” entre elas, em função da enorme disputa que havia no grupo. Essa noção serve, muitas vezes, para qualificar e hierarquizar as relações existentes, justificando aproximações e distanciamentos. Logo, ao “amigo verdadeiro” todo afeto e carinho deve ser dispensado, enquanto aos que não são verdadeiros não se exige dedicação e confiança.

Débora narra a si mesma para explicar o que entendia como um pessoa verdadeira. Em meio a muitas gargalhadas, ela considera-se “enjoado à beça! Fala: enjoado, não tem aparência, mas verdadeira.” Além de tratar-se no masculino, chama atenção nesta fala de Débora o fato do destaque para sua falta de aparência. Em diversos momentos da entrevista ela destacou que não tinha boa aparência, que não era bonita e que muitas pessoas tinham medo dela por isso. Ao falar sobre sentir-se vigiada por onde passava, ela demonstrou o que significava ter uma aparência boa ou não. Falando diretamente para mim, sentenciou:

A sua aparência é bonita. Você tem aparência. Qualquer lugar que você chegar ninguém diz nada de você. E também sabe que tem preconceito de gente escura também, né?! As parência... quando chega alguém de boa aparência nos lugar as pessoas não fica vigiando. (Débora, 24/08/2015)

A boa aparência anunciada por Débora faz referência à metáfora da cor²⁶⁶ discutida pela historiadora Caetana Damasceno. Essa enunciação coloca Débora em um lugar preciso em que o gênero e a raça se interseccionam para produzir um específico modo de discriminação²⁶⁷.

²⁶⁶ DAMASCENO, Caetana Maria. ‘Cor’ e ‘boa aparência’ no mundo do trabalho doméstico: problemas de pesquisa da curta à longa duração. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Rio Grande do Norte, 2013.

²⁶⁷ Sobre essa intersecção entre gênero e raça na produção da discriminação é crucial a reflexão de Kimberle Crenshaw: “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero”. Embora a autora direcione sua análise para mulheres cisgênero, as análises são muito pertinentes para problematizar como a interseccionalidade funciona na produção das experiências trans. (CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.)

É, portanto, desse lugar de fala que Débora produz a ideia de verdade como sendo aquilo que ela pode dizer sem ter medo das consequências, mesmo que possa colocá-la em risco. Foi dessa noção de verdade, como falar franco, que ela começou a definir quem poderia ser chamada de amiga.

Pra mim é uma pessoa que fala na cara... É! Que eu sou assim, eu falo na cara, entendeu?! Eu só tô junto com você, conversando com você aqui, porque eu vi que você é uma pessoa legal. (Débora, 24/08/2015)

Uma dessas pessoas “que fala na cara” era Gina, uma mulher cisgênero que morava perto da casa de Débora, em Guarus, e que também trabalhou na rua de prostituição no Centro de Campos. Segundo Débora:

Tadinha de Gina! Aquela ali falava na cara... “Debinha, você vai ficar dentro da minha casa, que eu gosto de você. Se eu não gostava, mandava você embora.” Eu falei, você é que nem eu. (Débora, 24/08/2015)

Estar dentro de casa, partilhar o espaço da moradia era um sinal de que a confiança e a proximidade estavam estabelecidas e isso seria crucial para nomear alguém como amigo. Débora aponta essa acolhida como o sinal de uma amizade:

Amiga é aquela que quando (você) tá precisando, bota você pra dentro de casa; te acolhe, bota você pra tomar banho. Amiga não é aquela que você liga: “Ahh, vamo num lugar?!”. Igual eu liguei pra uma agora, e disse que dia 07 vinha me buscar pra ir pra Parada Gay. Quando eu disse que tava com problema no olho, nem me liga mais. Se eu ligar, percebo que desliga o celular. Isso é amiga? Amigo é que bota você pra dentro de casa... (Débora, 24/08/2015)

E foi por isso que ela se identificou com Gina, produzindo o amigo como um outro eu. A narrativa sobre a amiga tornou-se uma narrativa sobre si mesma. Ao falar de Gina, Débora define-se a si mesma, inventa sua subjetividade, cria uma “descoberta de si no outro.”²⁶⁸

Meu Deus! Eu sou que nem Gina mesmo... ai... Ela era muito gente boa. (Débora, 24/08/2015)

Por outro lado, na sequência das entrevistas, praticamente todas apresentaram amigas que foram fundamentais no processo de produção de si, reforçando a ideia foucaultiana de que as práticas de si são um exercício coletivo, que coloca o sujeito em contato constante com o outro. Conforme Foucault, é esta relevância política da amizade que permite considerá-la

²⁶⁸ IONTA, Marilda. *As cores da amizade: as cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007. p. 63

como parte do processo da cultura de si, vista como uma prática social e não como uma prática individualista, egoísta²⁶⁹.

A potência política da amizade pode ser verificada na constatação de que “em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem”²⁷⁰. Além da palavra escrita e falada, a escuta também integra essas experiências. E é justamente por isso que a “atividade consagrada a si mesmo” “não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social”²⁷¹, que é tecida, remendada e alinhavada em um jogo de obrigações recíprocas entre o indivíduo e os outros que o cercam. Importa notar que as práticas de cuidado estabelecidas nas redes de amizade trans sustentam e dão suporte à concretização de diversos projetos de si, particularmente, a construção do corpo por meio da ingestão de hormônios e da aplicação de silicone industrial. É pois, uma categoria que se refere ao cotidiano e à coletividade, na medida em que faz parte das tarefas simples, como ir ao mercado na companhia de uma amiga, ou aquelas mais complexas, como acompanhar a aplicação do silicone industrial e no repouso pós-aplicação. Ambas envolvem riscos, em escalas diferenciadas, mas igualmente produzem o significado da aliança, do “poder contar com” a presença da amiga. Isso foi vivido por muitas das colaboradoras de pesquisa, seja no uso do silicone, no acompanhamento e perda de amigas em decorrência do HIV ou do mal uso do silicone industrial. Michele lembra de uma amiga que morrera após ter sido internada:

Tava internado! Pra alegrar, né?! “Bicha, eu não sou mais piranha, bicha!”
 Eu: é sim, olha lá o bofe querendo te fazer... e faz sem camisinha, bicha, troca de vírus. “Bicha, para!” Aí o bofe que estava na cama, aí ele começou a rir, que ele entendeu o que eu tava falando. Aí eu cheguei perto dele: “Ei, você não pega ela não?!” (ele) “Eu acho que eu já comi ela.” Comeu aonde, simenino? “Aqui!”. Oh, ele tá falando que já te comeu. “Esse bofe sujo, ele me comeu aonde?!” Aí eles ficaram conversando, se enterteram, né?! Depois o bofe num morreu, gente?! (Michely Coutinho, 23/02/2016)

Cuidar da amiga no momento de enfrentar as consequências do HIV. O relato de Michely dimensiona como a existência de uma rede de cuidados entre as amigas trans funcionou nesses momentos de enfrentamento ao HIV-Aids. O simples fato de estar no

²⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 43-73

²⁷⁰ RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2013. p. 17

²⁷¹ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*, p. 57

hospital, de estar presente em um momento em que o afastamento, o abandono e a solidão parecem ser a regra, já é uma ação fundamental.

Importa compreender, então, como são vividas e quais são essas práticas relacionais que constituem as subjetividades trans. Nesse caso, sendo uma prática coletiva, vivida sempre na relação com o outro, no caso das trans, geralmente a outra, tem-se a formação de uma subjetividade, uma histórica forma de sujeito.

Considerando que a liberdade foucaultiana não é da ordem da liberação, mas sim da constituição dos sujeitos, as relações que possibilitam, potencializam e garantem a realização de projetos de existência constituídos em redes, ainda que normativas, ensejam possíveis práticas de liberdade. É o que Foucault chamaria de liberdade ética, considerando que a ética é o trabalho por meio do qual o sujeito constitui a si mesmo.²⁷² É, portanto, uma liberdade que permite com que femininos e feminilidades sejam elaboradas em corpos culturalmente definidos como masculinos. Ainda que as normas de gênero e sexualidade sejam reatualizadas nessas experiências, são outros corpos que a produzem, portanto, criando novos e diferentes sentidos; produz-se efeitos imprevisíveis, proliferando subjetividades que ao mesmo tempo subvertem e reiteram as normas que supõem romper²⁷³.

Foucault defende a ideia de práticas de liberdade no lugar da noção de liberação, entendendo tais práticas como a possibilidade de constituição da subjetividade, pois apenas a liberação não seria suficiente para conferir a constituição de subjetividades libertárias, na medida em que as relações de poder ainda estariam presentes²⁷⁴. Dito de outra forma, trata-se de um exercício de mapeamento dos caminhos que tornam possíveis formas históricas de subjetividades nomeadas como trans.

Na busca desse mapeamento, percebe-se que a amizade é um dispositivo, ou seja, um conjunto de práticas discursivas e não discursivas²⁷⁵, que concorre para os processos de subjetivação. A partir disso e com o intuito que contribuir para a reflexão, ainda insipiente sobre o lugar, o papel e os sentidos da amizade na contemporaneidade, questioneei a existência do amigo ou da amiga e, em última instância, o que seria uma amizade.

²⁷² CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. Ingrid Müller Xavier; rev. Técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 247

²⁷³ Marcos Benedetti apresenta uma reflexão sobre o tipo de feminino construído pelas travestis, e defende a existência de um feminino travesti, que seria diferente do feminino das mulheres. Ver: BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 95-96

²⁷⁴ CASTRO, Edgardo. Op. cit., p. 246

²⁷⁵ Idem, p. 337 (Ver também o verbete “Dispositivo” - p. 123 – 124)

As respostas a esse questionamento trouxeram uma questão relevante: a formação de uma gradação hierárquica que permitiria a qualificação do outro como amigo, colega ou conhecido.

Nessa hierarquia dos afetos, o amigo seria aquele mais próximo, alguém com quem se pudesse partilhar uma “amizade verdadeira”, ter uma relação de intimidade. Nesse caso, a intimidade estava relacionada ao acesso à casa, às histórias consideradas íntimas. Assim, a amizade é inventada como uma relação pautada no tempo e no grau de intimidade.

Então, amigo é aquela coisa que eu te falei, assim, é... e que você quer compartilhar o íntimo seu, é que você quer estar em contato, que mesmo estando longe, você quer estar em contato. (Wanessa Lóes, 18/10/2015)

(...) os amigos, que pode vir aqui pra minha casa; fala assim: “Ai Aretha, posso ir pra sua casa hoje?”, Pode! Fica lá em casa, entendeu?! Tem essas coisas assim. (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

Eu digo que a amizade é uma planta, você vai regando ela, né?!, a cada dia, e ela tem o dom de crescer, dar frutos, e espero que não morra, né?! (Áquila Araújo, 18/02/2016)

Outro elemento fundamental, a afinidade, foi entendida como esse sentimento constituído a partir do compartilhamento da intimidade e de interesses em comum. A ideia de afinidade foi acionada para explicar que experiências diferentes não formam uma mesma subjetividade. Na explicação de Wanessa, evidencia-se um distanciamento e a pluralidade de subjetividades que proliferam a partir da experiência comum de ser considerada como uma dissidente sexual (e de gênero):

(...) eu não tenho amizade com lésbica e travesti. Lésbica porque eu num tenho muita afinidade, entendeu?!, eu não tenho afinidade com lésbica; e, os travestis, é.. tem aquela coisa, é.. eu quando... eu quando eu passei a usar roupa de mulher, eu passei a andar com travestis de lá da rua; tudo falava em Carnaval, sexo pra lá, sexo pra cá... e sexo, orgia, é Carnaval... era só isso o papo. Então, eu não me sentia naquele núcleo, apesar de tá achando que eu era ali, porque eu tava com roupa de mulher. E no fundo eu sempre ouvia: “Ah, você acha que é mulher!” Eu sempre ouvia isso. Então, cansei de ouvir isso de travesti; então, eu tenho algumas amigas transexuais, que eu tenho muita afinidade, que é transexual mesmo... (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Em sua narrativa a afinidade funcionou duplamente: para justificar seu afastamento de determinados sujeitos – lésbicas e travestis -, e a aproximar de outros – gays. Ela explica que suas melhores amigas são com homens gays.

Tenho mais; eu criei essa afinidade mais com os gays. (...) As mulheres também, eu tenho, eu gosto de tá com as mulheres, converso... mas não

chego a ter amigas, como eu tenho com gays não, amizade mesmo é só com gay. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Ainda que ela tenha alguma aproximação com mulheres heterossexuais, o destaque recaiu sobre seus amigos gays, pois seria com eles que ela se identificaria mais: “ Mas eu também é... eu me identifico com gay também, que é o outro lado, entendeu?!” O afastamento produzido por Wanessa em relação às travestis buscava situá-la fora da prostituição, já que sendo vista e percebida como travesti ela estaria inscrita nesse espaço que não era vivido por ela: a prostituição. Assim, buscar uma rede de amigos que são gays cisgêneros pode ser uma forma de garantir algum tipo de aceitação e vinculação a outras redes na cidade.

Ainda que alguns fatores como a geração, a renda e até mesmo o local de moradia pudessem interferir nesses processos, a afinidade e a intimidade aparecem mais conectadas a uma compreensão e a um cálculo de poder contar com a pessoa amiga nos momentos de dificuldade - de saúde, financeira ou emocional -, dito de outra forma, o que pode aproximar pessoas semelhantes ou muito diferentes é a disponibilidade de engajar-se com o outro no enfrentamento das batalhas cotidianas.

Aretha também recorreu à afinidade para redimensionar a noção do tempo nas relações de amizade. Em sua fala, a afinidade é um dispositivo capaz de produzir uma sensação de um tempo vivido. Para ela, “a amizade tem a ver com afinidade, sei lá. Tem gente que você conhece a vida toda e não é amigo; e tem gente que você conhece hoje e vira seu amigo da vida inteira. Eu acho que é isso”. (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

A ideia de que a amizade estaria ligada ao tempo cronológico é recusada na descrição de Erickah e Anna Laurah, que preferiram apostar na intensidade para justificar a existência de amizades com pouco tempo de existência:

Não, eu acho que tem a ver... sabe?!, eu acho que amizade tem a ver com afinidade. (...) É a mesma coisa, assim. Conheço, Oi, tudo bem?! E tal, acabou. Posso simplesmente, conhecer alguém... assim, conhecer a pessoa há anos e não ter nenhum contato, né?!, pessoal, mais íntimo com essa pessoa (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Não... tem a ver com intensidade, tem a ver com alma... quando elas se batem, não adianta, que não tem tempo. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Wanessa ofereceu um exemplo de como o tempo vivido em proximidade não garante o surgimento de uma relação de amizade. Ela fala de uma pessoa que também é trans, é sua vizinha e se conhecem desde a infância, ou seja, há um longo período de convivência e

aproximação, além de algumas semelhanças nas experiências de gênero, mas isso não garantiu a permanência da amizade. Como Wanessa explica:

Ela é minha amiga de infância, dessa época. Entendeu?! Mas, hoje em dia, é o que eu te falei... eu não tenho... ela é minha amiga de infância, mas hoje em dia o nosso mundo, assim, ela no mundo dela e eu no meu, assim... eu ando com gays, e ela anda com as travas lá da 21, mas a gente se fala, entendeu?! Até porque a gente se conhece desde a infância. Mas amizade... apesar da gente ter passado a infância junto e coisa, e nos dias atuais de hoje não... entendeu?! Eu não fico... É o que eu te falei, eu tenho amigos gays... eu não tenho... eu não... eu não tenho afinidade assim. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

A falta de afinidade atribuída por Wanessa liga-se à ideia de uma trajetória de vida socialmente aceita, inscrita nos termos de uma conduta moral aceitável. Por outro lado, a afinidade pode ser vista como algo menos programado e analisado, pode simplesmente ser algo que acontece a partir da empatia:

Eu acho que, entendeu?!, assim, você olhar pra... você olhar pra uma pessoa e ... e, como eu tenho amigos assim até hoje, eu olhei e simplesmente me identifiquei totalmente, porque eu acho que, é... eu acho que a alma gêmea é isso, é você se identificar no outro, né?! Então, eu falo que meus amigos são as minhas almas gêmeas, assim... eu tenho muitas. Né?! Eu tenho muitas vidas, né?! (...) Então, eu tenho muitos amigos que são perfeitos, sabe?! É...muitas amigas mulheres perfeitas; homens, amigos homens, que são perfeitos, sabe?!, assim, de que me escuta, que me entende, sabe o tom da minha voz, que eu não tô bem. Sabe?! Sabe o meu jeito... (Erickah, 28/10/2016)

A amiga ou amigo para ser considerado como “perfeito” deve saber reconhecer detalhes, como o tom da voz. Nessa noção de amizade, o repertório usado para qualificar o amigo se liga a algo que transcende o ordinário, capaz de estabelecer um vínculo mágico que coloca duas subjetividades em contato e garante um fluxo de afetos de cuidado e atenção para com o outro, mesmo quando aparentemente se está em um exercício da solidão. Seria uma amizade feita vitamina, conforme descreve Danichi Mizoguchi²⁷⁶, aquela amizade capaz de alimentar, fortalecer e somar.

A solidão torna-se um espaço de existência e cria possibilidades de encontros. Esses “encontros” podem ser de duas ordens: os “que nos dão alegria são aqueles que aumentam a

²⁷⁶ MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016. p. 207

nossa potência – as “potências aumentativas” –, enquanto os geradores de tristeza – as “servidões diminutivas” – a diminuem.”²⁷⁷

Durante as entrevistas foram narradas histórias de encontros que geraram potências de vida, impulsos de criação, como no caso de Wanessa e Anna Laurah; bem como aqueles geradores de tristeza, lembrado por Luciana, mas não menos potentes em sua capacidade de criação. Apenas Débora e Luciana atribuíram parte de sua solidão e tristeza ao uso de drogas. Com sérios problemas de saúde e vivendo praticamente sozinha em um cômodo de sua casa, Débora falou com tristeza: “Aqueles que você viu lá em casa no dvd são tudo falecida”(24/08/2015). Neste momento ela fez referência às amigas que teve à época da juventude, nos anos de 1990, e passou a descrever como elas morreram: com facadas, doenças, tirou, estrangulamento²⁷⁸.

Com o passar dos anos, não restam mais amigos e amigas. Aqueles e aquelas que fizeram parte da trajetória de Débora, por exemplo, já não estão mais presentes fisicamente. As amigas vivem no dvd em que ela guarda as fotos antigas e aparecem na modesta televisão de 14” suspensa por um suporte fixado na parede de seu quarto. Essas imagens guardadas no disco de dvd são a lembrança que permitem alimentar a memória e construir uma história de si, ainda que breve; tanto mais por serem o registro de uma época de ouro, que muitas vezes aparece na fala de Débora como “naquela época”; em que tudo seria mais fácil, mais organizado, mais gostoso, tudo era sempre mais do que está hoje.

O sentimento nostálgico tempera os fios da memória sugerindo uma vida repleta de afetos positivos, de um tecido afetivo que permitiu a continuação da vida mesmo em ambientes hostis. Em outros momentos, entretanto, ela reclama de um gosto amargo, principalmente quando fala do uso de drogas, da “cabeça fraca”, da imaturidade, que seria responsável por sua decadência, criando para ela uma vida de dor e sofrimento.

²⁷⁷ ROSA, Susel Oliveira da. A amizade como forma de “cuidado com o mundo” na trajetória de Nilce Cardoso e Delsy Gonçalves de Paula. In: *Mnemosine* Vol.5, nº1, p. 95-116, 2009. p. 97

²⁷⁸ Esse modus operandi de assassinatos de travestis e transexuais não parece ter sofrido grandes mudanças desse período descrito por Débby para os dias atuais; cerca de duas décadas já se passaram, mas os fatos são atuais. Sobre as diversas formas de violência contra travestis e transexuais, consultar as pesquisas de Fábio Henrique Lopes, “*Corpos trans! Visibilidade das violências e das mortes*” e de Roberto Efrem Filho “*Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT.*”

EFREM FILHO, Roberto. *Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. Cadernos Pagu* 46), janeiro-abril de 2016: 311-340.

LOPES, Fábio Henrique. *Corpos trans! Visibilidade das violências e das mortes. Revista Transversos*, v. 5, p. 08-22, 2015.

Já Luciana associa sua entrada no universo das drogas ao momento em que passou a transitar pelos circuitos da prostituição. Com uma carga de inferiorização sobre si mesma, Luciana não hesitou em se qualificar como “uma drogada. Isso, certamente, está em sintonia com a marginalização em curso na nossa sociedade sobre as substâncias consideradas como drogas ilícitas. Quando perguntei se ela poderia falar um pouco sobre o assunto, a resposta veio em tom de pergunta, desabafo e com um riso triste e aflito:

Falar o que?, que eu sou uma drogada?! É, Rafael... você sabe que é complicado, né?! Você sabe que a gente é muito carente, né?! Não sei se você é assim. O nosso mundo é um mundo muito solitário. (...) É, o mundo gay. É um mundo muito solitário, um mundo de poucas oportunidades; acho que tem que ser como você mesmo, é meter a cara... estudar; como eu fui... hoje eu poderia ter meu carro, poderia ter uma vida. Como eu te falei: eu já ganhei dinheiro, eu já ganhei dinheiro mesmo... poderia ter meu carro. Já tive uma moto; não vendi por causa das drogas, vendi por opção, que eu já tava enjoado mesmo dela, entendeu?! Só que a gente se sente muito carente, muito sozinho e, a nossa vida... a gente que vive de rua é uma vida muito louca. Eu, pra mim ir pra rua, eu tenho que me drogar antes, porque eu não consigo ficar naquela rua, sã. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Luciana sugere, em seu discurso sobre a solidão e a carência, uma subjetividade, a de “drogada”, produzida em função da experiência da solidão, sendo esta provocada por sua condição trans. A falta de afeto, emprego, dinheiro, dentre outras, foi o que a aproximou das drogas. Aquilo que ela qualifica como “mundo gay” parece estar mais ligado ao universo trans, pois ela mesma percebia que quando trabalhava na Prefeitura precisava criar estratégias para não ser percebida enquanto trans, pois fica evidente que como “gay” ela seria aceita, mas como trans não, evidenciando com isso a permanência dos privilégios cisgêneros e a existência de uma dinâmica transfóbica. O corpo trans instaura uma ruptura com o sistema de gênero que está além da dinâmica da sexualidade. É como se a homossexualidade de um gay cisgênero pudesse ser silenciada com sua performance de gênero masculina, garantindo uma circulação menos sinuosa do que a feita pelas trans. A estratégia encontrada por Luciana era provocar um curto circuito nesse sistema normativo, esgarçando algumas regras e produzindo-se de forma a confundir as pessoas, que ficavam na dúvida se ela era uma “mulher, se era sapatão, se era homem”. Essa foi uma das situações que retificam o que tem sido denunciado pelo movimento trans: a hierarquização entre cisgêneros e transgêneros; e que mesmo na diversidade presente no universo LGBT, há uma predominância do padrão cisgênero binário, em que o masculino e o feminino criados a partir do padrão socialmente estabelecido têm ganhado alguma aceitação.

O caso de Luciana sugere que nessa hierarquia, as trans não têm ocupado lugar de destaque, além de evidenciar a ideia de que lugares de ocupação que exigem habilidades intelectuais ainda são pensados a partir de uma lógica de gênero e sexualidade. E nesta lógica, não cabe às trans um cargo de professor ou professora.

Esse tipo de situação concorre para que Luciana tenha como possibilidade de vida o espaço da prostituição historicamente definido como de abjeção, marginalidade. Nesse contexto, Luciana atribui um sentido para o uso de drogas como uma possibilidade de suportar aquilo que lhe parece insuportável e que a subalterniza, definindo-a como indigna, inferior. Como ela mesma diz:

Eu não gosto de pista, não me sinto bem... É... como que eu vou dizer?! Rua é pra quem gosta. Tem as que gostam realmente. Aquilo ali, acho que pra mim... vou até bater na boca 3 vezes, porque eu dependo daquilo dali hoje... eu até tenho medo de falar... assim, não cuspir no prato que você comeu. Entendeu?! Mas, que é... aquilo dali, que é pra mim deprimente é, sabe?! Você pegar homem sujo, você pega homem gordo, você pega homem com o pau todo cheio de sebo, sabe?! E tão te pagando, você acha que... eles... eles acham que você é obrigada a fazer o que eles querem. Você leva garrafada, você leva bolsada de coco, bolsa de mijo, ovo podre... (...) A única coisa que eu sofri ali foi uma garrafada, aqui óh (mostra a marca que tem no rosto, acima dos olhos). Tem ainda uma marquinha aqui... (aponta para a parte superior dos olhos) (Luciana Campos, 16/11/2015)

São essas experiências que constituíram uma determinada Luciana que percebe as sinuosidades da vida trans e ainda assim garantiu que caso tivesse que nascer de novo, gostaria de ser “veado” e ser travesti, mesmo reconhecendo as dificuldades que enfrenta por ter “peito”. O ser “veado” apareceu como um termo agregador para contemplar todos que não são heterossexuais e a travesti seria uma dessas variações. No caso de Luciana, a experiência do feminino institui sua travestilidade, mas antes disso e ainda hoje em algumas situações, ela é também “veado”.

Por outro lado, Andréa também acionou o dispositivo da solidão para dar sentido a outros repertórios na constituição de si.

A gente transexual, a gente somos muito sozinha. Os transexuais são muito sozinhas! A gente é ligada muito uma pra outra; a gente somos muito afetiva, somos muito mãe, gosto do lado mãe, de... a gente somos muito ligadas à família, a gente somos muito ligada às... a gente passa a ficar muito próximo a sobrinho, à irmãs, essas coisas... a gente somos muito assim: afetiva, dentro de casa, amor de mãe, essas coisas... a gente é muito ligada à casa. Pra isso eu gosto muito do ciclo das transexuais, que é o meu mundo. (Andréa Castro, 29/02/2016)

A questão da solidão apareceu para dar sentido a sua experiência e ainda a constitui como algo ligado à afetividade e à dimensão do que é ser mulher: o lado maternal é um elemento que integra o repertório de construção de si no feminino como uma mulher transexual. O chamado ciclo das transexuais é o grupo de amigas de Andréa que faz com que a solidão seja partilhada, e responsável pela formação de redes de amizade, de modo a torna a vida possível, habitável, suportável.

Para Andréa essa rede é formada pelas iguais. São pessoas que partilham expectativas e experiências sobre a transexualidade. Essa rede que inventa Andréa permite com que ela defina a amizade como uma construção coletiva, vivida e partilhada entre aquelas que são subjetivadas a partir de experiências comuns com o corpo, com os desejos e afetos que modulam uma identidade de gênero tecida coletivamente.

Além de tornar possível uma circulação de afetos doces em meio à solidão, a sensação de estar em contato com alguém que vive a mesma experiência é algo apontado por Andréa como fundamental, pois só assim se consegue uma troca justa, em que se recebe tanto quanto pode oferecer. A troca de confidências é um elemento integrador. É interessante notar, ainda, como ela compara essa relação a algo familiar, na medida em que o lugar da família é visto como esse de afetos fortes e verdadeiros. Segundo Andréa, nesses grupos, a troca de confidências sobre si é partilhada por todas:

Eu participo de um na internet, de um grupo que nós transexuais criou, chamado “Mulheres do 3º Milênio”; é um grupo só de transexual resignada e não resignada, que é a operada e que não é operada. Que vão operar. Então, a gente coloca vários vídeos, é um grupo fechado. Só quem entra, nós... não tem homem, não tem mulher, só transexuais. Então, a gente comenta só sobre nós. Aí uma bota vídeo, por ser um grupo fechado, da cirurgia, como é que foi, como que está, as dilatações, como é que tá o acompanhamento. Aí fala: “Óh, eu fiz... 6 meses... já tive minha primeira relação sexual”, sabe?! Então, a gente mostrando esse universo, uma coisa que a gente se desabafa uma com a outra. (Andréa Castro, 29/02/2016)

Se em tempos passados essas escritas de si eram feitas nos diários íntimos e por meio da troca de missivas, hoje parecem assumir sua forma atualizada nas redes sociais, particularmente o *Facebook* e o *Whatsapp*. É por meio dele que muitas trans se fazem vistas, mantêm contato com amigas que foram para a Europa ou constroem uma imagem de si como a que foi lembrada por Joyce ao comentar a visualização do perfil do *Facebook* de uma concorrente do concurso Musa Gay de Campos, no qual ela foi jurada:

Já foi... no ano ... eu fui jurado esse ano. é ... eu entro no Face dela eu vejo... elas quando vão dormir, que deixa alguma coisa no Face, eu vejo ela muito... é... assim... as coisas que elas deixa, é muito assim, sofrimento. Eu acho

que... você acha que elas não queriam ter essa vida?! (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Joyce acredita que muitas trans têm uma vida muito sofrida e por isso algumas têm atitudes ruins com ela. Ela observou que este sofrimento está explicitado, por exemplo, nas postagens que elas fazem no *Facebook*. Assim, esta ferramenta de contato virtual, torna-se, também, um espaço para constituição da imagem de si vista pelos outros.

O *Facebook* foi a rede social citada por quase todas as que são alfabetizadas e possuem internet, em notebooks ou no celular, como um espaço de interação, em que glórias e tristezas são compartilhadas com “as amigas”. Os corpos feitos com silicone, as idas aos bailes de Carnaval, pagodes e outras festas, as roupas “belíssimas”, os lugares visitados, enfim, é toda uma sorte de eventos que são compartilhados no *Facebook*, aos quais as amigas, próximas ou distantes, podem ter acesso. É uma forma, também, de apresentar a si mesma como alguém que está tendo conquistas na vida. Percebi isso, particularmente, quando as trans que estão em Campos falam de suas amigas que estão na Europa: Itália, Portugal, Espanha, Suíça.

Ser europeia tornou-se um status no universo trans, particularmente aqueles ligados aos circuitos de prostituição de travestis no Brasil. Flávia Bonsucesso Teixeira reitera que:

A experiência de ter vivido na Europa (ou mesmo conhecer alguém que tenha realizado a viagem) integra as conversas que circulam nas calçadas, salões de beleza, clínicas de cirurgia plástica e nas casas, alimentando o desejo de muitas outras que esperam um dia atravessar o Atlântico.²⁷⁹

Em Campos dos Goytacazes a Europa também era vista como uma ascensão na “carreira trans”²⁸⁰, uma etapa importante na criação de si com uma obra de arte. Segundo Renata, hoje em dia as coisas não estão dessa forma em função da crise econômica mundial, mas antigamente não era assim. Esse tempo de antigamente corresponde à última década, pois foi quando Renata também teve a oportunidade de ir, mas preferiu ficar no Brasil, em função dos vínculos familiares²⁸¹. Além da possibilidade de modificar o corpo, e tornar-se “toda plastificada”, a ida para a Europa assumia um sentido de vencer na vida. E assim produzia-se um rótulo:

²⁷⁹ TEIXEIRA, Flávia Bonsucesso. *L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. Cadernos Pagu* (31), julho-dezembro de 2008:275-308. p. 277

²⁸⁰ SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes – RJ (2010-2011)*. Universidade Estadual do Norte Fluminense (dissertação de mestrado em Sociologia Política): Campos dos Goytacazes/RJ, 2012. p. 101

²⁸¹ A relação entre as subjetividades trans e as famílias é abordada na 3ª Parte.

Tinha, aqui em Campos era como fosse um status, né? Fulana é europeia, fulana é europeia, veio da Europa; foi pra Portugal, foi não sei pra onde, e tal; voltou, tudo plastificada, ela tinha um rótulo... Várias meninas daqui foram embora! Foram! Tem amiga minha... eu tenho amigas que moram... eu tenho Amanda, eu tenho Regina... Amanda mora em Barcelona, Regina mora na Espanha, em Madri, entendeu? São daqui de Campos; vieram aqui esse ano. (Renata Melila, 06/10/2015)

Essa forma de apresentação de si pautada em situações de glamour e riqueza, aparece nas publicações das amigas, que postaram fotos em pontos turísticos europeus, criando um sentido de poder e sucesso. É a forma de apresentar-se a si mesma como alguém que deu certo, alguém que venceu a empreitada de encarar o sonho europeu.

O glamour pode ser verificado, também, na apresentação de si por meio do nome. Chamada inicialmente por um apelido que lhe incomodava muito, Erickah se batizou com este nome no final dos anos 90. Inicialmente escolheu como sobrenome “Capriaty”, por considerar que era um nome que oferecia mais impacto. Mas depois resolveu mudar, e assumir seu sobrenome de registro: Gomes. Essa mudança ocorrera, segundo ela, em função de seu amadurecimento; mas, para não perder o glamour, o Gomes ganhou uma sutil alteração: “decidi mudar e colocar meu sobrenome mesmo, que é Gomes. Só que eu usei o Z pra dar mais... dar mais uma... um glamour. É... mas eee... coloquei Gomez e estou até hoje. Entendeu?!” (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Como destacou Renata, por meio do *Facebook*, ela tem contato e mantém uma relação de intimidade com muitas amigas que estão na Europa, como com Regina que:

(...) postou uma foto agora no *Facebook*, hoje, ela tá na Alemanha. Tenho duas amigonas minhas. Elas vieram aqui pra... pra comprar um apartamento, todas duas. Uma veio, logo depois a outra veio. Veio... E elas são amiguíssimas lá. E elas são maravilhosas. Ela veio pra comprar um apartamento aqui e pra trocar a documentação, entendeu?! Trocar, botar o nome feminino na identidade. (Renata Melila, 06/10/2015)

No final de 2015, o *Facebook* foi um espaço em que a rede de amigas, colegas e conhecidas trans na cidade de Campos ficou mobilizada em função de um evento: a agressão contra uma travesti em uma casa de shows de Campos. Conforme publicação do site G1 Norte Fluminense: “Travesti denuncia agressão de seguranças em boate em Campos, RJ. Yasmim Fazolly disse que foi expulsa por usar o banheiro feminino. Travesti alega que foi atingida por barra de ferro.”²⁸²

²⁸² Publicação feita pelo site G1 Norte Fluminense em 22 de novembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2015/11/travesti-denuncia-agressao-de-seguranças-em-boate-em-campos-rj.html>. Acesso feito em 16 de janeiro de 2017.

Figura 31: Travesti denuncia agressão de seguranças em boate de Campos, RJ.

22/11/2015 16h12 - Atualizado em 24/11/2015 17h09

Travesti denuncia agressão de seguranças em boate em Campos, RJ

Yasmim Fazolly disse que foi expulsa por usar o banheiro feminino. Travesti alega que foi atingida por barra de ferro.

Stella Freitas
Do G1 Norte Fluminense



Yasmim alega que levou seis pontos na cabeça após a agressão (Foto: Reprodução/ Arquivo Pessoal)

Uma travesti de 27 anos afirma ter sofrido diversas agressões de seguranças na última quinta-feira (19) em uma casa de shows de **Campos dos Goytacazes**, no Norte Fluminense. Yasmin Fazolly diz que homens da segurança a agrediram com uma barra de ferro, que abriu um corte na cabeça. O motivo seria o uso do banheiro feminino.

A confusão teria começado por volta das 4h durante um show nacional, quando Yasmim foi utilizar o banheiro feminino. Ela relatou que uma das funcionárias responsáveis pelo local

Fonte: Captura de tela a partir da publicação do site *G1 Norte Fluminense* de 22 de novembro de 2015.

O episódio mobilizou muitos usuários amigos de Yasmin que fizeram diversos comentários denunciando a transfobia; foram dezenas de comentários na página do *Facebook* de Yasmin, muitos dos quais apresentando solidariedade, proposta de união para denunciar o ocorrido e de enfrentamento a esse tipo de preconceito. Alguns dias depois, no entanto, a denúncia feita por ela em seu perfil pessoal do *Facebook*, bem como os comentários de apoio foram deletados, embora o caso tenha ganhado repercussão até mesmo fora da cidade com o apoio de Jaqueline Gomes de Jesus, que fez uma publicação em solidariedade à de Yasmin; esta postagem teve 12 comentários e 19 compartilhamentos.

A imagem que circulou em todas as publicações feitas pela internet foi essa em que o corte na cabeça de Yasmin aparece em destaque. Com isso, também, se reforça a noção das marcas do e no corpo como um aspecto que integra a corporalidade trans. Uma de suas

amigas do *Facebook*²⁸³ postou a mesma foto e escreveu o seguinte título: “A união faz a força amiga Yasmin Fazolly amizade é a maior riqueza do mundo”. Os comentários reiteravam a barbaridade do ocorrido e apresentavam palavras como: respeito, tolerância e amor. Apenas uma das amigas dessa rede virtual, que também é trans, elaborou um discurso reivindicatório dos direitos das pessoas trans, afirmando sua feminilidade:

Conte comigo pq isso é um absurdo, esse escroto tem q pagar por essa atitude, a boate também e a firma p qual ele trabalha tem q pagar o dobro pq minha miga sofreu essa agressão física porem tenho outras migas q forao discriminadas , entre outras atitudes, e todas ppr parte dessa mesma firma, isso nao pode ficar assim nao,
 Nós nao temos o direito de entrar num banheiro feminino? Pq? NAO ADIMITO ESSA HISTÓRIA DE BANHEIRO P TRANS N, PQ NAO OU DIFERENTE DE NINGUÉM, N ACEITO ISSO, nos somos mt mais mulher do que mtas ai, pq nos lutamos p chega e consegui nossos sonhos, nosso respeito, enfim, vamos nos unir pq isso nao vai ficar assim, quero ver agora as bunitas q falao q gostao de trans, gay, lesbicas, quero ver a carinha delas agora, isso e revoltante
 #revolta
 #irritada
 #somostodosYasminFazolly²⁸⁴

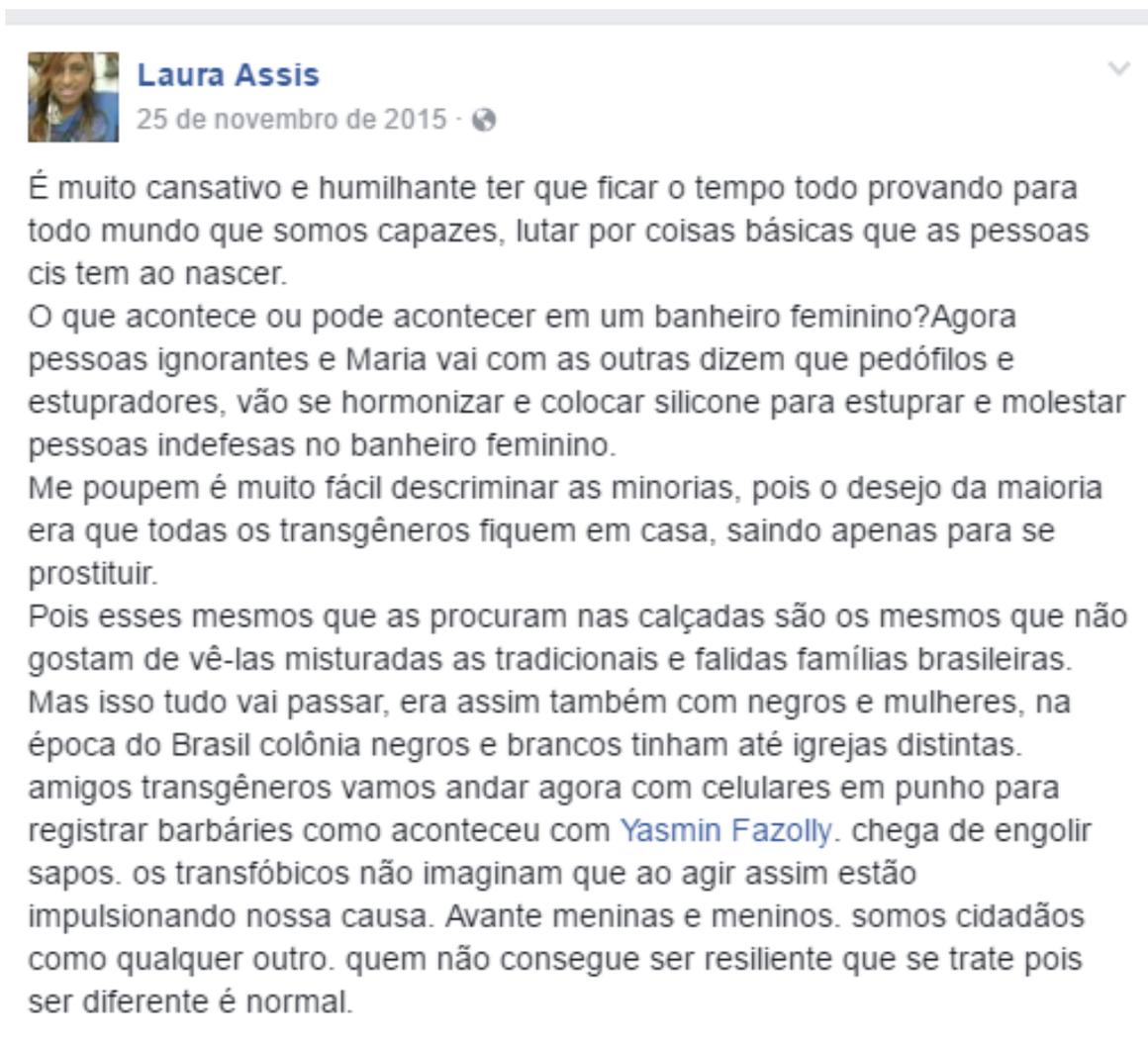
Nesta publicação os termos amiga e amizade produziram aproximação e solidariedade. Em outra publicação, Laura Assis²⁸⁵ convoca os “amigos transgêneros” para permanecer em constante alerta e denunciar todo tipo de violação sofrida.

²⁸³ Sobre as articulações políticas desenvolvidas no Facebook é válida a consulta à pesquisa de Thiago Falcão sobre uma comunidade virtual de universitários LGBTs organizada no Facebook. (FALCÃO, Thiago Henrique de Oliveira. *Memes, textões e problematizações: sociabilidade e política a partir de uma comunidade de LGBT universitários no Facebook*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2017.)

²⁸⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com> – Acesso feito em 16 de janeiro de 2017

²⁸⁵ Laura Assis é professora na educação básica em um município vizinho a Campos dos Goytacazes, onde assumiu a direção de uma escola no ano de 2016.

Figura 32: Comentário de Laura Assis sobre a agressão sofrida por Yasmin Fazolly.



Fonte: Captura de tela a partir da publicação feita por Laura Assis em 25 de novembro de 2015.

Em um dos comentários feitos a partir desta publicação de Laura, Renata Melila reforça a ideia de que elas devem se unir para lutarem contra o preconceito. Comentou Renata: “Estamos juntas nessa, e só para lembrar que no próximo ano tem eleição. Temos que refletir e aprender a votar, Porque nosso voto por mas que sejamos minoria faz toda a diferença. Parabéns pela iniciativa , bjs!!!!”²⁸⁶.

A esse discurso de união de afetividade, Erickah Gomez, estudante de Pedagogia do ISEPAM, agregou um elemento importante: a informação. Em sua publicação, ela apresentou um link por meio do qual seria possível acessar uma lei estadual 7041 de 15 de julho de

²⁸⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/carlosalberto.cabral.524> - Acesso feito em 16 de janeiro de 2017

2015²⁸⁷, sancionada pelo governador do Estado Luiz Fernando Pezão, que pune os estabelecimentos e agentes públicos que discriminarem pessoas por sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Figura 33: Publicação de Erickah Gomez sobre a agressão contra Yasmin Fazolly.



Fonte: Captura de tela a partir da publicação feita por Erickah, em 16 de janeiro de 2017.

Na pluralidade de formas de se falar sobre a amizade há também quem considere que o único e verdadeiro amigo é Deus. Juliana, que teve uma formação evangélica, produz um discurso desanimador sobre a possibilidade de ter amigas verdadeiras. A partir de um repertório religioso, ela cria um espaço de solidão em que nem a família seria capaz de participar:

²⁸⁷ Conforme publicação feita no site do Programa Rio Sem Homofobia, em 21 de julho de 2015. Disponível para consulta em: http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/noticia/ver/311_notadeesclarecimento-do-rio-sem-homofobia-a-respeito-da-lei-7041 - Acesso feito em 16 de janeiro de 2017

Hoje em dia é tão raro, né?!, a gente ter, a gente ter amigos. Amigo eu falo, pra mim, é Deus, primeiramente, que é meu Senhor, que eu amo demais, a minha mãe também, e minha família também, que é na necessidade, que eu percebo que eu tenho família... assim, se me matarem, aí vão querer saber porquê, que que aconteceu; se alguém me fazer mal... aí eu tenho família; se eu ligar e falar: “óh, isso, isso, isso...”, eu tenho, que todo mundo, que aí o instinto do sangue fala mais alto, mas se eu chegar... precisar de um feijão pra comer, precisar de um ovo frito, não tem não! Eu que me vire... (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

O vínculo consanguíneo é colocado como um afeto irreversível, capaz de oferecer apoio em situações limite, como a morte. Mais forte que o sangue, somente algo que transcende, ou seja, Deus. Além de ser o único e verdadeiro amigo, para Juliana Deus é quem pode definir sua vida; ela pode até ter planos, mas “vamo ver o de Deus, né?! Porque a Bíblia diz também que os planos de Deus nunca falham. Então, a gente deixa na mão de Deus, entendeu?!” (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

O lugar de Deus, da religião ou da religiosidade não foi minimizado nas narrativas trans. Todas elas indicaram ter algum pertencimento religioso: católica, umbandista, candomblecista, espiritualista ou evangélica. Titubeando com a imprecisão de quem lembra com vontade de esquecer, Erickah narrou um episódio em que passou na frente da Igreja Universal do Reino de Deus, no Centro de Campos e fora ofendida por um homem religioso. Negra, com mais de 1,80 de altura, cabelos longos e um sorriso sempre muito simpático, ela fez questão de falar abertamente que é umbandista e seu posicionamento de enfrentamento é uma forma de resistência; e foi isso que ela fez neste dia em que a memória não consegue precisar a data:

É... é o que... esses dias... é o que eu sempre falo, assim, já aconteceu comigo, de eu passar em frente a Igreja Universal uma vez, junto com ... eu acho que eu estava com Ariel, eu acho que eu estava com Ariel! Não, eu já tava, eu já tava trans já... é... eu tava com alguém... tava passando de bolsa, dando risada, num sei o que, num sei o que lá... me vem uma pessoa com um folheto, “Jesus te ama”... Aí eu fui, peguei o folheto,.. Ela me deu o folheto... “Você também”. Aí, quando foi... eu virei e peguei.. Nisso, uma outra pessoa começou a rir. Eu falei “tá pregando a palavra, tá rindo por que?!” Fui, voltei... “Vamos ali”... fui voltei... “se é pra discutir religião, então, vamo embora!” Aí eu falei assim: “Não entendi porque que você riu!”. “Não, eu não ri de você não!”. Não, você riu de mim sim; você olhou pra mim, que eu tô com a outra e riu, você riu de mim sim... eu não entendi porque que você riu; você não tá aqui pra poder pregar?!, você não tá aqui pra poder passar a palavra de Deus?! Todos nós não somos filhos de Deus?!. Ele... “Mas Deus, num sei o que, num sei o que lá...”. ..: “Mas Deus não aceita o homossexualismo”. Eu falei: homossexualidade. E outra, aonde que tá escrito que Deus não aceita? Ele veio falar com você que não aceita? Ele mandou e-mail, whatsapp, alguma coisa assim?!, pra dizer que não aceita.

“Vocês está debochando da religião!”; Não, meu querido... assim como você conhece a Bíblia, eu também conheço, e a Bíblia diz que aqueles que vivem dentro da Igreja, aqueles que conhecem a palavra, esses são possíveis de não entrar no reino dos Céus, você sabe por que?! Porque conhecem a palavra, mas mesmo assim, quando um homossexual passa na rua, cutuca o outro pra dar risada. E você acha que você tá salvo?! Que você tá muito mais salvo do que eu que sou um homossexual. Aí ele... baixou a cabeça e falei assim: É disso que eu gosto... Vamos amiga, virei as costas e voltei. Nunca mais ... nunca mais, passei por ele várias e outras vezes depois, ele.. baixou a cabeça. Não... eu falei... tá errado. Porque eu acho assim: se ... por que que?!,... eu pelo menos penso assim!; por que que uma pessoa que está lá.. Eu não peço... eu não faço nada demais, assim... eu não roubo ninguém... nunca matei ninguém... É... já ofendi algumas pessoas, porque as pessoas também me ofenderam... mas eu não tenho o porquê de eu não estar a salvo, entendeu?!, não tem porque de não pertencer ao reino dos céus, e uma pessoa que já matou, já roubou, estuprou, já se prostituiu, já fez isso, já fez aquilo... vai pra Igreja, bota a Bíblia debaixo do braço e diz que tá salvo?! Pelo amor de Deus, né?! (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

A conexão com o divino ou sobrenatural apareceu com frequência na figura de Deus, mesmo para quem, como Wanessa, que não têm uma religião determinada:

Não, não frequento nada, mas eu acredito em Deus. Eu converso muito com Deus... É, tem aquela coisa também que todo mundo pensa que o gay, ele é de Umbanda e coisa... ele... Eu não gosto de Carnaval, eu não curto Carnaval, eu não sei sambar... Então, quando eu falo que eu não sei sambar... “Você não gosta de Carnaval?! Você não sabe sambar?!” (Wanessa Lões, 16/10/2015)

Ao fazer esse apontamento, Wanessa demonstrava seu incômodo com a ideia de que as religiões afro-brasileiras, com a Umbanda e o Candomblé, são mais acolhedoras com as trans. Essa constatação de Wanessa e as narrativas de Juliana sobre sua aproximação com a religião cristã evangélica contribui para desnaturalizar um lugar comum que determinar quais seriam as verdadeiras experiências religiosas, de afetos e profissionais que comporiam as subjetividades trans. Juliana, Wanessa e Erickah são exemplos do quão fragmentada e imaginada são as “identidades trans”, bem como as formas de amizade tecidas por elas.

Para Juliana, que vê o verdadeiro amigo como Deus cristão, a descrição apresentada para qualificar uma relação de amizade é próxima daquilo que as demais interlocutoras indicaram como sendo o coleguismo e conhecimento.

Amizade seria é... dar um bom dia, se você precisar de uma carona, eu te dar; ou, se você precisar de um atendimento médico, você me levar, me ajudar.. Eu tô passando mal, pow, me leva no hospital, por favor... Pra mim amizade é isso daí, pra mim amizade é isso, é você ser solidário... solidário; é você ser solidário ao próximo, mas de você conviver 100%, hoje em dia tá raro isso... Isso é final dos tempos, é bíblico isso. (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Isso porque para Juliana:

(...) amigo, colega, pra mim é tudo a mesma coisa... tudo fica englobando junto, engloba junto, entendeu?! É, é ser humano... é aquilo que eu te falei... não é homossexual, não é travesti, é um ser humano, se eu puder eu vou ajudar, e se eu... vou pedir ajuda da mesma maneira. (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Apesar de produzir essa aproximação, Juliana resume todas essas relações criando um ponto comum para a amizade: a solidariedade. Diferentemente das demais interlocutoras que qualificaram a amizade como uma possibilidade de experimentar a intimidade, Juliana acionou a possibilidade de identificação com a humanidade do outro, como uma forma de produzir a amizade, dispensando a necessidade da intimidade:

Não é meu amigo, nem é meu colega... você passa, você me dá preservativo... você tá fazendo um ato solidário muito melhor do que de repente um amigo meu de anos, tá entendendo onde eu tô querendo chegar?! (...) amigo seu é que cuida de você, às vezes nunca te viu... que te dá um copo d'água quando você passa, isso que é amizade. Você ajudar uma pessoa que você não conhece; você ajudar só porque você conhece, é fácil, entendeu?! (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Intimidade, tempo, empatia, cuidados e solidariedade foram os principais elementos acionados para qualificar uma relação de amizade, diferenciando-a das demais, como coleguismo e conhecimento. Todas essas formas de relacionar-se com o outro parecem pressupor a existência de um elemento que Paulette considera como fundamental: a sinceridade. Para ela, “uma pessoa amiga é uma pessoa sincera, né?!, que... não seja falsa. (02/03/2016). A noção de sinceridade apareceu como uma forma de dizer a verdade sobre si mesmo, de mostrar-se sem pudores para o outro, o amigo e assim estabelecer a confiança. Falar a verdade sobre si como atestado de confiança no outro é o que define a sinceridade. Erickah explica como ocorre esse processo:

(...) porque eu acho que pra mim... pra mim o que vale, o que é válido é você ser sincero, não importa o que...o que você tem, o que você é, a pessoa que você seja. Entendeu?! Eu acho que você tem que ser sincero comigo sempre. Então, se não há sinceridade, não tem porque haver confiança. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

A amizade é como uma taça de cristal, feita sob o fogo da sinceridade. Uma vez quebrada a taça, jamais pode voltar a ser a mesma coisa. A chama que deu forma à taça, não pode ser acesa novamente; a taça pode até ser colada, mas aquele sopro único que deu forma ao cristal, não pode voltar. Paulette falou de seu amigo a partir de uma linguagem do familiar;

o Jonas, “que era como um irmão” e Juma fala do amigo como aquele que a ajudou em um momento de dificuldade:

Não é?! Então ele mostrou que ele realmente é meu amigo. Então, eu não, não... não creio que, que, que outras coisas assim, que vá mudar não; nossa amizade é muito sincera. Quando eu vou fazer alguma coisa; comprar uma televisão, primeiro eu tenho que consultar ele, primeiro. (Juma Oliveira, 06/10/2015)

Nas falas de Juma e ainda remetendo ao que foi dito por Fabiana, a amizade foi traduzida como um esforço de cuidar do outro nos momentos de dificuldades, de dor e sofrimento. O amigo foi nomeado como aquele que ajuda, dá suporte material e emocional, que está próximo para “ajudar”, oferecer cuidado e promover a melhora.

É importante notar, entretanto, o contexto em que tais falas estão sendo proferidas: elas estavam passando por momentos de dificuldades com sua saúde: Juma estava longe de sua cidade de origem, internada em uma Casa de apoio para pessoas que vivem com o HIV, e havia recém-descoberto a infecção pelo vírus; e Fabiana, cuja história apareceu narrada no início dessa tese, estava muito debilitada, precisou ser internada e viveu apenas mais dois dias no hospital – sem conseguir se alimentar, ainda estava nas ruas tentando fazer programas para conseguir algum dinheiro.

Foi, portanto, desse lugar de afetação pela doença, pela solidão e por outros afetos tristes que elas elaboraram suas narrativas sobre as amizades e os amigos. Trazer para o texto esses afetos vividos pelas por elas no momento das entrevistas contribuem para desfazer a ideia de que a objetividade do documento é necessariamente fria, distante e neutra. Os sentimentos de tristeza e amargura pelo desaparecimento daqueles tidos como amigos em outros momentos de suas vidas, quando elas estavam bem, no auge, permearam as falas de Juma e Fabiana. Foi comum ouvir delas que para sair, beber e “fazer a farra” se tem muitos amigos, mas na hora que “precisamos mesmo” todos somem. Por isso, talvez, Juma tenha dito, logo no início da conversa sobre amizade, que:

Porque hoje em dia amizade não é só eu chamar você pra tomar uma cerveja, você me chamar pra tomar uma cerveja; amizade é na hora que você mais precisar de mim, eu tá ali pronto pra te servir, ou você me servir. (Juma Oliveira, 06/10/2015)

Todas essas trocas que ocorrem nas relações de amizade funcionam no processo da produção das subjetividades trans. Ao falar sobre as amizades, os amigos e suas trajetórias de vida as trans estão criando a si mesmas. Falar sobre o amigo, daquilo que é entendido como seus defeitos e suas qualidades é uma forma de narrar a si mesma; nesse sentido, o amigo é

descrito como um outro eu e é acionado como parceiro das escritas de si. Em uma elaboração complexa, datada e repleta de nuances de poder, negociações e dominação são estabelecidas regras, normas e limites para a construção da amizade; há um protocolo, bastante flexível, sobre como se deve agir com um amigo ou amiga.

O ponto comum é a ideia de uma aproximação íntima em que o outro, o amigo ou a amiga pode ter acesso ao “eu mais verdadeiro”, o que permitiria que essa relação seja classificada como sincera. É evidente, porém, que esse acesso não é gratuito. Uma espécie de pacto em que há uma série de compromissos tácitos a serem cumpridos pelo “outro” para que esse possa assumir a posição de amigo.

Esses códigos da amizade são partilhados e construídos pelas pessoas que compõem a rede e mesmo que muitas coisas não sejam ditas, todos sabem, de alguma maneira, como devem proceder com o outro. Isso constitui um repertório de ações que instituirá uma hierarquização dos afetos, e foi justamente a partir dessa nomeação dos afetos que o outro pode ser qualificado como um amigo, conforme apresentado anteriormente, ou como um colega ou conhecido. Nessa hierarquia não há necessariamente uma exclusão em que a negação de um constitui o outro. A dinâmica é melhor compreendida se a pensarmos enquanto potências de afetos que podem estreitar laços ou dissolvê-los. Quanto mais convívio e afinidade, maiores são as possibilidades de surgimento de uma amizade. A categoria colega surgiu como uma maneira de se referir àquelas pessoas que participam da vida em comum, mas com quem não se tem uma relação de proximidade cotidiana. A convivência, ou seja, a partilha do dia a dia, tornou-se um elemento chave para compor a ideia de proximidade, intimidade e confiança, conforme narrou Áquila:

(...) colega que dá bom dia, boa tarde, boa noite, mas não convive com você, né?!, então, a gente repara assim nessa vida quando é colega... Igual os homossexuais mesmo é... é... tem sim os amigos que tão com a gente toda dia, mas tem pessoas, tem homossexuais que a gente conhece, quando passa... então: oi amor, beijinho e tal... então, são colegas. (...) Não tem aquela afinidade próxima, aquele negócio de estar com você todo dia. Até porque pra ser amigo não precisa estar com você todo dia junto. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

O colega é alguém que ainda não aderiu ao pacto da amizade, portanto, ele ainda não pode ser identificado como alguém com quem se pode partilhar a intimidade; ele não está próximo o suficiente, mas pode ascender na hierarquia dos afetos e tornar-se um amigo. Esse colega pode ser, também, alguém que tenha rompido o pacto.

Se por um lado poderia se argumentar que essa lógica da amizade não tem nada de novo e está muito distante da proposta de amizade enquanto um programa vazio e aberto, conforme proposto por Foucault; por outro é preciso reconhecer que todo esse processo corresponde aos modos de vida criados por sujeitos trans. Nesse processo de produção amizades, o gênero e a sexualidade tornam-se um elemento importante, pois fazem parte da ideia de identificação, de correspondência, de não precisar explicar-se e, o que me parece mais urgente: contribuem para a continuação da vida. Quando perguntei à Renata sobre a existência de diferença entre amigos, ela respondeu com segurança e firmeza:

Tem! Claro que tem. Tem amigos que são mais chegados, né?! Tem amigos que você... tem amigos e não tem aquela... eu só não tenho amigos homens; tenho colegas, amigos não! (Renata Melila, 06/10/2015)

Os homens, heterossexuais e cisgêneros, são os únicos que não são amigos de Renata; a eles cabe o espaço do colega. Renata discorreu sobre as suas amizades femininas construídas ao longo de muitos anos de convivência e a comparou com a relação que tem com a irmã; o laço de amizade como um equivalente ao consanguíneo ganha um status.

Ao destacar que essas amigas, que são como irmãs, são exclusivamente outras mulheres cis e trans, ela situa novamente seus laços com os homens enquanto uma relação de coleguismo. Ao realizar essa separação, Renata descreveu o que permite qualificar cada uma delas e inscreve a relação com o colega como aquela em que a intimidade e a possibilidade da presença imediata não são necessárias; o roteiro de interação é outro. Diferentemente das amigas e amigos, o colega é tratado de forma protocolar, de modo a garantir as relações de cordialidade, seja no ambiente profissional ou na vizinhança. Nas descrições sobre quem seriam as e os colegas, a distância afetiva, a falta de implicação ou engajamento com o outro foi o elemento que ficou em relevo.

(...) colega é aqueles que você encontra, se esbarra quando dá, quando acontece (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Tem o colega que eu vejo todo dia... tá lá na esquina. Daiane, Jennifer, fulano de tal... que é oi, tal, tal, conversa e acabou. Tem aqueles colegas que você tem mais intimidade, que vai na sua casa, você sai com eles... (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

(...) existe sim um colega que dá bom dia, boa tarde, boa noite, mas não convive com você, né?!, então, a gente repara assim nessa vida quando é colega... Igual os homossexuais mesmo é... é... tem sim os amigos que tão com a gente toda dia, mas tem pessoas, tem homossexuais que a gente conhece, quando passa... então: oi amor, beijinho e tal... então, são colegas. (Áquila Araújo, 18/02/2016)

Enquanto os colegas podem fazer parte da mesma rede trans, as amigas e amigos são aquelas cuja proximidade é efetiva e afetiva. Ou seja, o fato de compartilhar algumas experiências que conferem sentido às subjetividades trans, pode fazer com que seja estabelecida uma relação de colegas. Já o amigo faria parte de um repertório mais restrito, composto por poucas pessoas, que “você conta nos dedos”.

Eu, eu penso muito assim: amigo a gente conta nos dedo; colega ...viado arruma toda hora, onde vê arruma um colega. Passa... oi, oi... mas, amigo mesmo, aquela pessoa amiga, é, é... você conta nos dedos. Pelo menos é o que eu penso, né?! (Juma Oliveira, 06/10/2015)

E esses poucos contados nos dedos, para serem amigos realmente têm de estar presentes, caso contrário tornam-se colegas. Mais uma vez o cotidiano ganhou destaque.

É... é a diferença da... do... eu boto do dia a dia. Entendeu?! Um colega pra mim, um colega é você... é uma pessoa que você vê na noitada, aí você “Oi, tudo bem?!”, aí beijo pra lá, beijo pra cá... aí você curtiu e dançou e saiu, coisa... Agora, amigo não, amigo é o dia a dia, você liga, oi, á tudo bem? Como é que cê tá? Ah tá precisando de alguma coisa? Ah, você vai ao pagode hoje? Ah, óh, fulano faleceu, você vai no velório.. Ah, óh, pô, tô precisando de 100 reais, ou tô precisando de um dinheiro... não, eu tenho aqui pra te emprestar. Você foi lá, você devolveu, entendeu?! Então, eu acho que é isso aí, é esse... esse... ah... óh... Pô, descobri hoje que eu sou soropositivo, jamais eu vou falar pra minha família. E olha que a minha família me aceita. Um amigo, eu tenho um amigo, é esse amigo que eu vou falar... e vice-versa... ele também a mesma coisa. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Joyce, como muitas outras, inscreve essa diferença de um amigo para um colega a partir da vivência do cotidiano. A relação com um colega é caracterizada como aquela interação no social que não demanda a formação de um laço de intimidade mais profundo, embora também concorra para a elaboração de si. Já o amigo é aquele em quem se pode buscar o apoio para situações mais delicadas da vida, é aquele que pode lhe ajudar afetiva e financeiramente.

É... claro que tem, porque amigo é aquele que você conta tudo, né?!, é aquele que... como eu te falei, é pra tudo, é pra todas as horas. Colega é aquela coisa que você só encontra na festa, tá ali, você trata bem, te trata bem, você dá um cigarro, né?!, bebe no mesmo copo... (...) Mas é, é aquela colegagem, não é amizade de tá dentro da sua casa, até porque eu evito muito isso; até com os heteros mesmo, hoje em dia você tem que saber muito bem que põe... quem você põe dentro da sua casa; porque é um problema muito grande. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Nessa escala de proximidade há, ainda, aqueles que estão mais distantes da intimidade, ainda que partilhem espaços comuns de lazer, trabalho e vizinhança: os conhecidos.

Você é meu conhecido? Você é meu conhecido. Nós não temos amizade nenhuma. Você é meu conhecido. Entendeu? Amizade é aquele que conhece, conhece. (Débora, 24/08/2015)

Conhecido é aquela pessoa que você fala oi, opa, tudo bom?!, o vizinho, um filho de um vizinho, uma pessoa... é um conhecido, né?!, você conhece, mas você não tem intimidade, você não sabe da vida da pessoa. Não sabe nada da vida daquela pessoa. É um conhecido. Conhecido eu tenho milhões de conhecidos. (Renata Melila, 06/10/2015)

(...) e conhecido é aquele que dá olá, oi, vê em festinha dá oi, tudo bom, como vai... Entendeu?! (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Colegas, conhecidos... eu tenho muitos colegas, no qual eu me relaciono bem, mas, assim, não são pessoas com quem eu convivo; não são pessoas com quem eu saio, com quem... sabe da minha vida, sabe... frequentam minha casa, então, colega e conhecidos assim eu num... coisa não. Eu encaro como uma coisa muito distante mesmo; pra mim, colega e conhecido é tudo o mesmo. Entendeu?! (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Colega e conhecido é tudo igual. É uma relação de educação e gentileza, mas sem estreitamento dos laços de intimidade. Nessas relações com aqueles qualificados como colegas e conhecidos não se demanda a existência de confiança, ou seja, não se pode contar sobre a própria vida, levar à casa e ter muita intimidade com alguém que seja apenas um colega, esse papel é reservado aqueles que são amigos. E isso não está necessariamente ligado à dimensão temporal, pois uma pessoa que fora conhecida por muito tempo não necessariamente se tornará um amigo, pode continuar a ser um colega de muito tempo.

Nota-se, portanto, que as formas de nomear o outro, produzindo-o como um amigo, colega ou conhecido, é algo que envolve a criação de um repertório múltiplo e variado, em que diversos elementos como o tempo, a intimidade, a confiança e até mesmo a empatia são acionados para nomear os laço de afeto. Em geral os elementos citados aparecem em meio a um processo de conexão estabelecido por cada entrevistada. Se por um lado percebe-se uma regularidade ao tipificar as relações com os amigos como aquelas marcadas pela confiança, intimidade e aproximação (espacial e temporal), por outro nem sempre elas concordam que o tempo longo possa servir para aproximá-las daqueles que serão os amigos: nem sempre a amizade tem a ver com o tempo de convivência.

É ponto comum, todavia, que as relações de colegagem e conhecimento são as que demandam laços de proximidade mais fracos. Um colega ou um conhecido nunca é aquele com quem se pode partilhar a vida vivida; muito embora fique evidente que, muitas vezes, eles componham os espaços de trânsito que contribuem para a elaboração das subjetividades

trans, como os pagodes, quadras de escolas de samba, ruas de prostituição ou a vizinhança do bairro em que moram.

Bafão, beleza e bofes: conflitos, disputas e o fim das amizades

A ideia de que na amizade haveria somente um fluxo irrestrito de afetos e cuidados pode invisibilizar uma série de negociações, compromissos e engajamentos que sustentam esse vínculo e, portanto, os rompimentos, disputas, brigas, fofocas também estão presentes. Ou seja, o terreno da amizade não é isento de interesses, conflitos e embates. “Desigualdade, hierarquia e rupturas são componentes importantes da amizade.”²⁸⁸

A historiadora Anne Vincent-Buffault²⁸⁹ sugere, por meio de cartas e diários íntimos produzidos na França nos séculos 18 e 19, que a amizade não é sempre uma relação horizontal, pois há momentos em que esta pode envolver dinheiro, ajuda material ou dependência, deixando a relação mais delicada. Na troca de correspondência entre dois amigos, Vincent-Buffault percebe que:

Quando a relação de amizade envolve dinheiro, ajuda material ou dependência, a relação fica mais delicada. “A amizade dos dois passa por um período de esfriamento. A causa é a quitação de um empréstimo, o que cria um constrangimento entre os amigos.”²⁹⁰

Este relato do século 18, sobre a troca de missivas entre dois amigos aponta um acontecimento que pode desestabilizar o fluxo afetivo de uma amizade: o dinheiro; a dívida material passa a ser colocada como um possível elemento que desestabiliza a relação de amizade. Considerando a distância histórica, temporal e espacial, que separa esse contexto francês do século 18 e a cidade de Campos dos Goytacazes no século 21, a questão monetária permanece como um elemento que pode determinar os caminhos de uma relação de amizade.

Renata Melila pondera que as trocas materiais, particularmente aquelas que envolvem o dinheiro, são responsáveis pelo fim de uma amizade, pois colocam em questão a ideia de confiança, um laço fundamental para a manutenção da amizade:

²⁸⁸ ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 168

²⁸⁹ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 28

Existe um segredo muito grande pra amizade. Minha mãe me ensinou isso. Existe duas coisas que você não pode fazer. Você vai ser amigo dessa pessoa pra sempre. Conheço... existe dois segredos. É você nunca envolver financeiramente, não se envolver com a pessoa financeiramente. “Ah, me empresta um dinheiro, me empresta seu cartão!”; financeiramente. E, no lado sentimental. A menina vai falar pra você, que o marido não presta, que o marido... Você só vai ouvir. Porque ninguém gosta que fale mal do namorado. Mamãe sempre me ensinou isso. Não envolveu financeiramente, sentimentalmente, você vai ter amigos pra sempre. (Renata Melila, 06/10/2015)

Há, também, a possibilidade de o dinheiro ser um aglutinador, uma espécie de elemento chave que produz circunstancialmente amigos e amigas que parecem ser de toda uma vida, mas que são tão intensos quanto efêmeros.

Porque em amizade a gente conhece muita gente, quando tá enchendo a cara, tá praticando aquilo. Conhece muitos... ali sim, se diz tudo amigo, né?! É ali que você conhece, ali você diz que é tudo amigo, né?! Não é que você vai conhecer ninguém ali, é dali que você entra no meio do bolo, é todo mundo amigo, mas quando você tá com dinheiro, né?! Sem dinheiro, acabou, ninguém é amigo não. Tinha os amigos quando tava com dinheiro, né?! Na hora da farra, né?! (Débora, 24/08/2015)

Essa amizade por interesse também cria laços de afeto, aproximações e contribui para o desencanto. Constantemente a questão do interesse por questões materiais, como a possibilidade de ganhar algum dinheiro, presente ou regalia, é colocada como um elemento que contamina a relação de amizade. Segundo essa lógica que enquadra a amizade como uma relação pura, desinteressada e gratuita, o elemento “interesse” torna a amizade suja, falsa; instaura-se a desconfiança e a dúvida: aquilo é amizade verdadeira ou é puro interesse?

Ciente de que tal pergunta não deve ser respondida com um sim ou um não, mas problematizada, é oportuno analisar as circunstâncias em que determinadas ações são classificadas como de interesse. Ao relatar a existência de amigas que moram na Europa e daquelas que tinha no Brasil, Patrícia deixa sua voz com certo pesar, e sentencia:

E tem também aquelas amigadas do Brasil; só que muitas ficaram pra trás. Porque demonstraram esse interesse, entendeu?! “Ah, traz num sei o que pra mim?! Ai mulé, eu vi aquele negócio seu, me dá?! Ai, esse brinco seu é bonito, dá pra mim?!, lá você compra outro!”. Então, são coisas assim que te machucam. Meu Deus do céu, por que?! (Patrícia Lemos, 23/06/2017)

Entretanto, os conflitos decorrentes de transações financeiras ou mesmo as relações de explícito interesse material, não necessariamente determinam o fim de uma amizade. Luciana relata uma desavença com uma amiga e descreve como se relacionaram a partir desse evento:

Eu fazia o Miss Gay Campos.. aí, deu um rolo.. não tive o dinheiro pra pagar ela, e aí, no dia que eu falei com ela, que era pra ela receber, ela foi.. Eu passei por ela, esqueci, aí ela foi na minha porta dar escândalo, entendeu?! E eu com o dinheiro pra dar a ela, só que eu esqueci, no corre, corre do Miss Gay, entendeu?! E... entendeu?! Botei ela fora, por causa disso; nós levamos 8 anos, 10 anos sem se falar, mas nunca falei mal dela, ela nunca falou mal de mim, entendeu?! Antes, se eu tava aqui, se eu tava aqui.. ela sentava aqui... jamais saia por causa dela. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Entre amigos, mesmo em uma situação de conflito, há uma ética a ser mantida, uma ética dos amigos! E é justamente isso que pode garantir o retorno da relação de amizade, o reestabelecimento do vínculo de outrora.

Por isso que hoje a gente se fala, voltamos a se falar... Porque dessa vida a gente não leva nada; ninguém é melhor do que ninguém, você leva porrada, entendeu?! E... eu falei, Ah, tá na hora... eu também procurei e falei... Bicha, vamo acordar pra vida. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Segundo Edson Passetti, Foucault propõe a ética em oposição à moral, pois entende que as duas apresentam diferenças importantes:

A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar as ações e intenções referindo-se a valores transcendentais (é certo, é errado); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica.²⁹¹

Além disso, as trans evidenciaram que é muito difícil terem amizade com travestis, pois essas teriam “o ego muito alto”, voltadas exclusivamente para a beleza e, portanto, pouco confiáveis. Essa disputa por reconhecimento, ser vista como a mais bela ou a mais feminina faz parte, também, de muitos dos conflitos que surgem nas narrativas das entrevistas. Essa disputa no campo da beleza ocorre nas ruas de prostituição, no cotidiano e nos eventos como Miss Gay e Musa Gay do Carnaval, a partir do qual podem ocorrer algumas fissuras na amizade.

Débora que já é considerada uma das mais antigas, constatou que:

As bicha hoje em dia é tudo abusada, sabe como? Abusada! Porque tem umas que se dizem muito bonita, mas sabe que as bicha arma. Bicha invejosa demais arma pra matar a outra. Não, aqui não tem muito isso; na nossa época ainda tinha uma coisinha; mas Vitória, São Paulo, Rio, eles arma pra matar. Aliás, nem precisa fazer nada; eles olha: “Essa bicha é muito bonita”, eles arma e vai lá pra matar, entendeu? Até se tiver uma coisinha a mais. “Ah,

²⁹¹ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003. p. 52-3

arrumei tudo na rua”, Aí mata, arma pra matar. De repente, se der pra ficar com as coisas da bicha. Coração pra ter, posso te falar? Que eu não sei nem o que eu tô falando, é escolhido. (Débora, 24/08/2015)

Esses conflitos entre aquelas que ocupam os espaços de prostituição demonstram essa disputa pela beleza, pelo espaço e os clientes. E quando alguma é vista como muito bonita, ela deve saber negociar sua beleza para não ser alvo das “invejosas”.

A inveja, inscrita nessa dinâmica da beleza, carnaval e concursos foi o sentimento utilizado para descrever as situações de conflito.

Aí elas... as travestis já pensam diferente: “Ah, se ela é travesti pode, por que que eu não posso?! E eu vou fazer, ano que vem.. e esse ano, se tivesse Carnaval (2015), ia ter um monte de carnavalesco travesti, né?! E eu continuei na escola, mas é uma coisa que eu tenho a curiosidade de saber porque. E eu pergunto, e elas: “Não, não é nada não. É porque é assim mesmo, eu não sei.. as pessoas falam demais.” Eu falei, não, não pode, gente! Não pode... Eu sou na minha, eu me monto, eu vou pros pagodes, é por que? Eu não tenho culpa... Eu falando com elas: “Eu não tenho culpa”.. “Não, não é por isso de fazer vida, não tem nada a ver”. Mas eu não entendo, não entendo porque esse recalque todo, essa inveja toda.. será o que? De conseguir? Então era pra mim ter também; era pra mim tratar elas desse jeito, porque hoje eu não tenho prótese, a maioria que tem...porque alastrou, né?! Um monte tem... tem até bicha que nem parece travesti, botou prótese. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Joyce explicou como é seu trânsito pelo mundo do Carnaval na cidade de Campos e como isso tem provocado sentimentos diversos, principalmente a inveja. Essa lógica da competição por espaços de visibilidade e poder marcou o tom de sua narrativa.

Em todos os casos, o ponto comum é a ideia da amizade como um vínculo forte e ao mesmo tempo instável. Áquila sintetizou a ideia do que seria a amizade apresenta uma provocação:

Amizade é uma palavra muito forte. Eu creio que amizade, Rafael, é a pessoa que você pode contar no momento que você mais precisa. É... nesse mundo nosso a amizade até não impera muito entendeu?! Até porque, dentro do mundo homossexual existe muita rixas... entendeu?! Uma querendo ser mais bonita que a outra, entendeu?! (Áquila Araújo, 18/02/2016)

A força da amizade estaria, talvez, em sua capacidade de produzir um tecido afetivo e/ou uma rede cuidados capaz de garantir a continuidade e a proliferação de modos de vida não prescritivos em ambientes hostis às performances de gênero e sexualidade classificadas como anormais, abjetas, menos humanas.

Como foi apresentado, a confiança é um dos elementos centrais na qualificação do outro como uma amiga ou amigo. Essa relação envolve a partilha da intimidade, da casa e de

si de cada um. Há, portanto, uma expectativa em falar livremente sobre o que se vive, sem pudores ou medos de julgamentos. O rompimento desse pacto de amizade provoca uma fissura severa na relação de amizade, que como “um cristal que” se rachar, “de fato não tem como você colar novamente; confiança é dada apenas uma vez.” (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015). Isso ocorreu quando as relações amorosas estiveram em questão.

Esse seria o terceiro elemento que pode concorrer para o fim de uma amizade ou para a criação de uma inimizade. Michely lembrou que não quis partilhar com a amiga o “caso” que ela tinha, pois “eu tenho amizade em você, nem tudo da minha vida eu posso falar, gente, nem tudo.” (Michely Coutinho, 23/02/2016). E então a amiga descobriu o envolvimento amoroso de Michely com o rapaz que ambas conheciam. Então, Michely descreveu uma cena em que a amiga cobrava dela a falta de confiança para falar sobre o relacionamento. Aquilo que a amiga via como uma prova de amizade, a partilha da intimidade, Michely achava uma exposição da vida pessoal:

Aí eu falei com ela: “Ah, mana, você tá errada porque você mexeu no meu celular. E outra coisa, não sou obrigada a falar...”. “Pensei que a gente fosse amigas!” Eu falei: somos amigas, mas até certo ponto. “Mas é até que ponto?”. Até o ponto de você não se meter na minha vida com meu caso. Fui errado nisso? Eu fui errado? Aí ela: “Ah, mas...”. Falei assim: ele é meu caso, a minha amizade com você não mudou; só que ele é meu caso, e eu não quero expor meu caso! “Só que ele era uma galinha!”. Falei assim: era – passado, é - presente, poderá – futuro, são duas coisas que eu não posso viver: do passado e nem vou viver do futuro, eu vivo o presente, ele está comigo, ponto. (Michely Coutinho, 23/02/2016).

Não expor o seu “caso” significava não publicizar a relação que um homem cisgênero tinha com ela, uma trans. As implicações desse processo são várias, mas para Michely tinham apenas um sentido: preservar a intimidade e não partilhá-la sequer com aquela que era a amiga.

Portanto, nota-se que em diversas circunstâncias as brigas, tensões e conflitos fazem parte das relações de amizade. Helena destaca isso e concorda, mas adverte que há brigas saudáveis e outras que são insanas. Caso essa última modalidade se concretize seria o fim definitivo da amizade, demonstrando que aquela relação não era verdadeira, ou seja, que não era uma amizade de verdade. Uma relação verdadeira, digna de ser qualificada como amizade, sobrevive às brigas que ocorrem. Pois, se houver uma briga insana, a amizade:

E eu como boa canceriana, eu não dou só o dedo, eu dou até a metade do braço. E aí quando eu vejo que já tá passando, quando eu... Eu tô vendo que tá passando do limite, mas eu vou deixando, eu vou deixando, e quando eu

vou ver já passou, ultrapassou todos os limites e mais alguns. E aí é quando dá a briga insana. E aí (pausa para um suspiro dramático e de suspense)... complica, né?! (Helena, 11/07/2017)

Não volta! Posso até sentir falta daquela pessoa. Lembrar da pessoa e tal, mas magoada; eu sou muito fácil de me magoar e quando me magoam, eu não esqueço; podem passar 100 anos, mas eu não esqueço. Eu me lembro de detalhes. Até mesmo em relação afetiva: se me xingar, se me chamar... Português tem muito essa mania, né?!, de “puta, vaca... isso, aquilo, aquilo outro!”; português chama a mulher muito de vaca e puta. É... eu não esqueço, pode passar 100 anos. De todos os detalhes eu me lembro, de todos. Palavra por palavra. (Helena, 11/07/2017)

É, portanto, preciso entender a relação de amizade como uma dinâmica repleta de acontecimentos que nem sempre correspondem ao modelo contemporâneo idealizado da amizade como uma relação de fraternidade, cumplicidade de companheirismo mútuo. Reconhecer que as brigas, conflitos, invejas e a competitividade também são ingredientes da amizade, contribui para verticalizar o olhar e a compreensão sobre o que é (ou o que pode ser) a amizade e reconhecer seu potencial político, transformador e instável. Pois, como lembrou Andréa, o erro, o desentendimento, a falha são temperos para as relações de amizade: “Tem que ter o erro no meio da amizade também, porque se não... é um tempero.” (Andréa Castro, 29/02/2016)

Ademais, há momentos na vida em que as amigas e amigos podem ser tomados como uma família; elas e eles são acionados como um dispositivo de constituição de si tanto emocionalmente quanto psicologicamente. Durante a 1ª e a 2ª parte desta tese elaborei os processos de subjetivação das trans em Campos dos Goytacazes e ao analisar as entrevistas percebi como a família, seja a de origem, a de escolha ou a de amigas e amigos, apareceu como central em diversos momentos dessas trajetórias trans. Como lembrou provocativamente Anna Laurah:

Olha, eu Anna Laurah, hoje em dia, eu te digo que a minha família são os meus amigos. Eu conto mais com meus amigos do que com a minha família, porque se eu for depender da minha família, bicho, puta merda, na boa... Vou ser muito franca com você: se eu dependesse da minha família, hoje em dia eu tava na merda, na merda. E eu não tô falando que eu conto com os meus amigos financeiramente não, eu tô falando mesmo, emocionalmente falando, psicologicamente falando.. que muitas das vezes são quem me dão suporte. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

Desse modo, a última parte da tese foi dedicada para pensar e problematizar o lugar das famílias de origem nas experiências trans.

**3ª Parte- (Re) Pensar a família nas experiências
trans**

Capítulo 7

“De que família você é?”

O dito popular de Campos dos Goytacazes, “De que família você é?”, faz referência ao evidente tradicionalismo do uso do sobrenome para a identificação de pertencimento social e esteve ligado à emergência e manutenção das elites políticas e econômicas locais. O sobrenome que faz referência à família de origem, quando associado a grupos que ocupam espaços de poder, pode garantir a ocupação de um lugar de prestígio na cidade ou simplesmente o anonimato, que não se tem um sobrenome de prestígio com o qual se possa apresentar.

De todo modo, essa perguntar despretensiosa, mas repleta de significados, é um alerta para a reflexão sobre o lugar da família²⁹² nas experiências trans em uma cidade como Campos dos Goytacazes. Ademais, torna-se oportuna a reflexão sobre como concepção de família e as relações de amizade se imbricam, tencionam e criam possibilidades de existência trans.

Conforme apresentado por Ortega em *Genealogias da Amizade*, o século 19 torna-se cada vez mais familiarista, fazendo reinar a lógica do privado em oposição ao público, de modo que se produziu um enaltecimento dos vínculos familiares que, aos poucos, fazia perecer a potencialidade de outros arranjos relacionais, como as relações de amizade.

Anne Vincent-Buffault em *Da Amizade* dá destaque para esse processo no segundo capítulo de seu trabalho, em que problematiza o contexto que favoreceu o apagamento dos discursos sobre a amizade entre os séculos 18 e 19, na França. Segundo a autora:

A distinção entre amizade e relações de família tende a se esfumar, como se importasse menos conferir uma condição autônoma à amizade do que reintroduzir sentimentos amistosos entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs. É a intimidade, a confiança, que são propostos para ampliar a noção de amizade a relações de família em que se estabelece uma atmosfera privilegiada. A noção de livre escolha se esfuma em proveito da vida

²⁹² Para um debate vertical sobre as relações de parentalidade e a diversidade sexual e de gênero, consultar a pesquisa de Elizabeth Zambrano, “‘Nós também somos família’: estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual”. (ZAMBRANO, Elizabeth. “Nós também somos família”: estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2008.)

comum, da confiança e da felicidade encontrada no cumprimento dos deveres privados.²⁹³

Essa lógica vivida no século 19 delineia cada vez com mais precisão o modelo de intimidade, de vida privada que se quer restrita aos laços familiares, muito embora se deva registrar que como um modelo, ele não significa que seja respeitado por todos. Essas palavras introdutórias buscam conectar a amizade e a família a partir de uma historicidade que data do século 19, mas não pretendem criar uma continuidade nas relações de amizade e família de longa data. O intuito é fazer perceber que hoje, como no passado, amizade e família fazem parte de dos processos de produção dos sujeitos.

Aos enraizamentos das famílias, às localizações das organizações, opõem-se a fluidez das redes de afinidade, os acasos dos encontros nas sociedades urbanizadas, massificadas. Esse movimento não pode ser resumido à história do individualismo ou à solidão dos indivíduo que a era democrática inaugura. Amizade dos indivíduos, sem dúvida, mas amizade em que a alteridade toma lugar para que se multipliquem os sinais de reconhecimento sem pertencimento. (...) Pois a amizade revela as singularidades banais, as subjetivações fortuitas que o fim das sociedades de ordem vem “abrir”.²⁹⁴

Analisando o contexto da Europa Moderna, Maurice Aymard percebe a estreita relação estabelecida entre o parentesco e as relações de amizade²⁹⁵, em que essas últimas são fagocitadas pelas primeiras, passando a ser usada como um elemento para reforçar os laços parentais. Seria uma forma de controlar as potencialidades subversivas presentes na amizade? Ou apenas uma maneira de reiterar um modelo relacional baseado no parentesco? Independente da resposta, a questão é tanto os laços de parentesco, quanto os de amizade são inventados cotidianamente, portanto, são historicizáveis.

Esta observação de Aymard serviu de inspiração para refletir sobre uma imbricação semelhante que acontece na atualidade. À diferença da época Moderna focalizada pelo autor, na atualidade nota-se um deslocamento do repertório familiar para conferir legitimidade às amizades. Nas relações estabelecidas entre as trans, ocorre o processo de nomeação das

²⁹³ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 92

²⁹⁴ *Ibidem*, p. 231

²⁹⁵ AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 459

amigas como irmãs, mães e madrinhas. Tal constatação também é feita por Larissa Pelúcio²⁹⁶ e outras pesquisadoras da temática trans.

Afetado pela leitura de Vincent-Buffault e pelas análises provocativas de Ortega, observo que a realidade em Campos dos Goytacazes também ocorre uma imbricada relação entre as relações de amizade e as famílias das trans, seja pela consideração da permanência de vínculos consanguíneos em tensão e negociação com as amigas, ou seja pela adoção de um repertório discursivo familiarista para nomear e dar sentido às relações entre as amigas trans.

Nesse exercício reflexivo, não é possível que as relações de amizade e as famílias sejam tomadas como categorias a priori, dadas e cristalizadas. Pelo contrário, é ao longo do texto, das análises e das próprias narrativas trans que tais categorias ganham sentido, significado e potência explicativa. De modo que devo registrar, ainda, que a questão que mobiliza a atenção para esse capítulo não é a busca pela compreensão se as amigas podem ou não substituir a família, mas sim o interesse em entender de que maneira as famílias e as relações de amizade concorrem para a emergência das subjetividades trans; e também, destacar o acionamento do repertório familiar para conferir legitimidade e *status* para as relações de amizade.

Nesse sentido, quando o historiador Jeffrey Weeks²⁹⁷ nomeia as famílias formadas por gays, lésbicas, bissexuais e trans de “*families of choice*”, ele atribui novos sentidos à noção de família implicada pela experiência da orientação sexual e da identidade de gênero. Ao produzir essa nomenclatura o autor baseou-se no estudo feito pela antropóloga norte-americana, Kate Weston, que desenvolveu sua investigação sobre famílias gays e lésbicas na Baía de São Francisco, nos Estados Unidos, no início dos anos de 1990. Ela, como Weeks, identificou a emergência de um processo em que os laços de sangue perdem força nos contextos em que a diversidade sexual e de gênero aparece como um imperativo para a criação das “*families we choose*”, ou seja, dos laços familiares que são escolhidos pelas pessoas e não mais atribuídos pela ligação consanguínea. Todavia, há de se considerar que a família como escolha, ou de eleição, apareceu em oposição à família biológica, ou se sangue; dito de outra maneira, uma não existe sem a outra.²⁹⁸

²⁹⁶ PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

²⁹⁷ WEEKS, Jeffrey, et al. *Same sex intimacies: families of choice and other life experiments*. London and New York: Routledge, 2001.

²⁹⁸ WESTON, Kate. *Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona, Espanha: Ediciones Bellaterra: 2003. p. 71

Assim, essas análises de Weston e Weeks, embora construídas a partir de um momento histórico e social diferente da realidade investigada nessa tese, servem como inspiração para pensar e questionar a noção de família.

Nessa parte da tese apresento os caminhos narrados pelas interlocutoras de pesquisa para a construção de repertórios sobre as relações familiares. Portanto, é uma tentativa de compreender como as subjetividades trans foram tecidas, forjadas e inventadas por esses sujeitos em negociação com seus familiares e com o apoio, cumplicidade e incentivo das amigas e amigos cis e trans, dito de outro modo, parto das perguntas: Qual o lugar da família nas tramas da amizade? Quais os tipos de arranjos familiares incitam ou inviabilizam determinados projetos de existência? Como as relações familiares e os laços de parentesco são tecidos, negociados e tensionados nas experiências trans em Campos dos Goytacazes? O que podem as amigades frente à instituição familiar ou é possível ter amigos dentro da família? E de que maneira as relações de amizade tencionam, fissuram e recriam as famílias para as trans?

Elas sempre são expulsas de casa, mas eu não fui!

Em uma das primeiras etnografias produzida e publicada no Brasil²⁹⁹ sobre travestis a questão da família já aparece como um nó de pesquisa. Tendo realizado sua investigação no início dos anos de 1990, Hélio Silva destacou, em sua observação sobre as conversas entre as travestis que frequentavam a região da Lapa no Rio de Janeiro, que a família era sempre um tema muito recorrente. As narrativas oscilavam entre as histórias de acolhimento por parte da família ou as tristes lembranças do abandono, a expulsão de casa e o rompimento dos laços familiares. Em ambos os casos o autor descreve a tensão da manutenção dos laços com as famílias de origem. Nesse complexo jogo, para muitas travestis observadas por Silva (por vezes oriundas de uma cidade do interior do estado, ou mesmo de outras regiões do país) a família poderia ser um porto seguro, um lugar para se recorrer nos momentos de dificuldade, de busca de descanso³⁰⁰ e afeto, para posteriormente voltar às ruas de *batalha*. Até mesmo

²⁹⁹ Refiro-me aqui à dissertação de mestrado defendida por Hélio Raymundo Santos Silva no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro; “Lapa de travestis” foi o título do trabalho defendido por Hélio Silva em 1992, e que posteriormente foi publicado em livro.

³⁰⁰ SILVA, Hélio. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p. 73

para aquelas que em algum momento de sua trajetória haviam sido expulsas de casa, mas que posteriormente voltavam com recursos financeiros capazes de garantir a aceitação.

Referindo-se a esse contexto específico: uma capital de estado, e ex-capital federal, e dialogando com travestis que trabalhavam na prostituição, Hélio Silva aponta para uma ideia que vai se difundir e cristalizar no imaginário social: a de que as travestis são recorrentemente expulsas de casa logo na adolescência e encontram nas ruas de prostituição a acolhida, carinho e afeto de outras travestis.

Na pesquisa realizada com travestis em Salvador entre 1996 e 1997, o antropólogo sueco Don Kulick afirmou que na adolescência, entre os 11 e 15 anos de idade, começam os investimentos e intervenções corporais, como a ingestão de hormônios, adoção de cabelos longos e roupas e acessórios como saias, vestidos, brincos e pulseiras. Essa fase marcava a saída de casa, por abandono ou expulsão³⁰¹ e o afastamento em relação à família de origem. Em alguns casos esses laços poderiam ser refeitos posteriormente se o processo de transição for bem-sucedido e essa travesti conseguir angariar um capital financeiro que lhe permita oferecer ajuda e apoio para suprir as necessidades familiares. Ainda segundo Kulick, a saída de casa é o marco de um processo de construção do feminino no corpo das travestis³⁰².

Constatação semelhante foi feita por Josefina Fernández sobre as travestis na Argentina; como o pesquisador sueco, a antropóloga argentina destacou que o afastamento da família se dava entre os 13 e 18 anos de idade, portanto ainda na adolescência, e significava o início de uma nova vida, dito de outra forma, correspondia ao abandono das roupas e acessórios masculinos, e a adoção do gênero feminino, além do ingresso nos universos da prostituição.³⁰³

Como se vê, portanto, a compreensão que associa as experiências trans ao rompimento dos laços familiares possui respaldo na literatura sobre a temática, bem como pode ser reiterada nos diversos depoimentos atuais vistos nas mídias. Registra-se, entretanto, que tradicionalmente essa literatura e outros discursos foram produzidos por homens e mulheres cisgêneros.

Portanto, é preciso, oportuno e produtivo desconfiar da naturalização desses discursos. Essas histórias não podem ocultar muitas outras narrativas que indicam caminhos, articulações e redefinições das relações familiares nas e com as trans. Quero, com isso, dizer

³⁰¹ KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 78

³⁰² *Ibidem*, p. 80

³⁰³ FERNÁNDEZ, Josefina. *Cuerpos desobedientes: travestismo e identidad de género*. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 88-9

que as negociações dos laços familiares também compõem as experiências trans, como observado em Campos dos Goytacazes, o que contribuiu para específicos modos de investir e intervir sobre o corpo, para se nomear e transitar pela cidade. Não migrar para grandes centros ou capitais, permanecer em sua cidade de origem e com isso não romper com os laços biológicos que deram origem às relações de parentesco são processos que afetaram as trans de Campos dos Goytacazes. Como demonstro a seguir, houve casos de trans que vivem na mesma casa desde a infância, portanto, com a mesma vizinhança e são acolhidas por todos familiares, ou apenas por alguns; outras foram expulsas de casa e criaram formas de lidar com a família, foram acolhidas por amigas e amigos. Não se trata, portanto, de negar a exclusão, as violências e tensões vividas, mas apenas de desconfiar de que essa trajetória seja comum a todas e, o que pode ser pior, que seja algo natural e óbvio.

De que maneira foi tecido o entrelaçamento das experiências trans, as famílias de origem³⁰⁴ e as relações de amizade? Quais os arranjos afetivos, relacionais e familiares que podem ser inventados? Trata-se, portanto, de refletir sobre essa possível articulação entre família, amigos e experiências trans considerando que a amizade “encontra-se além do direito, das leis, da família e das instituições sociais, representando uma alternativa às formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas”³⁰⁵. Como alternativa, ela pode assumir o lugar da família ou existir concomitantemente; em ambos os casos criou-se uma complexa, densa e imprevisível dinâmica relacional que permite problematizar e repensar os lugares, os sentidos e os significados da família para as trans.

Ortega propõe, já no encerramento de *Para uma política da amizade*, que a amizade seja reinventada fora do monopólio do imaginário familiar³⁰⁶. Proponho, em contrapartida, perceber como a ideia de familiar que figura nas amizades trans significa uma recriação da noção de família, bem como perceber que essas amizades ofereceram um suporte para a conjugação das experiências trans com as famílias de origem. Com isso, contribuo para repensar a cristalizada noção de que a exclusão e afastamento da família são experiências que necessariamente fazem parte da trajetória de vida das trans.

³⁰⁴ Não abordarei as formações familiares empreendidas pelas trans, mas sim as famílias de origem, particularmente com os pais biológicos, irmãos e avós, pois foram esses os personagens que apareceram em destaque nas narrativas registradas ao longo da pesquisa.

³⁰⁵ ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Sinergia, Relume Dumará, 2009. p. 89

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 115

Foi difícil, mas minha família me apoiou

Sally Hines destaca que o apoio da família foi fundamental para suas interlocutoras de pesquisa³⁰⁷ que iniciaram a transição ainda na adolescência, bem como para aquelas que fizeram uma transição tardia, depois dos 40 ou 50 anos³⁰⁸. Muito embora, ao longo de suas entrevistas, ela tenha percebido que: “Para muitos participantes dessa pesquisa, a transição de gênero afetou negativamente a relação com seus pais e outros membros da família” (tradução do autor)³⁰⁹, ou seja, mesmo que a família tenha oferecido esse suporte afetivo e material para o processo de transição, o efeito do processo teve um impacto negativo nas relações familiares. A dificuldade em lidar com as experiências trans permaneceu como um obstáculo; é como se as pessoas trans estivessem sempre sob suspeita. Ainda assim, foi comum casos em que as próprias pessoas trans fossem as responsáveis por oferecer suporte para a família, e assim construir o processo de aceitação³¹⁰.

Sally Hines constatou em seu estudo sobre pessoas trans no Reino Unido no início dos anos 2000, a importância dos amigos e amigas nos processo de transição de gênero. “O Material empírico apresentado no livro apresenta como as relações de amizade são centrais para as pessoas que estão vivendo a transição de gênero”.³¹¹

Recorrendo a uma literatura em língua inglesa, com estudos feitos desde a década de 1980³¹² sobre a importância dos amigos para pessoas não heterossexuais, Hines inscreve sua pesquisa nesse grupo de investigações que contribui para preencher uma lacuna sobre as amizades nas trajetórias de vida de pessoas trans.

Ser um suporte para a família implicava em construir-se como uma referência, criar uma conduta que fosse vista e reconhecida pelos demais membros do grupo familiar como ilibada, sob a qual não pudessem ser apontados erros. Sally Hines explica que no contexto

³⁰⁷ Hines desenvolveu sua pesquisa entrevistando 30 homens e mulheres transexuais no Reino Unido; todas brancas e de classe média, tendo iniciado o processo de transição de gênero na adolescência, vida adulta ou velhice, demonstrando, portanto, um amplo espectro de possibilidades para a experiência trans nos diferentes cursos geracionais.

³⁰⁸ HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 47

³⁰⁹ Ibidem, p. 151 (Tradução do autor. No original: “For several participants in this research, gender transition impacted badly upon their relationships with parents and other family members.”)

³¹⁰ Ibidem, p. 153

³¹¹ Ibidem, p. 41 (Tradução do autor. No original: “The empirical material that informs this book also shows that friendships are central to the lives of people underdoing gender transition”)

³¹² Ibidem, p. 40

norte-americano, muitos gays e lésbicas, no final dos anos de 1980, atribuíam à ideia de “sair do armário de modo correto”³¹³, demonstrando que a homossexualidade não era algo ruim, negativo.

Nessa busca por criar um espaço para si, de reconhecimento, Patrizia, hoje com 39 anos, investiu em formação escolar e profissional. Em sua narrativa, ela explicou que ao ser expulsa de casa pela mãe aos 14 anos fez questão de mostrar para sua mãe e toda a família que ela se diferenciava da imagem atribuída a outras pessoas da família que eram “bichas” como ela:

Então, assim, a minha família já tinha muito orgulho de mim, por que? O meu primo não estudava, outro era ladrão, outro tava preso, um tinha sido morto a tiro porque vivia no tráfico e o... desculpa o termo... mas, o “veadinho” aqui saiu de casa, trabalhou, passou aperto, cresceu estudou, se formou, e ninguém nunca tinha o que falar. A única coisa que falavam é que era bicha. Aquela coisa: “Ah, é bicha! Mas, fulano é bicha, fulano é bicha!” Sim, é bicha, mas estuda. Fulano é tão calminho, né?! É bicha mas é tão calminho, não tem problema, né?! (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Essa ação de Patrizia pode ser percebida como uma prática de si empreendida e possibilitada em um contexto de intensas relações de poder. Essa concepção de poder, como foucaultiana, não está ligada à clássica ideia de dominação, controle e submissão; para Foucault, ele é sempre uma categorial relacional e é efetivamente “a relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro”³¹⁴ e de si mesmo, sendo, portanto, uma relação em que há a possibilidade de resistência. Os envolvidos nesse processo devem, necessariamente, gozar de certo grau de liberdade.³¹⁵

O movimento empreendido por Patrizia pode ser tomado como uma prática de si, na medida em que : “(...) essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social.”³¹⁶ Para Patrizia, a estratégia possível de construção de um lugar para si na sociedade e no meio familiar foi essa escolha pela independência econômica, ou, como ela enfatizou: “Então, eu acho que o ser humano

³¹³ HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 103

³¹⁴ FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 276

³¹⁵ *Ibidem*, p. 277

³¹⁶ *Ibidem*, p. 276

tem, por obrigação, entendeu?!, ter certas responsabilidades com si mesma. Sei lá, você não pode esperar que teu jardim Amanheça florido, se você não regar um dia antes.”

Uma técnica e uma ética de si permeou a experiência trans de Patrizia. Sua fala sobre o jardim florido, que faz lembrar o texto shakespeariano “O menestrel”, foi usada para conferir sentido à história de vida narrada durante a entrevista em sua residência em Bérghamo, na Itália. Uma ética de si para consigo mesma foi apresentada por ela a partir do enfrentamento da sociedade, uma luta constante para superar os obstáculos que a sociedade lhe apresentou e uma certeza: a educação é aquilo que pode lhe garantir um futuro melhor.

A educação escolar formal, materializada na vida de Patrizia por meio da escola da educação básica e a formação em um curso técnico de informática, ambos cursados em escolas públicas de Campos dos Goytacazes, foi o caminho descrito por Patrizia como precursor de uma afirmação de si. Essa educação, conjugada com o trabalho foi usada para lhe garantir uma conquista de respeito frente a sua família, como ela mesma descreveu por diversas vezes.

Campos dos Goytacazes nos anos de 1990 foi percebida e descrita por Patrizia como extremamente egoísta e violenta, e por isso ela entendeu que o enfrentamento era a única saída possível para se manter viva. Nessa batalha constante e diária, a escola foi percebida como esse espaço desafiador, mas também de garantia de direitos.

Espaço de afirmação, formação e desafios, a escola foi lembrada por Patrizia e outras trans como o último lugar de acesso antes do rompimento dos vínculos institucionais com a sociedade dita “de bem e respeitável”. Para Patrizia, todavia, foi também um espaço de afirmação, pois:

Eu tenho certeza que se eu não estudasse, se eu não corresse atrás de um trabalho, se eu não corresse atrás de... de insistir nas escolas, com os professores que me rejeitavam, que tentavam dificultar até, muitas vezes, a minha... o meu ano letivo. Eu não tinha conseguido. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

E mesmo no espaço escolar os enfrentamentos não foram atenuados, como lembra Renata:

É como eu tô te falando, é... eu já passei algumas coisas, mas eu sempre tive esse respeito das professoras, entendeu?! De ser um aluno muito bom, muito dedicado, muito carinhoso, entendeu?! Então, eu consegui, eu consegui abrir essas portas, cê tá me entendendo?! (Renata Melila, 06/10/2015)

Esta fala de Renata é produzida no mesmo diapasão das proferidas por Áquila, sobre a necessidade de o homossexual ser o melhor, ser aquele que se destaca, que tem uma

performance no trabalho e na escola que é impecável; isso faria com que as agressões e reprimendas por parte dos professores e colegas de trabalho fossem minimizadas. É como se a sexualidade e/ou o gênero percebidos como desviantes precisassem ser atenuados por um destaque nos estudos e/ou no desempenho profissional. Isso faz parte de um repertório acionado para defender a aceitação.

Criar-se em oposição às expectativas direcionadas a uma “bicha” foi a maneira discursiva que ela encontrou para se inventar como alguém que enfrentou a abjeção a que estava sujeita. Nesse enfrentamento, a busca pelo reconhecimento da posição econômica de destaque. Poder ajudar financeiramente a mãe era uma forma de criar outro espaço no contexto familiar. O resultado, segundo Patrizia, foi a posição de sua mãe e irmãos em sua defesa:

E a minha mãe sempre soube valorizar a minha pessoa. “Sim, meu filho é, mas meu filho estuda, meu filho trabalha, meu filho traz dinheiro pra mim no final do mês (e) me ajuda. Não tem obrigação porque ele tem a casa dele, mas ele vem aqui em casa, sempre deixa um [bo]cado de dinheiro comigo.”

É, mas isso foi comigo. Tanto que eles falam: “Você fez isso na nossa família; você fez. Porque a nossa família não era assim. Era preconceituosa, tratava mal, era homofóbica.” (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

A escola e a família eram preconceituosas e homofóbica, a cidade não foi diferente. Entende-se, com isso, que a aversão se dava em função da transgeneridade. Nesse momento histórico em Campos ainda não se utilizava o termo transfóbico ou transfobia, por isso em diversos momentos a homofobia aparece nas narrativas da interlocutoras da pesquisa para nomear as situações de medo, vergonha e agressão. Em um dos momentos delicados da entrevista, Patrizia se lembrou com a afetação de quem experimenta o sentimento vivo no corpo e na memória, e descreveu com riqueza de detalhes o acontecimento de uma noite de sexta-feira no final da década de 1990. Narrando com a dor de quem sente o passado atualizado no presente constantemente ela conta sua história:

Eu tava chegando da escola, dia de 6ª feira. Tava tendo pagode em Goytacazes, e tinha blitz ali perto do Parque Imperial, então eles entraram naquela rua de casa, naquela rua que dava em Donana assim, né?!, pra poder... como é que fala?! É... É... cortar, né?!, a blitz, né?! Aí me viram. Eu tava de vestidinho curtinho, branco, peitinho já, né?!, porque já tinha, na época... Me lembro perfeitamente, nunca vou me esquecer daquele dia, nunca vou esquecer. Aconteça o que acontecer; eu acho que até o dia que eu tiver Alzheimer, eu vou ter Alzheimer referente a qualquer coisa da minha vida, menos referente àquele dia. Porque foi o único dia que eu quis morrer. Eu realmente, eu quis morrer. Foram 4 homens, eles me colocaram nessa posição assim [de 4]... eu fiquei nessa posição assim: um aqui, um aqui, um

por trás e um na frente; eu levava cotovelada, joelhada, soco de todas as partes; cigarro por cima de mim o tempo todo, arame farpado. Tinha um pedaço de arame farpado no chão, eles puxaram, dobraram, meteram em cima de mim, tanto que eu tenho um rasgo, talhos assim... No meu peito aqui, eu faço bronzemente, justamente pra esconder, mas que se eu virar e mostrar bem pra você vê que eu tenho várias cicatrizes de corte, de queimadura. Aqui no meu rosto aqui, vazou na época, fez um buraco. Tanto que eu cheguei pedir a morte. Eu já não aguentava mais de tanta dor, tanta dor... eu não aguentava mais tanta dor. Eu queria realmente a morte. E chegou até no momento que eu levei, não sei se foi um soco ou se foi um chute, que eu levei na cabeça; e ali eu só vi aquele clarão assim, e não lembro mais. Aí eu só lembro que eu tava no hospital com tudo, toda enfaixada, coisa aqui... E a minha mãe gritava, gritava desesperadamente. Ela era desesperada. Eu não conseguia ver ela, que eu tinha o olho tão inchado, eu tava com meu olho tão inchado, que eu não conseguia ver ela, eu só escutava a voz dela. Eu tava com... ia fazer 18; 17 pra 18 anos. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Essa lembrança de duas décadas parece estar cada vez mais viva em Patrizia; além das marcas no corpo, que jamais a deixam esquecer, as violências contra as pessoas trans habitam esse cotidiano mais simples e corriqueiro. Ao mesmo tempo em que registrava o horror das violências sofridas, ela se lembrava do desespero da mãe. Esse caso descrito por Patrizia apareceu com outras tonalidades e personagens nas narrativas trans, que em comum guardam o sentimento de abjeção que espreita esses corpos.

Essa arte de conduzir a vida e produzir a transformação no contexto familiar marcado pela cisheteronormatividade³¹⁷ não é uma tarefa simples, tampouco tem garantia de êxito. Entretanto, na narrativa de Patrizia, além das situações de violência e abjeção, houve a presença marcante, a aproximação afetiva com outras pessoas trans e isso foi apontado como uma das justificativas para a transformação ocorrida na família. Patrizia explicou que foi ela quem fez a aproximação de sua mãe com o chamado universo trans, pois antes de saber que Patrizia não seria um menino gay cisgênero, sua mãe já tinha contato com pessoas trans que moravam no mesmo bairro e muitas das quais eram amigas de seu tio, que era gay. Ela lembra que isso era fonte de desconforto para a família. Segundo ela, quem direcionou essa mudança do ódio ao amor, foi ela mesma.

A minha mãe já jogou o carro em cima de Carla, pra atropelar Carla, porque Carla foi chamar meu tio lá no portão. E hoje em dia a minha mãe ama Carla. Porque conheceu Carla melhor através de mim; tá me entendendo?! Então eu acho que tudo também depende... é o que eu falo... depende da

³¹⁷ VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016. p. 57

gente. A gente não pode esperar que tudo caia do céu; que tudo que cair do céu tá bom, tá ótimo. Não! a gente tem que correr atrás também, tem que suar um pouco também. Se não a gente passa pela vida, não vive, (apenas) passa pela vida. Então, sei lá, sei lá; pra mim foi muito bom tudo que eu passei. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Da mesma faixa etária que Patrizia, mas morando em outro bairro da cidade, Erickah viveu uma experiência contrária, pois sua mãe a aceitou a partir da admiração que tinha por uma amiga de Erickah.

A Ariel foi muito importante naquela época. (...) Aquela época que... Tipo, mais ou menos, uns 30 anos atrás.. 30 a 40 anos atrás. Ariel, quando surgiu, né?!, acredito que há 40 anos atrás quando Ariel surgiu, Ariel tinha uns 45.. Ariel surgiu, acho que com uns 15 anos, 15, 16 anos. Então, uns 35 anos atrás, quando Ariel surgiu, assim, ela, ela surgiu trava, entendeu?!, tomava hormônio... então, assim, nova...

E... foi daonde, a partir de Ariel que mamãe passou a ter uma visão totalmente diferente do mundo trans. Eu acho que Deus sabe o que faz; Deus não pôs Ariel na minha vida por acaso, né?! Eu ainda estava... eu sou trans há, há pouco tempo,... tem uns 5, 6 anos mais ou menos, né?! Mas, a partir de Ariel minha mãe começou a ajudar porque... até então já me montava... e tava deixando o cabelo crescer e tudo mais, então, já tava naquela adaptação... (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Nesse processo de enfrentamento, em que a mãe de Erickah passa a ter outra visão do universo trans, os embates dentro de casa não foram poucos. Tanto no reconhecimento de Ariel, quanto na posterior ação sobre Erickah, evidencia-se a presença do que se pode compreender como a cisnormatividade³¹⁸, ou seja, o pressuposto da correspondência cisgênera como forma de produzir a inteligibilidade trans. Ela narra a reação de sua mãe quando a viu pela primeira vez com as tranças no cabelo, Erickah evidencia que o gênero feminino nas experiências trans precisam ser um gênero de enfrentamento, precisa ser inteligível a partir da ordem cis binária.

Nossa, mamãe tomou um susto. Mamãe pintou. Mamãe pintou! “Agora vai vestir roupa de mulher? Vai sair de casa com roupinha de mulher? Porque você já sai escondido”. Porque eu saía escondido naquela época da minha mãe, né, de mulher?! Ela sabia que eu saía, mas sai escondido. E, aquilo foi, assim, tipo, é.. pra mim, né?!, foi ali que nasceu, que dali eu já comecei já a colocar.. Já que minha mãe já sabia... Agora, você quando... agora, você vai até a esquina sozinho. Minha mãe fez assim comigo... agora você vai enfrentar, aprender a enfrentar a sociedade, aprender a... você vai ter que aprender a enfrentar a sociedade; porque até então vestia roupas mais ou menos femininas... não tão femininas, nem tão masculinas. “Agora você vai

³¹⁸ MARTÍNEZ-GUZMÁN, Antar. Cis. In: PLATERO, Lucas; ROSÓN, María; ORTEGA, Esther (eds.). *Barbarismos queer y otras esdrújulas*. Barcelona, España: Edicions Bellaterra, 2017. p. 86

ter que enfrentar as pessoas... os olhares das pessoas, quando as pessoas te apontarem na rua... Você vai ter que enfrentar isso tudo.” E assim eu fiz, só de raiva, entendeu?! (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

A postura da mãe de Erickah foi explicada como parte de um processo educativo. Mesmo tendo sido acolhida em casa, espaço percebido como privado, ela precisaria aprender a enfrentar a sociedade, percebida como aquela que está à luz do dia. Sob essa narrativa evidencia-se a criação de um repertório de sua mãe que reconhece as experiências trans como algo que foi historicamente circunscrito à prostituição, portanto ao chamado mundo da noite. O tempo passado, o cotidiano e os afetos tensos vividos por Erickah permitiram o entendimento entre ela e sua mãe.

Aí passou um ano... Aí, mamãe, assim, foi aceitando a coisa. Nisso, que mamãe foi aceitando, a minha irmã foi e falou: “Não, porque ela queria mesmo é que você colocasse cabelo logo; ela não queria que você colocasse trancinha, que isso aí tá parecendo coisa de favela”. Eu falei: ah, pelo amor de Deus, ela deu aquele show todo porque tava achando que eu tava com cara de favelada?! Entendeu?! Aí eu falei: ah, é cabelo que ela quer? (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Trans, negra, trabalhadora autônoma em seu próprio salão de cabeleireira, localizado no quintal de sua casa, a explicação da mãe de Erickah, que chegou a ela pela voz da irmã, é uma forma de demonstrar que havia uma preocupação com esse acúmulo de estigmas. Nessa intersecção de gênero, raça/etnia e classe social, a mãe de Erickah não queria que a filha parecesse da favela.

Minha mãe, hoje em dia que ela fala assim, quando o cabelo já tá crescendo, que tá na hora de apertar e tal: “Nossa, mas tá com o cabelo feio, hein! Já tá na hora de apertar, gente!, vai cuidar desse cabelo.” Entendeu?! Assim, entendeu?! Agora a gente já... Agora já tem mais é... acho que o preconceito diminuiu. Por exemplo é.. as vezes eu gosto de umas blusas mais largas e tal, minha mãe é gordinha, e ela, tipo assim, ela gosta da blusa, ela olha pra mim e fala assim: tá cafona, você! Sabe?! Tá ridículo; gente, está muito feio com essa blusa... (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

A relação de mãe e filha foi descrita por Erickah como de muito afeto, intenso carinho e companheirismo. Situação que ficou ainda mais forte após o falecimento de seu pai, que era seu grande aliado. Ter o pai como um aliado não significava, entretanto, que a relação não fosse pautada por momento de tensão e conflitos.

A relação familiar foi marcada por momentos de disputa, de posicionamento e reflexão sobre o ser e estar gay cis ou trans. Nesse sentido o pai e a mãe atuaram de forma distinta, mas igualmente resistente.

A nossa última discussão, que antecedeu a morte dele, né?!, que foi 2 semanas antes da morte do meu pai, em que... estava passando um caso sobre adoção, né?!, de dois iguais, e ... ele virou pra minha mãe e falou assim, eu estava na sala, e eu estava na copa, na copa assim da minha casa e... em que ele disse pra minha mãe, falou assim: “ Eu não aceito, eu não aceito isso, porque isso é feio, é... isso é... isso é isso e aquilo...”, falou um monte de coisa assim... tipo, não aceita sobre o casal gay aceitar... Aí, é...é... que foi, que eu virei pra ele e falei assim: “Poxa, você não aceita?! Você tendo um filho homossexual e você não aceita?”. Aí ele foi e falou assim: “Não, eu não aceito; porque, como que um, como que um homossexual vai educar?!”. Aí eu: “Da mesma forma como eu fui educado; eu fui educado por um casal de heteros, e sou homossexual; eu não posso educar e uma pessoa ser hetera?”. Aí ele: “Mas eu não estou falando nada disso!”. Mas é isso que eu estou falando, entendeu?! É, assim... educação... eu mesmo, vocês não me educaram para ser homossexual, mas eu não sou?! E vocês não me orientaram dizendo: óh, você vai ser homossexual, não, não teve isso, entendeu?! Essa é uma condição na qual eu me imponho, que eu decidi me impor, ter pra mim, entendeu?! Ser travesti, ser trans... ser transexual, quer dizer, transex, né?! Ser transgênero, enfim, é o que eu, o que eu decidi ser.

No episódio que passou na televisão, sobre a adoção de crianças por casais homossexuais, o pai de Erickah, que aceitava sua filha como homossexual e/ou trans, se posicionou contra e então começou o debate entre eles. Nesse momento ela coloca em questão um assunto que está em pauta nas discussões atuais: como são construídas a sexualidade e o gênero? Pode a família influenciar ou orientar que seu filho seja homo ou heterossexual, cisgênero ou transgênero? No argumento utilizado com seu pai, Erickah acionou esse ponto e expôs a própria vivência familiar para contra-argumentar em defesa de que um casal homoafetivo pode criar uma criança que seja heterossexual. Tanto na fala do pai, como na da própria Erickah a ideia do parentesco tido como heterossexual³¹⁹ figura como um espectro que ronda a compreensão do que é uma família; e, por mais que o arranjo familiar vivido por Erickah demonstre o diverso, o plural e o criativo, as narrativas acionadas nos momentos de uma discussão, percorrem o caminho de uma normatividade inventada como natural.

Tal como Patrícia, o esforço em demonstrar ser alguém capaz de conquistar independência financeira, estudar e ser reconhecida como uma cidadã, fez parte da trajetória de Erickah. Filha caçula de 3 irmãos, ela explica que:

Porque eu sempre tive, eu sempre quis provar pra ele, sempre quis provar pra minha mãe que eu posso ir além, sabe?! Porque... é... eu sei, eu nunca fui o preferido, sabe?! (...) Eu acho que eu passei a adolescência inteira sem ter afinidade com nenhum dos dois, mas eu tinha mais afinidade com meu pai; de tudo, eu sempre tive mais afinidade com meu pai, mais do que até minha

³¹⁹ BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, 2003.

mãe mesmo, né?! Hoje, eu e minha mãe, nós somos grandes amigos, é uma pessoa que eu amo muito, que eu também não saberia viver sem, entendeu?! (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Não ser o preferido entre os irmãos foi uma experiência que marcou a subjetivação de Erickah. Por isso e a partir dessa experiência, ela passou a investir cotidianamente em ações que garantisse o reconhecimento. Mais uma vez a necessidade de provar que se é melhor como forma de abrandar a carga de abjeção que recai sobre as trans aparece como parte da experiência trans.

Além disso, tanto o pai, quanto a mãe tornaram-se amigos, ou seja, pessoas que podem oferecer apoio, compreensão e cuidado. Os pais tornados amigos passam a ocupar um espaço menos hierárquico na relação com Erickah.

A minha mãe acolhe os meus amigos, sabe?! A cabeça mudou também; acho que... mostrei muito, muito, tem outro olhar, né?!, sobre a homossexualidade, sobre a transexualidade, né?!, eu dei... mostrei que não é por aí, que é diferente... Tem gays e tem travestis que trabalham, que têm uma vida, que pode amar, que pode, sabe?!, então, assim, aos poucos eu tô conseguindo mudar a minha casa. Porque eu acho que a gente tem que começar dentro de casa mesmo, pra depois querer mudar o mundo. Não adianta você querer mudar o mundo, e dentro de casa continuar a mesma bosta. Eu, eu tô assim.. eu, eu... eu consegui mudar um pouco a cabeça das, das, do meu pai ainda consegui ter tempo de mudar um pouco a cabeça. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Com o exercício de mostrar-se de maneira diferente da expectativa que a mãe tinha sobre as trans, Erickah produziu uma fratura naquilo que fora culturalmente cristalizado como normal; nesse caso ela contribui para que a cisnormatividade esteja enfraquecida. Nesse devir Erickah, devir mulher e trans, ela se auto-constitui como afirmação e enfrentamento à abjeção.

Mesmo com o relativo apoio da família, Erickah destacou que a presença das amigas foi decisiva para que trilhasse o percurso da transgeneridade.

Desafiada pela delicada e ingrata tarefa de lembrar dos nomes daquelas que estiveram presentes em sua trajetória, ela titubeou um pouco, mas em um lapso de segundos recordou daquela que foi uma das pessoas mais importantes de sua vida. O tom da voz imprimiu o tom de alegria e saudade, e a resposta apareceu: “A Ariel foi, assim, como eu havia dito no começo, que a Ariel foi uma das pessoas mais importantes.” (Erickah Gomèz, 28/10/2015). Além da já famosa Ariel, ela lembrou de:

Larissa Sharon, isso. A Larissa foi que... a Larissa e o Isaac, na verdade, assim, né?! Que foram os culpados de a Erickah ter nascido, de ter aflorado,

na verdade. Eles cutucaram, sabe?!, casa de marimbondo. Porque, assim, eu sempre soube que um dia eu seria, mas eu tava aquilo. o que me faltava era coragem, pela imposição da família e tal.

Então, sempre me faltou coragem. E... é... foi muito engraçado, porque... tipo assim, primeiro, Isaac começou fazendo progressivas e progressivas, e meu cabelo foi crescendo; comecei fazendo um curso de cabeleireiro e meu cabelo foi crescendo. Então, comecei a ... dali... a partir do curso de cabeleireiro já comecei a decidir alguma coisa, aí já comecei a ficar mais feminina ainda; comecei a fazer sobancelha, aquela coisa toda. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

As amigas e amigos cutucam, incentivam e partilham experiências em comum que potencializam o fortalecimento do sujeito, que então trilha caminhos, constrói realidades, enfim, se inventa de uma maneira até então impensada. A presença de Larissa e Isaac potencializaram a Erickah que hoje, aos 38 anos de idade está concluindo o curso de Licenciatura em Pedagogia em uma instituição pública de ensino em Campos.

Erickah falou da presença de Ariel e da mudança ocorrida com sua mãe. Para além desse momento de admiração, Ariel se tornou um afeto constante na vida de Erickah, inclusive com desavenças. No momento do diagnóstico do HIV, Ariel recebeu o cuidado de Erickah:

E quando ela descobriu, eu abracei de uma tal forma, porque eu tenho essa mania de pegar o sofrimento dos outros, as dores dos outros e tal; peguei e abracei.. “Vamo bora, você tem que se cuidar, não pode se deprimir... tem que se por pra cima... Vambora! Vambora, vambora!”; peguei e levei pra praia. E deixei lá, lá na casa da praia; a responsabilidade da casa dos meus pais, nas mãos dela. E simplesmente ela levou, começou... ela era umbandista também, tinha um terreiro, e tudo mais, né?! E, pegou os filhos de santo e levou lá pra minha casa da praia. Perguntou se poderia, eu falei: “Só a única coisa que eu não quero é dorgas, porque eu não suporto; e não quero e...ritual de umbanda dentro da minha casa, porque dentro da minha casa não é pra ... que é minha casa; umbanda vai acontecer dentro da casa de umbanda, na minha casa não... na minha casa não quero macumba, nada disso não.” Aí ela, “Ah tá!”. Mas eu fiquei sabendo que tava rolando macumba e tal; e os meninos tinha mania de toda vez ir lá pro poste e ficar no poste fingindo que tava mijando, sendo que perto da minha casa tem banheiro, não tinha necessidade de ir pra poste. Eu sem saber o que que era, sem saber o que que era. Quando eu fui descobrir, eles tavam fazendo da minha casa de ponto de droga; porque estava assim, umas pessoas indo no meu portão, umas pessoas muito estanhas indo no meu portão. (...) E eu fiquei assim, tipo... Nossa, chocado, sabe?!, por que que não me contou?! Porque... porque sabia que eu não queria... então, que me respeitasse; então, eu simplesmente exclui da minha vida, né?! Pass... exclui, passou o resto do verão, também nunca mais voltou na minha casa e tal.. aquela coisa toda. Passou, passou muito tempo e tal, nunca mais falei. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

A relação de amizade garantiu com que Erickah oferecesse acolhida e cuidado naquele momento de dificuldade. Nas experiências trans estudadas nessa tese, esse momento esteve intimamente ligado à questão dos cuidados com a saúde, particularmente nos períodos de aplicação do silicone industrial ou na descoberta da infecção pelo vírus HIV.

Inventar formações corporais que demandam um investimento constante, uma capacidade de construir saberes sobre a saúde, administrando doses de hormônio, litros de silicone industrial é um exercício de resistência às expectativas culturais sobre o sexo e o gênero. Há, ainda, o medo, o estigma e a morte que passam a compor as subjetivações trans e gays desde meados da década de 1980. Essa atividade sobre si e sobre os outros não é, por certo, solitária; pelo contrário, é uma prática afetiva, social, coletiva e política. Trata-se, portanto, da gestão da própria vida feita a partir de um cálculo de riscos e recompensas, desejos e expectativas, que sugerem outras formas de vida, novas e diferentes maneiras de ser sujeito.

Nessa dinâmica entre Erickah e Ariel, o cuidado amigo ofertado por Erickah não foi correspondido; houve uma quebra de confiança e o rompimento do laço de amizade. Aquela pessoa querida do passado, tornara-se alguém distante. Esse rompimento, todavia, não pode ser previsto como definitivo. E a história de Erickah com Ariel recoloca a amizade como uma relação aberta e imprevisível. Após alguns anos sem terem qualquer tipo de contato, Erickah recebeu um telefonema:

E nunca mais falei e tal, até que um... um certo dia, meu telefone celular toca, aí eu fui olhei, número estranho... Aí, eu: “Alô!”. Aí eu ouvi aquela voz: “Erickah?!”. Eu falei: “Oi”. “Sou eu, Ariel.” Aí eu falei: “Oi, tudo bem?” “Não, não tá nada bem; eu preciso conversar com você.”. Aí eu: “Conversar, pode ser por telefone não?! Eu prefiro até que seja por telefone, né?!”. Que eu não sabia o que que era. “Não, não é isso não, eu preciso conversar com você pessoalmente, eu queria muito que você tivesse aqui pra conversar comigo pessoalmente.” Aí eu falei: “Tá, vou sair do trabalho, vou aí na sua casa.” Então tá bom.

Morava perto de mim; morava aqui na Riachuelo. É.. eu fui, saí, fui lá. Nisso, eu: “oi”, né?!, muito seca. Mas eu não consigo. E, ela foi e falou assim: “Eu te chamei aqui primeiro pra te pedir perdão, por todas as coisas que eu fiz com você; porque você não merecia, você sempre foi muito minha amiga, você sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida e tal... aquela coisa toda; então, não merecia.” Eu falei: Não, tá tranquilo, passou, passou e tal... eu te perdoo, não tem mais o que perdoar, não tem mais mágoa, não tem mais isso... lálálá...”. “E, eu te chamei porque eu sinto que eu não vou ...eu sinto que eu tenho poucos dias de vida, então, eu queria que você soubesse o quanto você é minha amiga, o quanto eu gosto de você; eu queria que você me perdoasse, não queria morrer sem você me perdoar!”. Aí eu falei... ai, pelo amor de Deus, eu já fiquei com aquilo... Nossa. Nossa mãe; nossa, como que eu chorei naquele dia. (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

As duas amigas aproximaram-se em um momento da década de 1990 quando Erickah ainda era um gay cis e continuou até a morte de Ariel. Sem protocolos rígidos, previsão ou qualquer decisão que seja definitiva, o vai e vem da amizade foi marcado pela aproximação de Erickah ao admirar Ariel como uma trans belíssima; mas também houve conflitos e posterior afastamento. Depois, em outro momento, e a partir de novas experiências, a distância e os atritos foram ressignificados e a relação passou a ser moldada por outros afetos e amizade.

Portanto, é possível pensar que as relações de amizade podem apresentar como característica essa abertura para o novo, o criativo e diferente; é, também, espaço para a emergência de conflitos, rupturas e mágoas, todos eles datados, situacionais, efeitos de determinadas condições de possibilidade. Isso integra os repertórios das amizades de modo geral, mas para nas experiências trans seu efeito apresenta especificidades pois muitas vezes as amigas e amigos são aqueles que oferecem cuidado, carinho e a continuidade da vida. Assim, o corpo, no corpo e pelo corpo proliferam afetos, inventam-se amizades vitaminas, mas também amizades como estética da existência para si e para o outro.

Como apresentado ao longo do texto, as amizades entre as trans e delas com amigos cisgêneros têm início, na maior parte das vezes, a partir de trocas de cuidados com o corpo - aplicação de silicone industrial, administração de hormônios femininos, uso de perucas, próteses capilares dentre outros. Essa corporeidade, esses investimentos e essas intervenções em diversidades corporais modelam, fabricam e permeiam os corpo trans. A desconfiança de ser um corpo culturalmente marcado como portador do HIV-Aids, o descrédito pela feminilidade performada e a rejeição da humanidade são marcas históricas de experiências e de corporalidades trans e isso aparece nas narrativas que elas apresentam como o elemento que as aproxima em diversas instâncias e em vários momentos.

Michely relatou os cuidados prestados à amiga que aplicara silicone industrial, já Erickah se reaproxima de Ariel em um momento crítico em que a vida parece chegar ao fim. Assim, a noção de cuidado nas redes de amizade que se formam e dão sentido, permitem autoidentificações e formas de nomear o vivido trans, merece ser compreendida além da ideia de promoção do bem-estar alheio. O cuidado nas experiências trans é parte de um repertório que envolve o suporte material, afetivo e/ou emocional; como prática social, coletiva e histórica, é uma forma de mapear, compreender e problematizar a produção das subjetividades trans.

A família como problema, ou o problema da família

Na aula de 22 de janeiro de 1975, Michel Foucault discorreu sobre a emergência, na Idade Média, do monstro humano, que junto com o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora, estaria no domínio da anomalia. Essa, que é uma noção jurídica, teria repercussão em muitas instituições sociais, como a igreja, a escola, a polícia e a família; historicamente, todas elas passariam a ser responsáveis pela correção do anormal³²⁰. Durante esse curso apresentado no *Collège de France* entre os anos de 1974 e 1975, Foucault analisou essa emergência – criação dos anormais e destacou a percepção de como a noção de instinto, correlata à ideia de natureza – ligada ao domínio da biologia – funcionou para produzir “a passagem do grande monstro ao pequeno perverso”³²¹, tendo havido uma valiosa contribuição do discurso psiquiátrico, que assumiu paulatinamente o lugar do alienista. Logo, constrói-se um saber médico-psiquiátrico capaz de fazer conhecer as causas e indicar os tratamentos para os diversos comportamentos historicamente inventados como transtornos; muitos deles associados à sexualidade³²². Assim, coube ao psiquiatra a atuação bem próxima do espaço em que começavam esses desvios: a família.

A família nuclear medicalizada funcionaria como princípio de normalização³²³ e seria responsável, juntamente ao Estado e à Igreja, pela formação de indivíduos saudáveis, educados e normais. Como constata Foucault:

A sexualidade das crianças, a meu ver, diz muito menos respeito às crianças do que aos pais. Em todo caso, foi em torno dessa cama duvidosa que nasceu a família moderna, essa família moderna sexualmente irradiada e saturada, e medicalmente inquieta.³²⁴

Talvez por isso, que historicamente a questão da sexualidade da criança percebida e marcada como “diferente” – hoje chamada, por exemplo, de “criança viada” – muitas vezes percebida como um “menino de sabores por trás”, seja um dos temas tabus para o ambiente familiar, invisibilizando, brutalizando e despotencializando vidas.

³²⁰ FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 69-72

³²¹ *Ibidem*, p. 75

³²² *Ibidem*, p. 211

³²³ *Ibidem*, p. 322

³²⁴ *Ibidem*, p. 327

A história narrada por Helena ocorreu em Campos durante a década de 1980 e apresenta elementos preciosos que demonstram como o saber médico foi agenciado, fez-se presente, instituindo hierarquias e violências. Quando os olhares socialmente treinados atribuem a marca da diferença aos gestos, comportamentos e brincadeiras cotidianas hierarquias entre irmãos e irmãs são moldadas e cristalizadas, os diferentes passam a ser identificados. No espaço privado e no público, jogos de identificação e de diferenciação tornam-se cotidianos. Nesse jogo em que o gênero torna-se a via de interpelação da verdade do sujeito, homossexualidade presumida, prevista ou suposta no corpo e na performance de crianças diferentes, ou como apresentado por Giancarlo Cornejo, nessas infâncias queer³²⁵ o sofrimento, a perseguição e as dores não foram apaziguadas.

Foi nessa década de 1980, com pouco mais de 10 anos, que Helena foi internada em um hospital psiquiátrico em Campos. Após levar a filha para um curso de datilografia, a mãe de Helena foi interpelada pela secretária do curso:

E ela perguntou pra minha mãe como era o nome da menina. E a minha mãe ficou louca! Entende?! Aí começou, a minha mãe me levando pra hospitais. Existia um médico que chamava... Existia um médico que chamava (...) um neurologista, não sei se é vivo, se é morto, né?! Porque já faz muitos anos, e ele já tinha já uma certa idade.

Esse médico neurologista, então, encaminhou Helena para a internação, pois seria a forma de tratar o problema que ela teria:

Aonde ele me internou, porque segundo ele era uma disforia no cérebro e... Me internou! No hospital é... Henrique Roxo... não sei se existe ainda... que é o hospital de maluquinhos. Então eu fui pra esse hospital, fiquei lá 30 dias. Com 3 dias que eu estava no hospital, os enfermeiros: um chamava-se Rogério e o outro, Marcos; e eles eram homossexuais. E eles é... claro, no meu documento, dizia lá o nome masculino, mas olhava-se pra mim e via uma menina. Então eles chamaram uma senhora, que era diretora do Hospital, salvo erro, naquela época, que era Doutora Elaine... que essa senhora me botou num quarto particular, por conta do hospital, pra que eu não ficasse junto dos maluquinhos, porque eles podiam me fazer mal, porque eu parecia uma menina e tava no meio deles. E como eles estavam ali, eram todos mesmo maluquinhos, e eu de maluquice, eu não tinha nada; aí eles podiam me estuprar, fazer qualquer coisa comigo, não é?! Então ela me botou... é... nesse quarto. Passado um mês, meu irmão foi até lá, que ele tinha chegado, na época ele ainda não tinha esse cargo que ele tem hoje. É... ele chegou de... do, do trabalho, em Campos, e ele que foi lá e assinou o termo de responsabilidade pra me tirar. Ele era bem mais velho que eu. E me tirou! (Helena, 11/07/2017)

³²⁵ CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. Tradução: Juliana Frota da Justa Coelho. *Revista Áskesis*, v. 4, n. 1- janeiro/junho – 2015. p. 140

Se por um lado foi por meio do saber médico que Helena foi classificada como doente e ela começava a fazer parte de uma espécie, por outro, nessa década de 1980 ainda não havia tantos nomes para nomear as experiências. Gay ou homossexual eram termos abrangentes e usualmente usados para se referir aos meninos e meninas considerados a priori como cisgêneros, mas que apresentassem um comportamento inadequado ao gênero designado à época do nascimento.

Da mesma geração que Helena, Patrícia explicou que ela era daquela época em que a palavra transexual ainda não existia. Embora essa afirmação não seja verdadeira, pois o termo transexualismo já fazia parte dos manuais médicos, é correto pensar que ele inexistia para a realidade vivida por Patrícia em Campos dos Goytacazes.

É aquela coisa, né?! Eu tenho 52 anos e, o que acontece?! Eu sou daquela época que, meus pais eram aquelas pessoas com muito rude, e nunca tinha havido um caso desse na família, até porque na cabecinha do meu pai, ele achava que ser, ser transexual... Ah, não existia essa palavra, transexual, ser um homossexual, num português bem claro, bem escancarado, ser bicha!, né?!, seria uma aberração, que ninguém te abriria as portas, que aquilo dali não era natural, era pouca vergonha e tal. Então sofria, o preconceito já vinha de dentro de casa. Então, o que acontecia, você era obrigada, você era... era uma maneira de punir, pra de repente você, de tentar endireitar o seu filho. Mas sendo que há uma coisa muito grande dentro de você, que é, que eu costumo dizer: que a gente tem uma alma presa num corpo errado, tá entendendo?! Esse foi o meu problema, que desde menina eu sou, sou de uma família de 6 irmãos, né?!, no caso 4 meninas biológicas e 2 meninos biológicos, sendo que eu, no caso são 4 meninas, as mais velhas, e eu sou o 5º filho, no caso, né?! Então, o que aconteceu?! Eu.. me sentia igual às minhas irmãs, sendo que eu sentia que tinha algo de errado em mim. Mas na minha cabeça não, era igualzinho a elas. (Patrícia Pinheiro, 14/03/2016)

Ao ver o corpo das irmãs e o seu próprio, Patrícia questionava seu gênero, seu sexo. Perceber o outro e se reconhecer como ele fez parte do processo de identificação vivido por ela; o preço pago foi o preconceito vivido dentro da própria casa. Ao relatar esse ocorrido, Patrícia contribui para a desconstrução da noção romantizada sobre o que é a família. Lugar de conflito, de produção de subjetividades e de confrontação com a realidade; lugar em que ela se percebeu diferente.

Para justificar esse descompasso percebido entre a vontade e a realidade que se materializava em seu corpo, ela assumiu o discurso de viver em um corpo errado. Essa é uma histórica forma de atribuir sentido às experiências trans vividas em realidades marcadas pela cisgeneridade.

Jack Halberstam questiona a existência de um corpo correto, criado como contraponto do corpo errado. Essa ideia de corpo errado é central na teoria de Harry Benjamin, ao discorrer sobre a transexualidade³²⁶. Em função dessa compreensão, que estará bastante difundida nos discursos médicos sobre a transexualidade na segunda metade do século 20, bem como incorporada às narrativas de muitas transexuais, Halberstam faz uma provocação: “Poderíamos perguntar: quem pode sonhar com o corpo certo? Quem acredita que esse corpo existe?”³²⁷

Embora os termos identidade de gênero e orientação sexual comportem diferentes significados, nas narrativas de Helena e Patrícia pode-se perceber como essa diferenciação é histórica. Durante a década de 1980, suas histórias permitem observar, a identidade de gênero e a orientação sexual compunham um mesmo repertório de nomeação em que, “era todo mundo bicha”.

Em Campos dos Goytacazes durante esse período, assim como no Brasil, os escassos discursos sobre as travestilidades e transexualidade estavam muitas vezes relegados ao saber médico, que historicamente se ocupou das abordagens que patologizantes das sexualidades cisgêneras e da transgeneridade.

Helena foi internada para, como se acreditava, corrigir um problema que era percebido pela família como da ordem da sexualidade. Já Patrícia era corrigida pelos pais porque era percebida como, “em um português bem claro, bem escancarado, ser bicha”. Tanto Helena quanto Patrícia eram trans. Mas nessa época a transgeneridade aparecia nos jornais com as personagens chamadas de travestis que tinham destaque no Carnaval ou nas páginas policiais, conforme apresentei na 1ª Parte.

Conforme apresentado por Viviane Vergueiro, a emergência do termo cisgeneridade, enquanto uma categoria analítica deu-se em um contexto histórico recente³²⁸ e tem permitido problematizar a naturalização feita sobre o sexo e o gênero ditos naturais, bem como a produção de outros olhares e dizeres sobre as transgeneridades.

³²⁶ HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 62

³²⁷ HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. Durham, NC: Duke University Press, 1998. p. 54 (Tradução do autor. No original: “Who we might ask, can afford to dream of right body? Who believes that such a body exists?”)

³²⁸ VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016. p. 49

Desde pelo menos 1994 o termo cis começou a ser usado no campo da Biologia e posteriormente passou a ser adotado em outras áreas do saber. Foi somente em 2009 que tal termo ganhou popularidade nos movimentos sociais, particularmente em contextos anglo-saxões. Sem precisar o período, Martínez-Guzmán identificou que no contexto ibero-americano³²⁹ sua popularização se deu somente nos últimos anos; possivelmente em função dos debates promovidos no âmbito das plataformas de debates LGBTs.

No entanto, sendo termos relativamente recentes, seu uso ainda é muito variável e contingente. Cada vez com mais frequência, aparecem em publicações acadêmicas e no contexto da mídia sem definição explícita ou com comentários mínimos esclarecedores. Com tantos termos emergentes, a maioria das discussões sobre eles ocorreu em plataformas e espaços online ligados a comunidades LGBT.³³⁰

A proliferação de formas de nomear as experiências vividas e de classificar os sujeitos a partir dos seus lugares de privilégio de gênero e orientação sexual é um exercício percebido nos últimos anos, de modo que ao analisar os mecanismos de funcionamento, percebemos com as engrenagens de gênero e sexualidade tocam, encaixam-se com a raça, a classe e a geração, produzindo específicos modos de ser. Se, como sentenciou Patrícia, na década de 1980 era todo mundo “bicha”, tem-se observado atualmente como o repertório está mais extenso atualmente.

Dizer-se diferente desde a infância, perceber que não era como os outros, enfim, esse sentimento da abjeção, da diferença que inferioriza e desqualifica o sujeito foi um elemento que compôs todas as narrativas trans analisadas nessa tese. Seja na percepção de que era diferente de suas irmãs, conforme lembrou Patrícia, ou na escola, como diz Juliana a seguir, sentir-se diferente marcou essas vidas:

Foi no dia da festinha do final de ano da escola. E ligaram pra minha mãe, minha mãe teve que ir lá, que eu não largava a boneca de jeito nenhum. “Foi o que?”... “mãe, conversa com o filho que tem que devolver a boneca pra fazer o papel e tal...de Maria, é Pâmela...”. Então, pra você ver, como que uma criança de 3, 4, 5 anos tem encosto, tem demônio? Isso não veio em mim por causa de demônio, veio por causa de um hormônio feminino, ou de um erro de pai e mãe, eu posso falar assim. De repente alguma coisa que

³²⁹ MARTÍNEZ-GUZMÁN, Antar. Cis. In: PLATERO, Lucas; ROSÓN, María; ORTEGA, Esther (eds.). *Barbarismos queer y otras esdrújulas*. Barcelona, España: Edicions Bellaterra, 2017.

³³⁰ Ibidem, p. 84 (Tradução do autor. No original: Sin embargo, al ser términos relativamente recientes, su uso es aún muy variable y contingente. Cada vez con maior frecuencia, aparecen en publicaciones académicas y en el contexto mediático sin definición explícita o con mínimos comentarios aclaratorios. En tantos términos emergentes, la mayoría de las discusiones sobre los mismos han ocurrido en plataformas y espacios en línea vinculados con las comunidades LGBT.)

minha mãe ou meu pai pensou na hora do ato sexual ou na gestação, um desejo que não foi... não sei o que é, mas espiritual não creio que é não. Eu não acredito que uma criança de 3, 4 anos é uma prost... tem um espírito de prostituição, tem lá o espírito disso não... isso daí é adquirido com o tempo. (Juliana Ferraz, 07/12/2015)

Essa explicação sobre a infância destaca o argumento religioso que atribui a homossexualidade a uma possessão demoníaca e usa a compreensão da infância como uma fase da vida marcada pela ingenuidade; portanto, uma criança não seria diferente por “ter encosto”. O comportamento que nega o repertório de gênero esperado para um menino é repreendido para que a cisheteronorma seja reestabelecida.

Nessa histórica condição de possibilidades em que são tecidas identidades, sujeitos e modos de vida trans registra-se um devir minoritário. Está-se falando, pois, de existências minoritárias. Segundo Deleuze e Guattari:

Nossa era devém a era das minorias. Vimos várias vezes que estas não se definiam necessariamente pelo pequeno número, mas pelo devir ou a flutuação, ou seja, pelo desvio que as separa desse ou daquele axioma que constitui uma maioria redundante (...). Uma minoria pode comportar apenas um pequeno número; mas ela pode também comportar o maior número, constituir uma maioria absoluta, indefinida.³³¹

Essas subjetividades que emergem das experiências trans em Campos dos Goytacazes são minoritárias até mesmo no chamado universo T (travestis, transexuais, transgêneros). A localização no interior do Rio de Janeiro, a inexistência de organizações sociais na cidade e um nítido interesse dos pesquisadores por investigar temáticas relacionadas às experiências trans em capitais e grandes cidades, são alguns dos elementos que concorrem para que esses sujeitos do interior não sejam vistos, ouvidos, enfim, percebidos. Com isso, histórias são perdidas, potências de vida, estratégias criativas de invenção de modos de vida são esquecidas. Conforme explicam Deleuze e Guattari, está-se falando de um grupo minoritário, na medida em que muitas vezes esses sujeitos são e estão desprovidos de direitos, até mesmo do direito de existir; e, como sinalizam os autores: “(...) a maioria no universo supõe já dados o direito ou o poder do homem. É nesse sentido que as mulheres, as crianças, e também os animais, os vegetais, as moléculas são minoritários.”³³²

³³¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 5. 2. ed., São Paulo: Ed. 34, 2012. p. 185

³³² *Ibidem*, p. 92

O fato de toda minoria ser sempre invisível e inaudível³³³ faz com que devamos prestar ainda mais atenção aos ruídos, às pequenas e intensas aparições que elas fazem. Exercício este que permite ouvir a existência de Michely, que ocupando esses lugares de sujeito ora como gay, ora como travesti, negocia seu trânsito de gênero com as condições materiais de existência. Na tentativa de produzir um sentido para conferir coerência às divisões presentes no universo minoritário, ela tenta chegar a um denominador comum:

A gente não se torna homossexual, você já nasce homossexual, com a vivência você vai se transformando. Uns homens chegam casar, né?!, chegam ser bissexual, outros passivos, outros ativos, outros travesti, entendidos... como queiram, né?!, complicado... divide... **acaba tudo em gay!**

Acaba tudo em gay. A realidade é essa, né?! Só que tem as classificações; na sociedade tem as classificações, entre: travesti, gay, homossexual. A travesti que trabalha, ela é bem vista na sociedade. Se ela faz, se ela é prostituta, ela não é. Apesar de que elas que fazem... elas mesmo que discriminam a própria classe GLSBT; infelizmente as travesti de rua, algumas, né?!, não vou generalizar, mas algumas... infelizmente... que roubam, se droga, é confusão. Elas ... é umas que só saem a noite, elas não têm disposição pra trabalhar, como eu e várias colegas, elas infelizmente não têm disposição. Tem disposição pra botar uma maquiagem, um shortinho, uma prótese e ficar no meio da pista... É um dinheiro fácil, que vai fácil. (Michely Coutinho, 23/02/2016)

Essas diversas camadas que envolvem o gênero, a sexualidade, o sexo, a identidade e, em última instância, como interessa nessa pesquisa, a produção da subjetividade, são platôs que forjam sujeitos históricos. As classificações que Michely identificam estão presentes no universo em que ela reduz todas essas experiências ao “gay”. É evidente que seu lugar de falar, enquanto um sujeito de 50 anos que sobreviveu à epidemia do HIV, perdeu muitos amigos e amigas e que trabalha há 30 anos no mesmo local, permitem situar essa constatação como um saber localizado. E, diferentemente do que pode parecer a primeira vista, não é uma observação que enfraquece ou deslegitima as experiências trans; pelo contrário, quando essa fala é confrontada com sua história de vida e com a própria rede de amigas e amigos trans que ela sustenta, torna-se ainda mais complexa a análise a ser feita sobre a transgeneridade enquanto um fenômeno datado e polimorfo.

Observando as narrativas das 20 interlocutoras que tinham entre 22 e 68 anos de idade à época das entrevistas, entre 2015 e 2017, com uma média de idade de 43,5 anos - percebi a oscilação entre diversas formas de elaboração de si, formas diversas de nomear o vivido e

³³³ LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n- 1 Edições, 2015. p. 275

assim atribuir sentido. Mesmo que todas elas tenham vivido a experiência trans, algumas, como Michely, reconheciam que em última instância, ela era como um gay; outras como Helena e Patrícia se apresentaram como mulheres e por terem feito a cirurgia de redesignação sexual explicaram que não eram mais trans ou transexuais. Houve, ainda, Wanessa, Patrícia e Andréa que não fizeram a cirurgia, mas se auto-identificam como mulheres transexuais. E, a maior parte delas identificou-se como travesti, mesmo que reconheçam o peso que precisam carregar com esse nome, elas explicaram que era assim como a sociedade as via, portanto, era o que elas eram. Um exercício profícuo a ser feito é a verticalização da análise sobre como são construídas essas formas em que o individual e o coletivo concorrem para as formas de nomear-se. Reconheço que essa tarefa é urgente e traria outros instigantes olhares sobre as experiências trans, mas percebo, também, que não é o propósito apresentado nesse trabalho.

Erickah, que à época da entrevista tinha 35 anos, estabeleceu uma diferenciação temporal na concepção da travestilidade. Referindo-se ao período da década de 1970 e 1980, ela faz menção ao Carnaval e os chamados lugares de pegação: “a travesti naquela época, ela não era a travesti de agora, né?! Não era vista como travesti, ela era apenas a... a gay feminina, mais feminina... era a travesti.” (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

É interessante perceber como essa época passada referida por Erickah, ou seja, os anos 70 e 80 em Campos dos Goytacazes, a noção de travestilidade tinha uma conotação diferente da usada atualmente. Um homem homossexual cisgênero que fosse identificado por uma performance feminina poderia ser classificado como uma travesti.³³⁴

O ato de identificar o outro como uma travesti, datado e culturalmente instituído, era usado praticamente como uma categoria de acusação; era, portanto, uma forma de inferiorizar, aquelas que desrespeitavam as normas de gênero. Um exercício de resistência ao poder, uma forma de produzir contracondutas que eram vigiadas, perseguidas e ameaçadas pelos guardiões da heteronormatividade.

Hoje, depois de passada “aquela época”, a situação se inverte, e o próprio sujeito passa a identificar-se enquanto travesti, trans, transexual, transgênero³³⁵. É evidente, todavia, que esse processo de auto-identificação não se dá do nada e para o nada, tampouco é esvaziado de

³³⁴ LOPES, Fábio Henrique. *Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960*: Aloma Divina. (em avaliação, 2018)

³³⁵ Embora não seja meu objetivo analisar como se deu essa mudança de produção enunciativa em relação aos sujeitos e às subjetividades, reconheço que tal acontecimento é importante e foi produzido a partir de regimes de historicidades específicos, cujas implicações reverberam sobre as formas sociais que temos constituído nas últimas décadas, os desdobramentos do capitalismo e suas metamorfoses, bem como da crise (se há crise!) da identidade na chamada pós-modernidade.

sentido. Constituído em determinado contexto social e cultural, o ato nomear-se é permeado, atravessado e arquitetado a partir de relações de poder, tecido com intervenções, projetos, expectativas etc.; não sendo um exercício solitário, e sim coletivo. É a arte do fazer-se, do constituir-se quanto sujeito, traçar linhas de subjetividade, constituir uma forma de vida, criar uma existência viável e habitável num mundo de hostilidades, armadilhas e violências. É uma arte da existência; e essa exige competências diversas, como a capacidade de trabalhar as diversas feminilidades, de negociar com os discursos da família e transitar nos mundos do trabalho.

Nesse jogo entre o gênero e a sexualidade a família, enquanto uma instituição cisheteronormativa, é chamada a dar explicações e assim corrigir aquilo que é produzido culturalmente como se fosse um erro. Assim, desde a infância, quando o menino que não se comporta como os demais, a vigilância de gênero interroga a criança e a família. Renata e Joyce lembram de como essa aproximação com o universo “das meninas” causava sérias implicações para elas. Esse aprender a se ver como diferente é efeito de jogos que envolviam a família, a qual deveria exercer, de dentro, o controle, a vigilância constante sobre esses sujeitos.

Eu, eu muito novinha, muito, muito mesmo, eu já tinha... eu, assim, já tinha colocado na minha cabeça: “Poxa, eu sou diferente.” Que no colégio eu já falei... ah, eu gosto daquele menino ali. Entendeu?! Aí, o negócio dos Menudos; aí eu falava: “Ah, eu gosto de fulano!”, com as meninas, entendeu?! Então, eu já senti isso dentro de mim. (Renata Melila, 06/10/2015)

Na escola eu sofri muito. Só na escola não, na infância também... com os amigos, assim, com os coleguinhas, homenzinhos que tinha, porque, primeiro que eu não gostava de brincar com os meninos, só brincava com as meninas; os meninos caía em cima, mexendo, chamando de veadinho... (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Porém, como lembra Foucault, esse controle de normalização não é apenas dever do corpo familiar; a escola, enquanto uma instituição estatal, também é responsável por garantir o que historicamente fora forjado como a normalidade. Andréa lembrou da época em que estava na escola e dos conflitos por não querer usar o uniforme masculino. Como sua família não reconhecia sua identidade feminina, ela ousou criar linhas de fuga, burlou o instituído, inventou recursos para fraturar a lógica binária de gênero:

(...) naquele tempo, as roupas do colégio, não sei se é ainda, porque eu tô longe desse mundo já, era aquelas saínhas de preguinha pra meninas e os meninos era calça até o joelho. Eu consegui juntar papelão, olha só! Com meus irmãos, guardei o dinheiro, eu comprei o uniforme que era vendido no

colégio, vendia até o bolso separado; eu tinha um uniforme feminino que eu me arrumava na rua. Aí uma vez a diretora chamou minha mãe, aí naquele tempo era que... tinha que falar que era pra internar, que era problema de cabeça. (Andréa Castro, 29/02/2016)

Essa história vivida por Andréa, de resistência ao poder, de criação de linhas de fuga capazes de conferir sentido e potência à existência, demonstra a aproximação de duas questões que envolvem a relação da família com a sexualidade e o gênero: o controle e a associação com a patologia. Por outro lado, Andréa fratura, racha e evidencia que tais dispositivos de controle não intransponíveis.

Essa associação entre a família e a escola para a produção de uma dada e histórica normalidade, ou sexualidade normalizada, sobre os corpos de crianças e adolescentes aparece em quase todas as narrativas dessa pesquisa. Patrícia Pinheiro destaca como seu comportamento socialmente considerado feminino lhe causara situações adversas na escola e na relação com seu pai, espaço e relações moldadas por históricas referências e expectativas cishnormativas:

Na escola... eu uma vez, eu cheguei.. Isso, eu sempre nunca esqueci isso. Eu, uma vez, eu cheguei... era uma época bem nublado, bem de chuva, aquela coisa, e eu cheguei... e as meninas sempre iam de lapisinho no olho, batonzinho, aquela coisa e eu fui igual. A professora me fez lavar o rosto na goteira, você acredita?! Na goteira... aí chamou meu pai, teve que chamar, né?!, os responsáveis na escola. Eu não entendia, gente!, eu juro, tô falando sério pra você. Por que que faziam aquilo comigo?! Não entendia. Pra mim era tudo normal. Então, eu fui crescendo... então, eu fui me conhecendo. E eu passei a não me aceitar; eu não me aceitava, do jeito que eu era. Eu me olhava no espelho e eu não me aceitava. Porque eu sempre fui muito menininha, sempre. Uma vez, é... eu fui fazer compra com meu pai, nisso eu tinha uma faixa etária de 11 pra 12 anos, e ... e ele não tinha carro, então nós fizemos compra no supermercado que tinha ali aonde é a Casa e Vídeo, era o supermercado Floresta, então eu tinha pra 10... 10 pra 11 anos uma coisa assim, era bem novinha, bem criança mesmo. E... o meu pai pegou, fez as compras, pegou um táxi pra colocar as compras dentro e a gente veio embora pra casa. Aí o senhor, o motorista disse assim: “Pega a menina e bota na frente.” Ele falou assim: “Não é menina não, é menino.” Aí começou, tipo assim, brigava comigo: “Tá vendo, é o jeito que você anda, e num sei o que...”. Tá entendendo?!, aquela coisa... (Patrícia Pinheiro, 14/03/2016)

A experiência de ser violentada, agredida e exposta na escola produziu marcas na subjetividade de Patrícia. Essas marcas da dor, a experiência da humilhação e o sofrimento não foram suficientes para interromper o projeto acalentado por ela, qual seja: ser a “menininha” que ela se sentia, mas que não correspondia com o corpo que a adolescência fazia desenvolver. Portanto, Patrícia exerceu resistência ao estabelecido, enfrentou a naturalização e forjou-se no embate com a cisheteronorma.

Família e escola atuando para garantir a normalidade, essa última conjugada na versão cisheteronormativa. E, nesse caso de Patrícia, desponta outro elemento que faz com que seu pai a repreenda pelo comportamento considerado inadequado: a situação de vergonha. Na medida em que ela era reconhecida como uma menina, a ação do pai buscava recolocá-la em seu lugar “natural”. Isso porque, caso contrário, ela seria motivo de vergonha para a família. O que até aqui foi apresentado sugere como instituições, saberes, discursos, espaços e relações, em rede buscam cristalizar os pertencimentos de gênero, ao mesmo tempo reforçam a cisgeneridade como natural.

Sobre a família, não posso deixar de ressaltar as potentes palavras de Bell Hooks, para quem:

Na noção de família... os papéis sexistas são proclamados como tradições estabilizadoras. Não surpreende que essa visão de vida familiar seja associada a uma noção de segurança que implica que estamos sempre mais seguros junto a gente do nosso próprio grupo, raça, classe, religião e assim por diante. Por mais que as estatísticas de violência doméstica, homicídio, estupro e maus-tratos a crianças indiquem que a família patriarcal idealizada está longe de ser um espaço ‘seguro’, que as vítimas de violência têm maior probabilidade de ser atacadas por pessoas semelhantes a elas que por estranhos misteriosos e diferentes, esses mitos conservadores se perpetuam. Está claro que uma das principais razões por que não sofremos uma revolução de valores é que a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação.³³⁶

Tal como Patrícia, muitas outras acionaram a vergonha como um elemento que marcou a vida e as relações familiares. Vergonha que é produzida, cultivada e direcionada àquelas que “não estão em conformidade ou que transgridam expectativas e normas sociais de gênero”³³⁷ Assim, a vergonha pode produzir o afastamento da trans em relação à família, pode desfazer alguns laços familiares, como a separação dos pais, ou ainda provocar uma preocupação em relação à vizinhança, pois, como registra Claudia Fonseca sobre a presença da fofoca nas relações entre os vizinhos de classes populares:

A fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. Ninguém se considera

³³⁶ HOOKS, Bell. *Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 43-44.

³³⁷ VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016. p. 70

fofoqueiro, mas todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente na vizinhança.³³⁸

E é justamente essa rede de fofoca, de policiamento de gênero que faz com que os pais, muitas vezes, se tornem meros “representantes repressivos da lei do gênero” e eduquem as crianças “como se fosse presumidamente heterossexuais”³³⁹ e com isso privam as crianças, como fora um dia Paul B. Preciado, de terem um pai e uma mãe que poderiam ter cuidado e a amado.

É preciso saber lidar

Entre todas as interlocutoras de pesquisa, o momento descrito como de transição de gênero, ou seja, aquele em que se passa a investir em uma performance de gênero feminina foi precedido por uma auto percepção de ser diferente, de se aproximar das chamadas “coisas de meninas”, como bonecas, brincadeiras de casinha, jeito de andar e até o tom de voz. Ser um menino feminino que faz as coisas esperadas para uma menina, que gosta de estar sempre com as meninas e que se sente como as meninas, foram algumas das experiências que marcaram as infâncias narradas durante a pesquisa. Não foram raras as vezes em que elas foram interpeladas por colegas de escola, professoras e familiares como: “viadinhos”, “bichas”, “mariquinhas” dentre muitos outros termos que, como lembra Welzer-Lang, são ferramentas para a manutenção da normalidade cisheterossexual:

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir (ou o que é pior, de recusá-los para si próprios), a dominação masculina produz a homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre esquemas ditos normais da virilidade.³⁴⁰

Assim, constituir-se na recusa da masculinidade compulsória e em direção às feminilidades possíveis e imaginadas é uma tarefa de resistência. Não se trata somente de recusar uma virilidade masculina imposta e naturalizada, aprenderam, no tempo e no espaço,

³³⁸ FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. 2. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 41-2

³³⁹ PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? In: *Revista Jangada: crítica, literatura, artes*. Jan/Jun. Viçosa/MG, 2013. p. 96-99

³⁴⁰ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001. p. 465

a constituírem-se tendo como referencial o que é colocado como o oposto do masculino, ou seja, o feminino. A homofobia descrita por Welzer-Lang e posso acrescentar a transfobia³⁴¹, são, portanto, manifestações culturais e sociais, tal como o racismo e o antissemitismo. Atualmente o termo defendido pelos movimentos Transfeministas³⁴² para registrar a ação de violência contra as pessoas trans é Transfobia e não simplesmente homofobia. Nas narrativas das interlocutoras dessa pesquisa em Campos dos Goytacazes o termo transfobia apareceu somente uma vez, enquanto a palavra homofobia foi registrada dezoito vezes nas narrativas para descrever as violências sofridas ao longo da vida. Isso sugere que, muitas vezes, elas não percebem, não elaboram ou não reconhecem que as violências sofridas tenham a especificidade trans (fóbica). Muito embora, somente com as entrevistas não seja possível afirmar categoricamente que essa especificidade seja desconsiderada. Mesmo que não usem o termo considerado mais adequado para o tipo de violência sofrida, elas acabam por identificar isso que os movimentos sociais transfeministas e os estudos acadêmicos nomeiam de transfobia.

Ao discorrer sobre as violências contra as travestis, Bianca assume um discurso crítico em relação à posição de suas amigas e conhecidas, e reivindica seu lugar de fala para legitimar o conhecimento de causa e assim validar como verdadeira sua análise:

Bianca: Mas, esse é meu ponto de vista, assim; muitas travestis morrem porque aprontam; porque... eu convivo no meio, né?!, eu sei o que... assim, não que a gente ... Assim, se eu tô no meio, eu sei o que acontece no meio nosso, o que acontece. Assim, muitas roubam...

Rafael: Assim, mas o meio que você diz, é só o meio de travestis ou de gays e lésbicas também? Que você tem mais contato...

Bianca: De travesti e gays, assim... que a maioria das gays que são assassinadas são mais afeminadas, né?!, são assumido, porque... é dife... Ao meu ponto de vista é muito difícil ver um gay, um gay assim... que você olha e vê um homem masculino, ser assassinado, como travesti; ou até mesmo lésbica... é bem menos, né?!, assassinatos de lésbicas. (Bianca, 22/06/2017)

³⁴¹ Concordo com Viviane Vergueiro que ambos os termos apresentam limitações, e que a problematização a partir da noção de cisnormatividade e cissexismo permitem uma análise mais verticalizada desses processos de violência e suas especificidades; entretanto, nesse momento da pesquisa me ative às abordagens dos dois termos. Para uma discussão sobre cisnormatividade e cissexismos, consultar “Para além da transfobia: cisnormatividade e cissexismo” (VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes*: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016. p. 68-71)

³⁴² KAAS, Hailey. *O que é transfeminismo?* Uma breve introdução. 2ª versão. 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/371874/mod_resource/content/0/Encontro%206%20-%200-que-%C3%A9-Transfeminismo.pdf. Acesso feito em 03 de março de 2018.

Bianca identifica algo que ela mesma não havia elaborado anteriormente ao falar sobre o “não preconceito” contra as travestis. Segundo ela, gays afeminados e travestis são mais assassinadas do que gays masculinos, que se portem como homens cisgêneros e do que as lésbicas. Com isso ela evidencia a maneira como a violência afeta e produz sentidos diferenciadas nas vidas trans. A iminência da violência produz efeitos nas subjetividades trans. Além disso, no trabalho, por exemplo, Michely constata que é muito mais fácil a aceitação de um gay do que de uma travesti: “Ah, mas aí com certeza! Aceitar gay é mais fácil, aceitar.” (Michely Coutinho, 23/02/2016). Sua leitura está ligada à própria maneira como ela enfrenta a sociedade e o trabalho. Há 30 anos como funcionária do mesmo hospital, ela já passou por diversos cargos, de auxiliar de serviços gerais ao atual cargo de digitador, mas sempre com o nome, uniformes e tratamento no masculino.

Narrar as violências, inclusive, faz parte do processo de constituição de si e é uma forma de conferir sentido e legitimidade às experiências trans. Conforme destaca o historiador Fábio Henrique Lopes³⁴³ em sua pesquisa com travestis idosas que viveram à época da Ditadura Civil-Militar no Brasil, historicamente a violência compõe o processo de subjetivação travesti. Embora Lopes tenha um tempo e espaço de análise específicos, ou seja o Rio de Janeiro da década de 1960 a meados da década de 1980, esse fio condutor da violência é encontrado também em outras realidades espaço-temporais, como é o caso de Campos dos Goytacazes. E ainda que o contexto não se dê com a Ditadura Civil-Militar, as violências, ojerizas, hostilizações e inferiorizações cisheteronormativas também estavam presentes e reverberavam em ações de repressão, agressão e situações que elas reconhecem como de violência.

Outra historiadora que tomou como recorte temporal de sua pesquisa a época da Ditadura, Susel Oliveira da Rosa³⁴⁴ reconhece como o gênero constitui as teias da violência. Aos analisar o tratamento dos torturadores contra as mulheres que eram presas, Rosa percebeu que as sessões de torturas estavam direcionadas especificamente ao fato de serem mulheres, atentando-se para as violações sexuais, o abuso e exposição da genitália, dentre outras sevícias. É, pois, uma especificidade de gênero que marca a experiência de ser mulher torturada no Brasil.

³⁴³ LOPES, Fábio Henrique. *Corpos trans! Visibilidade das violências e das mortes*. In: *Revista Transversos*. “Dossiê: O Corpo na História e a História do Corpo”. Rio de Janeiro, Vol. 05, nº. 05, pp. 08-22, Ano 02. dez. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>> . ISSN 2179- 7528. DOI: 10.12957/transversos.2015.19793.

³⁴⁴ ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante*. São Paulo: Intermeios Cultural, 2013.

Essa noção de experiências que são específicas, que permitem e produzem, por conseguinte, um específico modo de vida que pode ser nomeado, tateado e sentido também está situado quando nos aproximamos das experiências trans. Patrizia enumera uma série de condições de vida, experiências limite que devem marcar uma subjetividade trans: “Você não apanhou, você não correu o risco de vida, você não prejudicou a sua saúde tomando hormônio; você não perdeu amor familiar, você não perdeu serviço, você não deu a sua cara pra bater! Então eu acho que não é bem assim.” (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Penso que a reivindicação feita por Patrizia é um indício de que, em escalas e graus diferenciados, as situações de violência, marcadamente pelo viés do gênero, também participam da subjetivação trans. Com isso, reconheço como as violências, as abjeções e a transgeneridade foram socialmente naturalizadas como inseparáveis.

Nesse sentido, reconhecer-se como trans e reivindicar para si essa autodeterminação, conforme exposto por Patrizia, é um processo que demanda o reconhecimento dos repertório vividos, das experiências que, não são necessariamente lineares ou de fácil conexão, mas que encontram pontos de convergência no gênero, do enfrentamento cotidiano à cisnormatividade, às imposições de gênero, de sexualidade e suas intersecções com a raça/etnia, com a classe e a geração: são sujeitos em processo, em devir, em constante dobra dos “cistemas” de normalização³⁴⁵. Fica muito evidente, também, que a ideia do enfrentamento da sociedade é o principal; mostrar-se, dar a cara para bater, não ficar escondida em roupas, fantasias ou armários. Wanessa narra acontecimento que marcou sua experiência no hospital em que trabalha como técnica de enfermagem e que é um indício de como esse enfrentamento cotidiano é vivido. A necessidade de afirmação, de tomar a palavra e reivindicar para si o direito àquele lugar de trabalho demonstra que nesse “cistema” de assujeitamentos vários, as resistências e linhas de fuga confirmam a indocilidade trans, e sua capacidade criativa. Ao falar sobre um superior hierárquico do hospital, ela explicou:

Ele disse pra minha chefe lá, que ele viu nos corredores as pessoas me chamando de Wanessa; ele entrou lá novo, ele tem 2 anos lá; quando ele entrou lá, ele me via, dava bom dia.. ele me tratava como mulher, ele não sabia. Um belo dia a secretária me apresentou: “Esse daqui é a Wanessa/Serginho/Wanessa!” Ele arregalou o olho, ... dei a mão; quando eu sai da sala eu falei, esse cara vai fazer alguma coisa daqui pra frente. Duas semanas depois a minha chefe me chama: “É... esse jaleco seu, num sei o

³⁴⁵ VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016. p. 68

que lá, que tem uma coisa a mais...”. Eu... o que, algum... o meu jaleco eu comprei, não tem nada a mais... eu comprei, não tem flor... “Eu só queria ver porque o administrador falou comigo que era pra você usar o... um jaleco de homem.” Engoli a seco, e falei: “Olha só, o hospital não me deu, eu comprei com meu dinheiro, entendeu?!” E esse jaleco aqui não é tão feminino. Porque eu tenho senso, eu preciso trabalhar, não vou botar uma coisa de homem, e também não vou botar uma coisa muito de mulher, por mais que eu queira; então, fiquei naquele meio termo. O jaleco que eu uso é unissex, praticamente, é diferente, entendeu?! E ele queria que eu colocasse o jaleco de homem; continuei, não dei a mínima bola; eu disse a ela que comprei com a meu dinheiro, ela não fez nada. E ficou nisso. Tempos depois ele veio com essa do nome. Ele chegou pra ela e pediu pra ela falar pra mim que, ... é porque as meninas me chamam de Wanessa, e ele falou que não queria que ninguém do hospital me chamasse de Wanessa, se não eu iria arcar com as consequências. O jaleco eu deixei passar batido, agora quando falou isso, eu falei: “Não!”, se for pra mim sair por causa disso, então eu vou sair. Aí fui... fui lá no ...é... ... fui lá na sala dele e pedi à secretária dele pra marcar um tempo pra mim. Ela marcou às duas horas, eu cheguei lá ele estava na sala e me apresentei. Disse o meu nome de batismo, disse que eu era transexual e queria saber o que estava acontecendo. Ele falou: “De que?!”. Eu falei: “De que não, porque segundo a minha chefe, você falou que se você ouvir alguém aí me chamar de Wanessa, eu vou arcar com as consequências; se arcar com as consequências for demitir, eu quero saber, eu vou procurar os meus direitos”. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Mas, se eu não faço isso, eu não ia tá lá hoje, entendeu?! Eu tive que bater de frente com ele, entendeu?! Porque até então, porque... se ele, se ele batesse na mesma tecla que ele não ia aceitar, ele não ia aceitar, eu ia partir pra justiça, em prantos, e com o coração partido de deixar pra trás o que eu conquistei, mas é aquilo: **eu vou lutar pelo que eu sou**; eu volto pra casa de família, eu vendo picolé na rua, eu nunca vou me prostituir porque não dá pra mim, mas se fosse o caso de me prostituir, se eu conseguisse isso, até isso eu ia fazer; eu ia fazer qualquer coisa. Mas sendo quem eu sou, entendeu?! Então, eu fui lá, com medo de perder o emprego, mas com muita... **com muito mais força pra lutar pelo que eu sou**. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Bater de frente, lutar “pelo que se é”, não aceitar as normas de gênero cristalizadas, enfim, esse repertório de resistências é o que garante a continuidade das vidas trans. Ao questionar o chefe, Wanessa rebelou-se contra o “cistema” heteronormativo, colocou em risco o emprego, mas garantiu a integridade daquilo que ela conquistara enquanto sujeito. Todos os anos de investimentos na elaboração daquele sujeito que ela se tornava foram acionados para afirmar uma ética do cuidado consigo mesma.

Ainda que a clássica noção de “armário” seja uma metáfora incapaz de ser aplicada a essas histórias de sujeitos que “sempre foram” diferentes, para algumas delas o armário era o

lugar possível de gestação da transgeneridade e a saída do armário cisgênero fora um momento de por à prova os laços de parentesco³⁴⁶.

Alguns parentes próximos, como mãe, avós ou em menor grau o pai, podem ter um impacto na decisão de “sair do armário”. Medo, respeito e insegurança são alguns dos afetos elencados para justificar a decisão de permanecer no armário cisgênero. Há, também, questões de ordem prática, como dependência financeira, receio de sofrer violência física dentre outras.

A seguir apresento duas narrativas que permitem compreender de que maneira a tensão existente entre os afetos familiares e as normas de gênero e sexualidade forjam específicas experiências nomeada como trans. A transgeneridade, nos dois casos, foi marcada pela existência de um evento-crise³⁴⁷: a morte do ente querido.

Criada pela avó e pelo avô materno, Joyce disse que a vizinhança fazia “fofoca” para sua avó, que ela considerava como uma mãe. Como morava em uma vila com muitas casas próximas, em um ambiente em que todos se conhecem, a relação de proximidade e a noção de público e privado são diferentes. Quando tinha 18 anos, no final dos anos de 1990, Joyce foi acusada por uma vizinha de ser gay.

A minha mãe, no começo, quis dar um reverteriozinho, eu fui botei ela no lugar dela, falei mesmo com ela: “A minha avó me aceitou...” Porque meu avô morreu primeiro. “A minha avó me aceitou, por que que você não vai aceitar?!”. Isso por telefone, que ela veio ligar pra mim pra poder falar desaforo por telefone; por que não falou pessoalmente? Porque quando ela me viu eu já estava transformado; ela me viu menino, entendeu?!

Eu acho que, até os 18 anos ela me viu, era homenzinho... pintosa, mas ela não esperava. Ela queria que eu fosse igual meu tio; ela falou na minha cara. “Querida que eu fosse... queria que você fosse igual seu tio... não queria que você se transformasse.” Quando ela chegou aqui, eu tava com cabelo mais louro que isso daqui [aponta para seu cabelo atual – curto e um pouco claro], cabelão...tomando hormônio. Aí você já sabe, né?! , o começou assim de hormônio... eu tô com 41?! , lá pros meus 18 anos ...

Eu comecei com 18 anos, tomar hormônio, mas eu comecei me transv... assim, botar roupa de mulher, com 20... 20 anos, porque minha avó era viva.

³⁴⁶ WESTON, Kate. *Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona, Espanha: Edicions Bellaterra: 2003. p. 57

³⁴⁷ HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007. p. 53-58 - No tópico sobre o processo de *Coming out*, a autora elabora uma reflexão sobre as diversas temporalidades que envolvem a transição de gênero e o momento escolhido pela pessoa trans para assumir publicamente sua identidade de gênero; e nisso ela percebe que há uma regularidade nos casos analisados. Apesar das diferenças etárias, geracionais ou de gênero, em geral os processos de transição são marcados pela ocorrência de algum evento-crise na trajetória de vida dessas pessoas, como a perda do emprego, o fim de um relacionamento dentre outro. Ademais, a profissão ou ocupação tem significativa influência na decisão de iniciar a transição de gênero, bem como sobre a aceitação pelo grupo profissional no qual a pessoa trans está inserida.

Então, eu não queria... Ela me chamou no quarto, falou que ... tem uma vizinha aqui que ela contou pra minha avó, falou: “Seu filho é gay, seu neto é gay!” Aí, minha mãe... minha avó chorando, me chamou no quarto naquele dia... lá onde eu te levei, tem um outro quartinho... me chamou lá e foi conversou comigo. Eu falei: “Ah, mamãe... eu falando que não era, que não era, que não era..” Chegou uma hora que eu falei: “Mamãe, eu sou mesmo.” Aí ela chorando, me abraçou e falou: “Não, mas eu tô com você, né?!, e eu que te criei, e se é o que você quer, mas e a sua mãe quando souber disso?”. Eu falei: “O que me interessa é o que a senhora está me dizendo, que aceita... agora, minha mãe...”

Aceitou como... mas ela não chegou a me ver. Quer dizer, minto!, ela chegou ver algumas coisas, mas ela já estava muito velha, sabe como?! Já me confundia como outra pessoa, até de... meu próprio pai ela me chamava: “Marreca”; porque eu pare... eu pareço muito com minha mãe e com meu pai, é uma mistura. Aí, ela faleceu em 2016... (...) 2006... desculpa... 2005 pra 2006. Eu já tinha até um namoradinho, que frequentava aqui a minha casa, mas eu apresentava a ela como um amigo meu; ela adorava ele, adorava. Esse aqui é meu amigo, Vinícius, e tal, tal... ela brincava com ele... (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

Chamada de mãe por tê-la criado desde os 15 dias de nascida, a avó de Joyce foi apresentada como a figura central que determinou sua demora em “começar a botar roupa de mulher”. A relação com a avó-mãe foi marcada pela tensão de saber e expor a sexualidade de Joyce. O policiamento de gênero feito pela vizinhança fez com que a avó de Joyce a interpelasse; e mesmo que tenha confirmado que “era gay”, ela não admitiu que era trans. Viver de forma escondida, clandestina era uma maneira de não enfrentar a negação que viria da avó-mãe.

Nascida e criada no mesmo bairro que Joyce, mas quase dez anos mais nova, Wanessa viveu uma experiência semelhante, mas em seu caso, a figura familiar de referência fora seu pai, que mesmo tendo uma relação conturbada com Wanessa, representava uma figura de respeito, a ponto de ela não conseguir transpor os investimentos femininos que produzia sua corporeidade do privado para a cena pública. O que impedia Wanessa? O medo, a vergonha e a expectativa de que seu pai pudesse encontrá-la pelas ruas.

O feminino veio quando o meu pai faleceu. Eu passei a me vestir mesmo com roupa de mulher mesmo, a agir assim, porque antes, eu... eu já sabia que era homossexual, que eu gostava de homens, e coisa e tal, mas , assim, enquanto ele era vivo eu não... eu achava que ia agredir ele, entendeu?! Alguma coisa assim. Eu num... eu num queria, eu fiquei mais a vontade após a morte dele.

Escondido... eu passava batom, fazia as coisas escondido. E já cheguei a botar roupa escondido com ele vivo, em casa de amigos que moram em outros bairros, entendeu?! Já cheguei a fazer com ele vivo; mas, após eu ter tido... ele me aceitar como gay. Ele nunca me viu com roupa de mulher; mas, após ele me aceitar como gay, assim... isso não ser mais...

Um... uma questão, eu já botava roupa escondido. Então, foi mais... é... e foi pros 20 assim, eu já botei, assim, a noite só. Entendeu?! É, e no dia a dia foi só com a morte dele mesmo. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Wanessa só nasceu quando seu pai faleceu; a vida de um significava a não existência do outro. Wanessa, tal como Joyce, só conseguiu “assumir” uma identidade feminina cotidianamente após o falecimento de um ente querido que lhe servia de referência; esta decisão, segundo elas, estaria pautada em uma atitude de respeito, de consideração e de possível exposição de seu familiar a uma situação vexatória perante a sociedade. Assim, constrangidas a viver vidas cisgêneras, elas se apagavam cotidianamente; negociando com famílias cisheteronormativas, com esquemas e situações de violência autoinflingida, Wanessa, Joyce e muitas outras trans de Campos foram subjetivadas dessa maneira.

Em ambos os casos, Wanessa e Joyce eram reconhecidas por suas famílias enquanto homossexuais e, de alguma maneira essa orientação sexual era passível de aceitação. O que não se admitia era que elas se dispusessem a investir na transformação da identidade de gênero, ou seja, que passassem a “vestir roupas de mulher”. Percebo que nas narrativas analisadas as fronteiras entre a identidade de gênero e a orientação sexual são muito tênues, e seria praticamente impossível definir onde e como começa uma e termina a outra nas experiências trans em Campos dos Goytacazes.

Conforme apresentado por Jaqueline de Jesus, a identidade de gênero “corresponde à identificação de algum para com algum gênero, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento”, enquanto que a orientação sexual é a “vivência interna relativa à sexualidade”³⁴⁸, são, portanto, expressões usadas para atribuir sentido a eventos distintos. Isso não significa, todavia, que não haja aproximações, imbricações e até mesmo ressignificações de cada um dos termos. Digo isso, porque sabendo da historicidade dos discursos relativos à transgeneridade, particularmente no tocante aos processos de autoidentificação e autorreconhecimento, percebo que as interlocutoras dessa pesquisa situam suas experiências trans no limiar em que a orientação sexual homossexual identificada em um menino passa a ser o dispositivo de acusação que cria uma expectativa de gênero a partir dessa orientação sexual. A maneira como isso impacta a subjetivação trans ainda mereceria uma análise mais aprofundada e talvez com um diálogo com próximo com outros campos do saber. Por enquanto, sinalizo essa observação para chamar a atenção a esse complexo

³⁴⁸ JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: identificar e prevenir*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015. p. 95-6

processo de elaboração dos gêneros e sexualidades, de sujeitos e subjetividades a partir das condições de possibilidades que são históricas.

Não quero com isto supor que haja uma gradação em relação aos processos de aceitação daquelas e daqueles que vivem identidades sexuais e de gênero que são consideradas dissidentes, mas é patente a existência de uma hierarquia que define quem e sob quais condições pode ser aceito. Perceber essa realidade sob o prisma de uma análise que considere a existência de uma cisheteronorma, permite com que reconheçamos a persistência de “cistema” que se torna mais complacente com aqueles e aquelas que se enquadram no binarismo, do que com os que instauram um curto circuito no binarismo, aqueles e aquelas que vivem, como explicitado por Viviane Vergueiro, as identidades de gênero inconformes³⁴⁹. Tanto o pai de Wanessa, quanto os avós de Joyce, atuavam, de algum modo, para que as experiências “gênero-transgressivas”³⁵⁰ ficassem restritas a circuitos privados (o próprio quarto ou a casa de amigos). Kate Weston lembra que:

Quando uma pessoa criada por uma avó ou por outro membro de uma família heterossexual decide sair do armário, essa pessoa que a criou se torna o foco de atenção, o que sugere que a relação social da criança com o familiar, e não necessariamente a relação genealógica, é o que adquire valor nesse contexto.³⁵¹

Embora a autora centre sua análise na experiência da homossexualidade e tome como referência sujeitos cisgêneros³⁵², suas reflexões são relevantes para compreender os eventos narrados por Joyce e Wanessa; e ainda incitam a reflexão sobre o peso social e subjetivo desses laços familiares para as trans de Campos dos Goytacazes. Morar com a mãe, irmãos e

³⁴⁹ VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016.

³⁵⁰ Viviane Vergueiro apresenta esse termo que é usado por Dean Spade como uma alternativa à identidades trans, por considerar que gênero-transgressivo permite abarcar um leque maior de experiências e realidade sócio-corporais. (VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016. p. 181)

³⁵¹ WESTON, Kate. *Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona, Espanha: Edicions Bellaterra: 2003. p. 90 (Tradução do autor. No original: Cuando una persona criada por una abuela o por algún otro miembro de una familia heterosexual decide salir del armario, la persona que lo há criado se convierte en el foco de atención, lo cual sugere que es la relación social del familiar con el niño y no la relación genealógica lo que adquire valor em esse contexto.)

³⁵² Cabe destacar que à época da pesquisa de Weston, final dos anos de 1980 e início da década seguinte, os debates não davam tanta atenção às diferenças entre experiências cis e transgêneras. As problematizações e questionamentos sobre alguns privilégios e específicas passagens sociais permitidas pela cisgeneridade estão nas agendas mais recentes dos movimentos sociais e dos debates acadêmicos.

sobrinhos, ou ter sua “casinha” no mesmo quintal que os familiares é algo comum na cidade; o que, mais uma vez, permite suspeitar da ideia corrente de que o rompimento dos vínculos biológicos é algo preponderante nas experiências trans. Como tenho buscado demonstrar, há a criação de negociações, linhas de fuga e enfrentamento das hostilizações, abjeções e violências sofridas. Em alguns casos, como descrito por Aretha, mesmo a saída de casa não significou o rompimento dos vínculos. Embora ela tenha saído da casa dos pais, a justificativa utilizada foi a necessidade de ficar mais próximo do local de estudo, que era na cidade vizinha a sua. Branca, com cerca de 20 anos e estudante de um curso de técnica de enfermagem no final dos anos de 1990, Aretha encontrou nessa saída de casa a possibilidade de criar outro modo de existência.

Aí, o que que aconteceu? Lá no curso de enfermagem, eu conheci uma pess... um enfermeiro que trabalhava já no hospital, o nome dele é Luis. Ele chegou pra mim e falou assim: “Olha, oh Aretha, eu fui ontem ver um serviço ali na rua Major Vieira, só que o pessoal não gostou de mim porque eu sou negro; eu acho que a mulher não gostou de mim porque eu sou negro, mas vai lá amanhã, que eu acho que ela vai te contratar, porque você é branquinho, direitinho, eu acho que ela vai te contratar.” Aí eu cheguei lá no outro dia e falei com ela, né?!, que eu tava precisando de emprego... Cheguei e falei com ela assim: “Olha, eu vim cá porque o Luis mandou vim cá ontem... que a senhora tava precisando de uma pessoa pra tomar conta de um senhor e tal...” ela olhou pra mim, gostou de mim e me contratou. “Pode vim amanhã”. Aí, o que que aconteceu? Juntou o útil ao agradável; eu já estava estudando lá, eu arrumei um emprego, agora o que que eu vou fazer? Vou mudar pra cá pra mim ter a minha liberdade! (Aretha Ferreira, 27/10/2015)

Sair da casa dos pais ou familiares foi uma forma de encontrar a liberdade para a construção de si. Na fala de Aretha a questão financeira aparecia como um empecilho para que ela pudesse viver como queria, como almejava; a conquista de um emprego na mesma cidade em que estudava foi a gota d’água para começar uma nova vida. Este movimento de sair de casa é visto como “uma conquista da liberdade”, a liberdade aqui aparece tal como em Foucault como uma forma de agenciar a própria vida sem ter que respeitar todos os protocolos de comportamentos listados pelo modelo familiar.

Para compreender essa dimensão do familiar, é válido considerar que as experiências de gênero e a sexualidade são forjadas a partir da relação estabelecida com outros espectros da construção subjetiva. Preciado pondera que:

O lócus da construção subjetiva política parece ter se deslocado das tradicionais categorias de classe, trabalho e divisão sexual do trabalho a outras constelações transversais como poder ser o corpo, a sexualidade, a

raça; mas também a nacionalidade, a língua, o estilo, ou, inclusive a imagem.³⁵³

Portanto, gênero e sexualidade merecem ser percebidos na intersecção estabelecida com a cor/raça, a religião, a escolaridade e a classe³⁵⁴. Patrizia Lemos, que migrou para a Europa há quase uma década, narra como agora, em 2017, ela ocupa um novo lugar no âmbito familiar.

Então, tem aquelas pessoas que acham que é fácil, entendeu?! , não é! Não é, Rafael, não é fácil. Então, hoje, pra eu ter a casa que eu tenho, ter a vida que eu tenho... tanto sentimental, quanto familiar, porque minha família é muito vinculada a mim.

Do Brasil. A daqui também, que eu tenho uma família aqui também. Tenho uma vida financeira estabilizada. Não foi fácil, não caiu nada do céu. Não é que eu peguei o avião, cheguei aqui na Itália e veio tudo *vooop* na minha mão, não! Eu trabalhei muito. Eu passei por muita provação aqui. Tem horas que eu disse: “Meu Deus do céu, eu não aguento mais. Mas voltar pro Brasil eu não volto” Aquela coisa assim, sempre de: Brasil eu não volto, pro Brasil eu não volto. Então é... É difícil pra mim, hoje em dia, aceitar certas coisas. Eu respeito! Porque eu sou obrigada a respeitar. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

A superação do frio, da exploração sexual e da condição de imigrante ilegal em território italiano são as vitórias conquistadas por Patrizia. E tudo isso permite com que ela tenha conseguido refazer os laços com a família de origem, rompendo com as expectativas cristalizadas para as vidas trans. Descrevendo-se como uma pessoa que tem foco na vida, ela reconhece que o caminho trilhado foi difícil, mas destaca que sua força de vontade garantiu as conquistas. É evidente, porém, que a luta empreendida por Patrizia foi travada contra todo um “cistema” que a marcou com violência, marginalização e descrédito. A necessidade de provar cotidianamente que era a melhor na escola, em casa, no trabalho são algumas das imposições que rondam as experiências trans.

Após a ida para a Europa e sendo reconhecida como uma “vencedora”, a relação com sua família de origem tornou-se bastante diferente do modelo estabelecido quando ela era criança e adolescente:

³⁵³ CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, p. 375-405. p. 383 (Tradução do autor. No original: El locus de la construcción de la subjetividad política parece haberse desplazado desde las tradicionales categorías de clase, trabajo y división sexual del trabajo hacia otras constelaciones transversales como pueden ser el cuerpo, la sexualidad, la raza; pero también la nacionalidad, la lengua, el estilo o, incluso, la imagen.)

³⁵⁴ WESTON, Kate. *Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona, Espanha: Edicions Bellaterra: 2003. p. 93

Meus irmãos me amam, que é um casal, né?! Ele, que é mais novo do que eu, e ela que é mais velha do que eu um ano, por parte de pai. Mas os dois me amam, me tratam como mana. Tem um ciúme doentio por mim, que é uma coisa... Os dois tão no meu Face. Então, assim, eles são pra mim, nossa! São a minha vida, são a minha vida, os dois. Tenho, tenho um sobrinho, me chama de tia, o Hernando. Então, assim, hoje em dia eu tenho uma família... Não é que eu não tive, mas o meu começo, eu passei por muitos problemas familiares justamente por causa disso. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Ter a família como um troféu, fruto de uma conquista árdua demonstra como as expectativas sociais e culturalmente forjadas colocam a família como algo que não deve pertencer às experiências trans; de modo que aquelas que conseguem conquistar o apoio familiar, devem tomar isso como um troféu. É como se família e transgeneridade fossem substantivos antônimos. A narrativa de Patrizia e de muitas outras interlocutoras mostram que não é assim necessariamente.

Duas outras interlocutoras saíram de Campos com destino à Europa e essa migração significou a ocupação de um novo lugar no espaço da família de origem. Helena que chegou a ser internada em um hospital psiquiátrico de Campos na década de 1980, explicou que :

Nós somos 5 irmãos, do qual... uma é professora, ah.... meu irmão do meio trabalha na Petrobras, na direção da Petrobras; é... a outra é doméstica, empregada doméstica e o outro é torneiro mecânico. Hoje em dia nos damos muito bem, entre parênteses, não é?! Conseguiram superar a mudança da Helena e.... é... hoje a gente se dá relativamente bem!

Foi, foi muito difícil! Foi difícil, é... porque a minha mãe era uma pessoa que não tinha, assim, tanta instrução, é... de escolaridade, assim. Vinha de uma família mais pobre, é... então eu passei por algumas... algumas turbulências de vida, aonde minha mãe depois me, me... expulsou de casa é... e eu tive que vencer a vida, né?! Tive que correr atrás pra poder ser a pessoa que eu queria ser.

As turbulências da vida, causadas pelo comportamento da mãe que tinha pouca instrução escolar e por isso não aceitaria Helena como ela era, a expulsou de casa e fez com que ela tivesse que “vencer na vida” sozinha. Essas marcas da abjeção fazem com que Helena reconheça que passados pouco mais de 20 anos que ela saiu de casa, a relação com os familiares é boa, mas encontra-se entre parênteses. “Nos damos bem entre parênteses” é o sinal de que as marcas ficaram e ressoam na forma como Helena se relaciona com a família de origem. E é isso talvez que faça com que ela construa para si uma narrativa marcada pela altivez das conquistas que ela teve, mas com o tom de ressentimento de quem sofreu pelas mãos daqueles de quem se espera carinho, afeto e compreensão.

Hoje, hoje... hoje; por exemplo, a minha mãe hoje tenta recuperar, né?! Ela tenta recuperar o tempo perdido; ela compra vestidos pra mim, compra blusinhas e coisas, num sei o que.... Só que claro, o tempo passou, eu já estou mais velha, já não sou mais a mesma pessoa. Eu não quero... não tenho.... não quero recuperar. Aí você pode até questionar: “Mas, por que você não quer recuperar?!” Porque eu tenho algumas mágoas, alguns ressentimentos, é claro; porque eu sou ser humano, não sou a virgem de Fátima, pra poder tá perdendo ninguém, né?! (Helena, 11/07/2017)

A relação de cordialidade que Helena vive com a família de origem não apaga os medos, hostilizações e violências sofridas no passado. Essas memórias do passado permitem com que ela faça referência à outra família, aquela criada na Europa, como a família que ela não teve no Brasil. Nesse caso, seu marido é descrito como aquele que representa os laços de afeto, acolhida, carinho e cumplicidade que eram esperados na família de origem, mas que foram encontrados no além-mar.

Tenho familiares do meu marido que pra mim são muito bons! O meu marido não é meu marido, o meu marido é meu irmão, meu pai, minha família, é tudo pra mim. Ele é tudo pra mim, ainda que hoje nós somos separados de fato; eles já não vive comigo, não vive comigo, mas tem o quarto dele, tem as coisinhas dele aqui. A hora que ele quiser, porque ele pra mim, ele não é meu marido; nós mantemos contato todos os dias, nós falamos todos os dias, porque ele não é meu marido... ele é meu pai, meu irmão, meu filho. Ele é a família que eu não tive. E a família dele é a família que eu não tive. Uns estão em Bruxelas, outros estão em Paris, outros na Suíça, outra em Barcelona... e eu tenho casa nesse lugar; eu tenho casa pra ir todos esses lugares a hora que eu quiser. E Luxemburgo também! (Helena, 11/07/2017)

Helena encontra na família de seu marido os afetos que lhe foram negados na família de origem. Proximidade, acolhida afetiva e disponibilidade são os elementos que ela reconhece como fundamentais para qualificar uma relação familiar. E por isso seu marido europeu e a família dele aparecem em destaque na sua narrativa sobre a vivência familiar.

Bianca saiu de casa aos 13 anos de idade. Ela morava em João Molevade, Minas Gerais, e migrou para Vitória, Espírito Santo. Cinco anos depois ela chegou a Campos e viveu na cidade por mais de 10 anos. De Campos ela foi para o Rio de Janeiro e em seguida para Bérghamo, na Itália, onde vive desde 2007. Desde que saiu de casa, ela localiza que a reaproximação com a família só ocorreu efetivamente depois que ela foi para a Itália e assim conseguiu oferecer apoio financeiro para seus familiares que estavam no Brasil.

No relato feito por Bianca, a saída de casa aos 13 anos se deu antes mesmo que ela pudesse sofrer hostilizações mais graves que pudessem ameaçar sua integridade física, e talvez por isso ela explique com alguma serenidade a reaproximação com a família de origem.

Da minha família... em João Molevade; sim, me aproximei. Assim, agora, pouco tempo faz, deve ter uns 4 anos que eu... comprei minha casa pro lado de lá, então... quando eu vou fico mais lá. Fui ao Brasil duas vezes e nem a Campos eu fui; vou agora.... acho que eu vou agora em janeiro, passar o Natal lá com a minha família, e Réveillon passo pro lado do Rio de Janeiro.

Tá alugada! Minha mãe pega o dinheiro pra ela. Eu falei: aluga e pega o dinheiro pra senhora. Mas, já comprei já tem anos... foi logo depois que eu cheguei aqui, tem uns 3... 4 anos depois que eu cheguei aqui. (Bianca, 22/06/2017)

Em ambas as histórias a dimensão monetária apareceu como uma forma de recriar os familiares e, mais ainda, como a reafirmação de si como um sujeito que “deu certo na vida”, uma vencedora que encarou os desafios e saiu vitoriosa. Entretanto, diferentemente de Helena que “perdoa, mas não esquece”, na narrativa de Bianca o peso da mágoa não aparece com destaque.

Capítulo 8

Amizades trans, redes de cuidado e as “famílias que escolhemos”

No capítulo anterior evidenciei os percursos das relações das trans com suas famílias de origem; as formas de negociação, os conflitos e dificuldades em que a identidade de gênero e a orientação sexual aparecem como elementos que marcam as subjetividades trans.

Assim, além de desnaturalizar a ideia romantizada de família, que a percebe como o lugar do carinho, da acolhida afetiva e material pude também demonstrar que a compreensão cristalizada de que a expulsão de casa e o rompimento dos vínculos de afeto e familiares com as famílias de origem não se sustenta como uma regra. Isso porque essas relações são datadas e vividas de maneiras muito diversas.

Neste capítulo que encerra a terceira parte da tese, e também finaliza essa etapa da pesquisa de doutorado, demonstro como as amizades na interface com a família ganham destaque no processo de produção das subjetividades trans. Para isso, construo uma narrativa eu privilegia os momentos de tensão com as famílias de origem e de que forma as redes de amizade oferecem o suporte material e afetivo que potencializaram a continuação das vidas trans. Ademais, foi importante registrar, também, como em tempos sombrios, de afetos tristes e muitas hostilidades a amizade funcionou como uma potência política de afirmação da vida, das experiências trans, enfim, da criação de modos de vida trans.

Vergonha, rejeição e medo

A partir de quatro histórias narradas pelas interlocutoras, busquei refletir sobre como o processo de silenciamento das experiências trans pode funcionar como estratégia de negociação para a permanência no ambiente familiar, mesmo que isso implique em situações de hostilização, degradação e até mesmo de abjeção.

Uma das estratégias para lidar com a visibilização da transgeneridade no ambiente familiar é o uso de metáforas, eufemismos e pequenas mentiras. Joyce explica como atualmente, em 2016, era a socialização de seus sobrinhos e a relação com as irmãs. Segundo ela, que na época tinha 40 anos, não se deve dizer para uma criança que alguém é uma travesti, uma trans ou uma mulher trans. Cerca de cinco anos mais nova do que Joyce, e

estudante de Pedagogia, Erickah concorda com o argumento apresentado por Joyce, e usa uma situação vivida por ela no estágio escolar na Educação Infantil:

...já me apaixonei por Educação Infantil. Então, assim... você pega... tem crianças que já têm aquela malícia... Eu, no meu primeiro dia de estágio uma menina: “Oh, tia, eu posso te fazer uma pergunta?” Me chamou de tia, não me chamou de tio. “Oh tia, posso te fazer uma pergunta?”. Eu falei: pode, amor!. “Você é gay?”. Tipo assim, não me perguntou se eu sou homem, sou mulher não, sabe! Eu falei: “Olha, você sabia que Papai do Céu não gosta que fala essas coisas?, é feio”. Porque, como que eu vou explicar pra uma criança de 5 anos de idade, 5, 6 anos de idade, o que .. que eu sou gay?! Por mais que venha... que eu acredito que a família tenha uma opinião, né?! (Erickah Gomèz, 28/10/2015)

Essas narrativas permitem observar como ainda está cristalizada uma concepção de que a infância é um momento em que não há capacidade de entendimento de temas considerados pelos adultos como complexos, por isso, é preciso criar eufemismos, medos e desviar de qualquer assunto que coloque em pauta o gênero e a sexualidade.

Erickah acionou a força divina, “Papai do céu” para não precisar explicar à criança o que era “gay”, já Joyce inventa com seu sobrinho, uma criança de menos de 5 anos de idade, a ideia de que a maquiagem, o batom e as roupas como vestido, saia e blusas decotadas, são partes da fantasia que ela usa para ir ao Carnaval ou ao teatro. Como brincadeira ou fantasia, a transgeneridade não é elaborada como possibilidade de existência para seu sobrinho, um menino que está sendo moldado como homem cisgênero e heterossexual, que não deve se aproximar de elementos, recursos e acessórios que, social e culturalmente, são usados para o feminino, a não ser em momentos de folia. Joyce explica como isso ocorre:

Você quer ver uma coisa?! Ele pega o batom, vamo botar; você pode passar batom? “Não.” Eu falei, então tá, então bota o batom no lugar... só quem pode sou eu... que eu vou fazer um teatro agora, cê tá entendendo?! Aí, por isso que eu tô fazendo isso. Ah, tá. E aí, eles vão crescendo, e quando eles tão maiorzinho... aí eles sabem que eu não tava fazendo teatro. Na minha vida sempre foi assim,... fazendo teatro, indo pro Carnaval. Essezinho mesmo fala, quando eu começo a me arrumar: “Você vai pro Ururau?” porque sabe que é Carnaval. (Joyce Vasconcelos, 07/10/2015)

O teatro como encenação da realidade confunde-se e mistura-se com o próprio fazer-se trans na vida cotidiana. Mesmo após a morte da avó-mãe, em que Joyce passou a viver cotidianamente performando a feminilidade inventada em seu corpo, a relação com os familiares, mesmo que não percebam, estão criando enredos, decorando falas e encenando um repertório que recoloca, reitera e reproduz o “cistema” heteronormativo. Entretanto, nota-se e registra-se que todo esse processo também é marcado pelos escapes, pelas deixas e

inventividades que dão o tom de incerteza e possibilitam as fraturas nas normatividades, inclusive nas de gênero. E, como no teatro dos palcos, no dia a dia a improvisação, o incerto e as “deixas” são sempre mais interessantes e surpreendentes.

Participando da mesma encenação da vida cotidiana em Campos dos Goytacazes nesses primeiros dezessete anos de 2000, Anna Laurah descreve a relação com sua avó, que foi praticamente quem a “criou”:

Então, eu praticamente fui criada com a minha avó, mas sempre com a presença da minha mãe. Então, quando a minha mãe separava, ela sempre voltava pra dentro de casa, entendeu?! Mas teve um período que a minha tia, antes de casar também, morava com ela na casa dos meus avós, pais dela, né?!, depois que ela casou só ficou eu, minha avó e minha mãe mesmo, e depois a minha irmã, quando a minha irmã nasceu.

É... vovó é... chega a ser até engraçado, porque ela... é daquele tipo: eu sei o que você é, aceito você do jeito que você é, te amo do jeito que você é, só não toca no assunto comigo. Entendeu?! Ela é meio...

O que Anna Laurah fala da relação com sua avó é como o teatro vivido por Joyce com seu sobrinho, em que a transgeneridade não pode ser nomeada e assim foram criados subterfúgios. Mesmo que a avó de Anna seja de outro tempo e o sobrinho de Joyce seja desse tempo presente, a prerrogativa do não dito parece encurtar as décadas que separam os dois. Assim, quando pergunto a Anna Laurah se sua avó, em algum momento, já tentou conversar com ela falando abertamente sobre sua identidade de gênero, a resposta foi precisa e enfática:

Nunca! Pelo contrário, ela sempre se refere como a minha situação. Até hoje, tipo assim, eu até entendo, porque ela é de um outro tempo. Minha avó tem 88 anos, ou seja, na época dela isso de fato era um absurdo; até compreendo mais... Aí... ela fala, né?!, em relação a emprego, sempre falou em relação a estudo, aquelas coisas toda... então, ela sempre se referiu a mim dessa forma; quando ela queria falar sobre a minha opção, ela sempre diz que: “Ah, meu filho, porque você sabe que na sua situação, né?! Então, você tem que trabalhar, você tem que estudar”. Então, desde a minha adolescência, não agora. Mas aí, quando tem algum problema, aquela coisa toda, igual ela tá: “Ah, eu não vou ficar aqui muito tempo... quem vai cuidar de você?!, porque na sua situação...” Né?!, então, ela sempre se refere...

Ela tem uma preocupação muito a mais, né?!, comigo; e ela sempre refere à minha posição trans como “a sua situação”, né?! Ela fala sempre: “a sua situação”, “a sua situação não permite...” “a sua situação é complicada...” ou “a sua situação”... É sempre a sua situação. Nunca tivemos uma conversa, mas eu respeito também, até porque talvez seja a única pessoa que eu tenha um certo constrangimento em falar a respeito, entendeu?! É uma pessoa à qual eu não obrigo a nada, nem em termo de nome, nem ... Não, ela me chama pelo nome de registro. É.. ela me chama pelo nome de registro, até porque eu nem sei se ela sabe da Anna, entendeu?! Não sei se ela sabe da Anna, e também não procuro saber. Tipo assim, é uma coisa que eu deixo

quieto também, e respeito ela por isso, então, deixa como está. (Anna Laurah Pessanha, 08/10/2015)

É o reconhecimento de que, de fato, o processo de nomeação/interpelação, como uma forma de atribuir sentido, cria, institui e adensa a realidade. É curioso nesses casos como o ato de falar sobre, de nomear, de dizer o que se é ganha um peso e uma materialidade que parecem insuportáveis, incompreensíveis e absurdas para um sistema discursivo que está organizado sob uma matriz cisheteronormativa.

E chama a atenção como nos dois casos a questão geracional aparece como aquilo que justifica a atitude de não “falar sobre”. A preocupação de Joyce com o sobrinho é efeito das expectativas cisgêneras; e mesmo ela vivendo as experiências trans, explica que pela pouca idade do sobrinho, que tem 3 anos, ele não entenderia certos assuntos. O assunto em questão é a transgeneridade; se a criança não pode entender esse fenômeno por um lado, por outro ela é criada em um cenário em que a cisgeneridade é reificada como se fosse natural, simples e evidente.

Já Anna Laurah torna-se compreensiva com sua avó justificando-se com a idade de que ela tem 88 anos, o que serve para inscrevê-la no passado que é visto e entendido como mais atrasado e conservador, ou seja, incapaz de lidar com as “mudanças” que se apresentam no mundo contemporâneo. Ser compreensiva, portanto, tem o sentido de aceitar ser chamada pelo nome masculino de registro, de não falar seu nome feminino e tampouco ser tratada a partir de sua identidade de gênero.

Negociando com polos geracionais distintos, Anna e Joyce conseguem garantir um lugar de visibilidade silenciosa no ambiente familiar. Ao mesmo tempo em que não se furtaram de viver a experiência trans, elas assumiram que não precisavam ou não poderia falar sobre o assunto. Por mais que a identidade de gênero fosse visível, foram criadas estratégias, muitas vezes eufemismos, para poder falar sobre aquilo que se via e vivia. Joyce como alguém que vai teatro ou ao Carnaval e Anna Laurah como alguém que vive “a sua situação”, não podiam falar sobre a transgeneridade.

Por mais que o desconforto, a opressão e a exclusão aparecessem minimizadas em suas narrativas, esse processo de silenciamento pode ser percebido como uma histórica forma de manutenção da cisgeneridade, como discute Viviane Vergueiro³⁵⁵. Em suas narrativas o

³⁵⁵ VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016.

afeto aparece como base para a manutenção da segurança familiar, conforme discutida por Bell Hooks³⁵⁶ e foi acionado como elemento chave para não gerar conflitos, de modo que isso explicaria a aceitação por parte dos membros de suas famílias.

Já Milena, com pouco mais de vinte anos, explicou que sua família transgeneridade não foi colocada como um problema a ser enfrentado, portanto, ela nunca precisou se silenciar sobre esse assunto. Entretanto, em função da carga histórica de estigma e do preconceito, em sua casa não se poderia falar sobre a prostituição. Quando esse assunto aparecia, ela enfatizou que o silenciamento era uma estratégia da própria família. Identificando-se como profissional do sexo, Milena trabalha nas ruas do centro da cidade e por anúncios em sites de relacionamentos; mas fez questão de registrar que sua família não sabia abertamente do assunto, mesmo que pare a suspeita, a dúvida:

Eles devem até saber, mas fazem assim, tipo, de desentendido. Só que da minha boca não ouviu, e nunca vai ouvi o que eu faço, porque eu tenho muito respeito... é... sobre isso. (Milena Menezes, 10/10/2015).

Atuar com o benefício da dúvida, com a possibilidade de manusear o não-dito e assim conseguir construir uma relação de respeito com a família é o que mais se destaca nessa fala de Milena. O respeito que oprime, coloca em risco e culpabiliza as experiências trans, aparece como o elemento que Milena usa para justificar o silenciamento sobre estar na prostituição. Isso ocorre, certamente, porque o “fazer vida” ainda seria considerado como algo ruim, negativo, motivo de demérito e desonra para a família. Assim, é como se a aceitação da transgeneridade estivesse condicionada a um repertório de silêncios, como nesse caso relacionada à prostituição. Nessa situação evidencia-se o quão opressor, violento e constrangedor pode ser a produção desse código de respeitabilidade.

Portanto, Anna, Joyce e Milena compartilharam a experiência comum de calar-se, de produzir um silenciamento sobre aquilo que foi vivido como forma de estabelecer e/ou manter laços familiares antigos ou novos. A frágil aceitação familiar em relação à transgeneridade foi marcada por um jogo perverso de silenciamento de si, na medida em que esses contextos familiares ainda estavam fundamentados na cisheteronormatividade.

Wanessa se junta a Joyce, Anna Laurah e Milena na empreitada do silêncio. Após ser expulsa de casa, aos 16 anos, quando o pai descobriu que ela não teria namoradas, porque gostava de homens. Estava em questão antes mesmo da transgeneridade, o fato de Wanessa

³⁵⁶ HOOKS, Bell. *Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

sentir atração afetivo-sexual por homens; e na medida em que era percebida por seu pai como um menino cisgênero, ela seria, sob o olhar desse pai, uma “bicha”. Ao sair de casa ela passou a morar com uma tia, irmã de seu pai. Cerca de um ano depois, a partir da intervenção dessa mesma tia que a acolheu em sua casa, o seu pai a aceitou de volta, construiu um “quartinho em cima da casa dele” para ela morar e passaram a conviver juntos. Mas tudo isso ocorrera sob uma condição: “o assunto não foi mais tocado”. O assunto a que ela se refere é a sexualidade de Wanessa, que à época era vista por seu pai como homossexual. Entretanto, mais do que calar-se sobre a sexualidade, Wanessa também silenciava sua vontade de expressar-se no gênero feminino; não se tratava, portanto, de ser gay, homossexual ou veado, mas sim de se identificar como uma mulher; estava em jogo a identidade de gênero de Wanessa. Por fim, ela explicou que o assunto que motivara a sua expulsão de casa não mais foi falado:

(...) o assunto não foi mais tocando, e aí ele faleceu... aí, depois que ele faleceu que eu fui aflorando mais; bem tarde, até! 23 anos, né?! Hoje eu vejo aí, as transexuais aí de 16 anos, 15 anos, você encontra. As monas de shortinho, de cara pintada. Eu com 16 anos, nem imaginava fazer isso, entendeu?! Eu dei um passo nessa época... assim, eu já tava fluindo pra isso, agora, vestir, se montar assim não... foi bem tarde pra isso. (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Com isso, além de aceitar e reforçar a autoridade daquele homem, branco, cisgênero e heterossexual, Wanessa negociou essa violenta relação com o pai como forma de manter-se viva.

Silêncio e vergonha, portanto, foram dois elementos que permearam essas experiências trans observadas em Campos dos Goytacazes desse o final dos anos de 1990. Particularmente o silêncio, tomado muitas vezes como uma estratégia de sobrevivência, como uma forma de garantir a frágil aceitação e um meio de negociar com a família a manutenção dos laços familiares igualmente tênues, tensos e hostis. Tudo isso foi responsável por imprimir marcas específicas nessas subjetividades trans produzidas em Campos dos Goytacazes. Caladas violentamente sob o risco da humilhação, agressão e muitas vezes sob a iminência de ser escorraçada, as trans passam a tangenciar outros caminhos, em que o gênero, a raça, a classe, a geração, a escolarização e até o local de moradia concorreram para a subjetivação que resiste e desnuda a suposta natureza cisgênera. Assim como o silêncio é polimorfo, cruel e pode oscilar em graus de intensidade, o outro elemento de destaque, a vergonha, também perpassa essa variação de sentidos e impactos sobre as vidas trans.

Nascida em Minas Gerais no último ano da década de 1970, no início dos anos de 1990, já na adolescência, Bianca aprendeu a compreender-se como diferente dos demais meninos: “Eu comecei a minha história mesmo com 13 anos de idade, foi quando eu me descobri assim... de 11 pra 12 anos foi o período que eu me descobri, quem realmente eu era assim, na minha vida, né?! E com 13 anos de idade eu já saí de casa.” (Bianca, 22/06/2017) Descobrir-se significou se confrontar com a ordem heteronormativa e não conseguir corresponder às expectativas sociais sobre ser um menino cisgênero e heterossexual.

Filha de uma família grande, com 4 irmãs e 2 irmãos, ela explica que sua família não falava sobre o assunto. Alimentava certa desconfiança de seu jeito, mas jamais tocavam no assunto. Sua saída de casa foi motivada, segundo Bianca, pelo sentimento de vergonha que ela nutria, certamente em função dos olhares, das falas e interpelações feitas em um contexto familiar marcado pela cisheteronormatividade:

Eu tinha vergonha. Deles não aceitar, assim, a minha opção sexual, né?! Aí eu preferi sair... sair de casa e... Desconfiava, assim... algumas vezes assim, que via como mulé, alguma coisa assim, mas não chegava a ter a certeza, se realmente era ou não era. Já tinha deixado o cabelo crescer, já era grande o cabelo. E dali eu... depois que eu fui pra Vitória, saí de Minas, eu me assumi... comecei a vestir roupa de mulher, tomar hormônio; aí já... aí minha família descobriu, né?! Minha irmã, duas irmã minha mora em Vitória; descobriram, mas nunca me falaram nada. Eu que cheguei pra minha mãe, depois de uns 3 anos que eu voltei, né?! Em Minas, e falei pra ela... oh... Cheguei já transformada, e falei pra ela. Ela falou: “Óh, eu já sabia que você... sua irmã já tinha me falado... que você tava trabalhando na rua”. Porque minhas irmãs passava, né?!, e de longe. Preocupada comigo, passavam assim, nos pontos de prostituição e descobriram que eu tava trabalhando nas ruas, né?! (Bianca, 22/06/2017)

A “escolha” por sair de casa no início dos anos de 1990 e se afastar da família de origem em João Molevade (MG), foi justificada a partir do sentimento de vergonha, de que a família soubesse quem ela era, ou das consequências dessa descoberta. Isso, fez com que Bianca fosse morar em outra cidade e outro estado, cidade de Vitória, no Espírito Santo. Entretanto, mesmo antes de sair de casa, o início da sua história foi marcado pelo convívio com outras trans que moravam no mesmo bairro que ela:

Na minha época assim eu era um gay afeminado, né?!, cabelo grande, mais afeminado, e... comecei a ver as travesti que trabalhava na rua, que passava no bairro mesmo.

Em João Molevade, com roupas de mulheres, ou vestida... com uma peça de mulher e uma peça de homem, porque começa assim, né?! Bota uma... aquele short jeans mais curto, uma camisa de homem, uma... Aí eu comecei assim, vendo elas fazendo isso, e eu comecei a fazer, até mesmo pra ganhar

dinheiro, né?!, porque (...), já sabia sim, porque no bairro onde eu morava tinha, já tinha umas 4, já eram assumida, dona de salão, aí eu já sabia que era. Elas perguntavam assim, por curiosidade... passava por elas, encontrava, elas já me viam que eu era afeminado, e perguntava um pouco assim: “que que você faz, mora onde, tem vontade de ser travesti?”. (Bianca, 22/06/2017)

A identidade de gênero e a orientação sexual são acionadas na narrativa de Bianca como parte de um mesmo processo, ou seja, a experiência de ser um “gay afeminado” indicava uma potência travesti reconhecida por outras travestis que moravam no mesmo bairro que ela. Essas travestis que eram mais velhas, identificavam e interpelavam “gays afeminados” mais novos, como era Bianca. Ela perguntavam: “Tem vontade de ser travesti?”, e Bianca respondeu que sim.

Da mesma geração que Bianca, Patrícia experimentou o dessabor da vergonha traduzida em agressões, acusações e a ojeriza de um familiar que supostamente lhe daria carinho e proteção. Segundo ela, esse foi um dos motivos para que houvesse a separação entre seus pais. Na medida em que o progenitor bradava a recusa em ser “pai de veado”:

Ele largou a minha mãe justamente por minha causa. E eu nunca mais vi ele; só fui ver ele na minha adolescência, porque pegava ônibus pra ir pro colégio e ele era cobrador. Então, assim, eu nunca tive sentimentos paternos por ele.

Os meus pais eram separados, justamente por minha causa. Meu pai largou minha mãe por minha causa, porque (ele) dizia que não queria um filho viado, que (ele) já percebia desde novo, e queria que a minha mãe me desse pra minha avó; pra ser criado pela minha avó. Minha mãe disse que não, disse que ela ia me criar. “Então você cria, mas eu não vou criar um filho viado, porque um que gosta de brincar de boneca, ou que fica desmunhando pra lá e pra cá, eu não vou ter filho viado, eu não vou criar filho viado!”. E aí teve uma briga entre os dois muito grande, que até hoje a minha mãe conta isso com muito orgulho, que ela fala que ela tem orgulho, porque ela sempre foi mãe; em nenhum momento ela deixou... que a sociedade, ou até mesmo que a rejeição do meu pai, né?!, influenciasse o amor dela por mim; e me criou. (Patrícia Lemos, 23/06/2017)

A mesma mãe que a defendeu em relação às palavras de agressão do pai, foi aquela que tempos depois a expulsou de casa, pois recusava vê-la vestida de mulher; sob o prisma analítico da cisnormatividade, compreende-se que o que estava em questão era a identidade de gênero e não a sexualidade. A ação de sua mãe sugere a possibilidade de uma orientação sexual homossexual, mas recusa o rompimento do padrão de gênero cis.

Nesse jogo de lembranças e afetos descrito por Patrícia, o abandono e a recusa da mãe fizeram parte de uma complexa relação sustentada por uma ideia de cuidado a distância.

Analisando a situação mais de 25 anos depois, parece que a ação da mãe foi mais situacional e não deixou as mesmas cicatrizes que o pai foi capaz de produzir.

Já falecido atualmente, as memórias de Patrizia são muito vivas dos últimos encontros de afetos tristes que ela teve com ele, lembrado pelos momentos de profunda rejeição, tensão e ameaças e marcada pela justificativa da vergonha que Patrizia significava para ele:

Porque a penúltima vez que nos vimos, ele apontou uma arma pra mim, disse que ia me matar porque eu estava envergonhando ele.

E a última vez é quando ele estava com câncer, que eu já tinha... já morava aqui, tinha ido ao Brasil. Ele se encontrou comigo no Centro e falou que eu tinha a obrigação de dar dinheiro pra ele porque eu era filho dele e tinha obrigação de ajudar no tratamento dele. Eu falei assim: “Eu?! Eu ajudo um cachorro na rua; ajudo um desconhecido. Eu tenho dinheiro pra te dar sim, eu tenho. Vim da Europa. Chupei muito na Europa; nossa, eu fodi muito na Europa. Eu tenho dinheiro, só que eu não te dou não.” (ele, o pai) “Ah, !!!” Com ironismo, assim mesmo. “Não te dou não, não te dou um centavo. Eu tiro dinheiro aqui agora, que eu tenho na minha carteira, e te mostro; eu tenho, eu rasgo, eu dou para um desconhecido, eu faço o que eu quiser, mas pra você?! Eu quero que você morra! Morra! Porque pra mim você já morreu há muito tempo, só falta morrer fisicamente!” Ele: “É por isso que eu sempre soube que você não prestava.” “Justamente, eu não presto pra você. Então, o meu dinheiro também não presta. O meu dinheiro é sujo, sai da minha mão. Então, se eu não sirvo pra você, o meu dinheiro também não pode servir. Morre sozinho!” Com a minha irmã é a mesma coisa; a minha irmã odeia ele. Odiava ele. Ele tentou matar a minha irmã. Era um cara totalmente estranho. Aquela criatura era totalmente estranha.

Esse sentimento de ódio que dá o tom à fala de Patrizia é justificado por ela pelas ações de covardia experimentadas nas mãos do pai.

Ele fez muita covardia comigo. Ele já pagou garoto, colega dele, pra me bater. Ele já pagou um colega dele pra me bater. Ele era cobrador de ônibus. Então, eu sempre pegava ônibus, aquela coisa toda; uniformezinho coladinho, caderninho assim, né?!, e tal... Aquilo ali pra ele era a morte. Que tinha aqueles que sabiam que eu era filho dele. Ele uma vez pagou 2 garotos pra me dar uma coça. E a sorte que eu sempre fui magra e tive as pernas compridas... corri muito, Rafael!, corri muito. E eles jogavam pedra, jogavam pau... eles tavam realmente pra me dar uma coça mesmo; se eles me pagasse naquele dia, eu ia apanhar muito. Aí depois de muito tempo que eu fui saber, que foi ele que tinha pagado. Ele fazia de tudo, de tudo pra prejudicar a minha vida; me odiava realmente. Que ele era aquele homem realmente hetero, entendeu?! Que filho tinha que “comer”, filho tem que meter em tudo quanto é lugar, filho é macho! Tem que ser macho. Então, pra ele, eu era uma aberração. Tanto que eu tinha esse namoradinho, quando ele descobriu, ele foi lá e botou a arma na minha cabeça, assim, pra me matar. Falou: **“Eu vou te matar! Eu vou preso...” sabe como?! “Eu vou preso como bandido, mas eu não vivo como pai de viado!”** “Pois então você matar, porque revólver não peida. Tem que ter homem atrás dele, mata! Se você não matar, eu mato você.” Aí chegou gente, separa daqui, separa dali...

Aí ali foi a última vez que eu vi ele. Passou uns 7 meses, 8 meses, eu vim embora pra Europa. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Essa delicada e tensa relação de Patrizia com seu pai durante a infância se estendeu até a adolescência e chegou à vida adulta. Já com a mãe, mesmo sendo Testemunha de Jeová, denominação religiosa descrita por ela como “dura”, a vinculação afetiva não foi totalmente rompida. Difícil com a mãe, impossível com o pai.

As falas do pai de Patrizia indicam como a sexualidade dita desviante da norma heterossexual e o gênero que não concorda com o padrão cis foram historicamente produzidas e naturalizadas como um fardo para os sujeitos que vivem tal realidade, bem como para quem os cerca, como a família. Ser reconhecido no local de trabalho e entre os amigos como um “pai de viado” era algo inadmissível para seu pai. O “filho veado” parece depor contra a masculinidade do pai, torna-o menos viril. A reação do pai de negar esse “filho” era uma forma de defender a normatização heterossexual e assim garantir a perpetuação de uma linha de conduta para os homens³⁵⁷, na qual faz parte a negação da homossexualidade. Muito embora Patrizia se identifique agora como transexual, durante sua adolescência, nesse momento de rompimento com o pai, ela era vista, percebida e nomeada como “veado”.

Essa trama do cotidiano ocorre em diversos espaços sociais, mas é certamente nas relações de vizinhança que os conflitos ficam ainda mais acirrados, tanto mais em contextos em que se pode estabelecer uma relação de familiaridade com os vizinhos.³⁵⁸

Helena narrou a experiência de ser percebida como uma menina quando era adolescente nos anos de 1980 e destacou como isso impactou a sua relação familiar. A interpelação dos vizinhos, e mesmo de alguns homens da sua família, era o motivo que trazia vergonha para a família, particularmente sua mãe:

E foi muito complicado, e depois os homens da família, e não só é... que viram que eu parecia menina, me assediavam. Eu não contava porque tinha... pra mim, eu sabia que aquilo era uma coisa que não tava certa, mas também achava que não podia contar. Então eu guardava pra mim, né?! Então era... Depois as pessoas faziam críticas e questionavam: “Por que que fulano parece uma menina?! Mas, por que que parece?!” E aquilo me fazia uma imensa confusão, né?! Até porque naquela época a sociedade era mais... quer dizer, a sociedade hoje ainda é hipócrita, mas naquela época era mais hipócrita, então as pessoas ficam naquela coisa: na casa do vizinho pode, mas na minha não. **As pessoas atacavam a minha família muito, né?!**, com

³⁵⁷ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001. p. 467

³⁵⁸ FARIAS, Tadeu Mattos; PINHEIRO, José Q. Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças “vivas”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2013. p. 30

esses comentários e essas coisas. E a minha família, por despreparo, é..., né?!, que hoje em dia já tá... as pessoas já estão mais esclarecidas, estão se esclarecendo ainda, mas já estão mais esclarecidas do que naquela época. Então, é muito difícil! (Helena, 11/07/2017)

Esses “ataques” sofridos pela família de Helena faziam com que sua mãe tomasse um posicionamento, que se engajasse na correção do comportamento de Helena, percebido então como um erro. Na tentativa de corrigir aquilo que lhe parecia errado, sua mãe restringiu seu acesso à alimentação dentro de casa, fechou a porta para que ela não entrasse depois de certo horário, enfim, produziu um espaço de convivência muito hostil para Helena. Essa violência contra Helena, uma histórica forma do poder cisgênero em tentar apagar as experiências trans fez com que ela buscasse linhas de fuga, estratégias de sobrevivência. A maneira encontrada à época, com pouco mais de 16 anos de idade, foi a migração para a cidade vizinha a Campos, Macaé. Foi a partir desse trânsito intermunicipal, que Helena começou a trilhar novos caminhos para a construção de sua feminilidade. Sendo expulsa de casa, ela viu nas ruas do centro aquilo que ela sentia:

É, assim, a primeira vez é... eu passei na Rua 21, que foi basicamente muito logo depois de eu ter saído de casa; eu passei na Rua 21 e vi elas lá assim em pé e falei: “Ah, que mulheres bonitas! Nossa, que lindas que elas são.” E uma pessoa, na época, falou pra mim: “Não, não são mulheres, são travestis!” Eu falei: “travesti, o que é isso?!” “Ah, elas são assim, inclusive assado, né?! Elas têm o coisinha, mas elas parecem mulheres e tal” E aí foi aonde me despertou e eu falei: “Então eu também posso, né?!, conseguir ficar com aquele corpo, ficar bonita daquele jeito, entende?! Foi a primeira vez... quando eu vi elas. (Helena, 11/07/2017)

Antes de sair de Campos, entretanto, Helena já tinha contato com algumas trans da cidade e foram elas que marcaram sua lembrança. Uma dessas pessoas era Chana Carla, já citada inúmeras vezes como uma das primeiras travestis a ganhar reconhecimento na cidade na década de 1980. A trajetória de Chana, já citada nessa tese e em pesquisas acadêmicas³⁵⁹ e programas televisivos³⁶⁰ locais, marcou um momento de visibilidade dos corpos e subjetividades trans na cidade.

³⁵⁹ SILVA, Marinete dos Santos e BILA, Fábio P. Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias. *Dimensões* – Revista de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, vol. 23, 2009.

³⁶⁰ Programa “*O Averso do Averso de Xana Carla, por Sérgio Mendes Cordeiro*”. Publicado no Youtube em fevereiro de 2011, encontra-se dividido em 4 partes, com cerca de 15 minutos cada uma. O acesso feito em 03 de março de 2018, utilizando-se o buscador: “o avesso do avesso de Xana Carla”. Registro que a grafia do nome de Chana varia em diversas publicações, tendo aparecido das seguintes formas: Shana Carla, Xana Carla ou Chana Carla. Segundo a própria Chana, em entrevista realizada para essa tese em 06 de maio de 2016, a forma como ela escreve seu nome é: Chana Carla.

Ao lembrar esse momento de sua trajetória, Helena pondera que já se sentia como mulher, mas que seu corpo não correspondia à maneira como ela se sentia. Embora se utilize de uma narrativa que se aproxima, acolhe e reivindica a essência de ser mulher, ao dizer que precisava dar forma à mulher que estava dentro dela, Helena demonstra como o gênero é parte de um devir, um processo sobre o qual se pode trabalhar, investir e criar. Na produção de sua corporeidade, Helena contou com a inspiração que vinha das amigas. A amizade, neste sentido, não corresponde necessariamente ao modelo contemporâneo de um laço afetivo de carinho e cuidado, estando mais ligada a uma ideia de grupo que partilha experiências em comum, no caso das experiências trans, de serem sujeitos que tencionaram a lógica cisgênera e investiram em subjetividades transgêneras.

Nesse sentido, Helena destaca a existência de Chana Carla, que já vivia a experiência trans na cidade de Campos e tornou-se uma inspiração para ela. O corpo de Chana, modelado com o silicone industrial Barra – 1000, como ela descreve na entrevista dada ao apresentador Sérgio Mendes³⁶¹, chamava a atenção e os cabelos, longos e negros ajudavam a compor uma performance feminina que era vista com admiração por outras pessoas que queriam ou estavam no processo de viver uma experiência trans. Esse foi o caso de Helena. O corpo de Chana Carla, enquanto um discurso político, materializava aquilo que parecia impossível: um feminino construído em um corpo pensado para ser masculino.

Chana demonstrava materialmente que o feminino poderia ser vivido, elaborado e construído em corpos anteriormente ditos masculinos. O pênis não era mais a condenação, prisão e/ou prova incontestada de masculinidade. Esse movimento de Chana e de muitas outras trans de Campos é um golpe na estrutura sexo-gênero e provoca, promove e incita outros corpos a engajarem-se nos processos de transformação corporal: com hormônios, silicões, próteses e cirurgias de redesignação sexual (ou transgenitalização). O movimento político, portanto, dá-se nessa compreensão de que o sexo não é destino e tampouco incontornável. A feminilidade de Chana, vista por Helena foi capaz de potencializar um projeto de existência fora da matriz de inteligibilidade cisgênera. Helena explicou com entusiasmo, que foi a partir desse contato com Chana que ela teve a certeza: “Eu também quero ficar assim! E um dia eu vou ficar!”. (Helena, 11/07/2017).

³⁶¹ Vídeo disponível no canal Youtube: “O Averso do Averso de Xana Carla, por Sérgio Mendes Cordeiro”. A Entrevista está dividida em 4 blocos de 15 minutos cada. Além do jornalista Sérgio Mendes e Chana Carla (cuja grafia do nome no programa foi feita com X e não CH como ela usa), também participaram o apresentador Robinho e a professora Cristina Lima. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1kHKUdjTUY8&t=77s> – Acesso feito em 05 de maio de 2018.

Essa fala de Helena é parte das lembranças que ela aciona dos anos de 1980, quando iniciou seu processo de transição. A certeza e o entusiasmo com que ela proferiu essas palavras deu-se em um presente em que ela tem mais de quarenta anos de idade e com a segurança de quem teve seu "desejo" alcançado; ela conseguiu ficar como imaginava. É evidente, porém, que não caberia aqui conjecturar como ela falaria caso a "empreitada" não tivesse sido exitosa, mas é sintomático perceber como esse tom de alegria e satisfação cria um sentido específico para a subjetividade de Helena. Sua história com a amiga Chana Carla ajuda a entender que elas não estavam sozinhas na cidade, diferente do que poderia ocorrer dentro de casa, no contexto familiar. Pois, como lembra Helena, quando perguntada sobre a existência de travestis e transexuais em Campos durante a década de 1980:

Existia, existia uma... uma transexual que se chamava Chana Carla Siqueira, muito minha amiga, foi muito boa comigo; é... me apoiou bastante, é... e conheci outras. Algumas me apoiaram, outras menos; algumas diziam que eu não ia ser nunca ninguém, assim, comentários assim, meio grotescos, não é?! Mas a que foi... me apoiou bastante, foi essa Chana Carla Siqueira. Que não só a mim, como a outras pessoas também. Na época me lembro dela, de apoiar e dizer: “Olha, corre atrás, vai atrás e se precisar, eu tô aqui...”

É, ela trabalhava e também fazia espetáculos, fazia... tinha muitos eventos que ela promovia; era uma pessoa muito bem relacionada; muito bonita. Tinha um cabelo maravilhoso. E, claro, eu olhava e dizia: “Eu quero também ficar assim, né?! E um dia eu vou ficar!” (Helena, 11/07/2017)

O desejo de Helena ganhou fôlego durante os anos de 1990, e o incentivo de Chana, que já conhecia o Rio de Janeiro, foi fundamental. Nesse período Helena decidiu ir para o Rio de Janeiro e pouco tempo depois ela cruzou o Atlântico a caminho do Velho Mundo. Sem explicar com detalhes os motivos que a levaram para o Rio de Janeiro e depois para a Europa, tampouco precisando as datas em que isso aconteceu, Helena descreveu que sonhava com o dia que iria para a Europa:

Depois, claro, eu fui pro Rio de Janeiro, aos fins de semana, aí eu comecei a ver outras ainda mais lindas, né?!, na Avenida Atlântica. Conheci, é... quando eu fui ao Rio de Janeiro, me lembro... Eu fui a casa de uma senhora, que era uma senhora transexual, que se chamava Bibi; ela alugava diárias, quartos, né?! E... ela... era na Lapa, na rua do Lavradio. E eu fui à casa dela, e pedi pra ela, se ela tinha um quarto pra mim, se eu podia alugar um quarto, porque eu queria ir morar pra lá. E ela disse pra mim assim: “Não minha filha, aqui não pode, porque aqui só mora travesti, aqui não pode morar meninas, né?!” E quando eu falei pra ela: “Mas eu...né?!, eu não sou menina!” Então ela ficou assim... me olhou e ela foi... “Então entra, entra, entra...” Me ajudou também muito! Essa senhora. Chamava Bibi; ela era de Vitória, no Espírito Santo, mas morava no Rio de Janeiro. Já era uma senhora já de idade, e foi muito legal comigo também. E, conheci outras... conheci a Denise Schermmann, fazia shows numa boate, chamava Cabaré

Casanova, do Rio de Janeiro; essa Denise, ela era baiana, morava em Copacabana, também me deu muito apoio: moral, psicológico, é... foi muito boa pra mim também. Mas depois perdi contato porque, né?! Eu quis, é... mudar mesmo e... ir embora do Brasil. Comecei a ponderar e literalmente ir embora do Brasil. Só que claro, naquela época elas diziam, é... Ah, a Europa, a Itália, a Itália... elas falavam muito na Itália, a Itália, a Itália. Só que eu não queria pra mim a Itália porque, por causa da prostituição, né?! Então, todas chegavam com seus carrões, suas... seus apartamentos, mas agente sabia que era do dinheiro de prostituição, e eu não queria aquilo pra mim. Então eu nunca tive essa coisa com Itália. “Eu quero ir pra Itália!” Não, eu queria é... ir pra Europa, mas ter uma vida normal; ter um marido, e isso na minha cabeça desde juvenzinha, queria: ter um marido, ter uma casa, ter um marido, talvez, se pudesse, adotar uma criancinha, mas ter um vida normal de todos os dias. Não queria saber de negócio de prostituição, nem de ir pra Itália, nem de ficar rica, e voltar pro Brasil pra mostrar pro povo que eu fiquei milionária. Não! Não era isso que eu queria. Ainda que hoje eu tenha uma vida, digamos, razoável, não é?! (Helena, 11/07/2017)

Depois da Planície Goitacá e da Cidade Maravilhosa, Helena aportou na Península Ibérica no final dos anos de 1990 e é lá onde ela vive até os dias de hoje. Em sua narrativa são citadas diversas trans que viviam no Rio de Janeiro desse período e por meio delas Helena produzia o sonho de ir para a Europa. As redes de contatos, amigas e de prostituição compunham esse circuito. O país para onde ir, as melhores formas de conseguir a entrada e até as possibilidades de fazer a cirurgia eram temas correntes apresentados na fala de Helena.

Os tempos em que ela significava uma vergonha para a família ficaram para trás; o perdão aconteceu, mas a lembrança permanece presente, pois: “Perdoei?! Sim, não esqueci! Perdoar eu perdoei, mas esquecer eu não esqueci. Se não eu taria no lugar de Nossa Senhora de Fátima, e o povo lá acendendo vela e pondo flor pra mim, né?! (Helena, 11/07/2017). A experiência da abjeção, da ojeriza e as várias formas de violência experimentadas marcaram a subjetividade de Helena.

Na narrativa de Patrícia e Helena, há um enfrentamento em relação às noções cristalizadas sobre como deve se comportar uma família; ao recusar a ideia de família enquanto lugar de segurança e apoio e a noção de que a afetividade oriunda dos familiares é algo natural, elas produzem sentidos específicos às suas existências. Romper com o pai, perdoar sem esquecer, ser expulsa de casa pela mãe e ainda assim creditar à família um espaço de destaque na produção de sentido sobre si é um movimento por permite entrever a densidade que essa instituição comporta nessas narrativas trans, mas também vislumbrando a possibilidade de redimensionar o jogo de afetos e dos arranjos familiares e produzir outros entendimentos, novos e criativos, dobrando aquilo que parece rígido, esticando e modelando de outra maneira aquilo que aparenta ser fixo.

Além dessas dimensões da vergonha, que afastaram Helena e Patrícia da família de origem, outras histórias que conjugavam as experiências trans e as famílias de origem na mesma oração foram possíveis. Renata registrou um novo sentido e com isso ressignificou a noção de ser ou se sentir motivo de vergonha e chacota para a família. Ao explicar sua relação com a mãe e o pai, Renata falou com certeza e euforia: “Minha mãe tem loucura por mim; meu pai tem loucura por mim.” E logo justifica que essa “loucura” não é infundada, ou seja, é um vínculo afetivo que foi construído por ela, um vínculo tecido que ela foi capaz de produzir na contramão daquilo que era a expectativa sobre sua experiência trans. Como ela explica:

Mas eu vim construindo isso aí. Eu nunca me envolvi com droga; eu nunca parei numa delegacia. Nunca nem entrei dentro de uma delegacia, não sei nem como que é. Entendeu?! Não sou melhor que ninguém, sou igual a todo mundo, você tá me entendendo?! Mas eu nunca me envolvi em coisas erradas assim, pra envergonhar a minha família, você tá me entendendo?! Porque eu acho que isso é que é envergonhar a família. É uma mãe ter que ir visitar um filho que tá preso. É saber que um filho tá espancado na rua. Graças a Deus eu nunca passei por isso. E... e eu fui... eu sou uma pessoa muito madura desde muito cedo, com os meus pensamentos, entendeu?! Eu não sei, se isso também é familiar, é criação, entendeu?! Porque minha mãe e meu pai sempre teve muito presente na minha vida, você tá me entendendo?! (Renata Melila, 06/10/2015)

Estar longe do universo das drogas, ou das chamadas “coisas erradas”, é o que Renata agencia como argumento central para produzir sua aceitação no contexto familiar. Além disso, a ideia de uma maturidade que florescera ainda na juventude aparece como o diferencial para ela, aquilo que permite com que ela se perceba em uma situação de vulnerabilidade no contexto dos frágeis laços familiares e por isso sua conduta tenha que ser calculada com atenção e cuidado. E com isso, Renata reitera o reconhecimento ao esforço feito pelo pai e pela mãe:

Estudei em colégios bons; estudei no Externato Brasil, aqui em Guarus; estudei no Colégio Batista, lá no Centro, na Alberto Torres. Entendeu?! Eles sempre, de alguma forma, eles sempre me aju... lutaram para que. Porque meus pais são humildes, eu sou de família muito simples. Minha mãe era doméstica; hoje que minha mãe é técnica de enfermagem, entendeu?! Meu pai trabalhava no Correio. Então, ele... eu sempre tive essa estrutura familiar, entendeu?! Eu, e então, eu tenho essa maturidade de saber que se eu colocar, vamos supor, meu peito pra fora numa festa, num lugar,, você tá entendendo?!, aquilo ali vai atingir, querendo ou não, a minha família., os meus amigos, cê tá entendendo?! As pessoas passam a te olha de uma outra maneira; passam a ter uma visão de você de uma outra maneira. Isso não quer dizer que eu sou melhor do que ninguém. Eu saio como todo mundo, gosto de tomar uma cerveja no final de semana, como todo mundo, cê tá me entendendo?! Mas eu tento me policiar nessas coisas, por saber quem eu sou; assim, já sou... às vezes eu quero até lutar por um direito meu, já

aconteceu isso: tô em um lugar, tô vendo que aquilo ali tá errado, mas eu falo assim: “Não, eu não vou falar, porque aí, se eu falar, vão dizer assim: - Não, alá, tá fazendo alvoroço aqui; tá não sei o que!”, cê tá me entendendo?! Então eu evito até pra não, cê tá me entendendo?! Se uma pessoa jogou uma piada de uma loja, um vendedor falou alguma coisa, se for a minha vontade, era de chamar o gerente, falar: “Óh, seu vendedor...” Não, eu viro minhas costas e vou embora. Prefiro dessa maneira. Eu acho que assim que eu vou vencer, entendeu?! Ih, meus vizinhos tem paixão por mim, graças a Deus. Minha família também. Gostam muito de mim. (Renata Melila, 06/10/2015)

Ao falar sobre o esforço de seus pais, vistos por ela como “humildes” – o pai empregado dos Correios e a mãe doméstica – Renata enfatiza a necessidade de exercer um controle sobre seu comportamento para garantir um respeito na e pela sociedade, de modo que aquilo que ela é e sabe que representa não ressoe negativamente na imagem de sua família. Assim, eventos como colocar os seios para fora, fazer barraco na rua, ainda que fossem usados como mecanismos de defesa frente a alguma situação de preconceito e discriminação, são negados por Renata como atitudes que “valham a pena”. Ela entende que este controle sobre si é o que faz com que seja bem quista por sua família e vizinhança; e acredita que este exercício de manter seu comportamento sobre vigilância constante é fundamental para que proteja seus amigos e familiares de eventuais situações de desconforto público.

Todo esse exercício sobre si é atribuído à existência de uma maturidade, que ela não sabe ao certo de onde vem, mas cujo peso da “estrutura familiar” é destacado como relevante. Com isso, ela constrói seu lugar de legitimidade como filha de uma família estruturada, defendendo sua postura madura e “correta”. É evidente, porém, que este não é um exercício fácil, tampouco sabemos se ela consegue êxito a todo momento, mas é certo que ele pressupõe um controle das vontades.

Ainda sobre a noção de vergonha na relação das trans com a família, Luciana explica que sua família é “hiper legal”, pois sempre a aceitou da forma como ela é: feminina.

Sempre aceitaram... sempre me deram a maior força; a minha família não tem vergonha de mim não! Aniversário, qualquer coisa que eu vou, vou do meu jeito... vou de vestido, vou de shortinho, vou de calça... vou nada de homem, vou do jeito que eu sou. Meu sobrinho, que é a coisa mais linda do mundo; meu sobrinho me chama de tio, né?! Acho que é o respeito que ela em, entendeu?! E eu aceito numa boa, e assim a gente vai vivendo. Minha família é hiper legal comigo, graças a Deus. (Luciana Campos, 16/11/2015)

Nessa narrativa de Luciana nota-se uma fissura na estrutura cisheteronormativa que em grande parte das histórias narradas aparece como eixo central de organização familiar. Se por um lado não conheço sua história de vida de forma aprofundada para poder afirmar com precisão como essa posição familiar foi construída, por outro a forma como Luciana falou

com carinho e serenidade de sua família permite que tal informação seja percebida como um indício de que mesmo em estruturas cristalizadas pela normatividade cisgênera, há rupturas, fissuras e produções de novas possibilidades.

A noção de aceitação familiar é tão tênue quanto fluida e perpassa as narrativas trans em toda a pesquisa. Muitas vezes esse processo de aceitação é carregado de um compromisso do sujeito em ser uma “boa pessoa”, categoria histórica que corresponde à ideia de ser alguém que não ofereça problemas para a família. Nota-se como está à espreita um padrão de normalização cisgênero, heterossexual e de uma sexualidade dita normal que serve como referência para a produção da “boa pessoa trans”.

Patrizia experimentou a expectativa da rejeição, na medida em que via seu tio ser agredido pelos familiares e posteriormente aquilo que era vivido enquanto expectativa ganhou materialidade e ela sentiu na própria pele a materialização da abjeção; e essas experiências são acionadas em sua narrativa como justificativa para sua trajetória de luta e resistência, portanto, a partir do vivido a subjetividade de Patrizia ganhou corpo, sentido e sentimento. Além de um tio e um primo que eram gays, ela também tinha, à época da adolescência, uma tia lésbica:

Tinha até uma lésbica também, que ela foi assassinada com várias facadas, porque ela teve uma relação com uma outra mulher que era casada. Aí esse cara descobriu, foi entrou na casa dessa minha prima, foi e assassinou ela. Deu várias facadas; lá na Penha... lá na Tiragosto, lá em Campos... ela morava na favela. Mas era uma lésbica assumida, ativa... parecia um homem, sabe?! Aquela coisa, assim... E todo mundo citava com ela: “Fátima não tem vergonha, mulher velha safada... num sei o que, num sei o que lá.”. “Ih, Fátima tá aí, fecha o portão; não deixa ela entrar aqui em casa não!”. Então, eu via aquelas coisas, eu via o quanto eu também ia ser rejeitada no amanhã.
(Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Presenciar a experiência de rejeição do outro da família também afetou a experiência de si. De alguma maneira, ao ver sua família rejeitar a “prima lésbica”, o tio “veado” e o primo “bicha escandalosa”, fazia com que Patrizia tivesse medo, pois ela sabia que aquilo que ela sentia “diferente” poderia lhe colocar no mesmo lugar de abjeção, exclusão e violência. O controle heteronormativo exercido sobre os outros e presenciado por Patrizia tinha um efeito pedagógico sobre ela, ou seja, na medida em que via a abjeção, violência e exclusão como “os diferentes” eram tratados, ela inventou-se trans sob o medo e a inferiorização. Nomeados de outra maneira, esses sentimentos têm algo em comum: a experiência do afastamento. Constrangida, acuada e com medo, Patrizia foi modelada por esse vivido. Isso não significa, entretanto, que ela tenha se curvado às regras, pelo contrário, em muitos momentos ela criou

potentes linhas de fuga; mas não se pode negligenciar os efeitos desse exercício de poder sobre a subjetividade de Patrizia. Ela explicou que:

Era tudo parente... querendo ou não, todo mundo cresceu junto ali, tudo perto. Por mais que mudasse de um bairro pra outro, mas tudo sempre... É, tudo Campos. Estávamos sempre vinculados um com outro. Então eu via aquelas coisas, aquilo dali me deixava preocupada com o meu futuro. “Eu não posso fazer isso não. Se eu fizer isso, vão fazer a mesma coisa comigo. Ai, se eu me vestir assim, vão trancar o portão lá na casa de num sei quem pra eu não entrar, porque trancam pra fulana não entrar, vão trancar comigo também.” Então, eu mesma comecei a criar minhas paranoias e me limitar muito. E isso foi também perante... durante a adolescência. Eu só fui realmente me soltar mais depois que eu me apaixonei por um rapaz, se chama Leandro. Foi meu primeiro amor, que até foi morar junto comigo, ele era tão adolescente quanto eu. A mãe dele me ameaçou, nossa, foi um... foi um inferno. Mas, ele conseguiu, da forma dele, que até hoje eu não sei te explicar como... despertar a Patrizia em mim; essa pessoa que dá a cara pra bater, que não tem medo realmente. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

O medo de Patrizia, além desse tratamento dado pela família à “tia lésbica”, foi justificado pela forma como seu tio e seu primo, ambos homossexuais se apresentavam: “Que eu achava ridículo no meu tio, no meu primo... colocava calcinha, mas aquele pacote na frente e aquela linhazinha atrás, sabe como?!, aquela coisa.... Sutiã de mentira. Pegava as coisas da minha mãe.” (Patrizia, 22/06/2017).

A partir dessa narrativa, Patrizia aciona essas experiências familiares em que a orientação sexual é o eixo de ataque e para explicar sua própria construção subjetiva, autodenominada como trans:

Porque, como eu te falei antes, eu nunca me vi como homossexual. (...) o básico do homossexual, não! Eu sempre me via a mais do que aquilo, porque eu não queria ter barba e botar calcinha. Eu não queria usar calcinha com pacote na frente. Entendeu como?! Eu não queria ter... (dá uma pequena interrompida e pede desculpas) ... peito cabeludo e botar blusinha curtinha. Eu não queria ser o biótipo da Vera Verão, que já tinha na televisão. Eu queria ser como é Rogéria, né?! Que era aquela... já era travesti, era feminina. Cabelo comprido, uma maquiagem decente; a Vera Verão não, botava aquelas coisas fantasiada... (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Ser como Rogéria e não como a Vera Verão era uma forma de qualificar-se como alguém que respeita a heteronormatividade. Ao comprar Rogéria e Vera Verão, estão em jogo implicações de raça e classe, na medida em que Rogéria representava o glamour de ser uma atriz construída sob um padrão de beleza branco e com um comportamento contido, muito diferente de Vera Verão, que negra e dona de uma performance teatral próxima do popular

entendimento da “bicha pintosa”, era vista de forma caricata. Embora Rogéria se autodenominasse como travesti e Vera Verão fosse uma personagem interpretada pelo ator Jorge Lafond, ambas colocam em cena a visibilidade de experiências trans e contribuíam para a criação de sentidos atribuídos a tais experiências. Ser como Rogéria é tornar-se branca, mesmo que a pele não seja, rica mesmo sem recursos financeiros, e glamourosa, mesmo que não esteja na televisão. E, com isso, Patrizia como espelho jamais refletido de Rogéria, distanciava-se dos parentes que eram como Vera Verão, esses que foram nomeados como “veados escrotos”, pois:

Um até tem 2 metros e 03 de altura. É imenso, parece um guarda-roupas, e usava calcinha pequenininha no quintal, dizia pra mãe que era mulher. Então, assim, era uma humilhação muito grande na rua, porque todo mundo mexia com ele, chamava de veado escroto. Quando ele passava, gritavam... Então, eu vi aquilo dali, aquilo me espantava. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Ao ver essa experiência de humilhação e a hostilidade sofrida dentro da própria casa, Patrizia se aproximava desse lugar de abjeção, já desde a infância se percebia como diferente. E foi em função dessa percepção que ela modulou uma vontade Rogéria:

Eu cresci na Penha, com a minha família. E desde os meus... 7 ou 8 anos, eu já sabia que tinha alguma coisa diferente, tanto que a minha primeira relação sexual foi com meu primo aos 7 anos de idade; acredite de quiser, mas foi... porque naquela época existia um pouco de inocência. Então... mas era aquela brincadeira de pique esconde, de roçar aqui, roçar ali e tal, mas eu já percebia que a minha atração era pelos meus primos, e não pelas minhas primas. Quando nós brincávamos, de casinha, de lobo mau, essas coisas, eu sempre queria ser a mãe, a filha... eu sempre queria tá na cozinha cozinhando; quando a gente roubava uma verdura, um pedacinho de carne, um ovo na geladeira, e se escondia... ou no quintal ou numa obra, ou num lugar pra brincar de casinha. E era sempre eu que cortava os legumes, que pegava uma latinha de leite ninho, colocava uma porção de papel dentro, colocava fogo e metia a tampa. Aí ali em cima daquele vapor quente, aí eu fritava o ovo, fritava... Então, assim, eu já tinha realmente aquela coisa de... de, como diz?! de transgressão, porque eu sabia que eu tava sendo o oposto do que o que eu tinha que ser. Os meus primos gostavam de jogar bola... (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

E com isso ela temia receber o mesmo tratamento que o tio, visto como um problema familiar:

E o meu tio, o único tio, que era também homossexual assumido. Ele já não era tão vulgar, mas era homossexual também, então era malvisto pela família, e pela própria mãe, que era evangélica, e até botou ele pra fora de casa, tratava mal, deixava sem almoço, aquela coisa toda... pra ver se ele “melhorava”, né?! (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Por tudo isso Patrizia não queria ser como eles, para sofrer o que sofriam. Para ela:

Eu não aceitei o... sei lá, a opção que a vida me deu, entendeu?! Porque em Campos é isso! Então, assim, sei lá... eu lutei contra a minha natureza, porque se não eu também taria em Campos agora. Quem sabe como! Quem sabe... Quantas morreram, Rafael?, nesse meio tempo... De AIDS, de assassinato. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

A recusa, a indignação que apareceu no tom de voz com que Patrizia proferiu a fala anterior foram elementos que demonstram sua vontade de resistir, seu empenho na produção de si de forma revoltada. Lutar contra a família, a sociedade e, em última instância, contra a própria “natureza” não é tarefa daquelas que aceitam passivamente as regras do poder. Essa natureza historicamente elaborada como condição teleológica do ser, como o corpo biológico visto como sentença, fez parte do repertório de lutas empreendido por Patrizia.

Por isso, lembrando Foucault, e acompanhado pela narrativa de Patrizia, é possível considerar que a questão-título colocada pelo pensador francês em *É inútil revoltar-se?*, foi respondida por Patrizia com sua vida. Viver a recusa às opções ofertadas pela vida cisheteronormativa foi o que fez com que Patrizia recusasse o destino manifesto das trajetórias trans de sua época, e trilhasse outros caminhos. E é certo que não cabe julgar, condenar ou absolver, esses caminhos, mas tão somente reconhecer que:

Não se impõe a lei a quem arrisca sua vida diante de um poder. Há ou não motivo para se revoltar? Deixemos aberta a questão. Insurgir-se é um fato; é por isso que a subjetividade (não a dos grandes homens, mas a de qualquer um) se introduz na história e lhe dá seu alento.³⁶²

“Elas me deram apoio!”: por outras redes de afeto

Encontrar nas amigas o apoio físico, emocional, financeiro e afetivo é algo que tem perpassado as subjetividades trans. Embora nessa tese sejam destacados os processos de negociação, articulação e a criação de estratégias da produção das subjetividades trans nos contextos familiares, não se pode negar que o afastamento da família, com a ideia de “expulsa de casa” também é algo que marca essas trajetórias em diferentes momentos.

Mesmo aquelas que não colocam ênfase nessa questão, deixaram escapar que em algum momento a casa da família foi um ambiente hostil que repeliu a possibilidade de

³⁶² FOUCAULT, Michel. *É inútil revoltar-se?* In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 80

experiência da transgeneridade. Foi justamente nesses momentos das trajetórias trans que as amigas, mais uma vez, apareceram como o suporte, o apoio, a segurança que garantiu a continuidade da vida, potencializou troca e invenção de afetos, mesmo com todas as adversidades, conflitos e hierarquias existentes nessas relações, conforme apresentado no final da 2ª Parte. Reconheço que é possível a formação dessas redes de amizades fora e dentro da família de origem havendo ou não o apoio familiar. Entretanto, nas análises apresentadas, em função dos repertórios narrados pelas interlocutoras de pesquisa, privilegio as redes de amizade que surgem nos momentos em que as famílias de origem não apoiam, negam ou rejeitam as experiências trans.

Para Wanessa a relação com o pai foi muito delicada e ela encontrou o afeto no interior da família de origem. Durante sua adolescência no final dos anos de 1990, ela foi percebida por seu pai como um homossexual; enquanto um menino cisgênero que não correspondia às expectativas de masculinidades heterossexual, que na compreensão de seu pai se resolveria se Wanessa arrumasse uma namorada. O resultado foi ser colocada para fora de casa:

Aos 16 anos eu fui expulso de casa, porque... Ele me questionava... ele queria que eu tivesse uma namorada, e não tinha como.. e no fim eu tive que falar, que a minha opção era essa, e ele me pôs pra fora de casa, disse que se eu não arrumasse uma namorada, eu ia ser posta pra fora de casa. Eu não tinha como arrumar uma namorada... (risos) .. Então, eu fui pra fora de casa. Fui... eu fui trabalhar em uma casa de família, fui morar com a minha tia; nessa casa de família eu pagava meu curso técnico de enfermagem; hoje em dia ele é falecido e eu continuo a minha vida. Então, bem ou mal, eu lutei pelo que eu sou, e acho que era isso que eu tinha que fazer, entendeu?! (Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Após esse ocorrido, ela foi morar com uma tia, irmã de seu pai, que foi quem deu suporte e posteriormente convenceu seu pai a aceitá-la de volta. Demonstrando que a rede familiar pode ser mais extensa do que o núcleo de origem formado por pais e irmãos. Foi por meio da intervenção da tia, que o pai de Wanessa a aceitou de volta em casa. Sem explicar detalhadamente como se deu essa reaproximação, ela lembrou que além da expulsão de casa, houve uma forma de ameaça produzida pelo pai. Essa ameaça era endereçada à Wanessa, mas também repercutia na tia que a acolhera. Hoje, mais de sete anos após a morte do pai, essa tia é descrita como a “família” que Wanessa tem, mesmo que o contato não seja diário: “É a minha família mesmo.”

Ele falou que não queria me ver no quarteirão da rua. Aí ela falou: “Não, ele é meu sobrinho, ele vai ficar na minha casa; se você é pai dele, e expulsou

ele, ele é meu sobrinho e vai ficar aqui. Na minha casa você não manda!”.
(Wanessa Lóes, 16/10/2015)

Assim como apareceu anteriormente, a relação com a vizinhança fez com que o pai de Wanessa não quisesse vê-la próximo de sua casa, pois isso demonstraria que ele era “pai de veado”, como verbalizara o pai de Patrizia. Entretanto, a postura da tia de Wanessa em defesa “do sobrinho”, e garantindo os laços consanguíneos, fez com que ela permanecesse morando no mesmo bairro.

Na narrativa de Wanessa o elemento chave que denuncia o processo de rompimento dos laços familiares não foi efetivamente o gênero, mas sim a sexualidade identificada por seu pai como uma afronta. Mesmo porque, a essa altura de sua vida, ela ainda se autodenominava com transexual; como ela mesma formulou durante a entrevista, ainda estava em um momento em que era percebida e considerada como “veadinho”, “bicha”, ou, como contou Patrizia em meio a muitas gargalhadas: “Um boyzinho, um garoto... com sabores atrás, digamos assim!”

Assim como Wanessa, Patrizia narra um acontecimento que marcou a saída de casa. O fato teve a participação de seu irmão, que segundo ela, era afetado pelos colegas de rua que viam Patrizia vestida como “uma garotinha”. O espaço da rua era a possibilidade de Patrizia investir em práticas corporais com roupas e acessórios definidos como femininos. Mais do que a roupa em si, era a maneira como se usava que a qualificava como roupa de menino ou de menina.

Nisso, meu irmão, que era uma criança, tinha 8 ou 9 anos na época. Os coleguinhas dele de colégio, já começavam a mexer com ele. Falavam que: “ah, vi sua irmã!”. Porque, eu dentro de casa era uma coisa, mas na rua, eu tirava a camisa, tinha uma blusinha por baixo, né?! Eu tinha o cabelo comprido... botava aquele rabinho de coelho aqui em cima, sabe?!

Aí eu prendia ele assim, ficava aquele cotoquinho assim; já me sentia uma garota. Passava um brilhaço na boca. Quando não tinha brilho, passava manteiga, pra dar aquele, né?!, deixar aquela coisa lúcida. Então, é... os coleguinhas dele, começaram a mexer com ele. “Ah, vi a sua irmã!”, “Ah, eu vou pegar a sua irmã...” “Eu vou.... com a tua irmã” E aquilo ali, começou a tomando raiva de mim. E teve um dia, numa festa de quadrilha, que tinha muita festa de quadrilha naquela época...

Nessa fase da vida, nomeada e significada como infância e início da adolescência, durante a década de 1990, Patrizia viveu uma infância queer, e contra as imposições cisnormativas, ela criava linhas de fuga. O brilho nos lábios, fossem conseguidos com um batom ou com um pouco de manteiga, tinham um sabor de conquista, de satisfação que só era

apagado com ela se deparava com as interpelações feitas contra seu irmão. E foi em um desses eventos que suas pequenas transgressões diárias foram descobertas pela mãe:

No Asilo do Carmo... aquelas coisas toda. Eu fui fazer o show de Whitney Houston, com mais duas amigas; que cada uma ia fazer um show, aí eu falei: “Ah, então eu também vou fazer; vou fazer a Whitney Houston... I have nothing!”. Aí fui fazer o show. Nesse meio tempo... Ele estava na festa da quadrilha, porque era perto da casa da minha mãe; ele viu aquela cena ali... correu pra casa chorando. Brigou com os meninos na rua, que tinha mexido com ele; correu pra casa chorando. Chegou em casa chorando, a minha mãe perguntou o que que tinha acontecido. Aí ele foi e falou: “Ah, porque Jean tá ali assim, assim, assim, assado.” Minha mãe saiu, me pegou no flagra. Eu lembro até hoje: eu tava ali toda me sentindo a Whitney Houston, aí quando eu olhei assim, no meio povo... hã?! Minha mãe olhando...

Ela só fez assim pra mim (indicando com a mão que a esperaria em casa)... com a mão: te espero em casa! Naquele dia eu fiquei a noite toda quase na rua, com medo de ir pra casa, que eu sabia que ela ia me bater, que ia fazer alguma coisa. Por mais que ela nunca tinha me batido. Quando eu chego em casa... Eu tinha comprado... como eu já trabalhava... Eu tinha comprado um aparelho de som pra mim, um 3 em 1; e eu tinha caixa guardada... era de caixa em casa. Quando eu cheguei em casa, tinha a caixa no canto, assim, com as minhas roupas. Ela falou assim: “Olha, você já trabalha, você já tem 14 anos, você escolhe o que você quer da sua vida. Porque se tiver debaixo do meu teto, tem que ser da forma que eu quero...” Até me mexe um pouco lembrar isso, mas... “Ou então você segue a sua vida, pega as suas coisas e vai viver a sua vida.” Eu peguei minhas coisas e sai de casa. Aí fui pra casa... passei na casa de Carla. Carla: “Que isso, sua mãe tá doida...”, num sei o que lá... E minhas amigas também... (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

Patrizia lembra, também, que a questão central que provocou a indignação de sua mãe foi a “transgressão” de gênero e não a sexual. Embora a mãe soubesse que Patrizia não era como os outros meninos (viril, másculo), a sua orientação sexual nunca foi esteve em pauta. Quando lhe perguntei se elas já haviam conversado sobre o assunto, Patrizia respondeu que: “Não, não, não. Porque ela tinha ainda um pouco de aversão sobre essas coisas de homossexualidade, baseado no meu primo e no meu tio, que era...” (Patrizia Lemos, 23/06/2017).

A linha tênue da aceitação brilha e quase ofusca a percepção da situação vivida por Patrizia. Essa mesma mãe que a expulsava de casa aos 14 anos, foi aquela que alguns anos antes defendeu Patrizia das agressões perpetradas pelo homem que não aceitava “ser pai de viado”. Sobre essa situação Patrizia pondera que o problema encontrado pela mãe não era efetivamente a orientação sexual, mas sim o gênero:

Sim, mas ela não aceitava a feminilidade; ela achava que eu tinha que ser, assim: já que você é homossexual, você é homossexual, basta! Não tem que se vestir de mulher, não tem que botar peitinho, não tem que fazer show,

né?! Não tem que partir pra esse lado como partiu o seu tio... (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

O problema não era a homossexualidade, ter “os sabores atrás”; o “grande problema” que pode ser encontrado a partir da narrativa de Patrizia é que sua mãe não aceitava o tencionamento da cisgeneridade, tanto pelos tios que com barba e pelos pelo corpo assumiam para si roupas consideradas de mulher, quanto por Patrizia que empreendia para si o investimento na subjetividade trans.

Ao elaborar sua narrativa, Patrizia faz referência à Carla, uma das travestis mais antigas da cidade, e lembrada por muitas delas como sendo uma das “belíssimas” da década de 1980. A relação de amizade com Carla, que fora quem indicara os primeiros hormônios para Patrizia e quem lhe garantia alimentos, carinho e acolhida afetiva, foi decisivo para que ela conseguisse sobreviver ao turbilhão que vivera. Além disso, o fato de morar no mesmo bairro, facilitou esse processo de acolhida, pois ainda que estivesse “fora de casa”, ela ainda continuava perto, aos olhos de sua mãe, pois: “Ela nunca me abandonou. Isso aí eu não posso nunca me lamentar; ela, toda semana ela ia me ver, toda semana ela mandava dinheiro pra mim, levava coisa pra mim.” (Patrizia Lemos, 23/06/2017). Morar próximo da mãe e contar com o apoio da amiga criava uma rede de cuidados que cercava Patrizia.

Esse momento é lembrado por Patrizia como de extrema dificuldade e a amiga Carla foi a figura de referência que habita a lembrança de gratidão pelo suporte oferecido.

Eu ia na casa de Carla, falava assim: “Ai, bicha...” – “Ah mulé, cê tá sem comida, né?!” – “Ah, eu tô!” – “Pega lesada, entra. Por que cê num falou? Eu levava pra você.” Aí ela já começava a me dar esporro, nesse meio tempo que tava me dando esporro, já tava lá, preparando meu prato. “Senta, come, mulé!” Aí tô ali comendo, conseguia nem respirar direito, de tanto que eu comia, de tanta fome que eu tava. Ela no meio tempo, pegava os potinho de margarina, que ela não tinha nem potinho de coisa não... Pegava os potinhos de margarina e aí botava: botava um feijãozinho, aí fechava, aí pegava outro potinho, botava arroz, pegava um outro, botava um franguinho ou uma coisa assim; aí botava na sacolinha: “Vai lesada, leva pra você jantar mais tarde!” (Patrizia Lemos, 23/06/2017).

A comida oferecida pela amiga alimentava mais do que o corpo físico de Patrizia, para a garantia de sua sobrevivência. Essa comida representava um ato de cuidado, atenção e aproximação que fazia potencializar a amizade vivida entre as duas. Ser recebida na casa de Carla e mesmo sem pronunciar uma só palavra, ter essa amiga como alguém que percebia a fome que ela sentia, foi uma forma de estreitar a relação.

É oportuno perceber como as interlocutoras deram destaque para o surgimento ou estreitamento dos laços de amizade as pessoas trans ou delas com amigos gays cis, em

momentos críticos momentos esses compreendidos como efeitos de possibilidade decorrentes do entrecruzamento, da conexão e articulação das opressões cisnormativas socialmente compartilhadas. Na medida em que as experiências trans são tecidas sob tantas experiências de abjeção, ojeriza e invisibilização, elas reconhecem a necessidade de alianças, que aqui são chamadas de relações de amizade, ainda que provisórias. A amiga de Patrizia foi praticamente uma tutora, alguém qualificado pela idade e pelas experiências de vida, a oferecer conselhos: “A Carla, que me deu muito conselho, a Carla me ensinou muita coisa.” Isso porque:

Porque, querendo ou não, eu cai na sociedade sozinha; eu não tinha um, um apoio familiar, né?! Eu sabia que o que acontecesse ali, a consequência era só minha. Eu não tinha a casa da mamãe pra correr, entendeu como?! Eu não tinha o papai pra me defender. Não! Eu era sozinha! Pelo contrário, se eu levasse problema pra eles, era mais fácil eu ter mais um problema nas costas, que seriam eles. (Patrizia Lemos, 23/06/2017).

Mesmo que em um momento da entrevista Patrizia tenha dito que a mãe estava por perto, morando no mesmo bairro que ela, na hora de afirmar-se como alguém que lutou e venceu na vida, o apoio familiar foi redimensionado. Pequena contradição? Perspectivas diferenciadas de um mesmo processo? Uma mentira sem fundamento ou descompromissada? Nenhuma dessas perguntas parece merecer uma resposta afirmativa, pois essa situação contribui para nuançar a tênue aceitação sobre a qual escrevi anteriormente.

Sem o apoio familiar, Patrizia teve a acolhida de Carla, uma amiga travesti, e isso foi descrito por ela como algo primordial para a construção de sua subjetividade. No caso de Patrizia, quando a família não deu suporte, ela acabou se aproximando de outras pessoas que ela chamou de homossexuais, muito embora pelos nomes citados entende-se que ela usa o termo homossexual como um guarda-chuva sob o qual estariam os gays, travestis e transexuais. Essa falta de diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual parece ser efeito da fluidez como esses termos aparecem para nomear o vivido, principalmente quando se refere a outros e não a si próprio. Ademais, como já demonstrado, esse tipo de diferenciação não compunha os repertórios de nomeação em Campos dos Goytacazes durante os anos de 1990, nem mesmo durante essa primeira década dos anos 2000. Por isso que Patrizia conclui dizendo que:

No final das contas, eu comecei acompanhando outras pessoas, outros homossexuais que não eram da minha família, mas que estudavam comigo, ou que viviam na mesma cida..... que viviam no mesmo bairro da Penha; que era a Bilu, era a Carla.. que hoje tá com 60 e poucos anos, mas era uma trans

muito bonita; a Roxana, que é falecida há muitos anos também. (Patrizia Lemos, 23/06/2017)

A partilha de experiências semelhantes, a experiência da homossexualidade e possivelmente uma expectativa da transgeneridade, era o que aproximava Patrizia dessas amigas de sua época de adolescência. E um dos espaços profícuos para a proliferação desse tipo dessas relações de amizade era o colégio, além do bairro em que viva. Maurice Aymard considera que o colégio é um lugar de criação de vínculos de amizade que durarão pelo resto da vida, pois “cria um espaço favorável à eclosão de amizades totais e apaixonadas.”³⁶³

Na escola em que estudava, no bairro em que morava e nos lugares da cidade em que transitava, Patrizia vivia os encontros públicos que reforçavam, incitavam e permitiam processos de resistência aos poderes familiares e privados. É por isso que, inspirado em Foucault, Edson Passetti lembrou do potencial perigoso que a amizade tem para a sociedade: “As reflexões foucaultianas nos remetem ao âmbito da amizade separando-se do privado, retomando sua publicidade como estilo de vida, formas de resistir que se afirmam como contra-poderes”³⁶⁴ esse potencial criativo, intenso e perigoso da amizade faz com que, historicamente, tenha sido criadas estratégias para tentar capturá-la, controlá-la e inseri-la em regimes normativos; e duas dessas estratégias podem ser vistas na *philia* grega e na *ágape* cristã.³⁶⁵

Ortega finaliza um dos livros de sua trilogia sobre a amizade³⁶⁶ com um epílogo que problematiza a amizade nesses tempos sombrios do início do século 21. Segundo o autor: “Uma sociedade como a nossa, que concentra as fontes de segurança psíquica e de suporte material na família, dificulta a invenção de outras formas de vida.”³⁶⁷ Assim, considerando a amizade como um fenômeno público³⁶⁸ e a família voltada para o íntimo e privado, o autor considera que na medida em que a amizade fica impregnada de repertórios familiares, há uma perda de seu potencial político.

³⁶³ AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 493

³⁶⁴ PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003. p. 201

³⁶⁵ COSTA, Jurandir Freire. Prefácio a título de diálogo. In: ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1991. p. 12

³⁶⁶ ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

³⁶⁷ *Ibidem*, p. 160

³⁶⁸ *Ibidem*, p. 161

As amigades trans analisadas nessa tese, todavia, sugerem que outras compreensões podem ser elaboradas. Seriam essas amigades uma fissura nesse momento atual das relações de amizade, sobretudo as cis? Podem elas ainda garantir essa potência política da amizade? Como isso ocorre?

Conforme busquei demonstrar ao longo do trabalho, com a presença das amigas e amigos trans e cis, as interlocutoras conseguiram produzir para si uma subjetividade trans feminina e ainda assim mantiveram os laços de afeto com as famílias de origem. Nesse jogo de muitas intensidades, as amigades foram a peça-chave, pois como lembra Weeks: “Se a família tradicional está realmente em crise, então a experiência daqueles que muitas vezes foram forçados a viver fora de suas paredes pode nos dizer algo importante sobre novos desafios e novas possibilidades ”.”³⁶⁹

³⁶⁹ WEEKS, Jeffrey, et al. *Same sex intimacies: families of choice and other life experiments*. London and New York: Routledge, 2001. p. 27 (Tradução do autor. No original: If the traditional Family is indeed in crisis, then the experience of those who have often been forced to live outside its walls can tell us something important about new challenges and new possibilities.)

Considerações finais

Às vezes fraquejo, claro, que eu sou ser humano.... e, e me abala, claro que me abala, mas eu respiro, conto 1, 2, 3. Eu acho que eu só vou parar de ser forte o dia que eu morrer, porque até lá eu vou continuar sendo forte. Independente, venha o que vier, venha quem vier; eu vou continuar sendo forte! (Helena, 11/07/2017)

Esta tese contou histórias, acompanhou narrativas, caminhou por lugares da cidade, apresentou redes de afetos, potencializou situações de solidariedade. Um somatório de narrativas, experiências, vidas, um herbário de existências³⁷⁰, algumas delas com um fim precoce, mas que ainda deixam rastros, afetos que pulsam na lembrança das amigas, na tristeza da partida; essas que foram mas que ainda estão por aqui.

A partir de um determinado eixo norteador – as relações de amizade –, com o objetivo de historicizar as experiências trans, as históricas formas de se autonegar e se autoidentificar como travesti, transexual, transgênero, mulher e veado, busquei problematizar como as amizades das trans com elas mesmas e com amigas e amigos cisgêneros funcionou como um dispositivo complexo e potente, que foi capaz de constituir subjetividades trans em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes.

Uma análise situada no interior, a partir de sujeitos que se autoidentificam de formas diversas, que vivem tempos e temporalidades que não acompanham o fluxo das capitais, do “politicamente correto”, permitiu e indicou a produção de um saber localizado³⁷¹ sobre as experiências trans. Pois agora, como antes, as experiências trans sugerem como as identidades de gênero, as possibilidades de orientação sexual e a produção de subjetividades são potentes, datadas, merecem e podem ser historicizadas e, o mais importante: apresentam como é possível inventar modos de vida, existências que brincam, negociam e (re) fazem o gênero binário, às vezes corroborando as normas, mas de um jeito novo, criativo; jeito esse que provoca fissuras, desnuda o natural e resiste às imposições cisheteronormativas.

No momento de escrever essas considerações finais, lembro do texto sobre Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera. Não posso me esquecer de que há complexidades que permeiam a

³⁷⁰ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manuel. (Org.). *Ditos e escritos*, IV - Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 204

³⁷¹ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. p. 18-22

produção das subjetividades trans; situadas em cidades do interior, marcadas pela cor/raça, pela idade/geração e, evidentemente, pela situação de classe ocupada, pois apagar tais particularidades pode significar, mais uma vez, o silenciamento de existências trans, tal como ocorrera com Marsha e Sylvia:

Essa eliminação das complexidades das vidas de Marsha e Sylvia é um exemplo do projeto colonialista e racista em curso iniciado por ativistas transgêneros que desejam diluir todas as suas variedades. O binarismo de gênero ocidental sob o guarda-chuva "transgênero", sem levar em conta as origens do termo ou a autocompreensão das pessoas de um gênero diferente. Essa invasão de experiências complexas também permite que pessoas transgênero de classe branca, média ou alta, assimilacionistas ou institucionalmente educadas se apropriem das experiências e lutas de pessoas radicais de gênero variante e de cor como parte da grande história dos "transgênero".³⁷²

É justamente na busca por não produzir tais apagamentos que algumas problematizações foram positivadas, sobretudo aquelas percebidas a partir das experiências trans em Campos dos Goytacazes. Como isso pode ser feito? Como se fazer, ser ou estar trans nessa cidade? Ademais, como são elaboradas historicamente e quais os sentidos das autoidentificações, das possibilidades de nomear e interpelar: travesti, transexual, transgênero, mulher, veado dentre outras. Nessa tese, resultado do exercício de alguns anos de pesquisa, estudo e escuta, busquei registrar com palavras e algumas imagens aquilo que foi narrado, significado, visto, vivido e sentido. As gargalhadas durante as entrevistas, as lágrimas que deram vida às lembranças e as perdas, muitas e muitas perdas, de vidas, sonhos e carinhos, bem como as negociações, as invenções de novas possibilidades de ser, batalhar, de se inventar e de se relacionar. Tudo isso esteve presente no texto escrito e foi uma estratégia de aproximação e sensibilização das leitoras e leitores dessas vidas trans que historicamente foram forjadas como abjetas, marginais e muitas vezes menos humanas do que as vidas cisgêneras. Portanto, acredito que os risos e lágrimas, mais do que recursos alegóricos, são instrumentos de afetação, foram as emoções que me afetaram, enquanto um sujeito que se

³⁷² NOTHING, Ehn. Introducción: reinas contra la sociedad. In: JOHNSON, Marsha P.; RIVERA, Sylvia. "S.T.A.R." *Acción travesti callejera revolucionaria: supervivencia, revuelta y lucha trans antagonista*. 3. ed., Espanha: Editorial Imperdible, 2017. p. 28 (Tradução do autor. No original: Esta eliminación de las complejidades de las vidas de Marsha y Sylvia es un ejemplo del proyecto colonialista y racista en curso iniciado por activistas transgénero que desean diluir todas sus variedades. El binarismo de género occidental bajo el paraguas "transgénero", sin tener en cuenta los orígenes del término o el auto-entendimiento de las personas de género variante. Este allanamiento de las experiencias complejas también permite a las personas transgénero que son blancas, de clase media o alta, asimilacionistas o educadas institucionalmente apropiarse de las experiencias y luchas de la gente radical de género variante y de color como una parte de la gran historia de los "transgénero".)

autoidentifica e se autorreconhece como homem, branco, cisgênero e gay. E essa pesquisa alterou minha posição no mundo, minha forma de perceber e de atribuir sentido ao mundo.

Essas vozes trans, vozes em trânsito, vozes infames foram registradas, formaram um corpus documental. Como lembra Foucault, elas não são especiais, não são mais ou menos importantes, mas “basta que elas existam e que tenham contra elas tudo o que se obstina em fazê-las calar, para que faça sentido escutá-las e buscar o que elas querem dizer.”³⁷³ Não arrego-me, com isso, de ser o porta-voz delas, menos ainda de bom samaritano que dá visibilidade nesse contexto acadêmico da historiografia cisgênera ainda marcada pelo machismo, (cis)sexismo e lgbtfobia³⁷⁴. Tão somente as escutei atentamente, atribui sentido e significado, busquei um diálogo possível e escrevi esse texto que é uma experiência constituinte de subjetividade, inclusive a minha. Expectativas me moveram?! Sim, muitas! A primordial foi a de que essas pessoas, assim como tantas/os outras/os invisíveis da História, possam marcar presença, possam nos afetar da forma potente e criativa como inventam seus modos de vida.

O que as trans nos ensinam com suas vidas é de uma riqueza e potência ímpares. As formas de lidar com o gênero e com a orientação sexual, as estratégias de habitar a cidade marcada pelo binarismo de gênero, as negociações, os apagamentos nas famílias de origem e, principalmente, a força política das relações de amizade como instância capaz de fazer a vida continuar, a amizade como tecido afetivo³⁷⁵, mas sem esquecer dos conflitos, das intrigas, dos dramas e das tramas que envolvem as relações de amizade.

Essas amizades foram vividas, tecidas, criadas e recriadas; representam momentos, processos e dinâmicas de afetação de si para consigo e com o outro, e que guardam uma potencialidade que muitas vezes não foi sistematizada nos discursos oficiais sobre a amizade. Termino por compreender que a amizade não é simplesmente a união, a confiança e um laço de reciprocidade. Ela pode ser tudo isso, mas está também além, lá onde não se quer reconhecê-la. Vê-la unicamente sob esse prisma é concordar com a histórica estratégia de

³⁷³ FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 80

³⁷⁴ O termo LGBTFOBIA tem sido priorizado nas publicações recentes para denunciar as agressões sofridas pela população LGBT. Reconhecendo as especificidades de gênero e sexual de cada tipo de violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, esse termo é uma forma de simplificar sem invisibilizar cada letra, como o termo homofobia.

³⁷⁵ FOUCAULT, Michel. *Da amizade como modo de vida*. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>. – Acesso feito em 03 de setembro de 2013.

apagamento do potencial político da amizade e, portanto, dessas subjetividades forjadas nas redes da amizade.

A insistência em tornar essas existências menores, invisíveis ou cristalizadas em determinados universos, como o da prostituição, é a prova do quanto elas incomodam estruturas, normatividades e prescrições sociais responsáveis por criar subjetividades normais, enquadradas e tristes. Ao longo das três partes dessa tese, evidenciei a constituição de uma cidade que tradicionalmente foi descrita como impossível para a transgeneridade, como uma cidade repleta de linhas de fuga, de negociações, de focos de resistência, de possibilidades de criação afetiva e política a partir das experiências trans.

Ao narrar a cidade na primeira parte da tese, localizei espaços, descrevi lugares e momentos em que as trans foram colocadas sob suspeita, foram usadas como acessório de um movimento, mas também se colocaram em cena, criaram espaços para si, constituíram-se na e pela cidade. Nas ruas de prostituição, nos palcos do Teatro Municipal, nos dias de folia do Carnaval campista ou nos bares, boates de locais de encontro, as experiências trans foram tecidas, vividas e inventadas a partir de técnicas de si, lembrando sempre que isso é parte de um histórico exercício coletivo e não solitário.

Por isso, com as amigas e amigos, transgêneros e cisgêneros, as trans teceram redes, criaram existências e sugeriram como ainda é possível ter uma vida potente, criativa; uma vida inquieta, que se arrisca e não tem medo do amanhã, pois muitas vezes esse “futuro” é uma miragem tão distante, que nem merece tamanha atenção. Hedonismo barato? Egoísmo mesquinho? Seria leviano tecer tal consideração, pois essas vidas, esses corpos, esses sujeitos oferecem mais do que, muitas vezes, os repertórios engessados pela lógica cisgênera pode compreender.

Nessa complexa rede das relações de amizade há códigos, repertórios que permitem classificar, identificar e nomear o outro como uma amiga, colega ou apenas uma conhecida. Essa trama da amizade, explicitada na segunda parte desse trabalho, permitiu perceber como são tecidos modos de existência negociados no tempo e no espaço, aproximações que esculpam o corpo com litros de silicone industrial, com próteses cirúrgicas de silicone, com pílulas de hormônio feminino e outros artefatos generificados.

Ainda nessa parte, sugeri a existência de diferenças entre as amigas e amigos homossexuais e trans para aquelas e aqueles que são heterossexuais, muito embora as narrativas não permitissem apreender e evidenciar como são construídas essas diferenciações entre as amigadas. Alguns indícios aparecem ao longo da tese, como a ideia de ser

compreendida pelas amigas, de ter confiança e de não precisar se explicar. Entretanto, reconheço que tal diferenciação não foi explicada exaustivamente como talvez merecesse.

Nessa busca por questionar, indagar e refletir sobre as experiências trans, deparei-me com a ideia cristalizada de que a expulsão da casa da família de origem é algo que compõe a subjetivação trans. A partir das histórias conhecidas de algumas trans, e particularmente por ter realizado diversas entrevistas em suas casas, percebi que tal afirmativa deveria ser colocada sob suspeita. Feito tal exercício, compreendi que de fato a relação entre as trans e suas famílias de origem evidenciaram o embate entre uma ordem cisgênera estabelecida, o “cistema” focalizado por Viviane Vergueiro³⁷⁶ e as transgeneridades. Entretanto, nem sempre a expulsão de casa, o afastamento da família de origem ou o rompimento definitivo de tais laços aconteceu e/ou foi significado da mesma forma e intensidade.

Repensando o lugar das famílias de origem nas experiências trans, percebi que há inúmeros processos de negociação da transgeneridade, que por vezes podem reforçar violências cisgêneras, mas que também sugerem formas de agência, capacidades criativas de existência. daquelas que nasceram e cresceram em Campos, a outras que chegaram e viveram muitos anos na cidade, ou que migraram para a Europa, todas mantiveram o contato com suas famílias de origem; evidenciaram em suas narrativas os afetos alegres e tristes que guardam ao falarem da mãe, do pai e irmãos. E, o que importa destacar em uma tese que toma como eixo condutor as amizades, houve sempre a presença de amigas e amigos, ora tomados como a própria família, ora como irmãos e irmãs que oferecem apoio e acolhida quando a família de origem significou falta, negligência e constrangimento.

Por fim, é preciso retomar o que foi apresentado no início desse texto: a história de Fabiana. Ela não é uma, são muitas. Muitas que migraram, que viveram na prostituição, que morreram antes dos 35 anos, que ficaram nos hospitais por dias, meses e anos sem que alguém chegasse para reconhecer seu corpo, sua identidade e assim oferecer-lhe um sepultamento digno, humano. Fabiana sem documento, sem reconhecimento, sem direito a um humano tratamento; mas ao mesmo tempo, é preciso dizer e registrar que Fabiana existiu e resistiu. Tal como ela, as trans de Campos dos Goytacazes escrevem essa história de resistência, inscrevem-se na História e marcam com sua transgeneridade uma episteme cisgênera, constrangedora e obtusa.

³⁷⁶ VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016.

Compreendo e reconheço que há muitas lacunas nesse trabalho, fios e rastros que aparecem aqui e acolá, temas que mereciam ser verticalizados, análises que podem ser desenvolvidas. Enfim, essa porosidade da tese é efeito de uma compreensão de que a pesquisa é polifônica, repleta de intensidades. Ela assumiu formas várias, modulações imprecisas, mas com a constante preocupação de narrar sem exotificar, de descrever sem desmerecer e reconhecer que este é sim um trabalho em aberto, pronto ao diálogo, mas com a intransigente defesa de que tais existências não podem ser apagadas, reconhecendo que gritos, agitações e mesmo muitos silêncios são formas de dizer de seu lugar no mundo.

Produzir montagens de si trans com o apoio, incentivo e acompanhamento das amigas e amigos transgêneros e cisgêneros gays foi possível em Campos dos Goytacazes, é possível em diversas outras cidades distantes das capitais, mas é preciso reconhecer suas nuances, as especificidades dessas histórias que são oxigênio para a reflexão sobre as transgeneridades.

Fontes

Jornais e Atas

A Cidade – 05 de março de 1996 – p. 10

A Cidade – 07 de setembro de 2000. p. 13

A Cidade – 14 de outubro de 1997 – p. 5

A Cidade – 22 de janeiro de 1990. Caderno Cidade

A Cidade – 23 de dezembro de 1997.

A Cidade – 27 de janeiro de 1998 – p. 5

A Cidade, 26 de agosto de 2011. p. 7

Ata de fundação e Estatuto do Grupo Esperança (2 páginas)

Folha da Manhã – 03 de março de 1996 – p. 6

Folha da Manhã – 18 de julho de 1997 – p. 3

Folha da Manhã – 28 de junho de 2006 – Folha Dois – p. 2

Folha da Manhã – 30 de outubro de 1997 – p. 6

Monitor Campista – 02 de março de 1996 – capa

Monitor Campista – 03 de outubro de 2007.

Monitor Campista – 08 de fevereiro de 1996.

Monitor Campista – 22 de fevereiro de 1996 – sem página

O Diário – 23 de junho de 2007.

Entrevistas

Nota técnica sobre as entrevistas: Todas as entrevistas foram gravadas por Rafael França com recurso de gravador portátil em formato MP3. As entrevistas foram concedidas para o projeto de pesquisa “Montagens de si: relações de amizade e experiências trans (femininas) em Campos dos Goytacazes/RJ – 1990/2015”, desenvolvido pelo pesquisador no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Todo o material de gravação, bem como as transcrições, respeita a solicitação de algumas interlocutoras em terem seu nome, cidade e informações pessoais alterados, de modo a manter o sigilo e anonimato. Registra-se, entretanto, que a maior parte delas solicitou o uso do nome social.

ANDRÉA CASTRO. Entrevista com Andréa Castro na Associação Irmãos da Solidariedade – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 29 de fevereiro de 2016. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 19 minutos.

ANNA LAURAH. Entrevista com Anna Laurah em minha residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 08 de outubro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 39 minutos.

ÁQUILA ARAÚJO. Entrevista com Áquila Araújo em sua residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 18 de fevereiro de 2016. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 54 minutos.

ARETHA FERREIRA. Entrevista com Aretha Ferreira em sua residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 27 de outubro de 2017. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 17 minutos.

BIANCA. Entrevista com Bianca em sua residência – Bérghamo/Itália – realizada em 22 de junho de 2017. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 2 horas e 6 minutos.

CHANA CARLA. Entrevista com Chana Carla na Associação Irmãos da Solidariedade – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 02 de maio de 2016. Entrevistador: Rafael França. 2 arquivos em MP3 totalizando 1 hora e 6 minutos.

DÉBORA. Entrevista com Débora na Vila Olímpica de Guarus – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 24 de agosto de 2015. Entrevistador: Rafael França. 2 arquivos em MP3 totalizando 1 hora e 27 minutos.

ERICKAH GOMÈZ. Entrevista com Erickah Gomèz em minha residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 28 de outubro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo de 3 horas e 29 minutos.

HELENA. Entrevista com Helena em sua residência – Vigo/Espanha – realizada em 11 de julho de 2017. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 33 minutos.

JOSY TAVARES. Entrevista com Josy Tavares em minha residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 23 de agosto de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 12 minutos.

JOYCE VASCONCELOS. Entrevista com Joyce Vasconcelos em sua residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 07 de outubro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 2 horas e 7 minutos.

JULIANA FERRAZ. Entrevista com Juliana Ferraz em sua residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 07 de dezembro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 1 minuto.

JUMA OLIVEIRA. Entrevista com Juma Oliveira na Associação Irmãos da Solidariedade – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 06 de outubro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 44 minutos.

LUCIANA CAMPOS. Entrevista com Luciana Campos em minha residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 11 de novembro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 41 minutos.

MICHELY COUTINHO. Entrevista com Michely Coutinho em sua residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 23 de fevereiro de 2016. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 50 minutos.

MILENA MENEZES. Entrevista com Milena Menezes em sua residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 10 de outubro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 34 minutos.

PATRÍCIA PINHEIRO. Entrevista com Patrícia Pinheiro na Associação Irmãos da Solidariedade – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 14 de março de 2016. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 13 minutos.

PATRIZIA LEMOS. Entrevista com Patrizia Lemos em sua residência – Bérghamo, Itália – realizada em 23 de junho de 2017. Entrevistador: Rafael França. Campos dos Goytacazes/Brasil, 2016. 1 arquivo em MP3 de 3 horas e 32 minutos.

PAULETTE. Entrevista com Paulette em minha residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 02 de março de 2016. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 13 minutos.

RENATA MELILA. Entrevista com Renata Melila na Associação Irmãos da Solidariedade – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 06 de outubro de 2015. Entrevistador: Rafael França. Campos dos Goytacazes/Brasil, 2015. 1 arquivo em MP3 de 54 minutos.

WANESSA LÓES. Entrevista com Wanessa Lóes em minha residência – Campos dos Goytacazes, RJ – realizada em 16 de outubro de 2015. Entrevistador: Rafael França. 1 arquivo em MP3 de 1 hora e 34 minutos.

Bibliografia e outras referências

Livros, artigos e outros textos

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. 4. reimp., Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

_____. *O passado, como falo?: o corpo sensível como um ausente na escrita da história*. Apresentação oral no I Seminário Internacional Gênero e Sexualidades. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CPDA: Rio de Janeiro, 2017.

ALMEIDA, Jorge da Paz. *Campos: 50 Anos de Carnaval*. 2. ed., Campos: Edição Promo, 1992.

ALTOÉ, André Pizetta. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): uma instituição em movimento*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, 2006.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Travestis envelhecem?* Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ARENDDT, Hannah. Sobre a humanidade em tempos sombrios: reflexões sobre Lessing. In: *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BARROS, Talita Vieira. *Bar doce bar: nos desvãos das micronarrativas*. Artigo de conclusão do curso de pós-graduação *Latu Sensu* em Literatura, Memória Cultural e Sociedade do Instituto Federal Fluminense (IFF) campus Campos/Centro, 2013.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith P. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Ficher (org.). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Estudos Foucaultianos)

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, 2003.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, p. 375-405.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. *Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. Ingrid Müller Xavier; rev. Técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus. Campos: a capital sonhada de uma província desejada (1835-1897). In: *História* (São Paulo), vol. 30 nº1, 2011.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONNEL, RAEWYN; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Trad. e rev. de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. Tradução: Juliana Frota da Justa Coelho. *Revista Áskesis*, v. 4, n. 1- janeiro/junho – 2015.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio a título de diálogo. In: ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.

CURRIER, Ashley M. De la ventriloquie proviroire: l'inclusion de la catégorie transgenre dans les mobilisations LGBT en Namibie et en Afrique du Sud. *Revista Politique Africaine: La question homosexuelle et transgenre*. nº 126 – Juin: Éditions Karthala, 2012.

DAMASCENO, Caetana Maria. 'Cor' e 'boa aparência' no mundo do trabalho doméstico: problemas de pesquisa da curta à longa duração. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Rio Grande do Norte, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 2. ed., 1ª reimp. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 5. 2. ed., São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

DUQUE, Tiago. *Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNICAMP, Campinas, 2013.

EFREM FILHO, Roberto. *Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT*. *Cadernos Pagu* 46), janeiro-abril de 2016: 311-340.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. Das cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. In: *Sexualidad, salud y sociedad - Revista Latinoamericana*. N. 3, 2009.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual brasileiro e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FALCÃO, Thiago Henrique de Oliveira. *Memes, textões e problematizações: sociabilidade e política a partir de uma comunidade de LGBT universitários no Facebook*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2017.

FARIAS, Tadeu Mattos; PINHEIRO, José Q. Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças “vivas”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2013.

FERNÁNDEZ, Josefina. *Cuerpos desobedientes: travestismo e identidad de género*. Buenos Aires: Edhasa, 2004. p. 88-9

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed., Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002. p. 314-332.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. 2. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manuel. (Org.). *Ditos e escritos, IV - Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Da amizade como modo de vida*. Disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>. – Acesso feito em 03 de setembro de 2013.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Revista Verve, nº 5: 260 – 277: São Paulo, 2004. p. 272 (disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537> - Acesso feito em 07/03/2018)

_____. *Microfísica do poder*. 21. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Uma estética da existência. In: *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALVÃO, Jane. *1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: ABIA, 2002.

GARBER, Marjorie. Vested interests: cross-dressing and cultural anxiety. Apud. HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007.

GONÇALVES, Renato Luiz. *A atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes, RJ: uma análise do Assentamento Zumbi dos Palmares*. Viçosa – MG, 2012.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntrica rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 337–362, 2012.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. Durham, NC: Duke University Press, 1998.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org. e trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. p. 18-22

HINES, Sally. *TransForming gender*. Transgender practices of identity, intimacy and care. United Kingdom: The Policy Press – University of Bristol, 2007.

HOOKS, Bell. *Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IONTA, Marilda e CAMPOS, Natália Ferreira. Da arte da amizade entre antigos e modernos. In: RAGO, Margareth e FUNARI, Pedro Paulo A. (orgs.). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.

IONTA, Marilda. *As cores da amizade: as cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007.

_____. Das amizades femininas e feministas. In: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvia (orgs.). *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* São Paulo: CNPq, CAPES, FAPESP, Intermeios, 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: identificar e prevenir*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

_____. Interloquções teóricas do pensamento transfeministas. In: Jesus, Jaqueline Gomes de (et. al.). *Transfeminismo: teorias e práticas*. 2. ed., Rio de Janeiro: Metanóia, 2015. p. 20

_____. *O protesto na festa: política e carnavalização nas Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Brasília: UNB, 2010.

_____. Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: *História Agora*, v. 16, p. 101-123, 2014.

_____. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2. ed., rev. e ampl. Brasília, 2012.

KAAS, Hailey. *O que é transfeminismo?* Uma breve introdução. 2ª versão. 2015. Disponível em: edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/371874/mod_resource/content/0/Encontro%206%20-%20O-que-%C3%A9-Transfeminismo.pdf. Acesso feito em 03 de março de 2018.

JOHNSON, Marsha P.; RIVERA, Sylvia. “S.T.A.R.” *Acción travesti callejera revolucionaria: supervivência, revuelta y lucha trans antagonista*. 3. ed., Espanha: Editorial Imperdible, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de história. In: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GUNTER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de História*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2013.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Ambivalência nos anseios e nas ações: a amizade na idade adulta. *RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* (Online), v. 11, p. 878-883, 2012.

_____. Amizade e Modernidade. *RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* (Online), v. 11, p. 346-360, 2012.

_____. Por que as amizades acabam? Uma análise a partir da noção goffmaniana de vulnerabilidade. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, v. 7, p. 20-31, 2015.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n- 1 Edições, 2015.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOPES, Fábio Henrique. Cisgeneridade e historiografia. In: NETO, Miguel Rodrigues de Souza; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (org). *História & Teoria queer*. Salvador: Devires, 2018. (no prelo)

_____. Corpos trans! Visibilidade das violências e das mortes. In: *Revista Transversos*. “Dossiê: O Corpo na História e a História do Corpo”. Rio de Janeiro, Vol. 05, nº. 05, pp. 08-22, Ano 02. dez. 2015.

_____. Corpos trans! Visibilidade das violências e das mortes. *Revista Transversos*, v. 5, p. 08-22, 2015.

_____. *Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960*: Aloma Divina. (em avaliação, 2018)

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTÍNEZ-GUZMÁN, Antar. Cis. In: PLATERO, Lucas; ROSÓN, María; ORTEGA, Esther (eds.). *Barbarismos queer y otras esdrújulas*. Barcelona, España: Edicions Bellaterra, 2017.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. rev. e ampl., Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2015. (Série Cadernos da Diversidade, 6)

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos: R. Pós-Grad. Cie. Soc. UFRN*, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011.

_____. *O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet*. *Gênero*, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

MOREIRA, Thiers Martins. *Os sêres*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

MOTTA, Manoel Barros da. Apresentação. In: *Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política*. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Comparando a Tuberculose e a Aids no Brasil. *CLIO. Série História do Nordeste (UFPE)*, v. 28.2, p. 01-18, 2011.

NICOLAZZI, Fernando. *O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004. p. 98

NUNES, João Sedas. “Do nosso mundo (de) feit (uos) o: identidade homossexual e gramáticas morais. In: RESENDE, José Manuel. (et. al.). *As artes de (re) fazer o mundo: habitar, compor e ordenar a vida em sociedade*. Portalegre – Portugal: Instituto Politécnico de Portalegre, 2016.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Sinergia/Relume Dumará, 2009.

PARIS is Burning. Direção: Jennie Livingston, 1990. (118min). Filme disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mBVBipOI76Q>. Acesso em 10 de março de 2018.

PARKER, Richard (et al.) *A AIDS no Brasil (1982-1992)*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS, UERJ, 1994. (História social da AIDS; nº 2)

PARKER, Richard Guy; BASTOS, Cristina; GALVÃO, Jane; PEDROSA, José Stalin (Org.). *A AIDS no Brasil (1982-1992)*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ABIA; IMS-UERJ, 1994.

PARKER, Richard Guy; TERTO JUNIOR, Veriano de Sousa (Org.). *Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 1998. 153 p. (Documents SIDA, 35)

PASSETTI, Edson. *Éticas dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo: Imaginário/CAPES, 2003.

PELÚCIO, Larissa M. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERROT, Michele. De Marianne à Lulu: as imagens da mulher. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? In: *Revista Jangada: crítica, literatura, artes*. Jan/Jun. Viçosa/MG, 2013.

PRIEUR, Annick. *Mesma's House, Mexico City: on travestites, queens and machos*. University of Chicago, 1998.

RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2013.

_____. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* (11), p. 89-98, 1998.

_____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 2. ed., revista e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, Cristiano Antônio dos; FERREIRA, Débora Cristina dos Santos; COSTA, Renata. Entrevista com o Prof. Durval Muniz. *Revista Outras Fronteiras*, Cuiabá-MT, vol. 4, n. 1, jan/jul., 2017.

REIS, Toni (org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

REZENDE, Cláudia Barcellos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

RIBEIRO, Vanessa da Silva Palagar e GOMES Jr., Elson dos Santos. *Gênero, pentecostalismo e assistência: um estudo de caso da Assembleia de Deus em Campos dos Goytacazes*. Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de História, de 25 a 27 de setembro de 2013.

ROCHA, Rita Martins Godoy. *Entre o estranho e o afeto: construção de sentidos sobre as relações de amizade entre travestis*. Universidade Federal de Uberlândia – (dissertação de mestrado em Psicologia): Uberlândia, 2011.

ROSA, Susel Oliveira da. A amizade como forma de “cuidado com o mundo” na trajetória de Nilce Cardoso e Delsy Gonçalves de Paula. In: *Mnemosine* Vol.5, nº1, p. 95-116, 2009.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias*: não imagine que precise ser triste para ser militante. São Paulo: Intermeios Cultural, 2013.

RUBIN, Gayle, Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: *Cadernos Pagu*, (21), Campinas: Unicamp, 2003.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *As aparências enganam?* O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes – RJ (2010-2011). Universidade Estadual do Norte Fluminense (dissertação de mestrado em Sociologia Política): Campos dos Goytacazes/RJ, 2012.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto. História*, São Paulo, (16), fev. 1998.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 28, jan-jun 2007.

SILVA, Hélio. *Travestis*: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Marinete dos Santos e BILA, Fábio P. Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias. *Dimensões – Revista de História da UFES*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, vol. 23, 2009.

SIMMEL, Georg. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número I, p. 219-242, Abril de 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. História: construção e limites da memória social. In: RAGO, Margareth e FUNARI, Pedro Paulo A. (orgs). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume, 2008.

TEIXEIRA, Flávia Bonsucesso. *L'Italia dei Divieti*: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição. *Cadernos Pagu* (31), julho-dezembro de 2008.

TERTO JÚNIOR., Veriano de Souza. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. In: *Horizontes antropológicos*. vol.8 no.17: Porto Alegre, junho de 2002.

_____. *Reinventando a vida*: histórias sobre homossexualidade e AIDS no Brasil. 1997. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1997.

VERAS, Elias Ferreira. *Travestis*: carne, tinta e papel. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes*: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016.

VERGUEIRO, Viviane. *Um caminho transgênero*. [adaptação do guia 'Transgender Visibility', da Human Rights Campaign], sem data. Disponível em: https://www.academia.edu/4130239/Um_caminho_transg%C3%AAnero_adapta%C3%A7%C3%A3o_do_guia_Transgender_Visibility_da_Human_Rights_Campaign_ - Acesso feito em 19 de maio de 2018.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WEEKS, Jeffrey, et al. *Same sex intimacies: families of choice and other life experiments*. London and New York: Routledge, 2001.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2, 2001.

WESTON, Kate. *Las familias que elegimos: lesbianas, gays y parentesco*. Barcelona, Espanha: Edicions Bellaterra: 2003.

WHITTLE, Stephen. Foreword. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (eds.). *(Des) Subjugated knowledge: an introduction to transgender studie's*. The Transgender Studies Reader. New York and Abigdon: Routledge, 2006.

ZAMBRANO, Elizabeth. "*Nós também somos família*": estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

APÊNDICE 1 – Termo de Compromisso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na Pesquisa “**Relações de Amizade e Experiências Trans em Campos dos Goytacazes**”, que tem como objetivo investigar as relações de amizade e as experiências travestis e transexuais a partir da cidade de Campos dos Goytacazes.

Por intermédio deste termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) solicitar o sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que se for da minha vontade, serei resguardada pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o Pesquisador em seu acervo particular.”

() Autorizo o uso do meu nome social declarado durante a entrevista: _____

() Solicito o uso do nome fictício: _____

Campos dos Goytacazes, ____ de _____ de 201__.

Participante: _____

Assinatura: _____

Endereço: _____

Documento: _____

Pesquisador: Rafael França Gonçalves dos Santos

Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Seropédica

Programa de Pós-Graduação em História

APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista

Relações de Amizade e Experiências Trans em Campos dos Goytacazes

Esta entrevista está sendo realizada na cidade _____, tendo início às _____ h e _____ min. Hoje, dia _____ de _____ de 20____, eu, Rafael França Gonçalves dos Santos, realizo esta entrevista com _____, que está ciente de que sua entrevista será utilizada na pesquisa sobre relações de amizade e experiências travestis no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; sendo respeitado o sigilo de sua identidade. Está (ão) presente no momento da gravação desta entrevista: _____ e _____.

Identificação: Nome – Idade – Escolaridade – Profissão – Naturalidade – Cor (etnia) – Há quanto tempo está em Campos dos Goytacazes? Como veio pra cá?

Bloco 1 – Viver a experiência travesti

- Fale um pouco sobre sua vida.(infância, família, escola). Quem é _____?
- Como e quando você passou a se identificar como trans (travesti/transexual)?
- Quem serviu de inspiração?
- Quem lhe ajudou neste processo?
- Poderia falar um pouco sobre sua relação com sua família?
- Quais as lembranças que você tem da sua época de escola? E no ambiente de trabalho?

Bloco 2 – Amizades

- Para você, o que é a amizade?
- Há diferenças entre os/as amigos/as? Quais?
- Amigo, colega, conhecido; qual a importância deles para sua vida?
- Você tem um/a melhor amigo/a? Quem é? Por que esta pessoa?

Bloco 3 – Amigos e amigas não travestis

- Você tem amigos/as que não são travestis? Como eles estão presentes na sua vida?
- Você acha que há diferença entre esses/as amigos/as e aqueles/as outros/as que são travestis e/ou gays e lésbicas?

Bloco 4 – Amigos/as e Não-Amigos/as?

- Já teve conflito com algum/a amigo/a? O que provocou a “briga”?
- Existe ex-amigo/a?
- A amizade pode voltar?

Bloco 5 – Ser travesti em Campos dos Goytacazes hoje em dia é....

APÊNDICE 3 – Quadro com o perfil das interlocutoras

Data da entrevista	Nome	Idade	Escolaridade	Raça/Etnia	Mora com	Naturalidade	Residência atual/bairro	Profissão	Atualmente mora em Campos?	Religião	Como se identifica?
23 de agosto de 2015	Josy Tavares	47	Ensino Fundamental Incompleto	Branca	Sozinha	Divino de Carangola/MG	Campos / Lapa	Comerciante	Sim	Não informada.	Mulher lésbica
24 de agosto de 2015	Débora	46	3º ano do Ensino Fundamental	Negra	Sozinha (quintal compartilhado com familiares)	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Parque Guarus	Profissional do sexo	Sim	De vez em quando vai à Igreja Mundial do Poder de Deus.	Travesti desde os 14 anos
06 de outubro de 2015	Juma Oliveira	48	2º ano Ensino Fundamental	Morena	Sozinha	Ceará	Niterói / Alcânata	Comerciante	Não	Nenhuma, mas muita fé em Deus.	Travesti. “Eu vivo 24 horas como mulher.”
06 de outubro de 2015	Renata Melila	37	Superior Incompleto (Serviço Social)	Branca	Marido	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Parque Guarus	Secretária de Fátima Castro na Associação Irmãos da Solidariedade	Sim	“Nenhuma, mas simpatizo com os evangélicos.”	Transexual.
07 de outubro de 2015	Joyce Vasconcelos	41	Ensino Médio Formação de Professores	Branca (porque está na Certidão de Nascimento)	Sozinha / Quintal compartilhado com familiares	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Lapa	Carnavalesca e Cabeleireira	Sim	Católica	Travesti

Data da entrevista	Nome	Idade	Escolaridade	Raça/Etnia	Mora com	Naturalidade	Residência atual/bairro	Profissão	Atualmente mora em Campos?	Religião	Como se identifica?
08 de outubro de 2015	Anna Laurah	32	Ensino Médio	Morena	Sozinha	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Parque Esplanada	Microempresária	Sim	Acredita em Deus.	Trans. “É como todas usam, né?!”
10 de outubro de 2015	Milena Menezes	22	9º ano Ensino Fundamental (interrompido)	Morena Clara	Família (mãe e irmãos)	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Distrito de Goitacazes	Prostituição Cabeleireira	Sim	Não informada.	Travesti, Trans desde os 15, 16 anos.
16 de outubro de 2015	Wanessa Lóes	32	Instrumentação Cirúrgica Técnico de Enfermagem	Branca	Sozinha	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Lapa	Técnica de Enfermagem no Hospital Escola Álvaro Alvim	Sim	“Nenhuma, mas converso muito com Deus.”	Mulher transexual
27 de outubro de 2015	Aretha Ferreira	37	Ensino Médio Técnico de Enfermagem	Branca	Com uma amiga	Astolfo Dutra / MG	Campos / Flamboyant	Cabeleireira, Profissional do sexo, Técnica de Enfermagem e Maquiadora	Falecida em 16/09/2017	Umbanda / Candomblé	Travesti
28 de outubro de 2015	Ericka Gomèz	35	Formação de Professores Pedagogia (em curso)	Negra	Mãe	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Turfe Club	Cabeleireira e Estudante	Sim	Umbandista	Mulher trans

Data da entrevista	Nome	Idade	Escolaridade	Raça/Etnia	Mora com	Naturalidade	Residência atual/bairro	Profissão	Atualmente mora em Campos?	Religião	Como se identifica?
16 de novembro de 2015	Luciana Campos	43	Formação de Professores Técnico em Contabilidade	Negra	Sozinha (quintal da família)	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Lapa	Profissional do sexo	Sim	Não informada.	Travesti
07 de dezembro de 2015	Juliana Ferraz	34	Técnica de Enfermagem	Branca	Sozinha	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Parque Guarus	Técnica de Enfermagem e Profissional do Sexo	Sim	Evangélica	Trans, mas se adapta como travesti.
18 de fevereiro de 2016	Áquila Araújo	24	Técnica de Enfermagem Curso de Design	Negra	Família nuclear	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Penha	Carnavalesca, Promotora de eventos e Microempresária	Sim	Candomblecista.	Travesti
23 de fevereiro de 2016	Michely Coutinho	50	Técnico em Prótese	Negra	Irmãos e sobrinhos	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Parque Tarcísio Miranda	Recepcionista no Hospital Plantadores de Cana	Sim	Umbanda / Candomblé	Trans. "Tem as divisões, mas termina tudo em gay"
29 de fevereiro de 2016	Andréa Castro	46	Técnica de Enfermagem	Branca	Associação	Rio de Janeiro / RJ	Campos / Parque Guarus	Técnica de Enfermagem	Sim	Não informada.	Transexual
06 de maio de 2016	Chana Carla	52	6º ano Ensino Fundamental	Morena	Mãe	São João da Barra / RJ	Cazumbá, / 5º Distrito de São João da Barra	Promotora de eventos	Não	Não informada.	Travesti / Transexual.

Data da entrevista	Nome	Idade	Escolaridade	Raça/Etnia	Mora com	Naturalidade	Residência atual/bairro	Profissão	Atualmente mora em Campos?	Religião	Como se identifica?
02 de março de 2016	Paulette	68	Não estudou	Negra	Sozinha	Santo Antônio de Pádua / RJ	Campos / Centro	Aposentada	Falecida em 16 de fevereiro de 2018.	Não informada.	Travesti
14 de março de 2016	Patrícia Pinheiro	52	Ensino Médio	Branca	Sozinha	Campos dos Goytacazes / RJ	Campos / Parque Guarus	Microempresária – proprietária de um <i>petshop</i>	Sim	Candomblecista / Espírita	Mulher
22 de junho de 2017	Bianca	38	Ensino Médio Completo	Negra	Amigas	João Molevade / MG	Bérgamo / Itália	Trabalho na rua com programa	Não	Candomblecista	Trans
23 de junho de 2017	Patrícia Lemos	39	Ensino Médio e Técnica de Informática	Morena	Marido	Campos dos Goytacazes / RJ	Bérgamo / Itália	Técnica de Informática	Não	Candomblecista	Transexual
11 de julho de 2017	Helena	46	Ensino Médio Completo	Negra	Marido	Campos dos Goytacazes / RJ	Vigo / Espanha	Autônoma	Não	Candomblecista	Mulher